

O Grupo



Mary McCarthy

O Grupo

Tradução de **Fernando de Castro Ferro**

Digitalização: **Argo**, "o tampa de crush"

Foi em junho de 1933, uma semana depois da formatura, que Kay Leiland Strong, da turma daquele mesmo ano de Vassar, se tornou a primeira a dar a tradicional volta em torno da mesa no jantar de despedida: casou-se com Harald Petersen na capela da Igreja de São Jorge, sendo a cerimônia oficiada pelo bispo da igreja episcopal, Karl F. Reiland. Lá fora, na Praça Stuyvesant, as árvores estavam cobertas de verde folhagem, e os convidados que chegavam de táxi, aos dois e três, podiam ouvir o alegre pairar das crianças brincando ao redor da estátua de Peter Stuyvesant, situada no parque. Pagando aos motoristas e alisando as luvas e vestidos, os pares e trios de moças que chegavam, todas elas colegas de turma de Kay, olhavam em derredor cheias de curiosidade, como se estivessem numa cidade completamente estranha. Estavam em vésperas de descobrir Nova York, imaginem só, quando algumas ali tinham passado a vida toda em cansativas mansões georgianas, cheias de espaços inúteis e localizadas nas ruas mais elegantes ou edifícios de apartamentos de Park Avenue, e, por isso, deliciavam-se em conhecer logradouros afastados e pouco freqüentados, como aquele, com seu imenso celeiro e casa de reunião dos antigos Quakers, toda em tijolos vermelhos, corrimões de latão polido, bem ao lado da igreja episcopal, pintada de um vermelho quase vinho — aos domingos atravessavam com seus namorados a Ponte de Brooklyn e iam passear nas sonolentas ruas da parte mais alta desse bairro; exploravam a ultra-residencial Murray Hill e travavam conhecimento com Macdougall Alley e Patchin Place, com as estrebarias Washington, cheias de estúdios de artistas; adoravam o Hotel Plaza, com sua fonte, as mansardas verdes do Savoy Plaza e a fileira de pequenas carruagens com seus velhos cocheiros, esperando, como se estivessem numa *place* francesa, tentar os moços a darem um romântico passeio pelo pouco iluminado Central Park.

Naquela manhã, estavam fortemente dominadas pelo sentimento de que iam participar de uma aventura, no momento em que se

instalavam na tranqüila e quase vazia capela; jamais haviam assistido a um casamento como "aquele, no qual os convites tinham sido feitos oralmente pela própria noiva, sem a intervenção de parentes ou qualquer outra pessoa mais velha, um amigo da família que fosse. Também sabiam que não haveria lua-de-mel, pois Harald (era assim que se pronunciava o nome — no bom estilo escandinavo) trabalhava, no momento, como assistente de um diretor teatral e, naquela mesma noite, tinha de comparecer normalmente ao trabalho e avisar os atores de que "faltava meia hora para começar o espetáculo". Este detalhe, sobretudo, lhes parecia positivamente excitante e, é claro, justificava toda a peculiaridade das bodas: Kay e Harald eram por demais ocupados e dinâmicos para deixarem que as convenções constrangessem sua maneira de ser. Em setembro, Kay iniciaria um período de treinamento na grande loja Macy's, juntamente com outras moças recém-formadas, com a finalidade de aprender, na prática, a técnica comercial, mas, em lugar de esperar na ociosidade o verão inteiro, já se registrara num curso de datilografia de uma escola comercial, detalhe que, dizia Harald, lhe daria uma ferramenta extra, logo uma vantagem a mais sobre suas futuras companheiras de estágio. E, de acordo com as informações de Helena Davison, ex-companheira de quarto de Kay, os dois já estavam morando num delicioso apartamento situado num simpático quarteirão, sem possuírem uma única peça de roupa de cama ou de mesa, tendo passado a última semana, desde o dia da formatura (Helena fora visitá-los e vira tudo), usando os mesmos lençóis que o senhorio deixara na cama!

Era bem do caráter de Kay fazer uma coisa daquelas, concluíram, quando a novidade passou de boca em boca. Ela ficara profundamente alterada depois de assistir ao curso de comportamento animal, ministrado pela velha Srta. Washburn (que ficara um pouco desequilibrada de tanto dedicar-se à ciência) no princípio do ano anterior. O curso e a temporada que passara trabalhando com Hallie Flanagan, na cadeira de produção dramática, a tinham transformado de uma roceira tímida, bonitinha, embora um tanto ou quanto gordota, que usava cabelos corridos e ostentava as cores mais saudáveis que se possam imaginar, que gostava de jogar hóquei, de participar do coro, que usava imensos corpinhos e sofria de copiosas menstruações, numa jovem magra, difícil de ser controlada e autoritária, que agora usava calças de algodão, camisa suada, sandálias, que ostentava permanentes manchas de tinta no cabelo sujo, marcas de nicotina nos dedos, e que não parava de falar em Hallie e Lester, assistente de Hallie, de

apartamentos, pintura de paredes, de *oestrum* e ninfomania, chamando as colegas pelo sobrenome em altas vozes — Eastlake, Renfrew, MacAusland —, aconselhando vida em comum antes do casamento e a escolha científica do marido. O amor, dizia, é uma ilusão.

Para suas companheiras de grupo, e todas sete estavam naquele momento na capela, a mudança de Kay, mudança que muito gentilmente denominavam "fase", tinha sido inquietante. Cão que ladra não morde, costumavam dizer umas às outras, tarde da noite, enquanto repousavam na sala de estar que compartilhavam na torre sul do edifício principal do colégio, enquanto Kay ainda estava na rua, pintando apartamentos ou, então, cuidando da eletricidade, com Lester, no teatro. Mas tinham muito medo de que um homem qualquer, que não tivesse conhecido a adorável criatura que ela fora, tomasse suas declarações ao pé da letra. Pensaram e analisaram Harald longamente. Kay o conhecera no verão anterior, quando trabalhara como aprendiz num teatrinho em Stamford, no qual os estudantes dos dois sexos partilhavam um mesmo dormitório. Ela insistia em dizer que ele queria casar, mas as cartas que escrevia não pareciam confirmar, para o grupo, as palavras da companheira. Positivamente, não eram cartas de amor, pelo menos o grupo pensava assim, e sim verdadeiros relatórios contando sucessos pessoais obtidos ao lado de celebridades teatrais, o que Edna Ferber dissera a George Kaufman a seu respeito depois de ouvi-lo num ensaio, que Gilbert Miller mandara chamá-lo, e que uma famosa atriz implorara que lesse sua peça para ela na cama. As cartas terminavam sempre por um lacônico "Considere-se beijada" ou somente "CSB" — nunca outra palavra de carinho. Partindo de um rapaz de seu meio social, conforme murmuravam entre si as moças, uma carta daquelas teria sido considerada positivamente ofensiva, mas a educação que haviam recebido marcara-as com uma pura ignorância para analisar genericamente a pouca experiência dos outros. Ainda assim, sentiam que Kay não tinha tanta certeza a respeito do rapaz, como queria demonstrar; às vezes, ele deixava de escrever durante muitas semanas, enquanto a pobre Kay quase rebentava de desespero. Polly Andrews, que compartilhava com ela uma caixa postal, tinha a certeza desse fato. Até no próprio dia da formatura, pouco mais de uma semana antes, as moças achavam que o tão propalado "noivado" de Kay não passava de um mito. Já haviam até pensado em recorrer aos conselhos de alguém mais velho, um membro do corpo docente ou o psiquiatra do colégio, alguém com quem Kay pudesse falar francamente. Então, quando, naquela noite, Kay desfilou

triunfalmente em torno da mesa, tradicional maneira usada no colégio para anunciar um próximo casamento, e retirara do seio um curioso anel de prata mexicana, o alarm transformou-se num dócil divertimento; riram-se muito, bateram palmas e piscaram os olhos entre si, com um ar de conspiradores, como quem já soubesse da coisa há muito tempo. Com mais gravidade, transmitiram aos respectivos pais, no dia da formatura, que o noivado já era antigo, que Harald era "formidável" e estava tremendamente "apaixonado" por Kay. Agora, na capela, arrumavam as peliças e sorriam entre si, balançando as cabeças como se fossem martas adultas; estavam certas todo aquele tempo: a aspereza de Kay não passara de uma fase, e era significativo que a iconoclasta e debochada fosse a primeira dentre elas a casar-se.

— Quem diria, nem? — observou "Pokey" (Mary) Prothero, uma gorducha, membro da mais fina sociedade de Nova York, com suas bochechas muito rosadas e cabelo louríssimo, que, na maneira de falar e de agir, procurava sempre imitar seu pai, que fora um dos homens mais elegantes do princípio do século. Era a criança problema do grupo, muito rica e muito preguiçosa, tinha de ser sempre compelida a fazer as coisas, tinha de ser ajudada nos exames, esquecendo sempre de voltar para o colégio depois dos fins de semana, roubando livros da biblioteca, sem muito moral ou sutilezas, interessada tão-somente em animais e bailes; sua ambição maior, devidamente registrada no álbum de formatura, era ser veterinária; comparecera ao casamento de Kay com a maior alegria, mas unicamente por ter sido arrastada pelas colegas, tal como a arrastavam para as reuniões colegiais, jogando pedras em sua janela para acordá-la e, mais tarde, vestindo-a dos pés à cabeça. Tendo-a levado à igreja, depois teriam de levá-la até a joalheria Tiffany para terem a certeza de que Kay receberia um presente digno e significativo, coisa de que Pokey não compreendia a necessidade, pois, em sua cabeça, presentes de casamento faziam parte da sua carga de privilégios, associados que estavam com detetives, damas de honra, fileiras intermináveis de limusines e recepções nos clubes e hotéis mais elegantes. Se não estávamos em sociedade, para que tanto protocolo? Ela mesma detestava ter de se vestir formalmente para as solenidades e festas mais importantes, detestara sua festa de debutante e detestaria seu casamento, quando chegasse a hora, hora que sabia inevitável, como costumava declarar em alto e bom som, graças ao dinheiro do pai, garantia de que, muito em breve, encontraria o seu partido. Declarara todas estas coisas no táxi que a trouxera à igreja até que, num cruzamento, enquanto esperava o sinal verde, o motorista voltara-se para vê-la, gordinha e bonita, usando um

vestido de faile azul e martas, de lornhão cravejado de brilhantes, que levava aos olhos de safira para observar o noivo, tendo dito às ex-companheiras de estudo "que *não* era o mesmo homem" que vira nas fotografias.

— Que coisinhas, meu Deus! — murmurara Dottie Renfrew, de Boston, para acalmá-la, quando Kay e Harald entraram na igreja, vindos da sacristia, e tomaram seus lugares perante o cura paramentado com a sobrepeliz, acompanhados pela delicada Helena Davison, ex-companheira de quarto de Kay desde os dias de Cleveland, assim como por um macilento rapaz louro de bigode. Pokey voltou a usar o lornhão, apertando os olhos, como uma velha, para ver melhor; era a primeira vez que avistava Harald, pois no fim de semana em que ele fora ao colégio ela estava caçando.

— Não é tão mau assim — disse. — Exceto pelos sapatos.

O noivo era um jovem magro, nervoso, de cabelos pretos muito lisos, aparência boa e elegante. Vestia um terno azul-marinho, camisa branca, sapatos de camurça marrom e gravata vermelho-escura. Seu olhar perfunctório deslizou para Kay, que estava com um vestido de seda leve, marrom claro, com uma grande gola de mousseline de seda branca e amplo chapéu de tafetá preto enfeitado com margaridas brancas. Num dos pulsos, queimados pelo sol, usava uma pulseira de ouro que pertencera à sua avó e, na outra mão, carregava um ramallete de margaridas silvestres, misturadas com lírios-do-vale. Com o rosto brilhante, cabelo negro e olhos escuros, parecia uma camponesa de gravura antiga; as costuras das meias estavam tortas, e os saltos dos sapatos, de suedine, muito gastos, estavam manchados no ponto onde costumava esfregá-los um no outro. Pokey murmurou com ar lamentoso:

— Será que ela não sabe que preto em dia de casamento dá azar?

— Cala a boca — disse uma voz furiosa do outro lado. Pokey, magoada, olhou naquela direção, para deparar com Elinor Eastlake, de Lake Forest, a beleza morena e taciturna do grupo, com um fulgor assassino estampado em seus grandes olhos verdes.

— Mas, Lakey! — choramingou Pokey protestando. A moça de Chicago, intelectual, impecável, desdenhosa e quase tão rica como ela mesma, era a única do grupo a quem temia. Por detrás de seu cintilante bom gênio. Pokey não passava de uma esnobe coerente. Ela imaginava ser a coisa mais certa do mundo que, das outras sete companheiras de estudos, somente Lakey poderia esperar comparecer ao "seu" casamento e vice-versa; é claro, as outras iriam apenas à recepção.

— Sua boba — explodiu a Madonna de Lake Forest, por entre os dentes nacarados. Pokey revirou os olhos, espantada.

— Temperamental — observou para Dottie Renfrew. E as duas lançaram olhares divertidos para o perfil altivo de Elinor; as narinas delicadas e alvas, como as de uma figura do Renascimento, estavam ligeiramente contraídas como que por uma dor qualquer.

Para Elinor, aquele casamento era uma tortura. Tudo era tão agressivamente despreocupado: o vestido de Kay, os sapatos e a gravata de Harald, o altar nu, a ausência de convidados do noivo (um casal e um rapaz solitário), a completa e total falta de qualquer pessoa da família dos nubentes. Inteligente e morbidamente sensível, gritava de pena, por dentro, pelas mortificações conseqüentes. Hipocrisia era a única explicação que encontrara para o chilrear de "Tremendamente lindo" e "Não é formidável?", que soara no templo, quando da entrada dos noivos, como comentários substitutos da marcha nupcial. Elinor estava sempre plenamente convencida da hipocrisia dos outros, pois não podia imaginar que vissem as coisas com olhos diferentes dos seus. Supunha, naquele momento, que as amigas em torno dela "tinham" de ver o que ela via e "deviam" estar sofrendo, por Kay e Harald, uma suprema humilhação.

Enfrentando a congregação, o cura tossiu.

— Adiantem-se! — disse, quase agressivo para o jovem casal, parecendo, conforme Lakey observou mais tarde, mais um chofer de ônibus do que um ministro de Deus. A nuca do noivo ficou vermelha; cortara o cabelo horas antes. Naquele momento, o fato de que Kay se proclamara ateu atingiu em cheio suas colegas; o mesmo pensamento atravessou aquelas cabeças: o que acontecera na entrevista previamente realizada na sala da reitoria? Será Harald católico? Parecia pouco provável. Então, como tinham conseguido casar numa igreja tão severa como aquela capela episcopal? Dottie Renfrew, devota episcopalista, aproximou um pouco mais suas peliças da garganta muito sensível; tremia. Ocorreu-lhe que podia estar cometendo um sacrilégio: era de seu conhecimento que Kay, orgulhosa filha de um médico agnóstico e mãe mórmon, não fora nem mesmo batizada. Por outro lado, todas do grupo o sabiam, Kay não era muito amiga da verdade; será que mentira ao ministro? Nesse caso, o casamento seria válido? Um fluxo sangüíneo cobriu o rosto de Dottie, desde a testa até a ponta em V do decote do vestido de crepe da China, feito a mão; seus olhos castanhos e preocupados olharam quase angustiados para as colegas, e sua pele, sujeita a ataques eczematosos, cobriu-se de manchas. Sabia de cor o que se seguiria.

— Se houver alguém nesta igreja, homem ou mulher, que saiba de alguma causa justa, pela qual este casal não possa ser unido pelos santos laços do matrimônio, que fale agora ou nunca mais. — A voz do sacerdote deteve-se por momentos num tom de interrogação, ao mesmo tempo que ele lançava um vago olhar pelos bancos ocupados. Dottie fechou os olhos e rezou, consciente de um bafo de morte que percorreu a capela. Será que Deus ou o Dr. Leverett, seu confessor, desejaria realmente que ela falasse? Rezou para que a resposta fosse negativa. A oportunidade passou, quando ouviu a voz do sacerdote recomençar, alta e solene, como se estivesse reprovando o casal, para o qual se voltava agora.

— Exijo a vós ambos que, sob pena de serdes castigados no dia do Juízo Final, quando os segredos de todos os corações forem revelados, se souberdes de alguma razão que vos impeça de serdes unidos pelos sagrados laços do matrimônio, que a confesseis agora. Pois sabeis que não será válido o casamento de todos aqueles que se unem por outros meios que não seja a Palavra de Deus.

Teria sido possível ouvir o rumor produzido pela queda de um alfinete, conforme as moças concordaram mais tarde. Os escrúpulos religiosos de Dottie tinham sido substituídos por uma nova ansiedade comum a todo o grupo, O conhecimento de que Kay já "vivía" com Harald enchia-as de uma sensação desagradável. Lançaram um olhar pela capela e notaram pela centésima vez a ausência de parentes ou de qualquer outra "pessoa mais velha"; esse afastamento das regras convencionais, que fora "tão divertido" antes do início da cerimônia, agora as oprimia como algo de muito estranho e vergonhoso. Mesmo Elinor Eastlake, que sabia muito bem que a fornicção não era o tipo de impedimento aludido na frase do sacerdote, chegou a desejar a presença de alguém que tivesse a coragem de levantar-se e interromper a cerimônia. Pela sua maneira de pensar, havia um obstáculo espiritual para o casamento: considerava Kay uma pessoa "cruel, impiedosa e estúpida", que casava com Harald tão-somente por ambição.

Todos na capela sentiam agora que havia alguma coisa inusitada, ou que assim parecia, nas pausas do sacerdote; jamais, anteriormente, tinham ouvido a frase "não será válido o casamento" proferida com tanta ênfase. Ao lado do noivo, o jovem com ar dissipado e belos cabelos castanhos apertou convulsivamente as mãos e teve de cerrar os dentes com força para não falar.

Cheirava tremendamente a álcool e parecia muito nervoso; durante todo o transcurso da cerimônia cruzara e descruzara as mãos e mordera os lábios belamente cinzelados.

— É pintor, acaba de divorciar-se — cochichou Polly Andrews, que era do tipo caladão, mas que sabia de tudo, sentada à direita de Elinor Eastlake. Elinor, como se fora uma jovem rainha, curvou-se ligeiramente para a frente e, deliberadamente, fixou seu olhar no do rapaz; ali estava alguém, sentiu, que se devia encontrar tão desgostoso e inquieto como ela. O pintor correspondeu com um olhar amargurado, imensa ironia, seguido de uma piscadela nervosa e uma volta ao altar. Tendo alongado a primeira parte da cerimônia, o sacerdote apressara-se agora como se, repentinamente, se tivesse lembrado de outro compromisso e quisesse despachar aquele casal o mais rápido possível: afinal de contas, era um casamento dos baratos, depreendia-se de suas maneiras. Por baixo das abas do chapéu, Kay parecia a verdadeira imagem da despreocupação, mas as orelhas e a nuca de Harald tornavam-se cada vez mais vermelhas e, em suas respostas, começou, com floreios teatrais, a alongar e corrigir as entonações do ministro.

O detalhe fez o jovem convidado do noivo sorrir ligeiramente, como quem observa um espetáculo familiar, mas as moças, nos seus bancos, ficaram escandalizadas com a rudeza do cura e aplaudiram calorosamente o que chamaram de vitória de Harald, deliberando transformá-lo em centro de seus cumprimentos após o término da cerimônia. Algumas decidiram até, naquele momento, obrigar a mamãe a falar com Dr. Reiland, o reitor, a respeito daquele escândalo. O fato de Kay e Harald serem pobres como ratos de igreja não era desculpa, pensavam revoltadas, para tal comportamento por parte de um sacerdote, especialmente naqueles dias em que todos eram obrigados a agir com a máxima urbanidade, por mais ricos que fossem. Mesmo entre elas, mais de uma colega se vira na contingência de aceitar uma bolsa de estudos, a fim de poder terminar o curso, e ninguém se preocupava, ou parecia notar, um detalhe: Polly Andrews continuara a ser uma de suas "mais" queridas amigas. Elas eram vinho de outra pipa, podiam afirmar ao sacerdote, e provinham de uma classe privilegiada que tivera seu auge na década anterior, contudo, ainda assim, nenhuma deixaria de candidatar-se a um emprego nos próximos meses, ainda que fosse um trabalho voluntário e não remunerado. Libby MacAusland ia trabalhar com um editor; Helena Davison, cujos pais estavam em Cincinnati, não em Cleveland, onde viviam de suas rendas, ia ensinar, e já estava com um trabalho engatilhado num jardim de infância particular; Polly Andrews — mais poder para ela — ia trabalhar como técnica num novo Centro Médico; Dottie Renfrew tinha-se dedicado à assistência social e ia trabalhar

num estabelecimento especializado em Boston; Lakey ia para Paris, a fim de estudar história da arte, matéria em que pretendia especializar-se; Pokey Prothero, que ganhara um avião como presente de formatura, estava tirando o breve, com vistas a, três vezes por semana, freqüentar a Escola de Agronomia de Cornell e, finalmente, ontem mesmo, a pequena Priss Hartshorn, a mais estudiosa do grupo, tinha, ao mesmo tempo, anunciado seu noivado com um jovem médico e arranjado um emprego público. Nada mau, concordavam, para um grupo que entrara para o colégio sob o estigma de serem esnobes. E em outros setores do estabelecimento que tinham cursado, no círculo mais dilatado das amigas de Kay, podiam apontar os exemplos de outras moças, de excelente nascimento, que iam dedicar-se aos negócios, à antropologia e à medicina, não porque tivessem necessidade, mas por sentirem que deviam contribuir de alguma forma para fortalecer uma América que, lentamente, emergia do caos. Por outro lado, o grupo não tinha o menor receio de ser considerado radical: podiam perfeitamente ver o bem que Roosevelt estava fazendo, a despeito do que mamãe e papai diziam: não se deixavam influenciar por essas bobagens de partidos políticos e achavam que os democratas também tinham o direito de mostrar suas possibilidades. Experiência é tão-somente uma questão de aprender através de sofrimentos e erros e mesmo a mais conservadora entre elas, impensada contra a parede, admitia que até um socialista honesto tinha o direito de ser ouvido.

O pior de todos os destinos era, admitiam tacitamente, ficarem como mamãe e papai, empertigados e espavoridos. Nenhuma delas, se pudesse evitá-lo, casar-se-ia com um corretor, banqueiro ou advogado de empresa importante e de coração gelado, como acontecera a tantas mães da geração anterior. Preferiam ser pobres e passar fome a serem forçadas a casar com um daqueles rapazolas chatos do seu próprio ambiente social, futuros donos de sólidas posições na Bolsa, interessados somente em brigas de galo e em tomar vastos pileques. em companhia de seus contemporâneos das classes de 1929, de Yale ou Princeton. Seria melhor, sim, não tinham medo de declará-lo em voz alta, apesar da risadinha ligeiramente irônica de mamãe, casar com um judeu, desde que o amasse, pois alguns deles eram demasiado interessantes e muito cultos, apesar de serem extremamente ambiciosos e inclinados a manterem-se unidos entre si, como tinham podido verificar ainda em Vassar: bastava conhecer um deles, e era obrigação conhecer todos os seus amigos. Mas havia uma coisa em relação a Kay que fez o grupo inteiro sentir-se inquieto. Era uma

espécie de pena pelo fato de uma pessoa tão bem dotada, como Harald, com uma excelente educação, ter escolhido o palco como meio de vida, em lugar de dedicar-se à medicina, à arquitetura ou à museologia, onde a luta não era tão árdua. Ouvindo Kay falar, haviam chegado à conclusão de que o teatro era um verdadeiro monstro vermelho, com presas e garras. apesar de nele a gente encontrar criaturas encantadoras como Katharine Cornell e Walter Hampden (ele tinha uma sobrinha na classe de 1932) e John Mason Brown, que anualmente fazia uma conferência no Clube das Mães. Harald prestara exames na Escola Dramática de Yale, sob a direção do Professor Baker, mas isso aconteceu exatamente quando começou a depressão e o rapaz vira-se na contingência de ir para Nova York e trabalhar como assistente de direção, em lugar de dedicar-se a escrever peças, como era seu intento. Era o mesmo que começar como operário numa fábrica, é claro, coisa que muitos moços admiráveis já tinham feito, e pouca diferença havia entre os bastidores de um teatro, onde vários homens em camiseta faziam a maquilagem, e uma fomalha ou uma mina, onde os homens também usavam camiseta. Helena Davison conta que, quando a peça em que Harald trabalhava estivera em Cleveland, na última primavera, ele passara o tempo todo jogando pôquer com os carpinteiros, contra-regras e eletricitistas, que eram a gente mais simpática da companhia, coisa com que concordara plenamente o pai de Helena, sobretudo depois que vira a peça. O Sr. Davison gostava muito de jogar e era o mais democrático de todos os pais, pois nascera no oeste e era homem que se fizera graças ao seu próprio esforço. Contudo, ninguém podia dar-se ao luxo, naqueles dias, de ser egoísta e manter-se alheio aos problemas do povo. O noivo de Connie Story, que ia seguir o jornalismo, trabalhava como mensageiro na revista *Fortune*, e a família da moça, em lugar de horrorizar-se com a situação, recebera a coisa com a maior naturalidade e, por sua vez, mandara a filha fazer um curso de culinária. E muitos arquitetos formados, em lugar de entrarem para alguma firma importante e construírem casas luxuosas para os milionários, tinham ingressado imediatamente em fábricas onde pudessem estudar desenho industrial. Haja visto o exemplo de Russel Wright, que todos achavam o máximo, no momento; usava matéria-prima industrializada, como o maravilhoso alumínio laminado, para fazer toda espécie de utensílios utilíssimos como bandejas para queijo ou, então, garrafas térmicas. O primeiro presente de casamento de Kay, o qual ela escolhera pessoalmente, fora uma coqueteleira de Russel Wright, no formato de um arranha-

céu, feita de lâminas de carvalho e alumínio, juntamente com uma bandeja e doze copinhos — leves como uma pena e inoxidáveis, é claro. O ponto principal é que Harald era um autêntico cavalheiro — apesar de demonstrar certo exibicionismo em suas cartas, provavelmente para impressionar Kay, que tinha uma certa inclinação para esquecer o nome das pessoas e para falar dos mordomos das pessoas e de outros assuntos absurdos, apresentando o pobre Harald como formado em Yale, quando, na verdade, ele apenas fizera os exames preparatórios para a universidade. . . Este era um ângulo do caráter de Kay que o grupo positivamente combatia e que deixava Lakey quase louca. Era uma completa falta de consideração com as outras pessoas; Kay parecia não saber distinguir as pequenas diferenças sociais. Costumava entrar nos quartos dos outros, por exemplo, sem pedir licença, pondo-se logo à vontade e mexendo em tudo o que encontrava sobre ou dentro dos móveis, e dizendo que o dono do aposento era um inibido, se por acaso protestava; fora ela que insistira certa vez em brincar o jogo da verdade, sugerindo que cada uma fizesse uma lista de seus amigos, em ordem de preferência, tendo o desplante de, mais tarde, comparar as listas entre si. O que não pensara é que alguém tinha de figurar no fim da lista, e, quando esse alguém chorava e recusava ser consolado, Kay mostrava a mais honesta de todas as surpresas, dizendo que pouco se importava de ouvir a verdade a seu respeito. Na realidade, jamais ouvira coisa alguma, porque o grupo, diplomaticamente, sempre evitara colocar seu nome em último lugar, ainda que o desejassem, pois Kay era uma espécie de intrusa, e não queriam que ela notasse isso, nem se sentisse como tal. Assim preferiam colocar na berlinda Libby MacAusland ou Polly Andrews — alguém que haviam conhecido a vida inteira, ou com quem tinham freqüentado o ginásio ou coisa semelhante. Kay, contudo, levou um ligeiro choque ao perceber que não era a número um na lista de Lakey. Era louca por Lakey, que dizia ser sua melhor amiga. Kay não sabia do fato, mas o grupo travara uma verdadeira batalha verbal por ocasião das férias da Páscoa, quando tinham tirado a sorte para ver quem convidaria a colega para casa, e Lakey ficara com o palito mais curto e recusara-se terminantemente a cumprir o prometido. O grupo inteiro voltara-se contra Lakey acusando-a de não ter espírito esportivo, o que era verdade. Afinal de contas, recordaram que fora ela quem convidara Kay a fazer parte do grupo, quando viram que podiam obter a confortável torre sul só para elas, se fossem oito, em lugar de seis; fora idéia de Lakey, pois, convidar Kay e Helena Davison a participar

do grupo. Se vamos usar alguém, é preciso usá-la da melhor forma possível. E, afinal de contas, não se tratava de "usar"; todas elas gostavam de Kay e de Helena, inclusive a própria Lakey, que a descobrira quando estavam no segundo ano da universidade e participavam da Corrente da Margarida. Aceitara Kay como era, pois, como dissera então, ela era muito "maleável" e "*capaz* de aprender". Agora dizia que Kay tinha pés de barro, o que, no final das contas, não passava de uma contradição, porquanto o barro é um material altamente maleável, não é? Mas Lakey era mesmo muito contraditória; era esse seu maior encanto. Às vezes, era uma esnobe detestável, outras, exatamente o contrário. Naquela manhã, por exemplo, estava furiosa por achar que Kay, de acordo com sua própria maneira de pensar, deveria ter-se casado tranqüilamente na Municipalidade, sem muito alarde, em lugar de obrigar o pobre Harald, que não nascera para esses requintes, a casar na igreja freqüentada pelo multimilionário J. P. Morgan. Era ou não era pedantismo de Lakey? Naturalmente que não dissera uma única palavra a Kay; esperava que a colega sentisse a coisa por si mesma, o que não podia ter acontecido de jeito algum, pois Kay continuava a ser a bobinha, a natural e inconsciente amiga, que todas amavam apesar de tantas falhas. Lakey tinha as mais estranhas opiniões sobre as pessoas. No outono passado, cismara que Kay havia feito pressão para associar-se ao grupo somente para conseguir prestígio social, o que não era verdade, sendo mesmo peculiar, na realidade, pensar que uma moça tão inconventional não tivesse a menor preocupação em convidar os próprios pais para seu casamento, apesar de o pai ser um preeminente homem de negócios de Salt Lake City.

Era verdade que Kay tentara, ainda que disfarçadamente, conseguir a casa de Pokey Prothero para a recepção, mas aceitara com toda a naturalidade a desculpa da colega, que declarara que sua residência estava fechada, os móveis cobertos com pesadas capas de lona, guardada apenas por dois empregados, e que assim costumava ficar durante o verão inteiro. Pobre Kay — algumas colegas acharam que Pokey podia ter sido um pouco mais generosa e mesmo oferecido uma festinha no Colony. Na verdade, nesse ponto, quase todo o grupo sentia a consciência doer. Cada uma delas, como as demais sabiam, tinha uma casa ou um grande apartamento, ou então era sócia de importantes clubes. Mas isso teria significado um ponche, muito champanha, um bolo de uma confeitaria elegante, numerosos garçons — e antes que a pessoa notasse estaria oferecendo uma festa de casamento completa e, provavelmente, ainda teria de inventar um pai

ou irmão, para conduzir Kay pelo braço até o altar. Nestes dias amargos, a pessoa tinha de pensar duas vezes, baseada nos mais comezinhos princípios de autopreservação, conforme dizia mamãe, fatigada de receber tantos pedidos de auxílio. Felizmente, Kay decidira que ela e Harald deveriam oferecer eles mesmos uma pequena recepção no Hotel Brevoort, um hotel antigo e adorável situado na Rua Oito.

Dottie Renfrew e Elinor Eastlake saíram juntas da capela para a calçada banhada de sol. A cerimônia parecera-lhes vergonhosamente curta. Não houvera nem mesmo a bênção das alianças. Dottie franziu a testa e pigarreou, limpando a garganta.

— Você não acha que ela devia ter convidado *alguém*? — perguntou no tom de voz seco que costumava usar. — Ela não tem um primo que mora em Montclair?

Elinor Eastlake deu de ombros: — O homem perdeu o avião — disse. Libby MacAusland aproximou-se, sorridente.

— O que foi, o que foi? — perguntou jovialmente. — Vamos andando, garotas. — Era uma loura alta e bonita com olhos castanhos sempre arregalados, pescoço longo e ligeiramente curvado, narizinho petulante e um ar de permanente jovialidade; fora a presidente da classe no segundo ano da universidade. Dottie, discretamente, tocou o cotovelo coberto de seda de Lakey; Libby, como todos sabiam, não guardava segredos. Lakey, também discretamente, repeliu os dedos de Dottie, pois detestava que lhe tocassem.

— Dottie estava perguntando — disse em voz bem clara — se não existe um primo de Kay em Montclair. — Um sorriso fugaz brilhou na profundidade esverdeada dos olhos de Lakey, olhos que possuíam a rara peculiaridade de terem a íris cercada por uma auréola azul-escura, prova do sangue índio que lhe corria nas veias. Enquanto isto, procurava um táxi. Libby ficou exageradamente pensativa. Colocou um dedo no meio da testa.

— Acho que existe — descobriu depois de balançar a cabeça três vezes. — Você acha que?... — começou a dizer, ansiosa. Lakey levantou a mão, fazendo parar um táxi. — Kay preferiu conservar o primo longe daqui, esperando que uma de nós fizesse coisa bem melhor.

— Lakey! — exclamou Dottie, balançando a cabeça com ar de reprovação.

— Francamente, Lakey — disse Libby, dando uma risadinha — só mesmo você seria capaz de pensar uma coisa dessas. — Hesitou por momentos: — Se Kay quisesse alguém para representar a família

era só pedir, não é? O papai ou o meu irmão teriam adorado a coisa, ou mesmo qualquer uma de nós... — Interrompeu-se para entrar no táxi, e, depois, voltou-se para as colegas, fitando-as com os olhos arregalados: todos os seus movimentos eram rápidos e impacientes — ela mesma via-se como uma criatura de muito bom nascimento e tempestuosa, uma espécie de árabe, com qualquer coisa de primitivamente esportivo. — Você acha mesmo que?... — repetiu, mordendo o lábio superior. Mas Lakey não disse mais nada; jamais se alongava numa sugestão, e, por essa razão, fora apelidada de Mona Lisa pelas colegas. Dottie Renfrew estava arrasada, e suas mãos enluvadas brincavam nervosamente com as pérolas que recebera ao fazer vinte e um anos. Sua consciência a perturbava, e refugiara-se, conforme um velho hábito, naquela tossezinha lenta que expressava muito bem seus escrúpulos, e que causava tremenda preocupação à sua família, que, por causa disto, a mandava, duas vezes por ano, para a Flórida, pelo Natal e pela Páscoa.

— Lakey — disse ela, gravemente, ignorando a presença de Libby —. você não acha que uma de nós devia ter representado a família de Kay?

Libby deu um saltinho no assento traseiro onde se instalara confortavelmente, um olhar faminto estampado no rosto. Ela e Dottie observaram atentamente o rosto oval de Elinor. Os olhos desta estreitaram-se, e ela ajeitou, com a mão delicada, o cabelo tipicamente índio, no pescoço.

— Não — disse com ar de desagrado. — Seria como que confessar publicamente uma fraqueza.

Os olhos de Libby arregalaram-se ainda mais.

— Você é dura — disse com admiração.

— E Kay adora-a — acrescentou Dottie com ar de reprovação. — Você gostava tanto dela, Lakey. Aliás, acho que ainda gosta. . . bem no fundo do coração.

Lakey sorriu ao ouvir a frase de circunstância.

— Talvez — admitiu, acendendo um cigarro. No momento, preferia pessoas como Dottie, que era autêntica, uma espécie de quadro definitivamente filiado a uma determinada escola. Em geral, deixava-se enganar pelas qualidades das amigas que escolhia, embora estas percebessem imediatamente o quanto eram diferentes dela. Na intimidade, costumavam analisá-la, como se fossem brinquedos discutindo o dono, e, geralmente, chegavam à conclusão de que era muito desumana. Mas este fato só fazia aumentar o respeito que sentiam por ela. Era também muito instável, detalhe que as fazia

suspeitar de solidões tremendas. Naquele momento, quando o táxi se aproximava da Quinta Avenida, tomou uma das suas repentinas decisões.

— Vou descer aqui! — ordenou no seu peculiar e distinto tom de voz. O motorista parou e ficou observando-a. Nobre e elegante, a despeito da aparente fragilidade, usava um vestido de tafetá negro, uma grande echarpe de crepe branco, um minúsculo chapéu preto e sapatos da mesma cor, de saltos altíssimos.

— Pode seguir — disse rapidamente para o motorista.

As duas moças que tinham ficado no táxi interrogaram-se mutuamente. Libby MacAusland meteu pela janela a cabeça loura coroada por um chapéu florido:

— Você não vai? — gritou, mas não obteve resposta. Tudo o que puderam ver foi sua silhueta negra avançar em direção à Praça da Universidade, banhada pelo sol.

— Siga-a — ordenou Libby ao motorista.

— Vai ser preciso fazer a volta ao quarteirão, madame! — O motorista entrou na Quinta Avenida, passou pelo Hotel Brevoort onde estavam chegando naquele momento os demais convidados e, penetrando na Rua Oito, voltou novamente à Praça da Universidade. Mas não havia o menor sinal de Lakey. Desaparecera completamente.

— Que coisa estranha, não é mesmo? — perguntou Libby. — Será que eu disse alguma coisa errada?

— Torne a dar uma volta pelo quarteirão — ordenou Dottie calmamente ao chofer. Exatamente em frente do Brevoort, Kay e Harald acabavam de descer de um táxi mas não viram as duas moças que iam no outro carro.

— Será que ela resolveu não ir à recepção? — continuou Libby, enquanto o táxi fazia a segunda volta com resultado idêntico ao anterior. — Ela parecia tão zangada com Kay, francamente. — O táxi parou em frente ao hotel.

— Que faremos? — perguntou Libby. Dottie abriu a carteira e pagou o motorista.

— Lakey sabe muito bem o que faz — redargüiu com firmeza, enquanto saltavam. — Vamos dizer ao pessoal que ela se sentiu mal na igreja. — Um ar de decepção estampou-se no rosto bonito de Libby: esperara tanto um escândalo!

Numa das salas reservadas do hotel, sobre um tapete desbotado, Kay e Harald recebiam os parabéns dos convidados. Um ponche era servido naquele momento, e os amigos presentes exclamavam: "O que é?", "Mas que delícia!" "Que mistura mais estranha!" — e outros

comentários semelhantes. Kay dava a receita a cada um deles. Um terço de suco de maçã, um terço de xarope de melaço e um terço de suco de limão, mais uma boa quantidade de uísque. O suco de maçã fora conseguido por Harald por intermédio de um colega ator, o qual, por sua vez, o obtivera de um fazendeiro de Flemington; na verdade, o ponche fora adaptado de um coquetel conhecido como *suco de maçã do coelho*. Um rapaz alto e magro que trabalhava no rádio contava piadas engraçadíssimas sobre gente do seu meio. Surgiu uma discussão acerca dos efeitos do suco de maçã, a qual as moças ouviram com a máxima atenção. No momento, andavam interessadíssimas em receitas de bebidas, todas adoravam os Alexanders e os White Ladies e queriam obter mais detalhes sobre certo coquetel chamado *clover club*, cuja receita constava de um terço de gim, um terço de suco de limão, um terço de grenadine e a clara de um ovo. Harald contou que ele e Kay conheciam uma farmácia onde era possível obter uísque como remédio, e Polly Andrews, pedindo um lápis emprestado ao garçom, anotou o endereço: ela ia instalar-se, no próximo verão, no apartamento de cobertura de uma certa Tia Júlia, e precisava estar preparada. Harald falou então de um licor chamado anisete, que um italiano da orquestra do teatro lhe ensinara a preparar, juntando álcool puro, água e essência de anis, o que lhe dava uma coloração leitosa semelhante ao Pernod. Depois, explicou a diferença entre Pernod, absinto, araca e anisete; as moças falaram do *chartreuse* verde e amarelo, do *creme de menthe*, verde e branco, e Harald explicou que a cor variava somente por causa do corante utilizado, corante artificial, para satisfazer as várias exigências do mercado. Falou-lhes, então, de certo restaurante americano da década de vinte, onde era possível comer, como sobremesa, uma geléia de pétalas de rosa, e explicou a diferença que havia entre as cozinhas turca, armênia e síria. — Mas, meu Deus, onde foi que você encontrou este homem? — gritaram as pequenas, a uma voz.

Na pausa seguinte, o rapaz de gravata de crochê verde aproximou-se de Dottie Renfrew.

— Onde está a beleza morena? — perguntou em tom confidencial. Dottie também abaixou a voz e olhou para um canto afastado da sala onde Libby MacAusland cochichava com duas do grupo.

— Ela sentiu-se mal na capela — murmurou. — Já expliquei a Kay e Harald. Achamos melhor que fosse para o hotel descansar. — O rapaz levantou uma sobrancelha.

— Mas que horror, não é? — disse.

Kay voltou-se rapidamente para ouvir; o tom irônico da voz do rapaz era evidente. Dottie ruborizou-se. Procurou desesperadamente um novo assunto.

— Você também trabalha no teatro?

O rapaz encostou-se à parede, levantando a cabeça.

— Não — respondeu —, apesar de considerar sua pergunta normal. Na verdade, eu trabalho na assistência social.

Dottie olhou-o cautelosamente; lembrava-se agora de Polly ter dito que o camarada era pintor, e chegou à conclusão de que estava sendo vítima de uma brincadeira. Aliás, tinha toda a aparência de um artista: belo como uma estátua romana mas um pouco gasto; os músculos da face mostravam sinais de dissipação, e o nariz revelava sombras suspeitas. Dottie aguardou.

— Costumo desenhar cartazes para o Clube Feminino Internacional para a Paz — explicou ele. Dottie riu.

— Mas isso não é assistência social — retrucou.

— É uma maneira de dizer — disse ele. Olhou atentamente para a moça. — Existe um setor do clube que trata do problema das mães solteiras — explicou. — Meu nome é Brown. Nasci em Marblehead. Sou descendente colateral de Nathaniel Hawthorne. Meu pai é dono de um armazém. Nunca frequentei a universidade. Não pertencemos à mesma classe, jovem.

Dottie permaneceu em silêncio, olhando-o com toda a compreensão; agora já o achava muito simpático.

— Sou um ex-expatriado — continuou. — Desde a queda do dólar ocupo um quatinho na Perry Street, perto da casa do noivo, e onde desenho cartazes para as senhoras pacifistas, assim como outros de finalidade muito mais comercial. O quatinho, como vocês o chamam, fica no fundo do corredor e, no armário, tenho um fogareiro elétrico. É por essa razão que eu peço encarecidamente desculpas pelo fato de minha roupa cheirar sempre a presunto com ovos.

Os olhos castanhos de Dottie piscaram reprovadoramente; pela maneira altiva com que ele falava podia ver que era orgulhoso e amargurado, mas via também que era um cavalheiro, pelas atitudes e pelo terno bem talhado, ainda que velho. — Agora Harald vai subir na vida — disse o Sr. Brown — um apartamento numa zona elegante. . . por cima de uma lojinha bem freqüentada e de uma lavanderia. Encontramo-nos como se fossem dois elevadores, para usar uma figura de retórica moderna, um para cima, outro para baixo. Ontem — prosseguiu, franzindo a testa — divorciei-me de uma linda criatura chamada Betty. — Curvou-se ligeiramente para a frente. — Passamos

a última noite no meu quartinho, para comemorar. — Alguma de vocês se chama Betty?

Dottie refletiu.

— Libby — respondeu.

— Não, Libby é Beth, ou Betsy — falou ele. — Não gosto do nome das mulheres, atualmente. Mas, afinal de contas, o que aconteceu com a beleza morena? Como se chama?

Nesse exato momento, abriu-se a porta e Elinor Eastlake entrou, depois de ter entregue ao garçom que a introduzira dois embrulhos de papel pardo que segurava com sua infantil mãozinha enluvada de preto. Parecia completamente tranqüila.

— Chama-se Elinor — cochichou Dottie. — Nós a chamamos de Lakey porque seu último nome é Eastlake; ela nasceu em Lake Forest, pertinho de Chicago.

— Obrigado — disse o Sr. Brown, mas não fez nenhum movimento para afastar-se de Dottie, continuando a conversar a meia voz e fazendo comentários cínicos sobre as bodas. Harald segurou a mão de Lakey um tempo, virando-a para um lado e para o outro, a fim de poder apreciar melhor o vestido que usava, um autêntico modelo de Patou. Seus movimentos nervosos não se coadunavam com a seriedade que lhe dominava a cabeça e o rosto, como se o conjunto, cabeça e rosto, uma máquina de pensar, não pertencesse a ele e tivesse sido colocado ali para um baile de máscaras. Era um jovem intensamente introvertido, como as moças sabiam através de suas cartas, e, quando falava de sua carreira, como fazia no momento, para Lakey, mostrava uma ansiedade impessoal e diferente, como se estivesse conversando sobre o desarmamento ou o *déficit* do orçamento nacional. Contudo, atraía as mulheres, conforme as pequenas também sabiam pelas cartas, e elas até admitiam que ele tinha muito *sex appeal*, um atrativo todo especial, daqueles que os homens mais sérios, certos professores respeitáveis e mesmo alguns sacerdotes possuíam; havia em seus gestos um dinamismo que fez Dottie pensar, naquele momento, quando ela e o companheiro observavam o noivo, como Kay conseguira dominá-lo. A idéia de que Kay talvez já estivesse grávida tinha sido discutida entre elas mais de uma vez, apesar de saberem que Kay, de acordo com suas próprias declarações, conhecia todos os métodos conhecidos para evitar a gravidez, chegando ao ponto de manter uma seringha de lavagem no armário de Harald.

— Conhece Kay há muito tempo? — perguntou Dottie, curiosa, lembrando-se, mesmo sem querer, do banheiro que o rapaz

mencionara, na mesma casa de cômodos em que também morava Harald.

— Há muito tempo — replicou o Sr. Brown.

Aquilo era tão desagradável de ouvir, que Dottie chegou a recuar ligeiramente, como se a declaração se referisse a "ela", na sua própria recepção de casamento.

— Não gosto de mulheres de perna grossa — disse, com um sorriso tranquilizador, pois já observara as pernas esguias e os pés muito delicados que eram um dos pontos básicos da beleza de Dottie. Deslealmente, Dottie olhou com o rapaz para as pernas de Kay, que na verdade, eram um bocado grossas.

— Sinal de antepassados pastores — observou ele, apontando com um dedo. — O centro de gravidade está muito baixo... sinal de obstinação e obtusidade. — Estudou detalhadamente a silhueta de Kay, delineada pelo vestido de tecido muito fino e pelo fato de, como sempre acontecia, ela não estar usando cinta. — Sinais de esteatopigia.

— O quê? — cochichou Dottie.

— Desenvolvimento excessivo das ancas. Vou buscar uma bebida para você.

Dottie estava excitada e aterrorizada a um só tempo; nunca antes tivera uma conversa assim tão perigosa.

— Você e seus amiguinhos de sociedade — continuou — possuem uma tremenda capacidade de adaptação funcional. Bustos amplos e lisos — o jovem olhou pelo salão — feitos para carregar pérolas e suéteres de buclê ou, então, blusas de crepe da China. Cintas finas. Pernas esguias. Como autêntico homem da década passada, eu prefiro a silhueta feminina que se aproxima do tipo do menino: uma garota de roupa de banho pronta para dar um mergulho na piscina. Não se assuste. . . são recordações dos meus tempos de Marblehead. Betty era uma excelente nadadora. As mulheres magras são mais sensuais; trata-se de uma verdade científica. . . as extremidades dos nervos ficam mais perto da pele. — Seus olhos cinzentos fecharam-se; tinha as pálpebras pesadas, como se estivesse prestes a dormir. — Mas, apesar de tudo, eu gosto das gordas — disse repentinamente, observando Pokey Prothero. — Ela tem uma aparência que aquece. Pele nacarada. É! . . dinheiro, dinheiro. O meu problema sexual é puramente econômico. Detesto mulheres da classe baixa, mas, por infelicidade, minha aparência é positivamente boêmia. Combinação impossível.

Naquele momento, para alívio de Dottie, os garçons entravam na

sala com a refeição que seria servida, e Kay começou a chamar todos para a mesa. Colocou o padrinho, um camarada caladão, que trabalhava no *Wall Street Journal* (seção de anúncios) à sua direita, Helena Davison à direita de Harald, mas, depois, a confusão foi geral. Dottie ficou numa das pontas da mesa entre Libby, sua *bête noire*, e a mulher do homem que trabalhava no rádio. Era difícil, na verdade, distribuir com habilidade tantas moças numa mesa, porém uma anfitriã mais perspicaz teria evitado colocar todas as chatas juntas. Todavia, a esposa do homem que trabalhava no rádio, uma mulherzinha divertida, recamada de plumas e todos os acessórios possíveis, tal uma *vamp* cinematográfica, parecia deliciada com a companhia que lhe coube. Era da turma de 1928 da Universidade de Idaho e adorava reuniões femininas, conforme declarou. Conhecia Harald desde menino, anunciou, assim como seus pais, os quais não via há muito tempo. Anders, pai de Harald, fora diretor de uma escola em Boise, escola que ela e Harald haviam freqüentado muito tempo antes.

— Kay é um amor, não é mesmo? — perguntou a Dottie.

— Muito boazinha — respondeu Dottie calorosamente. Sua vizinha era aquilo que se chama de "animadora". Dottie, entretanto, concordava com o seu velho professor de inglês, o qual declarava que devemos evitar o uso da gíria, porque isso pode revelar a nossa idade.

— Mas por que não vieram ao casamento os pais de Kay? — perguntou a mulher levantando a voz ligeiramente.

— Por quê? — ecoou Dottie, desamparada, começando logo a tossir. — Bem... eu acho que mandaram um cheque de presente a Kay e Harald — murmurou. — Acharam melhor economizar o dinheiro da viagem.

A mulher balançou a cabeça.

— Foi o que disse Dave. . . meu marido. Achou que eles iam preferir mandar um cheque.

— Muito mais útil — comentou Dottie. — Não é mesmo?

— Claro — assentiu a mulher —, mas acho que não passo de uma velhota sentimental. Sabe?... eu casei de véu e grinalda. . . Sabe?... eu disse ao Harald que gostaria de ter feito a festinha lá em casa. Assim o Dave poderia ter tirado umas fotografias para os parentes. Mas, quando fiz a sugestão, Kay já tinha tudo preparado.

Parou de falar e olhou para Dottie que estava quase em pânico. Rindo muito sem graça, disse que os planos de Kay sempre haviam sido como as leis dos persas: "ninguém podia alterá-los".

— Quem foi que disse que sua mulher tinha uma vontade de

ferro? Papai costumava sempre repetir esta citação, quando queria brincar com mamãe.

— Engraçado — disse a vizinha —, Harald é um verdadeiro cavalheiro — continuou num tom de voz diferente, mas séria e compenetrada. — Muito vulnerável, também. Apesar de ninguém imaginá-lo assim. — Olhou fixamente para Dottie, e suas plumas balançaram com ar beligerante, quando emborcou um copo de ponche.

Do outro lado da mesa, bem mais para baixo, à esquerda de Kay, o descendente de Hawthorne, que conversava com Priss Hartshorn, observou o olhar angustiado de Dottie e deu uma piscadela. Sem saber o que fazer, Dottie correspondeu. A mais velha do grupo, tendo agora quase vinte e três anos, em virtude de haver sido uma criança muito doente, considerava-se quase uma solteirona; aliás, as colegas costumavam caçar de seu bom comportamento, de seus xales e dos muitos remédios que tomava, assim como de um imenso casacão de vison que costumava usar na universidade para se proteger do frio, mas a verdade é que era dotada de um grande espírito esportivo e era a primeira a rir-se das brincadeiras. Seu namorado sempre a tratara com o máximo respeito. Era o tipo da moça que os irmãos das pessoas convidam para passear e conhecia dúzias de rapazes pálidos e soturnos, que estudavam música ou arquitetura na Escola de Estudos Superiores de Harvard. Costumava ler trechos de suas cartas às colegas — descrições de concertos ou de construções — e, certa vez, quando brincavam o jogo da verdade, confessara que já fora pedida duas vezes em casamento. Tinha uns olhos belíssimos, como todos lhe afirmavam, dentes que pareciam pérolas e uma massa abundante de sedosos cabelos; o nariz era um pouco grande, tal como acontece habitualmente com os nativos da Nova Inglaterra, e suas sobranceiras eram pretas e um pouco espessas demais; parecia-se muito com uma antepassada cujo retrato era guardado na mansão familiar, retrato pintado por Copley. De uma maneira discreta gostava de divertir-se, e era, reconhecia, um pouco sensual. Gostava de dançar e de cantar as músicas mais em moda. Contudo, nenhum rapaz chegara a tomar qualquer liberdade com ela, e muitas de suas colegas duvidavam desse fato, o qual, porém, era a pura expressão da verdade. E o mais estranho é que se tal coisa acontecesse, ela não ficaria absolutamente chocada ou escandalizada. As colegas também não podiam compreender o fato de D. H. Lawrence ser um de seus autores favoritos.

Ela e a mãe já haviam conversado longamente sobre o assunto e tinham chegado à conclusão de que talvez fosse realmente melhor ter

relações sexuais pré-maritais, desde que fosse com um rapaz de quem a moça já estivesse noiva e a quem amasse sinceramente. Assim, era possível evitar decepções futuras e verificar até que ponto chegava a adaptação mútua. Mamãe, que era uma mulher jovial e extremamente moderna, conhecia vários casos no seu círculo de relações de homens e mulheres que eram infelizes pelo fato de não terem feito experiências de adaptação anteriormente ao casamento, as quais, se realizadas, teriam evitado muita infelicidade. Sendo contrária ao divórcio, Dottie achava que a questão era difícil e tinha de ser cuidadosamente enfrentada; a defloração, assunto de permanentes brincadeiras entre as colegas, era coisa que a horrorizava. Kay sofrera horivelmente com Harald, tiveram de tentar cinco vezes, antes de que fosse penetrada, e isso apesar de Kay ser uma moça esportiva e muito forte. Mamãe dissera que era possível remover o hímen cirurgicamente, prática adotada até mesmo por certas famílias reais da Europa, mas que era muito melhor contar com a capacidade e ternura de um amante dedicado, que soubesse fazer a coisa sem provocar qualquer dor, e, por esta razão, era bem melhor casar com um homem mais velho e dotado de experiência.

Naquele momento, o padrinho propunha um brinde. Levantando os olhos, Dottie surpreendeu outra vez o olhar de Dick Brown (era este seu nome todo) pousado nela. Ele levantou o copo e bebeu em sua homenagem, cerimoniosamente. Dottie bebeu em retribuição.

— Não é formidável? — gritou Libby MacAusland do seu canto, acenando com a mão e rindo no seu modo escandaloso.

— Muito divertido — disseram várias vozes.

— Nada de formalidades, nada de cumprimentos na igreja, nada de gente mais velha.

— É o que eu quero para o meu casamento! — anunciou Libby.

— Um casamento de gente moça! — E logo soltou um grito quase selvagem, quando viu a sobremesa que ia ser servida. . . sua favorita: um belo bolo feito de sorvete e merengue. — Pequenas! — gritou solenemente, apontando para a iguaria que acabava de ser colocada em frente a Kay. — Observem bem este bolo. São todos os sonhos de nossas infâncias transformados em realidade! Trata-se de um símbolo de todas as festas infantis realizadas nestes abençoados Estados Unidos com a presença de garotinhas de vestido de organdi e rendas, de garotinhos encabulados de colarinho redondo e gravatas pretas, que quase morrem de vergonha quando convidam a gente para dançar. Ah, meu Deus, nunca me senti tão excitada nestes últimos anos. Que saudades daquelas festinhas. A última a que assisti, tinha doze anos.

As amigas do grupo sorriram silenciosamente umas para as outras; Libby estava novamente "escrevendo". Mas a verdade é que todas tinham partilhado do mesmo entusiasmo até que ela começou a falar, e um suspiro geral de antecipação ecoou quando viram Kay empunhar uma faca e começar a cortar o bolo. Encostados numa parede, os dois garçons observavam a cena em silêncio. Afinal de contas, a sobremesa não estava bem feita. O merengue fora mal temperado e o pão-de-ló, que servia de base para o sorvete, estava estorricado. Todavia, em consideração a Kay, repetiram a dose. Tinham a certeza de que Kay esperava que a sobremesa fosse o sucesso da festa. . . terrivelmente original para um banquete de casamento.

— É um truque usado pelo pessoal dos hotéis — explicava a mulher do homem que trabalhava no rádio a Priss Hartshora, que ia casar-se em setembro. — Eles fazem um sorvete superduro e na hora de servir botam tudo no forno, assim não se arriscam a perder a sobremesa, mas, cá entre nós, não era assim que mamãe costumava fazer este doce.

Priss balançou a cabeça solenemente. Era uma garota miudinha de cabelos acinzentados que parecia um coelhinho e que julgava de sua obrigação absorver todas as informações que pudesse colher sobre os problemas de consumo. Sempre fora uma excelente estudante de economia e ia trabalhar na divisão de consumo da Administração Nacional para a Recuperação.

— As condições de trabalho — observou, na sua maneira de falar quase hesitante — em alguns dos nossos melhores hotéis são péssimas, sabia? — Começava a sentir os efeitos da bebida. O ponche estava um bocado traiçoeiro, apesar de conter pouco álcool. Na nuvem em que principiava a flutuar, viu o radialista levantar-se.

— À classe de 1933 — brindou. Os demais beberam em homenagem às ex-alunas de Vassar.

— Sempre para cima! — gritou a esposa. O silencioso padrinho soltou uma risadinha. Inteligente como era, Priss sentiu que, sem querer, ela e suas colegas tinham levantado uma onda de antagonismo econômico. Geralmente, ninguém gostava das moças que tinham frequentado Vassar, pois se transformavam numa espécie de símbolo de superioridade. Teria de se afastar bastante das colegas depois de casada se quisesse que Sloan não fosse mal visto pelos seus companheiros de hospital. Olhou com tristeza para Pokey Prothero, sua melhor amiga, que estava do outro lado da mesa, enchendo o prato de sobremesa com as cinzas do cigarro, com aquela falta de modos

que só mesmo as moças muito ricas podem ostentar. Notava-se uma grande mancha de gordura no seu caríssimo vestido de Lanvin. Mentalmente, Priss limpou a mancha com um pouco de terebintina — sua alminha limpa não suportava sujeira. Não podia imaginar como Pokey viveria se não tivesse uma criada para tomar conta de suas coisas. Desde o tempo em que freqüentaram juntas o ginásio, que ela tentava acostumar Pokey a usar um cinzeiro, mandava sua roupa para a lavanderia e recolhia a correspondência que, do contrário, continuava acumulada durante semanas, chegando mesmo ao ponto de limpar o banheiro todas as vezes que Pokey tomava banho, a fim de que as demais colegas não se queixassem. Coitada da Pokey! Quando se casasse, seria sufocada pelos problemas caseiros e por uma rédua de empregadas e governantes, e jamais conheceria as deliciosas preocupações da vida de uma recém-casada pobre.

Muita riqueza podia ser uma tremenda desvantagem, pois levava o indivíduo a um isolamento total. A depressão econômica, apesar de tudo, fora um formidável estímulo para as classes abastadas, pois tinha levado muita gente a encarar certos problemas sérios, aqueles que realmente importam. Não havia uma única família, Priss sabia muito bem, que não se sentisse mais feliz e mais unida pelo fato de ter de reduzir seus gastos: o sacrifício comum levava a felicidade a muitos lares que antes não conheciam tal sentimento. Vejam só a família de Polly Andrews: o pai, o Sr. Andrews, estava na Clínica Riggs quando explodiu a depressão e todos os seus investimentos foram pelos ares, mas, em lugar de desesperar-se e ter de ser levado para uma clínica de doenças nervosas, foi para casa e tratou de se fazer útil, cozinhando as refeições da família. Chegara ao ponto de fazer ele mesmo todas as compras necessárias e acabou tornando-se um especialista na *haute cuisine*, visto que, no passado, tivera um castelo na França onde aprendera a cozinhar. Quanto à Sra. Andrews, essa passou a fazer toda a limpeza, e cada membro da família fazia sua própria cama. As crianças, quando estavam em casa, ajudavam a lavar roupa. Era a família mais "alegre" que a gente podia visitar, vivendo numa pequenina fazenda que tinham conseguido salvar do caos e que ficava perto de Stockbridge; Lakey os visitara no último Dia de Ação de Graças e jamais se divertira tanto. Chegara até a desejar que seu pai também tivesse perdido muito dinheiro, como o Sr. Andrews. E desejava mesmo. É claro que as situações eram um bocado diferentes, pois os Andrews sempre haviam sido muito esnobes e, assim, tinham carradas de motivos para receber uma mudança daquelas como sendo uma verdadeira redenção.

Priss, por seu lado, era positivamente liberal, e o seu sentimento era autêntico, estava no sangue. Sua mãe também freqüentara Vassar, e o avô fora prefeito de Nova York. No ano anterior, quando se vira obrigada a ser dama de honra num casamento elegante na Igreja de Saint James, casamento até de tapete na porta da igreja e coisas semelhantes, não conseguira furtar-se ao desprazer de ver a multidão de desempregados que se acumulara nas vizinhanças da igreja, devidamente contidos pela polícia. Não que Priss acreditasse que podia salvar o mundo sozinha, como pensava seu irmão, que estava sempre acusando seu pessoal; aliás, ela não chegava ao ponto de acusar a classe social em que nascera de tentar manter seus privilégios de qualquer maneira, pois julgava que tal fato era parte integrante do seu condicionamento. Não era, nem um pouco, socialista ou mesmo rebelde, apesar de Sloan estar sempre brincando com ela, acusando-a de o ser. Ser socialista, pensava, era uma espécie de luxo, pois o mundo estava mudando rapidamente, e havia muita coisa a ser feita. Era-lhe impossível esperar serenamente a chegada do milênio, e era muito mais impossível fazer o relógio do tempo voltar para trás. O grupo costumava fazer uma brincadeira: ver em que época da história se teria gostado de viver, se fosse possível escolher, e Priss era a única que continuava preferindo o tempo presente; Kay escolhia sempre o ano 2 000 e Lakey preferia o "quatrocentos", detalhe que confirmava como eram diferentes entre si. Mas, na verdade, Priss não podia imaginar uma época mais excitante para nascer do que a dos Estados Unidos de seus dias e sentia muita pena de uma pessoa como Dick Brown, sentado à sua direita, com seu ar inquieto, o rosto amargurado e mãos muito brancas e muito móveis: depois de ter conversado algum tempo com o rapaz (e certamente que ele se amolara bastante com a conversa!) chegou à conclusão de que era um típico exemplar da geração anterior, boêmio e rebelde, completamente inadaptado.

O rumor de vozes foi cessando aos poucos. As moças, um tanto ou quanto perturbadas pelo consumo de álcool, entreolharam-se. E agora, o que aconteceria? Num casamento convencional Kay e Harald desapareceriam discretamente, a fim de trocar de roupa e prepararem-se para a viagem de núpcias e, no último momento, Kay jogaria as suas flores para as amigas. Mas não haveria lua-de-mel, conforme tinham sido previamente informadas. Kay e Harald, evidentemente, voltariam para o pequeno apartamento que haviam alugado e do qual tinham saído naquela manhã. Provavelmente — e o grupo conhecia Kay muito bem! — ela não tinha nem mesmo arrumado a cama.

Aquela sensação de intranquilidade, que dominara todas elas na capela, tornou a voltar. Olharam os relógios: era uma e quinze. Quantas horas faltariam para Harald começar a trabalhar? Evidentemente, muitos casais depois da cerimônia nupcial voltavam para suas próprias casas, contudo, parecia-lhes, era coisa que ninguém devia saber.

— Será que devo convidá-los para tomar café com a Tia Júlia? — cochichou Polly Andrews para Dottie, sobre a mesa.

— Seria ótimo, não é? — murmurou Dottie.

— Mas eu não sei o que pensará Ross. — Ross era a criada de Tia Júlia, uma criada esquisita, com uma personalidade muito característica.

— Bolas, pouco me importo com a Ross! — exclamou Polly. As duas moças olharam em torno da mesa, contando, e, quando seus olhares tornaram a encontrar-se, revelaram certo espanto. Eram treze, oito do grupo e cinco estranhos. Aquilo era típico de Kay! Ou seria casualidade? Teria alguém desistido de comparecer no último momento? No entanto, a esposa do radialista trocava olhares com o marido; depois, voltou-se para Dottie e falou a *sotto você*.

— Que tal se algumas de vocês passassem lá por casa para um pouquinho de Java? Se quiserem, eu direi a Kay e Harald que já é hora de terminar.

Dottie hesitou um pouco, talvez assim fosse bem melhor, mas não queria tomar uma decisão em lugar de Kay, a qual talvez preferisse a Tia Júlia. A sensação de que as coisas estavam ficando muito complicadas causou-lhe profunda depressão.

A voz de Pokey Prothero, quase um grasnido de gralha, interveio.

— De acordo com a tradição, vocês dois devem desaparecer — queixou-se repentinamente, apagando mais um cigarro e olhando pelo lornhão com um ar espantado e ofendido para o noivo e a noiva. "Grande, Pokey", pensaram as colegas com um suspiro de alívio.

— Mas, para onde vamos, Pokey? — respondeu Kay, sorrindo.

— É mesmo, Pokey, para onde vamos? — perguntou o noivo.

Pokey pensou um pouco.

— Que tal Coney Island? — propôs. Seu tom de lógica irrefutável, como o de um velho ou de uma criança, deixou todos surpresos por momentos.

— Mas que idéia magnífica! — gritou Kay. — Pelo metrô?

— Pelo expresso de Brighton via Avenida Flatbush — murmurou Harald —, com baldeação na Rua Fulton.

— Pokey — disseram em tom de alívio —, você é um gênio!

Harald pagou a conta e, depois, mergulhou-se numa discussão sobre os méritos de várias marcas de automóveis. As mulheres trataram de retocar a maquilagem. A sala estava cheia de movimento e risadas.

— Mas como foi que Pokey imaginou uma coisa dessas?

— O fim perfeito para um casamento perfeito.

— Exatamente — reiteravam várias vozes, enquanto as luvas recebiam a última esticadela.

O grupo movimentou-se para a rua; o radialista, que deixara a máquina fotográfica na chapelaria, tirou muitas fotografias na calçada iluminada pelo brilhante sol de junho. Depois, todos juntos, encaminharam-se para a estação do metrô na Praça Astor, observados pelos que passavam, espantados com a variedade de tipo.

— Kay precisa atirar as flores! — gritou Libby MacAusland, acelerando as passadas com suas compridas pernas de jogador de basquetebol.

— Bravo! Ninguém consegue superar uma garota de Vassar — exclamou o radialista. Harald retirou algumas moedas do bolso, e todos passaram por Kay, que, no consenso geral, jamais parecera tão bonita; ela voltou-se e atirou o ramallete bem alto, para que as moças tentassem apanhar algumas das flores. Libby, de um salto apanhou um molho delas, apesar de a maioria ter sido praticamente endereçada a Priss, que estava um pouco atrás. Naquele momento, Lakey surpreendeu a todas; os dois embrulhos de papel pardo que levava até o hotel continham arroz.

— Foi por isso que você desceu do táxi! — exclamou Dottie, maravilhada, enquanto todos os presentes enchiam as mãos e saíam em perseguição do noivo e da noiva, enchendo a plataforma de carocinhos brancos. O trem finalmente chegou.

— Mas que coisa banal! Não pareceu digno de você, Eastlake! — exclamou Kay, voltando-se no momento em que as portas do trem eram fechadas, e o grupo, ao dispersar-se, achou que a idéia, positivamente, não fora característica de Lakey, mas que, banal ou não, era o que faltava para tornar inesquecível aquele momento.

No princípio, causou uma estranha sensação a Dottie pensar que, apenas dois dias depois do casamento de Kay, ela subia, na ponta dos pés, uma escada que a levaria a um quarto que ficava bem em frente àquele onde morara Harald e onde acontecera a mesma coisa a Kay. Tratava-se de um sentimento opressivo, como sucedia quando o grupo inteiro começava a sentir os efeitos das regras ao mesmo tempo; a coisa enche a cabeça da gente de estranhas idéias quanto ao fato de ser mulher e sofrer a influência da lua, como se fosse a maré. Pensamentos fantásticos e irrelevantes atravessaram a cabeça de Dottie, quando a chave girou na fechadura, e ela percebeu que estava, pela primeira vez na vida, sozinha com um homem num apartamento. Aquela era uma noite de verão, verão do solstício, quando as donzelas faziam oferenda de seus tesouros para que as colheitas fossem abundantes, tal como lera no *Sonho de Uma Noite de Verão*. O professor que lhes ensinava Shakespeare era muito cuidadoso naquilo que se referia à antropologia e as fizera estudar em Frazer todos os antigos rituais da fertilidade e como os camponeses europeus, até recentemente, acendiam imensas fogueiras em homenagem à Donzela do Milho e, depois, deitavam-se com suas companheiras nos próprios campos. O período universitário, pensou Dottie, ouvindo o clique da luz sendo acesa, fora riquíssimo em experiências fascinantes. Sentia-se mergulhada nos mais interessantes pensamentos, pensamentos que só poderia confiar a uma pessoa como sua mãe, nunca a um homem, certamente, que pensaria que ela era uma boba, se comesse a falar sobre a Donzela do Milho quase no momento de perder a Virgindade. Até mesmo o grupo cairia na risada, se Dottie confessasse que estava com vontade de iniciar uma longa e construtiva discussão com Dick, que era tão terrivelmente atraente e infeliz e que tinha tanto em si para dar.

Mas o grupo não acreditaria de jeito nenhum que Dottie Renfrew fora a um lugar como aquele, a um quatinho de sótão exalando a gordura, em companhia de um homem que mal conhecia, que não

tentara esconder suas intenções, que bebia muito e que, evidentemente, não a amava. Na verdade, até ela duvidava de tudo, quando encarava as coisas assim cruamente, e o lado de sua personalidade que queria conversar ainda esperava, provavelmente, ganhar tempo, da mesma forma como ela sempre iniciava um longo papo sobre assuntos corriqueiros com o dentista, todas as vezes que este empunhava a broca. A covinha do queixo de Dottie tremeu. Que comparação mais boba! Imaginem só se o grupo soubesse!

E, contudo, quando a Coisa aconteceu, não foi absolutamente como o grupo ou mesmo mamãe haviam imaginado; nada de sórdido ou atrapalhado, apesar de Dick estar bêbado. Ele fora extremamente gentil, despira-a lentamente, com a maior naturalidade, como se apenas a estivesse ajudando a tirar o casaco e as galochas. Tomou o chapéu e a capa de peles e colocou-os no armário, depois ajudou-a a desabotoar e tirar o vestido, mantendo um ar sério e concentrado, aquele mesmo ar engraçado que papai tinha quando esperava mamãe preparar-se para uma festa. Ao segurar o vestido que ela lhe estendia, olhou para a etiqueta do costureiro, depois para Dottie, como que para ligar o objeto à pessoa, e, em seguida, levou o vestido também para o armário, onde, com passos vacilantes, tratou de pendurá-lo num cabide de madeira. Depois, foi dobrando as peças que ela lhe entregava e colocando-as cerimoniosamente sobre uma poltrona, tendo sempre o cuidado de examinar, com o cenho franzido, as etiquetas. Logo após tirar o vestido, ela sentiu uma momentânea fraqueza, mas Dick tratou de ajudá-la a desabotoar a cinta, o que fez com o máximo cuidado, a fim de não lhe estragar o penteado e, depois, curvou-se para tirar-lhe os sapatos e as meias. Dottie tremia um pouco quando se viu ali parada, em frente ao rapaz, usando tão-somente. . . um colar de pérolas. Ela tinha a sensação de que acabara de tirar a roupa para ser examinada pelo médico. Este pensamento, e a atitude distante e impessoal de Dick, bem como ainda o pensamento de como deviam sentir-se os modelos nas aulas de pintura, é que deu coragem a Dottie. Ele não a tocara uma única vez, somente ajudara-a a despir-se, e as suas mãos apenas lhe haviam aflorado a pele. Então, ele deu um ligeiro beliscão em cada um dos seus grandes seios e disse que ficasse tranqüila, num tom igualzinho ao que usava o Dr. Perry, ao iniciar um dos tratamentos que costumavam afligi-la.

Ofereceu-lhe um livro de gravuras, para se entreter, enquanto ia ao banheiro, e Dottie fez tudo para não escutar. Com o livro no colo, estudou detalhadamente o aposento, de maneira a conhecer um pouco mais de Dick. As casas revelam muito sobre os seus ocupantes. Havia

uma clarabóia e uma grande janela na parte norte; estava surpreendentemente limpo para um homem. Dottie notou, num dos cantos, uma prancheta com alguns trabalhos começados, que desejou esmiuçar, uma grande mesa lisa e comprida, como uma tábua de passar roupa, cortinas de pano marrom pesado e uma coberta do mesmo tecido sobre a cama de solteiro. Em cima da cômoda, a fotografia emoldurada de uma mulher loura com ar inteligente e um corte de cabelo extremamente severo; devia ser "Betty", a esposa. Preso com tachinhas, na parede, via-se um retrato da mesma mulher em roupa de banho, assim como vários esboços de um nu, e Dottie teve o desagradável pensamento de que os esboços também deviam ser de Betty. Até o momento, tinha feito o impossível para não pensar em amor, ou deixar-se dominar pelas emoções, pois sabia que Dick não gostaria. Tratava-se tão somente de atração física, e repetira a frase dezenas de vezes para si mesma, enquanto procurava acalmar-se, ao sentir o sangue pulsar mais forte nas veias, mas, agora, que já era tarde demais para recuar, perdera o sangue frio e estava com ciúme. Pior ainda! Repentinamente, achou que Dick era bem "estranho". Abriu o álbum de desenhos e viu que tinha mais esboços de nus, assinados por artistas modernos sobre os quais jamais ouvira falar! Não sabia dizer, um segundo mais tarde, o que esperara, mas a volta de Dick foi, por contraste, menos má.

Estava de cueca e trazia uma toalha de banho com o nome de um grande hotel numa das beiradas, a qual estendeu sobre a cama depois de ter dobrado as cobertas. Tirou-lhe o livro das mãos, colocando-o sobre a mesa. Fez com que Dottie se deitasse sobre a toalha, e mandou novamente que descansasse, falando com uma voz amiga e persuasiva, enquanto se conservava ao lado da cama, sorrindo, com as mãos nos quadris. Ela tentou respirar regularmente, enquanto devolvia o sorriso, tratando de lembrar que ele era um bonito rapaz.

— Não vai acontecer nada, pequena, a não ser que você queira.

As palavras, ditas lentamente, mostraram-lhe o susto e a desconfiança que devia estar demonstrando.

— Eu sei, Dick — respondeu com voz fraca e agradecida, usando pela primeira vez o nome dele em voz alta.

— Quer um cigarro? — Dottie sacudiu a cabeça, recusando, e tornou a cair no travesseiro. — Está tudo bem, então?

— Tudo bem.

Quando ele se voltou para apagar a luz, ela sentiu um frêmito de excitação bem "lá", exatamente o mesmo que acontecera no restaurante italiano, quando ele perguntara: "Quer ir até minha casa?"

e grudara seus olhos profundos e penetrantes nela. Agora, ele voltara-se novamente e a contemplava da mesma maneira, com a mão ainda no comutador, e Dottie sentiu uma estranha emoção ao perceber que ardia em fogo no lugar onde suas coxas se uniam. Olhou-o fixamente, procurando uma confirmação de tudo aquilo. Engoliu em seco. Em resposta, ele apagou a luz e aproximou-se dela, desabotoando a cueca. A visão causou-lhe um momento de pavor. Jamais vira "aquela" parte do corpo masculino, exceto em estátuas e, certa vez, quando tinha seis anos, e interrompera o banho do papai; mas imaginava que fosse algo muito feio e inflamado, cercado de pelos pretos. Assim, ficou extremamente grata por lhe ter sido poupada a visão de uma coisa que pensara não poder suportar e prendeu a respiração quando sentiu o corpo estranho subir no seu.

— Abra as pernas — ordenou ele e, obedientemente, as pernas foram abertas. A mão dele começou a deslizar para cima e para baixo; as pernas afastaram-se mais ainda, e ela começou a emitir ligeiros ruídos, suspiros e gemidos, como se quisesse fazê-lo parar. Ele retirou a mão, graças aos céus, e tateou por um segundo; então ela sentiu a coisa que tanto temia, sendo guiada para dentro do seu corpo, e começou a bracejar e enrijecer os músculos.

— Calma — cochichou ele. — Está quase no fim. — Era surpreendentemente quente e macio, mas doía muito, entrando e saindo.

— Que inferno! — exclamou ele. — Calma. Assim dói mais ainda. — Naquele momento, Dottie gritou fracamente, a penetração fora completada. Ele tapou-lhe a boca com a mão, passou-lhe as pernas sobre os quadris e começou a fazer movimentos de vaivém dentro dela. No princípio, doía tanto que ela fez força para empurrá-lo, mas o gesto só servia para torná-lo ainda mais determinado. Então, enquanto rezava para que a coisa acabasse logo, surpresa das surpresas, começou a gostar um pouco. Compreendeu o mecanismo, e seu corpo também começou a movimentar-se em resposta, quando ele enterrava "aquilo", outra e outra vez, depois lentamente retirava, repetindo tudo. Ela pôs-se a respirar mais rapidamente. Cada toque, como se fosse o de um arco num violino, fazia com que esperasse, ansiosa, o próximo. Então, de repente, pareceu explodir em uma série de longas e incontroláveis contrações que a encheram de vergonha e confusão: era como quando a gente tem soluços. Chegou a esquecer a presença de Dick, como pessoa, e ele, por sua vez, ao sentir a reação, saiu de dentro dela, apertando-lhe sua parte sobre o estômago, onde ela a sentiu palpitar de encontro à pele fina. Depois,

foi a vez dele gemer e suspirar e Dottie sentiu uma coisa úmida e espessa escorrer-lhe pela barriga.

Os minutos passaram; o quarto estava completamente silencioso: através da clarabóia Dottie podia ver a lua. Ficou ali deitada, sentindo o peso de Dick sobre ela, achando que alguma coisa estava errada. . . provavelmente por culpa dela. Ele voltara o rosto para o lado, de maneira a não encará-la, seu peito esmagava-lhe os seios, e Dottie mal podia respirar. Os dois tinham o corpo úmido, e o suor dele caía-lhe em gotas sobre o rosto e, depois, escorregava e formava um riozinho por entre os seios. Quando passavam pelos lábios, tinha o mesmo gosto de lágrimas. Dottie estava envergonhada pela felicidade que sentira. Evidentemente, ele não a considerava satisfatória como amante; do contrário, teria dito alguma coisa. Deveria a mulher ficar imóvel? "Que inferno!", exclamara ele no momento em que a machucava, no mesmo tom com que um homem qualquer teria dito: "Que inferno, será que o jantar não sai nunca a tempo?", ou qualquer outra coisa tão prosaica como essa. Teria sido o grito que dera que estragara tudo? Será que dera um *faux pas*, no final? Desejou que os livros fossem um pouco mais explícitos sobre o assunto; Krafft-Ebing, que Kay e Helena tinham descoberto num sebo e que viviam lendo em voz alta, como se fosse a coisa mais engraçada do mundo, descrevia coisas desagradabilíssimas como homens fornicando com galinhas, mas, ainda assim, não chegavam a explicar como a coisa era feita. O pensamento da loura do retrato encheu-a de uma inveja dominadora; provavelmente, naquele momento, Dick estava fazendo comparações desagradáveis. Podia sentir sua respiração e o cheiro de álcool. Sentia também outro odor que parecia provir do leito, e receou que esse odor emanasse dela.

De repente, teve a sensação pouco agradável de que ele adormecera, e fez ligeiros movimentos para ver se podia sair de baixo dele. As peles úmidas produziram desagradáveis ruídos, porém ela não conseguiu libertar-se. Percebeu logo que ele dormia. Devia estar cansado, disse Dottie para si mesma, desculpando-o: não era à toa que ele tinha aquelas olheiras. Mas, lá no fundo do coração, achou que ele não devia ter pregado no sono em cima dela, com aquele peso que parecia o de uma tonelada de tijolos; tratava-se da prova final, se é que precisava de alguma, para ter a certeza de que ela nada significava para ele. Na manhã seguinte, quando acordasse e descobrisse que ela partira, decerto ficaria satisfeito. Ou talvez nem mesmo conseguisse recordar com quem estivera, pois não sabia o quanto ele bebera antes de se encontrarem para jantar. Ele adormecera, eis tudo. Sua única

oportunidade de manter a própria dignidade era vestir-se no escuro e desaparecer. Mas teria de procurar o banheiro no vestíbulo mal iluminado. Dick começou a roncar. O líquido espesso estava secando e incomodava. Dottie viu que era impossível voltar para o Clube Vassar, onde estava hospedada, sem lavar-se. Então, o pior de todos os pensamentos a assaltou. E se ele tivesse começado a ejacular quando ainda estava dentro dela? Ou, então, se tivesse usado um protetor de borracha e o mesmo tivesse arreventado, quando ela atingira o orgasmo, sendo talvez por isso que ele se afastara tão depressa? Já ouvira falar que aqueles protetores às vezes se rompiam e que bastava uma única gota para a mulher ficar grávida. Cheia de determinação, Dottie começou a empurrar Dick, o qual, finalmente, levantou a cabeça, olhando-a sem a reconhecer. Então, era mesmo verdade, pensou Dottie, sentindo-se infeliz; ele dormira e se esquecera de tudo. Tentou deslizar da cama. Dick sentou-se e esfregou os olhos.

— Oh, é você, Boston — murmurou, passando um braço pela cintura de Dottie. — Perdoe o cochilo. — Levantou-se e acendeu a luz. Dottie, muito depressa, cobriu-se com o lençol e virou o rosto, ainda receosa de vê-lo inteirinho.

— Preciso ir para casa, Dick — disse, lançando um olhar de esguelha para as roupas dobradas na poltrona.

— Precisa mesmo? — perguntou ele, num tom trocista, e ela podia imaginar a piscadela e o levantar das sobranceiras avermelhadas que deviam ter acompanhado a pergunta.

— Não precisa se incomodar em vestir-se e levar-me até lá embaixo — continuou com firmeza, fixando rapidamente o olhar no tapete vermelho, no ponto onde estavam plantados seus belos pés nus. Ele apanhou a cueca: ela viu seus pés entrarem nas pernas da peça. Então, levantou lentamente os olhos para encontrar o olhar de Dick, um olhar interrogador.

— Que há, Boston? — perguntou delicadamente. — Não é costume as moças voltarem para casa na primeira noite em que fazem estas coisas. Doeu muito? — Dottie sacudiu a cabeça. — Você está sangrando? — perguntou ele. — Deixe-me ver. — Fê-la mover-se e retirou o lençol. Uma pequena mancha de sangue maculara a alvura da toalha. — Sangue azul, hem? — comentou. — Mas muito pouco. Betty sangrou como um porco. — Dottie ficou calada. — Não ligue para aquilo, Boston — disse, bruscamente, apontando para a fotografia emoldurada. — Será que ela conseguiu perturbá-la? — Dottie negou valentemente, mas tinha de dizer uma coisa.

— Dick — fechou os olhos, encabulada — acha que devo tomar

banho?

— Banho? — repetiu, espantado — mas, por quê? Para quê?

— Bem. . . no caso de. . . você sabe. . . controle da natalidade — murmurou Dottie. Dick olhou-a, muito espantado, explodindo depois numa gargalhada.

— Minha querida menina — disse — nós acabamos de usar a mais antiga de todas as formas de controle da natalidade. *Coitus interruptus*, como diziam os velhos romanos, coisa muito desagradável, diga-se de passagem.

— É que eu pensei. . . quem sabe... — insistiu Dottie.

— Pois não pense. Por quê? Posso garantir que não sobrou uma única gota de esperma para fertilizar o seu irrepreensível óvulo. Tal como a personagem bíblica, eu espalhei o meu sêmen no chão, ou melhor, na pele de sua delicada barriguinha. — Com um movimento rápido retirou o lençol antes que ela pudesse impedi-lo. — Agora — exclamou — trate de acalmar seus escrúpulos. — Dottie balançou a cabeça e enrubesceu. Costumava embarçar-se tremendamente com certas palavras; quase sufocara, quando falara em "banho" e "controle da natalidade".

— Vamos limpá-la — disse ele, depois de alguns momentos de silêncio. Vestiu um *robe de chambre*, calçou os chinelos e desapareceu em direção ao banheiro. Pareceu passar uma eternidade até ele voltar com uma toalha umedecida, com a qual esfregou o estômago de Dottie. Depois, enxugou-a com a ponta seca, sentado a seu lado, na cama. Ele mesmo parecia mais limpo como se se tivesse lavado, e cheirava a desodorante e pasta de dentes. Acendeu dois cigarros, estendeu um para ela e colocou um cinzeiro entre os dois.

— Você passou nos exames, Boston — observou com o ar satisfeito de um instrutor bem sucedido. Dottie olhou-o, incerta. Poderia ele estar a referir-se àquela coisa que ela não queria recordar?

— Desculpe-me — murmurou — mas não compreendo.

— Quero dizer que você conseguiu o orgasmo. — Dottie ainda chegou a fazer um ruído vago e indistinto na garganta, pois agora não podia ter dúvidas, mas a nova palavra a perturbara. — Um clímax — acrescentou ele sumariamente. — Alguma vez ensinaram o significado destas palavras em Vassar?

— Oh! — exclamou Dottie, quase decepcionada em ver que tudo se resumia naquilo. — É?. . . — Não pôde terminar o pensamento.

— É isso mesmo — e ele balançou a cabeça. — Pelo menos, se acredita em minha palavra.

— Então, normalmente, é assim? — quis saber, começando a sentir-se mais animada. Dick deu de ombros.

— Não para as moças do seu meio social. Pelo menos na primeira vez. Apesar de não parecer, tudo indica que você é uma criaturinha altamente sensual.

Dottie ficou mais vermelha ainda. De acordo com Kay, o clímax num ato daqueles era uma coisa raríssima, coisa que o marido procurava provocar estudando cuidadosamente os desejos da esposa, assim como usando muito estímulo manual. As palavras provocaram um calafrio em Dottie, quando memorizou todas aquelas coisas horríveis, muitos termos latinos, que lera em Krafft-Ebing, sobre a Imperatriz Maria Teresa e os conselhos que o médico da corte dera a seu marido, conselhos que Dottie fez tudo para esquecer naquele momento. Contudo, mamãe costumava repetir que a satisfação plena só era alcançada depois de muito tempo e muita experiência, e que o amor alterava muito as coisas. Mas a verdade é que, quando mamãe falava de satisfação, não explicava muito bem ao que se referia, e a própria Kay também não era muito explícita, a não ser quando repetia frases que lera nos livros. Certa vez, Polly Andrews perguntara se era a mesma coisa sentir-se apaixonada, quando a gente estava namorando (foi quando Polly ficou noiva), e Kay respondera que sim, quase a mesma coisa, porém agora Dottie achava que Kay estava enganada ou, então, ocultava a verdade de Polly por motivos com que não atinava. Dottie já estivera apaixonada várias vezes, quando dançava com alguém muito atraente, por exemplo, mas aquilo era muito diferente do que Dick acabara de explicar. A gente chegava até a pensar que Kay não sabia o que estava dizendo. Ou, então, Kay e mamãe estavam certas, e aquilo que acontecera com Dick era "anormal". E, contudo, ele parecia satisfeito, sentado com tanta calma, fumando tranqüilamente... era provável que, tendo vivido no estrangeiro, ele soubesse muito mais do que mamãe e Kay.

— Que pensas, Boston? — Dottie olhou-o, espantada. — Ser altamente sensual — disse, carinhosamente — é muito bom para a mulher. Não precisa ficar encabulada. — Tomou o cigarro que tinha nas mãos, colocou-o no cinzeiro e segurou-a pelos ombros. — Ânimo, moça — disse. — O que você está sentindo é muito natural. *Post coitum, omne animal triste est*,¹ conforme disse o poeta romano. — Sua mão desceu e aflorou delicadamente a ponta do seio. — Seu corpo a surpreendeu esta noite. É preciso saber destas coisas, ouviu?

¹ Depois do coito, todo animal fica triste. (N. do E.)

Dottie fez que sim com a cabeça.

— Macio — disse ele, apertando o mamilo entre os dedos. — Detumescência, é o que você está sentindo. — Dottie respirou mais rápido, fascinada; todas as suas dúvidas desapareciam. À medida que ele continuava a acariciá-la, o mamilo foi endurecendo. — Tecido erétil — disse ele, informativamente, e tocou no outro seio. — Vê? — perguntou, e os dois olharam para baixo. Ambos os mamilos estavam duros e eretos, com uma auréola de pontos arrepiados e cor-de-rosa. Alguns fios de cabelo preto espalhavam-se pelo peito de Dottie, que esperava ansiosa. Uma onda de alívio invadia seu corpo; aquelas eram exatamente as palavras que Kay costumava usar referindo-se aos livros que consultava. Bem lá no fundo, ela começava a sentir um novo tremor. Seus lábios entreabriram-se. Dick sorriu.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntou. Dottie balançou a cabeça. — Gostaria de repetir? — tornou ele, continuando a acariciar.

Dottie retesou-se e apertou as coxas. Estava envergonhada com a violenta sensação que os dedos exploradores dele lhe provocavam. Mas suas mãos já estavam ali, no ponto em que suas coxas se uniam, e tomando a mão direita de Dottie guiou-a para a abertura do *robe*, apertando-a contra aquela parte de seu corpo, que era flácida, suave ao toque, na verdade, encolhida feito um vermezinho. Sentado a seu lado, Dick olhava-a fixamente, enquanto conservava a mão dela no ponto em que a levava.

— Notou a parte mais saliente! — murmurou. — Passe os dedos para cima e para baixo.

Dottie obedeceu, curiosa, e, aos poucos, sentiu o órgão ir aumentando — fato que lhe deu uma estranha sensação de poder. Lutava contra a excitação que seu dedo indicador provocava nas suas partes externas, mas quando viu que ele a observava atentamente, fechou os olhos e abriu as coxas. Ele libertou-lhe a mão, e ela caiu na cama, suspirando. Seu dedo continuou o trabalho, e ela entregou-se à sensação, toda a atenção concentrada no que sentia e, repentinamente, mergulhou num espasmo nervoso; seu corpo levantou-se numa curva e depois caiu inerte. Quando ele voltou a tocá-la com a mão, murmurou fracamente.

— Não! — virando-se sobre o estômago. Este segundo clímax, que ela reconhecia, depois do primeiro, apesar de diferente, deixava-a sobressaltada e desconcertada; fora menos emocionante e dera-lhe uma sensação semelhante àquela que nos obriga a ir ao banheiro.

— Não gostou? — perguntou ele, virando-lhe a cabeça no

travesseiro, de modo a que ela não pudesse evitar olhá-lo.

Detestou a idéia de que ele vira tudo, todas as suas reações, enquanto fazia "aquilo". Lentamente, Dottie abriu os olhos e resolveu dizer a verdade:

— Não tanto como da outra vez, Dick.

Ele deu uma risada.

— Uma garota normal. Pois muitas preferem assim,

Dottie estremeceu; não podia negar que fora muito excitante, mas parecera-lhe quase anormal. Dir-se-ia que ele lhe lera os pensamentos.

— Será que você nunca fez isto com uma coleguinha, Boston? — E segurou seu rosto, de modo a que ela não pudesse deixar de encará-lo.

— Nunca!

— Pois sua reação foi formidável. E sozinha? — Dottie balançou a cabeça violentamente, a mera sugestão enchia-a de pasmo. — Nem nos sonhos? — Relutante, Dottie concordou.

— Um pouco. Mas nunca até o fim.

— Ricas fantasias eróticas de uma rica e aristocrática menina nascida em Boston — observou Dick, espreguiçando-se. Foi até a cômoda, tirou dois pijamas e jogou um deles para Dottie. — Vista o pijama e vá ao banheiro. A lição de hoje está terminada.

Fechando-se no banheiro, Dottie começou a analisar a situação.

— Quem pensaria? — ruminou, ao mirar-se no espelho. Seu rosto moreno, seu nariz comprido, continuavam iguaizinhos. Contemplando-se naquele pijama positivamente masculino, viu que papai tinha toda a razão quando dizia que ela devia ter sido advogada. Aliás, as colegas do grupo costumavam caçoar de sua aparência robusta, quase masculina. Contudo, tinha aquela covinha delicada no queixo e o prazer que sentia quando dançava. . . chegava até a ter medo de ser uma espécie de *O Médico e O Monstro*. Pensativa, lavou a boca com o dentífrico de Dick e recurvou a cabeça para gargarejar. Retirou o batom com um pouco de papel higiênico e examinou cuidadosamente o sabão usado pelo rapaz, pois sua pele era muito sensível. Tinha de ter muito cuidado, mas era obrigada a concordar que o banheiro estava escrupulosamente limpo e cheio de avisos da senhoria: "Por favor, queira deixar este aposento como gostaria de encontrá-lo. Grata pela cooperação". "Por favor, não deixe de usar o tapete quando tomar banho de chuveiro. Obrigada." A senhoria, refletiu Dottie, devia ser pessoa de idéias muito liberais, se não fazia

objeção a visitas femininas. Afinal de contas, Kay passara fins de semana inteirinhos em companhia de Harald naquela mesma casa.

Preferia não pensar nos hóspedes do sexo feminino que Dick costumava receber, além de Betty, a qual já fora devidamente mencionada. E se ele tivesse trazido Lakey na noite passada, depois de terem levado Dottie em casa? Respirando com força, parou repentinamente na banheira, cerrando os maxilares. Decerto que Lakey não teria deixado ele fazer o que fizera com ela; Dick não teria tido a audácia. Mas aquele era um pensamento bem pouco tranqüilizante para insistir nele. E como soubera Dick que ela deixaria? Havia um detalhe curioso do qual sua mente tentava fugir há tempos: ele nunca a beijara, nem uma única vez. É claro que as explicações podiam ser muitas, talvez não quisesse que ela percebesse o cheiro de álcool, ou, quem sabe, ela mesma não tinha mau hálito? Não, disse Dottie, era preciso deixar de pensar nestas coisas. Uma coisa, porém, era claríssima. Dick fora muito magoado, muito mesmo, repetiu, e por uma mulher ou por várias mulheres. Isso devia ter criado certas reservas dentro dele, pelo menos no que lhe dizia respeito. Se ele não queria beijá-la, o problema era "dele". Sua voz de contralto elevou-se, ao pentear o cabelo com o pente da bolsa:

— Ele é o tipo de homem que precisa de uma mulher como eu.
— Deu um brejeiro passinho de dança, tropeçando ligeiramente no pijama muito comprido, e encaminhou-se para a porta. Apagou a luz e saiu.

Uma vez estendida ao lado de Dick, que dormia profundamente, os pensamentos de Dottie voaram com afeto para sua mãe. Era preciso dormir logo, pois tivera um dia cansativo, e ficar acordada podia prejudicar-lhe a beleza, mas a verdade é que sentia uma quase necessidade de partilhar a experiência recém-adquirida com a pessoa que dizia ser a mais maravilhosa do mundo, que jamais condenava ou censurava e que estava sempre tremendamente interessada pelos problemas dos jovens. Querendo guardar cada detalhe de sua iniciação para contá-la à mãe, tratou de guardar em si todos os aspectos daquele quartinho pobre, perdido numa rua qualquer de Greenwich Village, a lua banhando a cortina marrom, a prancheta de desenho, a única poltrona com sua capa de lona, e o próprio Dick, é claro, um tipo de rosto amargurado e belamente cinzelado, com seu fraseado peculiar. Havia tantos detalhes daqueles três últimos dias que agradariam mamãe: o casamento e a visita que fizera naquela tarde, com Lakey, ao Museu Whitney e, depois, o jantar, em companhia de Dick, no

restaurante italiano, que tinha um salão de bilhar na frente e era todo decorado com garrafas de vinho. E a discussão que surgira entre Lakey e Dick sobre questões de arte e, no dia seguinte, a visita que fizeram ao Museu Moderno, os três novamente, assim como a uma exposição de escultura moderna, e como Dottie nunca suspeitara de que ele estivesse pensando "nela", pois achava que estava fascinado por Lakey (e quem não estava?), e como ainda tinha a certeza desse ponto naquela manhã, quando tinham ido levar a amiga ao navio que a conduziria à Europa, sob o pretexto de que desejava dar o nome de alguns pintores que ela conhecia no Velho Continente. Mesmo quando a convidara, ainda no cais, para jantar no mesmo restaurante italiano, ela ainda pensara que o convite fora tão-somente pelo fato de ser amiga de Lakey. Ficara apavorada com a idéia de ficar sozinha com ele, receando que a considerasse uma chata. Ele estivera muito silencioso e preocupado, até que olhou diretamente em seus olhos e fez a pergunta: "Quer ir até minha casa?" Será que algum dia esqueceria o tom quase indiferente com que ele dissera aquelas palavras?

O que decerto espantaria mamãe era a total ausência de amor de parte a parte. Podia até ouvir o tom de sua voz explicando à sua mãe, miudinha e de olhos brilhantes, que ela e Dick tinham "vivido juntos" em bases completamente diferentes. Dick, pobre coitado, até mesmo o tom de sua voz deixava perceber, ainda estava apaixonado pela esposa divorciada, e, o que era pior (e, neste ponto, Dottie respirou fundo para enfrentar a dura verdade), tremendamente atraído por Lakey, sua "melhor" amiga naquele último ano de estudos. Na imaginação de Dottie, os olhos muito azuis de sua mãe abririam-se desmesuradamente, enquanto seus cachos ainda louros tremeriam de leve, quando ela, curvando-se para a frente, dissesse num tom baixo e reiterante: "É isto mesmo, mamãe. Juro que é verdade. Tremendamente atraído por Lakey. Naquela noite, cheguei à irrefutável conclusão". Esta cena, que sua fantasia ensaiava, teria lugar na salinha de estar particular de sua mãe, na mansão da Chestnut Street, embora, naquela altura do ano, ela já estivesse instalada na casa de campo de Gloucester, onde Dottie era esperada no dia seguinte: a delicada Sra. Renfrew trajaria um vestido de linho irlandês de corte sóbrio, os braços queimados pelo sol apanhado durante horas de prática do golfe, enquanto a própria Dottie usaria um vestido esportivo de cor bem clara. Parou de falar e limpou um cisco imaginário do vestido, esperando que mamãe dissesse alguma coisa. "Estou vendo,

Dottie. *Acho* que compreendo." E as duas começariam a conversar em voz baixa e musical, a de sua mãe um tanto ou quanto *staccato*, a sua um tanto ou quanto arrastada. A atmosfera seria muito séria e ponderada. "Tens a certeza, querida, de que o hímen foi dilacerado?" Dottie balançaria a cabeça enfaticamente. A Sra. Renfrew, filha de um médico missionário, fora inválida na mocidade, o que lhe provocava uma certa ansiedade sobre os aspectos físicos da coisa.

Dottie remexeu-se, inquieta, na cama. "Você vai adorar mamãe", disse para Dick, na imaginação. "É uma pessoa de incrível vitalidade e muito mais atraente do que eu: delicada, com um rosto maravilhoso, olhos azuis, cabelos dourados, ligeiramente grisalhos. Curou-se de uma invalidez quase que somente pela força de vontade, ao conhecer papai, que fora seu colega na universidade, exatamente num ponto em que até os médicos já aconselhavam que abandonasse os estudos. Chegou à conclusão de que uma mulher doente não podia casar e, por essa razão, curou-se. Acredita profundamente no amor, aliás, todos nós acreditamos." Neste ponto, Dottie encabulou e engoliu as últimas palavras. Não podia deixar Dick saber que estava prestes a estragar o seu caso, apaixonando-se por ele, e uma observação como esta poderia ser fatal. Para que ele julgasse que não havia perigo, achou que o melhor seria dizer qualquer coisa que definisse categoricamente sua maneira de pensar. "Eu também sou muito religiosa, Dick", ensaiou com um sorriso de desculpas, "mas acho que sou mais panteísta do que a maioria daqueles que participam intimamente da religião. Adoro a Igreja pelos seus rituais, mas acho que Deus está em qualquer lugar. Minha geração é um pouco diferente da de mamãe. Eu sinto. . . nós todos sentimos. . . que amor e sexo podem ser duas coisas separadas. Não tem de ser, mas podem ser. Não devemos forçar o sexo a fazer o papel do amor, ou vice-versa.. . grande pensamento, não é?", acrescentou nervosamente, com uma risada vazia, quando sentiu que sua argumentação estava falhando. "Um de nossos velhos professores disse a Lakey que é preciso aprender a viver sem amor para poder viver *com ele*. Lakey ficou terrivelmente impressionada. Concorda?" A vizinha de Dottie estava ficando cada vez mais tímida, enquanto expressava, em pensamento, seus princípios filosóficos para o homem deitado a seu lado.

Sua imaginação tivera a audácia de pronunciar para ele o nome de Lakey em conexão com amor, por querer mostrar que não tinha ciúme da beleza morena, como costumava chamá-la, pois não gostava do apelido de Lakey. Uma das coisas que Dottie observara era a

maneira instintiva com que Dick ajeitava a gravata todas as vezes que Lakey se voltava para ele, como um homem que, repentinamente, vê sua imagem refletida num espelho de uma loja qualquer. E a maneira como ele se mantinha sério, ao lado da amiga, sem brincadeiras nem deboches, mesmo quando discordavam seriamente sobre pontos artísticos! Contudo, quando Dottie murmurava várias vezes: "Ela é formidável, não é?", enquanto acenavam do cais para o navio que se afastava, num esforço de ganhar-lhe a confiança e partilhar Lakey entre os dois, ele limitara-se a dar de ombros, como se Dottie o estivesse incomodando. "Um bocado inteligente", retorquirá. na última vez em que Dottie repetira o cumprimento.

Agora que Lakey estava nas frias águas do oceano, e Dottie ali na cama quentinha, ao lado de Dick, tentou esboçar outra teoria. Será que, interrogava-se mentalmente. Dick estava platonicamente apaixonado por Lakey e que com ela a coisa era mais física? Lakey era demasiado inteligente e sabia muitas coisas, mas todo mundo achava que era fria. Talvez Dick gostasse dela como artista, e de Dottie de outra maneira. Mas a hipótese não era muito convincente, apesar do que Dick dissera sobre o seu corpo — o que a surpreendera, na verdade. Kay afirmara que os homens sofisticados cuidam mais do prazer da mulher do que do seu próprio, mas Dick (Dottie tossiu gentilmente) não parecia daqueles que se deixam levar pela paixão, mesmo quando a excitava terrivelmente. Uma fraqueza dominou-a ao pensar em Kay. Esta dir-lhe-ia, de modo brutal, que ela não tinha o "brilho" de Lakey e que, obviamente, Dick a usara como substituta da outra, pois Lakey era um verdadeiro desafio, "muito" bonita e rica, fascinante demais, para perder tempo naquele quartinho mal arrumado. "Jamais Dick desejaria uma garota que pudesse perturbar seus sentimentos", podia ouvir Kay dizer na sua voz alta e dominadora. "Como fatalmente aconteceria com Lakey. Renfrew. Você não passa de limão para ele, válvula de escape para uma noite só." As palavras contundentes esmagaram Dottie com o peso de uma tonelada, pois tinha a impressão de que expressavam a verdade. Kay também poderia dizer que Dottie quisera ser "aliviada" de sua virgindade e que usara Dick como mero instrumento.

Será que o terrível pensamento era verdade? Fora assim que Dick a encarara? Kay fazia muito bem, explicando as coisas com tanta clareza, e o pior de tudo é que estava, como sempre, certa. Ou, pelo menos, sempre "parecera" certa, com aquele seu ar de aparente indiferença quando sabia que estava ferindo as pessoas ou seus sentimentos. No momento em que Dottie ouviu Kay, mesmo em

pensamento, perdeu toda a autoridade e passou a ser a pessoa que Kay determinara que fosse: uma solteirona de Boston ligada por uma "corda de prata" a mamãe. Acontecia a mesma coisa com as mais fracas do grupo. Kay costumava, conforme dissera Lakey certa vez, tomar conta dos assuntos amorosos delas e, depois, devolvia-os devidamente examinados, passados e esterilizados, feito roupa que a gente manda para a lavanderia. Fora o que acontecera com o noivado de Polly Andrews. O rapaz com quem ela ia casar tinha alguns casos de loucura na família, e Kay mostrara tantos livros e gráficos sobre hereditariedade à pobre Polly que esta desmanchara o noivado, tivera um colapso nervoso e fora levada às pressas para uma clínica. E é claro que Kay estava certa: ninguém podia imaginar que o Sr. Andrews deixasse sua filha casar com o membro de uma família cheia de casos de esquizofrenia e coisas semelhantes. Kay aconselhara Polly a viver com o rapaz, já que ela o amava, e a procurar, mais tarde, outro para marido, no momento em que desejasse ter filhos. Mas Polly não tivera coragem, apesar de o desejar tremendamente. O grupo inteiro, exceto Lakey, era da mesma opinião de Kay, mas ninguém tivera a coragem de dizer a coisa francamente. Em geral, acontecia assim: Kay dizia à vítima aquilo que os outros andavam cochichando pelos corredores.

Dottie suspirou. Preferia que Kay jamais descobrisse o que houvera entre ela e Dick. Mas, provavelmente, isso era inevitável, pois Dick era íntimo amigo de Harald. Não que Dick fosse contar alguma coisa, pois era um cavalheiro e tinha-lhe muita consideração; o mais provável é que a própria Dottie contasse tudo, porque Kay era excelente para ajudar os outros a solucionar certos problemas. Enfim, a coisa se resumia no seguinte: contava-se sempre tudo a Kay, desejando-se ouvir sua opinião mais do que "não" querendo ouvi-la. Tinha-se medo de ter medo da verdade. Além disso, Dottie percebia, não podia contar tudo aquilo a mamãe, já que, afinal de contas, mamãe era de outra geração e não encarava as coisas como Dottie, não obstante sua maneira liberal de encarar as verdades da vida. A verdade, em se tratando da própria filha, poderia deixá-la amedrontada e infeliz. Havia de querer conhecer Dick e, então, papai também o conheceria e começaria a pensar em casamento, coisa completamente fora de cogitação. Dottie tornou a suspirar. Sabia que tinha de contar a alguém — não os detalhes mais íntimos, é claro, mas somente o espantoso fato de que perdera sua virgindade —, e esse alguém tinha de ser Kay.

Então, Kay conversaria a seu respeito com Dick. Era isso que

Dottie mais temia; não podia suportar o pensamento de Kay dissecando-a, analisando-a, explicando seu caso clínico e falando dos clubes que mamãe freqüentava e dos negócios de papai e da exata posição social que ocupavam em Boston, detalhe sobejamente apreciado por Kay. Um ar brejeiro brilhou no rosto de Dottie; Kay não passava de uma inocentona, no que se referia ao conhecimento de clubes elegantes e fechados, apesar de discorrer sobre o assunto com ares de grande dama. Era preciso alguém dizer-lhe que só gente chata, ou então novos ricos, é que se preocupavam com essas coisas, em nossos dias. Pobre e honesta Kay: cinco vezes, relembrou Dottie, antes de ser penetrada, e tanta dor e tanto sangue. Não fora Lakey quem dissera certa vez que Kay lembrava um pequeno búfalo? O sexo, opinou Dottie, era uma questão de acompanhar o homem. . . como na dança. Aliás, Kay era uma péssima dançarina, e, volta e meia, tentava conduzir o par. Mamãe está muito certa, disse para si mesma, confiante, quando o sono já quase a dominava: é um grande erro induzir as moças a dançarem umas com as outras, como costumam fazer, para treinamento, em colégios de segunda categoria.

— Não esqueça de comprar um pessário — murmurou Dick, amolado, enquanto a empurrava gentil mas firmemente para a porta, na manhã seguinte; as palavras explodiram nos ouvidos de Dottie, enchendo-a de confusão.

Assustada, começou a pensar naquelas coisas que tinham lido em Vassar no livro de Krafft-Ebing. Evidentemente, Dick a odiava pelo que acontecera entre eles na noite anterior; Kay dizia sempre que alguns homens eram assim depois de terem dado vazão às suas paixões, "uma pitada de espírito num desperdício de vergonha". Haviam comido uma primeira refeição das mais insípidas que se possa imaginar, refeição que ele mesmo preparara — recusando sua ajuda — num fogareiro que ficava dentro do armário embutido. Ovos mexidos, café e o resto de um pão da véspera, nenhuma fruta ou suco de qualquer espécie. Mal falaram enquanto comiam e, em seguida, ele oferecera-lhe a primeira parte do jornal e continuara sentado, bebericando o café e lendo a parte esportiva, os anúncios e os classificados. Quando ela tentou oferecer a parte noticiosa, ele repeliu-a impacientemente. Contudo, até aquele momento, ela continuava repetindo para si mesma que talvez ele tivesse saído da cama "com o pé esquerdo", como costumava dizer mamãe todas as vezes que papai acordava casmurro. Agora, via que era inútil continuar fingindo, pois sabia que o perdera para sempre. De roupão, cabelos despenteados e um sorriso cruel e amargo no rosto, lembrava-lhe alguém. Hamlet — é claro — afastando Ofélia de sua presença: "Vai para um convento, Ofélia, pois não te amo." No entanto, ela não poderia dizer, como Ofélia: "Eu sou a mais desiludida de todas" (a frase mais patética de toda a peça, decidira a classe), pois Dick jamais a iludira; ela é que tentara enganar-se. Olhou para ele fixamente, engolindo com dificuldade, e uma lágrima correu de um dos seus olhos.

— Um preservativo para mulheres, um anticoncepcional — explodiu Dick, impaciente. — É só pedir a um ginecologista. Peça explicações a sua amiga Kay.

A compreensão encheu-lhe o coração de alívio. Numa pessoa como Dick, dizia seu instinto feminino, aquilo era quase uma declaração de amor. Mas seria um erro mostrar a um homem que duvidara dele, ainda que por segundos.

— Sim, Dick — murmurou, enquanto sua mão torcia a maçaneta, e seus olhos diziam-lhe suavemente quão profundo e reverente era aquele momento, uma espécie de mútua garantia. Felizmente, Dick não poderia imaginar o susto que ela sofrera quando ouvira a palavra preservativo! O ar de felicidade que brilhou em seu rosto fez com que ele movesse uma sobancelha e franzisse a testa.

— Eu não a amo, você sabe muito bem disso, Boston — disse ele com veemência.

— Bem sei, Dick — replicou ela.

— E você precisa prometer que não vai se apaixonar por mim.

— Sim, Dick — repetiu Dottie, mais fracamente.

— Minha mulher costuma dizer que eu sou um miserável filho da mãe, mas mesmo assim ela gosta de mim. Você precisa aceitar essa verdade. Se serve assim, não faça cerimônia.

— Serve, Dick — respondeu Dottie com voz fraca, mas bem clara.

Dick deu de ombros:

— Não acredito em você, Boston. Mas vamos tentar. — Um sorriso meditativo bailou em seus lábios. — A maioria das mulheres não me acredita, quando estabeleço minhas condições. Depois, magoam-se. Bem lá no fundo das cabecinhas, todas pensam ter um plano para me fazer apaixonar por elas. E eu não me apaixono.

Um quase desafio iluminava os olhos de Dottie.

— E que tal Betty?

Ele indicou a fotografia com a cabeça:

— Você pensa que eu a amo? — Dottie fez que sim. Ele ficou muito sério. — Olhe — exclamou, — eu gostei de Betty mais do que qualquer outra mulher, e ainda hoje sinto uma coisa completamente diferente por ela. . . se isto é amor?! — Dottie baixou os olhos e balançou a cabeça. — Mas acontece que eu não mudaria minha vida de jeito nenhum e, por causa disso, Betty desapareceu. Não posso culpá-la, faria a mesma coisa se fosse igual a ela. Betty é mulher da cabeça aos pés. Gosta de dinheiro, de variar, de divertir-se, de ter muitas coisas, roupas, jóias. — Dick esfregou o queixo com o dedo polegar, como se estivesse tentando resolver um quebra-cabeça. — Eu detesto tudo isso. É engraçado, porque você vai pensar que eu detesto estas coisas por elas significarem estabilidade, não é mesmo? —

Dottie concordou. — Mas acontece que eu gosto de estabilidade, aí é que nasce a confusão! — Estava tenso, e suas mãos comprimiam-se nervosamente enquanto falava. Ante os olhos de Dottie, Dick aparecia repentinamente como um garoto assustado com o futuro e que admite bater um papo com a mamãe.

— Eu gosto de levar uma vida de homem — disse ele. — De um bar, de vida ao ar livre. De pescar e caçar. Gosto de conversar com homens, uma conversa daquelas sem finalidade, que vai e vem. É por causa disso que eu bebo. Dei-me muito bem em Paris, com aquela multidão de pintores, jornalistas e fotógrafos. Eu sou um exilado de nas-cença, basta ter um dinheirinho miúdo no bolso e estou satisfeito. Como pintor, jamais passei de um borra-tintas de terceira categoria, mas acontece que posso desenhar bastante bem e ganhar um dinheirinho honesto assim. Mas detesto mudanças, Boston, e jamais mudarei. É por isso também que jamais acertarei com uma mulher. As mulheres esperam que uma ligação vá ficando cada vez melhor e mais íntima e mais profunda e, quando não é assim, elas acham que está tudo errado. Achem que, se eu durmo mais de uma noite com elas, estou ficando apaixonado e que, se não me apaixono então, é por estar cansado delas. Para mim, porém, é a mesma coisa. Se gosto da coisa na primeira vez, então sei que vou continuar gostando. Gostei de você ontem à noite e vou continuar gostando de todas as vezes que você quiser voltar. Mas não fique com a idéia de que vou gostar mais do que isto.

Um tom truculento dominara-lhe a voz ao pronunciar as últimas palavras; Dick ficou ali, parado, olhando para baixo, para ela, muito firme. Dottie alisou a gola do roupão que ele usava.

— Está bem, Dick — murmurou.

— Quando você decidir, pode trazer suas coisas pra cá que eu cuido delas. Depois de ir ao médico, telefone-me.

Um hálito de álcool, remanescente da noite anterior, atingiu-a bem no rosto, e Dottie recuou um passo. Quisera conhecer Dick melhor, mas agora, repentinamente, sua estranha filosofia de vida dera-lhe uma sensação desagradável. Em que lugar o colocaria durante aquele verão, por exemplo? Ele parecia não compreender que ela tinha de ir para Gloucester, como sempre fizera. Se estivessem noivos, ele poderia visitá-la, mas é claro que não estavam e jamais estariam, pois fora isso mesmo que ele dissera nos minutos anteriores. Para seu horror, agora que ele dissera que só a desejava dentro de suas condições, Dottie foi assaltada por outros pensamentos: e se tivesse perdido sua virgindade com um homem que tinha medo dela e que, de acordo com

sua própria descrição, parecia ser uma boa bisca? Por momentos, Dottie sentiu-se encurralada, mas sua educação lhe instilara o princípio de que é sinal de alto nascimento concordar com o fato de que, às vezes, a gente se engana em relação a uma pessoa.

— Não posso sair com você — disse ele, gentilmente, como se estivesse lendo-lhe os pensamentos. — Tudo o que posso fazer é convidá-la a vir até aqui todas as vezes que você vier a Nova York. O cicerone amável desapareceu. Tudo o que eu tenho para oferecer é a minha cama. Não costumo freqüentar teatros nem boates, e raramente vou a restaurantes. — Dottie abriu a boca, mas Dick sacudiu a cabeça. — Não gosto de mulheres que pagam as minhas contas. O que consigo com meus cartões postais e meus cartazes dá para pagar minhas necessidades: lavagem de roupa, contas de bar e um pouco de comida enlatada. — As mãos juntas de Dottie fizeram um gesto de pena e remorso; esquecera que ele era pobre, uma das razões principais, certamente, pela qual preferia evitar vê-la... era o orgulho que o fazia falar assim. — Não se preocupe — tranqüilizou-a Dick. — Eu tenho uma tia muito rica, que, de vez em quando, manda-me um cheque bem polpudo. Algum dia, se eu viver o bastante, serei seu herdeiro. Mas detesto ter muito dinheiro, Boston. . . e queira perdoar se penso em você genericamente. Detesto aquela força que leva os homens a desejarem a riqueza. Tenho o maior desprezo pela sociedade em que vivemos.

Dottie achou que era hora de apresentar uma suave admoestação e, além disso, achava que a tia de Dick não aprovaria seus pontos de vista.

— Mas, Dick — disse calmamente —, existem posses certas e erradas. Se todos pensassem como você, a humanidade jamais progrediria. Ainda viveríamos em cavernas. Nem a roda teria sido inventada! As pessoas precisam de um incentivo na vida, talvez não um incentivo monetário. . .

Dick riu:

— Você deve ser a quinquagésima mulher que me diz a mesma coisa. É preciso creditar a educação universal, visto que, toda vez que uma pequena encontra Dick Brown, começa logo a falar na roda e nos níveis sociais. Até mesmo uma prostituta francesa usou as mesmas expressões.

— Adeus, Dick — disse Dottie, rapidamente. — Não posso continuar ocupando seu tempo, você precisa trabalhar.

— Não quer ficar com meu telefone? — perguntou ele

balançando a cabeça numa reprovação divertida.

Em silêncio, ela estendeu-lhe o pequeno livro de endereços, encadernado em couro azul, onde ele escreveu o nome e o telefone da senhoria, usando um grande lápis de desenho. — Adeus. Boston. — Segurou-lhe o queixo pontudo entre os dedos e sacudiu-lhe o rosto distraidamente. — Não se esqueça: nada de bobagens. Nada de apaixonar-se.

Apesar do aviso e de ter concordado plenamente, o coração de Dottie pulsava de alegria, três dias depois, enquanto esperava ser atendida pelo médico, tendo Kay Petersen a seu lado. As ações falam mais alto do que as palavras, e a única verdade, não importando o que ele pudesse dizer, é que Dick a mandara àquele médico de senhoras, a fim de receber a proteção indispensável do tal "anel" ou coisa que o valha. Com o cabelo recentemente penteado e um ar de satisfação completa, ela tinha um olhar que expressava a tranquilidade de uma matrona feliz, quase como mãe e suas amigas. O conhecimento dos fatos é que lhe dava tal aspecto. Kay quase não acreditara, mas Dottie, por iniciativa própria, procurara um serviço dedicado ao problema do controle de nascimentos, onde recebera o nome de um médico e uma série de panfletos que descreviam uma longa série de artigos — tampões, esponjas, botões, anéis de seda — e as respectivas virtudes e desvantagens de cada um. O preservativo recomendado a Dottie tinha a aprovação de todos os médicos dos Estados Unidos, fora inventado por Margaret Sanger, na Holanda, e agora estava sendo importado, pela primeira vez, em escala comercial: em breve, nossas fábricas poderiam fabricar artigos semelhantes. O artigo combinava um máximo de proteção com um mínimo de inconveniência e podia ser usado por qualquer mulher de inteligência normal ou superior, de acordo com as instruções de um médico qualificado.

O artigo, uma tampa de borracha montada numa espécie de mola, era fabricado em vários tamanhos e seria experimentado na vagina de Dottie até que fosse encontrada a medida exata, tal como se faz com as lentes, quando há necessidade de usar óculos. O especialista faria a introdução e, tendo verificado o tamanho exato, ensinaria Dottie a colocar o preservativo, untado com geléia anticoncepcional, como agachar-se na posição devida, segurando o preservativo entre o dedo indicador e o polegar da mão direita, enquanto separava os *lâbia majora* com a mão esquerda, para introduzir o protetor, colocando-o no devido lugar, e para, seguindo com o dedo médio da mão direita, localizar a cervix ou a parte mole do colo do útero e ter a certeza de que o mesmo estava realmente protegido pela capa de borracha.

Depois de o processo ter sido ensaiado várias vezes, até receber a aprovação do médico, Dottie aprenderia quando e como deveria fazer suas lavagens, quanta água usar, a altura adequada em que deveria ficar a bolsa de água e como deveria segurar firmemente os lábios em torno do bico lubrificado, de maneira a obter os melhores resultados. Quando saísse do consultório, a enfermeira dar-lhe-ia um envelope de papel manilha contendo um tubo de geléia vaginal e uma pequena caixinha contendo o preservativo pessoal de Dottie. A enfermeira também ensinaria como manter o artigo devidamente limpo: lavando-o depois de cada uso, secando-o cuidadosamente e cobrindo-o de talco antes de guardá-lo no estojo.

Kay e Harald quase desmaiaram, quando souberam o que Dottie andara fazendo em suas costas. Ela os visitara no apartamento que ocupavam, levando uma cremeira de prata como presente de casamento, o tipo de coisa que somente uma tia solteirona pensaria em dar, além de um belo ramo de peônias brancas. Kay não conseguiu furtar-se ao pensamento de que, com o dinheiro gasto no presente, ela poderia ter comprado algo bem mais útil e bonito na moderníssima loja Jensen de artigos dinamarqueses. Então, enquanto Harald ia para a cozinha iniciar o preparo do jantar (uma nova espécie de comida enlatada), Dottie, muito calmamente, contava toda a história, pois Kay já perguntara se era amante de Dick Brown e como conseguira pescá-lo. Partindo de Dottie, a expressão adaptava-se muito bem, e Kay registrou-a para, mais tarde, contar a Harald. A coisa acontecera, parece, na noite anterior, no estúdio de Dick e, naquela mesma manhã, Dottie procurara um serviço de controle de nascimentos e tinha obtido todas as explicações necessárias, carregando a respectiva literatura na bolsa. Kay ficou sem saber o que dizer, mas seu rosto devia ter demonstrado o espanto que a dominava. Chegou a pensar que Dottie estava maluca. Debaixo de toda a máscara de virilidade que usava, Dick Brown não passava de uma personalidade complexa — pelo menos era assim que Harald o definia —, um dipsomaniaco e violento misógino, com um tremendo complexo de inferioridade, devido ao que acontecera com sua esposa grã-fina. "Seus" motivos eram óbvios: estava usando Dottie para vingar-se, perante a sociedade, dos males que julgava haver recebido. Kay mal podia esperar para ouvir os comentários que Harald faria a respeito do caso, quando estivessem a sós. Mas, a despeito de sua impaciência, convidou Dottie para cear em sua companhia, com grande surpresa de Harald, quando o soube, ao voltar à sala com a bandeja de bebidas: depois de Harald sair para o teatro, Dottie poderia contar mais coisas.

— Eu tenho de perguntar tudo — desculpou-se Kay em voz baixa, quando foi apanhar qualquer coisa na cozinha. Colou os lábios no ouvido do marido e disse: — Aconteceu uma coisa horrível, e nós somos os responsáveis! Dick Brown seduziu a pobre pequena.

Contudo, todas as vezes que olhava para Dottie, sentada na sua própria sala de estar, tão calma e convencional no seu colar de pérolas e elegantíssimo vestido de algum grande costureiro, bebendo um coquetel Clover Clube numa das tacinhas de Russel Wright e limpando os excessos com um guardanapinho, não podia imaginá-la na cama com um homem. No entanto, era verdade que, certa vez, Harald dissera que ela era bastante apetitosa, com seu ar meio pesado, seus olhos castanhos e amigáveis e sempre sorridentes. O que Harald não percebera é que o efeito era obtido principalmente pelo uso das roupas, adequadas, pois, graças a uma mãe muito inteligente, Dottie vestia-se à perfeição, aliás era a única em Vassar, do contingente de grã-finas que viera de Boston, que sabia usar outra coisa que não fossem saias pesadonas de casimiras e sapatos baixos, coisa que as fazia parecer sempre com governantas endomingadas. Mas, de acordo com outra observação de Harald, seu busto volumoso, sempre destacado pelo inteligente corte das blusas, revelava grande sensualidade. Provavelmente, era significativo. Kay não podia negar que fora o próprio Dick, ao que parecia, quem sugerira que ela procurasse um médico para obter um preservativo!

— Ele disse que você me consultasse? — repetiu Kay, espantada e um tanto envaidecida, depois de Harald ter partido, enquanto lavavam os pratos. Sempre tivera a impressão de que Dick não gostava dela. A verdade é que, apesar de saber tudo a respeito de anticoncepcionais e preservativos, não possuía um sequer. Com Harald, sempre usara supositórios e embaraçava-a um pouco ter de confessá-lo a Dottie, que, em apenas uma noite, parecia ter-lhe tomado uma tremenda dianteira. . . Invejou a iniciativa de Dottie em ter ido ao órgão controlador de nascimentos, pois ela como solteira jamais teria tido a coragem de fazê-lo. Dottie queria saber se era bom sinal Dick ter-lhe dado aquele conselho, e Kay achou que, pelo menos na aparência, a coisa era prometedora. Dava, sem dúvida, a impressão de que Dick esperava dormir regularmente com ela, se é que ela achava "aquilo" bom. Examinando as próprias emoções, Kay descobriu que estava um tanto ou quanto intrigada: ficou imaginando se Dottie seria melhor do que ela na cama. Contudo, a varanda obrigou-a a dizer a Dottie que, se a ligação fosse apenas um caso de interesse passageiro e unilateral, Dick certamente usaria camisa-de-

vênus (tal como Harald fazia inicialmente), ou então praticaria o *coitus interruptus*.

— Ele deve gostar de você, Renfrew — declarou, sacudindo o pano de prato. — Pelo menos, deve estar interessado.

O veredicto de Harald foi o mesmo. Sentadas no andar superior de um ônibus, na Quinta Avenida, a caminho do consultório médico, Kay repetiu a Dottie o que Harald lhe dissera sobre as práticas anticoncepcionais, as quais, explicou, eram como quaisquer outras práticas... o código a seguir elevava-se de acordo com as realidades sociais. Era preciso encarar a coisa em termos econômicos. Um homem de honra (coisa que, na opinião de Harald, Dick era) não forçaria uma moça a gastar o dinheiro da consulta, do preservativo, da geléia e dos apetrechos de lavagem, a não ser que planejasse dormir com ela um tempo mais ou menos longo, que recompensasse o investimento. Sobre este ponto, Dottie podia ficar completamente tranqüila. Um homem que só estivesse interessado num prazer momentâneo teria preferido comprar um desses protetores de borracha que são vendidos às dúzias nas farmácias, embora assim seu prazer fosse muito menor, mas, pelo menos, não manteria nenhuma ligação com a moça. As classes mais baixas, por exemplo, jamais transferem a carga da anticoncepção para a mulher, isso é uma típica descoberta da classe média. Um operário ou bem é indiferente ao perigo da concepção, ou então desconfia demasiado da mulher para deixar o problema em suas mãos.

Essa desconfiança, disse Harald, arraigada na natureza do homem, faz com que até os indivíduos da classe média e os profissionais tenham receio de recomendar às mulheres o uso de preservativos, por não confiarem em que seus conselhos sejam seguidos. Muitos casamentos apressados resultam do fato de certos homens confiarem em que, realmente, a mulher tratou de munir-se de meios anticoncepcionais. Depois, era preciso encarar o próprio aparelho em si. A moça solteira, que vive com a família, precisa de um lugar secreto para guardar o preservativo, assim como a seringa de lavagem, de maneira a que sua mãe não os possa encontrar. Isso significa que o homem, a não ser , que seja "casado", tem de guardá-los. Assim, a guarda destes artefatos torna-se quase um dever sagrado. E, se o homem for aquilo que se chama de cavalheiro, ele terá todo o cuidado para que outras mulheres, que porventura o visitem, não possam tocar no preservativo "dela".

Em se tratando de um caso com uma mulher casada, se a coisa for séria, a situação é a mesma: ela terá de comprar mais um

preservativo e outro aparelho de lavagem, os quais guardará no apartamento do amante, onde os mesmos exercerão uma ação coerciva, no caso de ele resolver traí-la. Um homem a quem seja confiado um equipamento assim tão importante está obrigado, por assim dizer, e nas palavras de Harald, às mesmas obrigações de um empregado de banco: quando resolve ter relações com outra mulher, terá de fazê-lo na casa dela ou, então, num hotel, ou até mesmo num carro de praça. . . um local não consagrado pelos sagrados objetos. Do mesmo modo, uma mulher casada consagra sua devoção entregando o preservativo ao amante, pois somente uma mulher casada de qualidades morais as mais desprezíveis usaria o mesmo preservativo com o marido e com o amante. Enquanto um homem tiver sob sua guarda o preservativo da amante, tal como os cavaleiros medievais conservavam a chave do cinto de castidade de sua bem-amada, poderá ter certeza de que ela lhe é fiel. Mas, às vezes, isto não constitui suficiente garantia. Segundo contou Harald, certa esposa muito dada a aventuras tinha preservativos espalhados pela cidade inteira, como um marinheiro que tem uma mulher em cada porto, enquanto o pobre do marido, um atarefadíssimo diretor teatral, certificava-se do bom comportamento da esposa, examinando todos os dias a pequena caixinha cuidadosamente guardada no armário dos remédios, onde era mantido o preservativo, devidamente polvilhado de talco.

— Harald conhece um bocado o assunto, não é? — comentou Dottie, com uma piscadela maliciosa.

— Estou estragando tudo — replicou Kay. — Da maneira como Harald falou, você daria logo às coisas os seus devidos valores. O fetichismo dos valores adequados. Eu disse até que ele devia escrever um artigo para o *Esquire*; eles publicam coisas muito boas. Não acha que ele devia aceitar minha idéia?

Dottie não sabia o que responder: o modo de Harald encarar o problema era um bocado "desagradável", tão frio e cerebral, apesar de mostrar muito conhecimento sobre o assunto. Era, por certo, um ângulo muito diferente daquele que a gente absorve nos tais folhetos sobre controle de nascimento.

Além disso, observou Kay, o destino do preservativo e do aparelho de lavagem passava a ser um problema muito desagradável, quando ocorresse o rompimento de uma ligação. O que faria o homem daquelas "reliquias higiênicas" depois que ele, ou a mulher, resolvessem terminar tudo? Era impossível devolver os objetos pelo correio, como cartas de amor ou o anel de noivado, apesar de, segundo informava Harald, ele saber de alguns camaradas positivamente

grosseiros que tinham agido assim. Por outro lado, seria impossível jogar os artigos na cesta dos papéis, onde seriam encontrados pelo encarregado ou pela senhoria; além disso, quando queimados no incinerador, produziriam um cheiro desagradabilíssimo, e, pior ainda, seria o fim guardá-los para outra mulher. Era possível ao homem empacotar as coisas num saco de papel e tentar livrar-se de tudo numa cesta de lixo, dessas encontradas nas calçadas, pelo menos num ponto da cidade pouco movimentado, mas, os amigos de Harald que tinham recorrido a tal expediente, passaram pelo dissabor de serem abordados pela polícia, talvez pelo fato de agirem furtivamente. Tentar livrar-se do pessário de uma mulher ou da seringa de lavagem, o "corpo de delito" de um caso amoroso, era o mesmo, segundo Harald, que livrar-se de um cadáver.

— Eu acho que se poderia fazer como os assassinos nas novelas policiais, ou seja, depositar tudo no balcão de bagagens da estação de estrada de ferro e depois jogar o talão fora.

Kay soltou uma sonora gargalhada, mas Dottie sentiu um calafrio. Viu que não seria nada engraçado enfrentar o problema, no caso de acontecer alguma coisa entre ela e Dick, pois, todas as vezes que pensava nas complicações em que a gente se mete por causa de um caso de amor secreto, chegava a pensar em abandonar tudo e ir para casa. E toda aquela conversa de Kay, cheia de cinismo e crueza, apesar de seu fundo de verdade, parecia propositadamente calculada para desanimá-la.

O resultado, continuou Kay, era que nenhum solteiro, que tivesse a cabeça no lugar, mandaria uma mulher ao médico em busca da proteção adequada, se não estivesse bem intencionado a seu respeito. A dificuldade só existia, é claro, em relação a respeitáveis senhoras casadas ou, então, a moças boazinhas que vivessem em companhia dos pais ou de colegas. Havia o caso de outras mulheres, mais felizes, mulheres divorciadas ou completamente livres, que trabalhavam fora, que viviam à custa de seus próprios salários, que não tinham de dar satisfações a ninguém e que guardavam seu equipamento no banheiro, bem à vista de todas as pessoas que as visitavam. Um certo amigo de Harald, diretor teatral veterano, dava sempre um jeitinho de ir ao banheiro das mulheres que visitava pela primeira vez: se encontrava um pessário e uma seringa de lavagem, então sim. . . tratava de dar entradas para as suas peças.

Desceram do ônibus no fim da Quinta Avenida. As manchas do rosto de Dottie estavam bem visíveis, como acontecia todas as vezes que ficava nervosa. Kay mostrava-se muito compreensiva. Aquele era

um grande passo para Dottie; tentara transmitir-lhe um pouco de entusiasmo, mostrando que a coisa não se limitava à perda da virgindade. Para uma mulher casada, naturalmente, seria diferente, e Harald chegara à conclusão de que ela devia aproveitar a oportunidade e marcar uma consulta com o médico que fora indicado a Dottie. Ele e Kay detestavam crianças e não pretendiam ter nenhuma, pois Kay observara em sua própria família como a presença dos filhos pode tirar toda a alegria do casamento. A verdadeira tribo de irmãos e irmãs que tinha obrigado seu pai a trabalhar como um mouro; se não tivesse tantos filhos, teria podido ser um médico famoso, dedicado a uma especialidade rendosa, e não um médico do serviço público, encarregado da ala de um hospital municipal, apesar dos belíssimos estudos que realizara no campo da ortopedia e do soro para a meningite. Pobre papai! Como lutara para poder mantê-la em Vassar! Ela era a mais velha e a mais brilhante de todos os irmãos e achava que o velho queria que tivesse as oportunidades que o destino lhe negara. Até hoje, ele continuava a receber insistentes convites de grandes laboratórios, mas a verdade é que, como dizia, estava velho demais para aprender. Tivera um gesto de fabulosa nobreza, enviando um polpudo cheque como presente de núpcias, e ela e Harald quase choraram quando viram a quantia, muito mais dinheiro do que ele e mamãe teriam gasto em condução e hospedagem, se tivessem vindo assistir pessoalmente ao casamento. Aquilo era uma declaração de fé, dissera Harald, e, assim, os dois tinham decidido não trair a confiança manifestada pelo velho tendo uma récu de filhotes, pois o mais importante era que Harald firmasse seu nome no teatro. Aliás, o palco — estranha coincidência! — era uma das grandes paixões de papai; ele e mamãe iam assistir a todas as companhias que passavam por Salt Lake City e, quando visitavam Nova York, por ocasião de congressos médicos, iam ao teatro quase todas as noites. Mas nada de revistas: o autor favorito de papai, depois de Shakespeare, era Bernard Shaw. Harald dissera que seria uma grande idéia se ela guardasse todos os programas das peças que viam, a fim de mandá-los para os velhos, pois aquilo seria uma espécie de vínculo entre eles.

Papai, como todos os médicos modernos, acreditava no controle de natalidade e achava que todos os criminosos ou desajustados deviam ser cientificamente esterilizados. Certamente aprovaria o que Kay estava fazendo no momento. O que pensaria sobre Dottie, isso era outro assunto. Kay, por exemplo, ficara horrorizada ao saber que Dottie marcara a consulta em seu próprio nome: "Dorothy Renfrew", sem nem ao menos acrescentar um "senhora". Parecia que pensava

estar vivendo na Rússia ou na Suécia, em lugar de nos velhos Estados Unidos. Muita gente, que pouco ligaria ao fato de ela ter ido para a cama com Dick (coisa que acontecia nas melhores famílias), a olharia de soslaio, se soubesse o que estava fazendo naquele minuto. As coisas que a gente faz entre quatro paredes não interessavam a ninguém, mas agora. . . era como praticar um atentado à moral pública! Kay olhou, apreensiva, para os lados; a gente nunca sabe quem está à espreita num ônibus ou táxi que passa. Estava ficando nervosa por causa de Dottie e embirrava cada vez mais com Dick. Harald jamais a teria submetido a um martírio daqueles. Depois da primeira vez, ele mesmo fora a uma farmácia e comprara-lhe alguns supositórios e uma seringa de lavagem, de borracha, além de um preparado especial; assim, ela não tivera de sofrer a humilhação de enfrentar o farmacêutico. Kay segurou firmemente o braço de Dottie, quando as duas atravessavam a rua; detestava a recordação do momento em que resolvera convidar Dick para o casamento, principalmente por saber muito bem como ele era. Imaginem só se a polícia resolvesse varejar o consultório do médico e se, depois, os jornais publicassem os nomes das clientes! A família de Dottie "morreria" de vergonha e jogaria toda a culpa nos ombros dela, Kay, que era considerada "avançada" entre as famílias das colegas. Achava que estava fazendo um grande sacrifício, acompanhando Dottie ao médico, a fim de dar-lhe algum conforto moral, apesar de Dottie ter insistido sobre o fato de o controle de natalidade ser coisa perfeitamente legal e aprovada pelas autoridades competentes, graças a uma decisão do Supremo Tribunal, o qual permitira aos médicos receitarem anticoncepcionais para a prevenção ou cura de certas moléstias. Quando tocaram a campainha da porta do médico, Kay foi obrigada a rir, ao ver a expressão muito compenetrada estampada no rosto de Dottie. O consultório do ginecologista fora mobiliado com uma simplicidade quase espartana, lembrando o quartel-general de uma seita missionária; continha um único sofá de forro muito simples e algumas cadeiras de encosto reto, alinhadas junto às paredes escuras; uma pilha de revistas especializadas e alguns números atrasados de revistas de modas. Nas paredes, várias litografias mostrando casas de cômodos apinhadas de crianças raquíticas, e outra de um hospital do passado, no qual se viam várias mulheres, com os filhos recém-nascidos ao lado, morrendo de febre puerperal. . . conforme cochichou Dottie. Havia uma espécie de quietude religiosa no ambiente, quietude aumentada pela completa ausência de qualquer equipamento de fumo e pelo barulhinho monótono de um ventilador. Kay e Dottie, que

tinham automaticamente retirado as cigarreiras da bolsa, ao observarem a falta de cinzeiros, desistiram de fumar. Duas outras pacientes aguardavam a vez, lendo revistas médicas. Uma delas, magra, com cerca de trinta anos, tinha as luvas de algodão pousadas no colo e não usava aliança, detalhe para o qual Dottie, silenciosamente, chamou a atenção de Kay. A segunda paciente, que usava óculos sem aro e um costume de casimira pesada, era quase de meia-idade. A visão das duas mulheres, cujos tipos estavam bem distantes daquilo a que se convencionou chamar beleza, assim como os das litogravuras penduradas nas paredes, fez com que Kay pensasse que o médico "não devia ser dos melhores", coisa que a elite de Salt Lake City costumava dizer de seu pai. Sem querer, ficou um pouco encabulada pela maneira quase leviana com que falara sobre o controle de natalidade, apesar de estar, tão-somente, reproduzindo as palavras de Harald. "Estendam suas antenas, minhas meninas", era o ditado favorito de um dos seus mais queridos mestres, e Kay, lembrando-se dos muitos clientes de caridade do pai, percebeu que ela e Dottie iam ser o único lucro daquele médico em mais uma miserável jornada de trabalho.

O que não podia recordar, apesar de Harald viver repetindo-lhe a frase, era que ela e as amigas não contavam mais, a não ser como indivíduos, no vasto quadro da sociedade americana, exemplificada pelas duas mulheres sentadas naquela sala de espera. Na noite anterior, depois de terminado o espetáculo, quando os três tinham ido tomar uma cerveja num barzinho discreto, Harald explicara tudo aquilo a Dottie. A transferência do poder financeiro de Threadneedle Street para Wall Street fora um evento na história mundial, comparável à derrota da Grande Armada espanhola, que marcara o início da idade do capitalismo. Quando Roosevelt, recentemente, alterara o padrão ouro, realizara uma espécie de declaração de independência em relação à Europa e o advento de uma era mais moderna e mais flexível. A NRA e a águia eram os símbolos da chegada de uma nova classe ao poder. Sua classe, dissera às moças, acima da classe média, estava acabada, política e economicamente; seus melhores elementos se misturariam com a classe em ascensão, a classe dos trabalhadores, dos camponeses e dos técnicos, da qual, como técnico teatral, ele era um dos elementos. Vejam o teatro, como exemplo. Nos dias do grande Belasco, o diretor era uma espécie de rei; hoje em dia, o diretor depende, em primeiro lugar, daqueles que financiam seu espetáculo, em segundo lugar, e muito mais importante, do eletricitista, que pode consagrar ou arrasar uma peça, tão-somente

pela maneira com que manipula as luzes; atrás de cada grande diretor há sempre um gênio-eletricista, como atrás de cada diretor de cinema há um gênio da câmara. A mesma coisa sucedia em relação ao rádio: eram os técnicos, os encarregados do controle que, na verdade, importavam. Até mesmo um médico de nossos dias dependia dos técnicos: dos homens que trabalhavam nos laboratórios ou nas salas de raios X. "São esses os rapazes que confirmam ou arrasam um diagnóstico.

Na noite anterior, Kay ficara emocionada só em pensar na abundância que haveria, conforme dissera Harald, quando a humanidade entrasse definitivamente no período da máquina. Gostara de observar a impressão que o marido parecera exercer sobre Dottie, que jamais desconfiara de que ele fosse um pensador social, visto nunca ter revelado tal faceta de seu caráter nas cartas. "Como indivíduos", dissera, "vocês, mulheres, têm alguma coisa a transmitir aos membros das classes em ascensão, tal como a velha Europa ainda tem alguma coisa a transmitir à América." Dera-lhe uma enorme satisfação ouvi-lo dizer aquelas coisas, com um braço apertando-lhe a cintura, e Dottie ouvindo, os olhos arregalados, pois Kay não queria ficar à margem da história e, ao mesmo tempo, não se sentia suficientemente forte para aceitar a idéia da igualdade, já que gostava, era preciso confessar, de ser superior. Harald, quando estava de bom humor, como na noite anterior, parecia acreditar que tal coisa poderia ser possível, ainda que, de algum modo diferente, quando chegasse a nova era.

Na noite anterior, Harald explicara a tecnocracia a Dottie, para mostrar-lhe que não havia por que temer o futuro, se o mesmo fosse manejado com inteligência científica. Numa economia de abundância e de ócio, que a máquina já mostrara ser possível, todo o mundo teria de trabalhar apenas algumas horas por dia. Era através dessa economia que sua classe, a classe dos artistas e dos técnicos, chegaria naturalmente ao alto; as homenagens que o povo, hoje em dia, tributava ao dinheiro seriam tributadas aos engenheiros e àqueles que contribuísem para criar entretenimento sadio para as horas de repouso. Mas repouso significaria mais tempo para ser dedicado à arte e à cultura. Dottie quis saber o que aconteceria aos capitalistas (seu pai era um dos magnatas no negócio de importações), e Kay olhara inquisitivamente para Harald. "Depois de uma ligeira luta", dissera Harald, "o capital se mesclará com o governo. Aliás, é o que já estamos vendo no momento. O administrador, que não passa de um técnico em grande escala, substituirá o capitalista na indústria. A

propriedade individual é coisa completamente obsoleta; no momento, os administradores já dirigem o negócio. . ." "Veja só o exemplo de Robert Moses", interveio Kay. "Ele está transformando completamente a fisionomia de Nova York com seus maravilhosos parques e jardins de recreio." E insistiu com Dottie para que ela visitasse a Praia Jones, um maravilhoso exemplo, realmente inspirador, ela assim o sentira, de planejamento em grande escala, tendo por fim amenizar os momentos de descanso do povo. "Agora todo o pessoal que mora em Oyster Bay vai nadar em Jones", acrescentou. "Aliás, é assim que deve ser. É melhor nadar em praias do que freqüentar as piscinas de clubes de luxo." A iniciativa privada, insistiu Harald, ainda tinha um papel a representar, desde que alargasse seu campo visual. Radio City, onde trabalhara há tempos como assistente de um diretor de cena, era o exemplo típico de planejamento cívico, realizado por um grupo de capitalistas evoluídos, os Rockefeller. Kay lembrou-se então do Museu de Arte Moderna, que também era amparado pelos Rockefeller. Nova York, acreditava sinceramente, atravessava um verdadeiro Renascimento, onde autênticos Medicis dos tempos modernos competiam com os poderes públicos para criar uma Florença do século XX. A coisa podia ser observada até mesmo numa grande loja de departamentos, como a Macy's, onde um grupo de mercadores judeus, também muito evoluídos, os Strauses, formava um corpo de técnicos saídos das camadas mais altas da classe média, como Kay, a fim de transformar a loja em algo mais do que um mero negócio, algo muito aproximado a um centro cívico ou a uma feira permanente, onde se realizariam exposições educativas, como no velho Palácio de Cristal. Então Kay falou dos prédios existentes nas Ruas Cinquenta e Oitenta, ao longo do East River, os quais haviam sido belamente reformados, pintados de cores vivas, com venezianas brancas, e que eram outro brilhante exemplo do planejamento inteligente do capital! Vincent Astor era o responsável pela obra. É claro que os aluguéis eram muito altos, mas veja-se só o que se ganhava: uma vista do rio tão boa como aquela que a gente descortina nas luxuosas mansões de Sutton Place, às vezes até um jardim, venezianas moderníssimas, mas que lembravam aquelas dos bons tempos e que eram muito decorativas, e com as *kitchenettes* mais modernas que se possa imaginar. E pensar que essas cozinhas minúsculas, porém adoráveis, tinham estado, provavelmente, cheias de vermes e sujeira até os Astor resolverem realizar as reformas! Outros proprietários estavam seguindo o exemplo e tratando de reformar seus pardieiros em modernos prédios de apartamentos de

quatro e até cinco andares, com pátios centrais cobertos de gramado e pequenos arbustos ornamentais, edifícios onde havia simpáticos apartamentos de dois e três quartos para gente jovem, sendo que alguns chegavam até a ter lareira e estantes embutidas, isto para não falar no encanamento novinho, bem como no fogão e no refrigerador. Um bocado de espaço inútil estava sendo eliminado nesses modernos prédios: nada de salas de entrada ou de jantar, que não passavam de convenções obsoletas. Kay explicou que Harald era inimigo fanático do espaço perdido. Um casa devia ser, dizia, uma máquina para a vida. Quando conseguissem um apartamento definitivo, teriam tudo embutido: estantes, mesas, gavetas. As camas seriam tão-somente um colchão de molas sobre um estrado muito simples, e pensavam em ter uma mesa que pudesse ser encaixada numa parede, como aquelas camas que a gente vê nas antigas comédias cinematográficas; aliás, a mesa seria tão simples como uma tábua de passar roupa, apenas um pouco mais larga.

Kay nunca se sentira tão feliz como naquele momento em que descrevia a Dottie os planos da casa ideal com que sonhava, enquanto Harald escutava com uma sobrelanceira criticamente levantada, limitando-se a corrigir os pontos em que ela incorria em erro. Foi Dottie, aliás, quem quase estragou tudo ao perguntar, com aquele seu jeitão extremamente polido, o que acontecera à pobre gente que morava nos prédios demolidos ou reformados. Para onde tinham ido? Essa era uma pergunta que jamais passara pela cabeça de Kay, e Harald, por seu lado, também não sabia a resposta, fato que o mergulhou, imediatamente, num profundo mau humor. "*Cui bono?*", perguntou. "Quem ganha?... Hem", e, chamando o garçom, pediu outra rodada de cerveja. Isto alarmou Kay, que sabia ter ele um ensaio às dez horas da manhã. "Sua pergunta é a um só tempo muito profunda e simples", continuou ele, falando a Dottie. "O que aconteceu aos pobres?" Olhou fixamente e com ar macambúzio para um ponto no espaço. "Será que foram para a praia novinha e anti-séptica que o Sr. Moses criou e que acaba de ser mencionada por Kay? Não, minhas queridas, não foram, não!, e por uma razão muito simples: eles não têm dinheiro para pagar a entrada, nem mesmo a condução até a praia. Transformaram-se em vítimas dos gananciosos, daqueles que querem ter lucro a qualquer preço." Kay viu que ele estava mergulhando num Poço de Desânimo (os dois tinham inventado o nome para designar os repentinos e extremamente escandinavos ataques de amargura que dominavam Harald sem aviso prévio); assim, tratou de desviar a conversa para um terreno

mais seguro, fazendo-o falar sobre receitas culinárias, um de seus temas favoritos, de maneira a poderem já estar em casa, deitados, quando fosse, no máximo, uma e trinta. Harald era uma pessoa paradoxal; era capaz de, repentinamente, atacar as coisas em que mais acreditava. Enquanto estava sentada na sala de espera do médico, examinando as outras pacientes, podia facilmente imaginá-lo dizendo que ela e Dottie estavam se "aproveitando" da cruzada pró-controle de natalidade, cujo alvo verdadeiro era limitar os filhos nas famílias pobres. Mentalmente, começou a defender-se. O controle de natalidade, argumentou, era para aqueles que o sabiam usar e avaliar, ou seja, as classes cultas. Da mesma forma como aqueles prédios reformados ou reconstruídos, se deixassem os pobres voltarem para lá, em breve estariam todos estragados, devido à falta de educação dessa gente.

Os pensamentos de Dottie também tinham voltado à noite anterior. Estava fascinada pela maneira como Kay e Harald planejavam suas vidas. Quando Kay começasse a trabalhar na Macy's, em setembro, Harald se encarregaria de cuidar da primeira refeição, assim como da lavagem da louça suja e da compra dos mantimentos necessários, de modo a estar tudo preparado quando ela voltasse para casa, na hora do jantar, e, no fim da semana, planejavam o cardápio dos demais dias. No momento, Harald estava ensinando Kay a cozinhar. Suas grandes especialidades eram o macarrão à bolonhesa, coisa que qualquer principiante podia aprender com a maior facilidade, bem como bolos de carne e um pão de carne que sua mãe lhe ensinara a fazer: metade carne de vaca, metade porco e um pouco de vitela, algumas fatias de cebola e, depois, cobrir tudo com bastante molho de tomate e levar ao forno brando para assar. E havia muitos outros pratos, como carne com pimenta malagueta que era servida sobre arroz branco e alimentava facilmente seis pessoas. A receita também fora dada por sua mãe. Kay dissera rindo que, para não encabular ante a capacidade culinária do marido, já escrevera para a "sua" mãe solicitando algumas receitas de família, as mais baratas, pelo menos: rins de vitela cozidos em molho de vinho e cogumelos, uma maravilhosa salada feita com gelatina chamada Deusá Verde, feita de gelatina de lima, camarões, maionese e abacate, que tinha de ser preparada na noite anterior e servida em folhas de alface. Kay comprara um novo livro de receitas de *casserote* e outro de receitas estrangeiras, coisa muito mais excitante do que os antiquados sensorões volumes da Tia Teresa e outras velharias semelhantes. Aos domingos, pretendiam receber os amigos, oferecendo pratos

deliciosos. O chato em relação à cozinha americana, dizia Harald, era a escassez de imaginação e o tremendo medo em relação aos miúdos e ao alho. Costumava usar alho em todos os pratos que preparava, pois o sabor era excelente. A alma de um prato, afirmava Kay, era o molho.

— Ouça como Harald prepara a carne moída. Ele mistura mostarda, molho inglês e queijo ralado — está certo, não é? —, e mais pimenta e um ovo. Você não pode imaginar como o resultado é diferente daquele picadinho horrível que comíamos no colégio.

Sua alegre gargalhada ecoou no barzinho. Se Dottie quisesse aprender, devia estudar as receitas que eram publicadas no *Tribune*.

— Eu adoro o *Tribune* —, dissera. — Harald convenceu-me a abandonar o *Times*.

— A tipografia do *Tribune* é infinitamente superior à do *Times* —, observou Harald.

— Como você teve sorte, Kay, —, comentou Dottie calorosamente —, de encontrar um marido interessado em cozinha e que não tem receio de experimentar coisas novas. A maioria dos homens, como você sabe, detesta variar. Como papai, que não quer nem ouvir falar em pratos *preparados*, a não ser o velho feijão dos sábados. — Deu uma piscadela, mas na verdade falava sinceramente. Kay curvou-se para a frente.

— Você deve convencer seu cozinheiro a experimentar a nova maneira de preparar feijão enlatado. Basta acrescentar molho de tomate e molho inglês e umas pitadas de açúcar mascavo, depois cobre-se o feijão com fatias de *bacon* e leva-se ao forno numa forma de pirex.

— Parece delicioso —, disse Dottie, — mas papai morreria só de olhar para o prato.

Harald sacudiu a cabeça. Começou a falar, então, sobre os preconceitos existentes nas classes altas contra os alimentos enlatados, preconceitos esses originados num período em que era realmente perigoso comer alimentos conservados, pois os mesmos, dada a falta de conhecimentos no campo da preservação, estragavam-se com facilidade. A maquinaria moderna e a industrialização tinham eliminado todo o perigo de bactérias, contudo, ainda assim, o preconceito continuava, o que era uma pena, pois muitos produtos enlatados, como os vegetais colhidos no auge do seu esplendor e algumas sopas, eram muito melhores do que qualquer prato feito em casa.

Apesar de tudo, Dottie decidira, na hora de voltar para o hotel, recolher algumas das receitas de Kay e mandá-las à mãe. Aliás, ela

ocupava permanentemente sua consciência desde aquela fatal manhã, quando voltara para o Clube Vassar (fora há apenas dois dias?) e encontrara um recado dizendo que tinha chegado um telefonema de Gloucester na noite anterior e outro às nove da manhã. Dizer à mãe sua primeira mentira de verdade — que passara a noite no apartamento da tia de Polly — fora uma terrível provação. Cortava-lhe o coração não poder contar-lhe sua visita ao serviço do controle de natalidade e aquela que fazia no momento, ao médico, pois o assunto interessaria tremendamente àquela simpática matrona, sempre voltada para os problemas relativos aos direitos da mulher e coisas semelhantes. A cruel sensação de esconder algo tornara Dottie mais alerta do que habitualmente, em relação a pequenas notícias que pudesse levar para Gloucester como uma espécie de compensação... as receitas de Kay e Harald, por exemplo, e os planos que os dois alimentavam quanto ao futuro apartamento, coisa que divertiria mamãe tremendamente. Será que poderia dizer que Kay visitara o serviço de controle de natalidade e fora mandada ao médico, a fim de obter o pessário?

— Srta. Renfrew — chamou a enfermeira suavemente, e Dottie levantou-se. Seu olhar cruzou-se com o de Kay num último e desesperado apelo, como aquele que lança a menina quando é chamada perante a banca examinadora, antes de avançar lentamente para a sala de consultas, os joelhos batendo um no outro, as pernas fracas. Numa mesinha estava uma mulher de uniforme branco, a cabeça coroada por uma massa de cabelos negros, pele cor de azeitona. A médica era muito simpática, tinha cerca de quarenta anos e seus olhos pretos e muito brilhantes examinaram Dottie rapidamente como se fossem duas faíscas elétricas, enquanto que, com uma mão de longos dedos, lhe indicava uma cadeira. Começou a fazer a ficha como se se tratasse de um caso clínico banal, perguntando sobre os antecedentes, se Dottie tivera sarampo, catapora, coqueluche, eczema e asma. Contudo, Dottie logo percebeu um certo encanto mesmérico e quente que emanava da mulher e que parecia dizer-lhe que não tivesse medo. Repentinamente, ocorreu a Dottie um pensamento que, apesar de tudo, a encheu de surpresa, ou seja, que ambas eram mulheres. A feminilidade da médica era uma parte tranqüilizante de seu ar profissional, como o balandrau branco que usava; num dos dedos, brilhava uma grande aliança, que pareceu a Dottie tão serena e forte como a própria doutora.

— Você já teve relações com alguém, Dorothy? — A pergunta surgiu tão naturalmente no fluxo das demais que a resposta saiu

automaticamente. — Muito bem! — exclamou a doutora e, quando Dottie levantou os olhos, inquisitivamente, recebeu em retribuição um sorriso tranquilizador. — Assim vai ser mais fácil cuidar do seu caso, disse no tom que se usa para elogiar uma criança bem comportada. Sua capacidade espantava Dottie, que permanecia sentada, anestesiada pela personalidade da médica, enquanto uma série de perguntas, articuladas com a habilidade com que se empunha um fórceps, extraíam informações que deveriam doer, mas que não doíam. O interrogatório indolor não revelou a menor curiosidade quanto aos porquês e ao responsável pelo defloramento de Dottie, como se Dick não passasse de um instrumento cirúrgico: fora penetrada completamente, sangrara muito, doera muito, que método anticoncepcional fora usado, o ato fora repetido?

— Interrompido — murmurou a médica, escrevendo a resposta numa folha separada. — Gostamos de saber — disse, com um rápido sorriso, — que métodos nossas clientes usaram antes de nos procurarem. Quando teve lugar o ato?

— Há três noites — respondeu Dottie, enrubescendo e pensando que agora não havia jeito de evitar a parte biográfica da coisa.

— E quando teve as últimas regras?

Dottie forneceu a data, e a doutora examinou o calendário que estava sobre a mesa.

— Muito bem — comentou. — Vá ao banheiro, esvazie a bexiga, tire a cinta e afrouxe o porta-seios. Pode ficar com a calça.

Dottie não se preocupou com o exame pélvico, nem com a colocação do pessário. O pior foi o momento em que teve de aprender a introduzir o aparelho com suas próprias mãos. Apesar de ser manualmente habilidosa e sua coordenação ser perfeita, sentiu-se repentinamente tolhida pelo olhar atento da médica e da enfermeira, tão analítico e impessoal quanto a própria luva de borracha que a doutora usava. Quando tentava dobrar o pessário, a coisinha escorregadia, coberta de geléia, pulou de seus dedos e, atravessando o aposento, foi bater no esterilizador. Dottie quase morreu. Mas, aparentemente, aquilo não era novidade para a médica, nem para a enfermeira.

— Tente mais uma vez, Dorothy — disse a doutora calmamente, escolhendo outro diafragma do tamanho adequado numa gaveta cheia deles. E, como se quisesse afastar os pensamentos da moça e tranquilizá-la, começou a discorrer sobre a história dos pessários, enquanto com o canto do olho observava a luta de Dottie para acertar

a aplicação: em primeiro lugar, sabia-se que os antigos gregos, os judeus e os egípcios já conheciam e usavam uma espécie de válvula, e como Margaret Sanger descobrira, na Holanda, os atuais preservativos, bem como quanto custara convencer os juizes nos Estados Unidos a permitirem o uso do dispositivo. . . Dottie já lera tudo o que existia sobre o assunto, mas não teve coragem para dizê-lo a esta mulher que circulava entre os instrumentos do consultório como uma sacerdotisa em seu templo. Como era sobejamente conhecido pelos jornais, ela mesma fora presa uma vez, há anos, por ocasião de uma batida realizada numa clínica de controle de natalidade e, mais tarde, liberada por uma decisão judicial. Ouvi-la falar sobre a missão à qual dedicara sua vida era uma honra, como tocar o manto de um profeta, e Dottie sentiu-se ungida.

— Às vezes, a prática da medicina deve ser bem difícil — sugeriu compreensivelmente. Para uma pessoa dinâmica como a doutora, assistir moças como ela devia ser uma espécie de desafio.

— Ainda há muita coisa para ser feita — suspirou a doutora, removendo o diafragma com um sinal de aprovação. Ajudou Dottie a descer da mesa. — Muitas de nossas pacientes não usam o preservativo como deviam ou, então, não o usam regularmente.

A enfermeira, de touca branca, balançou a cabeça aprovadoramente.

— E, em geral, essas, não é mesmo doutora?, é que mais precisam limitar a família. Em relação às nossas clientes particulares, temos mais certeza de que as instruções serão fielmente seguidas, não é, Sita. Renfrew? — A enfermeira sorriu.

— Não preciso mais da senhora — disse a médica, lavando as mãos na pia. A enfermeira saiu, e Dottie acompanhou-a, sentindo-se ridícula com as meias caídas e a calça balançando frouxamente.

— Um momento, Dorothy — disse a doutora, voltando-se e encarando-a fixamente. — Alguma pergunta?

Dorothy hesitou. Queria tanto quebrar o gelo e falar acerca de Dick. Mas, aos olhos cheios de simpatia de Dottie, a médica parecia apenas uma pessoa cansada. Além disso, tinha outros pacientes para atender, inclusive Kay. E se a médica, depois de ouvi-la, a aconselhasse a voltar para casa pelo primeiro trem e tratar de esquecer Dick? Então, o tempo perdido com o pessário teria sido inútil.

— A orientação médica — falou a doutora, olhando pensativamente para Dottie — pode ser de grande ajuda para alcançar maior satisfação sexual. As jovens que me procuram, Dorothy, têm todo o direito de esperar as maiores satisfações do ato sexual.

Dottie cerrou os dentes, e as manchas começaram a surgir-lhe no colo. O que mais desejava saber era algo que um médico devia estar a par, principalmente não se tratando de uma mulher casada. É claro que não confiaria a Kay a coisa que mais a perturbava: o que significa o fato de um homem ter relações sexuais com uma mulher e não a beijar uma única vez, nem mesmo no momento mais emocionante? Tratava-se de um detalhe que não era mencionado nem mesmo nos livros de educação sexual, pelo menos os que manuseara, e talvez fosse um fato corriqueiro que não merecera ser catalogado pelos cientistas. Ou, então, Dick fizera uma espécie de juramento, como certas pessoas que juravam jamais fazer a barba ou tomar banho até que acontecesse uma certa coisa. Mas, ainda assim, não conseguia afastar o pensamento da cabeça e, sempre que se recordava daquilo, sentia-se enrubescer dos pés à cabeça, como se tudo estivesse acontecendo naquele momento. Tinha receio de que Dick fosse o que papai costumava chamar de "errado", e aquela era a oportunidade de averiguá-lo. Mas não conseguia encontrar as palavras certas para formular a pergunta. Quais seriam os termos técnicos? "Se o homem deixa de oscular." Sua covinha chegou a tremer... nem mesmo Kay teria coragem de dizer uma coisa dessas.

— É anormal se... — começou e logo olhou, desamparada, para a mulher alta e impassível. — Se antes do ato sexual. . .

— Sim? — encorajou a médica. Dottie tossiu caracteristicamente.

— É tão simples, mas eu não consigo dizer — desculpou-se. A médica continuou esperando.

— Talvez eu possa ajudá-la, Dorothy. Muitas técnicas — começou, imperturbável — que dão prazer às duas partes são perfeitamente permissíveis e naturais. Não existe prática alguma, oral ou manual, que seja errada, em se tratando do amor, desde que as duas partes gozem de seus benefícios.

Dottie ficou mais vermelha ainda, sabia muito bem o que a doutora queria dizer e não podia deixar de imaginar, horrorizada, se ela como mulher casada que era, praticava o que aconselhava. Todo seu corpo fremiu de indignação.

— Obrigada, doutora — disse tranqüilamente, cortando o assunto.

Na mão enluvada, depois de ter-se vestido e retocado a maquiagem, recebeu o envelope de papel manilha que lhe foi entregue pela enfermeira, ao mesmo tempo que pagava a consulta. Não esperou Kay. No outro lado da rua, havia uma farmácia. Tratou

de comprar uma seringa de borracha. Entrou, então, numa cabina telefônica e ligou para Dick. Depois de muito tempo, uma voz respondeu. Dick não estava. Essa possibilidade jamais lhe ocorrera. Julgara que estaria sempre à sua espera, depois de ter ela cumprido aquele desagradável dever. "Basta telefonar-me." Desceu a Rua Oito e, entrando na Praça Washington, sentou-se num banco do jardim e colocou os dois embrulhos ao lado. Passou meia hora vendo as crianças brincarem e depois voltou à farmácia e tornou a discar para Dick. Ainda não voltara. Retornou ao "seu" banco, mas alguém o ocupara. Andou mais uns passos até encontrar outro banco e, desta vez, como já havia outras pessoas sentadas, ficou com os dois embrulhos no colo. A seringa, empacotada numa caixa, caía constantemente, e ela era obrigada a curvar-se para apanhá-la. Sua roupa de baixo havia-se endurecido, devido aos lubrificantes que a médica usara, dando-lhe a sensação de que as regras tinham chegado antes do tempo. Em breve, as crianças começaram a abandonar o parque, e os sinos das igrejas principiaram a tocar as vésperas. Teve vontade de entrar numa delas e rezar, tal como fazia constantemente àquela hora da tarde (e aproveitar a oportunidade para verificar, depois de ver se não havia alguém olhando, se a calça estava manchada), mas não teve coragem, por causa dos pacotes, o que não seria decente numa igreja. Tampouco podia voltar ao Clube Vassar com eles na mão, pois partilhava um quarto com Helena Davison, que poderia perguntar o que comprara. Já estava ficando tarde, passava das seis horas, mas o parque ainda se achava cheio de claridade e parecia-lhe que, agora, todo mundo notava sua presença. Na vez seguinte em que tentou encontrar Dick foi no salão do Hotel Brevoort, depois de se ter utilizado do toalete de senhoras. Deixou um recado: "A Srta. Renfrew está esperando num banco da Praça Washington". Tinha receio de esperar no hotel, onde algum conhecido poderia chegar a qualquer momento. Voltando à praça, arrependeu-se de haver deixado o recado, pois, agora, já não tinha mais coragem para tornar a incomodar a senhoria. Parecia-lhe estranho que Dick não tivesse telefonado para o Clube Vassar, naqueles dois dias e meio, pelo menos para dizer "alô". Teve vontade de ligar para o clube, a fim de saber se havia algum recado, mas recebeu encontrar Helena. Além disso, agora não podia afastar-se do parque, pois Dick podia chegar de um momento para o outro. Estava escurecendo, e os bancos enchiam-se de casais de namorados. Já passava muito das nove, quando resolveu desistir, pois os homens começavam a olhá-la com interesse, e um policial passara várias vezes, com um ar interrogativo no rosto.

Lembrou-se do comentário que Kay fizera no ônibus sobre o "corpo de delito" de um caso de amor. Como estava certa!

O fato de Dick não estar em casa não provava coisa alguma, disse para si mesma. Podia haver milhares de razões, e quem sabe se não recebera uma chamada de fora da cidade? Contudo, provava uma coisa, e ela sabia disso. Era um sinal. Na escuridão, começou a chorar silenciosamente e decidiu contar até cem, antes de levantar-se. Já chegara a cem pela quinta vez, quando reconheceu que era inútil: mesmo se ele recebesse o recado, não viria aquela noite. Parecia haver uma única coisa a fazer. Esperando não ser observada por ninguém, escondeu o equipamento anticoncepcional sob o banco e começou a andar o mais rápido que podia, mas sem chamar atenção, em direção à Quinta Avenida. Um táxi que passava a recolheu numa esquina e levou-a em segurança até o Clube Vassar. Na manhã seguinte, antes de a cidade acordar, tomou o trem para Boston.

Numa tarde de setembro, Harald perdeu seu novo emprego. Quando ele, com a máxima cortesia, fez uma observação ao diretor, foi imediatamente despedido. Se Kay fosse escritora, teria feito um conto e mandado para o *New Yorker*, pensou. Acabara de voltar do trabalho e amarrava o avental na cintura, quando ouviu os passos do marido na escada e ficou imaginando o que teria acontecido, pois o pessoal do teatro só saía para jantar às seis e meia ou sete horas. Harald comprara uma garrafa de gim na loja da esquina e tinha um brilho estranho no olhar. No momento em que o viu, compreendeu tudo.

— Notou — disse ele nervosamente — a amarga ironia que existe atrás disto tudo? Você comprou um limão, não é?

— Como pode imaginar uma coisa dessas? — protestou Kay, começando a chorar, pois nem lhe passaria pela cabeça pensar em limões num momento daqueles.

E, na realidade, era uma "ironia", tinha de confessá-lo. No dia 1.º de outubro entregariam aquele apartamento, alugado somente durante o verão, e mudariam para o que tinham alugado num daqueles belos edifícios recentemente reformados, com um belo jardim e porteiro uniformizado. Já haviam assinado o contrato e pago o primeiro mês de aluguel adiantado — cento e dois dólares e cinquenta centavos, incluindo gás e luz. Era muitíssimo mais do que Harald jamais sonhara pagar, mas Kay argumentara que os economistas dizem que a gente pode gastar um quarto do rendimento em aluguel; ela ganhava vinte e cinco dólares por semana na Macy's, e ele passaria a ganhar setenta e cinco depois da estréia do espetáculo. As duas rendas reunidas permitiam que pagassem (pelo menos até aquela tarde!) cem dólares e, na verdade, estariam pagando menos, uma vez deduzidas as utilidades. Com uma lucidez muito masculina, Harald dissera que ninguém era obrigado a pagar um quarto da renda em aluguel, uma observação realística apenas, insistiu, quando Kay a transmitiu aos amigos para mostrar como ele era ajuizado. Ela adorava, utilizando as palavras da mãe de Helena Davison, o *risus sardonicus* de Harald.

Contudo, agora, quando o acompanhava à sala de estar, enquanto ele colocava friamente um cigarro na piteira, com aquele seu enigmático sorriso, sentiu uma onda de fúria dominá-la. Tinha a certeza, só em olhá-lo, de que ia querer romper o contrato apenas pelo fato de ter sido despedido, e um pensamento maldoso atravessou-lhe a mente como um raio: ele perdera-o somente como um "pretexto" para romper o contrato. "Calma, Strong!", disse para si mesma (depois de três meses de casada ainda não se acostumara ao sobrenome do marido: Petersen). "Muita calma." Naquela noite, principalmente, Harald precisaria de toda sua compreensão, apesar de seu orgulho não lho deixar mostrar.

Pobre Harald, passara quase todo o verão desempregado. A peça em que trabalhara interrompera sua carreira, no início do verão; a notícia do fechamento foi publicada no sábado seguinte ao seu casamento. No momento, era quase impossível arranjar um lugar numa das companhias de teatro de verão que faziam temporadas pelo interior, apesar de Kay ter pensado que ela, pelo menos, "tentaria". Mas Harald não tinha a sua perseverança, conforme já tivera oportunidade de descobrir. O casamento, em lugar de servir de estímulo, parecia enchê-lo de medo. Mas, finalmente, Harald conseguira aquele outro emprego, o melhor que já tivera, pois fora encarregado de escolher o elenco de uma revista chamada *Salve, Colúmbia*, que satirizava o período de depressão que atravessavam e que estrearia em outubro. Oficialmente, ele era apenas o diretor de cena, mas o produtor dissera que poderia até dirigir alguns quadros, pois o diretor geral, encarregado do espetáculo, ex-empregado do Shubert, só estava acostumado a dirigir peças femininas. O produtor há muito observava Harald e, agora, dava-lhe uma oportunidade, a fim de ver se estava certo ou não.

— Mas é bom demais para ser verdade! — exclamara Kay, exultante, já vendo o nome de Harald nos programas como assistente de direção.

Contudo as discussões e os desentendimentos começaram logo na segunda semana de ensaios. O produtor não esclarecera muito bem as diferentes esferas de autoridade, segundo Harald, que se considerava vítima de um conflito íntimo: ainda não chegara à conclusão de que espécie de espetáculo desejava, uma revista quase literária com algumas belas canções e alguns quadros realmente sérios, ou a costumeira sucessão de quadros mais ou menos idiotas, reunidos pela

presença de dois artistas de fama. Assim, o produtor usava Harald como uma espécie de cobaia. Harald ensaiava uma cena, e logo que a mesma estava pronta, o diretor alterava tudo — introduzindo uma fileira de coristas numa marcha de desempregados ou, então, entremeando um *sketch* sobre a greve do leite com outro grupo de coristas vestidas de fazendeiras com chapeuzinhos de palha e coisas semelhantes. Os autores estavam cem por cento do lado de Harald, mas o produtor, quando consultado, vacilava, dizendo:

— Por favor, vamos tentar algumas vezes assim, tá? — ou, então: — Vamos esperar!

Entretanto, o diretor destruíra todas as chances que Harald obtivera — além de observar todos os atrasos do rapaz, quando chegava alguns minutos depois da hora, após o intervalo para jantar, ou quando ordenava aos artistas uma entrada atrasada em cena —, tão-somente por Harald ser fiel ao ponto de vista dos autores, até que, naquela tarde, com toda a calma, dissera ao homenzinho, na frente de toda a companhia, que ele não tinha competência para dirigir um espetáculo musicado onde havia um pouco de inteligência e bom gosto. Kay teria dado tudo para haver assistido à cena. O diretor, incapaz de argumentar com Harald, ordenara aos gritos que ele se retirasse do teatro. Assim, antes mesmo que a peça iniciasse a carreira, estava na rua, desempregado. Quando subiu as escadas para protestar (Kay poderia ter-lhe antecipado que há muito já não contava com o apoio do produtor), o produtor, demasiado envergonhado para ouvi-lo, mandara um recado dizendo que lamentava muito, mas que, num palco, a autoridade suprema era o diretor; então, o secretário da companhia pagara-lhe duas semanas de salário, oferecera-lhe uma bebida e nada mais.

O primeiro cheiro que Kay sentiu foi o do uísque que o secretário oferecera para acalmá-lo e, logo ao abrir a porta, vendo-o com uma garrafa de gim debaixo do braço e aquele cheiro de álcool, teve um medo pavoroso de que tivesse sido despedido por ter bebido na hora do serviço. Assim que ouviu a história toda, compreendeu a injustiça sofrida. Não só o secretário mostrara simpatia por Harald, mas a companhia em peso fora solidária com ele. Alguns dos principais artistas fizeram questão de cumprimentá-lo e dizer que lamentavam muito o acontecido. Os autores (um deles escrevia sempre em *Vanity Fair*) chegaram até a levantar-se de suas cadeiras para tentar convencer o diretor, e uma das coristas chorara...

Kay ficou sentada, sacudindo a cabeça e alisando o bonito avental vermelho com aplicações brancas, que sua mãe mandara de presente,

enquanto Harald andava de um lado para o outro da sala, recordando a cena no teatro. De vez em quando, interrompia-o para fazer um comentário esclarecedor, mas sempre num tom neutro. Antes de escrever para os pais contando tudo, Kay queria ter a certeza de que Harald estava dizendo a verdade e não somente expondo seu ponto de vista pessoal. Esta era a verdade lapidar que ensinavam em Vassar: mantenha a mente alerta e exija sempre provas, até mesmo do seu lado. Apesar de acreditar na versão de Harald, pois todas as provas que tinha a apoiavam, via que uma pessoa de fora, como seus pais, talvez achassem que Harald podia ter sido um pouco mais paciente, limitando-se a fazer o trabalho que lhe fora designado sem meter-se no do diretor. Jamais deveria ter-se atrasado. Mas, neste caso, de quem era a culpa? Do produtor ou de quem fosse o responsável pelas intermináveis horas que passavam ensaiando. "Uma hora para jantar!" Como podiam esperar que Harald tivesse tempo de atravessar a cidade naquele ônibus terrivelmente lento, comer e voltar para o teatro em apenas sessenta minutos? A maioria da companhia, de acordo com Harald, fazia uma boquinha num *drugstore* que havia nas vizinhanças. Mas Harald era recém-casado, apesar de ninguém se preocupar ou levar em consideração seu estado civil. Contudo, sabiam muito bem que ele era casado porque, certa feita, a levara a um ensaio e, quando a estrela a vira, sentada num cantinho, fizera um tremendo escândalo, interrompendo tudo aos gritos e querendo saber quem ela era. Quando soube que era a noiva de Harald, dissera: "Oh, minha querida, queira desculpar-me", e chegara até a convidá-los para tomar uma bebida em seu apartamento. Mas o diretor pedira que não a levasse novamente ao teatro, pois os artistas ficavam perturbados quando viam estranhos na platéia ou nos bastidores. Aquela fora a primeira vez que vira Harald comer o "pão da humilhação" e não gostara, sentindo-se vagamente responsável e, quando foram ao apartamento da estrela (um apartamento de cobertura no Central Park), teve a consciência de suas pernas muito grossas, cobertas de pêlos ásperos, não se sentindo consolada nem um pouco ao pensar que era formada pela elegantíssima Vassar.

Achava que o Sindicato dos Atores deveria tomar sérias providências quanto às horas de ensaio, as quais, na opinião de Priss Harts-horn, eram positivamente medievais e não seriam toleradas nem mesmo numa fábrica de décima categoria. Ela e Harald tiveram relações muito poucas vezes desde que ele conseguira aquele novo emprego. . . e como poderiam ter? Os ensaios iam até uma ou duas da madrugada e, nessa altura, "ela" já estava dormindo. Por seu lado,

quando ela saía para o trabalho, na manhã seguinte, Harald ressonava. Certa noite, ele chegara em casa às quatro da manhã, depois de uma cansativa reunião no escritório do produtor. Contudo, teria de voltar aos ensaios às dez horas, apesar de ser domingo, quando os dois poderiam ter passado algumas horas juntos. E, depois dos ensaios, a peça iria estreiar noutra cidade, e ela ficaria sozinha durante duas semanas, enquanto Harald teria a companhia das artistas e coristas, sendo que uma delas era muito inteligente (Harald a descobrira certa vez lendo Katherine Mansfield) e tinha uma casa em Connecticut. Assim, Kay, apesar de tudo, ficara muito satisfeita com o fato de Harald preferir comer em casa. Certa vez, ele levava um dos autores para jantar, e Kay fizera um bolo de salmão com creme de pickles. Fora numa noite em que tinham parado para jantar um pouco mais cedo e só voltariam ao trabalho bem mais tarde ("cozinhe durante uma hora", dizia o livro de receitas, mas Kay gostava de acrescentar sempre mais quinze minutos por sua conta) e, dessa forma, podiam levar mais tempo bebericando coquetéis. Harald ainda não percebera como era difícil para ela manter a casa em ordem; depois de trabalhar o dia inteiro na Macy's, ainda tinha de passar na mercearia e comprar o necessário, pois Harald nunca mais pudera fazer as compras. E o mais estranho é que, desde que ele se livrara daquela obrigação, em lugar de isto ser o motivo de tranquilidade, passara a ser um pomo de discórdia. Ele preferia uma certa cadeia de supermercados, enquanto que ela preferia outra, a qual, embora um pouquinho mais cara, mandava levar as encomendas em casa e, além disso, os vegetais eram maravilhosos, "vegetais de grã-fino", conforme dizia Harald. Outrossim, Harald gostava de comer sempre os mesmos pratos, como o seu famoso macarrão com molho de cogumelos, enquanto Kay preferia variar e experimentar todas as novas receitas que encontrava. Ele dizia que ela não tinha a menor imaginação seguindo as receitas dos outros e tendo de usar os óculos para medir a quantidade exata de cada ingrediente: a cozinha era uma arte viva, e ela transformava a coisa numa natureza morta acadêmica. As pequenas divergências que surgiram entre os dois naqueles três meses foram engraçadas, pois, inicialmente, ela não passava de um eco de Harald. Mas agora, quando ele, por exemplo, disse ser mais razoável abrir um enlatado qualquer (isso foi uma noite em que o jantar estava atrasado), ela gritara que não o faria de maneira alguma, que aquilo podia ser muito bom para ele, mas que ela não agüentava aquela dieta digna de animais, semanas inteiras comendo praticamente a mesma coisa, comendo para viver e nada mais. Depois que ele saiu,

Kay ficara arrependida e jurara, para o futuro, ter mais cuidado e preparar os pratos no tempo devido, calculando tudo de acordo com as receitas. Entretanto, quando preparou um prato de véspera, ele ficou irritadíssimo por ela ter repetido várias vezes que deviam comer logo, para que não chegasse atrasado ao teatro:

— Por favor, nada de bancar a esposa preocupada — dissera ele de cara fechada e, deliberadamente, preparara outro coquetel.

Kay sentia-se um pouco culpada, pois ele não tinha o hábito de tomar coquetéis antes de conhecê-la. "O ritual de sua classe", era como Harald chamava a bebida, e ela não sabia muito bem se se referia à classe de 1933 de Vassar, sua turma, ou à sua situação social, já que na sua cidade natal os velhos jamais sonhariam em beber, nem mesmo quando recebiam visitas, apesar de papai, como médico, ter a maior facilidade em conseguir uísque, mesmo naqueles dias da Lei Seca. Mas, em outras regiões, beber era considerado de bom-tom, mesmo pelos mais velhos, como pudera observar quando de suas estadas nas casas de Pokey Prothero, de Priss e de Polly. Em Cleveland, como o próprio Harald observara, a família de Helena Davison bebia xerez. Assim, para agradar a Kay, começaram a beber coquetéis todas as noites. A diferença básica entre os dois é que Kay adorava a formalidade do ato, enquanto que ele gostava mesmo da bebida. Um ou dois coquetéis não fazem mal a ninguém; contudo, durante os ensaios, nada bebiam, por causa do trabalho de Harald. Todavia, teria sido algo humilhante servir a comida e sentar-se logo à mesa, como faziam seus pais.

Harald fora para a cozinha e preparava um gim com *bitter*, o que era bom sinal, pois sabia que Kay detestava o cheiro de bebida pura e não gostava que bebesse dessa maneira. Depois, encheu o cachimbo de fumo, acendeu e fumou uns segundos.

— Posso preparar uma bebida? — perguntou. — Um *silver fizz*?

Kay franziu a testa, estava magoada com o tom debochado que notara em sua voz.

— Não, acho que não quero — respondeu pensativa. As sobrancelhas espessas e muito escuras de Harald levantaram-se com espanto:

— Mas por quê? — perguntou. Kay resolvera repentinamente virar mais uma página, mas achava que aquele não era o momento adequado para anunciá-lo; era impossível saber como Harald recebia as coisas quando bebia.

— Não tenho vontade — disse. — Vou preparar o jantar. —

Levantou-se. Harald olhou fixamente para ela, as mãos nos quadris, os lábios apertados.

— Meu Deus! — exclamou. — Você é a criatura mais desastrada e boba que eu já vi.

— Mas o que foi que eu disse? — gritou Kay, tão espantada que não conseguia sequer sentir-se magoada.

— "Acho que não quero" — repetiu ele, imitando-lhe a voz e acrescentando um ar presumido que ela jurava não ter usado. Se ele soubesse como ela estava morrendo de desejo por um *silver flzz*, mas que resolvera passar sem a bebida para evitar aborrecimentos nos ensaios! O que aconteceria se ela fosse para a Macy's depois de ter tomado dois coquetéis antes do almoço? Seria a mesma coisa, não seria? É possível aprender muito a nosso respeito, descobri-la, se examinarmos nosso comportamento sob um ângulo diferente e o observarmos assim, objetivamente. Se tivesse sido despedida, por exemplo, havia de querer sentar-se, ponderar as causas que haviam contribuído para o fato, mesmo as menores. Mas quem saberia se Harald estava agindo assim, e ela não o notara?

— "Não tenho vontade" — continuou ele. — Não fale nesse tom. Não combina com a sua pessoa. Você é uma péssima atriz, sabia?

— Ora, não amole! — disse Kay, abruptamente, e foi para a cozinha. Ficou escutando para ver se Harald saía batendo a porta, tal como fizera naquela noite em que ela comprara uma comida enlatada que não servira para nada. Mas o silêncio continuou.

Abriu uma lata de feijão, verteu-a numa tigela e cobriu tudo com tiras de *bacon*. A caminho de casa, decidira fazer outro prato, mais gostoso, a fim de causar uma surpresa a Harald, mas agora estava com medo de ter de agüentar outra preleção. Apanhou uma alface e começou a preparar o molho para a salada. Pensando no delicioso prato que imaginara, e que não iam comer, só porque Harald perdera o emprego, deu um suspiro. Ela sabia que agora tudo seria diferente. Pensava no apartamento, pois vivia imaginando o momento da mudança. O que ocupavam no momento pertencia à viúva de um gravador que vivia atualmente em New Hampshire e estava cheio de antiguidades e reproduções — arcas espanholas, tapetes orientais e coisas semelhantes, além de uma quantidade enorme de objetos de cobre e latão que tinham de ser constantemente polidos. Kay mal podia esperar o dia em que deixaria este museu e se mudaria para uma casa verdadeiramente sua. Harald sabia muito bem disso e, contudo,

não dissera uma única palavra sobre o apartamento, que devia saber ser a coisa que mais a preocupava desde o momento em que ele abria a porta para entrar: o que fariam agora? Será que o pensamento não lhe ocorrera?

Na bolsa pendurada no cabide da sala de estar havia várias amostras de forro, as quais levava para casa, a fim de que escolhesse a cor que mais lhe agradasse, pois Kay passara a hora do almoço no departamento de móveis da Macy's procurando um sofá e duas cadeiras. E, só para matar o tempo, vira o preço das cortinas, para mostrar a Harald o quanto eles economizariam, em virtude de o apartamento já ter venezianas. As venezianas dispensavam o uso das cortinas. As cortinas ficariam caríssimas, quase cento e vinte dólares, e não comprá-las seria o mesmo que economizar o dinheiro do primeiro ano de aluguel.

Deu uma olhadela no feijão que se achava no forno. Ainda não estava no ponto. Na sala de estar, abriu a mesa-consolo e colocou dois pratos, ao mesmo tempo que dava uma mirada furtiva para Harald, que lia o *New Yorker*. Ele levantou os olhos:

— Que tal convidar os Blake para jogar bridge depois do jantar?

O tom negligente das palavras não a enganou; aquilo, vindo de Harald, era um pedido de desculpas. Ele desculpava-se indiferentemente pelo fato de quase ter arruinado a noite.

— Seria ótimo! — Kay estava deliciada, fazia muito tempo que não jogava bridge. — Eu telefono ou você?

— Pode deixar, que eu telefono — respondeu ele e, agarrando Kay pela cintura, beijou-a com muito ardor. Ela soltou-se e correu para a cozinha.

— Tenho três garrafas de cerveja na geladeira — gritou. — Não esqueça de dizer aos Blake.

Mas, na cozinha, sentiu que o desânimo a dominava outra vez. Lembrou-se, repentinamente, de que havia um certo método na loucura de Harald. Por que os Blake entre outras pessoas? Norine Blake, sua colega de turma, era muito esquerdista; na escola, estava sempre lendo autores socialistas e organizando comícios, e seu marido, Putnam, era um socialista fichado. Ambos tinham verdadeiro complexo sobre a economia e viviam dentro de um orçamento ínfimo, apesar de Putnam possuir uma boa renda e pertencer a uma família importante. Kay podia prever o que ia acontecer. Assim que os Blake soubessem que Harald perdera o emprego começariam a falar sobre o

apartamento. Kay já estava doente de ouvir falar que Norine e Put haviam encontrado um fabuloso porão com um jardim de verdade por apenas quarenta dólares mensais. . . e por que a mesma coisa não aconteceria a ela e Harald? Kay jamais viveria num porão, não era saudável. Deu outra olhada no feijão e bateu a porta do forno. Putnam diria (parecia estar a ouvi-lo naquele momento!) que Harald estava perfeitamente justificado se rompesse o contrato e que, aliás, todos esses contratos não passavam de exploração das massas. E, então, Norine começaria a falar sobre diárias, preços de transporte e coisas semelhantes. Ela tinha verdadeira mania sobre o assunto. A última vez que haviam jogado bridge juntos submetera Kay a um verdadeiro interrogatório sobre os meios que ela usava para chegar ao trabalho.

— Você toma um ônibus direto? — perguntara, dando uma olhadela para o marido, como se o ônibus direto fosse o maior dos luxos. — E o ônibus da Sexta Avenida? ! — continuara, dando outra olhadela significativa para o marido. — Isso significa duas passagens — concluíra com ar reprovador. A idéia fixa de Norine era que todos os jovens casais deviam viver perto de uma estação do metrô. Achava que Harald, pelo fato de trabalhar sempre na área que cercava Times Square, deveria viver no West Side e nunca além de dois quarteirões da parada mais próxima de um expresso. Kay e Harald riam-se muito da obsessão de Norine sobre o problema dos transportes, mas a verdade é que o último ficara com a pulga atrás da orelha. E, naquela mesma noite, quando Kay servira café e sanduíches de queijo, depois do jogo, Norine dera um grito.

— O quê! . . . creme de verdade?

Aparentemente, ela achava que só mesmo os milionários é que podiam comprar creme fresco. Naqueles poucos meses de casados, Kay fizera tudo para convencer Harald de que todo o mundo comprava creme fresco, e, no momento em que Norine fez a observação, ficou vermelha como um pimentão, como se tivesse sido apanhada numa mentira. E, entretanto, Harald, em lugar de ficar do seu lado, passou a implicar com Kay todas as vezes que ela servia creme, dizendo:

— O quê! . . . creme de verdade?

Harald vivia dizendo que ela era transparente. Às vezes, como agora, fazia a afirmação como se fosse uma autocrítica, mas, outras vezes, parecia amá-la ainda mais pelo fato de conseguir compreendê-lo, apesar de saber muito bem que ela jamais chegaria a uma conclusão definitiva. Isso a fez recordar a estranha carta que encontrara na noite anterior, quando arrumava uma gaveta,

preparando-se para a próxima mudança. Era uma carta de Harald para o pai e fora escrita, provavelmente, no sábado anterior ao casamento. Não conseguiu resistir à tentação de lê-la quando viu seu nome no meio da primeira página.

"Kay não tem medo da vida, Anders", era assim que chamava o pai. "Você, mamãe e eu sempre tivemos, pelo menos um pouco. Nós sabemos que a vida pode ferir-nos, mas Kay ainda não descobriu essa verdade, razão pela qual, acho, decidi casar-me com ela, apesar de os cínicos me aconselharem esperar uma moça rica, que poderia montar uma peça para mim. Não creiam que não pensei muito no assunto. Cá entre nós, mamãe não deve ler esta carta, conheço muitas moças capazes de satisfazerem às exigências. Tive relações sexuais com elas em seus luxuosos automóveis e bebi o que quis nos bares particulares de seus pais e não tive o menor constrangimento em deixar que pagassem as despesas em todos os lugares que freqüentávamos. Falo de cadeia. Essas moças também temem a vida e têm em si a quase necessidade da morte, um sentimento característico de sua classe social; queriam aniquilar a experiência num momento de louco prazer. Elas são como as bacantes que destruíram Orfeu. . . lembra-se da velha lenda grega? Em última análise, elas têm medo do futuro, exatamente como nós, os Petersen. Você e mamãe vivem apavorados com a idéia de outra perda de emprego ou, então, da aposentadoria; desde o estouro da Bolsa, as mocinhas ricas vivem apavoradas com a idéia de seus pais perderem todo o dinheiro ou de uma revolução que lhes confiscasse os bens. Kay é diferente, ela é de uma classe que você nunca conheceu muito bem, a parte mais elevada dos profissionais liberais. Seu pai é um famoso ortopedista em Salt Lake City e basta procurar-lhe o nome no *Who's Who* (se é que você já não o fez!) para saber quem é. Essa classe ainda acredita no futuro e na sua capacidade de subsistir e governar, e com muita razão, conforme vemos pela União Soviética, onde os serviços dos médicos e cientistas, não importando seu passado 'burguês', são regamente pagos, assim como os dos diretores cinematográficos e dos escritores. Vejo esta crença, esta confiança pioneira, em Kay, apesar de ela não ter a menor consciência do fato, e nela lê-se, em cada centímetro de sua personalidade, o 'sinal externo e visível de uma graça espiritual interna', tal como lemos nos livros de oração da igreja episcopal. Não que ela seja graciosa, a não ser quando usa roupas esportivas, e é ela mesma quem faz a afirmação. E, por falar no livro de orações (recomendo sua leitura constante tão-somente pelo belo estilo literário), Kay deseja que casemos na igreja freqüentada por J.P.

Morgan. Eu concordei por ironia, consolando-me com a idéia de que o Senador Cutting, um dos parlamentares mais progressistas que conheço (já lhe falei nele, não é?), também gosta de freqüentar a igreja, quando vem à nossa cidade. (Aliás, a esposa do homem é membro da lista das Dez Mais, ou coisa que o valha.)

"Não sei como você se sente aí em Boise, mas aqui as coisas têm mudado muito desde que Roosevelt tomou posse. Provavelmente, como um homem de outros tempos, você não confia muito nele, no entanto eu confio bastante. Você já deve ter ouvido falar no afluxo de professores no governo, e essa é a chave de todas as mudanças que podem significar uma revolução incruenta, a maior de nossos dias, com a inteligência e a cultura substituindo o capital na administração de nossos malbaratados recursos. Os rapazinhos marxistas aqui de Nova York cometem um erro quando pensam que vamos assistir à luta final entre o capital e o trabalho; ambos, capital e trabalho, em sua presente morfologia, devem dissolver-se. O fato de Roosevelt ser um patricio é significativo, e Kay diz sempre com orgulho que ele faz parte da Junta Administrativa de Vassar. Creio que o senhor compreende meu ponto de vista e compreende a barganha que vou fazer: meu casamento com Kay é uma garantia para o futuro. Sei que a coisa soa um pouco mística, mas acontece que meu sentimento por ela é um tanto ou quanto místico, uma sensação de 'estar certo', de destino, chame-o como quiser. Não me pergunte se eu a amo, pois o amor pertence ao terreno da atração química e continua sendo um elemento desconhecido para mim. Ela é uma mulher muito forte, dotada de uma vitalidade irradiante, ainda que indisciplinada. Pode ser que você e mamãe não gostem dela à primeira vista, mas sua vitalidade é indispensável para mim, é uma vitalidade que necessita forma e direção, coisa que posso oferecer-lhe.

"A propósito: será que mamãe se importa que Kay a chame de Judith, quando escrever-lhe? Como acontece com todas as moças modernas, ela tem horror de chamar a sogra de *mamãe*, e *Sra. Petersen* parece muito formal. Faça mamãe compreender. Kay só se refere a você como Anders e está impressionada com nosso grau de amizade e confiança. Já tentei usar sua vida como tema de uma peça teatral, mas Kay, que estudou arte dramática em Vassar, sob a orientação de uma estranha mulherzinha elétrica, acha que minha capacidade como autor ainda não desabrochou completamente, talvez tenha razão. Oh, Anders..."

Neste ponto, a carta fora bruscamente interrompida e jamais fora terminada. Encontrara muitas outras cartas começadas na mesma

caixa, algumas para ela, em Vassar, e muitos rascunhos de princípios de contos ou novelas, tão velhos que o papel já estava começando a ficar amarelado, assim como os dois primeiros atos de sua peça. A carta, pensou Kay, estava muitíssimo bem escrita, como tudo o que Harald escrevia ou fazia; contudo sua leitura deixou-a cheia das mais estranhas sensações de medo. De certa forma, nada havia em seu conteúdo que não soubesse, mas saber uma coisa é completamente diferente do que vê-la escrita. Harald jamais escondera que tivera relações com outras mulheres e brincara com a idéia de casar-se com uma delas. Sabia muito bem o que ele pensava de sua situação social (apesar de, quando ele falava no assunto, dizer sempre que a sua classe estava liquidada), sobre Roosevelt e sobre a incerteza que tinha quanto a amá-la somente com um "espírito de ironia". Talvez isso é que tornara a leitura da carta tão decepcionante. Saber que Harald era sempre o mesmo, de certo modo, fazia-o diferente. A curiosidade é uma coisa terrível; começara a ler a carta sabendo que não devia fazê-lo, com a idéia de que poderia vir a conhecer mais sobre ele e também sobre ela. Mas, em lugar de a carta revelar mais alguma coisa a seu respeito, vira nela as limitações de Harald. Ou seria que não gostara de vê-lo "desnudar a alma" para o pai?

Contudo, a carta revelara-lhe alguma coisa, refletia Kay naquele momento, ouvindo Harald telefonar (certamente que os Blake aceitariam !) e temperando a salada. A carta explicava com muitas palavras qual era sua atração, uma coisa que jamais conseguira explicar muito bem. Quando o encontrara pela primeira vez, no teatro de verão, fora tratada como qualquer uma das outras garotas que zanzavam pelos arredores e fora alvo de contundentes críticas sobre tudo o que fazia, tendo de cumprir as ordens mais difíceis. "Seu cabelo está cheio de tinta", dissera ele, uma noite, durante uma festa oferecida pela companhia, enquanto dançavam. Ele acabara de discutir com a estrela, uma mulher casada, cujo marido morava em Nova York, e com quem ele dormia. Outra ocasião, quando tomavam cerveja num bar à beira da estrada, ele fora até a sua mesa, onde estava em companhia de outros aprendizes, para dizer — imaginem só! — que as alças do seu porta-seios estavam aparecendo. Kay mal podia acreditar quando ele disse que lhe escreveria, assim que ela retornasse a Vassar, porém cumprira a promessa — um quase bilhete. Ela respondera, Harald fora passar um fim de semana na universidade, a fim de conhecer o teatro que ela dirigia, e agora estavam casados. Contudo, ela jamais sentira segurança em relação a Harald e, até o último momento, receara que ele a estivesse usando como brinquete para

magoar outra mulher. Até mesmo na cama ele mantinha o sangue frio e dava-se ao luxo de usar a tábua de multiplicações para adiar a ejaculação, velho truque árabe que aprendera com um inglês. Kay passou os feijões da forma para o prato. Não tinha "medo da vida", repetia para si mesma; tinha "uma vitalidade irradiante". Seu casamento era "uma garantia para o futuro". Em lugar de sentir-se magoada e desejar que ele tivesse dito algo mais romântico, chegara à conclusão de que era melhor assim, mais de acordo com sua personalidade, pouco lhe importando a opinião dos Blake. Não ligaria à opinião dos outros e não desistiria do apartamento de maneira alguma. Não sabia por que motivo o mesmo significava tanto para ela: se era por causa das venezianas ou pelo porteiro ou pelo banheirinho adorável. Achava que morreria, se o apartamento não fosse seu. Além disso, o que fariam? Voltar para aquele sórdido quartinho que Harald ocupara na Village, fronteiro ao aposento de Dick Brown, até que as coisas estivessem "mais calmas"? Não! Kay levantou a cabeça, corajosa. "Existem outros apartamentos, querida", parecia ouvir sua mãe dizendo. Mas ela não queria outro apartamento, queria aquele, especialmente. Era algo parecido com o sentimento que a fizera gostar de Harald e achar que o tinha perdido, cada vez que ele demorava a enviar-lhe uma carta. Ela não desistira, nem dissera "Ora! Existem outros homens!", conforme fazem outras pequenas; ela insistira, teimara. E não era só por si que agira assim; para Harald seria um desastre psicológico ver desmoronar um plano de vida e recuar perante a primeira derrota. . . isso para não falar da perda do depósito, um mês inteirinho de aluguel.

Sentaram-se para comer. Os Blake chegariam às oito e trinta. De vez em quando, Kay dava uma olhadela na sua bolsa, repleta de amostras de tecidos de cortina. Ficou pensando se devia ou não mostrá-las de uma vez, antes que Norine e Putnam chegassem. Depois do jogo seria tarde demais, e Harald, suspeitava, desejaria ter relações e, numa noite como aquela, não poderia recusar-se, mesmo sabendo que, com a lavagem, ela não pregaria os olhos antes de uma hora da manhã (graças às famigeradas tábuas de multiplicar), e, no dia seguinte, antes de ir trabalhar, não haveria tempo, além de ele ficar furioso se ela o acordasse para tal fim. Contudo, teriam de decidir o assunto muito breve: a loja Macy's exigia duas semanas para a forração. As camas, painéis, pratos e outros utensílios também teriam de ser comprados, se bem que fossem encontrados em qualquer loja, era só escolher e pagar. Achava que deviam ter colchões de crina animal, que eram mais caros, porém mais saudáveis. Mas sua

confiança desvaneceu-se ao passar a manteigueira a Harald. Na noite anterior, haviam discutido acerbamente — e a discussão terminara em lágrimas de sua parte — sobre o tema manteiga *versus* margarina. A margarina, sustentava Harald, era tão saborosa e nutritiva como a manteiga, mas os altos interesses dos produtores de manteiga tinham conseguido que os produtores de margarina pudessem acrescentar corantes ao seu produto; sabia que ele estava certo, mas acontecia que não podia suportar a idéia de usar aquela coisa branca e oleosa na mesa, mesmo que sua atitude fosse tomada como um reflexo de sua situação social. Agora, ele passava um pouquinho de manteiga no pão com um risinho amargurado, que Kay fez tudo para ignorar. Talvez não tivesse medo da vida, mas, certamente, estava com medo de Harald.

Decidiu tocar de leve no assunto das amostras, tecendo comentários despreocupados sobre o dia que passara na loja, pois, além do mais, receava que, se continuasse calada, Harald mergulhasse num de seus costumeiros ataques de melancolia.

— Sabe de uma coisa? — disse alegremente — hoje a freguesa na loja fui eu! — Era como fazer uma prova no colégio: uma empregada da Macy's querendo ser freguesa tinha, desta maneira, de avaliar todas as possibilidades nos seus seis meses de treinamento. Era evidente que os patrões não sabiam da experiência, mas aquela fora a maneira mais natural de abordar o assunto. — Durante esta semana estou servindo na seção de roupas finas, sabia?

Harald sabia que Kay passaria por todas as seções da loja, além de ouvir uma série de conferências feitas pelos chefes de departamentos, a fim de conhecer todos os ângulos do negócio.

— Pois hoje à tarde tive uma daquelas freguesas que experimentam todas as roupas disponíveis e que, no fim, não ficam com nenhuma. Já estava quase na hora de fechar, e a mulher não havia ainda decidido se queria um vestido preto com gola de pele ou outro de casimira azul. Pediu que chamassem o encarregado da seção de conserto, e o camarada disse, dando-me uma piscadela como aviso, que ela devia ficar com os dois. Eles chamam muito a atenção para a cortesia, bom humor, personalidade, mas a única coisa que interessa mesmo é vender. Se a freguesa sair sem comprar nada, então o vendedor é um fracasso. Pois sabe que graças à conversa do homem a freguesa acabou comprando os dois vestidos? Não foi uma compra de verdade, é claro; em lugar de os vestidos passarem à seção de consertos, voltaram ao estoque, pois a freguesa era uma funcionária da Macy's encarregada de testar os novos empregados. Eles trabalham

assim. Entretanto, o reverso da medalha não é agradável: se a freguesa devolver a mercadoria, o vendedor perde muitos pontos, significa que exagerou na venda. . . vendeu demais. . .

Harald, mastigando, ouvia tudo em silêncio; finalmente, pousou o talher. Em vista de sua frieza, Kay não continuou.

— Continue, minha querida — disse ele, quando viu que sua voz hesitava e, finalmente, parava. — O assunto é muito interessante e, pelo que vejo, você vai ser a primeira aluna de sua classe na Macy's. Quem sabe se você não poderá conseguir-me um emprego na seção de tapetes ou, então, como vendedor de geladeiras.. . esses são departamentos masculinos, não é mesmo?

— São — replicou Kay, somente para não deixar a pergunta sem resposta. — Só que ninguém começa nessas seções; o novo empregado tem de passar por outros departamentos antes de se iniciar nas vendas. — Deixou cair o garfo e mergulhou a cabeça nas mãos: — Oh, Harald! Por que você me detesta?

— Porque você faz perguntas chatas como essa — retorquiu Harald.

O rosto de Kay ficou vermelho; não queria chorar, pois os Blake deviam estar chegando. Harald deve ter pensado a mesma coisa porque, quando tornou a falar, foi num tom diferente.

— Eu não a culpo, minha querida Kay — disse gravemente — por querer fazer uma comparação entre mim e você no terreno da capacidade de trabalho. Deus sabe que você tem todo o direito.

— Mas eu não estava fazendo comparações! — Kay levantou a cabeça, ofendida: — Eu tentava iniciar uma conversa.

Harald sorriu tristemente.

— Eu não a culpo — repetiu.

— Harald! Por favor, acredite-me! — Kay olhou para as mãos: — A idéia de uma comparação jamais passou pela minha cabeça. Seria impossível. Eu sei que você é um gênio, e que eu não passo de uma criatura normal tipo B, no máximo. É por isso que eu consigo viver, e você não. E, além disso, não o ajudei bastante, eu sei disso. Não devia ter deixado você vir jantar em casa durante o período de ensaios, não deveria ter preparado coquetéis. Devia ter pensado que você atravessava uma fase difícil, cansativa... — Sentiu que ele a segurava com a mão flácida e viu que errara uma vez mais; pelo menos não mencionara as vezes que ele chegara tarde ao teatro, o pensamento que mais doía em sua consciência.

Harald sacudiu levemente a mão.

— Kay — disse ele —, quantas vezes já disse que você é uma egoísta inconsciente? Observe como desviou todo o centro do drama para sua pessoa. Eu fui o despedido, não você. Você nada tem que ver com o assunto. Chegar atrasado — sorriu cruelmente — não tem qualquer relação com a coisa, apesar de você o ter insinuado de maneira tão desastrada. Você desenvolveu uma mentalidade-relógio. No teatro, ninguém leva a hora do jantar a sério. . . a não ser você. Viu muito bem quando fez aquela visita ao teatro: os ensaios só recomeçaram depois de meia hora de espera. A turma ficou sentada conversando ou jogando. . .

Kay balançou a cabeça.

— Está certo, Harald. Perdoe-me.

Mas ele ainda estava zangado.

— Eu ficaria muito grato — disse — se você mantivesse sua mentalidadezinha burguesa afastada de minha vida particular e profissional. Essa é a maneira mais fácil de aborrecer-me. Você pensa que está fazendo uma auto-acusação, porém, na verdade, o acusado sou eu.

Kay fez que não com a cabeça.

— Não, não. . . nunca.

Harald levantou uma sobrancelha de modo cético.

— Você protesta demais — observou casualmente, e ela notou que seu humor já estava mudando. — Em todo caso — continuou —, isso tudo não interessa. Você está no caminho errado, mocinha. O tal diretor me odeia, eis tudo.

— Por você ser superior a ele — murmurou Kay.

— É claro que sim — respondeu Harald. — Sem a menor dúvida.

— Sem a menor dúvida? — perguntou Kay, ofendida pelo ar judicioso que havia em sua voz. — Claro que essa foi a razão. — Era insuportável recomeçar tudo quando, finalmente, pareciam ter chegado a uma conclusão comum.

— Que quer dizer com *sem a menor dúvida*?

Ela sacudiu a cabeça e sorriu.

— Oh, Harald, por favor, conte-me!

— Que tal um cafezinho bem gostoso?

— Não, Harald, por favor conte-me!

Harald limpou o cachimbo cuidadosamente.

— Você conhece a história de Hipólito? — disse finalmente.

— Claro — protestou Kay. — Não se lembra de que nós a representamos no colégio e que Prexy fez o papel de Teseu? Eu contei

tudo numa carta, fiz os cenários... as estátuas de Artêmis e de Afrodite. Puxa, foi um bocado divertido. Imagine que Prexy esqueceu o papel e, desesperada, recitou o "Ser ou Não Ser", e ninguém notou a diferença, porque a representação foi em grego clássico. Só a professora é que notou a coisa, apesar de ser surda como uma porta. — Harald esperou, tamborilando com os dedos. — E então? — perguntou Kay.

— Então?! — exclamou Harald. — Basta você mudar o sexo de Fedra. . .

— Não compreendo. O que acontece se a gente mudar o sexo de Fedra?

— Você compreenderá imediatamente porque eu fui despedido. Agora vá fazer o cafezinho, tá?

Kay continuou olhando, sem compreender a ligação de uma história com a outra.

— Tudo sujeira, minha cara — disse Harald. — Apesar de não ser virgem, eu fui o casto Hipólito da farsa. Um macho defendendo sua virtude é sempre uma figura ridícula.

O queixo de Kay caiu.

— Você quer dizer que alguém queria fazer alguma coisa com... ? Mas quem? . . . O diretor? — murmurou ela.

— Mais ou menos isso.

— Mas quando? Esta tarde? — Kay estava dividida entre o horror e a curiosidade. "Os pederastas sempre deram em cima de mim", dissera ele no verão anterior (havia dois tipos assim na companhia), e o comentário a excitara e enchera de curiosidade.

— Não, não. O negócio foi há várias semanas — respondeu Harald. — Foi logo no primeiro dia, pronto.

— Mas por que você não me contou? — O fato de ter-lhe ocultado uma coisa assim a magoava.

— Não havia razão para contar.

— Mas como foi que aconteceu? O que foi que ele disse? Onde estavam vocês?

— Na travessa Shubert — respondeu Harald. — Eu tinha bebido um pouquinho demais naquela noite e, no meu humor de genialidade, devo ter dado a impressão de que estava encorajando o camarada. Sugeriu que poderíamos fazer uma esticada em seu apartamento.

— Oh, meu Deus! — exclamou Kay. — Harald, você não?...

— Não, não — replicou ele, malicioso. — A perspectiva não era muito agradável. O enxuto deve ter pelo menos quarenta anos.

Por um segundo, Kay sentiu-se aliviada e quase ao mesmo tempo

(não é curioso?) quase sucumbiu. Então, foi assaltada por outra suspeita.

— Harald! Você quer dizer que já fez *isso* com alguém mais novo? Um bailarino? — Sentia-se doente ao pensar nas noites em que ele chegava tarde, mas ainda assim sentia uma curiosa necessidade de saber tudo.

— Não posso responder a perguntas hipotéticas — respondeu Harald, impaciente. — O problema não sugere respostas.

— Oh — disse Kay, pouco satisfeita. — Mas o diretor, ele. . . tentou outra vez?

Harald confessou que sim. Certa vez, tarde da noite, ele acariciara-lhe as coxas.

— E o que foi que aconteceu? Harald deu de ombros:

— A ereção é uma coisa normal no homem, você sabe muito bem.

Kay empalideceu.

— Oh, Harald! Você o encorajou! — imediatamente foi dominada pelo ciúme e foi preciso muito tempo para Harald acalmá-la. Em seu coração, havia a horrível certeza de que a ereção não seria assim tão normal quando Harald entrava na ponta dos pés no quarto, caso ela não estivesse dormindo. E como é que sabia que ele entrava na ponta dos pés? É que (embora Harald não o suspeitasse) às vezes ela não estava dormindo de verdade. Decidiu que, naquela noite, teriam de ter relações de qualquer maneira, não importando o quanto se sentisse cansada, nem a hora em que os Blake saíssem.

Kay bocejou e saiu do colo de Harald, onde ele a sentara a fim de consolá-la. ("Adoro tuas sardas, minha querida", cochichara, "e este cabelo negro de cigana.")

— Vou fazer o café — disse ela.

Quando se afastava, Harald deu-lhe uma palmada no traseiro, o que a fez, involuntariamente, pensar no diretor. O sentimento que a invadira recentemente induzia-a a desconfiar de Harald e a achar que havia sempre um pouco mais por detrás de tudo o que ele lhe contava. Para dizer a verdade, ficara imaginando muitas vezes se não havia outra explicação para a perseguição movida pelo diretor e, agora que sabia o que era ("Não existe fúria maior do que a de uma mulher enganada"), ficava imaginando se não havia "algo" mais do que Harald contara. Até que ponto ele deixara a "bicha" chegar? Não podia esquecer uma história que ele lhe contara, certa vez, quando ainda estava estudando, a respeito de uma velha atriz que despira em seu apartamento e que, depois, a abandonara espantadíssima,

esparrramada em seus lençóis de percal-azul.

Kay acreditava em Harald completamente, não tinha a menor dúvida de que um dia seria famoso, cedo ou tarde, e em qualquer campo que escolhesse. Mas ter confiança era diferente de acreditar. Na verdade, quanto mais ficava impressionada intelectualmente pelo marido (o seu QI devia andar pela casa da genialidade), mais notava seus pequenos lapsos. E como é que com tanto talento ainda continuava sendo um simples auxiliar de diretor de cena, enquanto outros rapazes de sua idade, e não tão inteligentes e brilhantes como ele, tinham avançado muito mais? Será que havia alguma coisa errada nele que fora notada pelos produtores e diretores e não por ela? Gostaria imensamente de submetê-lo a certos testes de personalidade que estudara em Vassar.

Certa vez, durante uma semana de provas (e ninguém sabia do fato senão ela), tinha tentado suicidar-se, jogando o carro de uma colega do alto de um rochedo. O carro rolara a ribanceira sem machucá-lo. Harald subiu-a, ileso, e voltou a pé para casa. Na manhã seguinte, o casal em cuja casa estava hospedado mandara buscar um reboque, o qual retirou o carro do barranco, e o único estrago fora provocado pelo ácido da bateria que vazara, estragando o estofamento e um chapéu inglês do próprio Harald, que lhe caíra da cabeça quando o carro virou. Essa tentativa de suicídio a impressionara terrivelmente, e Kay guardara a carta em que ele contara tudo, como um verdadeiro tesouro. Tinha a certeza de que não teria coragem de fazer uma coisa daquelas, principalmente num carro que não fosse seu. Ele o fizera, contara-lhe mais tarde, movido por um impulso incontrollável, por saber que não podia evitar o futuro e não querer ser um marido submisso, nem mesmo dela. Já que a tentativa falhara tão miraculosamente, viu nisso um sinal do destino e que o Céu decretara a união dos dois conforme explicou na carta. Agora que conhecia Harald melhor, ficou imaginando se ele não despencara da ribanceira por acidente, pois estivera bebendo momentos antes. Detestava desconfiar assim de Harald e não sabia o que era pior: ter medo que seu marido se matasse ante o menor contratempo ou, então, que tudo não passasse de simulação para ocultar um fato corriqueiro como "guiar sob a influência de bebidas alcoólicas".

Harald era um verdadeiro histrião, e fora Lakey quem descobrira a palavra para designá-lo. Contudo, era exatamente por isso que ele, com seu intelecto e cultura, daria um maravilhoso diretor. Kay dedicara muito de seus pensamentos, durante as solitárias noites que passava sozinha, enquanto ele estava no teatro, a Harald e seus

problemas, chegando à conclusão de que a influência mais forte que o dominava era sua fortíssima identificação com o pai. Ele continuava as lutas do velho, qualquer psicólogo veria imediatamente essa verdade. Não é de espantar, portanto, que Kay sentisse uma grande impaciência quanto à ligação entre os dois. Chegara ao ponto de detestar os nomes "Anders" e "Judith"! Preferia morrer a ter de cozinhar para "Judith". A visão de receitas escritas a lápis pela sogra, anexadas às cartas de "Anders", a deixava furiosa. Desde que vira pela primeira vez a caligrafia de "Judith", passara a detestar a "carne com pimenta malagueta", tão decantada por Harald, apesar de o prato fazer sucesso com as visitas, que pensavam que se tratava de uma coisa exótica que ele aprendera com o pessoal do teatro. Não tinha a menor dúvida de que "Judith" usava margarina e chegava a ver uma manteigueira cheia daquela "coisa" branca e horrível sobre uma toalha vagabunda e manchada!

Fazendo o café, Kay franziu o sobrolho. Sentia um ódio impiedoso pela gente pobre, ódio que jamais fora suspeitado nem mesmo por Harald e que, certas vezes, chegava a amedrontá-la pela sua violência como, por exemplo, quando tinha de atender um indigente na loja. Objetivamente, é claro, devia sentir piedade pelo velho Anders, um pobre imigrante norueguês que ensinara trabalhos manuais nas escolas públicas do Estado de Idaho e que, mais tarde, graças ao seu esforço próprio e estudando de noite, conseguira transformar-se num professor de álgebra, chegando a ser diretor de uma escola de Boise e a tornar o vice-diretor num inimigo, inimizado que resultara em sua demissão. A peça que Harald escrevera contava tudo. Na peça, transformara o pai no reitor de uma universidade e o vice aparecia como a câmara de deputados estaduais. Na sua maneira de pensar, fora esse detalhe que julgara inconveniente e que mais contribuía para as falhas do trabalho. Se Harald queria escrever sobre o pai, para que glorificá-lo? Por que não escrever somente a verdade?

De acordo com as explicações de Harald (influências de Ibsen), na vida real, o pai fora afastado de suas funções por ter descoberto certos negócios escusos nos livros de contabilidade da escola. Mas, se estava realmente inocente, como Harald proclamava, era estranho que, durante toda a adolescência do filho, jamais tivesse conseguido ser reintegrado em suas funções, sendo obrigado, para sustentar a família, a fazer trabalhos manuais de carpintaria, enquanto Harald trabalhava como mensageiro num jornal. Harald dizia que tudo fora parte de uma conspiração na qual estavam envolvidos alguns altos funcionários municipais, e que os mesmos tinham sacrificado seu pai a fim de

ocultar certas sujeiras. Mas, repentinamente, um partido reformista da oposição conquistara o poder (o pai de Harald era uma espécie de populista radical, cujo deus era um homem chamado Townley), e ele fora readmitido, como professor substituto; entretanto, no ginásio, Harald conquistara grande nomeada como jogador de futebol, astro da sociedade dramática e redator do jornal escolar. Um grupo de senhoras de Boise conseguiu levantar fundos que lhe proporcionaram meios para uma bolsa de estudos no Colégio Reed, em Oregon, e, mais tarde, na Escola Dramática de Yale; além disso, sempre que o desejasse, teria um bom emprego à sua disposição como diretor do Pequeno Teatro, que era um dos orgulhos da comunidade — valia a pena ver o belo jarro de prata que o pessoal havia mandado como presente de casamento. Mas Harald só voltaria para Boise depois do dia em que o nome de seu pai fosse vingado. Isso significava quando sua peça fosse representada; esperava que Boise em peso lesse as notícias e visse o espetáculo, reconhecendo no herói o velho Anders, que agora voltara a ser um autêntico professor (metade álgebra e a outra metade trabalhos manuais). A peça chamava-se *Pele de Cordeiro*, e, nela, Harald misturara um pouco da vida de seu pai com a de Alexandre Meiklejohn, de Wisconsin, sem querer confessar que os dois não tinham um único ponto em comum.

A coisa que mais apavorava Kay é que Harald estava identificando-se com o fracasso. Um de seus primeiros pensamentos quando, naquela tarde, ouvira as novidades, fora que Harald ia seguindo as pegadas do pai. Ficou imaginando quantas pessoas que conheciam Harald pensariam da mesma maneira. Assim, era indispensável fazer a verdade circular, pois a carreira de Harald estaria arruinada se ele adquirisse fama de criador de encrencas, de uma pessoa que "desejava" ser despedida, que "precisava" fracassar. . . Não lhe passava pela cabeça a idéia de que Harald estava sendo covarde, dizendo que o diretor tentara seduzi-lo, pois todo o mundo sabia das inclinações do homenzinho, o qual, sutilmente, provocara o rapaz até fazê-lo perder a cabeça.

A campanha da porta soou exatamente quando terminavam o café. Ouvindo os Blake subirem a escada (Norine tinha um andar muito pesado), Kay pensou rapidamente. Não faria um único comentário sobre o apartamento, caso o assunto fosse mencionado. E, na manhã seguinte, a primeira coisa que faria seria encomendar a forração do grupo estofado. Poderia dizer que a encomenda fora feita na véspera, antes de saber o que acontecera, e que nada dissera a fim de evitar maiores aborrecimentos ao marido. Podia até inventar uma

história sobre a desesperada tentativa que fizera de cancelar tudo (isso seria amanhã pela manhã), mas que a haviam informado de que já era demasiado tarde e que a fazenda já fora cortada. E, na verdade, a coisa podia ter acontecido assim, fora mera casualidade ter resolvido levar as amostras para casa, a fim de fazer a escolha em companhia de Harald, em lugar de tomar logo uma decisão.

Kay abriu a porta.

— Olá — exclamou. — Salve!

Falou numa voz baixa e um pouco abafada, tentando prepará-los, como se Harald, parado atrás dela, acendendo o cachimbo novamente, fosse um doente grave, um fantasma ou coisa semelhante. . . afinal de contas, como é que uma mulher se deve comportar quando o marido passou a engrossar a fileira dos desempregados em plena depressão? Por momentos, assim que o pensamento a assaltou, um medo feroz apoderou-se dela, como na vez em que ouvira a chave de Harald arranhando a porta e "sentira" o que ele ia dizer. Mas algo dentro de si endureceu, e ela teve logo uma nova idéia: agora, Harald poderia trabalhar na sua peça. A pequena sala de jantar funcionaria maravilhosamente como escritório, e ele poderia fazer várias prateleiras embaixo do armário da louça. Aliás, agora não havia razão para que ele não fizesse todo o trabalho de carpintaria, até mesmo a cama, como eles a tinham planejado, assim como uma estante para a sala de estar. Atrás dela, Harald falou:

— *Morituri te salutamus*.² Recebi o bilhete azul.

— Oh, Harald! — exclamou Kay impaciente. — Deixe ao menos eles respirarem. E trate de contar a coisa conforme me contou. Desde o princípio, não esquecendo um só detalhe.

² Os que vamos morrer te saudamos. Alusão à saudação que os gladiadores faziam ao imperador romano antes de uma luta. (N. do. E.)

Kay e Harald davam uma festa para celebrar o acontecimento de ele ter conseguido que um produtor montasse sua peça. Era feriado, e Kay não trabalhara. O grupo comparecera em peso, usando seus mais lindos vestidos e chapéus de inverno. Harald, coitado, não trabalhava há meses, desde setembro, quando, segundo a explicação de Polly Andrews, um diretor o molestara. Havia meses também que não pagava o aluguel, e os proprietários moviam-lhe uma ação. Ao receberem o primeiro cheque do produtor (quinhentos dólares), o telefone estava para ser cortado. Era um verdadeiro mistério como tinham conseguido viver aqueles meses, mesmo levando em consideração o salário de Kay. Haviam vivido de fé, esperança e caridade, dizia ela, rindo: a "fé" que Harald tinha em si mesmo dera "esperança" aos credores, e estes resolveram ter um pouco de "caridade". E ela contou como Harald propusera convidarem um grupo escolhido dos credores para a festa: um funcionário da companhia locadora, outro da companhia telefônica, o Sr. Finn, do Imposto de Renda, e o dentista, Dr. Mosenthal... não acham que a idéia foi formidável?

Kay mostrou o apartamento a todos os que não o conheciam. Dois quartos, mais uma salinha, a cozinha, uma saleta de entrada e o grande orgulho de Kay, um quartinho de vestir adorável e muito compacto, com escrivaninha e armários embutidos. Paredes pintadas de branco, lambris e várias janelas de guilhotina, que davam para um pátio ensolarado cheio de árvores e canteiros; fogão, pia e geladeira do último tipo; armários embutidos para guardar as louças, um armário para o material de limpeza e outro para a roupa branca. Todas as peças da mobília eram o que de mais moderno se podia imaginar: cadeiras suecas de madeira clara, mesa-consolo (feita de vidoeiro, belamente trabalhada), na salinha, separada da cozinha por uma porta sanfonada; na sala de estar, um moderno sofá forrado de vermelho e poltronas iguais, uma "cadeira de namorados" forrada de tecido de colchão cinza e branco, lâmpadas de pé de metal, uma mesa para

café que era tão-somente uma folha de vidro, cortada pelo próprio Harald, montada sobre pezinhos de metal, estantes embutidas que ele pintara de amarelo-canário. Ainda não havia tapetes e, nas janelas, nada de cortinas, apenas lindas venezianas brancas. Em lugar de flores, tinham várias plantas em vasos de barro também pintados de branco. No quarto de dormir, somente um grande colchão de molas sobre um estrado baixo.

Kay vestira uma *robe d'hotesse* de veludo cereja sem mangas (presente de Harald), criação de um dos mais famosos costureiros de Nova York, e tinham contratado uma moça do Harlem para servir os canapés numa ultramoderna bandeja. Em lugar de coquetéis, ofereceram um ponche à base de rum, o qual foi servido num jogo de doze copinhos emprestados por Priss Hartshorn Crockett, que os recebera de presente quando se casara em setembro, em Oyster Bay.

"Naquela" ocasião somente quatro do grupo haviam podido comparecer, e, hoje, *mirabile dictu*, faltava somente Lakey, que estava na Espanha. Pokey Prothero voara diretamente da Escola de Agricultura, Helena Davison, que passara o verão e o outono na Europa, viera especialmente de Cleveland. Dottie Renfrew viera do Arizona, para onde fora mandada pela família com o fim de melhorar a saúde, e exibia um bronzado maravilhoso, bem como um anel de noivado. . . um brilhante quase tão grande como seus olhos, pois ia casar-se com um riquíssimo mineiro, dono de quase metade do Estado.

Tratava-se de uma grande mudança, levando em consideração os modestos projetos de Dottie de trabalhar e continuar vivendo em Boston.

— Você vai sentir muita falta dos concertos e do teatro — observou Helena, secamente. Mas Dottie replicara que o Arizona tinha muita coisa boa para oferecer em troca. Lá morava muita gente interessante procurando a cura da tuberculose e que, depois de curada, continuara vivendo no Estado: músicos, pintores e arquitetos. Havia também longos passeios a cavalo e a incrível e luxuriante vegetação, isso para não falar nos índios e as fascinantes escavações arqueológicas que atraíam a atenção de cientistas, até os de Harvard.

A festa estava quase acabando: no quarto de dormir, restava um único casaco de vison. No auge da festa, os visons eram cinco: Harald os contara. O da supervisora de Kay, o da esposa do produtor de Harald, o de Connie Story, o de Dottie e um sobretudo com gola de vison do noivo de Connie, um rapaz de bochechas vermelhas que trabalhava na revista *Fortune*. O casaco de Dottie estava ao lado da

pele de leopardo de Helena e de um estranhíssimo abrigo de lobo cinzento pertencente a Norine Schmittlapp Blake, que também era do contingente de Vassar. O produtor retirara-se uma hora depois em companhia da esposa (a dona do dinheiro) e de uma estrela que substituíra Judith Anderson em *Como me Queres*, mas a classe de 1933 realizara quase uma reunião, pois as novidades eram muitas: Libby MacAusland vendera um poema para o *Harper's*; Priss estava grávida; Helena estivera com Lakey em Munique e com a Srta. Sandison no Museu Britânico; Norine Schmittlapp, que estava acompanhada pelo marido (o de camisa preta), assistira ao julgamento Scottsboro; Prexy (grande criatura!) almoçara ao lado de Roosevelt na Casa Branca. ...

Helena, que era a correspondente da classe, tomou algumas notas mentais. "Na Casa de Kay Strong Petersen", era o título que já imaginara para a reportagem que publicaria no próximo número do *Alumnae Magazine*. "Estive com Dottie Renfrew, que vai casar com Brook Latham e morar no Arizona." "A mulher que foi embora..." "que tal Dottie? Brook era viúvo. . . viram como a profecia da classe deu certo? O marido de Kay, Harald, vendeu sua peça, *Pele de Cordeiro*, ao produtor Paul Bergler. . . observem Harald, que ele vai longe. A peça vai ser apresentada no outono, e Walter Huston está lendo o original. O marido de Norine Schmittlapp, Putnam Blake, está planejando uma organização que levantará fundos para as causas trabalhistas e esquerdistas. Precisa-se de voluntários. Polly Andrews contou que Sis Farnsworth e Lely Baker abriram um negócio chamado 'Passeamos com seu Cachorro'. Passam a maior parte do tempo ao ar livre e não têm mãos a medir para atender a todos os pedidos de gente que não tem mais mordomos para levarem seus canichos ao parque..."

Helena franziu a pequena testa. Será que conseguiria manejar com bastante influência o idioma usado nas notas de classe do *Alumnae Magazine*? Ela e Dottie aguardavam na sala de estar a oportunidade de apanhar os abrigos e saírem. Kay e Harald estavam "discutindo" no quarto de dormir. A festa, de acordo com o que dizia a própria anfitriã, fora um fracasso. A maioria dos convidados debandara assim que a criada trouxera o vasto bolo de aniversário comprado para comemorar a data. Harald, furioso, mandara-a de volta para a cozinha, pois não queria que os convidados julgassem que ele esperava que ficassem por mais tempo. Mas Kay, que sempre fora mestra em cometer gafes, dera o serviço:

— Mas Harald ia ler a peça!

Lamentou-se depois que os convidados saíram. A festa fora

planejada em torno desse ponto, confidenciou. Agora, a criada já tinha ido embora, e os únicos que restavam, além da própria Helena e Dottie, eram um ator radiofônico, que estava enxugando a poncheira, os dois Blake e um oficial da Marinha que Harald conhecera num bar, cuja irmã era casada com um famoso arquiteto que em lugar de escadas usava rampas. O ator, que penteava o cabelo num estilo vagamente *pompadour*, conversava com Norine sobre a peça de Harald:

— O problema, Norine, é que o tema da peça é extremamente perigoso. Eu disse a Harald, quando ele leu pela primeira vez: "É muito boa, mas será mesmo uma peça?" — Fez um gesto largo com a mão, e um pouco de ponche caiu sobre a sua roupa. — Quando o público se identifica com um personagem, quer sempre que o mesmo tenha pelo menos uma oportunidade de vencer. Mas a maneira de Harald encarar a vida é tão secamente lógica, que os pobres coitados acabam decepcionados.

Do outro lado da sala, Putnam Blake, um jovem magro de rosto muito pálido, cabelo cortado como o de um colegial, expressão permanentemente séria, voz baixa e nervosa, explicava ao oficial de Marinha aquilo que chamava de "Princípio de Culpa Acumulada".

— O Sr. Blake — informou Dottie com uma piscadela — descobriu um sistema infalível para fazer os ricos darem dinheiro para o trabalhismo. Já me contou como é que a coisa funciona. Parece muito interessante — acrescentou calorosamente.

Dando uma olhadela em seus relógios, em Norine e no ator e na porta fechada, as duas moças aproximaram-se para ouvir. Putnam ignorou-as completamente, dividindo sua atenção entre o cachimbo e o oficial de Marinha. Servindo-se dos livros *Grandes Fortunas Americanas*, de Gustavus Myers, *Registro de Diretores*, de Poor, e *Leis de Mendel*, ele capacitara-se a predizer quando uma família rica estava liquidada. Em geral, isso ocorria na terceira geração.

— O que eu fiz — explicou — foi retirar o elemento chance do levantamento de fundos e colocá-lo em bases científicas. Eu simplifico ao máximo, é claro, mas, geralmente falando, o dinheiro tende a esquecer uma geração. Ou, então, se aumenta na segunda geração, tal como aconteceu com a família Lamont, será encontrado em maior quantidade num segundo filho, mais do que num primogênito. E pode ser transmitido às filhas, enquanto permanece adormecido nos filhos do sexo masculino. Isso significa que a maldição tende a separar-se das propriedades básicas, as quais, geralmente, são transmitidas de primogênito a primogênito. Assim, a

hereditariedade, sendo uma característica recessiva, como os olhos azuis, pode dar a uma família um certo número de indivíduos sem nenhum benefício para as esquerdas. — Um trejeito apenas perceptível, o fantasma de um sorriso, perpassou-lhe pelos lábios. Parecia querer desesperadamente conquistar a amizade do oficial, como um desses inventores malucos, pensou Helena, querendo, a todo custo, obter uma patente. Era, enfim, como se uma piada ectoplásmica pairasse em torno de seu princípio. — Agora estou trabalhando — continuou — na relação entre a deficiência mental e o dinheiro nas famílias ricas. Seu contribuinte ideal (os comunistas é que o descobriram), rebento de uma ilustre fortuna, tem a idade mental de doze anos. — Sem alterar a expressão, soltou uma pequena gargalhada.

Helena franziu as sobrancelhas cor de areia, pensando nos jovens ricos da Bíblia, e ficou imaginando uma interminável fileira de camelos carregados de incontáveis fardos de culpa, esperando a vez de passar pelo buraco de uma agulha. Neste ponto, a conversa atingiu-a como se fosse um estranho, de passagem.

— Leia o *Manifesto dos Comunistas*, ao menos pelo seu estilo — tornou a ouvir Harald dizendo à supervisora de Kay. Sorriu. — Tomemos "esta" moça como exemplo — disse Putnam, apontando para Helena com um movimento do cachimbo. — Os pais vivem da renda de suas rendas. O pai dela é primeiro vice-presidente da Companhia de Aços Oneida. Foi ele quem construiu sua fortuna, trabalhou muito, exemplar típico da primeira geração. A filha é muito inteligente... filha única. Não colabora com campanhas para levantamento de fundos destinados às vítimas do desemprego. Em matéria de caridade, seus gastos são disciplinados e limitados, provavelmente contribui para a Cruz Vermelha e adquire selos para as vítimas da tuberculose. Mas, se ela tiver quatro filhos, pode ter a certeza de que pelo menos um deles revelará características que evidenciarão a ancestralidade. . .

Impressionada, mesmo sem o querer, Helena acendeu nervosamente um cigarro. Conhecera o Sr. Blake aquela tarde e, por momentos, chegou a acreditar que o homem tinha poderes de vidência, como um daqueles leitores de pensamentos que a gente vê nos filmes ou, melhor ainda, um entendido na *buena dicha*. Mas o cúmplice do homenzinho era certamente Kay, a bandida. Lembrava-se perfeitamente do dia em que a colega lhe dissera enfaticamente que seus pais viviam "da renda de suas rendas". Mas Kay transformara-se numa vaidosa. Num dado momento, durante a festa, ouvira-a dizer ao

produtor de Harald que "os pais de Helena jamais sentiram os efeitos da depressão".

— Como é mesmo o nome? — perguntara o produtor, voltando-se para examinar Helena, como todos os demais o fizeram. Kay dera o nome do pai de Helena. — Não conheço — respondera o produtor.

— A maioria não conhece — acrescentara Kay — mas em Wall Street é sobejamente conhecido, Ele adora teatro. Pergunte a Harald. Esteve várias vezes com os Davison, quando o *show* estava em Cleveland, no ano passado. Sua mãe é presidente de um clube feminino local, mulher notável, organizando sempre cursos e conferências para as moças das classes trabalhadoras. Tem o máximo desprezo por organizações mais ou menos esquerdistas...

Helena soprou vários círculos de fumaça, arte que aperfeiçoara como remédio contra a autoconsciência. Durante toda a sua vida, ouvira os outros falarem "a seu respeito" e acostumara-se a isso, principalmente em virtude dos sensatos conselhos de sua mãe. Era uma moça baixinha, de cabelos louros muito claros, quase areia, um narizinho pequeno e arrebitado, e parecia forte, mas, na verdade, era magra e delicada. Assemelhava-se muito ao pai, um escocês de pequena estatura que fizera pilhas de dinheiro no negócio do aço, somente por entender muito de ligas de metais e que, na verdade, nascera numa cidade chamada Montanha de Ferro, em Michigan. Helena era considerada como o tipo mais engraçado do grupo, pois tinha um humor brincalhão, uma maneira lenta e curiosa de falar e o hábito de andar nua, o que, inicialmente, escandalizara as outras. Seu corpo era tão pouco desenvolvido que, quando as colegas a viam andando pelo corredor, em direção ao chuveiro, completamente nua, com uma toalha enrolada no pescoço, pareciam contemplar um garotinho sardento encaminhando-se para um gostoso banho num riacho deserto. Suas pernas eram um pouco tortas, e os pêlos "naquele" lugar eram tremendamente ruivos. Ela e Kay, quando se conheceram no primeiro ano escolar, costumavam trepar nas árvores de Sunset Hill, atrás do lago, assim como fazer as mais estranhas experiências químicas no laboratório, com o risco de fazer tudo voar pelos ares. Lera muita coisa, principalmente literatura moderna, e gostava de ouvir música moderna, também, música que não era das preferências do grupo. Colecionava edições raras de poesia e discos de música religiosa do período pré-polifônico. O grupo gostava muito dela e considerava-a como uma espécie de mascote, trajando sempre simples mas bonitos suéteres de lã inglesa e saia de casimira,

pedalando sua bicicleta pelos terrenos da universidade, ou, então, caçando borboletas com uma rede nos Jardins Shakespeare.

O pior, do ponto de vista de Helena, era que ela "sabia" de tudo, isto é, sabia que era a mascote, que parecia um garotinho tomando banho no riacho e como ficava quando empunhava a rede de caçar borboletas; fora observada e descrita meticulosamente por muita gente entendida, todos indulgentes e risonhos como o pessoal do grupo. Fora matriculada em Vassar no próprio dia em que nasceu e, durante a infância, sua mãe cuidara de que recebesse a melhor educação possível. Helena (de acordo com o que dizia sua mãe) sabia tocar piano, violino, flauta e pistão, além de cantar muito bem e de ter participado do coro. Fora conselheira de assuntos campestres e ostentava uma espécie de condecoração por ter salvo alguém numa praia. Jogava tênis e golfe muito bem, praticava o esqui e a patinagem sobre o gelo. Sabia montar a cavalo, apesar de nunca ter praticado saltos nem participado em caçadas. Possuía um conjunto para experiências químicas, uma pequena tipografia de brinquedo, material para trabalhar o couro, para fazer cerâmica, uma coleção de flores silvestres e muitos livros sobre pássaros, uma coleção de borboletas espetadas em alfinetes e cuidadosamente guardadas em caixas com tampa de vidro, coleções de conchas marinhas, ágatas, quartzos e cornalinas, recordações de seu tempo de estudante que ainda guardava zelosamente em sua sala de estar, em Cleveland, sala que outrora servira de berçário. As bonecas e brinquedos tinham sido doados aos pobres. Era capaz de escrever um ensaio sério e de bom estilo, imitar o canto dos pássaros e o tanger dos sinos, bem como de jogar *lacrosse*, xadrez, damas, *mash-jongg*, anagramas, dominó, *whist*, bridge, etc. Sabia de cor a maioria dos hinos cantados nas igrejas episcopal e presbiteriana. Aprendera bale, danças de salão e sapateado. Fizera algumas pesquisas geológicas em seu estado natal e visitara o hospício estadual; participara de vários acampamentos nas matas e cuidara da obra *Sentinela do Condado da Duquesa*, em Houghkeepsie. Nadara várias vezes nas quedas de água que ficavam perto de Washington's Crossing e assistira a representações de peças gregas na Escola Bennett, em Millbrook. Ela e Kay, empolgadas pelas aulas de higiene, eram as duas únicas calouras que inspecionavam diariamente os estábulos onde eram guardadas as vacas que forneciam leite para o colégio, e um dos empregados ensinara Helena a ordenhar. Sabia reconhecer uma boa porcelana e tinha uma pequena coleção de tabaqueiras, coleção que fora iniciada por sua mãe; conhecia o grego e o latim e podia ler, no original, as passagens mais difíceis de Krafft-

Ebing sem a menor hesitação. Conhecia também o francês medieval e todas as regras que regiam os *trouvères*,³ embora sua pronúncia não fosse das melhores, por sua mãe desaprovar as governantas francesas, em virtude de ter ouvido dizer que essas mulheres davam narcóticos às crianças ou, então, metiam suas cabecinhas no forno para fazê-las dormir mais depressa. Durante as férias, Helena aprendera velhas canções de pastores e marinheiros; improvisava muito bem na gaita de boca e, agora, estava aprendendo a tocar flauta. Recebera lições de arte desde a idade dos seis anos e tinha certo talento para o desenho. Quando Kay inventou a tal brincadeira de "quem gosta mais de quem", ela disse que não sabia e desenhou um cartão que chamou de "Julgamento de Páris", onde todas figuravam nuas, como deusas, e ela, muito pequenina, aparecia com um gorro de bobo da corte, tendo em uma das mãos um chocalho e, na outra, uma maçã bichada. Fascinadas, as colegas resolveram emoldurar o desenho, para pendurá-lo na parede da sala de estar, e ficaram em dúvida sobre se deviam retirá-lo, quando convidavam os namorados para tomar chá no colégio. As mais encapuladas e tímidas, como Polly Andrews e Dottie, ficaram com medo de serem consideradas demasiado avançadas, pois a semelhança era tão grande que podiam pensar que elas haviam posado para o desenho.

Tendo sido companheira de quarto de Kay (antes de todas elas resolverem ocupar um alojamento em conjunto) e tendo-a convidado para as férias em Cleveland, Helena aceitou o veredicto de sua mãe, que declarou ser Kay sua "melhor" amiga, apesar de a amizade ter esfriado muito depois que o sexo entrou na vida da colega. Helena sabia das coisas relativas ao sexo desde a mais tenra idade, mas tratava o assunto com ar brincalhão, referindo-se à coisa como sendo o nosso encanamento. Encarava a paixão profunda de um modo muito seco e com grandes reservas os ardores de Kay em relação a Harald. Para ela, os homens eram, em geral, um espécime curioso, como o unicórnio; em relação a Harald, seus sentimentos eram circunspectos e consistiam principalmente num protesto mental contra a forma como ele pronunciava seu nome. Mas seus pais gostavam do rapaz e tinham aprovado a escolha de Kay. Quando sua peça esteve em Cleveland, no inverno anterior, o Sr. Davison chegara ao ponto de oferecer um cartão que franqueava seu clube a Harald, dizendo que não costumava freqüentá-lo por ser "um camarada muito simples".

Por seu lado, Kay era uma das favoritas da mãe de Helena, e

³ Poemas líricos dos séculos XII e XIII, compostos na língua do norte da França (*langue d'oïl*). (N. do E.)

sempre que os visitava, a Sra. Davison, conservadora emérita, gostava de falar-lhe de Helena, aproveitando a intimidade da hora do desjejum, depois de uma segunda xícara de café, enquanto Helena ainda dormia. Aliás, conhecendo bem as duas, ela podia até imaginar o teor da conversa:

— Helena teve *todas as oportunidades*. . . — repetia a Sra. Davison, olhando fixamente Kay, que, respeitosa, bebia suco de laranja servido sobre gelo moído. — Todas as oportunidades. — Esta maneira de alongar e repetir as palavras induzia Kay a pensar que Helena era um profundo desapontamento para sua mãe. Mas, conforme as outras colegas de Helena já haviam descoberto, era um erro pensar isso. Acostumada a falar em público, a Sra. Davison fazia sempre uma pausa e intensificava seu tom, a fim de deixar as palavras penetrarem lentamente, mesmo quando o auditório era só de uma pessoa. Na verdade, achava que Helena se estava saindo muito bem, apesar de, às vezes, dissera a Kay, pensar que Helena não parecia "interessada" em continuar seus estudos de arte no colégio. — Davy Davison e eu — explicou — não faríamos a menor objeção se Helena quisesse ser pintora, *depois* que ela terminasse os estudos, é claro. O professor que a ensinava, aqui em casa, achava que ela era uma verdadeira promessa e que tinha queda, assim como o Sr. Smart, para o museu. Chegamos até a pensar em mandá-la passar um ano em Nova York, onde poderia ter um estúdio em Greenwich Village. Mas seus interesses mudaram muito em Vassar, como você deve saber.

Kay concordou.

— Eu nunca freqüentei uma universidade — continuou a Sra. Davison —, coisa que muito lamento. Devo culpar Davy Davison pelo fato, até o dia de minha morte.

Kay chegou à conclusão de que o Sr. Davison havia desposado a simpática dama demasiado cedo, o que achava difícil de conceber, pois, por mais que gostasse dela, não conseguia imaginá-la como jovem. A mãe de Helena era uma mulher alta e gorda, com montes de cabelo grisalho desordenadamente espalhados pela cabeça e olhos grandes, escuros e pensativos, olhos que pareciam deslocados em seu rosto comprido, inexpressivo e muito branco. Era canadense da província de Saskatchewan e falava de maneira sibilada.

Na verdade, fora professora numa cidadezinha do interior e já estava com quase trinta anos quando o Sr. Davison a conhecera na casa de um metalúrgico. Se não possuía título universitário algum, era, na realidade, por sua própria escolha; além disso, no *annus mirabilis* (1901), em que a universidade fora inaugurada em Saskatoon — história que gostava muito de contar —, fora inspecionar os

professores e descobrira que sabia muito mais do que eles.

— Como Jesus entre os doutores do templo, *toute proportion gardée* — ressaltava. Contudo, alimentava um misterioso ressentimento contra o Sr. Davison por este não ter permitido, como dizia, que terminasse sua educação.

— Precisamos comprar um diploma honorário para mamãe como presente de bodas de ouro — costumava dizer Helena, com ar brincalhão, falando ao pai.

O Sr. e a Sra. Davison detestavam exibicionismo. Ela não usava jóias, a não ser o anel de noivado, a aliança, e alguns broches com granaadas, a sua pedra de nascimento, presos na blusa de seus vestidos. Helena tinha um conjunto de safiras, um broche de diamantes, um alfinete de ametista e um colar de pérolas que fora reunido aos poucos (uma pérola em cada aniversário), do qual recebera a última quando fez dezoito anos e foi apresentada à sociedade (ou seja, aos velhos amigos da família), durante um chá oferecido por sua mãe, em casa. Esta chamava-se *The Cottage* e tinha um jardim, cercado de paredes muito altas e cheio de flores.

O lar dos Davison — Kay contara ao grupo — era quase mágico, como daquelas casas de conto de fadas, apesar de estar localizado no coração de Cleveland, distante do ponto de bondes mais próximo apenas dois quarteirões, mas cercado por buxos muito altos e pelo muro do jardim. Tratava-se de uma casa pequena, compacta e silenciosa, tendo belos assentos de janela forrados de chita e uma porção de cadeiras de balanço, aparadores e outros móveis cheios de coisas frágeis e preciosas, que eram utilizadas diariamente, como se fossem brinquedos instrutivos com os quais a gente pudesse brincar — Staffordshire, opalinas, Wedgewood, cristais da Boêmia. Na hora das refeições, a mesa parecia ter sido posta para ser fotografada por uma revista daquelas que falam de decorações domésticas. As louças e os talheres brilhavam feito peças de museu. E havia sempre flores que boiavam em vasos belíssimos. Contudo, não havia mordomos nem lacaios circulando por perto e fazendo a gente ter medo de quebrar alguma coisa ou, então, de usar os utensílios erradamente. Quando Helena, que era a última a comer, acabava seu desjejum, entrava uma criada negra com uma grande bacia branca, ornada com rosinhas, e um jarro com água, e a própria Sra. Davison lavava as porcelanas e as pratas ali mesmo na mesa (era um velho costume dos pioneiros, explicara ela certa vez), enxugando depois tudo em finíssimas toalhas bordadas. Na hora do jantar, depois do primeiro prato, a criada trazia a salada numa travessa verde e vermelha e um velho galheteiro com

azeite, vinagre, pimenta e vários outros ingredientes. O Sr. Davison, de pé, temperava a salada, sempre feita das verduras mais frescas e macias. Não costumavam receber muitas visitas; a maioria dos amigos, dissera Kay, eram velhos, solteirões ou viúvos, e nem o Sr. Davison (cujo verdadeiro nome era Eduardo) nem a Sra. Davison sentiam muito entusiasmo por aquilo que humoristicamente chamavam de "seguidores", apesar de Helena, como filha única, ter tido "todas as oportunidades" de, em seus dias de folga escolar, receber rapazes e moças de sua idade. Isso para não falar nas aulas de dança e na escola dominical; nem o Sr. nem a Sra. Davison eram freqüentadores habituais da igreja (apesar de ela ser excelente crítica de sermões), mas achavam que Helena devia conhecer a Bíblia e as bases dos principais credos cristãos, a fim de que escolhesse o que fosse de seu maior agrado.

Depois de ter estudado em casa, ela freqüentara um internato na Nova Inglaterra, famoso pela sua disciplina, mas muito simples. Nos verões, alugavam uma casa em Watch Hill, em Rhode Island, em Yarmouth, na Nova Escócia ou em Bidderford Pool, no Maine; Helena convidava sempre as amigas para visitá-la e, depois de completar dezoito anos, aprendeu a dirigir e tinha um Ford, "pau pra toda obra", como o descrevia a Sra. Davison, que o marido comprara como carro suplementar.

No verão de 1930 (quando Helena completara seu ano de caloura), planejaram um longo passeio pelo Distrito dos Lagos, mas, em vista da situação, acharam melhor ficar em casa, onde o Sr. Davison poderia controlar melhor seus negócios. Aliás, a Sra. Davison dissera que nenhuma outra das moças de Vassar sairia de casa numa situação como aquela.

No mês de junho do ano anterior fora o próprio Sr. Davison quem decidira que Helena precisava de uma mudança. No dia da formatura achara que a filha estava muito pálida e transmitiu seus receios à esposa. Era melhor que a menina fosse dar um passeio sozinha pela Europa, antes de iniciar seu trabalho na escola, onde ia aprender a cuidar de crianças, uma grande asneira, em sua opinião. Com a educação que recebera, Helena deveria preferir ser pianista ou, então, ensinar desenho numa das boas escolas de Cleveland, em lugar de perder tempo com um bando de fedelhos indisciplinados. Qual a lógica daquela escolha, perguntara ele a Kay, durante o almoço, depois da formatura, enquanto a Sra. Davison dizia:

— Papaizinho, o que é isso? — e Helena e Kay trocavam um olhar divertido.

— Está bem, mamãe! — cedera momentaneamente o Sr. Davison.

Kay achava que ele estava zangado por Helena não ter obtido um diploma *magna cum laude*, tal como acontecera com uma porção de judiazinhas. Aliás, a própria Sra. Davison dissera que bastaria o *cum laude*, em lugar das notas médias que Helena tirara.

— De resto, não gostei de ver aquelas estudantes que se levantaram para receber diplomas *magna*; tinham toda a aparência de mártires, daquelas que não dormem para estudar só para ter a vaidade de . . .

— Oh, mamãe! — exclamara Helena scandalizada. Mas o Sr. Davison não achou graça.

— E por que vai Helena tirar o emprego de uma moça que realmente precisa dele? Pode explicar-me? — perguntou, empurrando o prato de galinha assada. Suas bochechas miudinhas estavam muito vermelhas. Kay ia responder, mas a Sra. Davison interveio:

— Ora, papai — disse, calmamente —, então você acha que uma moça da posição de Helena não tem os mesmos direitos de outra qualquer?

— Exatamente — redargüiu ele. — Você acertou em cheio. Ter dinheiro custa um preço. As pessoas da minha posição — disse, voltando-se para Kay — têm seus privilégios. Foi isso que eu li em *The Nation* e no *New Republic*.

A Sra. Davison concordou com a cabeça.

— Pois escutem. O camarada que tem privilégios desiste de alguns direitos.

— Não entendo muito bem — respondeu Kay.

— Entende, sim — disse o Sr. Davison. — Assim como mamãe e Helena.

— Vamos escolher outro exemplo — propôs a Sra. Davison, pensativa. — Se Helena, digamos, quiser vender um quadro pintado por ela mesma, será que não pode fazê-lo só por existirem muitos pintores paupérrimos?

— Um quadro não é um serviço, mamãe — observou o Sr. Davison. — Helena está oferecendo um serviço que pelo menos outras cem moças em Cleveland poderiam fazer tão bem como ela. — Neste ponto, a conversa fora interrompida pela chegada do garçom com a conta, que foi paga pelo Sr. Davison. Helena mal falara.

Mais tarde, Kay diria que as idéias do Sr. Davison eram surpreendentemente injustas e que a viagem à Europa não passava de um suborno com a qual pretendia corromper a integridade da filha.

Ficara espantadíssima (e repetira a mesma coisa ainda hoje, durante a festa) de que Helena tivesse embarcado calmamente para a Europa, com o rabo entre as pernas, e tivesse lá permanecido até pouco antes do Natal. E, agora, não fazia o menor esforço para conseguir um emprego e falava em fazer coisas estranhas, como freqüentar um curso de ginástica acrobática na Associação Cristã de Moços. E não era questão de encher o tempo até a data do casamento, como acontecia com outras moças; na opinião de Kay, Helena jamais deveria casar, pois era teimosa como uma mula. Devia saber realizar suas potencialidades. Ela própria, Kay, e Helena eram exatamente o oposto uma da outra, dissera naquela tarde ao Sr. Bergler.

— Realmente? — perguntara Bergler. — Como assim?

— No colégio eu queria ser diretor teatral — respondera Kay, mas interrompera a explicação para chamar em voz alta: — Helena, venha cá, estamos falando de você!

Sem muita vontade, Helena aproximou-se. Trajava um vestido de veludo preto com uma fileira de botões na frente e uma golinha de renda antiga.

— Estava dizendo que sempre desejei ser diretor — continuou Kay.

— Não diga! — falou o produtor, um judeu desenxabido de pele muito branca e olhos cinzentos de peixe morto. — Então deve ser isso que você e Hal têm em comum.

Kay concordou com a cabeça:

— Eu dirigi uma peça no colégio. É claro que o meu trabalho nada tinha que ver com a cadeira de produção dramática, que era ministrada por Hallie, Hallie Flanagan, conhece? De qualquer forma, as peças dirigidas pelas alunas não fazem parte do currículo, pertencem àquilo que lá chamam de filatélica, uma iniciativa dos estudantes. Parece coleção de selos, mas não é. Serve para aumentar o amor pelo teatro. Trabalhei em eletricidade e fiz cenários.

— E agora?

— Desisti completamente — respondeu Kay com um suspiro. — Agora trabalho na loja Macy's. .. estou fazendo um curso de treinamento. Acontece que tenho vocação, mas não talento. Foi o que disse Harald quando viu minha peça no colégio. Helena também entrou e fez o papel de Autolycus.

O produtor voltou-se para Helena.

— Mas era isso que eu estava dizendo — continuou Kay, retomando o fio da conversa. — Perdi o interesse. Eu tinha vocação,

mas não talento, enquanto que Helena tinha talento, e não vocação.

— A senhorita tem interesse em fazer carreira no palco? — perguntou o produtor, curvando-se para Helena.

— Nenhum — asseverou Kay em lugar da amiga. — Helena é uma excelente mímica, mas não é atriz. É essa a opinião de Harald. Não. Contudo, Helena tem tantos outros talentos que não sabe qual escolher entre eles. . . não sabe como canalizá-los. Ela escreve, canta, dança, pinta, representa e toca inúmeros instrumentos. Uma moça completa. Eu estive falando a respeito de seus pais, Helena. Ela tem os pais mais fabulosos do mundo. Quantas revistas sua mãe assina? Ela é canadense — continuou, enquanto Helena ficava parada com um copo de ponche na mão. Sabia que esperavam que ela representasse o seu papel para o Sr. Bergler e ia corresponder a essa expectativa, tal como costumava recitar quando sua mãe assim ordenava. Olhava de um modo ligeiramente ansioso e curioso para o Sr. Bergler.

— Bem — começou careteando e arrastando as palavras — mamãe assina o *National Geographic Magazine*, o *Christian Century*, o *Churchman*, o *Theatre Arts Monthly*, o *Stage, Nation, New Republic*, *Scribner's*, *Harper's*, o *Bookman*, *Spectator*, *Blacwoods*, *Life and Letters Today*, o *Nineteenth Century and After*, *Punch*, *L'Illustration*, *Connaissance des Arts*, *Antiques*, *Country Life*, *Isis*, o *PMLA*, o *Lan-cet*, o *American Scholar*, o *Relatório Anual das Diretoras das Universidades*, *Vanity Fair*, o *American Mercury*, o *New Yorker* e o *Fortune* (os quatro últimos são para o papai, mas mamãe dá uma olhadela).

— Você esqueceu alguns — disse Kay. O Sr. Bergler sorriu, devia ser um bocado comunista.

— O *Atlantic Monthly*, certamente — sugeriu.

Helena sacudiu a cabeça.

— Não. Mamãe está brigando com o *Atlantic*. Ela reprovou certos coisas que eles publicaram e cancelou a assinatura. Aliás, mamãe adora cancelar assinaturas. . . como se fosse um dever doloroso. A briga que teve com a *Saturday Review of Literature* foi particularmente dolorosa para ela, pois adorava certos artigos que eles publicavam. Pensou até em tomar outra assinatura em nome da empregada, mas ficou com medo de que eles descobrissem ao reconhecer o endereço.

— Deve ser uma senhora corajosa — comentou o Sr. Bergler, respondendo a um gesto gaiato de Helena. — Mas, diga-me, por que brigou ela com *Saturday Review of Literature*? Terá o sexo alguma

relação com a desavença?

— Oh! — exclamou Helena. — O senhor está sendo injusto com mamãe. Ela é impenetrável às questões sexuais.

Um funcionário de uma editora, morador no andar de baixo, que se aproximara para ouvir, deu um ligeiro apertão no braço de Libby MacAusland.

— Adoro este negócio, e você? — disse.

— A área de choque de mamãe — continuou Helena, imperturbável — limita-se a círculos mais elevados. Achava que eles não estavam usando um inglês dos mais puros. Ficou moralmente ofendida pela impureza do idioma.

— Por exemplo — encorajou Kay —, preposições indevidas, uso indevido de palavras, neologismos e coisas semelhantes.

— Nunca ouvi uma coisa *assim!* — gritou Pokey como se estivesse indignada. O grupo em torno de Helena crescera e estava transformando-se num círculo.

O hábito que tinha sua mãe de acentuar e alongar as palavras sofrera uma grande mutação ao ser transmitido para Helena. Onde a Sra. Davison costumava alongar e acentuar, ela inseria "suas" palavras entre parênteses, de maneira a que orações, frases e até mesmo nomes próprios, pronunciados por sua vozinha delicada, soassem como citações cheias de ironia. Enquanto que tudo o que a Sra. Davison dizia parecia sublinhado por uma garantia de autoridade, o que Helena dizia parecia marcado pela mais profunda das dúvidas.

— Eu vi a *Srta. Sandison* — dissera a Kay e Dottie — no *Museu Britânico* — significando, pelo ligeiro levantamento de suas sobrancelhas e o enrolamento dos nomes no seu linguajar lento e seco, que a "Srta. Sandison" era algo de maravilhoso e que o "Museu Britânico" era uma grande impostura. Esta mudança de tom tornara-se tão mecânica como uma daquelas palhetas que os músicos inserem nos trombones. Na verdade, nutria um grande respeito pela sua antiga professora de Shakespeare e pelo Museu Britânico. Frequentava bibliotecas praticamente desde o dia em que começara a andar e entendia tanto de classificação de livros como das obras mais sérias e profundas. No colégio, obtivera as melhores notas em literatura e tinha várias caixas de madeira cheias de fichas ao lado da máquina de escrever portátil que ganhara de presente no Natal do ano em que fora caloura, sendo que a Sra. Davison pedira que só escrevesse à máquina quando sua caligrafia estivesse firme. Em Cleveland, durante certo período, recebera lições de caligrafia, dia sim, dia não, entre as lições

de dança e de equitação, chegando mesmo a aprender como se faz uma pena de escrever de uma pena comum. Era, pois, a coisa mais natural do mundo que encontrasse sua professora — uma especialista no período elisabetano — no Museu Britânico; contudo, Helena explicara meticulosamente como a coisa acontecera, desde sua entrada no museu até a sala onde se tinham encontrado. Relatando estas "particularidades", Helena levantou a voz e, gravemente, franziu a testa, assumindo um ar confidencial, tal como sua mãe, como se estivesse transmitindo notícias de um amigo comum muito doente.

— Garota engraçadinha aquela — disse o produtor a Harald, ao sair. — Faz-me lembrar Hepburn antes de a "glamourizarem".

Helena não gostava que a comparassem com Katherine Hepburn, pois não gostava da atriz; aliás, fora a própria Sra. Davison quem, pela primeira vez, notara a semelhança.

— Katherine Hepburn estudou em Bryn Mawr, Helena, classe de 1929. Eu e Davy Davison assistimos à sua formatura, juntamente com a de Jane Cowl. Ela usava cabelo curtinho como o seu.

Angustiado, Helena olhou para a porta do quarto. Queria ir para casa, ou, pelo menos, jantar com Dottie no restaurante Longchamps, que ficava bem em frente do Clube Vassar. Sabia que, quando voltasse para Cleveland, teria de contar a mamãe como "iam" Kay e Harald, que tal era o seu novo apartamento e como ia a carreira de Harald.

— Eu sempre gostei muito de Kay — diria a Sra. Davison, satisfeita, quando Helena terminasse sua narrativa. Uma das particularidades da Sra. Davison, muito conhecida por Helena, era, que, como os membros da realeza, insistia em que todas as notícias fossem favoráveis e refletissem um seguro avanço das relações humanas.

Era uma notícia maravilhosa, é claro, aquela da encenação da peça de Harald, mas nem ele nem Kay pareciam felizes. Talvez, como sugerira Dottie, o sucesso tivesse custado muito a chegar. Dottie ouvira uma história muito triste: que Harald ultimamente ajudava o dono de um teatro de marionetes que realizava espetáculos nas casas de gente rica; alguém o vira, atrás do cenário, manobrando as luzes do pequeno teatro portátil, e não lhe era permitido misturar-se com os convidados. Kay jamais contara aquilo a uma única pessoa. Hoje, ela parecia nervosa e cansada, e Harald estava bebendo muito. Ele tinha razão, a festa não "funcionara". O produtor e a esposa tinham ficado chocados com a presença de tanta gente de Vassar, e Helena receara

que as reservas de Harald se tivessem esgotado. Kay preparara as luzes da ribalta para elas, mas as luzes não funcionaram. Como dizia Harald, elas não sabiam "projetar". De todas as moças ali presentes, naquela tarde, somente Kay, na opinião dele e de Helena — haviam chegado a essa conclusão ao servirem-se de mais um ponche —, era uma beleza genuína. Contudo, ela estava perdendo suas cores saudáveis, fato que preocuparia muito a Sra. Davison, que sempre elogiara as "rosas" que Kay tinha nas faces.

A porta do quarto abriu-se. Os pombinhos tinham chegado a um acordo. Kay sorria alegremente, e a piteira de Harald estava colocada num ângulo galante. Tinham preparado uma grande terrina cheia de *chili con carne*, anunciou Kay, e todos estavam convidados para jantar. Depois, então, se os convidados concordassem, ele leria um ato da peça. Não havia maneira de fugir, Helena e Dottie tinham de ficar, pois sabiam que Kay contava com elas. Harald foi para a cozinha, enchendo mais um copo de ponche, de passagem. Não queria a ajuda de Kay, porque ela estava cansada e, além disso, a festa era dela.

— Não é emocionante? — murmurou Dottie. Mas Helena não estava grandemente emocionada. Harald devia conhecer Kay tão bem quanto ela e, se havia algo que ela detestasse, era ser afastada de qualquer coisa, pois em matéria de ser útil, era um verdadeiro glutão. Ouviram Harald movimentando-se na cozinha, o barulho de pratos e de gavetas sendo abertas. Kay não conseguiu conter-se mais:

— Posso fazer o café? — gritou.

— Não! — respondeu a voz de Harald. — Trate de distrair seus convidados.

Kay olhou em torno de si com um ansioso sorriso de derrota.

— Vou ajudá-lo — disse Dottie, ao ouvir novamente um barulho suspeito de pratos.

— Não — disse Norine. — Vou eu. Conheço bem a cozinha deles. — Com animação propositadamente exagerada, encaminhou-se para a porta.

— Ela vai fazer um café tão fraquinho... — comentou Kay tristemente para Helena. — E vai querer usar guardanapos de papel.

— Ora, não se preocupe — aconselhou Helena.

O ator radiofônico voltou-se para Kay. O homem estava bastante bêbado, o cigarro tremia-lhe na mão.

— Pode acender um cigarro?

Kay olhou em torno, sem ver qualquer caixa de fósforos. Putnam, silenciosamente, soltava baforadas do cachimbo. Quando o ator enfiou o cigarro no cachimbo, algumas fagulhas caíram no chão

recentemente encerado.

— Oh, meu Deus! — gritou Kay, apagando-as. — Vou buscar fósforos na cozinha.

— Eu vou — disse Helena.

Na pequena cozinha, protegidos pela porta fechada, foi encontrar Harald e Norine enlaçados num abraço. Sua silhueta alta, lupina, estava curvada para trás, enquanto Harald a beijava ardentemente. A cena trouxe à memória de Helena, por certas razões, os filmes alemães silenciosos. Os olhos trigueiros de Norine estavam fechados, e o turbante oriental que usava — de sua própria confecção — achava-se ligeiramente fora do lugar. Um pano de pratos caíra no chão. Suas bocas úmidas separaram-se, quando Helena entrou, e as cabeças voltaram-se para contemplá-la. Então, ouviram a voz de Kay:

— Achou? Harald, dê-lhe os fósforos da cozinha, sim?

Helena viu a caixa sobre o fogão. Norine e Harald afastaram-se um do outro, e ela rapidamente meteu-se no meio.

— Com licença — disse. Apanhou o pano e jogou-o para Harald. Pegou os fósforos e voltou à sala de estar. Sua mãozinha tremia, por uma culpa que não era sua, quando acendeu o fósforo e o estendeu ao ator. Apagou-se. Acendeu outro. O aposento, notou, estava com cheiro de enxofre.

Poucos minutos depois, Norine entrava com uma bandeja cheia de pratos e uma caixa de guardanapos de papel. Logo após, chegou Harald com seu *chili*. Todos comeram. O ator radiofônico fez alguns comentários críticos sobre a peça.

— A queda de um homem justo é sempre violenta — replicou Harald com um olhar de esguelha para Helena. Com alguma dificuldade, pousou o prato sobre a mesa. — Desculpem-me, mas vou ao banheiro.

— A queda de um homem justo — repetiu o ator. — Harald definiu muito bem a situação. O reitor da universidade começou de cima; os políticos rebaixaram seu prestígio, e o homem termina lá embaixo. É uma concepção arrojada, não resta dúvida, mas nunca a de um ator.

— Shakespeare não era ator? — perguntou repentinamente o oficial de Marinha.

— E o que tem isso a ver com meu ponto de vista? — exclamou o ator.

— Bem, eu queria recordar o *Rei Lear* — disse o oficial. — Ele não começa lá no alto?

— Dificilmente podemos considerar o Rei Lear como um

justo...

Ouviram o barulho da descarga no banheiro.

— Além disso, Lear teve um lenitivo na sua queda: Cordélia, Kent, o bobo. Na peça de Harald, o herói não tem o menor consolo. Harald explicou que, de outro modo, estaria falseando a verdade.

— O bolo de Clara! — gritou Kay, repentinamente, quando serviam o café. — Harald! Temos de servir o bolo de Clara. Eu prometi à pobrezinha. Creio que ferimos seus sentimentos, não permitindo que servisse o bolo juntamente com o ponche.

— Quando *eu* não deixei que ela servisse — corrigiu Harald com ar melancólico. — Por que você não diz a verdade, Kay?

Kay voltou-se para os outros.

— Esperem até verem o bolo. Ela o fez lá em Harlem e teve o trabalho de trazê-lo até aqui numa embalagem especial. Clara tem um caráter maravilhoso. Imaginem que dirige uma agência funerária de alta classe. Uma agência que serve os maiores nomes de sua raça. Adoro ouvi-la contar coisas sobre seus concorrentes: "Esses papadefuntos ordinários estão acabando com o nosso negócio".

— Vá buscar o bolo — disse Harald. — Sua imitação é horrível.

— Mas é *você* quem a imita, Harald!

— Vá buscar o bolo — repetiu ele. Esperaram Kay voltar. Podiam ouvi-la abrindo a torneira. O gato comera a língua de Norine, e Putnam Blake não gostava de conversar. Dottie serviu outra rodada de café. Quando chegou a vez de servi-lo, ele disse a Helena no seu tom de voz peculiar:

— Veja só, creme fresco! — Helena percebeu que esse detalhe o excitara mais do que qualquer outra coisa na festa.

Kay entrou, trazendo pratos lavados e um bolo numa travessa cor de rosa. A cobertura estava decorada com uma cerejeira de marasquino e uma machadinha de chocolate.

— Oh, mas que criatura adorável, bendito seja seu coração! — exclamou Dottie.

— Seu negro coração — ajuntou Harald, olhando para o bolo de soslaio. — Diretamente de uma padaria do Harlem — informou.

— Oh, não! — redargüiu Kay, levando a mão ao rosto. — Clara seria incapaz de mentir.

Harald sorriu maldosamente.

— Um bolo falso.. . não concordam, meus amigos? — Voltou-se para o oficial de Marinha. — Olhe que cobertura mais horrorosa!

Lágrimas brilharam nos olhos de Kay. Desafiadoramente, começou a cortar as fatias.

— Kay adora papel de boba — disse Harald. — Lá no fundo do seu coração simplório acredita que aquela bruxa velha tenha feito um bolo especialmente para *Dona Kay* e pro *moço*.

— Pois eu acho o gesto encantador — disse Dottie rapidamente —, e tenho a certeza de que deve estar delicioso. — Aceitou uma fatia e começou a comê-la. Os demais também aceitaram, menos Harald, que sacudiu a cabeça, quando lhe ofereceram um prato.

— Joguem esta porcaria na lixeira! — disse, com um floreio da colher de café. Ouviu-se uma risada e, depois, seguiu-se silêncio.

— Parece que Harald estava com a razão. É o mesmo que comer algodão assado — murmurou o ator para Helena. Esta pousou o prato. No lugar de Kay não teria servido o bolo, por um motivo puramente prático: para que a criada não continuasse a gastar seu pouco dinheiro à toa. Mas não gostara das brincadeiras e ironias de Harald. O espetáculo fora dado especialmente para ela, como uma espécie de repto. Será que o pobre-diabo pensava que ela ia contar o que vira? Helena teria o máximo prazer em tranquilizá-lo. "Helena, não gosto de ouvir historiazinhas sobre os outros", dizia sempre sua mãe, quando ela queria contar algum mexerico sobre alguma colega. Helena dera pouca importância à cena que presenciara, pois julgava que a bebida fora responsável por tudo, e até tinha uma certa pena do mal-estar de Harald. Maltratava Kay por julgar provar, assim, a ela, Helena, que era um homem independente.

Do outro lado do aposento, Kay falava — um tanto ou quanto espalhafatosamente, pensou Helena — sobre presentes de casamento. A pena que Helena sentia da amiga se transformara num tremendo embaraço. Kay estava num palco, sem o saber. Três espectadores irônicos, inclusive ela, a observavam e escutavam. Naquele momento, dizia as coisas mais estranhas. Afirmava, por exemplo, que ainda continuava a receber pelo correio presentes de tão mau gosto como o bolo de Clara.

— Vejam só isto — e mostrou uma horrível garrafa de vidro vermelho e seis copinhos para licor que lhe haviam sido enviados (ela mal podia acreditar!) por uma amiga de infância lá de Salt Lake City.

— Que podemos fazer com esta coisa? Mandá-la para o Exército de Salvação?

— Dê-as de presente a Clara — sugeriu o ator. Quase todo mundo riu.

— Jogue a porcaria na lixeira! — exclamou Harald, inesperadamente.

Estavam examinando a garrafa, segurando-a contra a luz, falando

sobre o trabalho de artesanato e de produção em massa, quando ouviram a porta da frente bater. O prato de louça cor de rosa e os restos do bolo tinham desaparecido. E Harald também desaparecera.

— Para onde foi? — perguntou o oficial de Marinha.

— Acho que está na cozinha — disse Norine. Então, a campainha de entrada fez-se ouvir. A porta fechara-se, deixando Harald do lado de fora.

— Onde foi você? — perguntaram todos.

— Fui fazer o funeral do bolo. Bonito, não é? — Harald fez uma vênua ao grupo.

— Oh, Harald! — disse Kay com tristeza. — O prato era de Clara.

O ator deu uma risadinha. Com ar decidido, Harald começou a reunir os copinhos vermelhos.

— Você encarrega-se da garrafa, meu amigo — disse ao ator. Este obedeceu e acompanhou seus passos, cantarolando a *Marcha Fúnebre* da ópera *Saul*.

— Estão bêbados? — cochichou Dottie. Helena fez que sim com a cabeça. Desta vez, Harald deixara a porta aberta, e o grupo ouviu um distante barulho de vidros quebrados.

— E agora? — perguntou Harald, voltando.

— Mais o que, meu querido? — murmurou Kay, tentando rir. — É melhor eu tomar conta dele — disse ela aos outros ou, então, ele fará o holocausto de todas as nossas posses.

— É isso mesmo... Trate de detê-lo — ajuntou Putnam. — Este negócio vai acabar mal.

— Ora — disse o ator —, não seja um desmancha-prazeres. Que cada um escolha seu candidato ao incinerador do lixo. A brincadeira está ótima.

Kay levantou-se de um salto.

— Harald! — ordenou. — Por que razão não lê você a sua peça? Você prometeu.

— Ah, é mesmo — concordou Harald. — E está ficando tarde. Amanhã tem trabalho. Mas você deu-me uma excelente idéia. — Foi ao aparador, onde apanhou um manuscrito com capa cinzenta. — Para a lixeira! — Sua silhueta alta e esguia parou um momento ao lado da estante, à qual se apoiou em precário equilíbrio. Ouviram a voz de Norine pedindo que se fizesse alguma coisa para detê-lo, e Putnam e o oficial de Marinha levantaram-se e detiveram-lhe os passos. O ator deu um salto, agarrando o manuscrito, e houve um barulho de papel dilacerado, quando Harald deu um puxão, defendendo-se do assalto.

Mantendo os papéis apertados contra o peito, empurrou os que o seguravam. Na porta, houve uma altercação, mas Harald conseguiu abri-la, batendo-a atrás de si. Não voltou.

— Bem — murmurou Kay.

— Será que caiu na lixeira? — perguntou Dottie, baixinho.

— Não — explicou o ator. — Já pensei nisso, mas não há a menor possibilidade, é muito estreita para um corpo de homem.

Por alguns momentos ninguém falou.

— Mas, Kay, para onde foi ele? — perguntou Norine. — Saiu sem sobretudo.

— Provavelmente está lá embaixo — replicou Kay tomando alguma coisa com Russell. Tratava-se do funcionário da editora. — Acho melhor vocês irem para casa — continuou Kay. — Harald só voltará quando vocês todos tiverem saído. Ficava sempre com medo quando ele desaparecia assim. Medo de que se jogasse no rio. Depois, descobri que ia sempre para a casa de Russell. . . ou, então, para a casa de Norine e Put.

Putnam concordou com a cabeça:

— Mas hoje, lá é que não está — disse simplesmente. — Nós estamos aqui, não é?

Todo mundo começou a vestir os abrigos.

— E o manuscrito, Kay? — perguntou Dottie.

— Oh, não se preocupem. Bergler tem outra cópia. E existe mais outra que está com Walter Huston. E mais três no arquivo do agente de Harald.

Kay, pensou Helena, fora muito áspera, quase grosseira.

No táxi, Helena e Dottie puseram uma pá de cal no assunto:

— Você adivinhou, ou estava com medo? — perguntou Dottie.

— Estava com medo — disse Helena.

— Todo o mundo se portou muito bem, sorriu. Exceto Kay — comentou Dottie. Depois de um momento, acrescentou: — Harald já devia saber que Kay sabia de tudo. Que ele tinha outras cópias da peça, quero dizer. Helena concordou com a cabeça. — Será que ele contava com seu silêncio? — imaginou Dottie, num tom de voz ainda preocupado. — Ela o traiu!

— Ora, afinal de contas, não é mulher de bandido — disse Helena asperamente.

— Você teria feito a mesma coisa? — insistiu Dottie.

— Teria — respondeu Helena.

Mentalmente, dava nova redação às notas que mandaria para a revista das ex-alunas de Vassar: "Notícia sobre a festa de feriado

dedicado ao aniversário de George Washington. Ontem eu vi o marido, novinho em folha, de Kay Strong Petersen, nos braços de Norine Schimittlapp Blake. Estavam ambos com excelente aspecto, e Kay espera uma promoção na Macy's. Horas mais tarde, os presentes foram convidados a participar do funeral de um manuscrito. Kay serviu um ponche muito gostoso, uma velha receita colonial. Kay e Harald moram num bonito apartamento perto do rio, no qual Harald poderá atirar-se quando o casamento estourar. Nossa colega, Dottie Renfrew, sempre tão boa aluna em antropologia, acha que certas pequenas coisas, como a mentira, estão ficando cada vez mais importantes no casamento. Se ela se casar com um mentiroso nato, declara que se adaptará aos costumes tribais do marido. Gostaram deste comentário? Pois mandem suas opiniões e vamos discutir longamente sobre o assunto, está bem?

Na manhã seguinte à festa de Kay, Helena planejava tomar o desjejum em companhia do pai, que chegara de Cleveland no trem noturno e, depois, percorreriam as lojas de artigos de prata, a fim de escolher o presente de aniversário da mãe. Ia encontrá-lo no Savoy Plaza, onde o velho mantinha, permanente, pelo fato de lhe cobrarem uma diária especial, um pequeno apartamento de quarto, saleta e banheiro. Assim, tinha uma "casa" onde hospedar-se nas suas freqüentes vindas a Nova York, cidade em que sempre tinha inúmeros negócios a resolver. Helena preferia o Clube Vassar, que ficava no Hotel New Weton, onde, às vezes, sua mãe também se hospedava por considerar a atmosfera do local "conveniente". A Sra. Davison era uma frustrada "ex-aluna" de universidade, uma verdadeira vocação para tal, sendo uma de suas grandes mágoas não poder ser eleita para a diretoria do Clube das Mulheres Universitárias de Cleveland onde tantas de suas amigas trabalhavam ativamente e onde sempre comparecia como convidada ilustre.

— Eu não sou uma mulher com educação universitária — costumava começar todos os debates em que participava, convidada pela mesa de alguma conferência sobre assunto de seu especial interesse. — Eu não sou uma mulher com educação universitária — era o comentário que Helena a ouvia sempre fazer para a secretária do Clube Vassar ou, então, para qualquer das freqüentadoras do clube, pondo de lado um exemplar do *Alumnae Magazine* de Vassar com a facilidade inata de uma oradora. Bastava clarear a garganta para comandar um auditório inteiro, menos Helena, caso esta estivesse presente. — Vamos adquirir outro título de cinco anos de Vassar, a fim de que Helena possa ter um *pied-à-terre* em Nova York, exatamente como o pai. Um quarto só dela, compreendem, não é? — As decisões da Sra. Davison, principalmente aquelas referentes a Helena, não somente eram anunciadas, como ainda mais: eram promulgadas. Por essa razão, Helena não se sentia muito bem no clube, cujo pessoal tomava conta dela como se tivesse recebido procuração de sua mãe. Contudo, continuava a hospedar-se ali, pois,

conforme afirmara sua mãe, tratava-se de um lugar central, conveniente, econômico e, além do mais, podia receber os amigos confortavelmente na sala de estar.

Naquela manhã, o telefone tocou quando ainda estava tomando banho. Não era seu pai, tratava-se de Norine, falando de uma cabina de telefone público e dizendo que tinha de vê-la imediatamente, assim que Putnam saísse. No momento ele estava fazendo a barba no banheiro. Tudo o que desejava era assegurar-se do silêncio de Helena, mas, como nada disse pelo telefone, Helena não se sentiu à vontade para, por sua vez, dizer que ela não precisava ficar preocupada. Em lugar disso, viu-se filosoficamente concordando em cancelar o encontro com o pai, resolvendo aceitar ir até a casa da colega. Aliás, o pai não compreendeu sequer que coisa tão urgente era aquela que não podia esperar nem uma hora. Helena não deu qualquer explicação, não gostava de mentir aos pais. A verdade é que não compreendia por que razão Norine não podia deixar a conversa para a hora do chá, por exemplo. Mas, quando Helena sugeria a hipótese, um tanto quanto secamente, houvera um longo silêncio do outro lado do fio e, então, Norine disse: — Não faz mal, esqueça que eu telefonei. Eu já imaginava que você não havia de querer ver-me — o que fez com que Helena dissesse que não era verdade e promettesse ir imediatamente.

Não tentou sequer imaginar o que iria acontecer. Sua ironia leve e cética seria desperdiçada com Norine, que era completamente imune à ironia ou ao humorismo verbal e que sabia compreender somente aquilo que era dito às claras, conforme acabara de demonstrar pelo telefone. Em condições normais, Helena teria certo interesse em conhecer o apartamento de Norine, que Kay descrevera como "projeto" de apartamento, mas agora teria preferido encontrar a colega num ambiente menos pessoal, a sala de estar do Clube Vassar, por exemplo. Não tinha a menor curiosidade em ouvir as explicações ou desculpas que Norine, supunha, ia querer dar, e achava muito injusto ter de ir à casa da outra, não por sua culpa ou vontade, mas somente porque testemunhara algo que não era de sua conta. Foi como daquela vez em que seu pai teve de comparecer ao tribunal só porque, involuntariamente, assistira a um acidente de trânsito e, segundo suas próprias palavras, quando os malditos advogados o largaram, considerava-se um homem sem um pinga de caráter.

Contudo, Norine não vivia num buraco de Greenwich Village, como seria de esperar. Seu apartamento ficava perto do Hotel New Weston, numa ruazinha muito bonita, a uma quadra da estação do metropolitano da Avenida Lexington, uma rua sombreada por belas

árvores e cheia de moradias particulares, tais como a de Kay, talvez até mais elegantes. Helena ficou surpreendida. Encontrou Norine usando umas velhas calças de esquí, camisa de malha e uma jaqueta masculina de couro, sentada no murinho fronteiro à casa e perscrutando ansiosamente a rua com a mão em pala sobre os olhos. Helena, que percebera, pela sombra azulada no rosto, como era espessa a barba de Putnam, compreendeu tudo. Mas vendo-a aproximar-se, no seu casaco de pele, Norine acenou com a mão, reconhecendo-a.

— Put acaba de sair — avisou. — Pode entrar. — Conduziu Helena pela porta em arco e, no andar térreo, passou por aquilo que parecia ser um escritório. A casa, explicou, depois de lançar um cumprimento para um invisível ocupante do escritório, pertencia a uma firma de decoradores modernos, marido e mulher, atingidos em cheio pela depressão, que viviam nos dois andares de baixo e alugavam o apartamento chamado de jardim, que deveria ter sido, de acordo com as observações de Put e Norine, uma espécie de armazém de mercadorias. O último andar, esse estava alugado à secretária de uma firma de advogados de Wall Street, que conseguia uma renda extra representando o papel "da outra" em casos de divórcio, nos quais fosse necessário um flagrante, explicou Norine, com uma risadinha nervosa.

Norine tinha um tom de voz rascante, marcado pelo abuso do fumo, e falava continuamente emitindo as palavras aos borbotões, como se fosse um motor de popa. O corpo médico do colégio considerara-a "nervosa", e sua maneira elíptica de falar, como se o fizesse através de uma permanente nuvem de fumaça, começou naquela época. Quando não estava liderando um movimento qualquer ou cuidando do jornal ou da revista da universidade, era encontrada bebendo Coca-Cola ou café, ou cantando velhas canções escolares, no bar de Cary, em companhia de suas amiguinhas, as quais — todas! — tinham vozes iguaizinhas à dela. O ouvido de Helena, apuradíssimo pelo prolongado contato com a música erudita e autêntica, ainda podia ouvir os ruídos execráveis produzidos pelos coros horrorosos e o barulho de copos contra copos depois da terceira rodada de cerveja, e lembrava-se ainda de que, vez por outra, Kay também se juntava ao grupo com sua voz bem timbrada, tratando de fazer tudo para assemelhar-se às vozeirudas, tal como deixar cair a cinza dos cigarros no café, para ver qual a reação, ou, então, fazendo uma brincadeira que tinham inventado, que consistia em ver quem conseguia pedir o prato mais repulsivo, por exemplo: dois ovos fritos e sorvete com

molho de chocolate. O maior interesse de Norine na universidade fora o jornalismo, e seu curso favorito fora o de imprensa contemporânea, ministrado pela Srta. Lockwood, seu livro favorito a *Autobiografia de Lincoln Steffens*, sua arte favorita a fotografia e seu pintor preferido Geórgia O'Keeffe. Até chegar ao último ano, fora a aluna que mais gostara de tomar uma bebida espessa e de mau aspecto chamada Diabo de Vassar, uma coisa negra, que Helena jamais se atrevera a experimentar, assim como a fazer constantes visitas ao Moinho da Cidra, onde serviam rosquinhas. . . mergulhadas em cidra, enquanto que Helena e seu grupo pedalavam até o Clube do Cisne, que lhes fazia lembrar madrigais e coisas semelhantes, ou, então jantava com um membro da faculdade na Estalagem Vassar, onde pediam sempre a mesma coisa: alcachofra e cogumelos. Mas agora, tal como acontecera com Kay, Norine estava magra e nervosa. Seus olhos, que eram de um castanho-escuro brilhante, estavam geralmente apertados, e seu bonito rosto orgulhoso tinha um ar pletórico, como se estivesse obscurecido por montes de pensamentos. Raramente demonstrava emoções, as quais pareciam ter sido queimadas pelo contínuo curto-circuito de suas atenções. Todas as suas declarações, apressadas e breves, tinham uma ressonância tópica, mesmo quando falava de coisas íntimas. Hoje, ela recordava a Helena os velhos enigmas dos jornais — preto, branco e vermelho por todos os lados. Falava distraidamente com um ar preocupado, como se estivesse realizando uma conferência sumária de notas memorizadas.

— Eu sei que a lealdade de vocês todas está do lado dela — disse, assim que entraram no apartamento. Ouviram o latido de um cão vindo do jardim. — Tem um vira-lata no andar de cima — explicou, com um movimento da cabeça. — Chama-se Nietzsche e está acorrentado para evitar miscigenação. — Sua risada curta e monossilábica saiu como um latido. Helena há muito decidira que aquele tipo de risada era uma espécie de pontuação, um asterisco, para demonstrar que a atenção de Norine havia sido atingida por uma de suas próprias observações. Agora, como se fosse um veterinário mais ou menos grosseiro, Norine começou a narrar a história do acasalamento da cadela do andar superior, abrindo um parêntese para contar a dos proprietários. O linguajar de Norine tinha-se tornado bem mais grosseiro depois que se casara, assim, não ficou muito claro para Helena se a "vira-lata" do andar superior era a cadela ou sua dona, mas o fato é que uma delas ia fazer uma operação nas trompas.

— Vai tirar as duas — disse Norine, concisa. — As trompas de Margaret estão obstruídas. Por isso é que não pode conceber. Vão

dilatar-lhe as trompas. Insuflação. Enquanto isso, as trompas de Lisa vão ser amarradas. Usa-se isso, atualmente, em lugar da castração. Assim, ela pode gozar os prazeres do sexo. Quer um cafezinho?

Helena observou o apartamento. Estava todo pintado de preto, para evitar que a sujeira aparecesse, por certo, se Norine fosse uma pessoa prática, mas a cor, em vez disso, devia ser uma espécie de declaração de princípios, um estandarte, como a camisa de Putnam. Helena, porém, não conseguia compreender o sentido da coisa, pois sempre ouvira dizer que preto era a cor da reação, dos partidos clericais e dos fascistas. A cozinha era um prolongamento da sala de estar, e a pia estava cheia de louça suja. Por cima, viu uma longa prateleira, cheia de vidros de queijo fundido, geléias, pratos e latas de conservas, principalmente sopas e leite condensado. Janelas francesas, ornamentadas de cortinas de gaze alaranjada, positivamente teatrais, conduziam ao jardim. Numa das paredes, ladeando uma lareira branca, viam-se algumas estantes de madeira clara, cheias de pastas de oleado preto, contendo panfletos, pequenas revistas e volumes de poesia. Helena notou também alguns livros maiores: *O Capital*, de Marx, livros de Pareto, Spengler, *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, *Castelo de Axel* e um volume de Lincoln Steffens. Do outro lado da sala um largo sofá, coberto de veludo preto, onde se destacavam várias almofadas de oleado alaranjado, mal costuradas e quase arrebitadas. No chão de linóleo preto e branco, via-se uma pele de urso polar muito gasta. Embaixo da pia, um prato com restos de comida de cachorro. Nas paredes, reprodução de flores vulgares, de Geórgia O'Keeffe, e detalhes de murais de Diego Rivera e Orozco, bem como algumas cenas dos cortiços de Nova York, fotografadas por Stieglitz. Duas lâmpadas com quebra-luzes improvisados, feitos de papel, uma mesinha para jogo e quatro cadeiras de dobrar. Sobre a mesinha, uma torradeira elétrica, um pote de creme de amendoim, um frisador de cabelos e um espelho de mão; evidentemente Norine parara em meio à operação de frisar seus finos cabelos louros, pois os mesmos, de um lado da cabeça, já estavam arrumados em cachos, enquanto do outro, pendiam lisos. A sensação de uma coisa começada e bruscamente interrompida predominava na atmosfera daquele apartamento, pensou Helena. Alguém, provavelmente o marido de Norine, tentara introduzir método e ordem na casa: ao lado da geladeira, protegida por um biombo, via-se um calendário comercial com os dias cuidadosamente riscados a lápis vermelho e, um pouco mais adiante, uma espécie de gráfico, feito a lápis, o qual, explicou Norine, era o

orçamento semanal. Num prego, ao lado do fogão, estavam espetadas as contas e as receitas; na mesa da pia, uma garrafa de leite estava cheia até a metade com moedinhas de centavos, as quais, disse Norine, eram guardadas para os selos.

— Put obriga-me a tomar nota de todos os selos que compramos, até os de dois centavos. No meu aniversário, deu-me um caderninho de notas como presente, a fim de que registrasse todas as despesas, até das passagens de ônibus e do metropolitano, para que, à noite, possa transferir o total para o gráfico do nosso orçamento. Antes de dormir, fazemos a contabilidade dos gastos. Assim, sabemos diariamente a quantas andamos, e, se gastamos muito num dia, no outro poderemos economizar. Tudo o que tenho a fazer é observar o gráfico. Put é uma criatura extremamente visual. Hoje, ele vai dar por falta de um níquel, que eu usei para lhe telefonar e, então, vai obrigar-me a memorizar o dia inteirinho, passo a passo, até localizar o tostão. Put é maníaco pela perfeição completa. — Um suspiro acompanhou a declaração, e as sobranceiras de Helena levantaram-se em desaprovação. Aos dez anos de idade, recebera uma conta bancária só para ela e, desde então, tratara de controlar os canhotos de seus livros de cheque.

— Se você não se importa, vou dar-lhe um níquel — disse, abrindo a bolsa. — Por que você não pede que ele estabeleça uma mesada?

Norine ignorou a pergunta.

— Obrigada. Se está de acordo, vou aceitar dois níqueis. Telefonei para Harald antes de falar com você. . . a fim de saber como ia passando.

O clique da moedinha caindo sobre a mesa de jogo foi o único barulho que interrompeu o silêncio que se estabeleceu. As duas moças olharam-se nos olhos. Ouviam o cachorro latir.

— Você jamais gostou de mim, na universidade — comentou Norine, vertendo o café e oferecendo açúcar e leite em pó. — Ninguém do seu grupo gostava. — Caiu numa cadeira oposta à de Helena e aspirou forte o cigarro.

Conhecendo Norine e sabendo que aquela era apenas uma frase inicial, não a contradisse. Na verdade, mesmo naquele momento, pouco se importava com Norine, mas desde que a ouvira falar da contabilidade do marido sentira certa simpatia pela garotona frustrada, que lhe lembrava uma leoa aprisionada naquele apartamento, o qual era uma verdadeira caverna, juntamente com o outro animal, acorrentado no jardim, e a pele de urso estendida no linóleo. Todavia, na universidade, ela e Norine haviam trabalhado lado a lado, bem amistosamente, na revista literária.

— Vocês eram as estetas. Nós as políticas — continuou Norine. — Observávamo-nos umas às outras por detrás das barricadas. — A descrição parecia fantástica a Helena, e a mulher de mentalidade evoluída e universitária que havia nela não podia deixar passar o comentário:

— Não acha sua maneira de expressar-se um tanto exagerada, Norine? — perguntou, franzindo a testa e virando a cabeça para trás, conforme faziam suas professoras em Vassar. — Será que você pode chamar Pokey de esteta? ou Dottie? ou Priss? — Poderia ter acrescentado "ou Kay", mas não sentia a menor vontade de referir-se à colega naquela manhã, pelo menos com Norine.

— Essas não interessam — replicou Norine. — As que realmente interessavam eram você, Lakey, Libby e Kay. — Norine sempre tivera o hábito de decidir quem "interessava" ou não. — Você era uma Sandison. Nós, Lockwood — prosseguiu ela sombriamente. — Vocês eram Morgan. Nós éramos Marx.

— Ora bolas! — quase gritou Helena. — Quem era Morgan? — Em sua natureza fria e controlada, a única paixão despertada até então era a da verdade. — Na votação que realizamos no colégio, o grupo inteirinho votou em Roosevelt! Exceto Pokey, que se esqueceu de votar.

— Então foi um voto a menos para Hoover — observou Norine.

— Errado! — sorriu Helena. — Ela torcia por Norman Thomas. Por ele ser criador de cães.

Norine sacudiu a cabeça:

— *Cocker spaniels!* — exclamou. Que razão tão elegante!

Helena teve de concordar que era mesmo.

— Está bem — aceitou Norine, depois de uma pausa. — Kay preferia Flanagan, se você quer saber. Priss, Newcomer. Lakey preferia Rindge. Eu pouco me importava, e Libby, quem havia de dizer, era por M. A. P. Smith, era ou não era? — comentou Norine.

— Creio que sim. — Helena bocejou ligeiramente e olhou para o relógio. Este tipo de análise, que sempre fora muito popular em Vassar, aborrecia-a tremendamente.

— De qualquer forma — continuou Norine —, sua classe era completamente estéril. Foi Lockwood quem mo afirmou. Mas, meu Deus, como eu invejava vocês! — A confissão embaraçou Helena.

— Mas, minha cara, por quê? — perguntou.

— Classe! Categoria social. Aparência. Sucesso com os homens. Bailes elegantes. Futebol na tribuna de honra. Nós chamávamos vocês de o Grupo da Torre de Marfim. Afastadas da batalha. Imunes.

Helena abriu e fechou a boca; aquela apreciação do grupo estava tão afastada da verdade, que não se sentia capaz de corrigi-la; ela, por exemplo, não costumava chamar a atenção, nem ser elegante e jamais fora a um jogo de futebol (a Sra. Davison reprovava as moças que freqüentavam estádios esportivos) e não era muito dada a festas, a não ser as de Vassar, quando tinha de solicitar a presença do irmão de Priss Hartshorn para ter um par. Mas não pretendia deixar-se levar por Norine e cair numa espécie de contraconfissão; além disso, pensava vagamente que, se fosse possível reunir o grupo todo numa única moça, então sim, teríamos uma pequena rica, segura de si mesma, bonita e aristocrática.

— Você quase que descreveu Lakey — disse, muito séria. — Ela é uma espécie de síntese do grupo, ou aquilo a que a Srta. Lockwood chamaria de seu *estereótipo*. Mas ninguém mais era como ela. No fundo, éramos os seus satélites. A velha Srta. Fiske costumava dizer que nós recebíamos o reflexo de seu brilho.

— Lakey é muito fria, falta-lhe qualquer sombra de calor — asseverou Norine. — Era inumana como a lua. Lembra-se das maçãs?

Helena corou ao relembrar a discussão que tivera com Norine sobre as naturezas mortas de Cézanne do novo Museu de Arte Moderna.

— A sala de fumar de Cushing — admitiu com um sorrisinho. — Quando foi isso? No primeiro ano?

— No segundo — emendou Norine. — Você e Kay tinham ido lá jantar com alguém e encontraram Lakey. Vocês duas estavam jogando bridge. Lakey jogava paciência, como sempre, enquanto fumava cigarros com ponta de marfim. Foi a primeira vez que me dirigiu a palavra.

— A nós também — comentou Helena. — E foi a primeira vez que me lembro de tê-la visto, Norine.

— Eu era horrível! — exclamou Norine. — Pesava mais de oitenta quilos, despida. Banha por todos os lados. E vocês três atiraram-se sobre mim sem dó nem piedade.

Helena levantou os cândidos olhos da xícara de café.

— O "espírito das maçãs" — observou — contra "a verdadeira forma".

Não conseguia recordar, exatamente, quais eram as absurdas opiniões que Norine, esparramada num sofá, expressara sobre Cézanne, para todos os que estavam na sala de fumar, mas parecia estar vendo Lakey, por quem ela e Kay mantinham uma distante admiração, levantar inesperadamente os olhos da paciência e dizer que

o importante em Cézanne era o rígido arranjo das formas. Norine continuou repetindo que era "o espírito das maçãs" que importava, enquanto Kay, tendo abandonado o bridge, e olhando para Lakey, como quem busca aprovação, atacava dizendo que o importante era a "forma significativa", definição que aprendera no ano de caloura com a professora de inglês,

Miss Kitchel, que, na ocasião, lera trechos de Clive Bell e Croce, bem como de *O Que é Arte?*, de Tolstói.

— Mas vocês estão negando o espírito das maçãs — insistira Norine, e Helena, acidamente, citara T. S. Eliot:

— O espírito mata, enquanto a palavra dá vida.

Na frente de todo o mundo, Norine começara a chorar, e Lakey, que não tinha a menor piedade pela fraqueza, a chamara de "sentimentalista bovina". Norine abandonara o campo de batalha, fugira da sala de fumar, em prantos, enquanto Lakey, murmurando uma única palavra, "imbecil", voltara à sua paciência. Mas o jogo de bridge não fora retomado. De volta para o dormitório, Helena dissera que três contra uma era muito para a pobre Srta. Schmittlapp, mas Kay explicara que, em geral, a pequena estava com a maioria.

— Será que ela vai-se lembrar de que ficamos do seu lado? — perguntou, referindo-se a Lakey.

— Duvido — dissera Helena, pois sentara-se durante os seis meses que durava o curso de história da arte ao lado da Srta. Eastlake (Davison, em ordem alfabética, era o nome anterior ao seu) sem trocarem uma única palavra. Mas Lakey lembrara-se de Kay, mais tarde, durante a primavera, e falara-lhe sobre Clive Bell e Roger Fry, de modo que talvez fosse verdade, refletiu Helena, que a discussão com Norine tivesse sido o início do caminho que as levou a reunirem-se na torre sul. Helena, que era tão imune ao esnobismo social quanto à "paixão desesperada", não sentira o mesmo encantamento pelo grupo da torre sul, que dominara Kay, mas não levantara a menor objeção a celebrar a aliança, embora seus professores e pais tivessem ficado um pouco preocupados, achando que uma "elite exclusiva" era coisa muito perigosa para uma moça que pretendia obter o melhor de seu período escolar. O comentário da Sra. Davison, quando conhecera o grupo, foi que esperava que sua filha não se transformasse num "cabide de roupas".

— Minha reação foi contra o formalismo vazio de Lakey — estava dizendo Norine. — Naquela noite, fui para meu quarto e escancarei as janelas. Para mim, aquele foi o dia do Armagedon,

embora eu não o soubesse. Só vim a descobrir o socialismo no ano seguinte. Tudo o que sabia naquela noite é que acreditava em uma coisa que não podia expressar, enquanto vocês não acreditavam em coisa alguma, mas sabiam expressá-lo. . . com palavras alheias. É claro que eu até isso invejava. Vou-lhe mostrar uma coisa. — Levantou-se da cadeira, fazendo sinal a Helena para que a acompanhasse, e abriu com um puxão uma porta, mostrando o quarto de dormir. Sobre a cama, muito arrumada, via-se a reprodução de uma natureza morta de Cézanne representando maçãs.

— Ora, vejam só, as maçãs da discórdia! — observou Helena, na porta, aliviada por ter encontrado um motivo para alegrar-se, pois acabara de tropeçar num osso escondido por uma dobra da pele de urso. Doía-lhe o tornozelo e não sabia o que as maçãs provariam.

— Acontece que Put tinha este quadro desde os tempos de universidade — disse Norine. — Fez dele a base de todo o seu credo. Elas significavam uma simplificação radical.

— Hum — fez Helena, lançando uma olhadela pelo quarto, que era nitidamente a esfera de ação de Putnam. Tinha armários de aço, uma flâmula do Colégio Williams, uma máscara africana e uma máquina de escrever sobre uma mesinha de jogo. A idéia de que o apartamento de Norine estava cheio de "formas significativas" assaltou-a repentinamente. Cada peça parecia dizer alguma coisa, confirmar alguma coisa, pontificante; Norine e Put estavam cercados de objetos de crença, até mesmo a mais simples lata de leite e o travesseiro monástico na cama de casal. Era diferente do apartamento de Kay, onde o mobiliário podia tão-somente ser admirado ou comentado. Mas aqui, neste covil dogmático, não fora admitido um único objeto que não significasse uma "declaração importante", apesar de Helena não conseguir atinar o significado da pele de urso polar.

Voltaram para as cadeiras. Norine acendeu outro cigarro. Olhou pensativa para Helena.

— Put é completamente impotente — disse.

— Oh! — exclamou Helena devagar. — Oh, Norine, que pena!

— A culpa não é sua, minha cara — disse Norine asperamente.

Helena ficou sem saber o que acrescentar. Sentia o cheiro do fumo usado por Put e via seu cachimbo num cinzeiro limpo. Apesar de não ter experiência sexual, tinha uma idéia muito clara do membro masculino e podia imaginar o de Put, pálido, murcho e sem vida, no sepulcro das calças, uma verdadeira *nature morte*. Lamentava que Norine, para desculpar-se do que acontecera na noite anterior, a fizesse sua confidente, pois não sentia a menor necessidade de

partilhar aqueles conhecimentos sobre as partes sexuais do pobre homem.

— Casamos em junho — explicou Norine —, duas semanas depois da formatura. Eu era completamente virgem. Jamais estivera com um homem até conhecer Put. Assim, quando chegamos ao hotel em que passamos a lua-de-mel, na Pensilvânia, não compreendi imediatamente a coisa. Sobretudo depois de minha mãe, que, como todas as mulheres de sua geração, odeia o sexo, ter-me explicado que um cavalheiro jamais penetra a esposa logo na primeira noite. Achei que, pelo menos, aquela noite, mamãe estava certa. Brincamos até ficarmos os dois terrivelmente excitados e, então. . . parou tudo, e ele adormeceu.

— O que faziam vocês na Pensilvânia? — perguntou Helena, na esperança de mudar de assunto.

— Put estava interessado num caso local. . . um líder que fora surrado e preso. Durante o dia, eu interrogava as mulheres, as mulheres dos mineiros. Subsídios para a defesa. Put dizia que tais detalhes eram muito úteis. Dessa forma, pudemos passar a lua-de-mel inteira às custas da firma em que ele trabalhava. A noite, estávamos sempre muito cansados. Mas, quando voltamos para Nova York a situação continuou igual. Fazíamos milhões de "brincadeiras" e, depois... dormíamos.

— Mas, então, por que se casou ele?

— Nem ele mesmo o sabe — respondeu Norine.

— Finalmente — continuou com a voz rouca —, tive de enfrentar a verdade. Fui à Biblioteca Pública. Eles têm uma funcionária vienense que é um monstro de inteligência. A mulher forneceu-me uma imensa lista de livros sobre impotência, boa parte em alemão, uma verdadeira bibliografia. Existem dois tipos diferentes: orgânico e funcional. Put é funcional. Foi sempre tremendamente dominado pela mãe, uma viúva possessiva. Alguns homens são totalmente incapazes de ereção, outros são incapazes em certas circunstâncias. Put é capaz de ereção somente com prostitutas ou mulheres desse gênero. — Norine deu uma risadinha.

— Mas você não descobriu isso tudo numa biblioteca pública — objetou Helena; ouvira sua mãe declarar várias vezes que era possível "conseguir uma cultura universitária freqüentando as bibliotecas públicas", mas havia um limite para tudo.

— Não — redargüiu Norine. — Somente o quadro geral. Depois de ter lido muito sobre o assunto, Put e eu pudemos discutir o caso francamente. Todas as suas primeiras experiências sexuais foram

realizadas com prostitutas e empregadinhas de fábrica. Elas levantavam as saias em qualquer beco ou portão e, às vezes, ele ejaculava mesmo antes da penetração, ao primeiro contato. Jamais foi para a cama com uma mulher, digamos, decente, e jamais viu uma mulher nua. Acontece que eu sou uma mulher decente e, por essa razão, não consegue chegar ao fim comigo. Tem a impressão de que está fornicando com a própria mãe. Os freudianos pensam assim, enquanto que os behavioristas declaram que se trata de um reflexo condicionado. Mas é claro que ele não sabia da sua deficiência, não tinha noção dela. Foi um golpe tremendo para ele. Eu o excitava, mas não o satisfazia. Ao aproximar-se o momento do ato, seu pênis amolecia. Mais tarde, passei a dormir naquele sofá — fez um gesto com a cabeça indicando-o —, por ele ter horror em sentir as partes de uma mulher decente perto de si durante a noite. Apesar de nós dois usarmos pijama, Put não conseguia dormir. Pelo menos, agora posso dormir nua como gosto de fazer. — Espreguiçou-se.

— Tentou consultar um médico?

Norine riu amargamente.

— Dois. Put não quer ir de maneira alguma, assim fui eu. O primeiro perguntou se eu queria ter filhos. Tratava-se de um neurologista antiquado, amigo de minha mãe. Quando disse que não, o homenzinho quase me expulsou do consultório. Disse que eu devia considerar-me muito feliz pelo fato do meu marido *não* querer manter relações. O sexo não é indispensável à mulher, declarou ele.

— Céus! — exclamou Helena.

— Isso mesmo! — concordou Norine. — O outro tinha idéias mais avançadas. Foi indicado pelo sócio de Put, Bill Nickum. Quando expliquei o comportamento sexual de Put, aconselhou-me a comprar *lingerie* de gaze e renda preta, meias da mesma cor e perfume barato. Assim Put me associaria com uma prostituta. E que tratasse de conquistá-lo vestida dessa forma, quando ele voltasse para casa, depois do trabalho.

— Nossa! — murmurou Helena. — E que aconteceu?

— Quase um sucesso. Comprei a *lingerie* e as meias pretas — Norine levantou a camisa e mostrou a ponta de umas calcinhas de renda e *chiffon preto*. — Foi então que pensei nesta pele de urso polar. Minha mãe tinha a coisa guardada há muito tempo. Pertencera a minha avó, uma velha aristocrata. *Vênus sobre os Tapetes*... Sacher-Masoch. Dei um jeito para que Put me encontrasse sobre a pele ao voltar do trabalho.

Helena sorriu e fez um ruído semelhante a um assobio.

— Put ejaculou antes do tempo, prematuramente — contou Norine de modo sombrio. — Depois, tivemos uma briga terrível por causa do dinheiro que eu gastara com a *lingerie* preta. Em questões de dinheiro, Put é um asceta. É por causa disso que não quer ir a um psicanalista, apesar de Bill Nickum achar que devia ir.

As sobranceiras de Helena levantaram-se, mas resolveu não perguntar o quanto Bill Nickum estava familiarizado com os problemas de Put. Em lugar disso, fez outra pergunta:

— Você está. . . muito quebrada, Norine?

Norine sacudiu a cabeça:

— Put tem uma pequena herança em usufruto e meu pai mandame uma mesada. Gastamos todo este dinheiro para manter a casa. Put e Bill gastam tudo que ganham nas Causas do Povo.

— Causas do Povo? — perguntou Helena, sem compreender.

— É o nome que deram ao escritório. É claro que recebem um salário. Os outros são voluntários. Mas eles gastam o que ganham em correspondência e na impressão. Além disso, temos de receber trabalhadores e celebridades, gente rica "boazinha" e alguns membros da imprensa trabalhista. Nosso apartamento é uma mistura de bar e café.

Helena olhou em torno e nada disse.

— Bill disse que se Put pudesse ir a um bordel a angústia desapareceria do nosso casamento. Ou, então, encontrar-se com uma dançarina de cabaré ou coisa semelhante. Acha que, em geral, elas transmitem doenças. Mas que é só usar um protetor de borracha. Já viu algum? É a coisa mais simples do mundo. Put ofereceu-me o divórcio, mas eu não quero. Isso é o que teria feito alguém da geração passada: a geração que fugia de tudo. Meus pais são divorciados. Se Put fosse bêbado, ou me batesse, então a coisa seria diferente. Mas sexo não é tudo no casamento. Tomemos como exemplo um casal comum. Eles têm relações uma vez por semana, aos sábados à noite. Digamos que a coisa dura cinco minutos, sem contar os preliminares. Cinco dentre 10 080 minutos. Eu calculei a coisa na base percentual e descobri que é menos de 0,5%. Assim, se Put passar 5 minutos com uma prostituta, o tempo de fazer a barba, por que deverei preocupar-me? Sobretudo sabendo que, emotivamente, a coisa nada significa para ele!

Um ar de profundo desânimo estampou-se no rosto de Helena e, enquanto Norine citava detalhes estatísticos, lutava contra a idéia de que precisava ir ao banheiro. Viajara pela Europa inteira apavorada com a idéia de micróbios e, além de ter todo o cuidado com a água

que bebia, evitava cuidadosamente as privadas menos limpas. Assim, tremia horrorizada só de pensar em como seria o banheiro da casa de Norine. A necessidade de aliviar a bexiga aumentava a sensação de irrealidade provocada pelos cálculos estatísticos da colega, pelo intermitente latido do cão no jardim e pelo barulhinho da água pingando na pia. Chegou a imaginar que, sem o sentir, mergulhara na eternidade. Ainda assim, quando finalmente criou coragem e pediu para ir "lá dentro", levou um tempo imenso para urinar, apesar de ter coberto o assento com papel.

Quando voltou para a sala de estar, Norine abordou o assunto abruptamente:

— Tenho a impressão de que Harald passou a ser, para mim, uma espécie de símbolo de potência masculina — disse, na sua voz sem modulações, soprando a fumaça com ar descuidado, embora seus olhos cor de topázio observassem Helena cuidadosamente, como que para medir-lhe a reação. Enquanto Norine falava na sua maneira telegráfica e resumida de dizer as coisas, Helena acendia um cigarro e sentava-se para ouvir, criticamente, tomando notas mentais e arrumando-as sob determinados cabeçalhos, tal como se estivesse assistindo a uma conferência.

As razões pelas quais, anotou, Harald se transformara num "símbolo de potência masculina" para a ludibriada Norine eram as seguintes: (a) O Grupo. Norine sempre invejara sua "superioridade sexual"; (b) O papel de Kay, que era uma neutra, "passeando nos dois campos", isto é, Norine sentara-se ao lado de Kay no último ano, na classe de psicologia anormal da Srta. Washburn, e achara-a "boa companheira"; (c) Inveja de Kay pelo fato de ela ter o "melhor dos dois mundos", isto é, perdera a virgindade e passava todos os fins de semana no quarto de Harald sem se ter transformado numa "decaída". A situação de Norine era completamente diversa: o oposto; (d) Aproximação. Norine encontrara Kay na rua no mesmo dia em que voltara da lua-de-mel. Descobriram que eram vizinhas e passaram a jogar bridge juntas; (e) Harald jogava muito melhor do que Put. *Ergo*, Harald passara a figurar na mente de Norine como um "falo endurecido", coisa fora do seu alcance, como o grupo que morava na torre. Por todas essas razões é que Helena encontrara os dois beijando-se na cozinha e que a coisa nada significava.

Helena franziu a testa. Muito ao contrário, parecia-lhe que, se a gente aceitasse a cadeia de razões de Norine, significava muita coisa. Se Harald tinha de ser tratado como um símbolo fálico, e não como marido de Kay, seus beijos passavam a ser muito "significativos", pelo

menos no sentido em que Norine os interpretava. Ela estava agarrada à força da lógica que a pobre Kay praticamente inventara.

— Mas se nada significa, para que fazê-lo? — perguntou Helena.

— Para fazer você compreender — replicou Norine. — Nós dois sabemos que você é inteligente e queremos ter a certeza de que não vai contar a Kay.

Alguma coisa dentro de Helena deu um salto ao ouvir o "nós", mas nada disse e continuou a fumar despreocupadamente. O que os teria levado à conclusão de que contaria tudo a Kay? Um abraço, afinal de contas, não era tão perigoso assim, desde que fosse somente um abraço. A verdade é que Harald bebera muito, como a própria Norine sabia.

— Não quero estragar o casamento de Kay — murmurou Norine.

— Pois não estrague — respondeu Helena num tom de voz igualzinho ao de seu pai. — Esqueça-se de Harald. O mar está cheio de peixes. Não creio que a gente tenha de terminar uma coisa somente porque a começou — sorriu candidamente para a anfitriã, certa de que ela compreendera sua filosofia.

Norine hesitou. Calmamente, apanhou o frisador de cabelos.

— Não é tão simples assim — resolveu-se. Harald e eu somos amantes há muito tempo.

Helena mordeu os lábios... Então era isso!... Desde o primeiro momento tivera medo de ouvir aquilo. Fez uma careta. A mera expressão "amantes" produziu um efeito inesperado e terrível em sua sensibilidade.

Put passava o dia todo fora, explicou Norine, e Kay também.

— Harald sofre tremendamente com a idéia de que a esposa trabalha para sustentá-lo. Ele precisa afirmar sua masculinidade. Você viu o que aconteceu ontem à noite... quando ele destruiu a peça. Foi uma espécie de rito de imolação, a fim de agradar a esposa: fazia uma oferenda ao fogo da semente que produzira, da floração de sua mente. . .

Ouvindo estas expressões, a natureza sólida e tranqüila de Helena voltou a comandar suas reações.

— Oh, Norine! — protestou. — Por favor! Deixemo-nos de palavras ocas!

— Você se importa se eu continuar frisando meus cabelos? — Enquanto o aparelho esquentava, continuou a narrativa. Harald, sozinho as tardes inteiras, começara a aparecer para tomar uma xícara de chá ou uma garrafa de cerveja. Às vezes, trazia um livro e lia para

Norine. Seu poeta favorito era Robinson Jeffers.

— O *Garanhão Russo* — sugeriu Helena. Norine fez que sim com a cabeça.

— Como é que você sabe?

— Adivinhei — retrucou Helena. Ainda se lembrava daquele fim de semana fatal em que Harald lera o *Garanhão Russo* para Kay.

— Um dia — disse Norine — contei-lhe sobre Put e sua. . .

— Basta! — exclamou Helena secamente. Norine enrubesceu.

— Meu primeiro caso, antes de Harald, começou da mesma maneira — confessou. — Foi um homem que conheci na Biblioteca Pública, um professor muito inteligente, casado e pai de seis filhos. — Deu uma risadinha amargurada. — O homem ficou curioso ao saber o que eu estava lendo. Contei-lhe minha situação, ele levou-me para um hotelzinho e deflorou-me. Mas ficou com medo de que a esposa descobrisse.

— E Harald? — perguntou Helena.

— Por baixo de seu ar bravateiro, acho que também tem medo. Os homens casados são engraçados, todos eles traçam uma linha que separa completamente a mulher da concubina.

Começou a enrolar o cabelo. Em breve, o cheiro de cabelo aquecido misturava-se ao de cigarro, cachorro, fumo de cachimbo e de um pano de prato úmido que estava na pia. Observando Norine, Helena notou uma certa vitalidade animal, uma "força" acentuada, talvez deliberadamente, pela imundície e pobreza do apartamento. Deitar-se com ela, imaginou Helena, devia ser como rolar num rico adubo de folhas derrubadas pelo outono, que na superfície faziam um barulho curioso, como sua própria voz, e, lá embaixo, era quente e pujante, devido ao processo químico da fermentação. Repentinamente, lembrou-se de que o apartamento de Norine, não sendo um porão, conforme Kay afirmara, era negro como um depósito de carvão e aquecido pela fornalha dos desejos insopitáveis de sua anfitriã, que queimavam como turfa. Com um sorriso irônico, lembrou-se da história que ouvira pouco antes sobre o vira-lata do andar superior e da operação que seus donos tinham mandado fazer para controlar as exigências sexuais da bichinha. Aquilo parecia um totem familiar.

— Mas eu não sou a primeira — continuou Norine, enquanto o frisador chiava. — Harald conta-me muitas coisas que não pode contar a Kay. Teve um caso muito longo com uma corista que conheceu no outono passado e que queria casar-se com ele. A pequena é casada com um homem muito rico e tem uma bela casa em Connecticut, onde Harald e Kay costumam ir passar os fins de

semana. Mas Harald não tem mais relações com ela, embora receba insistentes convites para fazê-lo. Ele tem horror a coisas confusas. Antes de irmos para a cama, quis ter a certeza de que os nossos casamentos não seriam prejudicados.

— Não acha que isso é mais fácil de dizer do que de acontecer? — perguntou Helena.

— Não, no que respeita a Harald — explicou Norine. — É um homem muito disciplinado. E eu gosto de Put. Às vezes, fico com ciúme de Kay, pois Harald tem relações com ela, mas quando isso acontece ele não me conta. Cheguei à conclusão de que uma coisa nada tem que ver com a outra: o que ele faz com ela não tem a menor relação com aquilo que faz comigo. Não estou tirando coisa alguma a Kay. A maioria dos homens casados tem mais potência com as esposas se tiverem amantes. Aliás, em outras sociedades, esse é um direito reconhecido por todos.

— Contudo — disse Helena —, você não quer que Kay saiba a verdade. Ou Put, presumo. E deve admitir que ontem estive por pouco. E se Kay tivesse entrado na cozinha em meu lugar?

Norine fez que sim com a cabeça, sombriamente:

— *Touché!* — disse. Depois, deu uma gargalhada: — Meu Deus — confidenciou —, outro dia, quase que aconteceu a mesma coisa...

Helena levantou uma sobrancelha.

— Quer ouvir? — perguntou Norine.

— Conte — respondeu Helena.

— Aconteceu aqui — disse Norine. — Uma tarde, cerca de dez dias atrás. Estávamos fornicando ali — apontou para o sofá —, quando deram uma violenta campainhada, e uma voz gritou: "Abram logo esta porta!"

Helena tremeu. Ouvindo a colega, sua imaginação reconstruiu sombriamente o cenário: desnudava Norine e Harald, colocando-os, apavorados, no meio dos seus "transportes" sobre o negro sofá. Que significaria a batida? Harald, pelo visto, não quis verificar, agarrou as calças da cadeira e disparou para o quarto de dormir. Norine, por sua vez, enrolara-se na coberta, enquanto as batidas continuavam. Tinha a certeza que era a polícia, procurando os arquivos de Putnam, considerado comunista. Parecia que iam derrubar a porta, pois tinham ouvido os dois cochichar.

— Responda! — soprou Harald do quarto de dormir. Sempre enrolada na coberta, descalça, Norine abriu a porta. Dois homens à paisana e uma mulher invadiram o aposento.

— É ela! — gritara a estranha, uma matrona de meia idade,

coberta de jóias, usando um casaco de pele. — É ela! — repetira, apontando Norine. — Onde está meu marido? Antes que Norine pudesse detê-los, os dois homens avançaram para o quarto de dormir onde encontraram Harald ainda abotoando as calças.

— Ele está aqui, minha senhora! — gritaram —, parcialmente despido e abotoando as calças.

A mulher foi ver.

— Mas este não é o meu marido — exclamou. — Não conheço este cavaleiro. Quem é? — E voltou-se, muito zangada, para Norine.

Neste ponto da narrativa, Helena teve de rir.

— A secretária que mora lá em cima? — perguntou curiosa.

— Como foi que adivinhou?

Helena compreendera a situação. Os dois homens à paisana eram detetives especializados em casos de divórcio por adultério e, ao que parece, haviam invadido o apartamento errado. Durante toda aquela confusão, o marido da matrona estava lá em cima com Grace, a secretária, esperando o flagrante da esposa e dos detetives, a fim de poderem dar início ao processo de divórcio.

— E é claro que os dois não estavam realmente fornicando — continuou Norine. — Somente teriam as roupas. . . em desalinho. Tencionavam abrir imediatamente a porta e deixar os detetives entrarem calmamente; de outra forma, John ficaria furioso. Ele vive dizendo a Margaret que esta é uma "casa de desordem".

— John é o senhorio? — perguntou Helena.

Norine fez que sim com a cabeça.

— Na realidade, ele não pode reclamar muito, porque Margaret o pilhou em flagrante com a antiga inquilina. Mas, às vezes, implica demais com Grace. . . sabe por que razão, não é? Ele usa a casa como uma espécie de vitrina para os clientes que desejam uma decoração e tem medo que o endereço venha a aparecer nos jornais envolvido num caso de divórcio. Desta vez, a culpa foi daqueles estúpidos detetives. Tinham de invadir o apartamento do último andar e, em lugar disso, invadiram o do andar térreo. Quando bateram e ouviram que falávamos aqui dentro, chegaram à conclusão de que alguma coisa andava errada e que o marido estava querendo furtar-se a cumprir o que combinara. Assim, em lugar de chamarem o advogado, a fim de receberem novas instruções, forçaram a entrada no apartamento errado. A pobre esposa não sabia o que fazer quando me viu, nua, enrolada numa coberta, e o suposto marido escondido no quarto. Ela esperava encontrar uma loura (elas têm sempre de ser louras!), mas ainda assim chegou a pensar que eu era Grace. Provavelmente, achou

que o marido resolvera desistir da ação e aproveitar a oportunidade.

Norine soltou uma gargalhada.

Harald fora "magnífico". Muito calmamente, arrancara os fatos aos dois detetives e depois passara-lhes um formidável carão. Dissera-lhes que eram um par de idiotas e que, certamente, deviam ter sido cuidadosamente treinados pela polícia de Nova York para praticarem "extorsão" e "violência". Desafiava-os a negá-lo. Deviam saber que não podiam invadir uma residência particular, a não ser em companhia de um policial fardado e munidos de um mandado de busca, e, em lugar de Norine, iniciaria uma ação pela violência praticada, que era um ato delituoso. Mandaria os dois, mais a cliente, para a cadeia.

— Dificilmente vocês poderiam cumprir a ameaça — comentou Helena. — Os detetives devem ter logo percebido.

Norine balançou a cabeça, que agora estava toda frisada.

— Mas, ainda assim, estavam brancos de medo — declarou. Felizmente, continuou, agora de modo mais prosaico, naquela tarde a casa estava vazia, a não ser por Grace e seu acompanhante; do contrário, as batidas e a gritaria teriam atraído a atenção de todos.

— A propósito, onde estava Nietzsche? — perguntou Helena.

— Tenho a impressão de que ele deve ter colaborado eficientemente na barulheira geral.

Nietzsche fora passar o dia no campo em companhia do senhorio e respectiva esposa; foi no Dia de Lincoln, razão pela qual Grace estava de folga, pois normalmente as "invasões" eram feitas à noite, a não ser que John e Margaret recebessem convidados para jantar.

— E Kay? — perguntou Helena.

— Kay estava trabalhando. As lojas não observam esse feriado. Dizem que os outros escravos estão de folga e, assim, é preciso aproveitar para vender ainda mais. Quando você pensa que uma pobre estenógrafa, que trabalha quarenta e oito horas por dia, pode comprar um vestido? A não ser que deixe de almoçar. Acho que nunca pensou no assunto, não é? — Olhou para Helena, acendeu um cigarro e ficou segurando o fósforo sem apagá-lo, como se para iluminar a escuridão reinante na mente de Helena.

Helena levantou-se, estava resolvida a dizer alguma coisa. A maneira leviana e despreocupada de dizer "Kay estava trabalhando" fizera seus lábios apertarem-se.

— Norine, eu não sou socialista — disse calmamente —, mas se o fosse trataria de ser sempre uma pessoa decente. Eu creio que Norman Thomas é um cidadão muito decente.

— Norman foi sacerdote — explicou Norine. — Essa é a grande

desvantagem que sofre perante os trabalhadores. Sentem nele o cheiro de santinho. Ele tem sido muito bom para Put, mas Put acha que vai chegar o momento em que terá de afastar-se. Existe um novo grupo de congressistas em Washington — fazendeiros, trabalhistas e progressistas —, com o qual acha que poderá trabalhar mais eficazmente. Estão mais próximos da realidade do poder. Dois deles virão aqui, hoje à noite; e, provavelmente, depois, iremos a alguma boate da Village, pois um deles gosta muito de dançar. Bill e Put — ele não contou? — querem fundar um jornal sindicalista, a fim de iniciarem uma campanha de levantamento de fundos; quer trabalhar num setor onde os comunistas já levem uma grande vantagem. Os tais congressistas são apoiados por uma enorme quantidade de jornaizinhos de cidades do interior, exatamente nos Estados agrícolas, cidades que estão famintas por receberem notícias, autênticas e sem censura, sobre os problemas trabalhistas, assim como cooperativas e coisas semelhantes. Eu convidei Kay e Harald, porque Harald também tem suas raízes plantadas em...

— Norine — interrompeu Helena. — Eu disse que se fosse socialista trataria de ser uma pessoa decente — sua voz, apesar de fazer tudo para manter-se calma, começava a tremer. Norine olhou-a fixamente e pôs o cigarro de lado. — Você disse que seu marido não pode realizar o ato sexual por você ser uma "mulher decente". Sugiro que lhe conte a verdade, que o esclareça. Conte-lhe o que tem feito com Harald. E a respeito do professor de idéias evoluídas, casado e pai de seis filhos. Tenho a certeza de que bastarão esses dois detalhes para acabar com as suas inibições. E faça com que ele observe este apartamento. E o anel de sujeira que você tem em torno do pescoço. Se você vai para a cama com um homem, ele também terá de ficar com um anel de sujeira. Como a sua banheira.

Norine ficou sentada, impassível. Helena engoliu em seco, havia muito tempo que não falava com tanta violência, desde que era criança e ficava zangada com sua mãe. Dificilmente reconhecia as expressões que empregara, e sua voz sofria desníveis curiosos. Em sua garganta, seca e contraída, parecia sentir milhares de sentenças, atropelando-se, como se fosse uma multidão que tentasse controlá-la.

— Arranje um pouco de amoníaco — ouviu-se dizendo — e trate de limpar o pente e a escova! — Parou ofegante, com medo de, repentinamente, desatar a chorar, como acontecia com sua mãe. Rapidamente, encaminhou-se para as janelas francesas e ficou observando o jardim, tentando descobrir uma maneira de pedir desculpas. Atrás dela Norine disse:

— Você tem toda a razão. Muita razão. — Apanhou o espelho e observou atentamente o pescoço. — Obrigado por me dizer a verdade. Ninguém antes o tinha feito.

Ante as palavras amargas, Helena quase deu um salto. Gratidão era a última coisa que esperara de Norine. Helena não era uma reformadora, limitara-se a "reagir", como diria Norine. Sua mãe sempre fora contra a idéia de mudar as pessoas, ou de ser mudada. Agora, não sabia o que levaria a mudar sua maneira de agir e pensar: uma lealdade defensiva em relação a Kay, um surto de honestidade, ou simplesmente o desejo de mostrar a Norine que não podia continuar querendo enganar os outros. Mas encontrar uma Norine humilde era responsabilidade demais para ela.

— Continue. Diga mais alguma coisa — pediu a outra. — Diga o que eu devo fazer para mudar minha vida.

Helena suspirou fundo e sentou-se novamente, pensando no encontro que marcara com o pai e se preferia escolher uma salva de prata ou dar uma vassourada na vida de Norine. Mas chegou à conclusão de que os congressistas e, certamente, Putnam ficar-lhe-iam profundamente gratos se aconselhasse Norine a limpar o apartamento.

— Bem — disse timidamente —, eu começaria com algum detergente.

Norine olhou em torno com ar ausente:

— Limpar o chão, não é? OK. E depois?

Apesar de tudo, Helena agarrou-se à oportunidade.

— Bem, depois — prosseguiu — arranjaria um pouco de papel higiênico. Não tem nenhum no banheiro. E um desses desodorantes para a cesta de lixo e para o vaso sanitário. E, se fosse eu, jogaria fora este pano de prato e trataria de comprar um novo.

Ela ouvia.

— Pegaria o cachorro e o levaria a passear. E, ainda mais, trocaria o nome do animalzinho.

— Não gosta de Nietzsche?

— Não — respondeu Helena, secamente. — Eu o chamaria de Nero ou Pluto ou coisa semelhante.

Norine deu uma de suas risadinhas secas.

— Pode deixar que vou mandar — disse apreciativamente. — Puxa, Helena, você é formidável. Continue. Devo dar um banho no bicho, uma espécie de batismo?

Helena pensou um pouco.

— Nesta época do ano não é aconselhável. Ele pode contrair um resfriado. Em lugar disso, tome um banho você mesma e trate de lavar

o cabelo.

— Mas acabo de frisá-lo.

— Pois lave-o amanhã. Depois trate de comprar roupas decentes e mande as contas para Putnam. E, quando ele começar a reclamar, levante-se em silêncio e rasgue aquele detestável gráfico do orçamento. E compre comida de verdade. . . nada de conservas. Ainda que seja somente um bolo de carne, uns vegetais frescos e algumas laranjas.

Norine fez que sim com a cabeça:

— Ótimo. Mas diga-me alguma coisa mais básica.

Os olhos verdes de Helena olharam em torno pensativamente.

— Eu pintaria esta sala de outra cor.

O rosto de Norine expressou certa dúvida:

— É isso que você considera básico? — perguntou.

— Decerto — redargüiu Helena. — Você não deseja que pensem que é fascista, não é? — acrescentou, irônica.

— Deus, você está certíssima! — exclamou Norine. — Acho que estou demasiado perto dessas coisas. Nunca pensei nisso. E é preciso ter um cuidado tremendo neste meio. Os comunistas são completamente inescrupulosos. Num dia, eles são seus amigos do peito e, no dia seguinte, chamam a gente de fascista. Até já chamaram Norman de social-fascista. Oh! Continue.

— Eu jogaria esta pele de urso polar no lixo — prosseguiu Helena, acidamente. — Não passa de um depósito de poeira.

Norine concordou:

— Aliás, acho que Put é alérgico a peles. Depois?

— Arranjaria uns livros de verdade.

— O que quer dizer? — perguntou Norine, com um olhar espantado para as estantes.

— Literatura — resumiu Helena. — Jane Austen, George Eliot, Flaubert, Dickens, Shakespeare, Sófocles, Aristófanes, Swift.

— Mas esses não são os básicos — respondeu Norine, franzindo a testa.

— Melhor ainda — disse Helena. Houve uma pausa.

— É tudo? — perguntou Norine. Helena abanou a cabeça. Seus olhos encontraram-se com os de Norine:

— Eu deixaria de ver Harald — acrescentou.

— Oh! — murmurou Norine.

— Encha o tempo de outra maneira — continuou Helena rapidamente. — Inscreva-se num curso na Universidade de Colúmbia. Ou, então, escreva alguma coisa sobre o que você viu na região

mineira. Arranje um emprego, uma obrigação, pelo menos. Mas, por favor, Norine, não veja mais Harald. Nem mesmo socialmente. Corte-o definitivamente. — Ao fazer a súplica, o tom de franqueza cresceu ainda mais e, depois, continuou num tom mais suave: — No seu lugar, eu trataria de obter o divórcio ou a anulação de casamento. Mas isso é uma coisa que você e Putnam têm de decidir em conjunto e que não deve ser discutida com outras pessoas. Se você quiser continuar com ele, então terá de renunciar ao sexo para sempre. Não queira as duas coisas. Resolva de vez o que quer: sexo ou Putnam. Muitas mulheres conseguem viver sem sexo. Lembre-se de nossas professoras na universidade, nem por isso eram maceradas e amarguradas. E um número muito maior de mulheres — acrescentou suavemente — pode viver sem um Putnam.

— Você tem toda a razão — disse Norine tristemente. — É claro que você tem toda a razão. Tenho de escolher. — Mas o tom de sua voz não denotava a menor firmeza.

Helena tinha a impressão de que, havia já alguns minutos, Norine deixara de ouvir o programa que apresentava ou, então, a ouvia mecanicamente, limitando-se a fazer certos ruídos de assentimento. A despeito de tudo, estava encabulada e decepcionada. Por que se preocuparia ela com o fato de Norine aceitar ou não seus conselhos? Exceto por causa de Kay, mas não era só por isso, concluiu. Tinha-se deixado empolgar pela visão de uma vida melhor para Norine. E, agora, inflamada pelo seu zelo missionário, não queria desistir da visão.

— Seja qual for a escolha que fizer, Norine — disse firmemente —, não fale a ninguém. Este é o meu principal conselho. Não fale a seu respeito ou sobre Putnam com quem quer que seja, a não ser com um advogado. Nem mesmo a outro médico. Se alguém tiver de conversar com um médico é Putnam, não você. E, uma vez que está casada com ele, resolva não voltar a mencionar o sexo. Em qualquer gênero. . . animal, vegetal ou mineral.

— OK — concordou Norine com um suspiro, como se essa fosse a parte mais difícil.

Seguiu-se um silêncio pesado; o cachorro começou a latir, e o trem bramiu ao longe. Norine tossiu e espreguiçou-se ligeiramente.

— Você é uma garota precoce — disse, bocejando —, mas, emocionalmente, ainda está de calças curtas. *Si jeunesse savait!*... — bocejou novamente. — A sério, estou profundamente grata por tentar ajudar-me. Você me disse a verdade, de acordo com seu ponto de vista. E deu-me umas novas idéias tremendamente boas, como a de

escolher entre o sexo e Put: resolver de uma vez por todas, em lugar de ficar escorregando de um lado para o outro, como tenho feito. Por que sorri?

— Pelas palavras que você usa.

Norine deu uma risadinha. Depois, franziu a testa:

— Este é um exemplo — disse — daquilo a que eu chamo de limitações da sua abordagem. Você preocupa-se com a forma, enquanto que eu prefiro o significado. Ficará zangada se eu disser que a maioria dos seus conselhos são superficiais?

— Como assim? — perguntou Helena, vexada.

— Limpar o apartamento — replicou Norine. — Como se isso fosse o principal. Comprar papel higiênico, detergentes, um vestido novo. Observe sua insistência em aquisições burguesas. *Coisas* somente. Eu pedi pão, e você ofereceu-me uma pedra. Garanto-lhe que de hoje em diante teremos sempre papel higiênico no banheiro; ainda hoje pela manhã Put me repreendeu por isso. Mas isso não resolverá os problemas mais importantes. Gente pobre não usa papel higiênico.

— Contudo — sugeriu Helena —, sempre pensei que um dos alvos da luta de vocês era que eles o tivessem, algum dia.

Norine balançou a cabeça.

— Você está torcendo o meu ponto de vista — disse. — Trata-se da sua obsessão com as aparências. Você não toca nas coisas básicas! As inatingíveis.

— O espírito das maçãs — observou Helena.

— Exatamente — redarguiu Norine.

— Parece-me que o seu problema central é perfeitamente tangível — murmurou Helena. Percebera que Norine não pretendia seguir nenhum de seus conselhos, a não ser, talvez, mudar o nome do cachorro para Nero.

— Não — replicou Norine, pensativamente. — Há uma inquietação espiritual jacente. A impotência de Put é o sinal de solidão de um Prometeu.

Helena apanhou o casaco. Depois da última observação, Norine mergulhara em seus pensamentos, o queixo apoiado nas mãos, parecendo ter esquecido a presença da colega.

— Tem mesmo de ir? — perguntou, alheada. — Se quiser ficar, farei o almoço.

Helena recusou:

— Tenho de encontrar meu pai. — Vestiu o casaco.

— Bem, obrigada — disse Norine —, muito obrigada mesmo. Se não tiver nada que fazer, dê um pulo logo mais. — Estendeu a mão

muito grande, de unhas roídas e sujas: — Harald e Kay estarão aqui, se quiser vê-los novamente. — A sua memória funcionou, e ela ficou vermelha quando seus olhos encontraram os de Helena: — Você não compreende — disse. — Eu e Put não nos podemos afastar deles, assim de uma hora para outra. Terei de ver Harald socialmente. Ele e Put têm muita coisa em comum... na maneira de pensar. Provavelmente, significam mais um para o outro do que eu para os dois. E Harald depende de nós para seu estímulo intelectual. Sabe?... Nós temos uma espécie de salão. No mês passado, falaram a nosso respeito na revista *Mademoiselle*: "Put e Norine Blake mantêm casa aberta para a consciência da juventude americana". Com retratos e tudo — a risada explodiu novamente. Depois, franziu a testa e passou a mão pelo cabelo. — Foi esse elemento que você esqueceu na sua análise. O centro vital do meu casamento com Put. Estamos juntos por causa de algo que tem grande significado para outras pessoas, e, quando a gente chega a este ponto, não se pertence mais. No *seu* ponto de vista, é impossível compreender o que eu digo. E isso leva-a a dar uma importância exagerada ao sexo. — O tom de Norine, aos poucos, ficara dogmático e amável, enquanto ela olhava para sua delicada visita. — Você não vai contar a ninguém o que eu falei. Não é mesmo? — acrescentou, com um ar de repentina ansiedade.

— Não — prometeu Helena, ajeitando o chapéu. — Mas *você* vai.

Norine acompanhou-a até a porta.

— Você é um doce — declarou.

Uma semana mais tarde, em Cleveland, a Sra. Davison lia o número do *Times* de Nova York, do dia anterior. Estava no aposento que costumava usar todos os dias de manhã e para onde se retirava, invariavelmente, depois da visita do carteiro. O *Times* só chegava no dia seguinte da sua publicação, mas ela não se importava, pois usava o jornal somente para ter uma noção "de fundo" do que estava acontecendo. O quarto era decorado em azul e violeta, cortinas de chita e móveis ingleses, contando com uma bonita janela redonda que levava Helena, em seus dias de estudante primária, a imaginar estar sempre vendo Sir Walter Raleigh escrevendo nas vidraças com um diamante. Numa das paredes uma rica escrivaninha estilo Rainha Ana, cheia de escaninhos e compartimentos secretos, onde a Sra. Davison cuidava da correspondência, assim como da sua coleção de selos comemorativos; uma pesada mesa Jacobina tinha sempre à vista a coleção inteira dos periódicos do mês corrente, perfeitamente arrumados em fileiras, como se fosse uma biblioteca escolar. Por cima da secretária, via-se uma coleção de retratos da família da Sra.

Davison, bem como uma esmaecida fotografia vitoriana do lar familiar em Somerset, "a simples morada de um cavalheiro" que um de seus ancestrais, um sacerdote, trocara pelas agrestes terras do Canadá. A lareira era forrada com azulejo azul e branco, de desenho muito delicado; próximo a esta, a Sra. Davison costumava sentar-se numa poltrona, lendo os jornais, com espátula de cabo de porcelana no bolso de seu vestido caseiro.

— Helena! — chamou com sua poderosa voz, que tinha a mesma potência da sereia de nevoeiro de um transatlântico. Helena apareceu à porta. — Harald foi preso!

— Meu Deus! — exclamou Helena.

— Parece que brigou com uns detetives particulares — explicou-lhe a mãe, batendo no jornal com a espátula. — Ele é um homem chamado Putnam Blake. Sabe quem é?

Helena ficou pálida.

— Deixe-me ler a notícia, mamãe — implorou, avançando pelo aposento, como se tencionasse arrancar o jornal e a horrível notícia da custódia materna. Norine e Harald deviam ter sido novamente surpreendidos em seus abraços ilícitos, e a perspectiva de ser interrogada pela mãe sobre o assunto fez com que as douradas sardas de seu delicado rosto ficassem quase pretas. Sempre tantalizante, sua mãe afastou-a com um gesto.

— Assim, você amassa o jornal todo, Helena! — disse lentamente, dobrando o periódico.

No meio de suas preocupações, Helena percebeu que a Sra. Davison não estava tão escandalizada quanto devia, muito ao contrário: sua atitude era, se isso fosse possível, de um alarma confortável e digno.

— Vou ler a notícia para você — disse a Sra. Davison. — Está aqui na página cinco. Com fotografias, também. Estes fotógrafos de jornais são péssimos.

Helena aproximou a cabecinha loura da volumosa cabeça grisalha da mãe, sentindo no rosto as coceirinhas produzidas pelas melenas soltas da Sra. Davison.

— Não vejo onde está — murmurou, passando os olhos rapidamente pelos cabeçalhos que falavam de lutas trabalhistas.

— Aqui! — informou a mãe: — "Hóspedes Retiram-se em Solidariedade com a Greve dos Garçons. Dois Presos".

Helena mordeu os lábios, engoliu o espanto e caiu sentada num tamborete, preparando-se para ouvir a leitura.

— Não sei se você sabe, Helena, que um grupo de garçons está

fazendo greve em alguns dos mais importantes hotéis de Nova York. Eu e papai ficamos interessados por causa do Savoy Plaza. O garçom que costuma servir papai disse a ele na semana passada. . .

— Por favor, mamãe — interrompeu Helena —, vamos ver a notícia sobre Harald.

Então, a Sra. Davison começou a ler com suas habituais pausas e alongamentos:

"Os garçons grevistas do Hotel Carlton Cavendish receberam ontem um inesperado apoio. Uma greve de simpatia, liderada pelo publicista Putnam Blake, de 24 anos, foi deflagrada no sofisticado Rose Room, iluminado à luz de velas, no meio de uma contradança. Os hóspedes usavam traje a rigor, e entre eles figuravam, além do já citado senhor Blake, que foi levado para a delegacia da Rua 51, Dorothy Parker, Alexandre Woollcott, Robert Benchley e outras celebridades literárias. O sinal para o início da greve foi um discurso do Sr. Blake, pedindo aos hóspedes sentados que mostrassem sua simpatia para com os garçons, cujo sindicato fazia uma demonstração de protesto na entrada do hotel. Os serviços foram interrompidos durante mais de três quartos de hora. O Sr. Blake foi acusado de desordeiro por Frank Hart, gerente auxiliar do Hotel Carlton Cavendish; Harald Petersen, de 27 anos, escritor teatral, também foi acusado do mesmo crime. Os dois, tendo comparecido a uma seção noturna do tribunal, foram postos em liberdade temporária, graças a fiança de vinte e cinco dólares cada um. Os Srs. Blake e Petersen declararam aos repórteres que pretendem iniciar uma ação contra o Sr. Hart e os dois detetives do hotel, os quais, além de 'tentarem usar de violência e coerção física, quiseram prendê-los no porão do estabelecimento. O Sr. Petersen declarou que os detetives chegaram a usar soco inglês. Declarou ainda que ele e seu amigo, o Sr. Blake, exerciam o direito legal de abandonar o Rose Room quando descobriram que estavam sendo servidos por garçons não sindicalizados, momento em que o Sr. Hart e os dois detetives tinham tentado impedir sua saída pacífica. O Sr. Hart, por sua vez, declarou que 'o grupo de desordeiros' pedira bebidas e refrigerantes e queria sair sem pagar a conta. Os Srs. Blake e Petersen negaram a acusação; todo o seu grupo, cerca de trinta pessoas, sentou-se em mesas separadas, no novo e luxuosamente decorado Rose Room, deixando uma 'compensação adequada' pelas bebidas que haviam consumido antes do início do movimento; a única coisa que não fizeram foi dar gorjetas. É possível, acrescentou o Sr. Blake, que na

confusão que se estabeleceu, outros hóspedes tenham-se retirado sem pagar as respectivas contas e que a confusão se estabeleceu porque ele e o Sr. Petersen foram atacados por 'um esquadrão' de garçons e detetives não sindicalizados. Os dois cavalheiros foram acompanhados até a delegacia de polícia por suas respectivas esposas, trajando elegantes vestidos de noite, e por um vasto número de amigos, todos de casaca, cartola e luxuosos abrigos. O julgamento será no dia 23 de março. Entre os originais 'grevistas' notava-se um regular contingente de ex-alunas de Vassar. Movimento semelhante ocorreu há poucas semanas no Hotel Algonquin, liderado pelo colonista Heywood Broun. Na ocasião, não foi feita qualquer prisão".

— Meu Deus! — exclamou Helena. — Será que Kay está na fotografia? Vamos ver!

A foto mostrava um grupo de gente sorridente na sala de refeições do hotel; uma mesa e algumas cadeiras estavam viradas. Mas, infelizmente, conforme observara a Sra. Davison, estava tudo borrado. Não conseguiram descobrir Kay, mas localizaram Harald, pálido e quase irreconhecível, de *dinner jacket*, um braço levantado, como que se defendendo de um grupo de garçons que parecia ameaçá-lo. Enquanto sua mãe procurava Dorothy Parker ("Imagine que ela foi educada num convento!"), Helena localizava Norine, bem no centro da fotografia, enfrentando a câmara e usando o que parecia ser um vestido comprido de cetim branco e uma tiara, como se estivesse num camarote da ópera, bem como luvas longas, provavelmente de pelica, enroladas nos pulsos. Uma fotografia menor destacava Putnam ao ser interrogado no tribunal, sendo difícil dizer se a fotografia estava manchada, ou se ele estava com um olho contundido. Usava casaca, aparentemente, mas a gravata branca sumira.

A Sra. Davison deixou cair o jornal.

— A fotografia maior demonstra, Helena — observou inteligentemente —, que toda a coisa não passou de uma representação.

— Claro que sim, mamãe — retorquiu Helena, impaciente. — Essa é a finalidade de tudo: obter publicidade para as reivindicações dos garçons.

— Na verdade, foi tudo planejado, Helena — continuou a mãe. — Devem ter avisado os jornalistas para que mandassem um fotógrafo. Contudo, esse tal de Putnam Blake declarou que tinham-se retirado quando descobriram que estavam sendo servidos por garçons

não sindicalizados. Observe a inconsistência do plano.

— Isso foi só *pro forma*, mamãe. Provavelmente foram aconselhados pelos advogados a fazerem tais declarações. Do contrário, seriam acusados de conspiração, de terem premeditado ou coisa semelhante. Mas ninguém se deixaria enganar.

— Vou telefonar para papai no escritório — disse a Sra. Davison. — Talvez ele não saiba das novidades. É exatamente como disse o garçon do Savoy; elementos alheios à classe tomaram conta de seus colegas e estão *manipulando-os*. Receio que Harald venha a meter-se em complicações muito sérias, participando de uma charada como esta. Você acha que deve telefonar a Kay?

Helena fez que não com a cabeça. Não queria falar com Kay enquanto sua mãe estivesse por perto.

— Agora não — respondeu —, deve estar trabalhando.

— Bem — retorquiu a Sra. Davison —, pelo menos ela não apareceu no jornal. E Petersen é um nome muito comum. Aliás, é espantoso que o *Times* tenha publicado o nome corretamente. Esperemos que a loja Macy's não descubra este desagradável incidente; detestaria saber que Kay perdeu uma posição tão boa.

Levantou-se para ir ao telefone, que estava numa mesinha de canto.

— Vá embora, queridinha — disse —, enquanto eu falo com papai. — As comunicações da Sra. Davison com Davy Davison, mesmo nos assuntos mais triviais, sempre tinha lugar no mais completo segredo *in camera*. Dentro em breve, Helena foi chamada de volta.

— Papai já sabia de tudo, mas mandou comprar um exemplar do jornal, se é que ainda encontrará um sobrando. E pediu também um exemplar de ontem do *Tribune* e outros da imprensa marrom. Papai está pensando em mandar o escritório, em Nova York, ajudar Harald a sair desta embrulhada. Quer que contratem um advogado de fama. Quem é esse Putnam Blake? Nunca ouvi Harald falar em seu nome. Nem papai. — A Sra. Davison falava no tom de uma pessoa quase ofendida, e Helena não quis recordar que não via Harald havia muitos meses.

— É formado por Williams — explicou pacientemente. — Ele e um outro amigo dirigem uma organização chamada *Causas Comuns*, cuja finalidade é levantar dinheiro para os *deserdados*, os réus e as vítimas das causas trabalhistas. É casado com Norine Schmittlapp, que se formou conosco. É a que está de tiara e luvas de cano longo, na fotografia. No colégio, ela adorava liderar todos os movimentos de

protesto.

— Exatamente como eu pensava — disse a Sra. Davison —, *cherchez la femme*, foi o que eu disse a Davy Davison. Guarde minhas palavras: atrás disso tudo deve haver uma mulher.

Helena ficou surpresa com a esperteza de sua mãe.

— Que quer dizer *exatamente*, mamãe? — perguntou com cautela.

A Sra. Davison endireitou a rede com que tentava proteger seus cabelos:

— Eu disse a seu pai que esta desordem toda lembrou-me o movimento das feministas. Elas amarravam-se aos postes de luz, e houve até o caso daquela jovem, Inês Qualquer Coisa Qualquer Coisa, que atravessou a Quinta Avenida montada num cavalo branco — também era ex-aluna de Vassar —, a fim de chamar a atenção para o problema do voto para as mulheres. A coisa está registrada nos jornais. Você era um bebê naquela época. Adoravam ser presas. Seu pai nunca deixou que eu participasse dessas bagunças. Apesar de entre elas haver muita gente boa — a Sra. McConnaughey e a Sra. Perkin, aqui mesmo de Cleveland, ativas participantes do movimento.

Estas duas amigas da Sra. Davison, uma formada pela Smith e outra pela Wellesley, figuravam freqüentemente em sua conversação e tinham assombrado a infância de Helena, como se fossem seculares padroeiras. A Sra. Davison suspirou:

— E as confusões das feministas também eram todas arranjadas — e acrescentou, num tom de voz mais animado, como se tivesse conseguido recalcar seus sonhos mais secretos —, com convites antecipados à imprensa e tudo. Não, assim que eu vi este artigo — tornou a apanhar o exemplar do *Times* e deu-lhe uma pancadinha significativa —, disse para mim mesma: "Um homem não conseguiria planejar uma coisa assim".

— Mas por quê? — perguntou Helena.

— Nenhum homem crescido gosta de usar, voluntariamente, traje a rigor, a não ser obrigado pela mulher. Nenhum homem, seja qual for o seu credo político, Helena, iria vestir casaca para comparecer a uma greve de simpatia, ou seja lá como chamam à coisa, a não ser obedecendo a ordens de uma mulher muito astuta com a finalidade de ter seu retrato publicado nos jornais. Não me venha dizer que Harald fez tudo isto pelos belos olhos de Putnam Blake. Não, provavelmente, a camaradinha conseguiu enrolar Putnam Blake e Harald. Aquela tiara... francamente!... a moça devia ter um desejo desesperado de usar uma coisa dessa. E as luvas! Não posso

compreender por que ela não está com um leque de plumas.

Helena deu uma risada e acariciou o volumoso braço materno.

— Por que acha você, Helena — continuou a Sra. Davison imperturbável, mas pensando que estava com a vieira —, que a gente tem a impressão de que a pobrezinha acabava de sair de um desses bailes de caridade? Aposto que ela alugou a fantasia inteirinha. Ou será que encontrou tudo no baú da vovó?

Helena tornou a rir, não podia deixar de maravilhar-se com os poderes indutivos de sua mãe.

— Um golpe de publicidade — disse a Sra. Davison, dando um tapinha final no jornal. — Qual era a especialidade da moça na universidade?

— Inglês — respondeu Helena. — Estudava principalmente com a Srta. Lockwood. Imprensa contemporânea.

A Sra. Davison arregalou os olhos:

— Minha alma profética! — concluiu, balançando a cabeça lentamente.

7

Em Nova York, duas noites antes (a notícia lida pela Sra. Davison fora uma transcrição da edição da noite anterior), Hatton, o mordomo inglês dos Prothero, envergando seu luxuoso *robe de chambre* de seda chinesa adamascada, com lapelas de moiré, estava sentado numa cadeira de balanço em seus aposentos no último andar da casa dos Prothero, lendo o *Herald Tribune* e ouvindo o rádio. Fumava cachimbo, e seus pés, calçados com meias de seda pura, enfiados em chinelas de couro legítimo, descansavam num tamborete. O *robe*, as chinelas, a cadeira e o rádio — todo o acessório "cênico" de Hatton, menos o cachimbo — haviam sido presentes do Sr. Prothero, um cavalheiro forte e esportivo que tinha o mesmo talhe e

idade do mordomo. Na verdade, Hatton era um pouco mais alto, tinha mais dignidade e o rosto menos vermelho, e um dos lacaios ouvira as colegas da Srta. Mary dizerem que ele se parecia com Henry James, famoso novelista americano que vivera sempre na mais alta sociedade — detalhes que Hatton tratara de averiguar numa biblioteca pública, num de seus dias de folga, isto por não confiar no motorista que era o encarregado de trocar, todas as sextas-feiras, na mesma biblioteca (seção de empréstimos) um novo romance policial para a Srta. Mary. (A biblioteca pessoal do Sr. Prothero, conforme Hatton observara para os empregados mais novos, era aquilo a que se podia chamar uma biblioteca para cavalheiros, contendo, especialmente, livros sobre esportes, biografias de todos os puros-sangues, coudelarias e o registro dos iates, volumes sobre turfe e caçadas, todos eles encadernados no mais puro marroquim ou então em couro, e também alguns livros pornográficos, cuidadosamente guardados em caixas fechadas à chave.)

O jornal manuseado por Hatton fora lido aquela manhã pelo Sr. Prothero e chegara às mãos do mordomo quase intacto, tal como o *robe*, as chinelas e o rádio, ou seja, mostrando escassos sinais de uso. Na verdade, Hatton era uma espécie de gêmeo ou, pelo menos, de reprodução ligeiramente aumentada do patrão, e a semelhança não lhe desagradava, pois se considerava como um melhoramento do seu amo americano: as roupas do Sr. Prothero caíam-lhe muito melhor, em virtude de ser ele mais alto. Gozava bem mais calmamente da leitura do jornal, à noite, do que o Sr. Prothero, o qual, pela manhã, dava uma rápida olhadela às cotações da Bolsa. Quando ajudava o Sr. Prothero a vestir-se, passando-lhe a escova pelos ombros ou ajeitando-lhe o lenço no bolso, não podia deixar de considerá-lo como uma espécie de manequim de alfaiate em relação a si mesmo — um meio-boneco feito de algodão, arame e couro, no qual os ternos e outros atavios eram experimentados, para finalmente chegarem às mãos do "homem" para quem, na verdade, haviam sido destinados. O Sr. Prothero dependia do mordomo para tudo, e não somente ele herdara o guarda-roupa do patrão, suas cadeiras, rádio e chinelas, tudo praticamente novo, mas ainda o representava em certas emergências domésticas, como, por exemplo, nos avisos contra incêndio, pois a Sra. Prothero, uma gorducha e "delicada" senhora, macia como um sofá, tinha verdadeiro pavor ao fogo, e Hatton, treinado por ela para "sentir o cheiro de fogo", movimentava constantemente a família, os outros criados e até as criadas, no meio da noite, enquanto o Sr. Prothero dormia. Encontrar Hatton, tal um grande pássaro vermelho, pelos corredores e

pelas escadas, altas horas da noite (a Sra. Prothero também tinha medo de ladrões) tinha provocado muitas vezes tremendos sustos nos convidados da Srta. Mary, susto aumentado pela quantidade de champanha ingerida nos bailes de que voltavam tão tardiamente. Aliás, o próprio Hatton tinha consciência de que, vendo-o sem a libré, os hóspedes da mansão poderiam tomá-lo pelo próprio Sr. Prothero, a quem tinham visto, provavelmente, no mesmo dia, usando um *robe* semelhante ao "seu", sorvendo um bom uísque na biblioteca. Hatton, por seu lado, era completamente abstinente.

Não era apenas um "homem" em casa, mas ainda "o homem da casa", dotado de um grande senso de responsabilidade. Estava com a família havia muitos anos, desde que as garotas eram de colo, e, embora em certa fase tivesse alimentado planos de aposentar-se, voltar para a Inglaterra e casar-se com uma bonita jovem, partilhara a sorte de muitos outros "ricos" e perdera todas as suas economias na quebra da Bolsa, quatro anos e meio antes. Até nesse ponto imitara o Sr. Prothero, que, depois de uma curta fase de relativas dificuldades, conseguira atravessar a depressão, da qual saíra ainda mais rico, pelo fato de ter comprado uma patente a um homenzinho a quem fora apresentado tempos atrás no Piper Rock Club, depois de uma partida de pólo. O camarada, que tinha toda a aparência de um vigarista, suicidara-se mais tarde mergulhando numa piscina. . . vazia! Mas a patente, que controlava a fabricação de novos produtos sintéticos, provara ser uma mina de ouro. Ganhar dinheiro, confessava o Sr. Prothero, estava na sua massa do sangue. Agora, ia diariamente ao seu escritório no centro da cidade, o qual servia de fachada para a firma que explorava a patente. Fizeram-no diretor da firma, apesar de ele confessar que não entendia coisa alguma daquilo que fabricavam ou das licenças de fabricação que concediam. Mas achava que era de seu dever, nos dias difíceis que a nação atravessava, fazer alguma força.

A família Prothero, pelos dois lados (a Sra. Prothero era uma Schuyler), era muito confusa e vangloriava-se disto, como sendo sinal de alto nascimento, e nenhum deles, como provavam com a árvore genealógica, recebera educação universitária, até Pokey ou Mary, como era chamada em casa, ter nascido. A irmã mais moça, Phyllis, fora expulsa de Chapin, para grande alívio da Sra. Prothero, quando cursava o segundo ano, e, depois de assistir por alguns meses às aulas da Srta. Hewitt, abandonou os estudos, ao completar dezesseis anos, conforme permitiam as leis estaduais. Agora, aos dezenove anos, já fora apresentada à sociedade numa grande festa e aguardava o dia do casamento. A Sra. Prothero achava que era a idade ideal para casar,

embora lamentasse perder a filha, pois era uma mulher muito solitária e gostava de sua companhia em suas freqüentes visitas ao cabeleireiro ou ao Colony Club, onde ficava sentada na sala de estar, enquanto Phyllis e seus jovens amigos nadavam na piscina. A Sra. Prothero, pobre coitada, na opinião unânime da sua criadagem, era uma mulher de poucos recursos: ao contrário de outras damas, não gostava de fazer compras; experimentar novos vestidos era coisa que a fatigava extremamente, pois sofrera de distúrbios de lactação depois do nascimento das duas filhas; o teatro provocava-lhe tremendas crises de choro (as peças do momento eram tão tristes); e jamais conseguira aprender as regras básicas do bridge. A decoração de interiores era coisa que não lhe agradava, tal como acontecia com tantas de suas amigas; a mobília, os tapetes e os quadros que ornamentavam os principais aposentos da casa mal tinham sido tocados ou mudados desde que Hatton servia a família. Os empregados, por sua vez, exceto quanto aos lacaios mais jovens e a Annette, a criada das moças, também pouco haviam mudado. A Sra. Prothero tinha uma pele escura, pálida. . . a própria cor da forração das poltronas e da passadeira da escadaria principal; os quadros na sala de visitas versavam quase todos sobre o tema "ruminantes" — vacas e carneiros — espalhados por campos acastanhados. Hatton gostava das pinturas, que ouvira dizer serem de autor holandês e muito caras, assim como do tom geralmente marrom do mobiliário, mas as empregadas diziam que o lugar precisava de um pouco de vida. O pior é que era impossível fazer a Sra. Prothero ou uma das filhas perceberem a coisa. Recentemente, Forbes, que fora a ama das duas moças e que, agora, era a encarregada da roupa branca e de controlar os consertos do vestuário, ensinara a Sra. Prothero a fazer *petit point*, que era um derivativo, na opinião da velha criada, uma espécie de companhia, para atenuar a solidão existente desde que a Srta. Mary fora estudar veterinária em Cornell — o que significava que não trazia mais seus colegas para os fins de semana, conforme acontecia quando estava em Vassar —, solidão aumentada pelo fato de o Sr. Prothero ter de ir para o escritório e a Srta. Phyllis passar a maior parte do tempo em companhia de amigos de sua idade, freqüentando chás de caridade, desfiles de moda, espetáculos e coisas semelhantes.

Os Prothero costumavam receber, porém somente para jantar, já que a Sra. Prothero era incapaz de manter uma conversação sozinha. O Sr. Prothero tinha por hábito almoçar em clubes fechadíssimos, enquanto que as moças eram aconselhadas a levar seus convidados para outro lugar qualquer com a finalidade de evitar trabalho extra

para Hatton. Pelo menos, era essa a desculpa de Madame, embora Hatton jamais tivesse recusado qualquer trabalho, conforme ela sabia muito bem. Era Hatton quem planejava os jantares da Sra. Prothero, apresentando-lhe previamente uma cópia do cardápio, assim como a disposição dos convidados à mesa, antes de escrever os respectivos cartões, e o grave problema de acomodar seis ou oito convidados jamais provocara a menor preocupação à dona da casa, que sempre olhava para Hatton, alarmada, quando via uma mulher sentada à sua frente, no lugar onde, habitualmente, se sentava o Sr. Prothero, ou seja, no extremo oposto da longa mesa. A vida da Sra. Prothero era demasiado inativa para exigir a presença de uma secretária particular, exceto na época em que as filhas tinham sido apresentadas à sociedade. Hatton recebia seus convites, aceitava-os ou não, avisava quem viria jantar ou, então, as casas que tinham de visitar. Ele também controlava suas contribuições para as instituições de caridade e, por vezes, nas noites em que recebiam convidados, chegava ao ponto de sugerir, discretamente, tópicos para conversa.

Inútil dizer que ele também estava acostumado a dar uma mãozinha às moças.

— Hatton, você é um gênio! — gritavam as senhoritas Mary e Phyllis, quando tinham de organizar uma lista de convidados ou sentá-los à mesa.

— Sentido social infalível — murmurava o Sr. Prothero constantemente a respeito do mordomo, com uma piscadela e um movimento do músculo da face, que lhe dava a aparência de ser vítima de uma paralisia. Por seu lado, as moças tinham mais confiança na opinião de Hatton, no que se referia a vestidos, do que na de Forbes ou Annette; depois de prontas iam até seu quarto e davam uma voltinha, mostrando o vestido de baile e perguntando se estavam bem e se deviam usar pérolas, ou diamantes de Madame, ou, então, simplesmente, uma echarpe ou um leque. Fora Hatton quem aconselhara a Srta. Phyllis a usar um sinalzinho debaixo de um dos olhos, assim como o aparelho corretivo nos dentes, e, se Hatton não tivesse apoiado fortemente Forbes nesta medida, a pobre Srta. Phyllis seria hoje uma dentuça e tanto.

A família inteira adorava Hatton.

— Nós todos adoramos Hatton — costumava dizer a Srta. Mary num cochicho, ocultando a boca orgulhosa com a mão, aos jovens que a visitavam pela primeira vez, numa das freqüentes festinhas que ofereciam, ou, então, a uma jovem qualquer, uma coleguinha, que vinha passar uns dias com eles. As feições treinadíssimas do mordomo

permaneciam impassíveis quando ele subia as escadas conduzindo as jovens para seus aposentos, apesar de que fingir que não ouvia denotaria ser ele um criado vulgar, pois as duas jovens eram cegas como gatinhos recém-nascidos e falavam com aquele tom de voz descontrolado dos surdos, de maneira que, mesmo quando cochichavam, as pessoas em torno voltavam a cabeça para ouvir o que diziam. Tinham herdado essa deficiência, mais um sinal de sua ascendência aristocrática, da avó paterna.

Hatton, talvez por hábito, fingia não notar que as moças exigiam praticamente dos hóspedes da casa, ou mesmo daqueles que a freqüentavam somente como convidados para uma refeição, a obrigação de admirá-lo e, na verdade, a sensação não lhe era de todo desagradável. A cerimoniosidade lenta de suas maneiras, seu porte austero, a certeza de que falava em nome da família, nada mais era, ele o sabia, do que uma convenção entre as classes mais elevadas na América, que gostavam de manter a ilusão de que o serviço devia ser invisível, "sua maneira peculiar de darem a impressão de que estavam acostumados a serem servidos". Aliás, o sentimento ofendia profundamente o orgulho profissional de Hatton e fizera com que abandonasse seu último emprego. Com a família Prothero, mais vinculada à velha escola, sua devoção e qualidades excepcionais eram constantemente ressaltadas e, quanto menos ostensivo se fazia, mais as cabeças se voltavam para apreciar suas entradas e saídas. Bastava fechar uma porta silenciosamente, ou retirar-se para uma ante-sala, para ter a certeza de que a família e seus convidados começavam imediatamente a tecer comentários sobre ele. Ter noção da existência de Hatton era prova de intimidade com a família, um sucesso, particularmente entre os jovens.

— Hatton é uma maravilha — diziam os rapazes muito altos, de casaca e gravata branca, prontos para irem a um baile, curvados sobre as xícaras de café, quando as moças abandonavam a sala de jantar. — Hatton é uma maravilha, Sr. Prothero — diziam ao dono da casa, sentado à cabeceira da mesa. Hatton não precisava ser médium (embora a Srta. Mary afirmasse constantemente que ele o era) para saber, lançando um olhar distante da ante-sala, qual o assunto da conversa. Quanto às moças que tinham passado ao andar superior, como nem todas estavam acostumadas à vida em sociedade, o copeiro que lhes servia licores tinha, às vezes, alguma história para contar, mas ali, quanto aos rapazes no andar térreo, era sempre a mesma coisa.

— É como se fosse da família — replicava o Sr. Prothero. —

Uma espécie de instituição. Hatton é famoso.

Hatton não se importava de ser considerado como "da família", embora sempre tenha mantido a devida distância, mesmo quando as moças não passavam de uns bebês. Mas, por outro lado, estava acostumado a ser encarado como uma instituição no complexo da casa, aceitando tranqüilamente ser observado como se fosse um retrato pendurado numa parede ou, então, uma estátua na praça pública. Com tal finalidade, aperfeiçoara uma completa imobilidade do rosto, o que era um de seus pontos principais: a imobilidade de um monumento e, assim, conseguia atrair a atenção de todos os visitantes. Hatton estava completamente familiarizado com os sinais que faziam entre si as moças e seus amiguinhos chamando atenção para sua fisionomia congelada e escultural, e os aceitava como uma espécie de cumprimento, se bem que, externamente, não movimentasse um único músculo. Quando interrogado sobre a família que servia havia tantos anos e com um altruísmo aparentemente tão grande ("Hatton nos é muito dedicado", costumava declarar a Sra. Prothero numa das raras vezes em que afirmava alguma coisa), respondia, muito reservadamente, que ali era "um bom lugar". A Srta. Phyllis, quando era mais moça, costumava brincar constantemente com o mordomo, dizendo que ele gostava mais dela, que era o patinho feio da família, não que os outros fossem cisnes, mas Hatton limitava-se a dizer simplesmente:

— É um bom lugar, senhorita.

A mesma coisa acontecia com o patrão, quando este estava "encharcado" e Hatton tinha de pô-lo na cama:

— Você gosta muito da gente, não é, Hatton? Depois de tantos anos!?

Forbes, uma robusta escocesa que vivia com a família desde o nascimento da Srta. Mary, às vezes lembrava a Hatton que existiam lugares melhores no mundo: um mordomo de alta classe, dizia, não devia prestar-se a ser secretário e *valet*, sendo, além disso, também detetive nas horas vagas e verdadeiro alarmista contra incêndio humano (uma brincadeira que Forbes adorava repetir).

— Pobre não pode ser orgulhoso — retorquia friamente Hatton, citando um de seus provérbios preferidos, mas, na verdade, queria significar o contrário: um mordomo com a sua capacidade podia executar certos trabalhos extras sem prejudicar a auréola que o cercava. Era um homem talhado para isso. Pelo fato de gostar de resolver palavras cruzadas, estava familiarizado com os principais mitos, e, não raro, seus pensamentos detinham-se na história de Apolo

servindo o Rei Admeto, não que ele colocasse o Sr. Prothero tão alto assim. Contudo, ocasionalmente, a comparação ocorria-lhe à mente quando servia à mesa indo de lugar em lugar, murmurando "Xerez, madame?" ou "Champanha, senhorita?", momentos em que sentia uma espécie de auréola em torno de si e tinha a impressão de que a Srta. Mary também sentia essa auréola, pela maneira como o contemplava fixamente com seus olhinhos ligeiramente convergentes, como se estivesse vendo uma coisa inusitada, enquanto suas narinas freMIam, tique que herdara de Madame, já que a pobre mocinha não tinha a menor noção de olfato. A Srta. Mary acreditava piamente na telepatia, dizendo possuir um sexto sentido e ser capaz de descobrir qualquer coisa ou pessoa desaparecida; decidira que Hatton também tinha o mesmo poder.

— Suas orelhas estão ardendo, Hatton? — perguntava freqüentemente, quando ele atendia a um chamado da campainha e entrava num aposento onde ela estava com suas coleguinhas praticando uma daquelas brincadeiras de ler pensamentos, através das cartas de jogar, que aprendera em Vassar. Explicara várias vezes à senhorita que era dever de um bom empregado adivinhar os pensamentos de seus patrões e antecipar-se aos seus desejos, e para ele, acrescentava com um ar de reprovação, aquilo fazia parte dos deveres diários, e de maneira alguma se tratava de uma brincadeira.

— Como é que você chegou a ser mordomo, Hatton? — perguntava a senhorita, por vezes, sentando-se na cama do mordomo.

— É mesmo, Hatton, por quê? — ecoava a Srta. Phyllis, sentadinha no seu tamborete. Mas Hatton, delicadamente, recusava-se a responder.

— Isso é assunto que só interessa a mim mesmo, senhoritas.

— Acho que você resolveu tornar-se mordomo por ser psíquico. Seleção natural. — A expressão era desconhecida de Hatton, mas ele não deixava que a senhorita o notasse. Mary voltou-se para Srta. Phyllis:

— Isto prova o meu ponto de vista, Phyl. Não compreende? Darwin. A sobrevivência dos mais fortes. — Seu vozeirão forte ecoava pelos aposentos dos criados. — Se Hatton não fosse psíquico, teria sido um fracasso como mordomo. "*Ergo*, ele é psíquico. CQD." — Levantou a cabeça orgulhosa e olhou para Hatton. — Boa explicação, não é, meu velho?

— Muito boa, senhorita — concordava Hatton, acreditando que o Darwin referido devia ser o tal da evolução da espécie.

— Meninas! — vinha a voz de Forbes do andar inferior — está

na hora de vocês tomarem banho.

A verdade é que Hatton era mordomo porque seu pai também o fora. Mas, por outro lado, concordava com a Srta. Mary, quando ela dizia que devia haver alguma razão mais forte do que essa, uma vocação ou um chamado muito forte, que o levara a adotar a profissão. Tal convicção tomara conta de seus pensamentos lentamente, na América, onde os autênticos mordomos ingleses não crescem em árvores.

— Puxa, Hatton, você é um autêntico mordomo! — dissera-lhe certo cavalheiro que passara um fim de semana na casa de Long Island com um olhar muito espantado. O cavalheiro chegara à conclusão de que ele se assemelhava a um daqueles mordomos que a gente vê em filmes. Hatton gostara de ouvir a observação; sendo naquela época muito mais jovem e solitário, por assim dizer, num país estrangeiro, tinha tentado aproximar-se daquilo que se imaginava ser um mordomo inglês, um daqueles mordomos que encontrara nos romances policiais, que vira nos filmes ou nas revistinhas cômicas lidas pela cozinheira, pois o homem esperto tinha obrigação de se aproveitar de todas as ocasiões que lhe fossem apresentadas. Contudo, sabia agora que somente o estudo em nada o teria beneficiado. Quando as jovens começaram a dizer que ele era um gênio, acreditou que haviam atingido em cheio a verdade. Havia muito que aceitara o fato de ser o cérebro daquela família, com o pesado encargo que isso significava. O eterno modelo do mordomo inglês, que ele mantinha sempre diante dos olhos, mesmo em seus momentos de repouso ou nos seus dias de folga, requeria que tivesse os atributos da onisciência e da ubiqüidade, tal como lhe ensinaram na aula de catecismo:

— Onde está Deus?

— Deus está em toda parte.

Hatton era um fervoroso adepto da Igreja da Inglaterra e não pretendia blasfemar, mas não podia deixar de notar estas pequenas coincidências, como, por exemplo, quando observou, no início de sua carreira, que também esperavam que ele fosse invisível.

Dobrado o jornal, Hatton suspirou. Um dos deveres ou obrigações do clássico mordomo inglês, do qual ele era um avatar, era manter-se muito bem informado em assuntos que, à primeira vista, pudessem não ter a menor relação com seu trabalho, além de ter em mente a lista telefônica, guardando centenas de nomes, caso fosse necessário. Essa era a razão pela qual lia o *Herald Tribune* naquele momento, em benefício da família, isso depois de dar uma rápida olhadela no tablôide de *Cook* para saber dos crimes, e também

a razão pela qual iniciara a leitura da coluna social e páginas esportivas, para poder examiná-las enquanto estava com a mente descansada. Hatton não era homem dado a esportes, a não ser uma "fezinha" nas corridas ou, então, lá no rincão natal, uma partida de *cricket*, mas seus deveres obrigavam-no a conhecer, sem a menor hesitação, os nomes e as linhagens de cachorros, gatos, barcos, cavalos, jogadores de pólo e de golfe, tal como apareciam nos jornais, juntamente com toda a espécie de informações e cotações, visto que esses eram os nomes e as informações mais procuradas na casa dos Prothero. Depois, era a vez das colunas sociais, no interesse de Madame e das senhoritas. Quando um rapaz anunciava o casamento, era Hatton quem tomava nota do fato e o acrescentava à lista de obrigações na agenda da Srta. Mary; quando uma jovem estava para contrair matrimônio, era Hatton quem lembrava às moças para que comprassem um presente... coisa que a Srta. Mary esquecia constantemente de fazer, ou, quando muito, mandava Annette comprar.

Escolhendo um lápis verde, Hatton fez um sinal na coluna social, o que significava: presente, Srta. Phyllis; um sinal com lápis vermelho significava: presente, Srta. Mary. Com outro suspiro, desta vez de contentamento, dobrou o jornal para ler com mais deleite os avisos fúnebres, uma de suas seções favoritas. Contudo, mesmo aqui, a voz do dever falava mais alto, embora, naquele dia, viu no primeiro relance, não tivesse de avisar Yvonne, a criada particular da Sra. Prothero, para que esta desse uma olhadela nos vestidos pretos da patroa, nem também de avisar o Sr. Prothero de que teria de comparecer a um velório. Deu por encerrado o obituário. Passou para as cotações da Bolsa, que há muito tempo haviam deixado de interessá-lo pessoalmente, pois desde 1929 que não se arriscava a uma nova tentativa, embora procurasse manter-se regularmente informado sobre as flutuações do mercado, de modo a poder acompanhar as conversas na mesa do jantar, quando os Prothero mais velhos recebiam convidados e depois que as senhoras saíam da sala. Lá no fundo de seus pensamentos, alimentava a esperança de conseguir um bom palpite de um dos cavalheiros mais velhos, mas ainda não havia reencontrado a coragem de mandar seu corretor fazer um lance.

Acendendo o cachimbo uma vez mais, examinou as notícias relativas às diversões, para certificar-se de que o filme que pretendia ver no seu dia de folga ainda estava sendo exibido. Leu a crítica de Percy Hammond sobre a peça que estreara na noite anterior. Hatton

jamais fora apreciador do teatro chamado sério, quando muito freqüentara o musicado, mas tinha certo interesse pelas coisas do palco, em parte por ter a impressão de que quase todas as peças começavam com um diálogo entre um mordomo e uma criadinha de espanador de penas na mão. Adoraria ver uma cena assim. A Srta. Katharine, colega da Srta. Mary em Vassar, prometera-lhe certa vez arranjar entradas para um espetáculo no seu dia de folga, mas nunca mais tornara a vê-la. Fora a que casara com um ator ou qualquer outra profissão ligada ao palco; a Srta. Mary assistira ao casamento. Hatton jamais fora parcial em relação à Srta. Katharine, discordando de Forbes, que a chamava uma "linda menina". Forbes teria mudado sua maneira de pensar se tivesse visto o que ele vira, certa noite, quando descera as escadas às pressas, ainda amarrando a faixa do *robe* e fixando a dentadura, porque a Sra. Prothero "ouvira um barulho, Hatton. Por favor, vá ver o que é". Pelo menos daquela vez Madame estava certa: lá se achavam os dois, na saleta de entrada — a "linda menina" e seu *fiancé* na maior libidinagem. Aliás, Hatton não gostara do camarada, ao vê-lo no jantar. "Harald Petersen" era o nome, como se fosse um maldito *viking*, e Hatton observara a grafia, pois fizera o cartão. Quando a Srta. Katharine estava para casar, a Srta. Mary o consultara sobre a possibilidade de ela usar a casa da cidade para a festa, uma vez que a família toda, exceto o Sr. Prothero, já se encontrava no campo. Lembrando-se da cena que presenciara ("Ora, uns beijos, nada mais", dissera Forbes, mas será que se faz uma coisa dessa com a saia levantada e o *fiancé* trepado por cima, com o risco de que todo mundo que passasse pela rua assistisse à cena?), isto para não falar nas entradas prometidas, Hatton dissera que não, que as mobílias já estavam com as capas, e que, além disso, o patrão poderia ficar aborrecido, caso resolvesse passar a noite na cidade, encontrando estranhos em sua casa.

— Você é um tesouro, Hatton! — proclamara a Srta. Mary. Hatton não tivera a menor surpresa ao ler nos jornais, no verão passado o fracasso da peça na qual trabalhava o Sr. Petersen, embora a Srta. Katharine lhe tivesse dito que a mesma ficaria em cartaz anos e . anos. Desde então, nunca mais lhe vira o nome nas notícias teatrais, apesar de haver lido nas informações sobre imóveis que um Sr. e Sra. Harold Peterson (*sic*) tinham alugado um apartamento numa das Ruas Cinquenta, perto de Sutton Place. Eram os mesmos, informara a Srta. Mary, que, poucos dias antes, os haviam visitado. Nunca mais

convidara o casal, pois, desde que estudava agricultura, quando oferecia um jantar, limitava-se a telefonar para Hatton dizendo que queria receber doze pessoas e que ele mesmo fizesse a lista e os convites, verificando, ao mesmo tempo, se a Srta. Phyllis não estaria em casa nessa noite. Mas se a Srta. Katharine e o Sr. Petersen "tornassem" a ser convidados, Hatton já anotara mentalmente que devia dirigir-se a ela como "Madame", ao abrir a porta.

— Boa noite, Madame (senhorita nunca!) — diria, acompanhado com um discreto e rápido sorriso: eram esses pequenos detalhes que importavam.

— Ele me chamou de "Madame", não é perfeito? — cochicharia a Srta. Katharine para o marido. — Hatton me chamou de "Madame", Pokey, não é lindo?

Hatton virou finalmente a primeira página que reservara para o final; gostava de enriquecer seu intelecto com as notícias que o mundo lhe fornecia. Havia mais de uma semana que uma luta trabalhista ocupava uma pequena parte da primeira página: os garçons dos principais hotéis estavam em greve. Hatton adotara desde o primeiro dia o firme propósito de não ter preferências quanto à política americana, acreditando ser contra a lei um estrangeiro interferir nos assuntos privados de um país e, conseqüentemente, abstinha-se de externar qualquer idéia sobre o assunto:

— Em quem você votaria, Hatton? — perguntara-lhe a Srta. Katharine, por ocasião da última eleição, quando passara alguns dias em casa.

— Eu não sou cidadão americano, senhorita — respondera Hatton. Apesar disso, a greve dos garçons tinha toda sua simpatia, até certo grau, pelo menos, pois não deixavam de ser seus companheiros, apesar de haver um golfo de distância, um imenso golfo, entre os serviços particulares e aquilo a que se pode chamar de serviços comuns. Num curto período, enquanto treinara para a profissão, trabalhara num hotel londrino. Assim, acompanhava a greve e sabia pela coluna de *Cook*, do *Daily Mirror*, que acontecera alguma coisa na noite anterior no Hotel Cavendish: mais uma manifestação.

Agora seus olhos cinzentos arregalaram-se imperturbavelmente, e ele deu uma sacudidela no jornal. Quando acabou de ler a continuação, que estava na página cinco, voltou à primeira página, selecionou um lápis azul em sua mesa e, lentamente, marcou a história toda. Suas mãos tremiam ligeiramente de excitação controlada. Depois, dobrou o jornal mais uma vez, de maneira a caber numa salva, a qual apresentaria à Sra. Prothero por ocasião do jejum na manhã

seguinte:

— Perdão, Madame, mas acho que esta notícia interessará à Srta. Mary. — E, mentalmente, viu-se retirando-se para perto do aparador, ou, melhor ainda, para a copa, ao alcance, porém, do chamado da patroa.

— Hatton! — ouviu a voz da senhora agitadíssima chamando na manhã seguinte e, lentamente, tornou a entrar na sala de refeições. — O que é *isto*? Por que você me mostrou esta notícia? — A silhueta rechonchuda e informe da Sra. Prothero tremia dos pés à cabeça.

— Perdoe-me a liberdade, Madame, mas imaginei que um dos cavalheiros mencionados é o marido da Srta. Katharine. — Curvou-se e, com o dedo, muito bem manicurado, apontou para a patroa o nome de Harald Petersen (que estava grafado "Harold Petersen").

— Srta. Katharine? — perguntou a Sra. Prothero. — Quem é? Nós a conhecemos, Hatton? — E afastou o olhar deliberadamente da fotografia do grupo na página cinco que ele tentava mostrar-lhe.

— É aquela jovem que passou o Natal conosco e depois mais duas ou três vezes, colega da Srta. Mary, em Vassar. — Fez uma pausa, esperando que a ociosa inteligência da Sra. Prothero começasse a funcionar. Mas a dama sacudiu a cabeça, uma massa de cachinhos castanho-claros sem brilho que, apesar de todos os esforços de Yvonne e dos cabeleireiros, teimavam em parecer uma peruca de manequim.

— A que família pertence?

— Nunca soubemos, Madame — respondeu Hatton solenemente. — O sobrenome era Strong. Nasceu num Estado do oeste.

— Não é Eastlake? — sugeriu a Sra. Prothero com um passageiro brilho de inteligência.

— Oh, não, Madame. Nós *conhecemos* a Srta. Elinor. Esta outra senhorita também era morena e bonita, de uma maneira um tanto ou quanto agreste, seja dito. Forbes, se é que a senhora se lembra, gostava muito dela. "Uma rosa escocesa", costumava dizer.

A Sra. Prothero deu um gritinho.

— Oh, meu Deus! — exclamou — agora me lembro. *Muito* bonita, Hatton, mas muito rude. Ou a pessoa com quem casou é que era rude? Como é que ela chamava o rapaz?

— Meu *fiancé* — informou Hatton com um sorriso benevolente.

— Exatamente! — gritou a Sra. Prothero. — Não devíamos ter rido dela. Quando ela se hospedava aqui, o Sr. Prothero costumava recitar um poema. *Maud Mitter, num dia de verão...* e qualquer coisa

assim. De Tennyson, creio eu.

— É, deve ser, Madame — replicou Hatton, austeramente.

— Mas nunca conseguimos saber quem era — disse a Sra. Prothero com um suspiro reminiscnte. — Aliás, o Sr. Prothero costumava perguntar-me: "Quem é esta moça que está sempre em nossa casa? É a Maud Miller?" E nunca pude realmente responder à pergunta. Ouvi dizer, certa vez, que seus antepassados tinham sido pioneiros no oeste. — Colocou os óculos e tornou a dar uma olhadela no retângulo marcado com lápis azul. — E, agora, Hatton, você vem e me diz que ela está presa. Qual o crime? Roubou alguma coisa numa loja, não é?

— Eu creio — interveio Hatton — que foi o marido da moça o detido. Qualquer coisa relativa a uma luta trabalhista.

A Sra. Prothero fez um gesto esvoaçante com a mão gorducha e muito branca.

— Basta, Hatton. E imploro que não leve este assunto ao conhecimento do Sr. Prothero. Recebemos o homem para jantar. Lembro-me perfeitamente. — Refletiu um pouco, enquanto seus olhos esmaecidos rolavam ansiosamente de um lado para outro por trás dos óculos de ouro. — Acho que a melhor coisa a fazer, Hatton, é você levar este artigo para a cozinha e queimá-lo no fogão. Mas não diga nada a ninguém, por favor. Gente na nossa posição, Hatton, não pode se arriscar a. . . — Olhou para o mordomo, esperando que este completasse seu pensamento.

— Realmente, Madame — respondeu, apanhando o jornal e tornando a colocá-lo na salva.

— "Quem vive numa casa de vidro", Hatton... como é o resto da frase? Oh, meu Deus, não é nada disso. Queria referir-me a outra coisa. "Deve estar acima de qualquer acusação", isto é de Shakespeare, não é? . . . Júlio César. — Sorriu. — Estamos um bocado emproados esta manhã, não é mesmo? — continuou. — Muito intelectuais. A culpa é de Vassar, não é, Hatton? Apesar de você ser um homem muito inteligente.

Hatton curvou-se em agradecimento e afastou-se uns passos.

— Gostaria de saber que você realmente queimou esta coisa. Com suas próprias mãos, Hatton — recomendou a patroa.

Quando o mordomo saiu do aposento, a Sra. Prothero descontraíu-se: curvou-se sobre os cotovelos carnudos e deixou que as lágrimas lhe subissem aos olhos. Hatton observava-a pela fresta da porta. Sabia muito bem o que Madame estava pensando. Pensava em como se mostrara valente na frente do mordomo, não deixando que ele

percebesse o quanto estava perturbada por aquela desagradável história. Humilhante. E de como reprovava todo mundo, começando pela Escola Chapin, por terem colaborado para a ida da Srta. Mary para aquela universidade que estava sempre saindo nos jornais, não que as outras fossem melhores, mas pelo menos dessas falava-se menos. Todos em quem confiava, começando pela Escola Chapin, tinham-se voltado contra ela no capítulo da universidade; a diretora, de cujo nome não se lembrava mais, que ajudara a Srta. Mary a preencher a proposta; Forbes, que emprestara a quantia necessária para pagar a taxa da matrícula, dinheiro retirado de suas economias; a menina Hartshorn, que a arrancara de casa três dias seguidos, ao que parecia, para fazer os exames de admissão; e Hatton, o próprio Hatton, que passara dias rondando em torno dela e do marido, quando se anunciou que a Srta. Mary fora aprovada, dizendo que não acreditava que um ou dois anos na universidade pudessem fazer mal à senhorita. Era o mesmo que um certo caso que ouvira contar dias antes no Colony Club. Um caso acontecido em Bar Harbour, o qual transmitira a Hatton só para mostrar que não esquecera. Uma fuga, através de uma janela francesa de uma das maiores mansões da localidade e depois através de um buraco furado na cerca. Os empregados ali, também, como sempre (sim, ela dissera "como sempre", especialmente para espicaçar Hatton), trabalharam contra os desejos da família, e o mordomo chegara ao ponto de escapar durante a noite com uma tesoura de jardim e abrir o tal buraco na cerca. E se o par fosse casado imediatamente, por um ministro que já os esperava na reitoria, segundo diziam? O próprio sacerdote não passava de mais um cúmplice. Em relação à sua criadagem, sempre suspeitara de que alguém — Forbes, ou mais provavelmente Hatton — falsificara sua assinatura no pedido de inscrição para Vassar; a Srta. Mary jurara que fora ela mesma quem assinara tudo, mas ainda assim era capaz de jurar que fora Hatton quem guiara sua mão.

Hatton afastou-se da porta; os soluços de Madame estavam ficando claramente audíveis e ele resolveu tocar a campainha chamando Yvonne. Ao chegar a este ponto, Madame estava quase fora de si. Ela enganava-se muito ao pensar que ele falsificara sua assinatura. Tinham mantido o segredo até para ele e somente veio a saber de tudo quando já terminara, e a Srta. Mary fora aprovada. No momento, compartilhava os pontos de vista de Madame, quanto à educação excessiva, apesar de os de Madame não serem nada consistentes: por que não dar um avião à Srta. Mary, se não queriam que ela voasse três vezes por semana a fim de aprender a ser médica

de cavalos? Mas a verdade é que a Srta. Mary sempre fizera aquilo que bem entendia, sem aceitar a opinião de ninguém, a não ser a dele.

Apertou os lábios e foi dar outra olhadela na Sra. Prothero. Agora, estava arrependido de ter mostrado o jornal, pois não podia imaginar que aquilo pudesse magoar tanto a pobre senhora. Seu gesto fora ditado pelo excesso de zelo, reconhecia, uma espécie de superperfeccionismo, se essa era a palavra exata, na interpretação de seu papel.

— Hatton — disse para si mesmo —, o orgulho antecede a queda.

Na sala de refeições, a Sra. Prothero estaria refletindo que, devido à educação superior, tivera uma prisioneira em casa.

— Uma prisioneira! — repetia, indignada, com um tremor do queixo quase inexistente, e tão alto que Yvonne, ao descer as escadas, podia ouvi-la. Apertando o roupão em torno do corpo e apoiando-se no braço de Yvonne, retirou-se para o quarto de dormir e cancelou o carro que a levaria às onze horas ao cabeleireiro. No entanto, Hatton, que, antecipadamente, já avisara o motorista que seus serviços não seriam necessários, cortava a notícia do jornal e preparava-se para colá-la no seu caderno de recortes.

Na manhã seguinte, em Boston, a Sra. Renfrew encontrou Dottie no Ritz para almoçar. Tinham antecipado a refeição de maneira a irem à casa Bird, onde fariam a encomenda dos convites de casamento e outros impressos e, na segunda parte da tarde, tinham hora marcada em Crawford Hollidge, onde haveria uma prova. O vestido de noiva de Dottie, assim como o que usaria para a viagem de núpcias, estava sendo feito em Nova York, mas, no que se referia à maioria do enxoval, conjuntos esportivos e coisas semelhantes, principalmente, era possível comprar tudo em Boston e pela metade do preço. Depois de Crawford Hollidge, se houvesse tempo, parariam na loja Stearn a fim de examinar roupa de cama e comparar os preços com os da loja File-ne. Os Renfrew não eram milionários, apenas viviam confortavelmente, e a Sra. Renfrew economizava tudo o que podia, pois achava de muito mau gosto esbanjar em dias como aqueles, quando todo o mundo sofria privações. A costureira tinha tentado aproveitar o vestido de casamento da Sra. Renfrew, o qual já fora usado por "sua" mãe, mas, infelizmente, não havia pano sobressalente nas costuras; Dottie, descobriram (e eis um progresso!), tinha aumentado quatro polegadas no busto, cintura e quadris, apesar de ser do tipo "exagerado": era tudo uma questão de ossos maiores. Naquela manhã, a cabeça da Sra. Renfrew estava cheia de medidas — lençóis,

luvas e vestidos, pensando também nas *demoiselles* e nos presentes que lhes daria. Compactos de prata de Shreve Crump? Ou delicados isqueiros de prata esterlina? Seriam somente três: Polly Andrews, é claro, Helena Davison e a prima de Dottie que se formara na turma de 1931 em Vassar, que também seria a madrinha. Como o noivo era viúvo, a Sra. Renfrew e Dottie acharam que era bem melhor terem uma cerimônia muito simples. Dottie fazia questão da presença de Lakey, mas esta escrevera da adorável Ávila, dizendo que não poderia chegar a tempo. Na mesma carta, avisava que tinha mandado uma miniatura de Madona espanhola (que seria muito apreciada no Arizona) e que achava que Dottie não teria grande trabalho em fazer o presente passar pela Alfândega como sendo uma antiguidade. A Sra. Renfrew esperava que Sam, o pai de Dottie, cuja firma cuidava de despachos alfandegários desde os dias dos veleiros, resolvesse aquele assunto: havia tanta coisa para ser resolvida.

A caminho do encontro com Dottie, que fora fazer um *check up* no Dr. Perry, a Sra. Renfrew parara alguns momentos no Clube Chilton, a fim de manicurar as unhas e dar uma olhadela nos jornais de Nova York, onde talvez encontrasse alguma coisa que interessasse a Dottie e que pudesse ser encomendada pelo correio. Seu olhar foi atraído pela fotografia de um grupo de jovens em trajes de noite, bem ao lado de um anúncio de Peck & Peck. Voltou atrás para ler a notícia, reproduzida da última edição da noite anterior. Ao deparar com o nome de Harald, anotou mentalmente a novidade, a fim de transmiti-la a Dottie na hora do almoço, pois talvez ela quisesse telefonar para Kay para obter detalhes mais suculentos. A Sra. Renfrew era uma criatura otimista e viva, que olhava sempre para o lado alegre das coisas, e ficou pensando que devia ter sido uma aventura e tanto para aqueles jovens radicais vestirem-se a rigor e brigarem com o pessoal do hotel; tinha a certeza de que o marido de Kay seria posto em liberdade depois de receber um sermão do juiz, tal como acontecia com os rapazes de Harvard quando se metiam em encrencas com a polícia de Cambridge. A propósito, anotou mentalmente, precisava pedir a Sam que fosse à Municipalidade e pagasse uma multa por estacionamento em local proibido que ela e Dottie haviam recebido dias antes.

Foi somente em virtude de ter a cabeça cheia de tantas coisas, como nomes de pessoas, tamanho de lençóis (será que Brook e Dottie dormiriam em cama de casal? Era difícil saber, em se tratando de um

homem viúvo) e o vestido das *demoiselles* (que problema, a não ser que Helena viesse antecipadamente de Cleveland para experimentar), que esqueceu de mencionar o estardalhaço em que Harald se metera até depois do almoço, quando já iam em Newbury Street, lado a lado, como duas irmãs, a Sra. Renfrew usando um casaco de castor e Dottie um de vison.

— Dottie! — exclamou. — Quase ia esquecendo! Não pode imaginar o que eu li esta manhã no clube. Um dos seus amigos transgrediu a lei. — Olhou alegremente para cima, para sua filha, os olhos azuis dançando. — Tente adivinhar.

— Pokey — respondeu Dottie.

A Sra. Renfrew abanou a cabeça:

— Está frio.

— Harald Petersen! — repetiu Dottie, quando sua mãe disse o nome. — Ó, mamãe, mas isso não é justo. Ele não é exatamente um amigo, Que foi que ele fez?

A Sra. Renfrew relatou a história. No meio da narrativa, Dottie parou, entre Arlington e Berkley.

— Quem era o outro homem? — perguntou.

— Não sei, Dottie. Mas seu retrato está no jornal. Aliás, está com um tapa-olho e tanto.

— Mas você não se lembra do nome, mamãe?

A Sra. Renfrew sacudiu a cabeça em silêncio.

— Por quê? Acha que é alguém que conhece?

Dottie fez que sim.

— É um nome muito comum — disse a Sra. Renfrew, pensando. — Se não me falha a memória, começa por B.

— Brown, por acaso? — quase gritou Dottie.

— Talvez — replicou sua mãe: — Brown, Brown — repetiu. — Será que era mesmo Brown?

— Ó, mamãe! — exclamou Dottie. — Por que você não cortou a notícia?

— Querida — disse sua mãe —, é terminantemente proibido cortar os jornais no clube. É contra o regulamento. E, contudo, você ficaria surpresa com o número de sócias que o fazem. E nas revistas também.

— Qual a aparência? — perguntou Dottie.

— Muito artística — disse a Sra. Renfrew. — Um ar de dissipação. Mas talvez seja consequência do olho contundido. Parecia um cavalheiro. Mas. . . o que foi mesmo que ele declarou? É muito

triste, Dottie, mas minha memória está ficando cada vez mais fraca. Harald Petersen, dramaturgo, e o outro era uma coisa parecida.

— Pintor? — sugeriu Dottie.

— Acho que não — disse sua mãe.

Durante toda a conversa, ficaram paradas no meio da calçada, sendo ligeiramente empurradas pelos que passavam. Fazia muito frio; a Sra. Renfrew puxou a manga do casaco para cima e viu as horas no relógio de pulso.

— A senhora segue sozinha, mamãe — disse Dottie abruptamente. — Mais tarde encontro-me com a senhora. Vou voltar ao Ritz e comprar o jornal.

A Sra. Renfrew olhou muito séria para Dottie; não estava assustada porque já adivinhara havia muito tempo que algum percalço amoroso acontecera a Dottie no último verão em Nova York. Por essa razão é que a mandara para o oeste, a fim de recuperar-se.

— Quer que eu a acompanhe? — perguntou.

Dottie hesitou. A Sra. Renfrew segurou-a pelo braço.

— Vamos logo, querida — disse. — Eu espero na sala das senhoras, enquanto você pede ao porteiro que compre o jornal.

Alguns minutos depois, Dottie aparecia com o *Herald Tribune*; o *Times* tinha acabado.

— Putnam Blake — disse. — Você tinha razão quanto ao B. Eu o conheci na festa de Kay. Arranja fundos para as causas trabalhistas. Outro dia recebemos um pedido para qualquer coisa. Casou-se com Norine Schmittlapp, que era da nossa turma. É a que está na fotografia. Os quatro ficaram muito íntimos neste último inverno.

Pela maneira tranqüila como Dottie falava, a Sra. Renfrew viu que não era "aquele". A pobrezinha pôs o jornal de lado, depois mergulhou o queixo na palma da mão e sentou-se, pensativa. A Sra. Renfrew retirou o compacto da bolsa, de maneira a não dar a entender que estava observando Dottie. Enquanto empoava as bonitas feições, pensava no que devia fazer. Dottie ainda andava "atacada", conforme diziam as moças hoje em dia, era fácil de ver. Toda a simpatia da mãe fluíu para a filha; sabia o que era ansiar por ver o nome de certo homem, quando o mesmo há muito saíra de nossas vidas para sempre. A mera perspectiva de ler o nome e ver a fotografia dele levava Dottie a um estado de grande agitação. Contudo, a Sra. Renfrew não sabia se devia deixar a filha sofrer sua desilusão em silêncio, ou ajudá-la a desabafar. O perigo é que a flama de Dottie podia ser alimentada, no caso de ela falar, mas se tivesse a força de superar tudo sozinha, no

fim, seria muito melhor. Mas, ainda assim, a pequenina Sra. Renfrew contraiu-se e mordeu os lábios, fingindo endireitar o cabelo, quando algumas palavras suas poderiam ter sido um bálsamo para a alma de Dottie.

A Sra. Renfrew confiava plenamente no julgamento de Dottie: se ela considerava este homem de Nova York, fosse ele quem fosse, indigno dela, então devia estar com a razão. Certas moças na posição de Dottie teriam abandonado um rapaz por ele ser pobre, ou ter de sustentar a mãe ou irmãs solteiras (a Sra. Renfrew conhecia muitos casos assim), mas tinha a certeza de que sua filha não era desse tipo e, através da religião, teria paciência de esperar. Seja lá por que razão, o fato é que Dottie tomara uma decisão no último verão e mantivera-se esplendidamente fiel à mesma. A Sra. Renfrew achava que o homem devia ser casado. Havia, porém, certos casos (uma esposa definitivamente louca, internada num sanatório e sem esperanças de cura), nos quais aconselharia Dottie a manter uma "ligação", não importando o que pensasse Sam Renfrew, mas, se a razão fosse essa, certamente que a filha lhe teria contado. Não, a Sra. Renfrew tinha a certeza de que Dottie agira correta e corajosamente cortando aquele homem de sua vida; o que a preocupava profundamente é que talvez ela se estivesse casando precipitadamente, como uma espécie de "vingança", antes que seus antigos sentimentos tivessem a oportunidade de morrer naturalmente. Ela voltara do Arizona muito satisfeita e com um aspecto completamente saudável, mas, com Brook ainda no oeste e o cansaço produzido pelos preparativos do casamento, começava a mostrar sinais de fadiga e nervosismo. Preocupava a Sra. Renfrew o fato de Dottie ainda ter de fazer duas provas do vestido, em Nova York, onde estaria exposta, provavelmente, em cada canto, às recordações daquele homem.

Estes pensamentos, amargos como fel, passavam pela bonita e pequenina cabeça da Sra. Renfrew enquanto permanecia ali sentada, cheia de simpatia pela filha, na sala de estar das senhoras, no Ritz. Imaginou o que o Dr. Perry, ou então o Dr. Leverett, o querido e velho reitor, aconselhariam numa situação como aquela; talvez Dottie pudesse conversar com um deles, no caso de ter verdadeiras dúvidas sobre seus sentimentos. Repentinamente, fechou a bolsa com um estalido.

— Como estava o Dr. Perry? — perguntou sorrindo. — Passou um atestado de boa saúde?

Dottie levantou a cabeça.

— Ele quer experimentar um tratamento de diatermia para a minha ciática. Mas disse que ficarei melhor quando voltar para o sol — forçou uma piscadela de seus olhos castanhos. A Sra. Renfrew hesitou um pouco, aquele não era o lugar nem a hora, mas acreditava em impulsos. Olhou em volta da sala. Estavam sozinhas:

— Dottie — disse —, o Dr. Perry falou alguma coisa sobre controle de natalidade?

O rosto e o pescoço de Dottie ficaram vermelhos, e ela olhou a mãe de modo estranho, quase como uma solteirona ofendida. Fez que sim com a cabeça:

— Ele disse que a senhora tinha pedido, mamãe. Preferia que não o tivesse feito.

A Sra. Renfrew percebeu que o Dr. Perry devia estar num de seus dias de mau humor e que, certamente, ofendera a modéstia de Dottie; as moças casadouras, às vezes, tinham as reações mais estranhas ante a perspectiva da noite de núpcias. A Sra. Renfrew aproximou a cadeira mais um pouco.

— Dottie — murmurou —, mesmo que você e Brook pretendam ter filhos, talvez não os queiram agora. Ouvi falar de um produto que produz efeito em noventa por cento dos casos. Uma espécie de tampa de borracha que fecha o útero. O Dr. Perry falou alguma coisa a respeito?

— Pedi que não continuasse — disse Dottie. A Sra. Renfrew mordeu o lábio.

— Querida — aconselhou —, você não deve ter medo. Você sabe que o Dr. Perry não é médico de senhoras, talvez tenha sido um pouco brusco. Vamos dar um jeito de mandá-la a um especialista, que tornará tudo mais simples e que responderá a todas as perguntas que você quiser fazer. . . você sabe? Sobre o lado físico do amor. Ou será que prefere uma médica? Acho que o tal produto ainda não é legal em nosso Estado. Contudo, o Dr. Perry poderá marcar uma consulta para a próxima vez que formos a Nova York.

Pareceu à Sra. Renfrew que Dottie estremeceu em resposta a suas palavras.

— Eu irei também, minha querida — acrescentou alegremente —, no caso de precisar de apoio moral. . . ou, então, talvez possamos pedir ajuda a uma de suas amigas casadas. . . Kay ou Priss. — A Sra. Renfrew não sabia qual a razão — a menção de Nova York, talvez —, mas a verdade é que Dottie começou a chorar silenciosamente.

— Eu o amo — disse, enquanto as lágrimas rolavam pelos dois

lados de seu aristocrático nariz. — Eu o amo, mamãe.

Finalmente acontecera.

— Eu sei, minha querida — disse a Sra. Renfrew, procurando um lenço na bolsa da filha e limpando-lhe o rosto.

— Mas eu não estou falando de Brook — explicou Dottie.

— Eu sei — respondeu a mãe.

— Que devo fazer? — repetiu Dottie. — Que devo fazer?

— Veremos — prometeu sua mãe. Seu principal objetivo no momento era secar as lágrimas da filha, passar pó de arroz no rosto e levá-la para casa antes que encontrassem alguma pessoa conhecida. O porteiro trouxe o carro até a porta do hotel (ele e a Sra. Renfrew eram velhos conhecidos), ela premiu o delicado pé no acelerador, e, dentro de poucos minutos, estavam em casa, no quarto de Dottie, com a porta trancada, tendo entrado com o máximo silêncio, de maneira a que Margaret, a velha criada da casa, não as ouvisse. Sentaram-se na *chaise longue*, abraçadas.

— Pensei que tinha vencido tudo. Pensei que amava Brook.

A Sra. Renfrew sacudiu a cabeça, pois não conhecia as circunstâncias, nem o nome do homem. — Você quer casar com ele? — perguntou, indo direto ao assunto.

— Isso é coisa completamente fora de discussão, mamãe — respondeu Dottie, num tom muito frio. A Sra. Renfrew tomou uma respiração funda.

— Você quer "viver" com ele? — ouviu-se corajosamente perguntar. Dottie escondeu a cabeça no ombro materno.

— Não, acho que não — disse.

— Mas então o que quer, minha querida? — insistiu a mãe, franzindo a testa. Dottie pensou um pouco.

— Gostaria de vê-lo mais uma vez — decidiu. . . — É tudo, mamãe. Queria vê-lo mais uma vez.

A Sra. Renfrew apertou Dottie mais estreitamente.

— Pensei que ele estivesse na festa de Kay. Tinha "certeza" de que estaria. E, quando cheguei, a única coisa que desejava era que ele pudesse ver o meu anel de noivado e como eu estava feliz. Naquele dia, eu estava com excelente aspecto. Mas, quando vi que ele não chegava, comecei a desejar desesperadamente vê-lo. . . não pensava mais em mostrar que ele nada mais significava para mim. Será que meu primeiro pensamento era uma espécie de defesa?

— Creio que sim, Dottie — disse sua mãe.

— Oh, foi horrível! — exclamou Dottie. — Cada vez que tocava

a campainha da porta, eu tinha certeza de que era Dick — disse o nome, encabulada, olhando de lado para a mãe —, e, quando via que não era, quase desmaiava. Foi horrível. Os novos amigos de Kay são formidáveis, mas eu cheguei quase que a odiá-los por não serem Dick. Por que será que ele não foi?

— Terá sido convidado? — perguntou a Sra. Renfrew, logicamente.

— Não sei, nem perguntei. E o mais estranho é que ninguém falou no seu nome. Nenhuma palavra. E, durante todo o tempo, vi o retrato que ele fez de Harald pendurado numa das paredes. Representando o fantasma de Banquo ou coisa que o valha. Eu tinha quase certeza de que ele fora convidado e que não comparecera de propósito, e que todos os presentes sabiam disso, olhando para mim com o rabo dos olhos.

— Kay sabe da coisa? — perguntou a mãe, de maneira a parecer natural para não dar a impressão de que a estava repreendendo. Dottie, silenciosamente, sacudiu a cabeça sem olhar para a mãe, a qual fez uma ligeira careta, controlando-se imediatamente.

— Mas, então, minha querida — disse suavemente —, sabendo que você está noiva, ela decerto *não* o convidou. Em seu próprio benefício — a Sra. Renfrew estava "pescando", mas Dottie não mordeu a isca.

— Que cruel! — foi a resposta, que nada acrescentou aos conhecimentos da Sra. Renfrew.

— Não seja injusta, minha filha — disse mecanicamente —, só pelo fato de sentir-se infeliz. Seu pai diria — acrescentou com um sorriso — que Kay mostrou um "bom senso inato". — Olhou curiosamente para os olhos de Dottie. Até que ponto fora aquilo tudo? A Sra. Renfrew precisava saber, mas Dottie parecia não ter notado que deixara sua mãe às escuras.

— Então, acha que devo vê-lo, mamãe? — perguntou Dottie, ansiosa.

— Como é que vou saber, Dottie — protestou ela. — Você nunca me falou a respeito desse rapaz, não é verdade?

Pensativa, Dottie olhou para o anel de noivado.

— Eu acho que devo vê-lo — decidi —, quero dizer, tenho a impressão de que é o destino que me obriga a vê-lo. É como que uma certeza que tenho de que preciso vê-lo uma vez mais antes de casar. Mas acho também que não devo tentar. Compreende?

— Compreendo — respondeu a Sra. Renfrew — que você quer

furtar-se às suas responsabilidades. Você quer que Deus a ajude a ter uma coisa que sabe ser errada e que não tem coragem de obter por seus próprios meios.

Um olhar de alívio maravilhado estampou-se no rosto de Dottie.

— Você tem toda a razão, mamãe! — exclamou. — Que criatura maravilhosa você é! ... Leu os meus pensamentos.

— É que somos todas iguais — consolou a Sra. Renfrew.

— Mas, ainda assim, mesmo sabendo que é errado, não posso deixar de ter esperança de que, de alguma forma, eu o verei outra vez. Na rua. Num ônibus ou trem. No dia seguinte à festa de Kay eu fui ao Museu de Arte Moderna, querendo convencer-me de que ia somente visitar uma exposição. Entretanto, ele não estava lá. E falta tão pouco tempo. Só um mês. Menos de um mês. Mamãe, no Arizona eu mal pensava nele. Cheguei quase a esquecer. Foi a festa de Kay que fez tudo renascer. E, desde então, comecei a ter uma sensação muito estranha, a sensação de que ele também pensa em mim. E não é só isso, mamãe. É como se ele estivesse vigiando todos os meus passos com ar crítico, como hoje, quando fui ao Dr. Perry, ou, então, quando vou experimentar um vestido. . . Ele tem olhos cinzentos, muito brilhantes, que costuma apertar... — Parou hesitante. — Você acredita em transmissão de pensamento, mamãe? Lembra-se de Peter Ibbetson? Pois eu tenho a impressão de que Dick está ouvindo meus pensamentos. E esperando. — A Sra. Renfrew suspirou.

— Você tem pensado demais, minha querida. Está se deixando dominar.

— Oh, mamãe — disse Dottie —, se a senhora pudesse vê-lo! Também gostaria dele. É tão bonito e sofreu tanto. — Repentinamente, ficou zangada: — Como é que a senhora imaginou que eu poderia ter-me apaixonado por uma pessoa como Putnam Blake? Ele é branco como leite e não lava a cabeça! Dick é limpo e descende de uma família muito boa. Brown é um grande nome.

A Sra. Renfrew segurou a filha pelos ombros e sacudiu-a ligeiramente.

— Agora você vai deitar-se e descansar um pouco. Vou fazer uma compressa fria para os olhos. Descanse até a hora do jantar, ou até papai chegar em casa.

Era o que receava, falando daquele homem: os sentimentos de Dottie tinham-se reavivado, tendo ela começado em lágrimas e acabado em risos e zanguinhas. No banheiro, mergulhando duas toalhas de mão na água fria, a Sra. Renfrew ficou imaginando se seria

realmente bom para Dottie tornar a ver aquele homem. No seu próprio meio, cercado pelos seus próprios amigos. . . Apesar de tudo o que Dottie dissera, ele devia ser um diamante não lapidado. Se Dottie não estivesse noiva, ela o convidaria para uma reunião em Nova York, talvez no apartamento de Polly Andrews. Ou, então, para jantarem juntos, os três, tranqüilamente, e para depois assistir a uma peça ou a um concerto, talvez com a presença extra de um quarto personagem, um cavalheiro idoso, de preferência. Seis, então, seria o ideal, chamaria menos atenção. Dottie poderia telefonar e dizer que a mãe tinha um convite e que poderiam jantar antes do espetáculo. Mas uma moça noiva não tinha liberdade de convidar quem bem entendesse, mesmo acompanhada pela própria mãe. O que diria Brook, se acontecesse alguma coisa?

A Sra. Renfrew espremeu as compressas, as quais, enquanto pensava, haviam ficado tépidas, e molhou-as novamente. Pelo bem de Dottie precisava saber até "onde" chegara aquele caso. Se tivesse ido até o fim, e o homem tivesse despertado a paixão, então a pobre pequena estava em maus lençóis. Dizem que algumas mulheres jamais conseguem esquecer o primeiro amor, especialmente se fosse um amante habilidoso. Até se chegava a dizer que, por vezes, o primeiro filho num matrimônio legal nascia com traços fisionômicos do primeiro amante! É claro que isso era um absurdo, conversa de "comadres"; contudo, o pensamento provocou um ligeiro calafrio na Sra. Renfrew. Tinha quarenta e sete anos de idade e acabara de ser eleita, na vigésima quinta reunião de formatura, como a mais bem conservada da classe; entretanto, tinha a impressão de que era uma romântica incurável e excitava-lhe terrivelmente a fantasia pensar que o homem que tira a virgindade de uma mulher tem o poder de fazer com que a mulher jamais o esqueça. Não podia imaginar o que se estaria passando no coração de Dottie. Esta era independente e tinha sua própria conta bancária. Mas, então, o que a impedia de avistar-se com o homem, se ela o queria?

Colocou a compressa na testa de Dottie, correu as cortinas e sentou-se na cama, pretendendo ficar somente mais uns minutos, o bastante para tomar o pulso da filha. Parecia normal.

— Dottie — começava impulsivamente, ajeitando as cobertas —, acho que você deve ser sincera consigo mesma. Se ama Dick — disse o nome com alguma dificuldade —, talvez deva tomar a iniciativa de vê-lo. É o orgulho que a detém? Ele a feriu de alguma forma? Vocês brigaram, tiveram algum desentendimento?

— Acontece que ele não me ama, mamãe — explicou Dottie em

voz baixa. — Eu o excito sexualmente, mais nada. Foi o que ele me disse.

A Sra. Renfrew sentiu alguma coisa romper-se dentro dela ao ouvir, finalmente, a confirmação daquilo de que suspeitava há muito tempo; depois segurou a mão de Dottie e apertou-a carinhosamente.

— Então ele foi seu amante.

Só pudera ter sido em uma noite, aquela em que telefonara para o Clube Vassar e não encontrara Dottie. Fora nessa ocasião.

— Mas você mal o conheceu, minha filha — disse a Sra. Renfrew.

— Dick é do tipo que não perde tempo — replicou Dottie com uma careta, tossindo.

— E que foi que aconteceu depois? — perguntou a Sra. Renfrew gravemente. — Nunca mais teve notícias dele? Que foi que aconteceu, Dottie? — A compaixão pelo sofrimento da filha dominava seu coração.

— Não posso explicar. Nem eu mesma sei o que aconteceu. Creio que a senhora diria que eu fugi.

A Sra. Renfrew passou a língua pelos lábios.

— Foi uma experiência muito dolorosa? Sangrou muito, minha querida?

— Não — respondeu Dottie. — Não foi assim tão doloroso. Na verdade, foi tremendamente excitante e apaixonante. Mas depois. . . Oh, mamãe, não tenho coragem de contar, jamais contarei o que aconteceu depois.

As sensatas conjecturas da Sra. Renfrew, pelo visto, estavam muito aquém da verdade.

— Ele mandou que eu fosse — falou Dottie finalmente — a um médico, a fim de conseguir um anticoncepcional, uma dessas coisas que você acabou de mencionar.

A Sra. Renfrew estava abismada, seus olhos muito brilhantes olharam prolongadamente para o rosto da filha, como que tentando reconhecê-la.

— Talvez hoje em dia as coisas sejam assim mesmo — aventurou finalmente.

— Foi o que Kay disse — replicou Dottie. Descreveu a visita ao consultório da médica.

— Mas o que faria você com aquilo tudo? — perguntou a Sra. Renfrew.

— Eis o grande problema — disse Dottie, enrubescendo. E,

então, contou como ficara sentada durante seis horas na Praça Washington com o material anticoncepcional no colo. — Foi então que compreendi que, se ele realmente gostasse de mim, não me teria feito atravessar um sofrimento daqueles.

— Os homens são tão estranhos — comentou a Sra. Renfrew. — Seu pai. . . — Parou. — Às vezes, eu penso que eles não querem saber muitas coisas relativas à vida das mulheres. Isso destrói a ilusão.

— Talvez na sua geração, mamãe. Não. A verdade é que Dick pouco se importava comigo. Tive de ser realista, como Kay, e enfrentar a situação. Deixei aquela porcaria toda debaixo de um banco da praça. Imagine só a surpresa do lixeiro! Que será que o homenzinho pensou, mamãe?

A Sra. Renfrew também sorriu. Agora compreendia por que Dottie chorara.

— Então você achava — observou alegremente — que eu e o Dr. Perry íamos mandá-la à mesma médica. Seria o mesmo que repetir um filme. Oh, pobre Dottie! E, a despeito da seriedade do momento, as duas começaram a rir.

A Sra. Renfrew limpou os olhos.

— Seriamente, Dottie — disse —, é estranho que o seu Dick não estivesse nunca em casa. Que estaria fazendo? Concorro com a idéia de Kay de que ele não devia ter mandado você a um médico, se não estivesse bem intencionado.

— Ele esqueceu tudo — disse Dottie. — Deve ter parado num bar qualquer para tomar um drinque. E tem mais esta, mamãe. Ele bebe!

— Oh, meu Deus, não! — exclamou a Sra. Renfrew.

Então, o rapaz era um caso difícil? Mas era desses que as mulheres de coração bondoso mais gostavam. A Sra. Renfrew lembrava-se dos alegres dias da guerra, quando Dottie ainda usava vestidinho curto e laçarotes de fita, e Sam, que obtivera uma licença do acampamento, crismara um membro do seu conjunto de "submarino matrimonial". E como fora atraente, deixando que dançasse com ele, apesar de todos os demais homens o detestarem e, no final, o tal embebedara-se a ponto de ter de ser mandado para um sanatório, isso depois de ter torpedeado três matrimônios felizes! Balançou a cabeça.

— Você tem razão, Dottie — disse, com firmeza. — Se ele tivesse boas intenções a seu respeito, teria respeitado sua sensibilidade e teria usado os bons ofícios de Kay. Ou, então, talvez houvesse

alguma coisa boa em sua alma. Quem sabe se não resolveu abandoná-la ao chegar à conclusão de que arruinaria sua vida se você se apaixonasse por ele. Ele bebera, quando a seduziu?

— Ele não me seduziu, mamãe. Isso é *viex jeu*. Eu é que estava apaixonada. Será que ele soube disso? . . . É muito orgulhoso. "Nós somos da mesma classe", observou ele. Aliás, foi das primeiras declarações que fez. E se eu o procurasse e contasse tudo?...

— Não sei, Dottie. — A Sra. Renfrew suspirou. Não sabia se estava tentando dissuadir Dottie de ver o tal Dick, ou se ocorria o contrário. Acima de tudo, queria que Dottie descobrisse seus verdadeiros sentimentos. Havia uma maneira de testá-los.

— Querida — disse ela —, acho melhor adiar o seu casamento por mais algumas semanas. Assim, você terá bastante tempo para decidir-se. Entretanto, continue descansando enquanto vou buscar mais compressas. — Levantou-se e, ao preparar outras toalhas, foi ficando mais animada, chegando mesmo à conclusão de que, na verdade, aquela era a melhor solução. — Felizmente — murmurou — não encomendamos os convites. Imagine só se eu não tivesse parado no clube para fazer as unhas, não teria lido o jornal e você nunca teria me contado estas coisas, e os convites já estariam encomendados.

— Mas, e os vestidos? — perguntou Dottie.

— Podem esperar um mês perfeitamente — replicou a Sra. Renfrew. — Poremos a culpa no Dr. Perry. — Nesta altura, sua mente, extremamente lúcida, dera um passo em frente: já imaginara as consequências, no caso de o casamento ser definitivamente cancelado. Ela e Sam teriam de reembolsar as *demoiselles* pelos gastos que tiveram com os vestidos, porém isso não seria muito, pois, graças a Polly Andrews, tinham escolhido um modelo baratinho. Algumas peças de prata já haviam sido marcadas, mas, felizmente, só com as iniciais da noiva. Assim, poderiam ser usadas a qualquer momento. Nenhum presente de casamento teria de ser devolvido, a não ser a Madona de Lakey, que poderia esperar sua volta. Quanto ao vestido de noiva, poderia ser guardado ou, então, cedido a uma das primas mais moças. Na sua idade, a Sra. Renfrew já aprendera a sobrepujar as decepções, enquanto que os jovens, de acordo com suas observações, achavam muito difícil alterar seus planos.

Quando voltou com as compressas frescas, pensou que Dottie adormecera, pois seus olhos estavam fechados e a respiração era regular. A Sra. Renfrew colocou delicadamente as novas compressas, observando com ternura a filha. Depois, na ponta dos pés, foi saindo

do quarto, agradecendo à sua boa estrela a feliz inspiração que tivera; assim que desaparecesse a desagradável sensação do casamento não realizado, Dottie poderia descansar. No momento em que ia fechar a porta, Dottie falou.

— Não quero que o casamento seja adiado. Brook jamais compreenderia.

— Bobagem, Dottie. Nós diremos que o Dr. Perry. . .

— Não — disse Dottie. — Não, mamãe. Já me decidi.

A Sra. Renfrew tornou a entrar no quarto, fechando a porta atrás de si. Ouvira a velha Margaret, faladeira temível, pelas proximidades.

— Querida — disse ela —, você pensou antes que já havia tomado uma resolução. Tinha certeza de que amava Brook e que podia fazê-lo feliz.

— Voltei a ter a mesma certeza — afirmou Dottie. A Sra. Renfrew avançou mais uns passos. Andava com firmeza e elegância, apesar de, na mocidade, ter mancado um pouco, defeito que curara com muito exercício, golfe e força de vontade.

— Dottie — tornou ela firmemente —, é muito cruel casar com um homem que se ame somente um pouco. Sobretudo um homem mais velho. É como praticar um crime. Eu vi fatos semelhantes acontecerem entre meus amigos. Você promete ao marido uma coisa que não pode dar. Enquanto isso, a sombra de outro homem permanece no fundo do seu pensamento, como uma carta escondida na manga. — Aos poucos, ficara muito agitada, e sua dourada cabeça, com tons prateados, tremia ligeiramente, lembrando aquela invalidez que dominara os primeiros anos de sua vida.

Para sua imensa tristeza, as duas começaram a alterar em voz baixa mas agitada, como discutem as pessoas bem educadas. A Sra. Renfrew jamais pensara que aquilo pudesse acontecer entre ela e a filha. Dizia a Dottie que esta precisava tornar a ver Dick, nem que fosse uma vez, para ter certeza de seus sentimentos.

— Se a senhora der uma ordem, mamãe, eu cumpro. Mas, depois, pode ter certeza!... Mato-me! Jogo-me do trem e está acabado.

— Por favor, Dottie, não seja melodramática.

— A senhora é que está sendo melodramática. Por favor, deixe-me casar com Brook em paz.

Distraidamente, a Sra. Renfrew percebeu a estranheza daquela situação, na qual os papéis estavam invertidos, e a filha queria realizar um casamento "conveniente", enquanto a mãe quase implorava que

ela se jogasse numa união impossível. Aquilo devia ser o tal "golfo que existia entre as gerações", o qual fora comentado na última reunião de formatura. Chegou a pensar que Dottie, dotada de uma saúde fraca e não sendo rica, tinha pavor de ficar solteirona, e essa era a "pior praga que pode acontecer a uma mulher", conforme asseverava a turma de Dottie. Todavia, fizera tudo para transmitir à filha a idéia de que o casamento era uma coisa muito séria, um sacramento. Dottie não amava Brook, sobre este ponto a Sra. Renfrew não podia alimentar a menor dúvida, e achava que estava cometendo um grave pecado, se, sabendo o que sabia, deixasse a coisa ir para a frente. Seria que Dottie respeitava Brook? Se respeitava, devia, pelo menos, hesitar.

— Você não quer fazer um sacrifício, por pequeno que seja — volveu a Sra. Renfrew, a cabeça começando a tremer outra vez —, nem mesmo esperar um mês, a fim de não ferir um homem que, afinal de contas, já não é muito moço. Você não quer sacrificar seu orgulho e ver este Dick novamente? Não quer viver com ele e tentar reformá-lo, salvá-lo? As mulheres do meu tempo, qualquer tipo de mulher, queriam sacrificar-se por amor, ou por qualquer outro ideal.

— Isso foi no seu tempo, mamãe — disse Dottie, paciente. — Hoje em dia, ninguém mais precisa fazer sacrifícios. Ninguém mais precisa escolher entre ser casada ou professora, se é que alguma vez o fizeram. Hoje em dia, as mais bem casadas é que são as melhores professoras. E todo o mundo sabe, mamãe, que é impossível reformar um homem, o resultado é que a gente acaba naufragando com ele. Lá no Arizona, pensei muito nisto. Sacrifício é uma coisa fora de moda. Quase uma superstição, mamãe, como o sacrifício das viúvas na Índia. Hoje em dia, o que a sociedade procura é o desenvolvimento completo do indivíduo.

— Oh, eu concordo, eu concordo — retrucou a Sra. Renfrew —, e, contudo, é tão pouco o que peço, Dottie. — Falava de modo conciliatório.

— Não é necessário, mamãe. Eu sei muito bem o que escolher. Só pelo fato de ter passado uma noite com Dick não significa que tenha de mudar toda a minha vida. E ele também pensa da mesma forma. Foi ele quem me iniciou, e serei sempre grata pela maneira maravilhosa como o fez. Acontece que eu me deixei envolver. . . É melhor considerar tudo como uma boa recordação. Além disso, ele não quer o meu amor. Foi isso que pensei enquanto a senhora estava no banheiro. Não posso "impor" minha presença em sua vida.

— Às vezes, produz resultado — argumentou a Sra. Renfrew, sorrindo. — Os homens, os infelizes, os solitários, em especial — continuou gravemente —, respondem a um coração fiel. A fê inabalável move montanhas, Dottie, você deve ter aprendido esta grande verdade da religião.

— É que você nunca passou várias horas sentada num banco de praça pública com uma seringa de lavagem no colo, mamãe. E, além disso, você não quer que eu viva com ele. Você está falando por querer que eu "pague o preço". Adiar o meu casamento, perturbar todo mundo, somente para proporcionar um "intervalo decente". Um intervalo para que chore a ausência de Dick, não é mesmo? — Um ligeiro sorriso brincalhão brilhou em seus olhos castanhos quando ela interrogou a mãe.

A Sra. Renfrew considerou a acusação. Era verdade. Tinha de confessar que não queria que Dottie vivesse com Dick. Mas gostaria que Dottie quisesse. Todavia, como expressar o pensamento? Talvez Dottie tivesse razão, e ela estivesse sendo convencional ao desejar adiar o casamento. Era a bostoniana cheia de preconceitos que havia nela que desejava que a filha fizesse alguma coisa, um gesto, em relação ao passado. Contudo, seria isso o bastante para justificar a decepção que sentia... decepção relativa a Dottie? Parecia-lhe, embora observasse tudo com os olhos mais tolerantes possíveis, que Dottie estava sendo tentada pela riqueza de Brook e pela vida esplendorosa que ele lhe oferecia.

— Você está tentando convencer-se a si própria, Dottie — disse. — Quando declarou que amava Dick, eu acreditei em suas palavras, minha filha. Na verdade, não acredito que você o tenha amado. Acho que tudo não passa de bravata. Você diz que o ama somente porque do contrário sentir-se-ia muito envergonhada e diminuída.

— Por favor, mamãe! — exclamou Dottie altivamente.

A Sra. Renfrew voltou-se.

— Descanse um pouco, minha filha — disse ela. — Vou fazer o mesmo. — As lágrimas brilhavam em seus olhos, quando se estendeu na *chaise longue* que ficava em frente à janela ornamentada com cortinas de *laisé* suíça que dava para a Chestnut Street. Tinha certeza de que não casara com Sam Renfrew por dinheiro ou por aquilo que, hoje em dia, chamavam de "segurança", e, ainda assim, sentia-se como se o tivesse feito, e a coisa estivesse sendo repetida por Dottie. Será que ela e Sam haviam transmitido falsos valores à filha, apesar de todos os seus esforços em contrário? Ela e Sam tinham-se casado

por amor, e jamais houvera outro antes dele. No entanto, sentia-se como se, longe, no passado, houvesse tido um amante, ao qual tivesse renunciado, em troca da casa em que vivia e de outras vantagens, como o clube de golfe. Sabia que Dottie podia aprender a amar Brook, principalmente porque sua consciência fora despertada: este, pelo menos, era o saldo positivo daquele desagradável incidente. Além disso, o clima do Arizona era exatamente "o que o doutor recomendara para Dottie". Ainda assim, algumas lágrimas teimaram em rolar de seus olhos, enquanto ela as secava com o fino lenço de linho irlandês e rendas que a velha Margaret lhe dera de presente no Natal. A recordação de um amante perdido, de uma renúncia, beliscava suas memórias como um pica-pau. Mas em quem pensava?, perguntou a si mesma. No "submarino matrimonial"?

Libby MacAusland tinha um apartamento muito bonito na Village. A família, que residia em Pittsfield, ajudava-a a pagar o aluguel. O trabalho que lhe fora prometido por um editor, pouco antes da formatura, não se concretizara. O homem com quem se avistara, um dos sócios da firma, mostrara-lhe as instalações, oferecera-lhe alguns dos volumes publicados e apresentou-a a um dos editores, que estava fumando cachimbo no seu santuário. O Sr. Le Roy, jovem robusto de bigodes negros e sobrancelhas espessas, mostrara-se extremamente acolhedor enquanto o sócio esteve presente, mas, depois, em lugar de indicar imediatamente uma mesa (Libby observara que havia uma no departamento editorial), pedira-lhe que voltasse dentro de uma ou duas semanas. Disse então que ia dar-lhe alguns manuscritos para serem lidos em casa, a fim de experimentá-la. Pagavam cinco dólares por cada um, acompanhado de um resumo e uma crítica, e achava que ela poderia ler uns três por semana, o que era o mesmo que ter um trabalho de meio expediente, ou melhor.

— Se a senhora trabalhasse no escritório, ganharia somente vinte e cinco dólares, com horário normal. E teria de pagar o transporte e refeições.

Quando perguntou se precisava mesmo do emprego, Libby disse que sim, pois achava que, se se mostrasse quase desesperada, o homem lhe daria mais manuscritos para ler.

Mas, enfim, aquilo não era de sua conta. Seus títulos para iniciar uma carreira no ramo editorial eram perfeitos: lia fluentemente o francês e o italiano; sabia fazer trabalho de *copy desk*, leitura de provas e, além disso, trabalhara como redatora-chefe da revista literária de Vassar; conhecia a fundo a técnica do conto e do verso; era uma boa datilógrafa; enfim, possuía todas as ferramentas do ofício. No entanto, levando em consideração a concorrência, Libby tratou de caprichar nos seus relatórios para o Sr. Le Roy, datilografando-os em espaço triplo, num belo papel azul fabricado exclusivamente por uma fábrica de Pittsfield e encadernando o trabalho em capas de cartolina

da mesma cor. As "apresentações" dos seus trabalhos escolares em Vassar eram famosas. Acrescentava sempre uma página de frontispício com um emblema — desenhado por ela, o mesmo que usava nos seus livros — em todos os seus trabalhos semanais, os quais eram encadernados; sua caligrafia era excelente, e as maiúsculas, embelezadas com floreios muito caprichados. A professora de inglês, a Srta. Kitchel, notara-a imediatamente como "a artística juvenzinha, dona de uma bela caligrafia italiana". Suas "efusões", conforme as definia a Srta. Kitchel, uma alma excelente, foram publicadas no jornalzinho das calouras, o *Sarn-pler*, e ela fora convidada quando ainda estava no primeiro ano para participar da diretoria da revista literária. O forte de Libby era a literatura descritiva. "Esta bela criatura cria" (Crew), fora a legenda gravada sob seu retrato no quadro de formatura.

A irmã de sua mãe tinha uma casa em Fiesole, e, quando criança, Libby ali passara um ano freqüentando a mais adorável das escolas para meninas de Florença e, muitos verões depois — para ser exato, dois —, Libby passou a exagerar um pouco. Falava um italiano fluente, com um delicado acento toscano, e desejava ardentemente freqüentar, pelo menos um ano, a Universidade de Bolonha, após ter lido uma fascinante novela chamada *A Mulher de Leis*, sobre uma dama muito letrada que vivera no período do Renascimento e que estudara direito em Bolonha, tendo sido violada e raptada por um dos Malatesta. Mas, depois, desistira da idéia, já que chegara à conclusão de que, se passasse um ano afastada de Vassar, poderia perder a ambicionada "coroa", uma vez que sonhava ser designada Presidente das Estudantes.

Libby jogava basquetebol (centro) e tinha muitas admiradoras entre os elementos menos destacados de sua classe; era presidente do *Circolo Italiano* e fora presidente da turma durante o segundo ano. Além do mais, era membro ativo da Igreja Comunal. Mas suas pretensões quanto ao cargo de Presidente das Estudantes foram derrotadas pelo poderoso grupo das ocupantes da Torre Norte, que eram de tipo mais esportivo e que ocupavam todos os cargos de direção nos últimos anos. Tinham convidado Libby a participar de sua turminha, contudo ela considerara o grupo de Lakey mais interessante. Caiu das nuvens quando soube que Lakey e as outras não haviam votado nela.

Parecia destino de Libby (até então) iniciar relações fortíssimas com as pessoas e, depois, por motivos com que não atinava, ver essas pessoas perderem todo o interesse.

— Fogem de mim de maneira tão ostensiva que, às vezes, fico doente.

Foi o que aconteceu com o grupo. Libby adorava *Servidão Humana*, Katherine Mansfield, Edna Millay, Elinor Wylie e também gostava bastante de Virgínia Woolf, mas não conseguia que ninguém conversasse a respeito de literatura com ela, porque Lakey dissera que seu gosto era sentimental. O paradoxo é que ela era o membro do grupo mais popular, "do lado de fora", e o menos popular, "do lado de dentro". Por exemplo, colocara Helena na diretoria da revista literária, e a colega, calmamente, voltara-se contra ela, aderindo a um grupo minoritário que desejava publicar "literatura experimental". Helena e sua arquiinimiga Norine Schmittlapp tinham mandado uma "carta aberta ao editor" reclamando que a revista não representava mais uma literatura digna de Vassar, mas sim a herança de uma minoria literária sem expressão. Libby, aconselhada pela faculdade, cederia e publicara um "número experimental". E a maré voltara-se contra ela, quando ficou provado que um dos poemas publicados era uma burla escrita por uma caloura engraçadinha, criticando a poesia moderna. No número seguinte, descobriu-se que certa história, por cuja publicação ela lutara muito, havia sido plagiada, palavra por palavra, de uma outra publicada no *Harper's*. O escândalo foi abafado pelo reitor, em benefício do futuro da moça, depois de uma conversa com o pessoal do *Harper's*, mas alguém (provavelmente Kay) a quem Libby contara o escândalo, pedindo toda discrição, traíra-lhe a confiança, e a minoria rebelde tratara de espalhar a novidade. Uma coisa, diziam, era ser enganada por um plágio, e outra, completamente diferente, publicar como original um roubo desavergonhado de uma revista de segunda categoria. Literariamente, Libby não conseguiu compreender a segunda parte do comentário, pois uma de suas maiores ambições era ter um conto ou um poema publicado no *Harper's*. E, finalmente, ela conseguiu o milagre, havia cerca de um ano, no último inverno.

Já estava em Nova York havia mais ou menos dois anos, tendo morado, inicialmente, com duas outras moças de Pittsfield, em Tudor City, e agora estava sozinha, naquele bonito apartamento que encontrara, depois de muito procurar. Sentia-se ávida pelo sucesso, e seus pais aguardavam os primeiros triunfos com a mesma ansiedade; o irmão havia muito que trabalhava numa fábrica, e a irmã casara com um Harkness. Assim, Libby estava livre para tentar seus vãos.

Logo no primeiro dia, o Sr. Le Roy entregou-lhe uma pilha de manuscritos. Teve de comprar uma pasta na loja Mark Cross, a fim de trazê-los do escritório e levá-los de volta. Tratava-se de uma pasta de

couro preto, muito elegante.

— Libby, você conseguiu! — diziam as companheiras de Tudor City, ao vê-la circular empunhando a pasta. E, para manter-se bem informada, tomou assinatura da *Saturday Review of Literature* e dos livros do *Herald Tribune*. As companheiras ficaram verdes de inveja, porque o máximo que haviam conseguido era fazer um curso na Escola de Secretárias Katherine Gibbs. A família estava radiante e, por essa razão, deixaram que alugasse um apartamento. Libby, conforme anunciou o irmão depois de uma visita que fizera a Nova York, estava firmemente decidida a fazer carreira na literatura. O pai mandara fotografar o primeiro cheque que ela recebeu, o qual, depois de devidamente emoldurado, fora pendurado sobre sua velha secretária, juntamente com um raminho de louro do jardim familiar, a fim de mostrar às visitas a coroação de seus esforços.

A maioria dos manuscritos que o Sr. Le Roy lhe entregara eram novelas; biografias (o detalhe foi anotado por Libby), ele as reservava para os especialistas e, até aquele momento, não a experimentara em originais franceses ou italianos. . . Ela era considerada uma principiante, imaginou. Libby escrevia extensos resumos, pois não queria que a carga da decisão final caísse unicamente sobre seus ombros, e trabalhava até tarde da noite na crítica, fazendo sugestões construtivas. Estava ansiosa para entrar no terreno das edições, a parte mais atraente do negócio de publicações; queria ultrapassar a fase de *copy desk* e chegar até a da correção criadora. Tentava ler os manuscritos de uma maneira que julgava construtiva, imaginando ser uma simples dona de casa ou uma empregada de escritório, todas as vezes que tinha um livro para examinar. Partia da premissa, argumentava, de que os editores publicavam seus livros para agradar à massa, e não a Libby MacAusland. Assim, encarava todas as novelas como *best sellers* potenciais. Era assim que pensava o editor dos livros do *Herald Tribune*, segundo suas próprias declarações:

— Aqui, nós acreditamos, Srta. MacAusland, que existe alguma coisa de bom em todos os livros que submetemos à atenção dos leitores.

Contudo, o Sr. Le Roy a observava pensativamente sempre que ela entregava seus relatórios. Não era por causa das roupas que usava, pois determinara usar aquilo que considerava ser o traje ideal de uma leitora: limpo, mas nunca espalhafatoso, saia muito simples e blusinhas ornamentadas, às vezes, com uma echarpe ou um velho camafêu, que fora da avó, Ireton, e que usava na garganta por julgar que lhe dava um ar vitoriano. Aliás, Libby adorava palavras e coisas

antiquadas. Se chegasse a trabalhar num escritório, usaria punhos de papel sobre os verdadeiros. Nos dias frios, usava saia e suéter, com uma jóia de ouro ou, então, um colar de pérolas, que não eram orientais mas simplesmente cultivadas, embora o Sr. Le Roy as julgasse compradas na loja americana. Tinha receio de que o olhar fosse provocado pelos seus relatórios. Certa vez, ele dissera que não precisava perder tanto tempo com uma novela que julgasse inaproveitável. Ela respondera que se sentia feliz por apresentar um trabalho completo: o trabalhador deve fazer jus ao seu salário.

Muitas vezes, encontrava-o lendo uma revista: a *New Masses*, observou, ou então, outra, chamada *Anvil*, ou mais outra, com o nome peculiar de *Partisan Review*, que tentara encontrar numa livraria da Praça Washington. Foi este detalhe que lhe deu a idéia de introduzir palavras como "trabalhador" na conversa, para lembrar-lhe que ela também era uma simpatizante. Já ouvira comentários sobre a existência de muita gente cor de rosa no ramo das edições. Quando o via sentado detrás da escrivaninha, em mangas de camisa, alisando o bigode, Libby tinha a impressão de que ele não estava acostumado à presença de mulheres. A moça tinha uma maneira de virar a cabeça ligeiramente para o lado, avançando o queixo para a frente, de lábios um pouco entreabertos, como quem ouve música, que parecia embaracá-lo, pois, sempre que fazia o gesto, ele parava de falar no meio de uma frase, franzia a testa e juntava as sobrancelhas.

— Não é necessário lê-las até o fim — observou, repentinamente, durante uma das visitas, balançando uma das pastas entre os dois dedos, ao mesmo tempo que soltava baforadas do cachimbo. — Existem certos leitores que "sentem o cheiro" dos manuscritos, nada mais.

Enfaticamente, Libby sacudiu a cabeça loura:

— Pois eu não me importo de ler até o fim, meu caro senhor — disse bem alto. — Além disso, tenho o máximo empenho em destruir a lenda de que os manuscritos nunca são lidos pelos editores. De minha parte, o senhor poderá jurar sobre a Bíblia que estes foram completamente lidos. E não precisa ficar preocupado, pois, afinal de contas, faço a leitura num tempo que é meu.

O editor levantou-se e começou a andar para a frente e para trás, sempre fumando o cachimbo.

— Se a senhora quer realmente transformar seu trabalho num ganha-pão, Srta. MacAusland — disse —, é preciso que o encare como tal, racionalizando seu tempo como qualquer trabalhador braçal que sua para ganhar a vida.

— Não diga que eu estou "suada"... eu uso...
ODO-RO-NO.

Ele não retribuiu o sorriso.

— Seriamente — continuou Libby —, adoro o meu trabalho. Sou um daqueles infelizes mortais que só conseguem abandonar um livro quando chegam à última página. As palavras exercem um tremendo fascínio sobre mim. Mesmo as palavras mais feias e mais mal empregadas. O senhor sabe?... eu também escrevo!

— Pois escreva-nos uma novela — propôs ele abruptamente. — A senhora escreve muito bem.

Libby acendeu um cigarro. Disse para si mesma que não podia ser seduzida, pela bajulação, e lançar-se numa carreira literária.

— Ainda não estou pronta para isso. Infelizmente, minha construção é muito fraca. Mas estou aprendendo. A leitura destes manuscritos ensinou-me muita coisa. Quando chegar o meu dia de abrir a velha Remington e escrever CAPÍTULO UM, saberei aproveitar-me dos erros alheios.

Ele voltou a sentar-se e bateu o cachimbo.

— É verdade que a senhora faz o trabalho no seu tempo, Srta. MacAusland. Mas a função de um primeiro leitor é economizar o tempo do segundo. E o "seu" também. O que a senhora está fazendo não é econômico.

— Mas tenho de tornar o trabalho interessante para mim. Até mesmo o trabalho manual.

O Sr. Le Roy continuou silencioso.

Libby apagou o cigarro. Costumava ficar somente quinze minutos, como se fosse numa visita social, mas era difícil manter aquela atitude com um homem como Le Roy. Agora chegara o momento que mais temia. Muitas pessoas se levantavam para indicar que a entrevista terminara, mas Le Roy costumava ficar sentado ou, então, continuava andando de um lado para o outro sem parar. Às vezes, parecia ter esquecido que a razão da visita era receber nova carga de manuscritos. Deixava que ela vestisse o casaco e calçasse as luvas sem parecer notar que estava dizendo adeus e sem abrir a gaveta onde guardava os originais. Era uma gaveta imensa, aquela, tão grande como um celeiro, e, todas as vezes que o via curvar-se para escolher quais as obras que ia entregar-lhe, Libby lembrava-se do apelido que lhe dera: celeiro maluco, talvez pelo suspense em que ficava, cada vez que esperava aquele momento, suspense esse que a deixava quase louca. Não raro era obrigada a lembrar a razão de sua presença, mas em geral, se esperasse o bastante, ele acabava

lembrando. Em cada visita, tinha a impressão de que sua carreira estava pendente por um fio, pois aquilo que, pelo relógio, não passava de um minuto, em seu coração parecia uma eternidade. Finalmente, ele pescava alguns manuscritos, atirando-os sobre a escrivaninha.

— Dê uma olhada nestes. — Ou, então, catando entre a papelada, dizia: — Esta semana parece que não temos muita coisa, Srta. MacAusland.

E Libby, esticando o pescoço, podia ver que a gaveta estava quase cheia. Chegaria o dia — repetia constantemente para si mesma — em que a gaveta não seria aberta. Vestiria o casaco (azul-marinho com gola de veludo; muito simples) e enfrentaria as ruas geladas com a pasta vazia e, depois, jamais voltaria a ver o Sr. Le Roy, pois seu orgulho não o permitiria.

Geralmente, depois da entrevista com Le Roy, Libby costumava parar no Schrafft para tomar um leite maltado. Naquele dia de mau agouro, ela saiu do escritório ligeiramente trêmula com um único manuscrito na mão, provando que seus temores não eram infundados. Tudo era negro, gelo e desolação. "A função do primeiro leitor é poupar tempo ao segundo." Abandonando-se com o cardápio, resolveu encarar a verdade: havia meses que ele a despedia lentamente, preparando-a para o golpe final, pouco a pouco, como um autor preparando o espírito do leitor! Teria sido muito mais gentil dizer-lhe de uma vez:

— Lamento muito, Srta. MacAusland, mas a senhora não aprovou. Não leve a mal.

Assim, seria muito mais simples. Ela teria compreendido. Afinal de contas, os editores não podiam usar seus manuscritos para fins caritativos.

— Obrigada, Sr. Le Roy, pela sua franqueza — teria respondido. — Apareça um destes dias para tomar chá.

Depois de beber o leite maltado, Libby chegou à conclusão de que fora demasiado otimista: havia muito que a verdade se instalara em seu pensamento. O mal é que encarara as entrevistas do "seu" ponto de vista, que não passava de um medo secreto e concentrado da gaveta. Mas, do ponto de vista do Sr. Le Roy, tudo se resumia no dia de trabalho. Ela não passava de um dos muitos leitores a quem Le Roy tinha de distribuir os manuscritos. E, se os autores não mandassem manuscritos, ele não podia tirá-los do nada. Além disso, tinha de ser justo: não podia favorecê-la em detrimento de leitores mais antigos que provavelmente dependiam daquilo para viver. Era evidente, pelas suas sobrancelhas que demonstravam um permanente espanto, que se

tratava de um homem justo. Quando lhe falara, ainda hoje, com o ar de um velho tio, é porque tentava ensinar-lhe os segredos do ofício, limitar um pouco o seu "instinto artesanal", que era demasiado criador, em face das limitações comerciais. Provavelmente, não tinha a mais vaga noção do amontoado de esperança e medo que insulava no seu peito juvenil. Encarava unicamente o fato de que ela era paga. Quando disse que não havia muita coisa esta semana, a ênfase, em sua cabeça, estava no "esta semana". Além disso, aquilo que acabara de dizer a si mesma, ou seja, que se ele a considerasse inaproveitável já teria declarado; positivamente, essa era a verdade. Decerto repetia a mesma coisa, todos os dias, a vários infelizes, todas as vezes que rejeitava um manuscrito. Como é que nunca pensara nisto?

Percebeu que seria um excelente exercício, do ponto de vista narrativo, contar aquela história em primeiro lugar na sua maneira de ver as coisas e, depois, na do Sr. Le Roy. O tema seria o contraste. Mostraria como vivemos encurralados em nosso mundo particular. O conto poderia ser batizado de *A Gaveta Fatal*. Ou de *A Gaveta Secreta*, o que daria uma idéia de vidas fechadas e seria também uma evocação de gavetas secretas existentes nas velhas escrivaninhas, como aquela que mamãe tinha em casa. Batendo no copo, Libby chamou a garçonne irlandesa, pediu um lápis emprestado e começou a fazer anotações nas costas do cardápio. Queria pegar a inspiração pelo pé. Que tal se a heroína (pouco importava o nome) tivesse atravessado a infância intrigada por uma gaveta secreta existente na escrivaninha de sua mãe (ou avó?), a qual jamais conseguira abrir? Isso daria uma espécie de profundidade poética à história e ajudaria a explicar a psicologia do personagem: uma imensa mansão de granito da época vitoriana, cercas muito altas, uma estufa ou pérgola no jardim, onde as solitárias crianças tomavam chá, e a vetusta escrivaninha de madeira escura lá no alto da escadaria. . . Mais tarde, quando a moça encontrasse o editor, poderia imaginar dezenas de coisas sombrias: que, na verdade, a gaveta estava repleta de manuscritos, ou, então, que uma garota nada feia que se achava na sala de espera com uma pasta de papelão devia ser rival nos favores do Sr. Le Roy. E, finalmente, ficava provado que a tal garota era autora de um manuscrito que seria logo entregue a Libby para estudo. Este detalhe seria esclarecido quando o leitor tomasse conhecimento do ponto de vista de Le Roy.

Libby estava praticamente afogada em idéias para contos, idéias que, em geral, anotava em seu diário. Todo escritor deve manter um diário, dissera a Sra. M. A. P. Smith. Havia três anos que Libby

escrevia fielmente um diário, anotando suas impressões, novas palavras e novos sonhos, bem como títulos para contos e poemas.

— *A Gaveta 1* — exclamou. — Era isso! A primeira regra para escrever bem era evitar o abuso de adjetivos. Libby fez um sinal para a garçonete:

— Você fica zangada se eu levar isto? — perguntou, sorrindo e apontando para o cardápio e para a pasta. A moça, é claro, ficou deliciada: Libby já descobrira que todo o mundo adora os escritores. As velhas garçonetes francesas do Club Lafayette gostavam tanto dela que chegaram ao ponto de reservar-lhe uma mesa quando, aos domingos, ia, *toute seule*, ler ou escrever um pouco, numa das simpáticas mesinhas de tampo de mármore, ao mesmo tempo que observava os fascinantes tipos que jogavam xadrez ou liam os jornais oferecidos pela casa.

Libby não era do tipo exagerado que só pensa no trabalho, negligenciando as diversões; sempre cuidara de reservar algumas horas para distrair-se sem, porém, abusar de sua diminuta pensão. No inverno, costumava esquiar nas montanhas Berkshire, indo numa daquelas excursões econômicas realizadas pelas companhias de turismo; aliás, os trens partiam cheios de esquiadores e, assim, conseguira novos e excelentes amigos. Muitos ficavam espantados quando descobriam que ela escrevia. No último inverno, conhecera um belo rapaz que ensinava inglês numa escola particular, o qual descobrira um lugarzinho onde, na primavera, se podiam fazer bons piqueniques e que podia ser alcançado em pouco tempo e por pouco dinheiro. Era só tomar o subterrâneo até o fim da linha e, depois, andar um pouco. Libby preparava alguns sanduíches, ovos cozidos e cerejas bem grandes. Levavam um livro de poesia que liam, depois de comer, deitados numa manta de viagem, bem em frente ao mar. Libby era louca pelos Poetas Cavalheiros, e ele preferia os elizabetanos, especialmente Sidney e Drayton. Ele dissera a Libby que ela era exatamente o que representava para Penelope Rich (Penelope Devereux, que "fora" irmã do Conde de Essex) a Stella do poema de Sidney "Astrofel e Stella". Stella tinha cabelos louros e olhos escuros, olhos que pareciam desfechar raios mortais, tal qual os de Libby. A combinação de cabelos louros e olhos escuros era o *nec plus ultra* da beleza feminina para os poetas elizabetanos. Agora, Libby mal podia esperar os primeiros sinais da primavera que se aproximava. A primavera e os piqueniques. Ele conseguia fazer as comparações mais intrigantes, comparações que, às vezes, levavam-na a conhecer regiões completamente novas da literatura. Por exemplo, quando ele fora

apanhá-la em Tudor City, num certo domingo, na primavera passada, usando sapatos de sola muito grossa e uma pasta de estudante, ela estava na cozinha passando manteiga no pão de sanduíches. E, então, ele começou a recitar:

Werther tem tanto amor por Charlotte
que as palavras não conseguem explicar.
Sabem quando ele a viu pela primeira vez?
Quando ela passava manteiga no pão.

Suas companheiras de apartamento tinham ficado fascinadas, pois não estavam acostumadas a coisas assim. A citação fora de uma paródia feita por Thackeray ao poema de Goethe *As Lágrimas de Werther*, que Libby, logo no dia seguinte, devorou na biblioteca pública. Às vezes, perguntava a si mesma, colocando o dedo indicador na testa para indicar dramaticamente sua perplexidade, se aquele delirante rapaz a amava, apesar de não possuir um tostão de seu, a não ser o ordenado de professor. Na época de inverno, ele a levava para patinar no Central Park duas vezes, e fora essa a única vez em que a enlaçara, para evitar que caísse, mas, infelizmente, atravessara quase todo o inverno com um tremendo resfriado que permitia somente que desse suas aulas, tomasse um chá bem quente e fosse logo para a cama.

Depois, ela conseguira outro namorado, um jovem ator que conhecera na casa de Kay e que a levava ao teatro nos lugares mais baratinhos, geralmente as torrinhas. Costumavam parar sempre a fim de ler a "fita de notícias" (a comparação brincalhona era de Libby) que corria em torno do edifício do *Times*. E conhecera ainda um jovem aluno da Escola de Música de Yale, que a levava ao Harlem, onde ouviam *Jazz*. Havia também aquele rapaz judeu que encontrara no trem dos esquiadores, que ciciava e tinha pestanas recurvadas (pertencia a uma família finíssima que trocara de nome legalmente) e que a levava a dançar no *Plazza*; estudava economia política e fora fiscal, em nome dos democratas, na última eleição para o Congresso. Conhecia ainda alguns jovens advogados, ex-namorados de sua irmã, que, às vezes, a levavam à opera ou, então, a concertos no Carnegie Hall, ou ao Pequeno Teatro Carnegie, onde exibiam filmes estrangeiros e era possível tomar um cafezinho e jogar pingue-pongue na sala de espera. Libby era um ás deste jogo, como era fácil de prever, devido à sua altura e aos seus braços muito longos; além disso, seu irmão lhe ensinara algumas jogadas sensacionais. Nos domingos,

costumava ir à igreja com um rapaz bucmanita que conhecera recentemente, para ouvir San Shoemaker, reitor do Calvário, pois na universidade ficara empolgada com o Grupo de Oxford.

O cinema da Quinta Avenida ficava muito perto de seu apartamento e levava sempre muitos filmes estrangeiros; costumava freqüentá-lo, geralmente com as amigas — Kay, quando Harald estava trabalhando, o que acontecia no momento, Polly Andrews, Priss, quando Sloan estava no hospital (que pena, coitadinha, ela perdera a criança no sexto mês de gravidez) e algumas companheiras da Torre Norte, que tornara a encontrar no trem dos esquiadores. Na sua lista de companheiras de passeios sem homens figuravam também duas moças que conhecera em sua carreira de revisora — a secretária editorial da *Saturday Review of Literature*, que também se chamava Libby, imaginem só!, e a assistente do editor dos livros do *Herald Tribune*. As duas tinham freqüentado universidades, viviam sozinhas e gostavam muito de Libby. A moça do Tribune morava na Rua Christopher e costumava encontrar-se amiúde com Libby em Longchamps, na Rua Doze, onde tomavam coquetéis antes de irem à casa de Alice MacCollister, na Rua Oito, ou, então, à loja Jumble, onde podiam encontrar um sem-número de artistas e escritores, todos conhecidos da nova amiguinha. Convidou as duas para uma festinha que ofereceu em janeiro, para a qual também convidou seus respectivos chefes, os quais, infelizmente, não puderam comparecer. Kay disse que a gente nunca deve convidar, para a mesma festa, o chefe e a secretária, pois a coisa diminuía o valor do convite. Achava também que Libby devia ter convidado o Sr. Le Roy, mas esta não tivera coragem.

— O homenzinho pensa que eu vivo numa água-furtada — explicou Libby. — Não quero destruir suas ilusões. Além disso, como é que eu vou saber se ele é casado ou não?

— Desculpa esfarrapada, MacAusland — replicou Kay.

Libby considerava-se por demais senhorial para abusar de uma amizade puramente comercial. Quando estava fazendo amizade com as moças do *Trib* e da *Saturday Review*, limitava-se a cumprimentá-las da porta e nada mais, até ter a certeza de ser bem recebida. Agora já entrava para dois dedinhos de prosa e para ver os novos livros, a fim de saber o que perguntar ao editor, quando chegasse sua vez, pois era bem melhor solicitar um livro específico. Alguns revisores seguiam religiosamente o *Publisher's Weekly*. Era uma verdadeira ciência conseguir livros para revisão, e Libby achava que poderia escrever um artigo a esse respeito. Em primeiro lugar, cumpria saber

que os editores têm "dias" para receber os revisores, tal como acontece com as damas da alta sociedade. A terça-feira era o "dia" no *Trib*, e a quarta-feira no *Saturday*. No *Times* em terça-feira também, apesar de, até então, Libby continuar completamente ignorada na sala de espera, até que o mensageiro entrava e anunciava que aquela semana não havia serviço. Os editores de livros da revista eram como reis (ou rainhas) concedendo audiências, segundo seus pontos de vista, cercados pelos seus cortesãos, enquanto os súditos esperavam ansiosamente nas ante-câmaras e os lacaios (os mensageiros) entravam e saíam. E, como os reis, tinham poder de vida e morte em suas mãos. Acabara conhecendo, ao primeiro olhar, as demais revisoras ou "clientes", como teriam sido chamadas pelos romanos, e em geral eram mulheres boêmias de meia-idade, que usavam óculos ou pintura exagerada, todas de sacolas ou pastas. E, quando eram homens, usavam roupas tão gastas que pareciam feitas de papel. E os sapatos!, de sola furada e amarrados com cordões emendados. Doía o coração de Libby examinar aqueles sapatos e o calcanhar vermelho entrevisto por baixo de uma imitação de meia que se resumia ao cano e nada mais. Lembrava-lhe uma visita ao oculista (tivera de usar óculos para a leitura), onde também se esperava horas e horas, vendo toda aquela gente pobre com suas cataratas pacientemente acampada na sala de espera. Entre os revisores e leitores de livros havia muitos despeitados e invejosos, os rapazinhos de cara cheia de acne e dentes estragados encaravam-na raivosamente quando ela entrava, chegando a assobiar de raiva ao vê-la passar à sua frente. Contudo, boa parte daqueles pretendentes a revisores eram desonestos; em lugar de lerem os livros, seu objetivo era conseguir uma boa quantidade e vendê-los ao primeiro comprador de livros de segunda mão que encontrassem, sem sequer dar uma olhadela nos mesmos, o que era muito injusto para o revisor honesto e muito mais para o autor e seu editor; qualquer livro que seja publicado merece toda a cortesia de uma leitura. Esses "bandoleiros", era assim que Libby os batizara, atacavam com muito mais freqüência as revistas como *New Republic* e *The Nation*, onde nunca se registravam os livros que "saíam". Além disso, nestas duas publicações, diziam, era preciso, em primeiro lugar, dominar um bando de comunistas antes de ver o editor. Eram uma cambada de gente estranha, marinheiros tatuados recém-saídos do cais, vagabundos e boêmios barbados dos bares da Village, os quais havia semanas não sabiam o que era um banho. Tratava-se de uma conseqüência da "literatura proletária" que estava em mqda. Pois se até em Vassar este gênero era ensinado! A Srta. Peebles dera algumas

aulas sobre o assunto na cadeira de ficção contemporânea. Kay dissera que Libby devia tentar o *The Nation* e o *New Republic*, porque as duas editoras tinham um alto conceito entre a consciência pensante do país, mas Libby respondera: *Mon ange*, eu me interesso pelas coisas estáveis, nunca pelas passageiras!

Além disso, a leitura de livros era um meio para chegar a um determinado fim, tornava o nome do revisor conhecido nos meios editoriais, onde todos os comentários são lidos, não importando o tamanho ou a qualidade. E era assim que Libby haveria de abrir caminho, nem que chovessem canivetes e apesar de seus ataques de desânimo, quando achava que não poderia mais enfrentar outra "segunda-feira azul", vendo o Sr. Le Roy cofiando os bigodes enquanto examinava seus relatórios. Tinha reservado as segundas-feiras para ver Le Roy, e nunca variava, a não ser que fosse feriado, pois sabia que os homens são criaturas de hábitos arraigados.

Depois da última sessão, quando ele lhe dera um susto tão grande, Libby decidiu que precisava reforçar sua posição.

— A senhorita escreve muito bem. . . — Foi este comentário que lhe deu a idéia de pedir para fazer traduções; na verdade, a idéia foi de Kay. Esta dissera que Harald havia dito que a solução do problema de Libby seria formar-se especialista em alguma coisa. Do contrário, continuaria a competir com todas as moças que se formavam anualmente com boas notas em inglês. Libby devia usar as línguas estrangeiras que conhecia — principalmente o italiano, uma vez que vivera na Itália — para conseguir um setor exclusivamente seu. Deveria oferecer-se para traduzir um capítulo, gratuitamente, a fim de que pudessem aquilatar suas possibilidades e, para tanto, bastava reservar uma ou duas horas por dia. O exercício literário seria excelente para melhorar seu próprio estilo e, entretanto, transformar-se-ia numa espécie de técnica do assunto. Outros editores lhe mandariam livros italianos para serem lidos ou revistos; teria oportunidade de encontrar professores e acabaria uma autoridade no assunto. Numa sociedade tecnológica, dizia Harald, a questão resumia-se em ter a ferramenta adequada.

Libby nunca se imaginara como tradutora; preferia o terreno da publicação, que era muito mais fascinante, pois neste lida-se diretamente com gente. Além disso, o projeto de Harald, como a maioria de suas idéias, era para funcionar a longo prazo, coisa que não estimulava sua imaginação. Achava também que não podia deixar estagnar sua amizade com o Sr. Le Roy. Tinha certeza de que, através dele, conseguiria chegar aos livros estrangeiros. Ela sabia que

pagavam mais (sete dólares e meio) pela leitura de livros estrangeiros. Assim, na próxima vez que se entrevistou com Le Roy, não esperou que ele mergulhasse no celeiro; pegou o touro pelos chifres e disse que gostaria de ter uma oportunidade de fazer um relatório sobre uma novela francesa ou italiana, pois queria fazer uma experiência no terreno das traduções.

— Farei o relatório, e, se nós quisermos publicar o livro, farei a tradução de um capítulo como experiência.

Teve a impressão de que Le Roy ficara espantadíssimo com o "nós" que ela empregara propositadamente, com o intuito de parecer profissional. Mas, por uma feliz coincidência, naquele dia ele recebera uma novela italiana que fora lida por um especialista naquela língua, um professor da Universidade de Colúmbia, que terminara seu relatório com a frase: "Sugiro que obtenha outra opinião além da minha". Le Roy deu a entender que fora somente obra do acaso o fato de confiar a Libby aquela tarefa.

— OK — disse ele —, pode levar o livro para casa. — Refletiu um pouco — Seu italiano é fluente?

— Fluentíssimo.

Era inútil, avisou, tentar traduzir uma obra, a não ser que a pessoa estivesse completamente familiarizada com a língua; era tudo uma questão de rapidez. Libby saiu do escritório ligeiramente estonteada. Alguma coisa na atitude do Sr. Le Roy fez com que sentisse que aquela era sua última oportunidade.

De volta ao apartamento, viu a armadilha que ele lhe armara. O diálogo no livro era, em sua maioria, no dialeto siciliano. Libby, que estava acostumada ao mais puro toscano, mal conseguiu entender. Na verdade, não estava certa de que era siciliano; os personagens pareciam ser camponeses e pequenos proprietários, e a aldeia que habitavam podia estar situada em qualquer lugar. Pensou em ir até Vassar, a fim de consultar o Sr. Roselli, mas, para seu azar, o professor estava viajando e os demais membros do departamento, que não eram seus amigos, provavelmente irradiariam o fato de que ela corraera à universidade pedindo ajuda. Uma vizinha no fundo de seu coração aconselhava que devolvesse o livro ao Sr. Le Roy, confessando que era demais para ela, mas não conseguiu enfrentar o pensamento, pois seria uma oportunidade para que ele a despedisse.

Libby tomou posição, no meio da sala de estar do apartamento, uma das mãos na testa e a outra segurando o livro aberto, como quem vai declamar alguma coisa.

— Perdido, perdido, tudo perdido! — exclamou. — Adeus, doce

donzela. — Atirou-se no sofá e tornou a examinar o livro. . . 521 páginas ! O volume caiu-lhe das mãos muito brancas, e as páginas esvoaçaram. Uma das grandes vantagens de viver só é que a gente pode falar sozinho tudo o que quiser e dirigir-se a um auditório imaginário, dando vazão a todas as emoções. Levantou-se do sofá sacudindo a cabeça, e foi até o espelho. Examinou bem o rosto, como se o fizesse pela última vez. Depois, mudando de humor, deu uma palmada em si mesma e foi alimentar os periquitos, lembrando-se de que ainda tinha uma semana pela frente.

— Seja corajosa! — disse em voz alta, ajeitando o chapéu ao sair para jantar com Alice MacCollister, com quem encontrou uma moça que já conhecia comendo em companhia de um homem. Ao retirar-se, parou na mesa dos dois e quase que imediatamente começou a fazer confidências sobre as angústias que atravessava por causa da novela italiana, a qual trouxera, juntamente com um dicionário de bolso, a fim de trabalhar enquanto jantava.

— Nós estávamos observando-a — comentou a moça. — Puxa, você deve sentir-se muito importante tendo um emprego desses.

— Emprego que talvez perca muito em breve — profetizou Libby. — Quinhentas e vinte páginas do mais difícil dialeto siciliano, e eu acostumada com o italiano puríssimo de Qante!

Só conseguiu terminar o relatório nas últimas horas do domingo seguinte, apesar de ter passado o fim de semana inteirinho em casa, e nem mesmo ter feito as palavras cruzadas do *Times*. O resumo do enredo estava bem curto. Alguns detalhes da ação tinham-na confundido completamente, apesar da ajuda de um atlas e de vários dicionários que consultara na biblioteca pública. Descreveu o livro como "um estudo dos problemas agrários da moderna Itália, vistos em contraste com um passado feudal. Dom Alfonso, o protagonista, representante da velha ordem, vivia brigando com o prefeito da aldeia, o qual defendia o progresso e a inovação. Os camponeses, que estavam agudamente caracterizados e falavam um rico idioma que cheirava a chiqueiro e celeiro, dividiam-se entre os pontos de vista de Dom Alfonso e os do prefeito, Dom Onófrio. A filha de Dom Onófrio, Eufêmia, deixou-se envolver pela política e foi esfaqueada acidentalmente durante um tumultuoso comício realizado na *piazza*. Os camponeses passaram a reverenciá-la como uma santa e a venerar seus restos mortais. O pá-roço resolveu intervir. Os *carabinieri* foram forçados a intervir também, e, finalmente, a ordem foi restabelecida, depois de ter-se dado um milagre na tumba de Eufêmia. O milagre ocorre durante os funerais de Dom Alfonso, o último representante de

sua raça, sugerindo um simbolismo intencional. Havia muita coisa folclórica, bem apresentada, particularmente a tapeçaria, ou melhor, o mosaico das crenças pagãs, misturadas com superstições cristãs e animismo primitivo, observados nos pensamentos dos camponeses, como acontece em certas igrejas pouco iluminadas e cheias de morcegos, os pavimentos gastos pelo tempo e cheios de sepulturas de cruzados normandos, com seus tetos apoiados em antigas colunas que revelavam claramente terem pertencido a algum templo grego. A tendência política do autor não ficara claramente definida. Qual seu lado na luta? O de Dom Alfonso ou o do prefeito? Ele não dizia, mas era importante que nós, os leitores, o soubéssemos. Na altura em que se realizava o milagre, parecia querer que acreditássemos que estava com o prefeito, *ergo*, com a Itália moderna e com *Il Duce*. Os *carabinieri* entravam como eventuais libertadores. Se tentássemos meter a colher no caldeirão de minestra fervente que era aquela história, ficaríamos espantados com a torrente de linguagem cálida e pungente. Contudo, o leitor não poderia deixar de pensar que o autor escrevera uma apologia do Estado corporativista. Por essa razão, creio que o livro tem poucas probabilidades de sucesso entre nós".

Libby ouvira constantemente sua tia, em Fiesole, dizer que Mussolini estava fazendo um grande bem aos italianos, e ela mesma, ainda criança, ficara entusiasmada com os comícios que os Camisas Pretas realizavam na Piazza della Signoria. Mas Libby tratara de encarar a novela do ponto de vista do Sr. Le Roy, lembrando-se da Etiópia, de Hailé Selassié e da Liga, dando-se por satisfeita quando, na segunda-feira, foi entregar o livro, especialmente pelo fato de "sugerir" que a ação ocorria na Sicília, sem mencionar, porém, qualquer nome, já que podia dar-se o caso de estar enganada.

Ficou sentada em silêncio com as mãos cruzadas, enquanto ele lia o relatório.

— Parece uma ópera e tanto — observou, levantando os olhos, depois de ter lido as primeiras frases. Libby não respondeu e continuou esperando. O homem continuou a ler e, repentinamente, olhou-a sob as sobrancelhas hirsutas. Fechou a pasta, colocou-a sobre a mesa, puxou distraidamente o cordão de seda que mantinha as páginas unidas e, lentamente, acendeu o cachimbo.

— Nossa! — comentou. Estava rindo. — Mas que livro leu a senhorita? — perguntou e estendeu-lhe o relatório do primeiro leitor. "... um clássico pouco conhecido do liberalismo militante da Itália, temperado com alguma piedade chekoviana e uma ironia desprendida. . . o autor, cujo lugar nas letras italianas ficou garantido por esta

novela, morreu em 1912. . .

Libby ficara quase sem fala.

— Sinto-me digna de uma gargalhada — disse, tentando sorrir.
— Mas posso explicar — continuou.

— Não importa — tomou ele —, compreendo as razões do seu engano. Provavelmente, os costumes e a maneira de agir não mudaram muito na Itália nestes últimos cinquenta anos.

— O senhor tirou as palavras de minha boca! — explodiu Libby, aliviada, quase caindo da cadeira. — O tempo parou ao *mezzogiorno*. Era o que eu ia dizer. Creio que o autor tentou acentuar o atraso. O senhor sabe que isso é parte de sua tese. Alguma vez ouviu uma coisa tão engraçada? Terei de refazer meu relatório à luz de ... recentes descobertas. . . se. . . se o senhor o permitir. . . — Voltou os olhos brilhantes para ele, consciente de que estava tremendamente nervosa, como conseqüência dos longos silêncios do homem.

Ele suspirou.

— Srta. MacAusland — sugeriu —, acho melhor dizer-lhe a verdade. Parece-me que é melhor a senhora arranjar outra espécie de trabalho. Já pensou em tentar uma agência literária? Ou uma destas revistas femininas? A senhora escreve muito bem, acredite-me, e tem muito talento. Mas acontece que não tem jeito para o setor de publicações.

— Mas por quê? — perguntou Libby, muito calma; agora que o golpe fora desferido sentia-se estranhamente calma; tinha somente curiosidade em saber o que ele ia dizer, mas nenhuma preocupação. Ele fumou uns momentos em silêncio.

— Não creio que possa explicá-lo. Já tentei várias vezes ver se descobria o que está errado. Talvez a senhora não tenha o jeito necessário ou o senso comum ou faro, ou seja lá o que for, para escolher um manuscrito publicável. Ou ainda, digamos, talvez não esteja suficientemente amadurecida. A senhora é essencialmente uma simpatizante. Por essa razão é que lhe recomendei um agente literário. A senhora vive me dizendo que quer trabalhar com autores. Pois é isso o que os agentes fazem; lidam diariamente com essa gente, principalmente em matéria para revistas. Eles os encorajam, transmitem-lhes entusiasmo, dizem-lhes aquilo que devem cortar, apertam suas mãos, convidam-nos para almoçar.

— Mas os editores também fazem a mesma coisa — contestou Libby secamente. Muitas vezes se imaginara, elegantemente trajada, levando autores para almoçar, às custas da editora, e discutindo sua obra e problema depois do café.

— A senhora ouviu rumores grandemente exagerados — disse o Sr. Le Roy. — Provavelmente, pensa que eu almoço todos os dias no Ritz com autores famosos. Para dizer a verdade eu como sozinho, pelo menos duas vezes por semana, no Automático. Tenho uma dieta rigorosa. Hoje, almocei com um agente, espertíssimo, para dizer a verdade. . . uma mulher. Ela ganha três vezes mais do que eu.

As sobranceiras arqueadas de Libby expressavam surpresa e incredulidade.

— Outra coisa, Srta. MacAusland. — Ele curvou-se para a frente: — Edição de livros é um trabalho para homens. Cite-me o nome de uma única mulher que tenha chegado ao ponto mais alto da carreira. Elas são encontradas nos serviços auxiliares, como a publicidade, anúncios e coisas semelhantes, ou como revisoras ou leitoras. Na maioria, são solteironas que usam o lápis atrás da orelha e sofrem de dispepsia. Nós temos um monumento aqui, a Srta. Chambers, que trabalha conosco há vinte anos. Aliás, creio que também frequentou Vassar. Ou talvez Bryn Mawr. Trata-se do tipo amargurado, azedo, dona de um nariz muito comprido, que usa suéteres abotoados até o pescoço e óculos de aro de metal, uma esplêndida mulher, uma grande pessoa, uma funcionária mal paga. Uma verdadeira escrava, se é que me permite o lugar-comum. Não. O nosso é um negócio para homens. A não ser que a senhora case com um editor. Case com um editor, Srta. MacAusland, e será sua anfitriã. Ou trate de entrar em contato com um agente. Ou, então, tente subir servindo-se de malícia.

— Que quadro horrível o senhor pintou! — exclamou Libby, pensativa, com o queixo apoiado na mão. — Será que. . . o senhor concederia uma entrevista para a revista das alunas de Vassar?

Le Roy levantou a mão.

— Não creio que isso esteja de acordo com a política da companhia — replicou, empertigado.

— Oh, mas eu não citaria seu nome. Poderia tomar algumas anotações agora mesmo. Ou, então, quem sabe, talvez o senhor prefira aceitar um convite para uns coquetéis, quando tiver uma hora vaga, é claro.

Mas ele afastou a idéia bruscamente.

— Esta semana teremos várias reuniões, Srta. MacAusland. E, na próxima semana, vejamos — consultou o calendário. — Na próxima semana, terei de viajar. — Pigarreou. — É claro que a senhora pode escrever o que bem entender, mas não quero ser envolvido em suas declarações.

— Compreendo — disse Libby.

Levantou-se para sair, só então se lembrando de que estava aceitando ser despedida sem sequer ouvir uma razão adequada. Ele citara generalidades, sem dizer em que ponto exatamente ela falhara, dando-lhe uma oportunidade de corrigir-se. E, se não agisse rapidamente, jamais teria outra oportunidade de voltar a vê-lo. Que fazer numa situação destas?

Acendeu um cigarro.

— O senhor não poderia testar-me em outro gênero de trabalho? Escrever anúncios de obras a serem editadas, por exemplo. Tenho certeza de que esse é um trabalho que eu poderia executar.

Ele interrompeu-a.

— Concorro plenamente com o fato de que a senhora escreve muito bem. Mas esse é o tipo do trabalho mecânico da nossa profissão. Não traz qualquer glória em si. Até a minha secretária pode redigir esses anúncios. Em resumo, Srta. MacAusland, nós não temos nenhum trabalho para o qual esteja qualificada. A senhora é mais uma das milhares de moças que saem formadas das nossas universidades com excelentes notas em inglês e que teimam em entrar para as nossas firmas. Durante algum tempo, suas famílias as apóiam, em geral durante um ano, até que encontrem afinal alguém com quem casar.

— E, em sua opinião — disse Libby —, eu sou uma dessas moças. Mais uma da multidão anônima.

— A senhora é mais perseverante e mais corajosa. Parece ter alguma afinidade com a literatura. Desejo-lhe boa sorte. — E, com esta última frase, levantou-se e apertou efusivamente sua mão. O cigarro aceso caiu sobre o tapete.

— Oh, meu cigarro! Que horror! — gritou. — Onde está?

— Não se incomode — disse ele —, nós o encontraremos. Srta. Bisbeet! — chamou, e a secretária apareceu imediatamente à porta. — Caiu um cigarro aceso no chão. Quer procurá-lo, por favor? E não esqueça de mandar o cheque da Srta. MacAusland pelo correio. — Segurou o casaco de Libby e ajudou-a a vesti-lo, enquanto a secretária, de gatinhas, tentava localizar o cigarro. A cabeça de Libby dava voltas, em consequência do choque sofrido. Recuou um passo atrás e, imaginem só, caiu desmaiada nos braços do Sr. Le Roy!

Devia ter sido pelo superaquecimento do escritório. Mais tarde, a secretária do Sr. Le Roy contou-lhe que ficara verde e começara a suar na testa. A mesma coisa que acontecera num dia de verão quando, visitando a galeria Uffizi, em Florença, em companhia da tia, desmaiara bem em frente ao *Nascimento de Vênus*. Mas Gus Le Roy

ficou convencido de que o desmaio fora provocado pela fome, depois de ela ter confessado não haver almoçado. Insistiu em dar-lhe dez dólares de seu bolso e mais um para o táxi. E, na manhã seguinte, telefonou dizendo que o seu agente literário precisava de um assistente, e que fosse procurá-lo. Assim, finalmente — espantoso! —, agora ela tinha um excelente emprego de vinte e cinco dólares por semana, onde podia ler todos os manuscritos que desejasse, escrever para os autores e almoçar com os editores. E mais ainda: ela e Gus Le Roy transformaram-se em ótimos amigos, e ele era casado, afinal de contas, segundo lhe informou o patrão.

9

Gus Le Roy conheceu Polly Andrews numa festa oferecida por Libby em maio do ano seguinte. Estávamos em 1936, e metade do grupo já casara. Da turminha, Libby convidara somente Priss, que não pudera comparecer, Polly e Kay, pois perdera as demais de vista. Servia um *bowle* de maio, espécie de ponche feito com vinho Liebfraumlch e outras especiarias importadas diretamente da Alemanha. Os ingredientes eram comprados numa adorável loja alemã localizada na Segunda Avenida, loja muito velha e empoeirada, cheia de deliciosos vasos e potes de farmácia antiga na vitrina. Libby dissera que Polly não podia deixar de encontrá-la e que bem poderia comprar alguns dos ingredientes que eram precisos. Por exemplo, certas coisas que usaria no *bowle* na véspera da festa, dando tempo, assim, para deixar as cerejas de molho durante a noite. Polly trabalhava no Centro Médico da Universidade de Cornell, onde cuidava especialmente dos testes de metabolismo basal, o que a obrigava a chegar ao hospital muito cedo, antes que os pacientes acordassem. Mas, em compensação, saía muito mais cedo do que Libby e, habitualmente, tomava o elevado da Segunda Avenida, pois morava na Rua Dez, perto da Praça de São Marcos, quase ao lado da igreja do mesmo

santo, onde o reitor, Dr. Guthrie, fazia belos sermões, apesar de Polly não os ouvir porque dormia até tarde aos domingos.

O herbanário alemão distava nove quarteirões da casa de Polly, e esta, que sabia ser mordaz apesar dos seus modos suaves, sorridentes e obstinados, deixou transparecer seu aborrecimento, quando chegou ao apartamento de Libby com as encomendas. Mas Libby disse que nove quarteirões nada eram, e que o exercício e o ar livre fariam muito bem "a você, minha querida". Aliás, quando ouviu Polly descrever detalhadamente a loja — cheia de antigos potes onde eram guardadas as ervas e outros produtos de uso médico ou não, com grandes rótulos em latim, traçados em bela caligrafia gótica — lamentou não ter ido fazer as compras pessoalmente, de táxi. Mas, para acabar com a zanga de Polly, convidou-a para jantar num novo restaurante recentemente inaugurado na Village; depois, voltaram para casa, onde iniciaram os preparativos do *bowle* e outros detalhes da festa. Polly tinha verdadeira paixão pelas flores (fez um arranjo maravilhoso com uma boca-de-leão que Libby comprara) e era muito prendada na cozinha. Libby a persuadira a fazer o famoso patê de fígado de galinha, cuja receita o Sr. Andrews trouxera da França e, como tivera o cuidado de catar todos os fígados que encontrara no mercado, limitou-se a ficar observando a amiga cozinhá-los e depois passar tudo cuidadosamente por uma peneira.

— Não acha que devia ferver mais um pouco? — sugeriu Libby. — Kay diz que costuma cozinhar tudo mais quinze minutos do que manda a receita.

Ficou escandalizadíssima com a quantidade de manteiga fresca que foi acrescentada a seguir, conhaque e xerez. .. não era de admirar que a família Andrews estivesse cheia de dívidas. Mas Polly agia com tanta doçura que conseguia fazer unicamente aquilo que bem entendia. Era inútil contrariá-la. Aliás, os Andrews eram todos assim. O Sr. Andrews, explicou Polly, costumava fazer um caldo apuradíssimo, fervendo-o até atingir o ponto exato. Porém ela concordou com usar um consome enlatado para ligar a massa, graças a Deus, do contrário teriam ficado acordadas até alta madrugada. Libby estava arrasada, quando finalmente despediu-se de Polly. Só para peneirar o fígado gastaram quase uma hora. Não quis nem ouvir falar em lavar a louça: uma criada de cor viria no dia seguinte arrumar tudo e servir na hora da festa.

Felizmente, Polly conseguiu tomar o ônibus da Rua Oito, pois a caminhada desde a casa de Libby até a sua não era brincadeira, sendo impossível evitar passar por alguns lugares muito pouco iluminados e

perigosos. O apartamento de Polly, apesar de muito simpático e localizado numa boa vizinhança, não era tão confortável quanto o de Libby, que era muito espaçoso, tinha teto apainelado, uma lareira e janelas que iam quase até ao chão. Na verdade, era muita bondade chamar a morada de Polly de apartamento, pois o conjunto não passava de um quarto mobiliado com banheiro anexo, sendo que a cama era um sofá que mantinha cuidadosamente coberto com uma manta de crochê que trouxe de casa. Além do sofá, continha algumas cadeiras vitorianas muito velhas, uma "curiosa mesa com tampo de mármore e pés tipo pata de leão, além de um fogão de duas bocas e algumas prateleiras forradas com oleado azul, tudo colocado num cantinho, oculto por uma cortina, e mais uma geladeira furada. Mas, pelo menos, era um lugarzinho muito limpo; os donos da casa trabalhavam fora (a senhoria também era formada por Vassar — classe de 18) e Polly fizera logo amizade com os outros inquilinos — dois refugiados, um russo branco e um judeu-alemão socialista — e vivia contando histórias engraçadíssimas sobre os dois e sobre suas violentas discussões. Polly tinha uma alma generosa; todo mundo lhe contava seus dramas e, provavelmente, pedia-lhe dinheiro emprestado. Contudo, pobre pequena, sua família não podia ajudá-la com um único centavo. Sua Tia Júlia, que vivia numa das zonas mais elegantes e ricas da cidade, dera-lhe umas porcelanas de presente, mas não fazia a menor idéia de como vivia a sobrinha, pois, sofrendo do coração, não podia subir escadas, e, conseqüentemente, nunca visitara Polly. Além do mais, em seus dias de mocidade, a vizinhança da Praça de São Marcos fora um logradouro muito elegante, e não podia imaginar como as coisas haviam mudado. O apartamento de Polly serviria perfeitamente para suas necessidades, não fora o hábito que tinha de se deixar dominar pela bondade e viver ajudando os outros. O judeu-alemão, o Sr. Schnneider, por exemplo, quase que diariamente lhe trazia os mais exóticos presentes, principalmente coisas feitas de maçapão no formato de frutas (certa vez, trouxera um cachorro-quente feito de maçapão, o qual, por estranhas razões, deixara Polly deliciada), doces, vasinhos para plantas e estatuetas, e, em troca, Polly ajudava-o a melhorar o seu inglês, para que pudesse conseguir um emprego melhor. Isso significava que quase todas as noites o homenzinho batia-lhe à porta. Libby o encontrara, certa noite, praticamente um anão, com um tufo de cabelos grisalhos no alto da cabeça, uma pronúncia carregadíssima e suficientemente velho (ainda bem, pensou Libby!) para ser pai de Polly, não fosse o caso de o Sr. Andrews ser velho bastante para ser seu avô. A gente encontrava as

visitas mais estranhas em casa de Polly, e a maioria tão velha como o mundo: Ross, a idosa aia de sua Tia Júlia, que parecia saída de um livro de gravuras e que ficava sentada o tempo todo em silêncio fazendo tricô, depois de ter presenteado a moça com algumas suculentas costeletas de carneiro, compradas no açougueiro da patroa, um açougueiro caríssimo situado na Quinta Avenida; o russo branco, pobre coitado, que gostava de jogar xadrez com a moça e o geleiro. Bem, em relação ao último, já havia um pouco de exagero, mas a verdade é que Polly costumava contar uma história engraçadíssima sobre o homem, um italiano que parecia um troglodita e que, em certo dia de março, com o gelo no ombro, dissera "tachas" várias vezes até que Polly foi buscar uma caixa de tachinhas, mas o geleiro continuou sacudindo a cabeça e dizendo "não, não, senhora, tachas!"; no final de contas, acreditem ou não, ele queria falar de "taxas", impostos, pois estava completamente enredado com a declaração do imposto sobre a renda, a qual finalmente arrancara do bolso da calça com a mão calosa. . . Só mesmo Polly poderia ter um geleiro que pagava imposto de renda! É claro que se sentou e ajudou o italiano a fazer todos os cálculos e deduções necessários. Contudo, quando algum amigo lhe solicitava um favor, a sua primeira reação era sempre aquela: "Ora, Libby, você podia muito bem ter feito aquilo!"

Aparentemente, era uma daquelas moças que se assemelham a "um suave raio de sol" porque era muito delicada, tinha cabelos muito louros, quase cor de palha, pele branca, um pouco leitosa, o queixinho macio com uma espécie de covinha bem no meio, braços alvíssimos e testa muito alta. Muita gente achava que se parecia com Ann Harding, porém, na verdade, não era tão alta como a atriz. Habitara-se a usar o cabelo em grandes trancas que enrolava em torno da cabeça, pois julgava que assim era mais higiênico para seu trabalho no hospital, onde as questões de limpeza eram rigorosamente observadas. O problema era que o penteado lhe dava uma aparência mais velha. Quando Priss teve seu último aborto num quarto particular do Hospital Nova York, Polly a visitara diariamente, pois trabalhava no mesmo estabelecimento e, vendo-a com seu uniforme branco, sapatos de salto baixo e as trancas matronais, as outras pacientes pensaram que Polly tinha, pelo menos, vinte e seis anos. Ela pertencera à Corrente da Margarida (e isso significava que quatro do grupo pertenciam à corrente, a própria Libby, Lakey, Kay e Polly — um verdadeiro recorde), contudo, Libby jamais achou que Polly fosse bonita. Era demasiado tranqüila, sem colorido, a não ser quando sorria. Kay lhe confiara o papel de Virgem Maria na pantomima de Natal que

encenara na Universidade, mas isso fora somente para consolá-la pelo rompimento do noivado com o tal rapaz que tinha loucura hereditária na família. Na verdade, por detrás daquela aparência plácida, Polly era extremamente emotiva, uma companhia divertidíssima, com opiniões positivas e personalíssimas. Aliás, todos os Andrews eram originais. Polly passara no exame de Química, pensando continuar os estudos e formar-se em Medicina, mas, quando o pai perdeu todo o dinheiro, foi obrigada a desistir. Felizmente, o Departamento de Empregos da Universidade arranjava-lhe aquele lugar no Hospital Nova York do Centro Médico da Universidade de Cornell. O grupo inteiro esperava que encontrasse um jovem médico ou um patologista que a desposasse, porém, até então, isso não acontecera ou, pelo menos, ninguém o sabia. Polly era muito reservada a seu respeito. Às vezes, dava a impressão de só conhecer e visitar sua tia ou os vizinhos e outras moças que trabalhavam com ela, algumas, na verdade, horríveis, do tipo, segundo dizia Kay, que cultivava na janela do quarto bulbos de narcisos em pratinhos de loja americana. Essa capacidade de fazer amigos entre gente obscura, especialmente de seu sexo, era *afablesse* de Polly. As doutoradas em Química, na Universidade, eram um exemplo: excelentes pessoas, não havia a menor dúvida. Mas as doutoradas em ciências, como grupo (mais uma observação corretíssima de Kay), eram a camada mais baixa de Vassar. Eram as que, dizia Kay, se tornavam impossíveis de recordar quando se realizava a reunião comemorativa do décimo aniversário: casos patéticos com doenças de pele e pêlos supérfluos, óculos de vidro ultra-espessos, problemas de excesso ou falta de peso e nomes como "Srta. Hasenpfeffer". Que lhes aconteceria no futuro? Voltariam para suas cidades natais e se transformariam em pilares da sociedade local, enviando as filhas para Vassar, a fim de perpetuar o tipo, ou se dedicariam ao ensino ou à Medicina, onde seus nomes, às vezes, chegavam a alcançar alguma notoriedade: "A Dra. Elfrida Katzenbach acaba de entrar para o Instituto Rockefeller. Parabéns, Katzy", ler-se-ia na revista das alunas e, depois, pensar-se-ia com seus botões: "Quem é?" Com a Astronomia e a Zoologia, a coisa era ligeiramente diferente. Pokey, por exemplo, formara-se em Zoologia e não deixara de exercer a profissão, mas, ainda assim, casara-se com um poeta, um primo muito distante, que freqüentava a Escola de Pós-Graduação de Princeton, e sua família lhes comprara uma casa naquela cidade. Todavia, Pokey continuava a voar semanalmente até Ithaca e ainda pretendia ser veterinária. Fosse como fosse, a Astronomia e a Zoologia eram matérias diferentes — não eram tão áridas, eram mais descritivas; a Botânica,

também. Secundando as formadas em Física e Química, no tocante à frustração, vinham as formadas em Línguas; Libby escapara por pouco. Todas elas dedicavam-se ao ensino do francês ou espanhol nas escolas superiores de suas comunidades e chamavam-se Srta. Peltier ou Srta. La Gasa. Polly também tinha muitas amigas entre estas, as quais eram constantemente convidadas a visitarem Stockbridge e a conversarem em francês com o Sr. Andrews. Polly era democrata (todos os Andrews tinham votado em Roosevelt, pois eram aparentados com os Delano), apesar de Lakey dizer sempre que, em seu caso, a democracia era mera fachada, já que, no fundo, Polly não passava de uma esnobe feudal.

Seja como for, Libby era muito amiga de Polly, com quem se avistava freqüentemente, nunca deixando de convidá-la para suas festinhas. O problema era que Polly, uma maravilhosa companhia quando não havia outras pessoas, desaparecia completamente nas reuniões numerosas. Falava muito baixo, tal como seu pai, e virtualmente cochichava suas meigas observações. Se não houvesse o cuidado de explicar as origens de sua família (uma simpática ninhada de aristocratas mais ou menos malucos; as irmãs do Sr. Andrews foram todas retratadas por Sargent) as pessoas nem notavam sua presença ou, então, depois que ela saía, perguntavam quem era aquela moça loura tão calada. Eis outro detalhe curioso: Polly retirava-se sempre cedo das festas, a não ser que lhe pedissem para fazer alguma coisa, como conversar com algum chato presente; assim, ela sentia-se útil e ficava até o fim. Bastava pedir que tomasse conta de um convidado solitário, que andasse pelos cantos completamente abandonado, e logo Polly iniciava uma animada conversa, descobrindo as coisas mais incríveis sobre o personagem. Mas se lhe dissessem que certa pessoa era formidável e um grande papo, não mostrava o menor interesse: "Lamento muito, Libby, mas acho que já vou indo" (todos os Andrews falavam assim).

Mas, tão logo alguém tivesse a idéia de sugerir uma brincadeira qualquer, um jogo ou coisa semelhante, fosse pôquer ou "chicote queimado", Polly estava em seu elemento, incumbia-se de todos os preparativos, providenciava o material necessário; passava logo a ser a autoridade máxima, a pessoa que decidia todas as regras do jogo e mantinha todos em ordem. Outra característica da família Andrews: tendo perdido todo o dinheiro e conseguido em troca tantas preocupações, tratavam de divertir-se resolvendo charadas ou fazendo brincadeiras. Todos aqueles que passavam temporadas com a família, naquela incoerente e velha fazenda, com suas inúmeras lareiras, sótãos e quartos de depósito, eram forçados, depois do jantar, a participar da

brincadeira, recebendo sumárias instruções sobre as regras, e azar daquele que não as apanhasse com a devida rapidez. Certas noites, faziam charadas muito complicadas, fantasiados, no celeiro aquecido com grandes fogareiros de querosene. Em outras, brincavam de Cache-Cache, que não passava de versão francesa da velha brincadeira de esconder, com regras ligeiramente diferentes, as quais haviam aprendido no castelo que possuíram na França. Ou, então, "Fantasmas", isso que haviam rebatizado de "Bobão", porque o Sr. Andrews, às vezes, começava a chorar silenciosamente quando perdia alguma pergunta e tinha de dizer: "Eu sou um terço fantasma"; assim, diziam agora: "um terço bobão". Depois, brincavam de "Geografia", sendo o Sr. Andrews um verdadeiro maníaco deste jogo, pois conhecia quase o mundo inteiro, de vez que viajara muito. A família de Polly, por ser muito inteligente e cerebral, gostava muito dos jogos de adivinhação, mas, por vezes, divertia-se com coisas francamente idiotas e infantis. Nos dias de chuva, jogavam xadrez ou damas. Quando tinham de tomar uma decisão solene, como saber para que Universidade deviam enviar o jovem Billy, ou o que deviam preparar para a ceia de Natal, faziam solenemente, todos reunidos, a *Sortes Virgilianae*, graças à Eneida do Sr. Andrews, e a condição para participar da brincadeira era, até para as crianças, saber construir uma frase em latim, imaginem só! As crianças brincavam de caça ao tesouro usando almofadas de alfinetes e calendários e tendo como prêmio um humilde bulbo de amarilis, pois não podiam mais se dar ao luxo de caçadas mais autênticas, visto que já não possuíam mais cavalos de montaria: somente algumas vacas e galinhas. Polly aprendera a montar de lado e ainda guardava seu traje de montaria, botas e chapéu-coco, o qual levava na bagagem para Princeton, quando Pokey a convidou para um fim de semana (Pokey mantinha um estábulo para seus cavalos e realizava grandes caçadas); aliás, ela desistira de usar a casaca, pois estava um pouquinho mais gorda do que anos antes, mas disseram que, ainda assim, ficara linda com aquela saia comprida, de tecido preto, em contraste com sua pele muito branca. O preto era a cor favorita de Polly.

Normalmente, vestia-se com grande simplicidade, nada mais do que saia, suéteres e sapatos de salto baixo. Mas para a noite, ou festas como hoje, usava sempre um vestido negro de decote bem pronunciado e um laçarote. Tinha dois chapéus, da mesma cor, de abas muito largas, um para o verão e outro para o inverno. O de verão, que usava naquela noite, era de palha muito leve, enfeitado com rendas pretas. O crepe do vestido estava um pouco desbotado (aliás, o

crepe preto tinha sempre essa tendência), mas ia bem com seu pescoço muito branco e o queixo carnudo, realçando-lhe o busto. O cabelo, trazia-o arrumado num coque baixo que lhe assentava melhor do que as tranças. Harald Petersen disse que ela parecia uma figura de Renoir. Libby achou que era mais um tipo de Mary Cassatt. Por seu lado, a dona da casa trajava um vestido afogado de cor marrom (o marrom era a cor de Libby), com brincos de topázio que lhe realçavam o dourado dos cabelos e a luminosidade dos olhos. Achou que Polly, que não conseguira salvar uma única jóia, devia ter usado, pelo menos, uma rosa branca no peito. Libby escolhera seus convidados cuidadosamente: um pouco de Vassar, um pouco de gente do ramo editorial, a irmã e o marido que acabavam de chegar da Europa, um pouquinho de Wall Street, um pouquinho de palco, uma autora, um redator do *Herald Tribune* e uma senhora do Museu Metropolitano. E *cosi via*: não convidara pessoa alguma do seu próprio trabalho, pois as colegas não se teriam sentido bem naquela festa.

— Uma mistura bem regular —, dissera-lhe a irmã, apertando os olhos cor de ametista, embora ela sempre criticasse as ambições de Libby.

— Uma verdadeira arca de Noé, nem? —, comentara o cunhado, dando uma risadinha. — Formando o seu círculo literário, hem, Libby?

Ele não deixava nunca de implicar com aquilo que chamava de "sua vida literária". Geralmente, Libby topava a brincadeira, mas hoje tinha mais o que fazer. Queria que a irmã e o cunhado ficassem impressionados com seu último "interesse". Chamava-se Niels Aslund e conhecera-o no inverno anterior no trem dos esquiadores. Era saltador profissional em Altman e "um genuíno barão norueguês"! O cunhado quase se engasgou com um pedaço de patê do Sr. Andrews, quando Niels, ao entrar, vestindo um elegantíssimo terno cinzento, se curvou para beijar a mão de sua esposa. Tratava-se de um homem de maneiras educadíssimas, com uma aparência maravilhosa, e dançava divinamente. Depois de conversarem alguns momentos, até sua irmã foi obrigada a reconhecer que o rapaz era realmente notável. Seu inglês era perfeito, revelando apenas um ligeiro sotaque; estudara literatura inglesa na Universidade e — quem havia de dizer! — lera o poema de Libby que fora publicado no *Harper's*, sabendo-o quase de cor. Tinham muitos interesses em comum, e Libby estava quase certa de que ia ser pedida em casamento, tendo por isso, organizado a festinha. Queria que ele a visse no seu ambiente. Jamais permitira que a visitasse no seu apartamento, pois com os europeus era preciso ter

muito cuidado para que não nos interpretassem mal. Mas, numa festa, com pessoas da família presentes, era diferente. Depois, iriam jantar fora, e era então que esperava, se tudo corresse bem, ouvir a importante pergunta. Até o próprio cunhado ficara impressionado.

— Bem, Libby — perguntou —, que tal é o emprego do rapaz? Ganha bem?

Libby informou que Niels era diretor da pista de saltos em Altman e que viera estudar Finanças na América.

— Que lugar engraçado escolheu para começar os estudos —, comentou o cunhado, pensativamente. — Por que não Wall Street? — Deu uma risadinha. — Bem, falando sério, isso o coloca no mesmo nível de um golfista profissional.

Libby mordeu os lábios. Receara muito uma reação semelhante da família. Mas conseguiu disfarçar o vexame e a decepção. Se aceitasse o pedido de Niels, decidiu, imporia a condição de ele ter de arranjar outra ocupação. Quem sabe se poderiam abrir um hotel para esquiadores nas montanhas Berkshire; uma de suas colegas de Vassar e o marido tinham um estabelecimento semelhante. Outro casal conhecido possuía um rancho no Oeste. Era só esperar até que o pai de Niels morresse, e ele tivesse de voltar para casa e tomar conta da propriedade ancestral. ...

Com tanta coisa na cabeça, não é de espantar que, no auge da festa, Libby tenha esquecido de vigiar Polly e ver se ela estava devidamente ocupada. Quando o movimento acalmou mais um pouco, qual não foi o seu espanto ao descobrir a colega mergulhada numa animadíssima palestra com Gus Le Roy, o qual dissera claramente, ao chegar, que só poderia ficar alguns minutos. Libby nunca conseguiu descobrir quem os apresentara. Os dois estavam numa das janelas examinando os periquitos. Polly dava aos bichinhos pedacinhos de cereja que ia tirando do copo (os pobrezinhos iam ficar completamente embriagados com o vinho) enquanto Gus Le Roy não parava de falar. Libby chamou discretamente a atenção de Kay. Os seios branco-azulados de Polly estavam em bastante evidência, razão provável das atenções. Isso para não falar do seu cabelo cor de palha, que tendia a soltar-se e caía levemente sobre o pescoço.

Libby contou a Kay, sumariamente, a história de Gus Le Roy. O barão circulava por perto; Libby chamou-o com um gesto.

— Estamos profetizando um romance —, explicou-lhe.

Gus nascera em Fali River, onde sua família possuía uma pequena editora. Separara-se da esposa e tinha um filho com cerca de dois anos e meio, Augustus Le Roy IV. A mulher era professora numa

escola progressiva e membro do partido comunista; tivera uma ligação com um companheiro de célula e, por essa razão, Gus separara-se dela. Até o momento, mostrara-se bastante "cor de rosa", mas não chegara a ser membro do partido e, embora comprasse originais de vários autores comunistas ou simpatizantes, os comunas estavam-lhe dando um gelo agora, por ele querer divorciar-se de uma companheira e insistir em dizer o nome do "outro" no tribunal, atitude que chamavam de "tática de divisão" ou coisa semelhante.

— Niels é social-democrata —, acrescentou, sorrindo.

— Não, não —, explicou o barão. — Quando estudante eu o era, porém agora sou neutro.

Soltou uma de suas risadas juvenis e olhou de lado para Libby. Ela sabia tudo aquilo, mas continuou lançando um olhar de reprovação para Niels; é que tinha uma colega de trabalho comunista, uma moça caseira, forte como um caminhão, que só fazia duas coisas: beber e assistir às reuniões do partido. A moça ou mulher (devia estar com quase trinta anos!) conhecia a esposa de Gus Le Roy.

— Hum! Mulheres caseiras! —, disse o barão com um olhar desdenhoso. — Para elas, o partido deve ser como a igreja.

Libby hesitou. A história que estourou em sua cabeça era meio sem graça, mas serviria como lição de moral para Niels.

— Pois gostaria que mudasse de pensar, meu caro. Devia saber o que aconteceu a esta moça há poucas noites atrás. Foi atacada estupidamente por um homem, e eu tive de fazer seu trabalho durante dois dias até que lhe deram alta no hospital. Quatro dentes quebrados e um maxilar fraturado. É isso o que ela ganha por ser comunista.

— Uma manifestação de protesto! —, gritou Kay. — Sabe que há poucos dias Harald liderou uma marcha de protesto?

Libby balançou a cabeça:

— Foi o que ganhou a pobrezinha —, repetiu. — Essa moça, e não vou dizer seu nome, exatamente por ser comunista, é muito generosa para com os trabalhadores. Em segundo lugar: ela bebe. Vocês precisam cheirar-lhe o hálito certas manhãs! Pois bem, uma noite, na verdade há exatamente um mês, naqueles últimos dias frios de março, lembram-se? ela ia para casa num táxi, depois de ter abusado um pouco do copo num barzinho qualquer e começou a conversar com o motorista, lamentando o fato de o homem ter de trabalhar tanto, e, depois, falaram sobre o tempo. Ela observou que o homem não usava casaco, nem mesmo jaqueta. Pelo menos, foi assim que contou a história. Então, de camarada a camarada, convidou-o a tomar uma bebida para esquentar.

Kay prendeu a respiração, e Libby fez que sim, solenemente, com a cabeça. Outros convidados aproximaram-se para ouvir, pois ela tinha fama de ser excelente narradora.

— A moça pensou talvez que, sendo feia, não corria o menor perigo — prosseguiu. — Mas o motorista tinha outras idéias e pensou que ela também as tinha. Assim, depois de tomar a bebida, não perdeu tempo. A moça ficou muito surpreendida mas repeliu o camarada. A próxima coisa de que se lembra foi ter acordado, caída no chão, numa poça de seu próprio sangue, com alguns dentes quebrados e o maxilar partido. É claro que o motorista desaparecera.

— E ele?...

— Não — respondeu Libby. — Aparentemente, não. E não roubou nada. A bolsa estava caída no chão, intacta. O chefe queria que ela fosse à polícia. O pessoal do hospital, também. Tiveram de fazer um complicado trabalho dentário, uma espécie de ponte, que vai custar-lhe os olhos da cara e que a pobrezinha levará anos pagando. Mas ela não quis dar parte. É contra os princípios comunistas, ao que parece, dar parte à polícia de um trabalhador; a pobre declarou com muita dificuldade, por causa do aparelho, que a culpa fora sua.

— E foi mesmo — disse Niels com firmeza. — Ela estava errada.

— Não concordo absolutamente com seu ponto de vista — gritou Kay. — Será que todos aqueles que não compreendem suas atitudes terão o direito de lhe dar um soco na boca? . . . Ou, então, que todas as vezes em que tentar agir bem, seja mal interpretada?

— Acontece que uma moça não deve agir assim com motoristas de táxi — observou Niels.

— Preconceitos europeus, meu caro — retorquiu Kay —, pois eu trato bem todos os motoristas de táxi e, até hoje, nada me aconteceu.

— Nunca mesmo, queridinha? — perguntou a irmã de Libby, olhando-a quase com piedade.

— Bem, para ser franca, certa vez, um deles tentou meter-se na parte traseira do carro comigo.

— Céus! — exclamou Libby. — E o que fez você?

— Mandeí que saísse imediatamente — disse Kay.

O barão riu gostosamente, pois já chegara à conclusão de que Kay era uma polemista nata.

— Mas Kay, minha criança, que fez você para que o homem tivesse a audácia de tentar uma coisa dessas? — indagou Libby.

— Absolutamente nada — respondeu Kay. — Estávamos conversando e, repentinamente, o homem disse que eu era bonita e

que gostava do perfume que eu usava. Parou o carro e quis atacar-me.

— Pelo menos, mostrou bom gosto. Não é mesmo, Elizabeth?

Niels falava de Kay, mas olhava tão ardentemente para Libby, com os seus olhos muito azuis, que esta sentiu os joelhos tremerem.

Daí por diante, a discussão generalizou-se. Kay queria falar da marcha de protesto liderada por Harald. "Seu retrato saiu em quase todos os jornais", declarou. Libby suspirou, aborrecida por causa da irmã e do cunhado. Mas a história resultou fascinante, pois não era muito comum. Parece que Harald estava dirigindo uma peça para um grupo teatral esquerdista dos subúrbios. Tratava-se de uma espécie de cooperativa, mas que, na verdade, era dirigida pelos comunistas, conforme Harald descobriu depois. A peça versava sobre problemas trabalhistas, e a platéia era formada em sua maioria por gente arregimentada pelas uniões sindicais.

— Assim, quando Harald descobriu que os comunistas queriam controlar tudo, sem dar liberdade a ninguém de ter opinião própria, organizou com os atores um piquete de protesto em torno do teatro.

O homem que trabalhava no *Herald Tribune* disse, coçando o queixo:

— Eu me lembro desse negócio. — Olhou curiosamente para Harald.

— Seu jornal publicou tudo — lembrou Kay —, e o *Times* também.

— Como uma espécie de aviso? — perguntou a autora.

Harald balançou a cabeça e deu de ombros.

— Continue, se acha que deve — disse para Kay.

— Bem, o público não podia atravessar o piquete, é claro, mesmo sabendo que não era formado pela maioria dos atores. Assim, a direção concordou em ceder e mostrar semanalmente os *borderaux* aos atores e outras exigências. Formaram uma comissão, e Harald foi nomeado presidente. Depois, voltaram todos para o teatro.

— E o espetáculo continuou! — concluiu Harald, com um floreio irônico da mão.

— E você ganhou — disse Niels. — Muito interessante.

— Na prática, explicou Kay — os atores continuavam recebendo os quarenta dólares mínimos exigidos pelo sindicato dos atores, isso porque o espetáculo não tinha boas casas.

— Mas em princípio — disse Harald acidamente — foi uma vitória retumbante. — Seu rosto quase esquelético parecia muito triste.

Libby notou que ele nada bebera, talvez por ter prometido a Kay.

Sua peça, pobre homem, jamais fora montada, porque, repentinamente, a esposa do produtor pedira o divórcio, exatamente quando estavam escolhendo o elenco, retirando o apoio financeiro e, como conseqüência, iniciara-se uma ação judicial, de cuja solução dependia a peça de Harald. Harald jamais gozara das simpatias de Libby. Diziam que ele ia para a cama com qualquer mulher e que Kay, por ainda estar muitíssimo dominada intelectualmente por ele, ou não sabia, ou pouco se importava. Mas a verdade é que Harald encantara Niels completamente, em virtude de lhe ter falado algumas frases em norueguês e recitado umas estrofes do Peer Gynt.

— Camarada formidável, este Petersen — comentou Niels para Libby. — Você tem uns amigos encantadores.

Aliás, até sua irmã comentou que Harald era o tipo do feio atraente.

E, durante todo esse tempo, Polly e Gus Le Roy continuavam isolados na janela, conversando. Seus copos estavam vazios. Polly bebia muito pouco, pois alcoolismo era um mal da família (um de seus tios, completamente bêbado, entrara a cavalo num dos hotéis mais elegantes de Boston), mas abria exceção para vinhos e licores exóticos, como o Gold-wasser e aquele outro que tem uma arvorezinha dentro da garrafa. Libby, de passagem, apanhou os copos e tornou a enchê-los.

— Acho que ele a convidou para jantar — comunicou a Kay — e tome nota das minhas palavras: ela vai recusar. Vai inventar uma daquelas desculpas bizarras que só ela descobre, dizer que tem de voltar para casa.

O fato é que logo depois Polly estava "lamentando ter de se retirar" e perguntando se poderia levar um pouco do *bowle* para o pobre Sr. Schnneider. Libby levantou os braços.

— Mas por quê? — quis saber. — O homem pode tomar um cálice de vinho em qualquer bar das vizinhanças. Por que você vai ter esta amolação?

Polly corou, encabulada:

— Lamento, mas a culpa é minha. É que falei sobre o *bowle* que você ia preparar e, então, ele e o Sr. Scherbateyeff tiveram uma tremenda discussão sobre os ingredientes que devem entrar nos ponches feitos à base de vinho branco. Seja como for, prometi levar um pouquinho de *bowle* para eles provarem. Isto é, se você tiver algum sobrando.

Libby olhou para a terrina de ponche: restava um terço do conteúdo e os convidados estavam começando a se retirar.

— Não vai servir para amanhã — interveio Kay diplomaticamente. — As cerejas estragam à toa. A não ser que você as retire e...

— Se tiver uma cremeira, serve — insistiu Polly. — Ou, então, uma daquelas tigelas de guardar maionese.

Libby mordeu os lábios. Ao contrário de Polly, não tinha a menor paciência para aqueles tipos de refugiados germânicos que viviam falando do seu país e da "boa maneira alemã de viver". Ela e Polly já haviam discutido sobre o assunto, e a última dissera que, afinal de contas, era a pátria "deles", mas Libby retorquera que eles deviam adaptar-se ao padrão de vida dos americanos. Além disso, achava incrível que um judeu alemão consumisse mercadorias alemãs, pois havia gente que acreditava que até mesmo os autênticos e puros americanos boicotavam os produtos nazistas. A própria Libby, provavelmente, seria criticada pelo fato de ter servido Liebfraumilch na sua festa. Gus Le Roy já apanhara o chapéu e estava parado perto da porta... esperando para despedir-se dela, pensou.

Ficou com medo de deixar transparecer sua irritação. "Vejam só", teve vontade de dizer, "Polly tem a oportunidade de ir jantar num bom restaurante e, em lugar disso, prefere ir para casa por causa de uma promessa boba que fez! Francamente, chega a ser perversidade!" Além disso, nenhum homem, nem mesmo um com tendências socialistas, gosta de uma pequena que anda carregada de embrulhos. Libby voltou-se para Poliy.

— Mas você não pode levar isto no ônibus, Polly, vai derramar tudo.

Gus Le Roy avançou um passo:

— Pode ficar tranqüila, Srta. MacAusland, eu a levarei de táxi.

Libby quase desmaiou.

— Vamos à cozinha — disse para Polly. Precisava falar-lhe a sós. — Olhe, Polly — explicou —, pouco me importa que você leve todo o *bowle*. Afinal de contas, você ajudou a fazer. Mas, pelo amor de Deus, não leve Gus à sua casa para apresentá-lo àquela gente horrível. Faça isso por mim, se não por você.

O que Libby queria dizer é que a excentricidade da casa de Polly estava muito bem para suas amiguinhas, mas um homem, vendo aquele espetáculo, chegaria à conclusão de que uma pessoa que morava num lugar assim devia ter uma desesperada necessidade de companhia. Um homem, qualquer tipo de homem, gosta de imaginar que somos cortejadas pelos mais elegantes rivais... Libby franziu a testa. Não, não era exatamente assim que pensava. O que havia com

os outros inquilinos, com a própria casa, com suas arruinadas paredes de pedra, o tapete gasto das escadas, a bandeja com os cálices de licor trabalhados a ouro com as bordas muito gastas e o velho Sr. Scherbateyeff; tudo, enfim, o que o instinto feminino de Libby lhe dizia ser fatal para as pretensões de qualquer moça quanto aos membros dó sexo oposto. Era como que se uma visita àquela casa traisse qualquer coisa de horrível e pessoal a respeito de Polly, algo assim como um cheiro. Seria o cheiro da pobreza? Mas Gus Le Roy até que gostaria, se fosse assim. Não! Tratava-se mais do cheiro de quem vira dias melhores. Era isso mesmo! Era o que todos eles — a casa, os inquilinos e até Polly — tinham em comum. Havia conhecido dias melhores e não faziam mais diferenciações tão cruciais; não alimentavam mais ambições, guardavam dentro de si certas alegrias sepulcrais e nada mais. E, por mais estranho que parecesse, ela, Libby, poderia viver naquela casa, não que o desejasse, mas por dizer que estava colhendo material para um livro; mas Polly?! . .

— Não estou planejando coisa alguma, Libby — respondeu Polly, secamente. — Não se preocupe com o *bowle*.

— Ora, Polly, por favor, não seja bobinha — respondeu Libby. — Ida — chamou a criada. — Encha aquela coqueteleira de cristal com um pouco de *bowle* para a Srta. Andrews, mas veja se está limpa, por favor. E talvez você queira um pouco de patê, minha querida? — voltou-se rapidamente para Polly. — E que vai fazer? Ele vai até a sua porta e. . .

Chegou à conclusão, depois de algumas perguntas, de que Polly pretendia deixar o *bowle* em casa e que, depois, iria jantar com Gus Le Roy num famoso restaurante judeu que ficava pertinho de sua casa, o Caie Royal, o qual era freqüentado pelos mais famosos artistas e jornalistas israelitas.

— De quem foi a idéia? Dele?

— Minha, infelizmente — disse Polly. — Não é um lugar muito calmo.

— Bobagem — respondeu Libby. — É o local mais adequado. Mais do que perfeito.

Achou muito inteligente da parte de Polly sugerir um lugar barulhento e alegre, pois Gus Le Roy era do tipo caladão, que preferia ouvir a falar. Ela ficara extasiada quando Polly a levava àquele restaurante certa noite e não se fartara de perguntar à amiga quem eram as celebridades (cada uma delas um "nome" entre seus companheiros de raça, o que demonstra como a fama é vazia) que

iam entrando e soltando gritinhos de prazer, mal chegava a comida, até que Polly pediu que se controlasse, pois aquela gente podia sentir-se ofendida pelo fato de ser encarada como curiosidade, quando qualquer pessoa podia ver que era exatamente por isso que freqüentavam o restaurante: para exhibir-se.

— É perfeito — comentou, pensativa, colocando o indicador na bochecha. — E que vão vocês comer? Que tal aquele Borsch vermelho que nós comemos? . . .

— Ainda não pensei nisso, Libby — respondeu Polly, apanhando a coqueteleira cheia das mãos da criada.

— Não, não — disse Libby. — Enquanto Ida faz o embrulho, venha até a minha penteadeira e arranje o cabelo.

Com a mão muito leve arrumou alguns grampos prateados que prendiam o coque de Polly e que estavam meio soltos, enquanto examinava o perfil da amiga — no futuro, ela teria de ter muito cuidado com o queixo.

— Use um dos meus perfumes.

Quando Polly já ia saindo, seguida de Gus Le Roy, confiando o bigode, meio encabulado, e curvando-se para ajeitar as raposas prateadas (que tinham sido de Tia Júlia) nos ombros quase nus de Polly, Libby debruçou-se da balaustrada e obteve a promessa de que a amiga traria a coqueteleira no dia seguinte, pois talvez precisasse dela. Assim teria o *post-mortem* na hora exata.

Kay e Harald despediram-se; costumavam comer um sanduíche antes de passar pelo teatro, onde ele verificava se os atores continuavam representando seus papéis conforme os ensaiara. Às vezes, Kay o acompanhava e ficava num dos camarins, esperando.

— Kay ficava alucinada só de ver um tubo de tinta para maquilagem — explicou Libby. — Na universidade, era a diretora de todas as nossas pecinhas.

Depois, houve um daqueles longos silêncios que anunciam o fim de uma festa. Alguns convidados ainda insistiam, sem perceber que, obviamente, Libby tinha um compromisso para jantar com Niels. "Oh, fique mais um pouco", pediu à dama do Museu Metropolitano quando esta quis despedir-se, e a simpática senhora, muito dócil, tornou a sentar-se. Libby detestava a sensação de uma sala esvaziando-se de uma hora para a outra, como se todos receassem ficar em último lugar. Ainda estava claro, um maravilhoso entardecer de maio. Ida estava pronta para ir embora. Libby pagou-a e, num rasgo de generosidade primaveril, mandou que levasse o resto do patê para casa.

— Você é muito boa — murmurou Niels — com sua criada e

sua amiga, a garota Liebfraumilch.

Então, ele observara o busto de Polly? Libby riu, indecisa. A maneira como ele dissera "boa" não lhe agradara.

— Quando ficaremos sós? — sussurrou-lhe Niels ao ouvido.

A coisa acontecera mais cedo do que esperava. Imediatamente, os outros convidados, vendo-os cochichar, despediram-se. Num minuto estavam todos ali e, no minuto seguinte, haviam partido. Niels voltou-se para ela.

— Vou buscar meu agasalho — disse Libby, rapidamente. Mas foi segura pela mão.

— Ainda não, Elizabeth. Por que deixa esta gente chamá-la por um apelido tão feio?

— Não gosta?

— Gosto de Elizabeth — respondeu.

Puxou-a para si, curvou-lhe a cabeça para trás e beijou-a. Libby correspondeu. Sonhara tanto com aquele momento que até sabia como seria. . . sua cabeça caída para trás, como um cálice, recebendo os lábios dele, suas narinas frendo, os olhos fechados. Os lábios de Niels eram macios e quentes, ao contrário do que imaginara, pois sempre o via com um grosso suéter de esquí, no meio da neve, os cabelos muito louros esvoaçando por baixo do bonezinho. Tinha a impressão de que, com tanta vida ao ar livre, seus lábios deviam ser ásperos. Ele beijou-a de leve várias vezes. Então, segurou-lhe o queixo e olhou fundo em seus olhos. Beijou-a uma vez mais, apaixonadamente, chegando a privá-la da respiração. Libby recuou um pouco, tentando libertar-se. "Elizabeth!", repetiu ele e puxou-a novamente para si, beijando-a ligeiramente, murmurando seu nome. Um minuto depois — ou teriam sido horas? — começou a sentir seus dentes mordendo-lhe os lábios. Procurou afastar-se, tentando rir. "Quietinha", disse ele. Como estava ficando escuro, Libby acendeu o abajur que Ficava ao lado do sofá e, nervosamente, apoiou-se com uma das mãos na mesinha, enquanto que, com a outra, ajeitava o cabelo. Niels aproximou-se e, com os dois braços, envolveu-lhe os ombros, de modo que ela se apoiasse em seu peito, a testa aflorando o rosto do rapaz, pois era muito mais alto do que ela. Mesmo assim, de pé, Libby sentia-se à vontade, e o tempo corria. Então, ele a beijou novamente, e, antes que pudesse protestar, sentiu-lhe a língua dentro da boca. Tinha uma língua firme e pontuda.

— Tua língua, Elizabeth. Quero sentir tua língua.

Lenta e relutantemente, ela esticou a pontinha da língua e deixou que encostasse na dele; um frêmito percorreu-lhe o corpo de ponta a

ponta. As línguas brincaram em sua boca; ele tentava chupar a de Libby, mas ela não deixou. Uma campainha de alarma dizia-lhe que já tinham ido longe demais. Desta vez, ele consentiu que se afastasse livremente. Libby sorriu.

— Agora, vamos, não é? — perguntou, e ele limitou-se a passar a mão belamente manicurada para cima e para baixo sobre o braço coberto de tafetá.

— Bela Elizabeth. Que belos músculos. Você é uma garota forte, não é? Uma garota forte e ardente...

Libby ficou tão envaidecida que deixou que a beijasse novamente. Então ele abaixou as cortinas e puxou Libby para o sofá.

— Venha, Elizabeth — disse de maneira irredutível e encantadora. — Vamos ler poesias juntos e beber vinho.

Libby não conseguiu resistir ao convite, deixou que apanhasse um livro de poemas na estante e vertesse dois copos de Liebfraumilch de uma garrafa nova que ele mesmo abriu. Sentou-se a seu lado. *Skoal*, brindou.

— Minha donzela do Reno!

Libby deu uma risadinha.

— Shakespeare morreu por causa de uma dose a mais de vinho do Reno e arenques em salmoura.

Niels examinou o livro com a testa franzida; os versos favoritos de Libby estavam todos marcados e, nas margens, viam-se sinais de exclamação ou de interrogação.

— Ah, aqui está! — gritou. E começou a ler alto: "Pastor Apaixonado para Sua Amada": "Vem morar comigo e ser meu amor / E provaremos todos os prazeres..." etcetera.

Libby ficou um tantinho encabulada, aquele poema era tão bobo, conhecia-o de cor desde os dezesseis anos. Ao terminar, voltou-se e beijou-a famintamente.

— Oh, meu caro senhor, tenho a impressão de que não conhece a resposta a este poema — disse rindo. — Chama-se "A Resposta da Pastora" e é de Sir Walter Raleigh. — Começou a recitar de cor:

— "Se o mundo e o amor fossem jovens / E a verdade estivesse na boca de todos os pastores... / Então esses prazeres talvez dominassem minha mente / E eu viveria com ele e seria sua amante".

Não conseguiu lembrar-se do resto e pediu o livro emprestado. Niels exigiu um beijo como pagamento. Um beijo bem longo. Ela estava um pouco tonta quando, maquinalmente, com o dedo, procurou no índice o nome de Raleigh. A mão dele acariciava seus cabelos e as páginas teimavam em ficar coladas. Tentou ignorar a mão, que agora

já estava na altura do seu pescoço, brincando com a gola do vestido, e insistiu em procurar o poema. Repentinamente, sentiu que um dos fechos nas costas do vestido se abria com um estalinho seco.

Ao ouvir o ruído, todos os sentidos de Libby ficaram alerta, e um ligeiro calafrio percorreu-lhe a espinha. Seus olhos ficaram embaciados. Engolia com dificuldade. Percebeu que ele pretendia seduzi-la. O livro caiu-lhe no colo. Aquela devia ser a maneira européia de cortejar uma mulher. Esses condes e barões usam um sistema tão óbvio, que a gente chega a achar absurdo. Oh, pobre Niels, como descera em seu conceito. Se soubesse como estava sendo antiquado! Sub-repticiamente outra pressão foi aberta. Libby ainda não sabia se devia ficar zangada ou rir. Como mostrar-lhe que estava enganado, de maneira a não magoá-lo e a poderem jantar, finalmente? Seus sentidos tinham cessado de funcionar, como um relógio que não faz mais tique-taque, e seu sangue pulsava tranqüilamente. Como se percebesse a mudança, ele voltou-lhe a cabeça e olhou em seus olhos. Libby engoliu outra vez. Quando a atraiu para si, beijando-a novamente, ficou com os dentes cerrados. Tal atitude seria um aviso.

— Donzela de Gelo — disse ele, repreendendo.

— Chega, Niels — falou Libby, tentando parecer bem mais amigável do que na verdade se sentia. Plantou os pés firmemente no chão, fechou o livro e começou a levantar-se. Mas, repentinamente, ele a prendeu num círculo de ferro e trouxe-a de volta ao sofá.

— Beije-me — pediu com voz rouca. — Não, assim não! A língua.

Libby achou melhor concordar. O homem era tremendamente forte e lembrou-se horrorizada de ter ouvido falar que os atletas, às vezes, tinham necessidade urgente de sexo e que os escandinavos eram os mais ferozes Don Juans do mundo. Quem dissera aquilo?. .. Kay? O beijo já a magoava, pois ele mordia-lhe os lábios.

— Por favor, Niels! — gritou, arregalando os olhos e verificando que ele a contemplava de maneira estranha, com os lábios entreabertos como se fosse um animal selvagem pronto a atacar a presa. Agora, parecia uma pessoa completamente diferente. Prendia-a com o peso de seu corpo, enquanto com as mãos continuava a acariciá-la. Quanto mais lutava, mais ele parecia determinado. Na luta, todas as pressões se abriram, e uma das alças do porta-seio arrebentou. Então, ouviu um horrível ruído de fazenda rasgada... O vestido novinho que comprara na liquidação da loja Bendel! Com uma das mãos, ele arrebentou o corpete, deixando uma das mangas balançando tristemente no braço, enquanto que com a outra mantinha-a na mesma posição, torcendo-lhe

o pulso quando ela tentava libertar-se. Mergulhou o rosto em seu pescoço e começou a levantar-lhe a saia.

Libby chorava de terror. Pensou em gritar por socorro, mas lembrou-se de que jamais falara com seus vizinhos e não podia arriscar-se a ser encontrada por estranhos naquela situação. Desanimada, lembrou-se de que, no caso de Polly, os outros hóspedes da casa a salvariam num segundo. Pensou em desmaiar! mas então o que aconteceria? Os médicos de Vassar costumavam dizer que mulher não pode ser violada contra sua vontade. Tinham ensinado as moças a chutar os testículos do homem ou, então, dar-lhe uma joelhada. Quando começou a tentar essa defesa, apontando o joelho para aquele que julgava ser o lugar exato, Niels soltou uma risadinha debochada e deu-lhe um tapinha no rosto.

— Mazinha.

A transformação dele era a coisa que mais lhe doía.

— Você é virgem? perguntou repentinamente, parando no momento em que ia alcançando seu intento.

Libby, sem fala, fez que sim com a cabeça. Sua única esperança agora era apelar para a piedade.

— Oh, que chateação! — exclamou ele relaxando o braço. — Elizabeth, você é uma chata! — riu, maldoso. — É melhor dizer. Libby, não é?

Com um empurrão, levantou-se. Nunca em toda sua vida, Libby se sentira tão magoada. Continuou no mesmo lugar, soluçando, com o vestido dilacerado, observando-o com seus grandes olhos castanhos, cheios de pavor. Niels abaixou-lhe a saia, cobrindo as calcinhas de malha.

— Não seria nada divertido acabar com a sua virgindade — comentou.

E, calmamente, encaminhou-se para o banheiro. Libby ficou sozinha com o livro de versos. Ouviu-o usar o banheiro sem ao menos fechar a porta e puxar a válvula. Depois, assobiando despreocupadamente, sem despedir-se, saiu do apartamento. Libby ouviu o clique da fechadura, seus passos na escada, e foi tudo.

Levantou-se com dificuldade e encaminhou-se diretamente para o espelho. Estava uma ruína. O pior é que sentia uma fome desesperada: ele podia ter esperado, pelo menos até depois do jantar. E mandara Ida levar o patê. "Você é muito boa", disse para sua imagem refletida no espelho. "Bela Elizabeth". Seus sentimentos eram os mais tumultuados. É claro que Niels não podia considerá-la uma chata; é que tivera de desabafar seu aborrecimento, ao saber que ela era

virgem. Sua educação de aristocrata forçara-o a parar. A educação que recebera é que era chata. Queria violá-la e depois empanturrar-se, como faziam os velhos vikings. Pelo menos, teria sido um final dramático e conclusivo. Ela teria perdido a honra. Mas, quando menos, ficaria sabendo como é que a gente faz aquilo com um homem. Libby tinha um segredinho que era só seu: às vezes, praticava o prazer solitário no banheiro, depois de tomar banho. A seguir, sentia-se sempre arrasada, como que combalida e humilhada, imaginando o que pensariam os outros vendo-a naquela situação, especialmente quando tocava no que chamava "o pontinho". Olhou-se mais uma vez no espelho, perguntando a si mesma se Niels teria adivinhado: será que fora isso que o fizera pensar que ela tinha experiência? Dizem que a coisa dava olheiras. "Não", murmurou consigo dando de ombros. "Não". Era preciso esquecer tudo. Ninguém poderia adivinhar. E ninguém adivinharia tampouco o episódio vergonhoso, doentio e bestial que acabara de lhe acontecer. Niels não contaria a ninguém. Ou contaria?

10

Priss Hartshorn Crockett estava dando de mamar ao filhinho. Essa era a grande novidade.

— Nunca esperei ter um neto que mamasse na própria mãe — comentou a mãe de Priss, aceitando o coquetel que lhe era oferecido pelo Dr. Sloan Crockett, seu genro, um promissor pediatra.

Aquela era a hora dos *drinks* no quarto que Priss ocupava no

Hospital Nova York, uma hora muito alegre. Todos os fins de semana, Sloan recebia os amigos no próprio hospital, onde fixara residência, e, assim, tinha bastante gelo, graças à boa vontade do pessoal da cozinha.

— Aliás, a senhora nunca esperou ter um neto, mamãe — comentou Priss, da cama, com sua ligeira gagueira nervosa. Usava um casaquinho azul-claro, e seu cabelo acinzentado fora arrumado em ondas por uma enfermeira estudante. Os lábios estavam pintados com uma tonalidade nova de batom, e o rosto empoado, pois o médico-assistente, assim como Sloan, achava que as parturientes deviam cuidar da aparência até mesmo durante as dores do parto, por uma questão de moral. Priss, cuja personalidade era sabidamente insignificante, parecia uma figurinha irreal, uma boneca, sentada na cama. Sloan a chamava de Ella Cinders, personagem de uma das mais famosas histórias em quadrinhos. Gostaria muito mais de usar uma daquelas confortáveis camisolas hospitalares amarradas nas costas, mas, todas a manhãs, as enfermeiras obrigavam-na a trocar uma nova camisola de cetim e rendinhas do seu enxoval. Ordens do doutor, explicavam.

As enfermeiras tratavam Priss com um carinho todo especial, porque tivera três abortos até conseguir dar à luz um filho. Para ter certeza que desta vez chegaria ao fim, abandonara o emprego na Liga das Freguesas e passara os cinco primeiros meses da gravidez deitada, pois seu útero era invertido. Ainda assim, no último mês, tivera uma complicação hepática, tendo de alimentar-se por via venosa até a inflamação ceder. Felizmente, agora, conforme dizia a Sra. Hartshorn, a natividade acontecera. E acontecera no dia de Santo Estevão, o que se seguia ao Natal, quando Priss teve um menino com quase três quilos, depois de um parto normal, apesar de haver esperado quase vinte e duas horas. O quarto estava cheio de flores e, ao lado da cama, tinham colocado uma pequena árvore de Natal. A criança seria batizada com o nome de Estevão, em homenagem ao primeiro mártir do cristianismo.

No momento, o garotinho estava *no* berçário, que ficava no fim do corredor, virando a cabecinha para os lados, devidamente protegido pelas paredes de vidro e aguardando a hora de comer, ou seja, as seis horas. Entretanto, Priss tomava uma gemada, a fim de ajudar a lactação; os líquidos eram muito importantes naquela fase, mas, durante a gravidez, chegara a detestar leite, pois era obrigada a beber mais de um litro por dia, pois do contrário, diziam os médicos, perderia todos os dentes ao formarem-se os ossos do bebê. Agora, para tentar-lhe o paladar, as enfermeiras faziam gemadas e ofereciam-

lhe toda espécie de sucos de frutas, *ginger ale* e Coca-Cola, enfim, todos os tipos de líquidos, menos álcool, visto que se bebesse um só martini o pequenino Stephen, por sua vez, tomaria gim. . . ao mamar!

Enquanto sacudia o gelo na coqueteleira, Sloan conversava com Allen, irmão de Priss, aluno da Faculdade de Direito de Harvard, que viera passar as festas com a família. Os dois eram grandes amigos, talvez por serem fervorosos republicanos, ao contrário de Priss e sua mãe. Aliás, o liberalismo parecia ser a nota dominante naquela família, pois a Sra. Hartshorn tivera tremendas brigas com o marido por causa de Wilson e da Liga das Nações, sendo agora a vez de Priss e Sloan discutirem sobre Roosevelt e a socialização da Medicina. Para Sloan e Allen, tinha sido um dia negro aquele em que o Supremo Tribunal quebrara a Águia Azul e fizera Priss perder o emprego. Quanto a ela, nunca achara excitante trabalhar para a Liga das Freguesas; era mais um trabalho voluntário do que outra coisa e, assim, fora-lhe extremamente fácil renunciar para esperar a chegada de Stephen.

Priss acertara ao abandonar o emprego, apesar de, por vezes, sentir a falta de trabalho e de se preocupar um pouco com as finanças domésticas, embora ela e Sloan, que atualmente já tinha uma clientela bastante boa (trabalhava com um pediatra de grande fama), usassem o seu ordenado somente para os cigarros, entradas de teatro e cinema, esmolas e compra de livros, pois Priss gostava muito de ler. Sua mãe pouco podia ajudar, visto ter de pagar os estudos dos dois filhos mais moços (Linda estudava em Bennington), o que constituía carga muito pesada para uma pobre viúva, como ela mesma alegremente se definia. Costumava mandar Irene, sua fiel camareira, diariamente, arrumar a casa da filha assim como Lilk, a cozinheira, que providenciava sempre um pratinho gostoso para Sloan. Quando Priss saísse do hospital, Irene que também tinha filhos, passaria duas semanas dormindo no quarto de crianças, o qual afinal era a sala de jantar adaptada como berçário de emergência; assim, não teriam de contratar uma ama profissional.

Este foi o presente que a Sra. Hartshorn deu ao jovem casal; para o recém-nascido deu um canhãozinho, uma verdadeira loucura, e, depois da primavera, mandaria o bercinho que usara para Linda, assim como sua cadeirinha de comer e outras coisas semelhantes que guardava na casa de veraneio de Oyster Bay, embora todos lhe dissessem que aquelas antigas cadeirinhas de comer já não se usavam. No entanto, Stephen dormiria numa cesta de lavanderia forrada com o colchão do carrinho, idéia muito engenhosa que Priss tivera, lendo um panfleto

do Departamento do Trabalho sobre cuidados maternos.

— É isso mesmo, minha querida, não estou fazendo trocadilhos, não... é Departamento do Trabalho mesmo — disse a Sra. Hartshorn a Polly, quando esta visitou Priss, logo depois do nascimento.

Allen quase morreu de rir:

— E por que não Departamento... do Interior? Priss ficou zangada com a brincadeira do irmão.

— O panfleto é um excelente manual caseiro — protestou com toda a honestidade — e Sloan pensa a mesma coisa, Allen.

Lahey, que estava fazendo um curso na Sorbonne, mandara um traje de batizado digno de um delfim, e a supresa foi geral, pois havia anos que não escrevia. Pokey Prothero Beauchamp, que tivera gêmeos no ano anterior, enviara uma balança infantil, idéia utilíssima, na verdade. Todos tinham sido tremendamente gentis. Dottie Renfrew Latham providenciara, lá do Arizona, que a loja Bloomingdale entregasse um esterilizador completamente equipado com mamadeiras e fraldas, em lugar do convencional copinho de prata para as papas do nenê. Aliás, o aparelho seria utilíssimo quando o leite de Priss acabasse.

A Sra. Hartshorn, depois de olhar carinhosamente para a filha, disse baixinho:

— É curioso, Polly, que Priss seja a primeira do grupo a conseguir isto. Imagine que ela era tão magrinha que nunca conseguiu usar um porta-seio. Sloan diz sempre que o tamanho pouco importa. Espero que esteja certo. Eu quase que chamo o acontecimento de milagre dos pães e dos peixes. As outras crianças do berçário alimentam-se com mamadeira. As enfermeiras dizem que assim é melhor. Concordo plenamente com elas. Estes médicos vivem agarrados a teorias, mas as enfermeiras encaram apenas os fatos.

Engoliu o martini de uma vez, como se fosse um remédio, gesto habitual nas senhoras de sociedade da sua idade. Limpou os lábios e recusou "um restinho" da coqueteleira.

— O progresso é uma coisa curiosa, não é, Polly? — perguntou num tom um pouquinho mais alto, sacudindo ligeiramente os cachos alvíssimos.

— A mamadeira era o verdadeiro símbolo do progresso nos meus dias. Linda foi alimentada exclusivamente com mamadeira. E você não pode imaginar a diferença. Para a minha geração, a mamadeira significava o fim de cólicas inexplicáveis e do jovem marido desesperado, andando a noite inteira de um lado para o outro acalmando o bebê. Nós, as da *avant-garde*, jurávamos pela

mamadeira. Minha sogra ficava horrorizada, e agora sou eu quem fico.

O genro ouviu e sorriu com tolerância. Era um rapaz alto, de perfil bonito, e fizera seu curso de Medicina com grande dificuldade, pois o pai, médico do Exército, morrera de gripe durante a guerra, enquanto a mãe trabalhava como encarregada de uma escola para meninas na Virgínia. Priss o conhecera na festa de debutante de uma de suas primas, durante o primeiro ano da universidade, e fora apresentada por um outro primo, também estudante de Medicina, ao qual tinham encarregado de trazer outros rapazes.

— A Medicina parece basear-se em ciclos — continuou a Sra. Hartshorn. — Pelo menos é o que eu depreendo das conversas de Sloan. É como essa teoria de não sei o que sobre a história de que tanto falam hoje em dia. Em primeiro lugar, nós alimentávamos nossos filhos no peito; aí a Medicina disse que estava errado. Agora dizem que, afinal de contas, estávamos certas. Ou será que estávamos erradas, mas que agora está tudo certo? A coisa me faz lembrar a teoria da relatividade, se é que eu compreendo o Sr. Einstein devidamente.

Sloan ignorou os comentários da sogra.

— Amamentando Stephen — explicou pacientemente — Priss lhe transmite imunidades num período de, aproximadamente, um ano. Ficaré imune ao sarampo, catapora ou coqueluche. Além disso, terá uma certa proteção contra os resfriados. É claro que, em certos casos, a criança não se dá bem com o leite materno, passa mal do estômago e coisas semelhantes. Então, é necessário aquilatar as vantagens e desvantagens do aleitamento pela própria mãe.

— E não é verdade que, psicologicamente falando — acrescentou Polly —, a criança que é amamentada no seio materno tem uma ligação muito maior com a mãe do que aquela que usa mamadeira?

Sloan franziu a testa.

— A Psicologia ainda está muito longe de ser uma ciência — declarou. — Fiquemos com os fatos reais. Fatos demonstráveis. Podemos demonstrar cientificamente que a criança amamentada pelo leite materno adquire as imunidades da mãe. E podemos provar pela balança que Stephen está ganhando peso diariamente, prima Luísa. — Era assim que chamava a sogra. — E não podemos discutir com a balança.

No silêncio que se interpôs, ouviu-se o choro de uma criança.

— É Stephen novamente — explicou a Sra. Hartshorn. — Reconheço a voz. Grita mais alto do que qualquer outra criança no

berçário.

— Mostra assim que é um rapazinho muito forte — replicou Sloan. — Será que não está reclamando o jantar, hein, Priss?

Priss sorriu languidamente.

— Sloan disse que o choro faz bem aos pulmões da criança — explicou.

— Ficam mais fortes — acrescentou Sloan. — Como um fole. Aspirou o ar e soltou-o novamente.

A Sra. Hartshorn olhou as horas.

— Será que a enfermeira não poderia trazê-lo de uma vez? — perguntou. — Falta um quarto para as seis.

— Temos de respeitar o horário, mamãe — disse Priss em voz alta. — As crianças do seu tempo tinham cólicas, não por serem alimentadas no seio materno, mas porque todas as vezes que choravam lhe davam de mamar. O importante é manter-se rigidamente dentro do horário!

Bateram na porta meio aberta. Chegavam outras visitas: Connie Storey e o marido, bem como o jovem Dr. Edris, que fora o companheiro de quarto de Sloan na faculdade. O rumor das conversas cresceu, e o quarto ficou cheio de fumaça dos cigarros. A Sra. Hartshorn abriu uma das janelas, tentando estabelecer uma *courant d'air*. Que adiantava manter o bebê num aquário para depois trazê-lo para um aposento cheio de fumaça?

— Isso para não mencionar nossos micróbios — acrescentou, aspirando com muito cuidado, como se os seus micróbios particulares fossem especialmente vigorosos e muito bem nutridos.

Sloan sacudiu a cabeça.

— Um bebê precisa criar certas imunidades, no hospital, antes de ir para casa. Se não for exposto aos micróbios, ficará doente assim que sair do berçário. Acho que exageramos esta questão de esterilização, não é, Bill? Pelo menos, um pouquinho.

— Depende — respondeu o Dr. Edris. — É impossível convencer uma jovem mãe deste ponto de vista.

Sloan sorriu fracamente.

— Ferver o chocalho do bebê todas as vezes que ele o deixa cair — citou.

— Mas você não acha que é melhor ferver, Sloan? — perguntou Priss ansiosamente. — É o que está escrito no folheto de cuidados com o bebê.

— Ora — acrescentou Allen — vai ver que o tal folheto foi escrito por uma graduada por Vassar para as mulheres que moram nos

cortiços.

— Além disso, os chocalhos estão fora de moda — replicou Priss energicamente. — Todo mundo sabe que são anti-higiênicos e quebram com facilidade.

— É um brinquedinho muito perigoso — concordou Sloan. Houve um silêncio.

— Às vezes, Sloan gosta de bancar o iconoclasta — observou Priss sorrindo. — Vocês deviam vê-lo assustando as enfermeiras.

A Sra. Hartshorn sacudiu a cabeça.

— Sinal muito promissor num médico. Inspira confiança — disse ela. — Não sei por que, mas a gente confia sempre num médico que não acredita na Medicina.

No meio da gargalhada geral, uma enfermeira bateu à porta.

— Queiram desculpar, senhores e senhoras, mas é hora de alimentar a criança.

Quando todos os visitantes saíram, fechou a janela que a Sra. Hartshorn abrira e só então foi buscar o bebê. Vestia uma longa camisola branca e seu rostinho estava vermelho e inchado; a enfermeira colocou-o ao lado de Priss na cama. Eram exatamente seis horas.

— Qual deles vai dar hoje? — perguntou. Priss, que abaixara uma das alças da camisola, indicou o seio direito. A enfermeira limpou-o com um algodão embebido em álcool e deu-o ao bebê, que começou logo a sugar, não sem antes ter reagido ao gosto do álcool. Depois foi esvaziar os cinzeiros e recolher os copos vazios:

— Festinha animada, a de hoje, não foi?

O comentário soou aos ouvidos de Priss como uma crítica; assim, preferiu não responder. Trincou os dentes. No princípio, a boca do filho magoava-lhe o mamilo. Tinha os seios muito sensíveis e detestava que Sloan os tocasse no ato amoroso, mas esperara que, ao amamentar a criança, tivesse uma sensação diferente. Havia gente que dizia ser a amamentação sensualmente satisfatória para a mulher, e ela pensava que, se se habituassem com um bebê, não se importaria com um adulto. Apesar de nunca ter dito nada a Sloan, essa fora uma das principais razões pela qual concordara em amamentar Stephen: para poder proporcionar a Sloan, que tinha direito àquilo, mais prazer na cama. Mas, até então, tudo o que se referia a sexo, para ela, continuava a ser um martírio, e tinha de usar de toda a sua força de vontade para não deixar transparecer o seu desagrado. Agora, a enfermeira a observava, a fim de ver se a criança sugava devidamente no mamilo.

— Descontraia-se, Sra. Crockett — disse amavelmente. — A criança sente imediatamente, se a senhora retesar os músculos.

Priss suspirou e tentou abstrair-se. Mas, quanto mais o tentava, mais nervosa e concentrada ficava. Tentou rir.

— A senhora deve estar muito cansada — observou a enfermeira.

Priss concordou com a cabeça, satisfeita por encontrar alguém que a compreendia e, ao mesmo tempo, sentindo-se desleal para com Sloan, que não sabia que ela detestava ver tanta gente, especialmente um grupo tão heterogêneo, conversando sobre seu leite.

Mas quando a criança (gostaria que a enfermeira chamasse o menino de "Stephen", em lugar de "bebê") começou a mamar ritmicamente, com uma espécie de grunhido, ficou mais calma. Não gostava dos chupões, contudo gostava daquele cheiro de leite fresquinho, que lhe lembrava desnatadeiras e leiterias, e daquele tufo de cabelo ralo e do calor do filho. Pouco depois já não pensava mais nos chupões, a não ser como um ritmo hipnótico: a enfermeira colocou a campainha ao alcance da mão e saiu do quarto na ponta dos pés. Priss estava quase adormecendo, quando percebeu que Stephen parara e também dormia. Sua boquinha cessara de mamar e, agora, produzia um barulhinho semelhante a um ronco. Ninou a criança ligeiramente, como a tinham ensinado, mas, com o movimento, o mamilo saiu-lhe da boca. Ele virou a cabeça para o lado e continuou dormindo sobre o peito da mãe. Priss ficou aterrorizada. Tentou virar-lhe a cabecinha e meter-lhe o seio na boca. A criança resistiu, suas mãozinhas levantaram-se e bateram-lhe fracamente nos seios. Mudou de posição e olhou para o relógio. O bebê mamara somente sete minutos, e supunha-se que devia mamar quinze, a fim de conseguir a quantidade suficiente de leite até a próxima lactação, que seria às dez horas. Tinham-lhe avisado que não deixasse dormir. Apertou a campainha, a qual acendia uma luz na porta do quarto.

Ninguém atendeu; procurou ouvir: silêncio completo no corredor! Não se escutava nem mesmo um choro de criança vindo do berçário. Obviamente, todas estavam sendo alimentadas — todas menos o pobre Stephen — e as enfermeiras deviam estar ocupadíssimas entregando as mamadeiras. Tinha verdadeiro pavor a ficar sozinha com o filho e fazia o impossível para conversar com a enfermeira e, assim, mantê-la em sua companhia. Mas, no dia anterior, haviam nascido mais duas crianças na enfermaria e, portanto, mais duas mães esperavam ser atendidas. Conseqüentemente, Priss passara a ser mãe "antiga", que, supunha-se, já devia saber tomar conta de si.

No entanto, aquela era a primeira vez que a deixavam completamente só; de modo geral, a enfermeira metia a cabeça pela porta de vez em quando, para ver como iam as coisas. Priss estava com medo de que a enfermeira percebesse que ela estava com medo do filho. . . sua carne e seu sangue.

Mais três minutos se passaram, e ninguém apareceu. Pensou em Sloan, que devia estar na sala de visitas com sua mãe e o Dr. Edris, conversando e distraíndo-se, pois a disciplina hospitalar proibia aos pais verem as mães amamentarem os filhos, e essa era uma regra que o marido jamais contrariava. Quem sabe se um dos internos, de passagem, não notaria a luz acesa? Olhou novamente o relógio: mais dois minutos. Teve a impressão de que ela e Stephen haviam mergulhado na eternidade ou, então, que eram dois prisioneiros amarrados um ao outro num castigo pavoroso. Era inútil recordar que aquela carga era um filho seu e de Sloan. Muito ao contrário, tinha a impressão de que não passava de um objeto do hospital que alguém esquecera no seu colo e que jamais seria recolhido.

Nesse momento, Stephen acordou. Deu um longo suspiro, escondeu a cabeça no seu peito e recomeçou a dormir. Priss sentia seu narizinho contra a pele muito sensível, e a idéia de que podia morrer sufocado deixou-a apavorada. Isso acontecia freqüentemente às crianças nos berços. Talvez até já estivesse sufocado — procurou ouvir e não conseguiu distinguir a respiração. O coração batia-lhe, descompassado. Tentou mover a cabecinha, mas o bebê resistiu, e ela ficou com medo de tocar nas partes ainda moles do crânio. Entretanto, conseguiu ver que, pelo menos, ainda estava vivo. Aliviada, tentou dominar-se e tomar uma resolução inteligente. Podia ligar para a mesa telefônica e pedir ajuda. Duas coisas, porém, a detiveram: em primeiro lugar, sua timidez e a vontade de não se fazer incômoda; em segundo, o fato de o telefone estar do lado direito da cama e de, para alcançá-lo, ter de mover Stephen — e este é que era o problema. Estava apavorada. Apavorada pelo que pedira a si mesma. Apavorada de que a criança começasse a gritar.

"Priss Hartshorn Crockett", disse mentalmente para si mesma, "então você está disposta a deixar seu filhinho recém-nascido morrer sufocado só por não poder ouvi-lo chorar? O que pensaria sua mãe de uma coisa destas?" Determinada, começou a sentar-se, e bastou este movimento para que o bebê fosse deslocado e caísse ao seu lado, na cama, começando logo a berrar furiosamente. Naquele momento, a porta foi aberta.

— Que há? — perguntou a praticante de enfermagem favorita de

Priss. Esta agradeceu a Deus não ser a outra enfermeira. A moça, de uniforme listrado de azul e branco, apanhou Stephen e começou a niná-lo.

— Vocês brigaram?

O bom humor não era o forte de Priss, mas agora, que via o filho a salvo nos braços fortes e protetores da enfermeira, riu aliviada.

— Ele está bem? Creio que perdi o controle.

— Está muito bem, *madame*, não é? — perguntou a moça, dirigindo-se à criança. — Agora, ele quer dormir.

Enrolou-o na manta, dando-lhe uma pancadinha nas costas para ajudar a digestão.

— Não, não! — gritou Priss. — Dê-mo de volta. Ele ainda não mamou o bastante. Eu deixei-o dormir.

— Oh, não diga! — comentou a moça. — Foi então por isso que a senhora ficou tão assustada. Pois então eu espero até acabar.

Desembrulhou o bebê e devolveu-o ao colo de Priss.

— É preciso que alguém o ajude a arrotar — explicou. — Eles engolem muito ar.

Delicadamente, meteu-lhe o mamilo na boquinha. O bebê afastou a cabeça e começou a chorar. Evidentemente, estava zangado. As duas moças — Priss era mais velha — entreolharam-se, preocupadas.

— Isto acontece sempre? — perguntou Priss.

— Não sei — respondeu a outra. — A maioria dos bebês alimentam-se com mamadeira, mas costumam agir assim quando o buraco da chupeta não está suficientemente largo; ficam zangados e empurram a mamadeira.

— É porque o leite custa a sair — comentou Priss. — É o meu problema. Mas não ficaria preocupada se ele empurrasse uma mamadeira. Seu rostinho miúdo parecia arrasado.

— Ele deve estar cansado — explicou a praticante de enfermagem. — A senhora o ouviu esta tarde?

Priss fez que sim com a cabeça, olhando para o filho.

— É um círculo vicioso — falou tristemente. — O pobrezinho chora por ter fome e, depois, fica cansado demais e não tem força para mamar.

A porta tornou a abrir-se.

— Você deixou a luz da Sra. Crockett acesa — disse a enfermeira mais velha, entrando. — Devia saber que a campainha deve ser desligada logo ao entrar. O que há?

— Ele não quer mamar — explicou Priss. As três mulheres entreolharam-se e suspiraram a um só tempo.

— Vejamos se a senhora ainda tem leite — disse, finalmente, a

enfermeira mais velha de maneira prática. Moveu habilmente a cabecinha do bebê para um lado e apertou de leve o mamilo de Priss: saiu uma gota de líquido aguado.

— A senhora pode tentar — concedeu — mas o pobrezinho vai ter de fazer muita força. É claro que quanto mais força fizer, mais leite a senhora produzirá. O seio deve ser bem esvaziado. — Tornou a apertar o mamilo e enfiou-o na boca do bebê. Observada pelas duas mulheres a criança sugou um minuto, dois minutos, e depois, parou.

— Devemos apertar a bomba outra vez? — perguntou Priss com um sorriso desanimado. A enfermeira mais velha curvou-se.

— É inútil, o seio está vazio. Não vale a pena cansar o pobrezinho à toa. Vou levá-lo para a balança.

Logo depois, a praticante de enfermagem voltava ofegante.

— Aumentou duas onças! — informou. — Devo avisar suas visitas que já acabou de amamentar?

Priss nadava em felicidade. A bandeja com o jantar chegou, enquanto esperava que a família voltasse. Sentia-se faminta.

— Acabamos de ter conhecimento de sua estatística vital — anunciou a Sra. Hartshorn.

— Duas onças é muita coisa? — perguntou Allen, em dúvida.

— Uma média alimentar excelente — declarou Sloan. — O leite de Priss é altamente concentrado, apesar de não ser muito abundante.

Era por isso que o bebê se desenvolvia tão bem, apesar do aborrecimento demonstrado depois de cada refeição. Em seguida despediram-se para que Priss pudesse jantar em paz. Sloan levou a coquete-leira, visto que, no próximo fim de semana, Priss já estaria em casa.

Priss apanhou o último número do *Consumer's Report*; esperava que publicassem um artigo sobre alimentos em conserva para crianças. Sabia que, mentalmente, passava despercebida no hospital; "vivía" apenas dos boletins sobre os aumentos de peso de Stephen, que lhe eram trazidos pelas enfermeiras — elas o pesavam antes e depois de cada refeição. Se a enfermeira se esquecia de anunciar o resultado mais recente, quase morria, imaginando o pior, mas não tinha coragem para tocar a campainha e perguntar o que havia. Outro acontecimento importante era a hora em que o pesavam antes do banho matutino, para ver os resultados gerais relativos ao dia anterior. Estas poucas novidades e os líquidos que ingeria eram os únicos interesses de Priss no momento; aliás, vivia tocando a campainha e pedindo a comadre, por causa dos litros e mais litros de líquidos que bebia. As enfermeiras eram formidáveis e faziam tudo para ajudá-la, embora reprovassem

(exceto a estudante) o fato de Priss amamentar o filho. Achavam que Sloan e seu pediatra, o Dr. Turner, eram antiquados, mas também ficaram impressionadas com a evidência demonstrada pela balança. Na verdade, a criança "estava" crescendo.

Se não fossem os boletins, Priss teria perdido a fé. Sloan e o Dr. Turner não ouviam Stephen chorar. Mas as enfermeiras e ela ouviam. Naquela noite, às oito horas, exatamente, Stephen começara a chorar. Priss conhecia-lhe a voz muito bem. . . o andar inteiro conhecia. Às vezes, chorava um pouquinho e tornava a dormir, mas quando recomaçava, como estava acontecendo naquele momento, berrava durante duas horas, um escândalo! O regulamento proibia as enfermeiras de tirá-lo do berço; a única coisa que podiam fazer era mudar as fraldas, dar um pouquinho de água para beber e nada mais. Ninguém devia "segurar" os bebês. E se repetissem a dose de água podia acontecer que a criança não aceitasse mais alimento.

Às vezes, bastava trocar as fraldas para que ele se aquietasse. Outras vezes, o golinho de água ajudava. Mas nem sempre. Muita coisa dependia, descobriu Priss, do momento em que ele bebia a água; se fosse muito cedo, tornava a dormir, mas acordava logo depois, aos berros. Se acordava entre uma refeição e outra, a enfermeira deixava que chorasse, após mudar-lhe as fraldas, por uma hora, dando-lhe o gole de água depois, de modo a que, cansado de chorar e com o estômago falsamente cheio, ele dormisse até a hora de mamar. Este era o melhor sistema, pois quando o levavam para ser aleitado, estava calmo e mamava com toda a força. Mas, se acordava logo depois de ter mamado, era horrível: depois de chorar durante uma hora, bebia água, dormia, acordava novamente e tornava a chorar — seu recorde até o momento era de duas horas e três quartos.

Os ouvidos de Priss estavam familiarizados com todos os detalhes desses acontecimentos; era capaz de dizer quando o filho estava bebendo água, ou quando a enfermeira meramente lhe mudava as fraldas. Pela maneira como o choro ia diminuindo, era capaz de dizer quando ele ia adormecer. E reconhecia os primeiros barulhinhos que anunciavam outra choradeira, compartilhando da hesitação das enfermeiras, que não sabiam se deviam trocar as fraldas imediatamente ou deixá-lo sozinho, na esperança de que não despertasse de todo. Sabia também que uma das enfermeiras (não sabia qual) costumava infringir as regras hospitalares e pegar o filho no colo; o gesto era confirmado por um silêncio repentino e, depois, por uma nova crise de choro, quando o bebê era recolocado no berço.

Nunca conseguiu saber o que sentia pela enfermeira que agia assim: se sentia gratidão ou se reprovava seu gesto.

De noite, a coisa era pior. Havia ocasiões em que, ouvindo-o começar a chorar às três ou quatro da madrugada, teria aceitado qualquer um daqueles reprovados recursos do passado para fazer uma criança parar a manha: um pouco de elixir paregórico, um torrãozinho de açúcar. Durante a gravidez, Priss lera muita coisa sobre os erros passados, no que se refere às maneiras de acalmar o choro de uma criança; de acordo com os livros, tudo era baseado na ignorância e no egoísmo: uma enfermeira ou mãe que desse elixir paregórico a uma criança, não o fazia para o bem desta, e sim para não ser perturbada. Os médicos haviam chegado à conclusão de que não fazia o menor mal uma criança chorar: os que ouvem é que se sentem irritados. "Tinha a impressão" de que aquilo era uma grande verdade. As enfermeiras do hospital anotavam no boletim todas as horas que Stephen chorava, mas nem Sloan nem o Dr. Turner pareciam dar a menor importância ao fato, pois a única coisa com que se preocupavam era o peso.

Sloan avisara Priss várias vezes que não desse ouvidos às enfermeiras, porquanto elas eram bem intencionadas, mas viviam dentro de uma rotina invariável. Além disso, pensavam que sabiam mais do que os médicos. Ficava irritadíssimo pelo fato de Priss se preocupar com as "vocalizações" de Stephen. "Se você se incomoda tanto assim", dissera dias atrás, asperamente, "peça um pouco de algodão para tapar os ouvidos". Não era esse o seu ponto de vista, mas Priss chegou a pensar em aceitar a sugestão, pois sabia que, preocupando-se muito, arriscava-se a perder o leite, conforme as enfermeiras viviam repetindo. Todavia, considerava-se demasiado liberal para fazer "ouvidos de mercador" ao choro de uma criança faminta; seria o mesmo que assumir a atitude de indiferença de certas pessoas diante das filas de desempregados que iam receber pão ou dos piquetes de grevistas. Se Stephen reclamava, queria ouvi-lo. Além disso, nervosa e imaginativa como era, com os ouvidos tapados, passaria a "imaginar" que ele estava chorando. Sloan achava sua atitude ridícula, mas, uma vez que recusava tornar-se racional, tinha de sofrer.

O pobre Sloan sempre se mostrara impaciente ante o sofrimento, tendo talvez por isso mesmo escolhido a Medicina como profissão. Todavia, escondia seu idealismo atrás de uma couraça de dureza; do contrário, não poderia continuar exercendo a Medicina, vendo a dor a

cada passo. Formara sua opinião sobre Sloan quando, em muitas ocasiões, haviam cruzado com piquetes de grevistas ou, então, com grupos que exigiam o boicote da Espanha ou do Japão ("Meu Capitão Boicote", era assim que ele a chamava perante os amigos), mas agora, no hospital, percebeu que as enfermeiras, que ouviam muito mais choro de crianças do que médicos, não conseguiam erguer uma couraça contra o mesmo. Não pensava que fosse somente em benefício de uma consciência tranqüila que elas tinham começado a murmurar entre si (por acaso ouvira certos comentários) que gostariam de ver se o Dr. Turner seria capaz de passar uma única noite no lugar das pacientes.

Culpavam o Dr. Turner por ele ser o médico de Priss, mas, na verdade, o teimoso era Sloan. Deitada na cama, ouvindo o chorinho fúnebre de Stephen, Priss percebeu repentinamente que não compreendia por que Sloan insistia tanto sobre a amamentação do peito materno. Será que era somente pelas razões que apresentava, razões médicas? Ou por uma simples questão de teimosia, pelo fato de saber que todos, a Sra. Hartshorn, as enfermeiras e Priss, estavam contra ele? Ou seria algo pior ainda? Atravessou-lhe a mente o pensamento de que Sloan a utilizava como uma espécie de anúncio. Gostava de exaltar e proclamar suas diferenças como velho e querido Dr. Drysdale, o qual o recebera como assistente e que fora praticamente quem difundira o uso da mamadeira na sociedade novaiorquina. O Dr. Drysdale jactava-se de ser ultracientífico, e Sloan dizia que esse negócio de ferver e esterilizar tudo era ineficiente e inútil (isso para não mencionar o custo do equipamento necessário), quando era possível usar os próprios recursos da natureza; a criança podia passar diretamente do peito materno para uma caneca. Toda mãe podia amamentar, insistia, assim como toda mulher podia manter o peso durante a gravidez. A Sra. Hartshorn ficara abismada ao ver como Priss aumentara pouco, mesmo tendo passado tantos meses deitada. Priss sentira-se orgulhosa por ter conservado uma silhueta de menina, assim como por amamentar Stephen, mas agora estava magoada ao pensar que Sloan a utilizara para provar suas teorias, como uma espécie de testemunho público. E a verdade é que o relato de sua amamentação espalhara-se largamente: todo o mundo no hospital e fora dele sabia que a pobre e miudinha Sra. Crockett, uma maravilha sem seios, amamentava o filho: no clube freqüentado pela mãe, todas as sócias falavam no assunto. "Querida, você iniciou um movimento!", comentou Kay Strong Petersen. "Todas as mulheres grávidas que conhecemos já ouviram falar que você alimenta o filho

no seio."

Priss não era do tipo de amargar-se sem razão, porém sentia-se envergonhada, aquela noite especialmente, em participar de uma verdadeira fraude. Às nove horas, quando a enfermeira lhe trouxe o suco de frutas, Stephen ainda chorava, enquanto ela tentava, inutilmente, fazer palavras cruzadas. Ao abrirem a porta, o choro tornou-se mais forte, e uma vozinha infantil mais fraca uniu-se à do filho. A idéia de que seu filho estava perturbando o sossego das outras crianças, apesar de as enfermeiras terem tentado tranquilizá-lo, molestou-a fortemente: elas explicaram que os recém-nascidos se acostumam facilmente a qualquer barulho. Contudo, Priss não conseguiu deixar de esboçar uma desculpa para a servente:

— Oh, minha cara Catherine — falou (fazia questão de saber o nome de todas as serventes). — Você está ouvindo? Ele vai acordar o hospital inteiro.

— Se estou ouvindo? — perguntou Catherine que, como boa irlandesa, era muito franca. — O pobrezinho vai acordar o hospital inteiro! Quando é que vão dar uma mamadeira a essa pobre criança?

— Não sei — respondeu Priss, fechando os olhos em pânico.

— Ora, não se preocupe, minha senhora — disse a servente, ajeitando os lençóis de Priss. — O garoto está exercitando os pulmões.

Priss desejou ardentemente que ninguém repetisse aquela frase.

— Não devia perguntar — falou Catherine, aproximando-se mais um pouco para endireitar os travesseiros — mas estive imaginando que bicho a mordeu para amamentar seu bebê?

Priss percebeu que ficara vermelha de vergonha:

— I.. .mu. .mu. .ni. .dades — gaguejou.

A moça olhou-a, muito espantada.

— É o mesmo que a vacina — explicou Priss. — Assim, ele fica livre das doenças que eu tive, como catapora, sarampo e coqueluche.

— Sempre novidades — falou Catherine, sacudindo a cabeça. Verteu um pouco de água num copo. — Estão sempre inventando coisas, não é mesmo?

Priss concordou com a cabeça.

— A senhora quer que ligue o rádio? Um pouco de música alegre far-lhe-ia bem, assim a senhora não ouve o choro.

— Não, não, Catherine, muito obrigada.

— Precisa de mais alguma coisa?

— Não, muito obrigada — repetiu Priss.

A servente hesitou um pouco.

— Então, boa noite e . . . coragem. Não desanime. Queixo para

cima. Dizem que assim o busto se desenvolve mais.

Priss procurou guardar a última observação para transmiti-la no dia seguinte a sua mãe. Ao mesmo tempo, admitiu secretamente que esperava que Stephen "aumentasse" seu busto e provocou uma gostosa gargalhada no Dr. Turner quando lhe perguntou se ia precisar de um porta-seios especial para o período de aleitamento. Ficou mais sossegada; lá fora o silêncio voltou a reinar. Stephen devia ter recebido o gole de água tranquilizador.

A calma foi interrompida pela enfermeira-chefe do andar, a Srta. Swenson, que ia deixar o serviço. Ela entrou e fechou a porta.

— Quero avisá-la, Sra. Crockett, de que amanhã pela manhã vou falar com o Dr. Turner, a fim de recomendar que Stephen possa tomar uma mamadeira suplementar.

O tom aparentemente indiferente da enfermeira não iludiu Priss. "Uma mamadeira suplementar", a frase soou horrivelmente, como se a mulher tivesse dito "uma dose de estriknina". A simples menção da palavra "mamadeira" fizera Priss estremecer, não importando os adjetivos com que fora enfeitada. Levantou-se ligeiramente e preparou-se para o combate. A Sra. Swenson continuou serenamente, como se não tivesse percebido o efeito do aviso:

— Sei que, assim, a senhora ficará bem mais tranqüila. Todas nós compreendemos o que a senhora tem sofrido. A senhora é uma paciente maravilhosa.

Apesar do choque, Priss reconheceu que a Sra. Swenson, a quem sempre apreciara, falara com toda a franqueza.

— Mas por quê? — conseguiu perguntar afinal. — A balança. . .

A Sra. Swenson, que devia ter cerca de trinta anos e usava os cabelos louros presos num coque, aproximou-se da cama e tomou-lhe a mão.

— Eu sei como a senhora se sente, minha querida. Arrasada. Muitas mães que amamentam o filho choram quando sou obrigada a dizer-lhes que é indispensável uma mamadeira suplementar. Até mesmo quando vêem que a criança não engorda. Querem continuar experimentando. A senhora mostra uma bravura excepcional, mantendo-se assim, tão calma.

— Quer dizer que isto acontece freqüentemente? — perguntou Priss.

— Não muito. Mas existem alguns jovens doutores que insistem em que as mães amamentem os filhos enquanto podem. Nem todas as mães concordam, é claro. Há um preconceito muito forte contra a

amamentação no peito materno, especialmente — imagine só! — entre as pacientes das enfermarias, as mais pobres. Elas acham que um bebê alimentado na mamadeira é socialmente superior.

— Que interessante! — exclamou Priss.

— E a mesma atitude é mantida pelas nossas pacientes judias, sobretudo as ricas. Mesmo quando têm muito leite, recusam-se a amamentar. Acham que é coisa própria de cortiços.

— Que interessante — repetiu Priss, pensativa.

— Minha cara, uma enfermeira vê muita coisa interessante. E as diferenças sociais são extraordinárias. Por exemplo, na ala cirúrgica os pacientes abastados, depois de um ato operatório, sofrem normalmente de retenção urinária. Os pacientes dos dois sexos. Mas numa enfermaria de homens negros não acontece um único caso desses. É uma questão de modéstia, nada mais. As classes superiores sentem-se encabuladas com as partes inferiores do corpo e, depois da operação em que seu abdome foi aberto, as inibições começam a trabalhar, e os pacientes não conseguem urinar.

— Fascinante — murmurou Priss, que muitas vezes sonhara estudar Sociologia. Mas não queria afastar-se do ponto principal. — As mulheres mais abastadas têm pouco leite?

A Sra. Swenson evitou responder à pergunta, pois não queria causar uma depressão na paciente. Viu as horas no relógio de pulso.

— Quero explicar-lhe acerca da mamadeira suplementar, Sra. Crockett.

Muito surpresa, Priss percebeu que a frase não mais a assustava.

— Mas se ele está ganhando peso? . . . — protestou uma última vez.

— Acontece que seu filho é uma criança inusitadamente faminta — explicou a Sra. Swenson. — Seu leite é adequado, do ponto de vista nutricional, mas não fornece o volume necessário ao bebê. Eis a minha sugestão, Sra. Crockett: depois de ele ter sido amamentado às seis horas, a partir de amanhã, dar-lhe-emos uma pequena quantidade de leite especial na mamadeira. Eu já notei que a esta hora a senhora tem muito pouco leite. Às dez horas, já lhe será possível fornecer a quantidade necessária. De estômago cheio, a criança dormirá até as duas horas, e a senhora também, minha pobre criança. Na verdade, graças à mamadeira suplementar, poderemos treiná-lo, até saírem do hospital, a dormir até as seis horas da manhã. Adotamos sempre este hábito, o da mamadeira às duas horas, de maneira a que as mães possam ter o descanso indispensável. Um bebê funciona como um relógio, e gostamos de pô-lo em funcionamento certo, antes que a mãe

tome conta dele sozinha.

Priss concordou com a cabeça. Que maravilha, pensou, o pessoal do hospital pensar nestas coisas. Alguns anos antes, isso não teria sido possível.

— Se ele continuar irritado com a mamadeira suplementar — continuou a enfermeira — teremos de dar-lhe outras. Alguns bebês tomam sempre uma mamadeira suplementar depois de serem amamentados no seio. Mas, no caso de Stephen, não creio que seja necessário. Talvez até a senhora note que a quantidade do seu leite aumenta, uma vez que Stephen fique mais tranqüilo.

Quando a Sra. Swenson saiu, Priss era outra mulher. O que mais a impressionara, disse para si mesma, fora o espírito empírico que reinava naquela casa, a determinação de tentar, sem preconceitos, diferentes métodos e "misturas" de métodos até encontrarem um que tivesse êxito. Teve a certeza de que a Sra. Swenson era uma democrata e ficou feliz ao pensar que Sloan treinara naquele hospital. O estabelecimento, pensou, quase divertida, era como uma fábrica: nenhum bebê saía sem estar funcionando perfeitamente, devidamente testado, experimentado e garantido contra defeitos, pelo menos nos primeiros meses. Pois se faziam até demonstrações utilíssimas, para as mães que não tinham a felicidade de ter uma Irene ou uma enfermeira particular, de como se dava banho nas crianças, de como se devia dobrar as fraldas, e as parturientes das enfermarias eram levadas à cozinha, onde aprendiam a fazer a dieta adequada para cada caso! Os novos bebês que dormiam e comiam dentro de um horário previamente fixado, como verdadeiros relógios, se transformariam em uma nova espécie de homens que, talvez (era preciso evitar o excesso de otimismo) não pensassem mais em guerras e coisas semelhantes. E, atualmente, as coisas estavam ficando cada vez mais fáceis para as mães destes bebês: as crianças eram ensinadas a usar o banheiro logo nos primeiros meses de vida, bastando para tanto, sentá-las no vaso quando chegasse a hora, e quanto às fraldas, havia uma companhia especializada no assunto que as lavava com todos os requintes de higiene e que fazia entregas a domicílio em latas esterilizadas.

Naquela noite, Stephen quebrou todos os seus recordes anteriores — três horas inteirinhas, das três às seis da manhã. O Dr. Turner, quando a visitou no dia seguinte, não gostou das olheiras que tinha em torno dos olhos e recomendou que usasse um pouco de ruge. Quanto à sugestão da Sra. Swenson, adotara-a plenamente, pois também chegara a conclusão de que a curva do peso, mesmo ascendente, não era tudo.

Priss preferiu não recordar que, ainda na véspera, ele dissera

exatamente o oposto. Despediu-se cantarolando, depois de colocar um botão de rosa na lapela.

Agora, o perigo era Sloan. Receava que ele visse tudo vermelho à mera menção de "mamadeira suplementar". O Dr. Turner prometeu explicar-lhe tudo; se ele cumprisse a palavra, pensou Priss, começaria logo a gaguejar e a usar um eufemismo como: "Hoje, Stephen vai ter uma fórmula especial para sobremesa". Era horrível como os hospitais forçavam a gente a falar assim. Uma coisa, porém, decidira: nem ele nem ninguém falaria tatibitate com o filho.

À hora do almoço, Sloan apareceu: estava zangado. Contraía nervosamente o rosto. A zanga era mais com o Dr. Turner e as enfermeiras do que com Priss, a quem tratou de cúmplice inocente. Eles a tinham forçado a aceitar a idéia da mamadeira.

— Mas Sloan — argumentou Priss —, parece ser boa idéia. Assim Stephen obterá as vantagens dos dois sistemas, não acha?

Sloan balançou vigorosamente a cabeça.

— Priss, você é uma leiga no assunto, enquanto que Turner é um médico. Quando sairmos do hospital, ele não poderá mais dar ordens. Só terá de fazer o seu *check-up*. Ele não quer compreender o que acontece com uma criança que estava sendo amamentada e que, repentinamente, começa a usar mamadeira. Nem estas enfermeiras. Mas os pediatras sabem onde está a verdade.

Sentou-se e passou a mão pelo cabelo louro; Priss observou que ele estava realmente perturbado.

— Acontece o que, Sloan? — perguntou carinhosamente.

— Muito simples — respondeu, limpando os óculos. — Quando uma criança ingere algumas gramas de uma fórmula qualquer, deixa imediatamente de mamar no seio. E para que mamaria? Uma criança é um ser fantasticamente razoável. Quando deixa de sugar o leite materno, este desaparece completamente. Então, dão-lhe outra mamadeira suplementar. E mais outra. Dentro de uma semana, está tomando uma mamadeira depois de cada vez que for aleitado pela mãe. E, finalmente, começa a rejeitar o seio. Dá muito trabalho. Ou, então, o pediatra manda parar com o leite materno, porque o mesmo já não é suficiente. E com a trabalhadeira que dá ferver as mamadeiras e as chupetas e misturar a fórmula de leite adequada, seis vezes por dia, a trabalhadeira é dobrada. Eu estou avisando-a, Priss, se Stephen tomar uma mamadeira, hoje, você vai ter um filho alimentado somente a mamadeira!

Priss sorriu meigamente. Parecia-lhe que não podia mais escolher. Sloan a convencera de que, se dessem uma mamadeira para

o garoto, esta noite, não voltaria a aleitá-lo, já que isso era como viciá-lo em drogas ou em bebidas. Percebeu a razão da luta do marido e de como a Sra. Swenson e o Dr. Turner a haviam enganado. Sentia-se triste e derrotada, pois não teria mais razão para viver, se não pudesse voltar a aleitar Stephen. Parecia até tolice ter contado com este pequeno detalhe.

— Será que faz tanta diferença assim, Sloan? — perguntou francamente. — Será que não estamos um pouquinho obcecados por estes problemas de amamentação?

— Não — respondeu Sloan. — Não faz tanta diferença assim. Acontece que desejamos dar a Stephen as melhores oportunidades no início, eis tudo. Se você é capaz de amamentá-lo por um ou dois meses. . .

— Desculpe-me — disse Priss.

— A culpa não é sua — retorquiu ele. — é deste maldito hospital. Eu os conheço muito bem. Não querem deixar que tente um pouco. E, entretanto, poderiam muito bem. Bastava mais um dia. Mais dois.

— Como assim?

— Stephen ter-se-ia acostumado e deixaria de chorar. O seu leite ainda está em formação. Veja só o boletim do garoto. Foi o que eu disse a Turner. Ninguém neste hospital tem a coragem de fazer uma experiência até o fim. Basta um bebê chorar, e eles dão-lhe logo uma mamadeira. É impossível fazer progressos na Medicina sem se ser duro. Acontece a mesma coisa com seu amigo Roosevelt e aqueles corações de manteiga da Casa Branca. Nossa economia já se teria recuperado, se eles a deixassem em paz, em lugar de ouvirem conselhos tolos. Recuperação! Não houve recuperação até agora. A economia do nosso país está doente e cheia de fórmulas inúteis. — Sloan deu uma inesperada risadinha de garoto. — Boa, esta tirada, não foi, Priss?

— Foi engraçada — disse ela, muito séria — mas não aceito a comparação.

— Minha velha Priss — observou ele amigavelmente e ainda deliciado com seu comentário —, você nunca cede.

— O que disse o Dr. Turner? — perguntou Priss.

Sloan deu de ombros.

— O mesmo que eu acabo de dizer. Disse que era inútil teimar, dadas as condições do hospital. As enfermeiras estão contra você. Uma verdadeira conspiração.

— O que quis você dizer exatamente com a palavra

"experiência", Sloan?

— Quero provar que qualquer mulher pode alimentar seu próprio filho — respondeu ele, impaciente. — Você já ouviu falar nisto centenas de vezes.

— Sloan — falou ela, magoada —, Stephen chora dez horas por dia. Seja justo.

Sloan levantou um dedo.

— Em primeiro lugar, dez horas é exagero. Em segundo lugar: e daí? Em terceiro: quando ele chora, as enfermeiras devem tirá-lo do berço e tratar de niná-lo.

Priss não sabia como responder.

— Claro que elas agem assim — continuou ele. — E ele chora ainda mais. Na segunda semana de vida, o garoto já aprendeu a chorar para despertar piedade.

Cruzou os braços e olhou de testa franzida para Priss.

— Mas nós daremos um jeito nisso — afirmou — quando voltarmos para casa. Irene será proibida de pegar na criança, a não ser para mudar as fraldas. Uma vez estabelecido que não está mais molhado, voltará imediatamente para a cesta.

— Concordo plenamente — afirmou Priss. — Aliás, já conversei com Irene a esse respeito. Ela aceitou a idéia de que os bebês, hoje em dia, são tratados de maneira diferente. E a respeito da mamadeira?

— Por enquanto, ele vai tomar a tal mamadeira suplementar. Quando voltarmos para casa, vou fazer uma experiência.

Priss sentiu um calafrio, o marido a deixara alarmada. Desde que entrara no hospital, seus sentimentos em relação a Sloan tinham sofrido uma mutação. Às vezes, chegava a pensar que não mais o amava. Ou, então, aquilo era coisa que acontecia com todas as mulheres: uma vez nascida a criança, seus interesses dividiam-se. Compreendera imediatamente que seria obrigada a defender Stephen contra Sloan, ainda mais pelo fato de Sloan ser médico e possuir dupla autoridade. Descobriu que estava comparando o que Sloan dissera com aquilo que fora dito pelas enfermeiras, pelo panfleto do Departamento do Trabalho e pelo *Parents' Magazine*. Quando Sloan declarara que o bebê devia dormir num aposento sem calefação, ficara abismada ao ver como o Departamento concordava com seu ponto de vista. É claro que o berçário do hospital era aquecido. Havia um ângulo de Sloan, no qual ela decididamente não confiava, um ângulo que podia ser resumido em poucas palavras: ele era republicano. Até então, isso pouco tinha importado; a maioria dos homens que conhecia eram republicanos, chegara até a ter a impressão de que a coisa era

inerente ao sexo. Entretanto, não lhe agradava a idéia de ver um republicano controlar o destino de um bebê indefeso. Sloan era evoluído no terreno da Medicina, mas, por outro lado, era um enamorado de suas próprias teorias, as quais queria impor à força, sem levar em consideração os fatores humanos. Às vezes, chegava até a duvidar de que ele viesse a ser um bom pediatra.

— Que experiência, Sloan? — perguntou, de maneira a não parecer ansiosa.

— Oh, uma idéia que eu tive. — Levantou-se e foi até à janela. — Gostaria de ver como Stephen se daria com um ciclo de três horas.

Os olhos de Priss quase saltaram das órbitas.

— O ciclo de quatro horas não é sagrado, Priss — disse ele, aproximando-se da cama. — Não fique tão espantada. Muitos médicos já estão tentando o ciclo de três horas. O ponto importante é descobrir um ciclo exato para cada bebê, pois nem todos são iguais.

Priss ponderou cuidadosamente as implicações da coisa, que não soava como se tivesse partido de Sloan. Ocorreu-lhe repentinamente que ele devia ter lido um artigo em alguma revista médica.

— Obviamente — continuou ele — é impossível tentar o ciclo de três horas num hospital, pois a rotina não o permite. As enfermeiras ficariam apavoradas. Mas, quando se trata de um bebê excepcionalmente faminto e que chora muito, então pode-se tentar em casa.

O coração de Priss amoleceu imediatamente. Esqueceu tudo aquilo que pensara sobre Sloan. Ele também se preocupara com Stephen, apesar de não querer demonstrá-lo. Provavelmente, lera a noite inteira sobre o assunto. Todavia, como todos os médicos, não gostava de admitir claramente que errara ou que mudara de pensar.

— É mais simples, Priss, no peito do que com a mamadeira. Você poderá fazê-lo mamar de três em três horas durante uma ou duas semanas e, depois, voltar ao ciclo de quatro horas. O ponto importante é manter um ciclo regular, seja lá qual for a duração dos intervalos.

— Mas será que eu terei tanto leite?

A visão de Stephen deixando seu peito oito vezes por dia, faminto, era positivamente dantesca.

— Seu leite será aumentado pela amamentação mais freqüente — explicou ele. — Seja como for, quero experimentar.

Priss não via qualquer inconveniente, desde que tivesse suficiente leite. Sentiu que era seu dever fazer uma última pergunta:

— Você não acha que está andando para trás? Quero dizer, depois será preciso alimentar o bebê de duas em duas horas e, depois,

todas as vezes que ele tiver fome.

Sloan riu.

— Ora, não seja bobinha.

Ninguém poderia imaginar o que aconteceu após Sloan ter saído. Priss acabara de dar a Stephen a refeição vespertina, quando recebeu um telefonema de Julie Bentkamp, sua colega de classe, que era redatora da revista *Mademoiselle*. Julie soubera, por intermédio de Libby MacAusland, agora influentíssima agente literária, que Priss estava amamentando o filho. Achou o fato sensacional e pediu a Priss que escrevesse um artigo sobre sua experiência. Priss lamentou muito recusar, mas achava ser contra a ética uma esposa de médico escrever sobre o assunto. Alguns minutos depois, Libby telefonava pessoalmente. Disse que, se Priss escrevesse o artigo, tinha a certeza de que poderia revendê-lo para o *Reader's Digest*.

— Você pode usar um pseudônimo — lembrou — apesar de achar que Sloan adoraria a publicidade. Posso telefonar para ele?

— Os médicos não fazem publicidade — tornou Priss friamente. — Ouviu, Libby, é por isso que não posso escrever.

Priss estava aborrecida. Quem teria contado aquilo tudo a Libby? O que mais temia é que, se Libby falasse com Sloan, em lugar de ele ficar aborrecido, exigisse que ela escrevesse o tal artigo. Não conseguia deixar de imaginar a esposa do velho Dr. Drysdale escrevendo uma coisa dessas, mesmo quando era mais moça. . .

— Vou convidar Sloan para um *drink* — continuou Libby. — Afinal de contas, agora ele está solteiro. Eu vou convidar Julie também. Tenho a certeza de que poderemos convencê-lo. Você precisava ver como a Julie está. Que mudança. Um sucesso!

— Libby, vo... vo... você não se atreva! — gritou Priss.

— O ponto é você deixar bem claro ao leitor — continuou Libby imperturbável — que você não é muito. . . rica de busto. Poucas palavras, porém! Do contrário, os leitores não compreenderão coisa alguma.

— Está bem, Libby — retorquiu Priss —, e escreverei também que no colégio você foi excelente aluna. Se Sloan concordar, poderão até publicar um retrato seu. *Não escreverei coisa alguma* — explodiu afinal. — A única coisa que sei escrever são relatórios sobre Economia. Meu estilo é muito árido.

— Oh, nós reescreveremos tudo para você — disse Libby, alegremente. — Se quiser, escreverei todas as partes descritivas e emocionais. Basta dizer-me honestamente quais são os seus sentimentos.

— *Não escreverei coisa alguma* — repetiu Priss. — De jeito nenhum.

— Mas você poderá manter uma ama por seis meses com o dinheiro que vai ganhar no *Reader's Digest*. Uma daquelas amas que usam toquinha e tudo. Diplomada! Elas levam as crianças para passear no parque. . .

Priss afastou o fone do ouvido; finalmente, houve um silêncio. Então, a voz de Libby recomeçou em outro tom.

— Mas por que não?

Priss hesitou.

— Acho que é de... deselegante — gaguejou.

— Não vejo por quê! — retrucou Libby. — Absolutamente, não concordo.

Sua voz foi aumentando de volume.

— Deselegante? Mas é a coisa mais natural do mundo. Na Itália, as mulheres amamentam os filhos em público, e ninguém leva a mal.

— Pois eu não o faria em público — disse Priss. — E, se é tão natural assim, por que você está tão interessada em publicar numa revista? É por você não achar natural.

E desligou o telefone. Não era nada natural, repetiu teimosamente. Incidentalmente, pusera o dedo na ferida; ela fazia "a coisa mais natural do mundo" dando de mamar ao filho e, por algum motivo peculiar, o resultado era algo sem naturalidade, falso e exaustivo, como uma fotografia posada. Todo mundo no hospital sabia disso, sua mãe também, assim como suas visitas, sendo por essa razão que falavam tanto no assunto, comentando o simples ato de ela amamentar o filho, para darem a impressão de que era alguma coisa excitante, quando não era, a não ser como matéria para conversas inúteis. Na verdade, o que vinham fazendo era horrível, e agora mesmo, no berçário, uma voz infantil se elevava para confirmar o que acabara de descobrir — a voz que ela se recusava a atender, embora a ouvisse há uma semana. E a voz fazia um pedido natural para sua idade. Pedia uma mamadeira.

Polly Andrews e Gus Le Roy eram amantes havia um ano. Ela continuava, porém, residindo no seu antigo quartinho com banheiro, e ele compartilhava um apartamento com um companheiro, desenhista de capas de livros que, como Gus, também era separado da mulher. O apartamento de Gus ficava muito perto do de Polly, quase na esquina. Todas as noites, depois do trabalho, Gus ia tomar uns drinques em companhia de Polly, a não ser que fosse obrigado a sair com um autor, e, depois, ela fazia um jantarzinho ligeiro para os dois. Em seguida, geralmente iam ao cinema ou, então, a uma reunião sobre a Guerra Civil espanhola ou coisa semelhante. Outras vezes ficavam ouvindo música na vitrola de Polly; no entanto ele dormia em sua própria casa, pois achavam que assim era melhor — no apartamento ele guardava o aparelho de barbear, os cachimbos, os manuscritos que tinha de ler, e pouco se lhe dava se o companheiro levasse alguma mulher para casa, desde que, pela manhã, pudesse tomar o seu cereal com leite em paz, sem ter de conversar com uma terceira pessoa.

Aos sábados, ele trabalhava até o meio-dia, mas passavam as tardes juntos, dando longos passeios pelo bairro dos italianos ou em Chinatown, ou ainda no Museu Hispânico ou em Bernard Cloisters. Quando voltavam para casa, costumavam fazer compras, caso Polly não as tivesse feito pela manhã; Gus comprava sempre vinho e faziam o jantar na cozinha da senhoria, quando o marido dela ia passar o fim de semana numa casinha que possuíam em Nova Jersey. Havia noites em que Gus levava Polly a jantar em um restaurante francês ou espanhol e, depois, dançavam. Passavam as noites de sábado para domingo juntos, na estreita caminha dela; tomavam o desjejum muito tarde e liam os jornais. Gus passava as tardes de domingo com o filho, levando-o ao Jardim Zoológico do Bronx ou a um passeio na barca de Staten Island, ou então subiam à estátua da Liberdade ou atravessavam a ponte George Washington e coisas semelhantes: em geral, era Polly quem planejava as excursões, mas recusava-se a acompanhá-los. "Só depois de casarmos", comentava, o que fazia Gus

dar uma risadinha, pois a frase soava tremendamente fora de moda; até parecia que ela só concederia seus favores depois de usar uma aliança. Ela, porém, era assim mesmo. Por seu lado, Polly aproveitava as tardes de domingo para visitar as amigas e, à noite, Gus levava o garoto para casa e permanecia algumas horas com a ex-esposa, tomando uma cervejinha, após preparar um sanduíche na cozinha. Tinham decidido que as noites de domingo seriam "de folga", e Polly as aproveitava para lavar roupa e os cabelos.

Era domingo à noite: a roupa de baixo de Polly, suas meias e a cinta já estavam secando no banheiro. Na sala, as plantas também já haviam recebido o banho semanal, e suas blusinhas achavam-se penduradas numa corda atravessada na janela, enquanto ela secava os cabelos com uma toalha, escovando-os logo a seguir. Em outra toalha, via-se um suéter branco também secando. Polly descobrira que a lavagem de roupa, para uma moça sozinha, era uma espécie de cura contra a depressão e, nas noites de domingo, sentia-se sempre tremendamente deprimida. A espuma de sabão, o vapor condensado, o cheiro de lã de carneiro úmida, o barulhinho que fazia o cabelo limpo, gradualmente davam-lhe a certeza de que tudo "ficaria limpo com a lavagem". Se passasse seis blusas brancas na cozinha da senhoria, cerzisse as meias e iniciasse uma dieta para perder alguns quilos, Gus decidiria que não podiam mais esperar para casar.

Cinco vezes por semana, antes de visitar Polly, ele passava uma hora no consultório de um psicanalista. O psicanalista dissera que um dos princípios de análise era que o paciente não mudasse a situação de sua vida durante o tratamento, pois assim as reações analíticas seriam perturbadas. Por essa razão, Gus ainda não providenciara o divórcio. Quando estivesse "pronto" — para usar a expressão do psicanalista —, iria passar seis semanas no Reno. Mas o divórcio nessa cidade era muito caro, e Polly não sabia como Gus iria poder pagá-lo, uma vez que metade de seu salário era entregue à esposa, como pensão temporária, e todas as suas economias destinavam-se às consultas. Aliás, Polly duvidava que a mulher de Gus concedesse o divórcio. Prometera que concordaria, quando ele terminasse o período de análises, mas Polly chegara à conclusão de que a esposa e o analista estavam tentando dominar Gus pelo atrito. Já freqüentava o psicanalista havia três meses, quando conheceu Polly na festinha de Libby, e o analista ficara aborrecidíssimo ao saber de suas relações, achando que Gus rompera um juramento. Como se um homem pudesse evitar apaixonar-se.

A família de Polly não fazia a menor idéia do que estava

acontecendo, mas suas amigas desconfiavam de que devia haver um homem casado em seu horizonte, visto que ela mantinha absoluto sigilo sobre a pessoa com quem passava suas horas vagas. A teoria geral era que devia ser um dos médicos do hospital. Polly era discreta sobre seu amor, não porque tivesse vergonha do mesmo, mas sim por ser incapaz de suportar conselhos e simpatia. As únicas pessoas a quem não pudera esconder sua situação eram o companheiro de apartamento de Gus, a senhoria de Polly e o marido, os dois inquilinos e Ross, a empregada da Tia Júlia, que a visitava freqüentemente. Nem mesmo a Srta. Bisbee, secretária de Gus, o sabia. Polly recusava-se a acompanhar Gus às festas literárias (só depois de "casados", dizia), em parte pelo pavor de encontrar Libby, mas, principalmente, pelo mesmo sentimento que a inibia de acompanhar Gus, pai e filho, nos seus passeios dominicais, um sentimento de propriedade; afinal de contas, os pais do garotinho ainda eram marido e mulher. Polly detestava perguntas — as perguntas que o jovem Gus lhe faria, aquelas que sua mãe espertamente colocaria em sua boquinha inocente, e as perguntas que surgiriam entre os companheiros de trabalho de Gus. "Então, quando é que vocês vão casar?", é o que todo mundo pergunta, quando vê um rapaz e uma moça apaixonados. Fora a pergunta que Ross fizera sem rodeios, assim como o Sr. Schneider, o qual não acreditava em casamento, e a senhoria, que fazia parte de um grupo nudista de Nova Jersey, bem como o Sr. Scherbatyeff. E a resposta honesta à pergunta levava sempre a outra interrogação uníssona: mas por que razão freqüentava Gus uma psicanalista? Que se passava com ele?

O curioso é que ninguém fizera pergunta igual quando seu pobre pai fora "recolhido" em Riggs, talvez pelo fato de a doença do Sr. Andrews ter um nome definido — melancolia —, o que tornava as respostas bem mais fáceis. Se, pelo menos, Gus falasse sozinho, ou caísse num mutismo total, ou chorasse a todo momento, ou tivesse aquilo a que os médicos chamam de comportamento bizarro, ninguém perguntaria o que se passava com ele! Mas, no seu caso, o problema era exatamente o oposto. Pessoalmente, Polly achava que não havia mal algum. Era um dos homens mais normais que encontrara até então, pelo menos a olho nu, que era a única forma como podia analisá-lo. Nada de melancolia ou coisas semelhantes. Gostava de dançar com o rosto colado, de jogar tênis e de dirigir um carro a boa velocidade. Como a maioria dos nativos da Nova Inglaterra, era um tanto ou quanto econômico, mas procurava as melhores lojas para comprar presentes — dera uma linda bolsa a Polly, assim como

brincos de lápis-lazúli e um suéter azul, muito macio, que comprara em Brooks Brothers; trazia-lhe flores praticamente todas as semanas e, quando iam dançar aos sábados à noite, comprava-lhe sempre violetas ou uma camélia. Por outro lado, não se preocupava com as roupas que usava; tinha dois ternos que comprara numa liquidação, um paletó de *tweed* e algumas calças de flanela, só usando gravatas borboleta. Era assegurado do hospital Cruz Azul e visitava o dentista três vezes por ano para uma limpeza geral. Cuidava de não engordar e de levar o jovem Gus ao melhor pediatra da cidade; aliás, o seu psicanalista também era dos melhores. Apesar de ter somente trinta anos, era um verdadeiro pai para os escritores de sua editora; tinha imensa paciência com eles, ouvindo-lhes todos os problemas e arranjando-lhes advogados, entradas para o teatro, empréstimos, apartamentos, secretárias, namoradas: o que eles precisassem. Facilitara ao máximo a instalação do representante do sindicato dos gráficos e escritores no seu escritório, embora não pudesse fazer parte do mesmo, pois era considerado patrão. Quando não fumava cachimbo, só aceitava cigarros fabricados por firmas que contribuíssem para os sindicatos; ao contrário de Priss, acreditava em nomes consagrados, nas camisas Arrow, nos pneus Firestone, no uísque Teacher's Highland e nas lâminas Gillette. Não se deixava influenciar pelo fato de o consumo de uma mercadoria ter aumentado só por custar metade do preço. Ficava aborrecido quando via Polly misturar seu próprio pó de arroz e creme em casa, para economizar, dizendo sempre que ela esquecia de levar em conta seu próprio trabalho.

A confiança que tinha nos nomes consagrados e nas marcas registradas é que o levava ao comunismo, anos antes, quando, recém-graduado por Brown, deparara com a depressão. Shaw já o tinha levado ao socialismo, mas, argumentou seu então companheiro de quarto, quem deseja dedicar-se ao socialismo deve procurar a firma que melhor o produz, isto é: a União Soviética. Então Gus virou-se para o comunismo, mas só depois de ter ido ver a coisa no local. Ele e o colega visitaram a União Soviética no verão e ficaram maravilhados com as represas e usinas, as fazendas coletivas e a moça do Intourist que lhes serviu de guia. Depois daquilo, Norman Thomas podia ser considerado totalmente frustrado. Gus jamais tomou conhecimento dos pequenos grupos dissidentes, como os trotskistas, por exemplo, aos quais pertencia o Sr. Schnneider, vizinho de Polly, ou os lovestonitas ou os musteístas — todo grande movimento, costumava ele dizer, tem sua cota de malucos. Contudo, não ingressou no partido ao voltar para a América. Não quis magoar o pai, dono de uma

tipografia, que era propriedade da família havia quatro gerações. Os Le Roy eram muito respeitados pelas pessoas das vizinhanças, cujos convites de casamento e morte, cartões de visita, programas de festas, cartazes de "Propriedade Particular!", anúncios de vendas por hipoteca, imprimiam desde os dias da Guerra Civil; além disso, na loja, que ficava no andar térreo, vendiam artigos escolares, cartões de Natal e do dia de Santa Valentina, bem como papel de embrulho para presentes. Se Gus ingressasse no partido comunista, aquela gente tremendamente conservadora poderia boicotar os Le Roy. Além do mais, os comunistas americanos não pareciam a Gus tão responsáveis quanto os russos. Entretanto, casara-se com uma comunista — uma moça judia que conhecera num baile no Webster Hall e que ensinava no primeiro ano da Escola Comunal da cidade baixa.

Kay Peterson, Polly tinha a certeza, diria que a atração que Gus sentia pelo comunismo, e particularmente pelas mulheres comunistas, era um sinal de estabilidade emocional. Contudo, pessoalmente, Polly não concordava, pois não conseguia ver o partido como a Mulher Vermelha na vida de Gus. Além disso, ele era muito fleumático na sua simpatia. Jamais tomara parte em demonstrações públicas ou em paradas no Dia do Trabalho, nem se referia à polícia como "os Cossacos", e a única parte do *Daily Worker* que lia era a página esportiva. Não mantinha polêmicas com os infieis, inclusive ela, e, na verdade, pouco se importava em difundir suas idéias, ao contrário do pobre Sr. Schneider, que vivia tentando convertê-la ao trotskismo e, agora mesmo, andava excitadíssimo por causa dos grandes julgamentos de Moscou, os quais citava todas as vezes que encontrava Gus na escada. Estavam por demais longe do cenário, comentava Gus, para poderem julgar quem estava certo e quem estava errado — a história é que decidiria. Particularmente, achava aquilo tudo insignificante em comparação com a guerra da Espanha, algo que o excitava profundamente.

Comprava todos os livros que podia sobre a Espanha: relatórios sobre a frente de batalha, uma antologia de poetas legalistas, um estudo sobre a Brigada Internacional, uma nova tradução de *Don Quixote*. Tentara convencer Hemingway a escrever um livro sobre *El Cam-pesino*, mas, infelizmente, o escritor tinha outros compromissos. Esperou ansiosamente que alguém escrevesse um livro sobre o Batalhão Abraão Lincoln e, em certa altura do verão, resolveu inscrever-se como voluntário, chegando até a submeter-se ao exame médico sem avisar o analista. A idéia de Gus como bravo voluntário, com seu garrido uniforme, empolgou Polly, pois achava que teria dado

um excelente oficial. Mas, quando a esposa ouviu falar no assunto (ele ia deixar sua apólice de seguro de vida para garantir o futuro de Gus IV), ficou indignada e acusou-o de irresponsável. No caso de Gus, explicou, o alistamento seria um mecanismo escapatório, o que roubaria à sua atitude todo o valor político. De acordo com o que ela dissera, a verdade é que Gus não queria terminar a análise, preferindo fugir aos seus problemas reais, os quais estavam intimamente relacionados com o filho; e, incidentalmente, quem pagaria o sustento do garoto enquanto ele estivesse combatendo os fascistas ou divertindo-se nos cafés de Madri? Ao ouvir aquilo, Polly teve pena da esposa de Gus, da mesma maneira como sentia pena de uma pessoa como Libby, que vivia enganando-se. Depois, porém, querendo ser justa, pensou que talvez a questão do dinheiro fosse um mero pretexto; talvez, na sua maneira peculiar, a mulher de Gus o amasse mais do que ela, Polly, o amava, já que não se importava que ele arriscasse a vida por uma causa justa.

Polly simpatizava profundamente com os republicanos espanhóis e, quando lhe perguntavam a razão de tanta lealdade, respondia sorrindo: "É que eu sou basca". Tratava-se de uma referência ao fato de ter um ramo católico na família; pelo lado materno, era uma Ayer e aparentada com Lorde Acton. Politicamente, ela e Gus eram opostos; seu coração pulsava por todos aqueles que perdiam uma batalha. Amava todas as seitas minoritárias que defendiam doutrinas exóticas, como os velhos católicos de Dolinger, que negavam a infalibilidade do papa; os *dukobors*, que fugiram para o Canadá a fim de evitar o serviço militar dos czares, os virtuosos anabatistas; os judeus cassídicos, que dançavam e pulavam para exteriorizar sua alegria; era uma verdadeira "campeã" de raças perdidas, como os bascos, com sua língua misteriosa. Incluindo o Príncipe Charles, que não se interessava tanto por uma causa perdida como a dos legalistas. Ela e Gus contribuíam generosamente para a causa republicana, embora ele desse dinheiro para ajudar a compra de aeroplanos e metralhadoras, e ela preferisse contribuir para as ambulâncias e os remédios. Normalmente, costumava afirmar, sorrindo — isto é, em tempo de paz —, que era uma pacifista e que, no lugar de Gus, teria embarcado. Ficou muito surpreendida, na realidade, quando ele aceitou os conselhos do analista, que lhe dissera que seria muito mais útil à Espanha permanecendo em Nova York do que estando em Madri. Talvez fosse verdade, mas Polly não aceitava a idéia de o indivíduo ser considerado assim, como o peso de uma balança e nada mais. Era esse lado do comunismo que Polly não compreendia.

Mas se ficou surpreendida por Gus aceitar os conselhos, ficou-o ainda mais ao saber que fora o analista quem os dera. "E há quem diga que eles não dão conselhos!", comentou Polly, de testa franzida. Gus contara que o analista era completamente neutro; em geral, eles limitavam-se a ouvir o paciente fazer perguntas ocasionais. O próprio paciente é que devia resolver seus problemas.

— Essa é a teoria — disse Gus —, mas, afinal de contas, ele é um ser humano. Se percebe que um paciente está prestes a cometer suicídio, é claro que intercede como qualquer ser humano o faria.

— Pois eu acho que devia portar-se como médico, nada mais — comentou Polly suavemente.

Gus concordou com a cabeça.

— É exatamente isso que eles precisam evitar. Os pacientes estão sempre querendo envolver o analista numa situação heterodoxa, para arrancá-lo de suas defesas. Mas a Regra Número Um manda que ele resista. Talvez o Dr. Bijur tenha calculado que, por exemplo, o fato de eu querer alistar-me no Batalhão Lincoln tenha sido uma espécie de armadilha para interessá-lo em minhas decisões pessoais: um pedido de atenção.

Gus levantou as sobrancelhas.

— Por Cristo, Polly, talvez seja isso mesmo. Quem sabe se eu não queria apenas brincar de soldadinho?

— Queria mesmo? — quase gritou Polly. — Eu acredito em sua sinceridade, Gus! Você não é sincero?

— Como é que vou saber? — respondeu Gus, espalhando as mãos.

— Meu Deus! — murmurou Polly. Estava novamente diante daquela atitude de Gus de tratar a si mesmo como se fosse um objeto denso, opaco, ou como se não fosse ele mesmo, e sim uma outra pessoa, cujos motivos pudesse apenas adivinhar. Seria essa estranha e vazia objetividade o mal de Gus, ou seria, pelo contrário, uma consequência do tratamento?

Resolveu não pensar mais no assunto. Sabia que a Regra Número Dois mandava que os pacientes não discutissem seus males com amigos ou parentes, e aquela era a conversa mais longa que ela e Gus haviam tido sobre a análise — pelo menos desde a primeira vez que ele contara tudo, depois de já terem dormido juntos várias vezes. Polly era uma pequena honesta, e, da mesma forma como seria incapaz de forçar um diabético a tomar açúcar, nunca mais tocara no assunto com Gus. O resultado é que andava no escuro quanto àquilo que era, indubitavelmente, a parte mais vital da vida dele. E, se não era, então

por que gastaria ele uma hora por dia a discutir o assunto com um estranho?

Retrospectivamente, Polly costumava tentar adivinhar se teria deixado Gus visitá-la e levá-la à cama, para o amor, se soubesse que ele estava sendo psicanalisado. Ele contara que se achava separado da mulher (ela já o sabia por intermédio de Libby), mas não dissera uma única palavra sobre a "análise". Todavia, Polly compreendia as razões que o levavam a agir assim: no princípio, fora por não conhecê-la muito bem e, depois, quando ficaram íntimos, já era tarde demais para ela escolher. E, agora, tendo deixado que ele a amasse, ela também o amava. . . Mas se tivesse sabido tudo antecipadamente duvidava muito de que tivesse perdido sua virgindade com um homem que estava sendo "analisado"; teria sentido medo.

Polly sempre soubera que o sexo significaria muito para ela. Eis por que sempre evitara os homens. Pelo que ouvira das outras colegas da universidade, chegara à conclusão de que os preliminares do amor, as bolinações, não as abalavam tanto como a ela. Muitas vezes, quase avançara o sinal, conforme costumavam dizer, mas havia sempre alguma coisa que a salvara na última hora — certa vez, fora o policial de serviço na universidade, mas em geral era o próprio rapaz tolhido pelos escrúpulos. Quando rompeu o noivado e teve de ir para a enfermaria, foi o sexo que mais a torturou. Depois disso, suprimira sumariamente seus desejos, chegando ao ponto de evitar até os filmes com muitos beijos, pois não queria ser "despertada". Decidiu optar por uma vida reta, tranqüila e independente, com períodos de bom humor que funcionariam como cortinas numa janela. Diziam-lhe sempre que tinha um gênio muito suave e que arranjava amigos com facilidade, chegando ao ponto de fazer com que os pássaros comessem em sua mão. Tendo estudado cuidadosamente o seu caso, assim como fator "hereditariedade", decidira que viveria muito melhor num ambiente de amizade, evitando o amor ou o casamento. Imaginava-se no futuro, gorda e flácida, como uma abadessa, emoldurada por uma touca branca ou, então, como uma diaconisa episcopal, arrumando o altar, espanando o órgão ou visitando os pobres da paróquia. Acontece que não tinha religião, mas talvez os anos mudassem sua maneira de pensar. O perigo imediato era transformar-se num "tipo" e, assim, fazia tudo para que, embora tivesse somente vinte e seis anos, não viesse a figurar num álbum de família. Contudo, alguns amigos já começavam a tratá-la como um "achado" comprado numa loja modesta — uma peça de porcelana ligeiramente defeituosa.

Era verdade que pouco ligava às pessoas muito ousadas ou

àquelas que todos prediziam virem a ser um sucesso na vida, as que a faziam pensar que ela mesma era um fracasso em Vassar; a única maneira como podia tranquilizar-se diante de moças assim, como acontecia com Kay e Libby, era ter pena delas. Tinha tanta pena de Libby, a ponto de mal suportar a sua presença; a boca muito vermelha da amiga, falando incessantemente, parecia-lhe uma ferida no meio de um rosto vazio. . . Mas Libby nem ao menos suspeitava de que alguém pudesse ter pena dela, e era isso exatamente que a fazia mais digna de lástima; achava que devia ter pena de Polly e que lhe fazia um grande favor todas as vezes que lhe impunha alguma coisa. Se Polly deixasse de vê-la, então a pobrezinha não teria mais ninguém para quem pudesse imaginar estar sendo caridosa, porque Libby não conseguia ser caridosa com os realmente necessitados, mas somente para aqueles, como Polly, que nada tinham a reclamar da vida. Mas essa sensação de ser feliz é que a fazia parecer "um tipo" aos olhos dos amigos incrédulos; a família Andrews era considerada excêntrica por haver perdido todo o dinheiro e, apesar disso, ter sobrevivido. Polly podia rir desta concepção, mas para muita gente, evidentemente "era" excentricidade ou, então, pose, rir quando todo o dinheiro havia desaparecido. E usar os vestidos parisienses de uma velha tia, devidamente reformados, com um sorriso nos lábios — embora Polly não compreendesse como aquela gente queria que os usasse. . . com ar trágico? Se Polly acabara preferindo a companhia de gente estranha era porque, possivelmente, essas pessoas não tinham noção das coisas estranhas ou, talvez, por pensarem que a gente é estranha quando não o é. O Sr. Scherbatyeff, por exemplo, achava Libby uma pessoa incrível e vivia pedindo-lhe que ela se explicasse.

Mas havia um ponto sobre o qual todas as amizades de Polly, estranhas ou não, concordavam: ou seja, que ela devia casar. "Mas você, uma moça tão bonita. Por que não casa?", perguntava o geleiro, acrescentando mais uma voz ao coro. "Estou esperando o homem certo", respondia Polly. E isso, a despeito da disciplina que exercia sobre si mesma, era a razão secreta. Se, na realidade, tornava as coisas difíceis para "aquele" que a haveria de encontrar, era tudo parte das provas que teria de vencer para possuí-lo. "Mas, Polly, como é que você vai encontrar alguém", diziam suas colegas de classe, "se você não sai?" Ela estava perfeitamente familiarizada com a argumentação usada nessas ocasiões, isto é, que a maneira de conhecer um homem era por intermédio de outro, que não é preciso amar um homem, nem mesmo gostar dele, para aceitar um convite para ir ao teatro ou jantar, pois tudo o que ele deseja é a companhia, coisa que custa muito pouco

dar. Mas os fortíssimos desejos de Polly faziam com que ela duvidasse disso, não achando correto iniciar uma relação que não estava disposta a levar avante e não considerando honesto usar um homem para conseguir outro. . . Assim, recusara teimosamente todas as tentativas que foram feitas para lhe arranjar amizades do sexo masculino — os rapazes convidados para as festas, que lhe eram oferecidos com sugestões de galanteria. "Dick leva você para casa, Polly. Não é, Dick?" "Não, muito obrigada", interpunha Polly. "Vou tomar o ônibus da Primeira Avenida. Acontece que existe um ponto de parada bem ao lado de minha casa." Até os Srs. Schnneider e Scherbatyeff haviam feito tentativas semelhantes; uma verdadeira coleção de jovens trotskistas tinha sido convidada a tomar um cálice de *schnapps* no quarto do primeiro, enquanto que o segundo oferecera um sobrinho que praticava hotelaria em Chicago. Acima de todos, recusara-se terminantemente a aceitar a companhia do detestável maninho de Libby, chamado em família de "Irmão", que estava sempre ansioso por convidá-la para saírem juntos.

— É o seu orgulho que a faz agir assim, minha menina — comentara o Sr. Schnneider, certa noite, por ela ter-lhe reprovado mais uma tentativa de arranjar-lhe "um homem".

— Talvez — respondera Polly. — Mas o senhor não acha que o amor deve acontecer como uma surpresa? Como quem recebe a visita de um anjo inesperado?

A covinha do queixo tremeu.

— O senhor sabe como acontece nas histórias de mistério. O criminoso é sempre o menos suspeito, a pessoa de quem ninguém desconfiava. É assim que eu me sinto em relação ao amor. O *homem certo*, para mim, jamais será aquele que tenha sido convidado para ser meu companheiro numa festa. Será a pessoa que a anfitriã jamais teria pensado. Se aparecer.

O Sr. Schnneider ficou triste.

— Você quer dizer — observou o alemão, tristemente — que vai apaixonar-se por um homem casado. Todos os demais suspeitos são óbvios.

E fora o que acontecera com Gus.

— Vocês eram as duas últimas pessoas — comentara Libby no dia seguinte — que eu suspeitaria que se pudessem dar bem. Ele marcou outro encontro?

Polly respondera honestamente que não; limitara-se a tomar nota do seu telefone. Libby não manifestou a menor surpresa.

— É um homem muito difícil de ser manobrado — observou. —

Principalmente por uma pessoa como você. Sabe? . . . Estive pensando muito a seu respeito, Polly. Você é do tipo que as pessoas mais velhas adoram. Os velhos e as moças. Mas um homem como Gus Le Roy jamais será cego para os seus encantos. Foi por isso que fiquei estatelada quando vi vocês saírem juntos, ontem à noite. Talvez você não tenha notado numa conversa ligeira, mas ele é o *dernier cri* no ramo das publicações; devia ver os nomes dos autores que lhe entregam seus trabalhos. Autores que lhe são completamente dedicados, que ele poderia levar consigo se resolvesse abandonar a Editora Ferris. É claro que muitos deles são comunistas; dizem que é membro secreto do partido e que tem ordens de agir dentro da Ferris. Mas a verdade é que alguns dos melhores autores destes últimos tempos são comunistas.

Libby soltou um suspiro. Polly continuou silenciosa.

— Ele falou alguma coisa a meu respeito? — perguntou Libby repentinamente.

— Um pouco — respondeu Polly.

— Que foi que falou? Oh, por favor, diga-me tudo.

— Disse que você ia muito bem como agente.

Libby pareceu decepcionada.

— Deve ter dito muito mais coisas. Acha que eu sou atraente? Creio que sim, pois do contrário não teria aceito o meu convite. Acho que não lhe dei a devida atenção. Ele reparou? Eu só via o Niels. Sabe... o barão — tornou a suspirar. — Propôs-me casamento, ontem mesmo.

— Ora, Libby — falou Polly, rindo —, você não pode casar com um esquiador. Espero que tenha recusado.

Libby concordou com a cabeça.

— Ele ficou furioso. Promete não contar a ninguém o que vou revelar?

— Prometo.

— Quando recusei, ele tentou violar-me! Rasgou meu vestido novinho em folha de alto a baixo. E eu fiquei cheia de marcas. Vou mostrar.

Abriu a blusa.

— Que horror! — exclamou Polly, vendo as manchas azuladas no peito e nos braços de Libby. Esta fechou a blusa.

— É claro que depois ele pediu desculpa.

— Mas como foi que você conseguiu detê-lo? — quis saber Polly.

— Disse que era virgem. Caiu imediatamente em si. Afinal de contas, é um cavalheiro. Mas que *viking*! Ainda bem que você saiu

com o Gus. Ele tentou beijá-la?

— Não — respondeu Polly —, não deixou de me chamar de "Srta. Andrews" uma única vez, o pobre coitado.

— Pobre coitado, por quê? — indagou Libby.

— Por ser um homem muito solitário, segundo vim a saber durante o jantar. Sente muito a falta da esposa e do filho. Faz-me lembrar um viúvo.

Libby levantou os olhos para o céu.

Polly estava dizendo a verdade. Começara por sentir pena de Gus. E a maneira como a chamara a noite inteira, "Srta. Andrews", dera-lhe a impressão de que havia uma escrivanhinha entre eles, e não uma mesa de restaurante. Aliás, chegou logo à conclusão de que a escrivanhinha era como que um membro a mais para ele: tinha uma voz essencialmente burocrática, judiciosa, e tinha também o hábito de curvar-se para trás na cadeira. A título de piada, contara o desmaio de Libby.

— Pensei que a moça estivesse faminta, Srta. Andrews, palavra de honra.

Olhou tristemente sob as bastas sobrancelhas, e Polly riu.

— E quando foi que descobriu estar errado? — perguntou-lhe.

— Só algum tempo depois é que vim a saber que a família da Srta. MacAusland é uma das mais abastadas de Pittsfield. Não é verdade?

— É — respondera Polly. — São donos de uma das maiores fábricas da cidade. Foi assim que conheci Libby. Minha gente vive em Stockbridge.

— Donos de fábrica também?

Polly balançou a cabeça.

— Papai é um arquiteto que só construía para os amigos. Vivía de rendas até a quebra da Bolsa.

— E agora?

— Mamã conservou uma diminuta renda, e temos uma fazenda que produz alguma coisa.

— E a senhorita, o que faz?

— Sou técnica de um hospital.

— Deve ser muito interessante. E recompensador. Trabalha em que hospital?

E assim por diante. Exatamente, pensou Polly, como quem estivera entrevistando um candidato a emprego. Fora esse lado profissional de Gus que mais emocionara Polly. Às vezes, chegava à conclusão de que se apaixonara por uma escrivanhinha, uma cadeira

giratória e um bigodinho que fazia cócegas.

Mesmo assim, contudo, apaixonara-se por uma escrivainha, e ser apresentada a um sofá fora assustador. Agora, tentava várias vezes imaginá-lo no sofá do psiquiatra, mas não o conseguia. Será que fumava o cachimbo e cruzava os braços atrás da cabeça? Ou fumava um cigarro atrás do outro, deixando cair as cinzas num cinzeiro colocado sobre o peito, conforme fazia constantemente na cama? Que voz usava em tais ocasiões: a voz burocrática, que rangia como uma cadeira giratória, ou outra mais suave, mais leve, que sintonizasse com o sorriso infantil, os lábios macios e vermelhos e o ar ingênuo que tinha de franzir o nariz como um coelhinho para expressar muita afeição?

Quando lhe falara pela primeira vez do analista, sua voz tremia e havia lágrimas em seus olhos. Saíra da cama, usando o quimono oriental, relíquia que Tia Júlia trouxera de uma de suas viagens ao Oriente e que lhe chegava aos joelhos, e, muito nervoso, acendera um cigarro e jogara-se numa poltrona.

— Há uma coisa que preciso contar-lhe. Eu estou sendo psicanalisado.

Polly sentou-se na cama, protegendo-se com o lençol, como se uma terceira pessoa tivesse entrado inesperadamente no quarto.

— Por quê? — perguntou Polly. — Por que, Gus?

Sua voz ecoou como um lamento. Ele não explicou as razões, embora desse a impressão de querer fazê-lo. Em lugar disso, porém, contou como começara a freqüentar o analista.

A idéia fora da esposa. Depois de Gus a ter abandonado, por ela ter dado "umas voltas" com um dos dirigentes do partido, Esther — era esse o nome da mulher de Gus — decidira que o queria de volta. Tentou todos os métodos antigos — lágrimas, ameaças, promessas —, sem conseguir demover Gus do seu propósito de não voltar para casa. Finalmente, um dia, fora procurá-lo no escritório, muito mais calma, apresentando uma proposta completamente nova e diferente, ou seja, que os dois deviam submeter-se a um tratamento psicanalítico para ver se o casamento podia ser salvo. Para Gus, depois de todas as cenas que suportara, a proposta parecia muito razoável, tendo ficado algo abalado, principalmente pela mudança no comportamento da esposa. Ela dissera que a psicanálise a ajudaria muitíssimo no seu trabalho de professora, em relação com as crianças; que muitas de suas colegas tinham sido analisadas e apresentavam resultados excelentes e que o próprio diretor da escola recomendava calorosamente o tratamento. Provavelmente, as análises ajudariam também Gus em seus contatos

com os autores, dar-lhe-iam novos elementos para lidar com seus conflitos; assim, se ele mantivesse a intenção de divorciar-se no fim do tratamento, os dois teriam obtido muitas vantagens do tratamento, pelo menos do ponto de vista profissional. Gus dissera que ia pensar, mas antes mesmo que ela sáisse já resolvera fazer uma tentativa. Ele também teria gostado de salvar o casamento em benefício do pequeno Gus, e sua desesperança baseava-se na idéia de que nem ele nem Esther poderiam mudar. Se tivesse um fio de esperança, há muito já teria voltado para a companhia da mulher, e não teria havido outra pessoa em sua vida. Além disso, a perspectiva de dar uma olhada "para dentro de si mesmo" — Esther usava freqüentemente a expressão — era-lhe fascinante, coisa que Polly compreendeu.

Polly, aliás, compreendera logo tudo. O que não conseguiu perceber era o motivo de ele continuar a freqüentar o médico, agora que a encontrara. Atualmente, já que não tinha mais nenhuma dúvida quanto a querer mesmo divorciar-se de Esther, por que não parava? E, como não o fazia, Polly chegara à conclusão de que havia uma possibilidade de ele voltar para a companhia da esposa, todo remendado, assim como certos objetos que a gente manda para o faz-tudo. Ou continuaria ele indo, como às vezes pensava, por uma mera questão de inércia? Ou, talvez, porque o médico descobrira algo de realmente errado nele, como sucede quando a gente vai ao dentista para uma obturação e descobre que tem um tremendo abscesso?

Na noite em que lhe contara aquilo tudo, Gus perguntara se ela estava aborrecida. "Claro que não", respondera, querendo significar que o amava da mesma forma e que o continuaria amando. Mas, na realidade, ficara muito preocupada, conforme descobrira mais tarde. Era uma sensação algo desagradável saber que, diariamente, recebia um Gus "recém-saído do sofá". Teria preferido que ele fosse analisado pela manhã, antes de ir para o trabalho, ou na hora do almoço. Assim, não ficaria pensando em que tinham falado, se nela, um pensamento horrível, ou se em Esther, pensamento ainda mais horrível. Preferia pensar que tinha sido sobre a infância de Gus; a infância não fazia mal. O mais estranho é que ele nunca parecia abalado ou abatido quando vinha do analista; na verdade, era como se tivesse acabado de sair do barbeiro. Ficava muito mais excitado quando, em certas sextas-feiras, tendo avisado o analista de que não compareceria à consulta, ia assistir a alguma reunião importante. Em seu lugar, Polly ficaria terrivelmente abalada, se tivesse passado uma única hora remexendo no seu subconsciente.

Ou mesmo no consciente. Gus estava proibido de ler Freud

enquanto estivesse sendo analisado (outra regra), mas Polly, na hora do almoço, pesquisara a literatura existente na biblioteca do Centro Médico. Apesar de os psiquiatras do hospital serem violentamente antianalistas, tinham todos os livros de Freud e de seus principais seguidores. Tentava — muito inabilmente, achava — descobrir qual a neurose ou psiconeurose de Gus. Mas ele não parecia se enquadrar em qualquer uma das descrições de histerismo, ansiedade histérica, neurose compulsiva, ânsia neurótica, neurose do caráter. Parecia mais um neurótico compulsivo, porém, ao mesmo tempo, Polly chegara à conclusão de que ele nada fazia que os doentes desse tipo costumavam fazer, ou seja: pisar sempre nas rachas das calçadas ou, então, "não" pisar, conforme fosse o caso. Por outro lado, os pacientes de ansiedade tinham dificuldade em tomar decisões, e era verdade que Gus hesitava muito quanto a alistar-se como voluntário para a Guerra Civil espanhola, assim como vacilara um pouco ao abandonar a esposa. No entanto, o verdadeiro doente de ansiedade, diziam os doutores, era aquele que, na hora de ir para o trabalho, sofria terríveis angústias por não saber decidir se devia tomar ônibus ou o trem subterrâneo, e Gus tomava sempre o ônibus. Além do mais, a vida sexual de todos os neuróticos era perturbada. Polly não podia tecer comparações, mas, até onde podia verificar, a de Gus era completamente normal e tranqüila; parecia sempre disposto ao amor, mostrara grande prática e ensinara Polly com muita ternura, como um homem que ensina uma criança a empinar um papagaio ou abotoar a roupa — obviamente, tratava-se de um excelente pai. Era uma felicidade, pensava Polly, fazer amor com ele.

Quanto mais estudava e lia para compreender Gus, mais ficava convencida de que a única coisa errada que ele tinha era gastar vinte e cinco dólares por semana indo ao analista. E, assim, perguntava a si mesma se aquilo não seria uma espécie de doença, uma hipocondria, cuja cura dependia de um psicanalista.

Mas, se não conseguia enquadrar o querido Gus numa das neuroses conhecidas, então, para seu desespero, via que ela, por seu lado, enquadrava-se em muitas delas. Era compulsiva, obsessiva, oral, anal, histérica e ansiosa. E, se sua vida sexual atualmente não era perturbada, no passado o fora. Uma sensação de culpa transparecia no seu rito dominical de lavagem de roupa, e desligava-se de sua ansiedade pela mágica propiciatória de passar e engomar suas blusas. As plantinhas que cultivava no peitoral da janela eram os filhos que não podia ter. Era prisioneira da contabilidade: colecionava botões, alfinetes de fralda, barbantes, rolhas, fitas e recortes de jornal; fazia

inúmeras listas, inclusive esta, e estava habituando-se à bebida. O fato de encarar este retrato com uma fascinação bem humorada já era, em si, um mau sinal: provava uma autodissociação, uma fuga para a fantasia. Aliás, toda a família Andrews — até Freud o afirmaria — vivia num mundo mitológico.

Brincadeira à parte — e havia ocasiões em que tinha de pensar seriamente —, Polly sabia estar numa situação deplorável. Aos domingos à noite, sentia-se terrivelmente infeliz. Outra vez! Pela segunda vez o amor a deixava naquele estado. Positivamente, o amor não lhe era favorável. Devia haver pessoas alérgicas ao amor, e ela era uma dessas pessoas. E não somente lhe fazia mal como ela se sentia mal: o amor envenenava-a. Antes de conhecer Gus, não só era mais feliz, como muito mais simpática. Por amar Gus, estava transformando-se num ser detestável, um ser que ela mesma detestava.

E este ser ficava pior aos domingos, como se atingisse o pináculo de uma fervura, visto que nesse dia Gus ia ver o filho e a esposa. Tinha perfeita noção daquelas relações, ao contrário de certos pacientes, sobre os quais lera, que não sabiam quanto era dois mais dois. Tinha ciúmes. E, ainda por cima, para ser honesta consigo mesma, era contra o divórcio, no caso de o matrimônio ter produzido filhos, a não ser que os pais brigassem na frente dos filhos ou, então, que um deles exercesse influência perniciosa. Bastava ver o que sua mãe sofrera com o pai. E, contudo, continuavam juntos. Esther cometera o adultério várias vezes e não parecia ser boa pessoa, mas Gus a amara o bastante para ter um filho dela. Se Polly não fosse a "outra mulher", aconselhá-lo-ia a voltar para a companhia da esposa. Pelo menos, para tentar mais uma vez. Não, assim seria sacramentar para sempre uma situação equívoca.

Ante a palavra antipática, o sangue de Polly gelou-lhe nas veias. Enrolou uma toalha seca na cabeça úmida e começou a cerzir um buraco de meia. Não era ela quem pedia que Gus a desposasse, eram os outros. E não havia desculpas. Estava portando-se como Caim na Bíblia, fingindo que o divórcio de Gus era assunto que não lhe dizia respeito, por não ser responsável pelo seu comportamento. Mas era. Pensou que não entrava na cabeça de ninguém, a não ser na de Esther, que Gus voltasse para a companhia da esposa. Bem, isso também não era verdade. Entrara na cabeça de Polly. Não de uma vez, e sim gradualmente. Durante a semana, esquecia-se de tudo, mas, aos domingos, quando Gus estava ausente, voltava a sofrer dos seus receios. Certa vez, chegou a pensar que não conseguiria vencer aquela situação. Já pensara em transmitir a Gus suas preocupações, mas teve certo medo de que ele risse ou ficasse muito sério. Esse pensamento

era o seu segredo dominical. E a voz da consciência (se é que era isso), longe de levá-la a bons resultados, fazia-a ainda mais ciumenta — a ponto de, mentalmente, ter vontade de matar o pequeno Gus. Mas, neste ponto, alguma coisa detinha-lhe a mão e, em lugar do garoto, matava Esther e vivia para sempre feliz na companhia do garoto e do pai.

Deixou cair o ovo de cerzir. Foi até a janela ver se as blusas já estavam secas, prontas para serem passadas. Estavam. Enrolou-as numa toalha, arrumou o cabelo, prendendo-o com dois grampos. Se fosse passar a ferro, Gus telefonaria para dizer boa noite, como fazia às vezes. Estava secretamente convencida de que o telefonema era uma espécie de prêmio, se passasse a roupa, pois, quando ficava preguiçando, temia que ele não telefonasse, como se o pudesse adivinhar.

Descobrira uma verdadezinha bem amarga: os homens nunca telefonam quando a gente precisa deles, só quando não precisa. Bastava estar absorvida com a roupa ou arrumando as gavetas, não querendo ser interrompida, para o telefone tocar. É necessário viver sem ele, esquecê-lo honestamente e gozar de sua própria sociedade antes de a coisa funcionar. Em outras palavras, só conseguimos aquilo que queremos quando nos convencemos de que podemos passar sem essa coisa, o que significa, raciocinava Polly, que a gente "nunca" consegue o que quer. Praticamente, todos os domingos, Polly achava que podia viver muito bem sem Gus, se fosse necessário; subindo as escadas com uma pilha de blusas ainda quentes do ferro, sentia-se feliz e auto-suficiente, chegando a pensar que o casamento era uma humilhação. Perguntava-se mesmo se Gus, distante apenas um quarteirão, zanzando pela cozinha, fumando o cachimbo ou ouvindo as notícias pelo rádio, não estaria pensando a mesma coisa. Ou, então, não seriam eles, realmente — um quase solteirão e uma solteirona —, pessoas que se enganavam mutuamente sobre o desejo que tinham de se unir.

Mas este era o "outro" domingo. Esta noite, ela precisava dele, e ele, provavelmente, não telefonaria. Já era muito tarde, e a casa estava completamente silenciosa. Pensou em bater na porta do Sr. Schneider e pedir que lhe fizesse companhia na cozinha enquanto passava a roupa. Apesar de ter momentaneamente afastado seus temores, a perspectiva da cozinha vazia, no porão da casa, e o esforço de armar a pesada tábua de passar pareciam-lhe apavorantes. Além disso, tinha medo de ficar sozinha com seus pensamentos, lá embaixo, sem a proteção de suas quatro paredes.

Contudo, pensou que, se solicitasse a ajuda do Sr. Schnneider, este começaria a falar de política, e isso seria desleal para com Gus. Se não fosse sobre os julgamentos de Moscou, a conversa versaria sobre a guerra na Espanha. Aliás, sem o querer, o Sr. Schnneider proporcionara-lhe mais uma perspectiva sobre Gus, na qual ele aparecia como um crédulo — "os inocentes utensílios de Stálin", como os denominava o alemão. Mas, se Gus era um "inocente utensílio", ela não o queria saber.

E, contudo, a vontade de saber tudo consumia-a como uma febre. A culpa era do tal psicanalista que transformara Gus num homem misterioso, pelo menos para ela, e, conforme suspeitava, para ele mesmo. A idéia de que havia um outro Gus, que saía da toca todos os dias às cinco da tarde, começou a ficar mais horrível a cada dia que passava. A princípio, cismou com o psicanalista, pelo fato de o homem ser um obstáculo ao seu casamento e, agora, já o odiava, visto que, quanto mais Gus era analisado, mais ela especulava sobre o que acontecia entre os dois. Tinha a certeza de que Gus contara ao médico coisas que ela ignorava. Talvez até tivesse dito que já não estava tão ansioso em desposá-la e que sonhava constantemente com Esther — mas como é que ela podia imaginar uma coisa dessas? Ou, então, o doutor talvez tivesse dito que ele "pensava" que amava Polly Andrews, mas que seus sonhos provavam o contrário. Era impossível que ele continuasse freqüentando um analista sem ter um "conflito", mas que conflito era esse?

Acima de tudo, detestava o médico, já que, graças a ele, começara a ver coisas em si que odiava. Se havia um outro Gus, também havia uma outra Polly. Não somente uma Polly ciumenta que mergulhava em fantasias assassinas, mas também uma Polly desconfiada e espiã. O pior é que doía saber disso. Quando mentalmente matava Esther, não ficava de todo perturbada, porque a verdadeira Polly nunca mataria a outra, mesmo que dominasse os raios cósmicos. Todavia, a verdadeira Polly daria tudo para, envolvida numa capa de invisibilidade, estar presente no consultório do Dr. Bijur numa das horas de análise. Mas por que fazia tanta questão de saber? Curiosidade feminina. A caixa de Pandora, que continha todos os males do mundo, segundo os gregos antigos. O armário secreto do Barba-Azul. E, contudo, a caixa de Pandora estava, pelo menos, cheia de maus espíritos que se espalharam pelo mundo, e o armário do Barba-Azul, atulhado de corpos ensangüentados — a moral destas histórias é que é bem melhor continuar ignorando. Polly, porém, não aprovava essa moral; uma cientista como ela não o podia fazer. Havia

uma outra fábula que se adaptava ao seu caso, bem o sabia, a do Amor e Psiquê. Gus, deitado no sofá do analista, tão inocente, era o Amor, e ela era Psiquê, com sua velinha de cera tentando ver-lhe a face, apesar de saber que isso lhe fora proibido. O que esperaria Psiquê descobrir?... Um monstro horroroso? Em lugar dele vislumbrou um deus belíssimo. Mas, quando as gotas de cera quente o despertaram, o Amor voou para longe, chorando sua tristeza. A moral desta história é que o amor é um dom que não deve ser analisado, por vir dos deuses. O que Polly tentava fazer, para sua vergonha, era o mesmo que tentar descobrir o preço de um presente valioso. O castigo seria o Amor abandoná-la. Contudo, ainda assim, não podia voltar atrás. Uma vez que Psiquê sentira a necessidade de saber como era o Amor, não havia como recuar, pobrezinha; era impossível continuar naquela expectativa angustiosa que lhe roía a alma, pois, tal como Gus, o Amor só a visitava depois do cair da noite.

De sua parte, gostaria de poder dizer: "Escolha entre mim e o analista". Mas não podia. Era demasiado mole. Além disso, tinha a esperança de que as análises terminassem em breve. Mas, recentemente, começara a ouvir histórias que lançavam novas luzes sobre o caso. Kay Petersen conhecia uma mulher que freqüentava o psicanalista havia oito anos. Neste andamento, quando tocassem a marcha nupcial, Polly já estaria velha demais, talvez nem mesmo pudesse mais ter filhos, e Gus já estaria aposentado. A única esperança que lhe restava era que, em breve, as economias de Gus se esgotassem. Ao que parece, os analistas, geralmente, não fiam: eram piores do que a Companhia Telefônica ou o gringo da prestação.

Reanimada pelo pensamento, Polly desceu à cozinha e armou a tábua de passar. Quase ao mesmo tempo, o Sr. Schneider começou a tocar violino. Estava no meio da terceira blusa, quando o telefone tocou. Era Gus. Queria saber se ela podia recebê-lo, nem que fosse por poucos minutos. Polly desligou o ferro e correu para o quarto, a fim de passar batom e empoar o nariz. Antes que tivesse tempo de pentear o cabelo, soou a campainha. Beijaram-se e subiram as escadas juntos.

— Isto parece uma lavanderia — comentou Gus, ao entrar. — Você lavou o cabelo?

Aproximou-se, cheirando, e deu-lhe um beijo no alto do coque.

— Cheirinho gostoso — disse.

— Suco de camomila — explicou Polly. Preparou dois cálices de xerez. Gus olhou em sua volta. Era a primeira vez que a visitava num domingo à noite. Polly aguardou, tentando imaginar a razão da inesperada visita; ele não tirou o paletó, mas, encaminhando-se para a

janela, puxou a cortina.

— Conversei longamente com Esther.

— Oh?

— Falamos sobre a minha análise.

— Oh? — O segundo "oh" foi muito mais cauteloso. Será que viera contar-lhe que os dois haviam decidido acabar com as análises?

— Perguntou como iam as coisas. A dela vai indo às mil maravilhas. Sonhou que tinha ido ao enterro do seu analista.

Isso significava que o tratamento estava chegando ao fim; na semana seguinte, teria a última consulta.

— Ótimo! — comentou Polly gentilmente. Gus tossiu.

— Mas as minhas novidades não são assim tão boas, Polly. Fui obrigado a contar-lhe que estava bloqueado.

— Bloqueado? — perguntou Polly sem entender. Ele fez que sim com a cabeça: — Mas... o que significa isso?

— É que eu não consigo sonhar — explicou ele, enrubescendo. — É engraçado, mas parei de sonhar completamente.

— E é muito sério?

— Muito.

— Mas por quê? Há tanta gente que não sonha.

Ela sorriu. Gus franziu a testa.

— O ponto, Polly, é que, se eu não sonhar, nada tenho para contar ao Dr. Bijur.

— Nada?

— Nada. Literalmente. Nenhuma palavra.

Esvaziou o cálice distraidamente.

— Sucede-me a mesma coisa diariamente. Eu entro. "Boa tarde, doutor." Deito-me no sofá. "Algum sonho?", pergunta Bijur, apanhando o caderno de notas. "Não!" O homenzinho larga logo o caderno. Silêncio. Quando terminam os cinqüenta minutos, ele avisa que a hora acabou. Dou-lhe cinco dólares. "Até amanhã, doutor", e saio.

— Todos os dias? — exclamou Polly.

— Quase.

— Mas, e você não pode falar de outra coisa? Do tempo. Ou de um filme que tenha visto. É absurdo ficar deitado uma hora sem dizer nada!

— Pois é o que acontece. Afinal de contas, aquilo não é uma visita social. Devemos tentar arrancar alguma coisa do subconsciente. Se não tenho um único sonho para esquentar o motor, fico

embatucado. Não posso iniciar uma livre associação no vácuo. O jeito é ficar deitado. Na semana passada, adormeci. Tinha trabalhado muito no escritório. O médico teve de me sacudir, para avisar que a hora terminara.

— Mas você pode livre-associar a "nada" — explicou Polly. — A palavra "fogo", por exemplo, que faz você pensar?

— Água.

— E água?

— Fogo.

Ela não conseguiu deixar de rir.

— Oh, meu caro, francamente!

— Está vendo? — perguntou Gus, sombriamente. — Era o que eu estava dizendo. . . estou bloqueado.

— Já experimentou falar de não falar?

— Bijur já fez a sugestão: "Por que razões se recusa a falar?" "Não sei", respondi. Fim da conversa. — Sorriu. — Detesto falar para alguém que não responde, que fica sentado atrás de mim, pensando.

— Há quanto tempo dura o silêncio?

— Cerca de um mês. Há mais tempo até, tem períodos.

O rosto de Polly franziu-se num sorriso.

— Se pudesse imaginar o que estive pensando!

— Sobre a minha análise?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Nunca pensei em contar. Tinha medo de que falasse a meu respeito.

— E por que falaria?

— Bem, quero dizer, sexo... — explicou Polly.

— Boba — respondeu Gus ternamente. — O paciente nunca fala de sexo, do sexo de verdade. Fala de fantasias sexuais. Se tiver alguma. Eu não tenho. . . Desde criança. — Começou a andar pelo quarto. — Sabe o que está errado comigo, Polly? É que não tenho o menor interesse pela minha pessoa.

— Mas, Gus — falou ela gentilmente —, acho que isso é admirável. Todo o mundo luta para ser altruísta.

Chegou a pensar em acrescentar: "Veja só os santos", mas corrigiu-se a tempo.

— Veja só Lênin — preferiu dizer. — Ele pensava nele mesmo?

— Pensava nas massas — respondeu Gus —, mas francamente eu não penso muito nas massas.

— Então em que pensa você? — perguntou ela, curiosa.

— Em conferências de venda. Capas de livros. Relatórios das livrarias. Agentes. Uma conferência que tenho de fazer para a Liga dos Escritores Americanos.

— Acho que o seu médico não devia aceitar pagamento — comentou ela com um ar sério. — É completamente contra a ética.

Gus balançou a cabeça.

— O homem explicou-me que tudo isto é material útil que pode ser utilizado. Disse que, quando eu achar que devo desistir, é inútil continuar perdendo tempo. Dizem que a maioria dos pacientes expressa sua resistência falando. Eu expressei a minha pelo silêncio. Mas o meu silêncio, em sua opinião, é valioso. Mostra que o tratamento está agindo e que eu luto contra ele.

Polly perdeu a paciência. Ver Gus assim tão perturbado e tão humilde irritou-a. Fez a pergunta que resolvera jamais fazer.

— Diga-me uma coisa, meu caro — perguntou da maneira mais calma possível. — Afinal de contas, você está sendo tratado para quê? Qual o seu mal? Como se chama?

— Nome? — ecoou ele, surpreso.

— Sim — insistiu Polly. — "Neurose compulsiva", "neurose obsessiva", "ansiedade neurótica", uma dessas coisas.

Gus cocou a cabeça.

— Ele nunca disse.

— Nunca disse?

— Não. Talvez seja contra-indicado dizer ao paciente o nome da doença.

— E você não sente a menor curiosidade em saber?

— Não. Afinal de contas, o que é um nome?

Polly controlou-se.

— Se você for procurar um médico por estar com uma feridinha, não quer saber se é um mal superficial ou resulta de causas profundas? — perguntou. — Qual é a opinião de Esther?

Ele fechou os olhos.

— Disse que eu estava sabotando a análise. Por causa de você.

— Então ela sabe da minha existência?

— Jacoby contou tudo. — Tratava-se do seu companheiro de apartamento. Gus abriu os olhos. — Esther acha que eu ficarei livre do bloqueamento se deixar de vê-la por algum tempo.

Polly retesou-se. O primeiro impulso foi de rir, no entanto, continuou esperando e observando Gus.

— Na maneira de ver dela — continuou Gus, enrubescendo —, eu estou deliberadamente atrapalhando a análise. A minha parte fraca

e evasiva agarra-se à sua visão como apoio e refúgio. O fato de você trabalhar num hospital faz com que eu a veja como uma enfermeira. Para melhorar, terei de abandonar a minha enfermeira. — Olhou inquisitivamente. — Que acha da idéia?

— Acho — respondeu Polly com voz rouca — que Esther não devia arriscar-se a praticar a Medicina sem a devida licença. Não será Dr. Bijur quem deve dizer-lhe essas coisas, se é que são verdadeiras? Ele é que devia recomendar a você deixar de verme.

— Mas não pode, Polly; ele é o meu analista. Já expliquei tudo isso. O homem não pode aconselhar-me no que se refere às minhas decisões. Tudo o que pode fazer é ouvir sem comentários.

— Pelo menos — observou Polly —, agora você vai ter assunto na próxima sessão.

— Isso tudo é muito desagradável, Polly. Será que eu o mereço? — perguntou Gus, mexendo com o nariz carinhosamente. — Eu a amo.

— Mas, mesmo assim, já tomou uma decisão, não é mesmo? — perguntou Polly, firmemente. — Você vai fazer aquilo que Esther determinou. Por isso veio ver-me agora.

— Queria falar-lhe sobre o assunto antes de ver Bijur. Além disso, amanhã tenho de almoçar com um autor. Mas ainda não decidi coisa alguma. Vamos decidir juntos.

Polly cruzou as mãos e olhou-as fixamente.

— Inferno! — exclamou Gus. — Eu não estou sugerindo que acredito naquilo que Esther disse. Mas quem sabe se não devo tentar? Afinal de contas, ela me conhece muito bem. E é muito equilibrada. Se concordarmos em não nos vermos durante uma ou duas semanas, e o bloqueio terminar, então alguma coisa ficaria provada. E, se acontecer o contrário, ficará claríssimo que a errada é ela, não é? — Sorriu, ansioso.

— Ela o conhece muito bem — observou Polly.

— Mas isso é diferente.

Polly tentou outro caminho.

— Então, quais são os sintomas? Se fosse encarregada de fazer sua ficha, o que deveria eu escrever? O paciente queixa-se de? . . .

Gus ficou repentinamente irritado.

— Ora, Polly, afaste o hospital de seus pensamentos. Eu já expliquei as razões de eu e Esther termos concordado em fazer a análise. Foi devido ao nosso casamento ter ido água abaixo por causa do meu ciúme. Esther quer a liberdade, e eu não concordo com isso.

Uma sensação de alarma acometeu Polly.

— E isso é natural?

Ele franziu as sobrancelhas.

— No nosso meio talvez, mas você deve compreender que dentro de mim existe um conflito entre a cidadezinha do interior em que nasci e a metrópole em que vivo.

— Esse conflito existe dentro de quase todo mundo, não é mesmo? Pelo menos em nossa geração — hesitou um pouco —, e se nada houvesse de errado, Gus, se você fosse um homem completamente normal?

— Se eu fosse um homem normal, não ficaria bloqueado, ficaria?

Sentou-se preocupado. Polly tocou-lhe no ombro.

— Ei! — falou Gus. — Esse comentário não parece seu, Polly. Você parece irritada, como qualquer outra mulher.

— Acontece que eu sou igualzinha às outras mulheres.

— Não. — Ele abanou a cabeça vigorosamente. — Não é, não. Você é uma daquelas moças que a gente só encontra num livro de histórias.

Tornou a olhar em volta do quarto.

— Foi assim que a vi sempre: como uma princesa de conto de fadas que vive num aposento todo especial, cercada de anõezinhos amáveis.

Por uma estranha razão que não sabia explicar, a referência aos outros inquilinos seus amigos rompeu-lhe a resistência. As lágrimas começaram a correr-lhe pela face; nunca imaginaria que ele gostasse dos dois anões!

— E é por essa razão que você vai abandonar-me — comentou suavemente. — Por eu participar de um conto de fadas. Eu sou irreal.

Enxugou as lágrimas e serviu-se de outro copo de xerez.

— Ei! — replicou Gus. — Eu não vou abandoná-la, a coisa não passa de uma tática temporária, no interesse da estratégia geral. Por favor, compreenda-me, Polly. Eu fiz um acordo com Esther, e ela vai obrigar-me a cumpri-lo. Se eu não acabar o tratamento, nada de divórcio.

— Podemos esperar — respondeu Polly. — Você poderia desistir da análise e poderíamos esperar, vivendo em pecado. Poderíamos morar aqui ou procurar outro lugar.

— Eu não faria uma coisa dessas a você — disse ele enfaticamente. — Você não nasceu para viver em pecado. Jamais me perdoaria, se fizesse uma coisa dessas.

— É assim que falam as pessoas do nosso meio?

— Não! É assim que fala a boa gente de Fall River. Uma gente granítica. Sólida.

Ela sorriu misteriosamente.

— Você me compreende, não é? Sabe que eu a amo.

Polly refletiu um pouco, virando na mão o copo trabalhado a ouro.

— Devo estar louca, mas sei que é verdade. E sei mais outra coisa. Você vai voltar para Esther. Você pensa que não, mas vai.

Gus olhou-a espantado.

— Mas por que você diz uma coisa dessas?

Polly moveu a mão.

— O pequeno Gus, o partido, o psicanalista. Na verdade, você nunca a abandonou. Abandonando-a, você teria de mudar de vida. E não mudou. A coisa toda está dentro de você, como se fossem móveis embutidos. Até o próprio trabalho. Seus autores. Jacoby. Eu sempre tive a certeza de que jamais nos casaríamos — acrescentou tristemente. — Eu não faço parte do seu mobiliário. Nunca passei de um ornamento.

— Você está condenando minha atitude, Polly? — perguntou Gus.

— Não.

— Acha que eu devia ter agido de outra forma?

— Não.

— Diga a verdade.

— É uma coisa boba em que pensei, mais nada — e Polly hesitou por momentos. — Nada tem que ver conosco. Acho que você devia ter prestado mais atenção às conversas do Sr. Schnneider sobre os julgamentos de Moscou.

— Ora, francamente! — exclamou Gus.

— Eu disse que era uma bobagem — repetiu ela. — Gus, honestamente, acho que você deve voltar para a companhia de Esther. Ou, pelo menos, penso que você está pensando nisso.

O que ela achava é que assim ele estaria agindo certo, mas desejava que fosse diferente. Um homem melhor ou pior. Alguns minutos antes, repentinamente, chegara a uma conclusão que explicava tudo: Gus era um ordinário. Essa era a lamentável verdade.

Ele a encarava com muita piedade, como se se sentisse nu ante seus olhos, ao mesmo tempo que ela notava que ele não tirara nem mesmo o sobretudo, como se estivesse fazendo uma visita de negócios.

— Os domingos têm sido horríveis, Polly — revelou finalmente. — Você nem pode imaginar. O garoto vive perguntando quando é que

vou voltar.

— Eu sei.

— E Jacoby, com sua prancheta de desenho e as mulheres! Não que ele não tenha sido formidável comigo.

Passou um minuto antes de Polly reconhecer que ele aceitara seu conselho e ia voltar para casa, assim que pudesse e mantendo o respeito devido. E ele estava alegre e satisfeito como se ela o tivesse "libertado". Não era assim que desejara as coisas, quisera dizer que admitia sua partida, mas no futuro, eventualmente.

— Eu gosto tanto de você! — disse ele. — Mais do que de qualquer outra pessoa. — Suspirou. — O homem mata aquilo que mais ama. . . conforme disse o poeta.

— Não se preocupe comigo — respondeu Polly muito baixo.

— Oh, eu sei! — falou ele com energia. — Você é forte, inteligente . . . boa demais para mim.

Tornou a olhar o quarto, como que numa despedida. Polly sentia-se constrangida. Ouviam o Sr. Schneider tocando violino novamente. Gus beijou-a delicadamente; depois, afastou-a de si e ficou com as mãos em seus ombros, contemplando-a.

— Eu lhe telefonarei — disse — no final da semana. Para saber como vai passando. Se precisar de alguma coisa é só telefonar. Polly percebeu que ele ia partir sem amá-la uma vez mais. Aquilo significava que haviam feito o amor "pela última vez" na manhã anterior. Mas essa vez não contava, pois não sabiam que seria a última. Quando a porta bateu, atrás dele, Polly ainda não acreditava no que acontecera. "Mas não 'pode' terminar assim", repetiu a si mesma centenas de vezes, batendo com os dedos nos lábios para não começar a gritar. O fato de que ele partira sem levá-la para a cama era prova de que voltaria; ele recordaria e voltaria, como alguém que tivesse esquecido uma cerimônia importantíssima, alguém que tivesse "saído à francesa". Quando o relógio da igreja bateu uma hora, percebeu que ele jamais voltaria; seria incapaz de perturbar o pessoal da casa tocando a campainha àquelas horas. Contudo, continuou aguardando, na esperança de que ele atirasse algumas pedrinhas na janela. Trocou a roupa que usava por um quimono e ficou esperando, sentada à janela, vigiando a rua. Pela madrugada, dormiu durante uma hora; depois, saiu para trabalhar, como sempre, e seus sofrimentos, como se fossem manipulados por um mecanismo controlador de tempo, só voltaram a afligi-la às cinco horas.

No ônibus, de volta para casa, começou automaticamente a fazer a lista das compras — pão, leite, alface — e parou de repente. Não

podia comprar comida só para si própria. Mas se deixasse de comprar, seria reconhecer de vez que Gus não viria aquela noite. E não o queria reconhecer: recusava-se terminantemente a reconhecê-lo, pois, se tal acontecesse, não poderia viver outro minuto. Contudo, se comprasse comida, então estaria admitindo que ele ia voltar. E, então, é que ele jamais voltaria. O regresso só aconteceria se ela estivesse desprevenida. Ou seria ao contrário? Deveria enfeitar-se para esperá-lo? O sentimento cristão dizia-lhe que comprasse comida para dois, mas o pagão dizia: "Não se arrisque".

Ao descer do ônibus, parou um momento em frente ao mercado; parecia estar colada ao local. Era como se aquela decisão — comprar ou não comprar — fosse a chave que decidiria todo o seu futuro. E não conseguia decidir-se. Avançou alguns passos e tornou a voltar. Leu o anúncio das vendas especiais da semana; tinha sopa de rabada, que estaria ótima no dia seguinte. E se ele não viesse mais? O que faria com a sopa? Sopa de rabada com xerez. Ela tinha xerez em casa. E que tal se comprasse somente ovos? Se ele não viesse, os ovos poderiam ser usados no desjejum. Ao pensar na palavra desjejum, soltou um ligeiro grito.

Ocorreu-lhe que havia alguma coisa de familiar naquele pânico ou indecisão, como se já tivesse atravessado uma experiência semelhante, muito recentemente, até que afinal conseguiu recordar-se. Eram aqueles casos sobre os quais lera no hospital — os pacientes de ansiedade que não conseguiam decidir nem mesmo o que deviam comprar para o jantar, ou que linha do metrô deviam tomar quando iam para casa. Era isso que significava aquele sentimento: uma neurose. Ser neurótica era viver dia sim, dia não, num verdadeiro estado de terror com medo de decidir erradamente. "Oh, pobre gente!", exclamou em voz alta, e a dor de seus próprios sofrimentos transformou-se numa piedade imensa por aqueles que viviam permanentemente num estado que ela atravessara momentaneamente e que não mais voltaria. Um mendigo aproximou-se, pedindo uma esmola, e Polly pensou logo em dar-lhe o dinheiro que reservara para as compras, mas, de repente, deteve o gesto ao recordar-se de que Gus não aprovava dar esmolas na rua, visto que a caridade, dizia, sempre, ajudava a perpetuar o capitalismo. Se contrariasse a vontade de Gus, ele não viria esta noite. Enquanto pensava, o pobre seguiu seu caminho. O homem decidira em seu lugar. Mas a atitude fez com que ela reagisse instantaneamente. Correu atrás do mendigo e deu-lhe dois dólares. Depois, devagar, encaminhou-se para casa. Dera aquele dinheiro livremente, seguindo um impulso, não como se fizesse uma

troca, e não esperava qualquer resultado do gesto.

Encontrou uma carta que tinha sido metida sob a porta do quarto. Não teve coragem de abri-la, pois tinha a certeza de que era de Gus. Tirou o casaco e pendurou-o no armário, lavou as mãos, molhou as plantas e acendeu um cigarro. Então, com as mãos trêmulas, rasgou o envelope. Dentro, encontrava-se uma simples folha de papel manuscrita. Ainda assim, não teve forças para lê-la imediatamente; colocou-a sobre a mesa e ficou olhando de lado, como se quisesse adivinhar o conteúdo sem ler. A carta era de seu pai.

Querida Polly:

Eu e sua mãe decidimos divorciar-nos. Se não lhe causar incômodo, gostaria de ir morar com você em Nova York. Isto é, se for possível. Eu poderia ser de alguma utilidade para fazer as compras e cozinhar para você. Poderíamos alugar um pequeno apartamento. Sua mãe ficará com a fazenda. Minha saúde mental é excelente.

*Seu servo obediente e pai
muito amigo*

HENRY L. K. ANDREWS

A notícia, em outras circunstâncias, teria conseqüências desagradabilíssimas. Não houvesse Gus decidido voltar para a companhia de Esther (e ele voltou na semana seguinte), Polly teria sido obrigada a dizer não ao pai. Na verdade, se a carta tivesse chegado no sábado, em lugar de segunda-feira, teria enfrentado um terrível dilema. No sábado, ainda havia Gus. Que "teria" feito então? Provavelmente, teria telefonado à Sra. Andrews e pedido que prendesse o pai na fazenda em lugar de precipitar o divórcio. Ou, então, teria sugerido um tratamento mental. É evidente que, desde o primeiro momento, percebeu a ironia da situação. Pouco a confortou saber que, graças a Gus, poderia telegrafar ao pai dizendo que viesse. Ao ouvir a novidade, todos os amigos tiveram a certeza de que Polly sofrera um tremendo choque com a separação dos pais, mas a grande verdade é que se sentira profundamente grata pela presença do pai. Só depois é que se lembrou da mãe e imaginou como ela teria reagido àquilo tudo.

Muito mais tarde, Polly chegou à conclusão de que as coisas tinham colaborado para a felicidade geral. Sentia-se felicíssima vivendo em companhia do pai, muito mais do que o seria na de Gus. Os dois compreendiam-se às mil maravilhas, e a sua presença — três dias após a carta ter chegado — serviu-lhe como terapia ocupacional, exatamente o que teria recomendado um médico.

O Sr. Andrews, um velhinho de cabeça de duende e cabelos muito brancos, tinha excelente aparência quando saiu do trem, carregando uma caixa de ovos frescos da fazenda, caixa que insistiu em carregar pessoalmente, além de um ramallete de junquinhos para a filha. Há anos que não se sentia tão bem, explicou, e Kate também estava ótima. Atribuía seu estado de espírito ao divórcio — uma instituição maravilhosa. Todo o mundo devia divorciar-se. Kate parecia dez anos mais moça. "Mas, papai", perguntara Polly, "o processo não vai demorar muito tempo, mesmo com o consentimento de mamãe?" Contudo, o Sr. Andrews era um homem despachado.

"Kate já preencheu toda a papelada. Os motivos foram apresentados por mim... os melhores possíveis." Polly ficou um tanto ou quanto chocada ante o pensamento de que seu pai, naquela idade, tivesse cometido adultério. Mas ele queria dizer insanidade mental. Estava deliciado com a idéia de ter tido a necessária clarividência de ser doido e de ter os documentos indispensáveis para prová-lo.

Com o ânimo tão deprimido como andava nos primeiros dias, Polly foi reanimada pelo pai. Ficou espantada ao ver-se rindo logo na noite em que ele chegou; parecia que a risada pertencia a outra pessoa. Disse a si mesma que agora era obrigada a viver, agora que tinha alguém para quem viver, mas, passados poucos dias, descobriu que esperava ansiosamente a hora de voltar para casa, imaginando sempre o que teriam para jantar e por onde teria andado o pai. Inicialmente, alugara um quarto no terceiro andar para o velho e, nos fins de semana, procurariam outro apartamento. Mas então o Sr. Andrews teve uma idéia melhor. Tendo feito muita amizade com a senhoria, convenceu-a a transformar o último andar num apartamento, enquanto o inquilino do outro aposento se mudaria para o de Polly. Ele mesmo fez a planta do novo apartamento, usando o patamar da escada como saleta de entrada e conseguindo instalar uma cozinha tão comprida como um corredor de navio. Os dois passaram a primavera inteira e boa parte do verão remodelando a nova moradia, remodelação que não custou quase nada à senhoria, pois o Sr. Andrews aprendera carpintaria enquanto estivera no sanatório e não cobrava nada pelos seus serviços; além disso, conseguiu desobstruir a pia, o vaso sanitário, a banheira e os encanamentos por preços incrivelmente baixos durante suas freqüentes andanças pela cidade. Polly ajudava na pintura e na costura de novas cortinas, ornamentadas com as cores da bandeira francesa, assim como na forração das velhas poltronas vitorianas.

O apartamento, quando pronto, ficou delicioso, com suas lareiras de mármore e grandes portas-venezianas. Por certo, se algum dia o Sr. Andrews e a filha se mudassem, a senhoria poderia alugá-lo por um preço bem mais alto do que aquele que lhes cobrava. Entusiasmado com o sucesso, o velhinho queria remodelar a casa toda em apartamentos, fazendo assim a fortuna da simpática senhoria — projeto que Polly vetou formalmente, pensando nos Srs. Schnneider e Scherbatyeff, que não poderiam pagar os novos aluguéis, tendo assim de se mudarem. O Sr. Andrews foi obrigado a contentar-se em construir uma pequena estufa para as plantas de Polly nos fundos da casa; era o presente de Natal que reservava para a filha e passava

grande parte do seu tempo nos vidraceiros.

A mudança que se operava no Sr. Andrews deixava aqueles que o conheciam verdadeiramente abismados. Não podia ser somente por causa do divórcio, nem pela adorável companhia de Polly, comentava sua irmã Júlia. Devia ter acontecido mais alguma coisa a Henry. Foi a própria mãe de Polly quem esclareceu a dúvida quando visitou Nova York, hospedando-se na casa da cunhada em Park Avenue.

— Você sabia, Polly, que eles mudaram o nome da doença de seu pai? Agora não é mais melancolia. Chama-se psicose maníaco-depressiva. Quando Henry ouviu a coisa, sentiu-se como uma pessoa que tivesse sido enganada durante anos. Ele somente sofrera a fase "depressiva", compreende? Então, ficou extraordinariamente animado a fazer todos estes projetos, a começar pela idéia louca de que nos devíamos divorciar. A princípio, eu concordei só para não contrariá-lo. Você se lembra muito bem como foi que eu reagi quando ele cismou de batizar-nos a todos na fê católica, não é? Eu sabia que o batismo era desnecessário, pois já tínhamos sido batizados na Igreja Episcopal. Pensei que a mania do divórcio passaria, como passou a do catolicismo. Mas ele foi ficando cada vez mais entusiasmado com a idéia e insistiu em vir para Nova York. Finalmente eu disse para mim mesma: E por que não? Talvez a idéia de Henry seja muito boa até. Na nossa idade não existe razão para que continuemos vivendo em companhia de alguém que não queremos. E o mais curioso é que, desde então, eu me sinto outra mulher.

Polly observou atentamente sua mãe, vertendo o chá ao lado da Tia Júlia. Na verdade, ela parecia outra pessoa, uma viúva expansiva, com um novo penteado e maior energia.

— Queira desculpar a pergunta, Madame —, perguntou Ross, que servia os biscoitos. — Mas por que razão a senhora e o Sr. Henry não podiam continuar vivendo sob o mesmo teto, como faz tanta gente?

— Henry disse que não seria respeitável — replicou a Sra. Andrews. — Achava que continuar vivendo juntos, sem legalizar o divórcio, era a mesma coisa que viver juntos. . . sem casar.

— Compreendo — falou Ross —, mas nunca teria pensado numa coisa assim.

Deu uma piscadela para Polly.

— Acontece que eu consigo dirigir a fazenda sozinha muito melhor do que Henry — continuou a Sra. Andrews, acendendo um cigarro, sem perceber que a filha ficara espantadíssima. — Com a ajuda de seus irmãos, é claro. Henry estava sempre dando palpites e

não se preocupava com criar animais domésticos. Interessava-se somente em cuidar da estufa. Agora, que ele não pode mais atrapalhar, compramos algum gado Angus, e vou tentar criar perus para o Dia de Ação de Graças. . . aliás, já consegui uma boa encomenda. Se Henry estivesse conosco, teria insistido em criar faisões chineses ou pavões. E os pavões são uns bichos tão desagradáveis! Sempre brigando e aos gritos.

— A senhora quer dizer que papai está na fase "maníaca"?

— Acho que sim, minha querida — respondeu a Sra. Andrews, de modo confortador — e esperamos que dure muito tempo. Ele causa-lhe algum incômodo?

— Não — respondeu Polly. Mas, no dia seguinte, teve uma longa conversa com um dos psiquiatras da Clínica Payne Whitney, o qual conhecera quando ainda era estudante residente. Estava acostumada a fazer testes de metabolismo em pacientes de psicose maniaco-depressiva, mas não fazia a menor idéia de que a "melancolia" paterna fazia parte da mesma síndrome. Pelo que vira, os maníacos viviam controlados, tendo muitas vezes de usar camisa-de-força, e ficara chocada com a indiferença demonstrada por sua mãe.

O jovem médico respondeu que, na verdade, o comportamento do Sr. Andrews parecia evidenciar alguns sintomas do maníaco típico, mas de uma forma muito suave. Era possível que esse período só fosse seguido por um outro de depressão, mas, em vista da fase maníaca ser muito suave, não via razões para alarma. Na idade de seu pai, os ciclos dilatavam-se ou encurtavam-se muito.

— Que idade tem ele?

— Cerca de sessenta anos.

O doutor sacudiu a cabeça.

— Depois da idade crítica muitos dos pacientes maniacos-depressivos recuperam-se espontaneamente.

Polly transmitiu-lhe a impressão materna, ou seja, que o pai mudara os sintomas quando veio a saber do nome verdadeiro de sua doença. O médico riu muito.

— É possível isso? — perguntou Polly.

— Bem, com essa gente maluca tudo é possível, Polly — declarou. — A loucura é uma coisa muito estranha. Na verdade, nada sabemos sobre este mal, sobre como acontece e como desaparece. Talvez que a mudança do nome tenha exercido uma certa influência. Já observamos que, atualmente, ninguém fala mais em *dementia praecox* e que o número de pacientes deste mal diminuiu consideravelmente. Estamos até tentados a imaginar que todos os

males mentais têm uma origem histérica, que todos os doentes procuram copiar, ainda que inconscientemente, os textos médicos mais recentes, até mesmo os analfabetos. O seu pai é do tipo histérico?

— Não acho — respondeu Polly — apesar de costumar chorar muito. Mas sem espalhafato.

— Você gostaria de que eu o examinasse?

Polly hesitou; sentia-se muito aliviada, mesmo sem saber por quê.

— O senhor poderia visitar-nos numa destas tardes e tomar um cálice de xerez. Ou, então, almoçar num domingo, se estiver de folga. Nossa vida é muito simples. Papai adora cozinhar e receber visitas.

E era verdade. A vida social de Polly ficara muito mais ativa depois de ter passado a partilhar o apartamento com o pai. O problema principal era conter os gastos do Sr. Andrews, o qual, depois de descobrir os supermercados, passara a ser um entusiástico freguês dos mesmos, certo de que economizava em cada compra que fazia. Gostava de comprar grandes quantidades, dizendo que assim economizava tempo; comprava os pacotes gigantes, que exerciam sobre ele tremenda fascinação, todas as "ofertas especiais" e não perdia uma única liquidação. Além do mais, adorava as peixarias italianas da Segunda Avenida, onde comprava os mais estranhos habitantes do mar que Polly vira em toda a sua vida. Aos domingos, recebiam para o almoço, usando velhos pratos de porcelana que a Tia Júlia aposentara por julgá-los fora de moda, e, geralmente, os convidados ficavam a tarde inteira, fazendo alguma brincadeira ou ouvindo vitrola. Agora, Polly mal tinha tempo para lavar a roupa e o cabelo.

Pouco depois de sua chegada, o Sr. Andrews começara a jogar pingue-pongue; quando moço, jogara tênis muito bem e, agora, descobrira um bar na Primeira Avenida que tinha uma mesa de pingue-pongue num salão dos fundos. Jogava diariamente com os "regulares" e, aos, sábados de tarde, participava de torneios, insistindo para que Polly fizesse o mesmo. Assim, ela conhecera inúmeros rapazes que eram sempre convidados para os almoços de domingo ou, então, para a *bouillabaisse* que o pai fazia às sextas-feiras à noite. Geralmente, os convidados traziam uma garrafa de vinho e, quando Schneider comparecia, levava o violino. Ou, então, havia um torneio de xadrez presidido pelo Sr. Scherbatyeff.

— Ouvi dizer que você tem um *salon* — disse Libby, invejosamente, ao telefone. — Quando é que vou ser convidada? Kay falou que Norine Blake contou que você e seu pai são o *succès fou* do ano.

Mas o dia negro da vida do Sr. Andrews foi aquele em que se tornou um trotskista. Não somente um simpatizante, mas um trotskista ativo! O responsável foi o Sr. Schnneider, é claro. Uma vez terminado o apartamento, o Sr. Andrews ficou com muito tempo para matar enquanto Polly trabalhava no hospital, e, aproveitando-se da situação, pelas suas costas, Schnneider fornecera-lhe pilhas de livros e de panfletos sobre os julgamentos de Moscou. Inicialmente, seu pai achara aquilo tudo muito pesado, pois nunca tivera grande interesse pela política, sendo um pessimista no gênero de Henry Adams. Mas, lentamente, sua atenção fora atraída pelo elemento misterioso que havia naqueles julgamentos, pois era coisa sabida que tinha grande pendor para os quebra-cabeças e coisas semelhantes. Acabou concluindo que Trotski estava inocente. A figura do barbudo comissário para os assuntos militares, viajando sempre num trem blindado ou lendo novelas francesas durante as reuniões do Politburo, impecavelmente vestido num uniforme branco, atraiu suas simpatias. Exigiu que o Sr. Schnneider o inscrevesse no grupo dos trotskistas ativos. E, ao contrário do *cure* na França, que exigira que ele "se preparasse" antes de ser recebido na igreja católica, os trotskistas aceitaram-no como era. Jamais conseguiu entender a dialética deles e era relapso no que respeitava às reuniões, mas procurava recompensar essas falhas com o zelo com que, usando uma gravata vermelha e um velho par de polainas, vendia o *Socialist Appeal* nas ruas, bem ao lado do local onde se realizavam as reuniões stalinistas. E fazia proselitismo tanto nos salões da Tia Júlia como no bar onde jogava pingue-pongue.

Polly estava encabuladíssima com o comportamento do pai, achando que a sua maneira de trajar e de falar, que revelavam claramente ser ele um homem de classe elevada, estavam criando uma má reputação para os trotskistas: os stalinistas rir-se-iam daquele "convertido típico" à doutrina da revolução permanente. E, assim como Gus não conseguira convencê-la a ser stalinista, seu pai também não conseguiu transformá-la numa trotskista. Aliás, achava que nem o pai nem o Sr. Schnneider teriam tanto entusiasmo pelo "Velho", como costumavam chamar seu líder, se o mesmo ainda estivesse no poder. Reprovava as revoluções, a não ser que fossem estritamente necessárias, e considerava muito peculiar, para dizer o mínimo, que o pai e seus companheiros de credo achassem necessário fazer revolução em países como a França e os Estados Unidos, em lugar de concentrar suas energias em Hitler ou Mussolini, que "tinham" de ser derrubados. É claro que, conforme dizia seu pai, era inútil tentar uma

revolução contra Hitler, naquele momento, uma vez que todos os partidos trabalhistas tinham sido suprimidos, mas, ainda assim, achava muito injusto infernizar homens como Roosevelt e Blum em lugar de Hitler. O pai replicava-lhe que o *fair play* era um conceito burguês que não se aplicava aos inimigos da classe. Polly teria ficado horrorizada ouvindo-o falar dessa maneira, se não soubesse que ele não acreditava no que dizia. Além disso, a idéia que ele fazia do "poder crescente" era tão cômica que ela se limitava a sorrir. Perguntava a si mesma, se os trotskistas não seriam todos um pouco malucos. "Você pertence a alguma célula, papai?", perguntou-lhe, mas ele disse que não podia responder, pois tinha de obedecer à disciplina. Repentinamente, descobriu que o fato de ter-se transformado num trotskista não passava de mais um pretexto para ser esnobe. Agora, ele olhava os stalinistas e os seguidores da doutrina rooseveltiana, o *New Deal*, de cima para baixo, comparando-os à classe média e aos "endinheirados" que sempre detestara. A filha disse-lhe que alguns dos seus piores preconceitos estavam sendo reforçados pela sua recente crença. Como autêntico nativo de Massachusetts — isso para citar um único exemplo — tinha uma aversão genuína pelos irlandeses e ficara maravilhado quando soubera que Marx chamara aquele povo de ferramentas subornadas pelo imperialismo. "Olha só aquele infeliz! É uma ferramenta subornada pelo imperialismo!", cochichava de cada vez que cruzavam com um policial.

Eventualmente, é claro, ouviu falar em Gus ("o stalinista", conforme o chamava), e Polly nunca soube quem lhe contara, se fora a senhoria, o Sr. Schnneider ou o Sr. Scherbatyeff. O pessoal da casa pensava que Polly tinha despachado Gus quando soubera da chegada do pai, mas ela era demasiado honesta para deixar que o Sr. Andrews acreditasse que sacrificara o amor por deveres familiares e, certa noite, contou-lhe tudo. O fato de que Gus não tivera coragem de enfrentar um divórcio aumentou a aversão do velho por ele. "Está com saudade daquele editor stalinista?", perguntava sempre que via a filha cismando.

Polly há muito que não sentia saudades dele, mas achava que seu destino fora selado na noite em que recebera a carta paterna. O destino enviara-lhe o pai como uma espécie de mensagem, como que dizendo que seria gentil para com ela desde que não pensasse em sexo e casamento. Ao terminar a primeira semana, Gus telefonara-lhe conforme prometera. O telefone foi atendido pelo pai.

— Um homem quer falar com você — avisou, e Polly, com os joelhos tremendo, atendera.

— Quem atendeu o telefone? — perguntara Gus.

— Meu pai — respondera Polly. — Ele está morando comigo.

Houve um grande silêncio.

— Ele sabe? — quis saber Gus.

— Não.

— Ótimo. Então é melhor eu me afastar.

Polly nada disse.

— Telefone na semana que vem — falara ele.

E telefonou para dizer que ia mudar-se para o apartamento da esposa .

— Seu pai ainda está aí?

— Está.

— Gostaria de conhecê-lo.

— Pois não — murmurara Polly. — Um destes dias.

Depois de desligar, lembrou-se de que esquecera de perguntar se ele se livrara do "bloqueio".

Uma vez que ele se mudara, perdeu a esperança de se encontrarem uma manhã qualquer, porque o seu apartamento ficava do outro lado da cidade, em Greenwich Village. Contudo, pensou muito sobre essa esperança, pois ainda se lembrava claramente do arrepio de medo que a percorrera quando o pai a chamara ao telefone. *Ficara com medo de que Gus dissesse que a queria de volta.* Se quisesse, o que teria ela feito? Ao mesmo tempo, paradoxalmente, sentia que sua ligação ainda não terminara: que continuava vivendo entre eles, sepultada num canto qualquer, crescendo na escuridão como o cabelo e as unhas que continuam crescendo mesmo depois da morte. Tinha a certeza de que tornaria a encontrá-lo em algum lugar, num dia qualquer.

Quando o pai se tornou trotskista, Polly teve um estranho prazer ao pensar que os dois talvez viessem a encontrar-se, em campos opostos, durante um piquete. E o lado do seu pai seria o "certo". Chegava até a imaginar o velho querendo vender-lhe um exemplar do *Sociatist Appeal*, ao lado de um comício pró-Espanha. Gus sacudiria a cabeça violentamente e estaria "errado", pois assim mostraria medo de ler o que os outros diziam, enquanto que o Sr. Schneider não tinha medo de ler o *Daily Worker* de ponta a ponta, diariamente. Se algum dia chegasse a participar de um piquete, ela própria também ficaria do lado dos trotskistas.

Todavia, quando, finalmente, se encontraram, não foi numa arena política. Foi no salão de pingue-pongue, num sábado à tarde. Felizmente, Polly ficara em casa ouvindo o concerto do Metropolitan

pelo rádio.

— Conheci o stalinista — dissera o Sr. Andrews ao chegar em casa com uma cesta cheia de compras. — O tal Le Roy. Dei-lhe uma surra valente no pingue-pongue.

Polly ficara muito satisfeita, pois detestaria saber que Gus havia vencido seu pai.

— Que fazia ele lá?

— Foi com um rapaz chamado Jacoby, outro stalinista. Desenhista de livros. Seu amiguinho disse que está jogando pingue-pongue para evitar a gordura. Provavelmente, vão infiltrar o bar.

— E como é que você soube que era ele? — perguntou Polly.

— Foi ele que soube quem eu era. — Sorriu ligeiramente. — Eu sou muito conhecido naquele lugar, sabia? O excêntrico Henry Andrews. Um cavalheiro arruinado, que costumava jogar tênis com Borotra e que vive agora com uma filha muito bonita, chamada Polly, na Rua Este Dez. Agente trotskista e sabotador.

— Ora, papai! — comentou Polly, impaciente. — E o senhor acha que eles foram ao bar por sua causa?

— Claro.

— O senhor falou em política?

— Não, falamos sobre "você".

— Foi você quem. . . — O Sr. Andrews balançou a cabeça.

— Foi "ele" quem puxou o assunto. Perguntou se eu tinha uma filha chamada Polly. E mais outras perguntas cansativas. Como ia você passando? O que estava fazendo? Ainda estava no mesmo trabalho? Vivia no mesmo lugar? Eu disse-lhe que eu e sua mãe tínhamo-nos divorciado.

— E que foi que ele disse?

— Que devia ter sido um choque para você.

— Que achou o senhor dele?

— Um tipinho bem vulgar — comentou o Sr. Andrews. — Vulgar e chato. Não parece mau, em todo caso. Sabe perder. Acho que ainda a ama, minha filha. E é isso que o torna pior. Se a tivesse abandonado por estar farto de sua presença, ou por haver descoberto que não a amava, ainda seria capaz de sentir alguma simpatia pelo homem. Mas este pobre camarada é um neurótico perigoso.

Polly riu-se.

— Até isso você percebeu, papai. Pois eu não consegui. Ele pareceu sempre tão normal. . .

— É a mesma coisa — explicou o pai, enquanto guardava as mercadorias. — Os neuróticos parecem sempre muito burgueses. E

vice-versa. A loucura é demasiado revolucionária para eles. Não conseguem enfrentar o negócio até o fim. Nós, os loucos, somos os aristocratas das doenças mentais. Você nunca teria podido casar com aquele camarada, minha querida. E ele devia saber disso muito bem.

— Eu jamais casarei — asseverou Polly.

— Bobagem — respondeu o Sr. Andrews. — Estou procurando um marido para você. E por razões totalmente egoístas. Preciso de um genro para sustentar minha velhice. Não quero ver-me obrigado a pedir a caridade de Kate.

— Você vai ficar comigo. E eu tomarei conta do futuro.

— Não, minha querida. Não quero ter como companhia uma solteirona amargurada.

Polly sentiu-se ofendida.

— Se você sacrificar sua mocidade por minha causa, ficará amargurada — explicou o Sr. Andrews. — Mas se eu lhe arranjar um bom marido, ficará grata. Os dois. Assim, você terá sempre um quarto extra, e os meus gastos poderão ser deduzidos do imposto sobre a renda.

Polly mordeu os lábios. Quando o pai usava a palavra "egoísta", estava certo. Ele era egoísta; aliás, sua mãe também era egoísta. Como o amava muito, pouco se importava. Aliás, já descobrira que a gente egoísta é melhor companhia do que os desprendidos e altruístas. Se seu pai fosse um homem fácil de ser levado, teria detestado viver em sua companhia. Pelo contrário, era agradável, mas dotado de uma vontade muito pessoal. Cercava-a de todas as gentilezas, de cortesias, contudo era ele quem determinava suas vidas, como uma criança que brincasse de "família". Era difícil de enganar, uma vez que tivesse deliberado fazer alguma coisa, e era mesmo capaz de forçá-la a casar-se, a fim de garantir um lar para a velhice. E, na verdade, tocara numa grande verdade: ela não sabia o que fazer para poder mantê-lo. Não podia devolvê-lo a sua mãe, pois o divórcio já estava legalizado. Não que se sentisse "sobrecarregada", porém não via jeito do seu ordenado chegar para manter os dois da maneira que seu pai gostava, nem via possibilidade de ganhar mais. A mãe ajudava-os, mandando ovos e aves abatidas da fazenda — o pai chamava os presentes de "minha pensão". Tia Júlia também ajudava, dando-lhes roupa de cama, cobertores e seus vestidos velhos, os quais, como sempre, Polly e Ross reformavam. Mas com a presença do pai, Polly tinha menos tempo para fazer seus vestidos e, paradoxalmente, deles necessitava em maior quantidade, pois o velho não permitia que ela aparecesse na sala usando saia e blusa; no caso de chegarem visitas, dizia logo: "Vá

vestir uma coisa bonitinha". O fato de ele estar pensando nela própria, e não nele, tornava sua solicitude difícil de agüentar.

Era a mesma coisa com as despesas domésticas. Semanalmente, Polly dava-lhe uma certa quantia para os gastos, e ele sempre pedia mais. Jamais gastava com ele, e sim em pequenas cortesias para com ela e seus amigos. Sabendo como o pai era, à medida que passava o outono, Polly começou a esperar o inverno com certo medo. Ela determinara que todos os presentes que dessem seriam feitos em casa. Durante as férias, que passara na fazenda, fizera muitos vidros de geléia que pretendia presentear aos amigos; nas folgas do trabalho, tricotava um cachecol para o pai e, para a mãe, já bordara uma *écharpe* de jérsei. Mas, para o pai, presente "feito em casa" era a estufa que estava construindo. Inicialmente, dissera que o sol manteria a temperatura ambiente; depois, resolveu conversar com um bombeiro, a fim de saber como seria possível manter a temperatura noite e dia. E é claro que justificou os gastos dizendo que, no final de contas, assim Polly não teria de gastar dinheiro comprando flores. A coisa era altamente "recompensadora", outra expressão à qual ela já se habituara.

Apesar de gostar muito de flores, Polly não queria a estufa, da mesma forma que sua mãe não queria os faisões chineses ou os pavões, e fez o impossível para convencê-lo de que umas simples prateleiras de vidro na janela produziriam o efeito desejado. Mas o pai insistira, e Polly viu-se na contingência de pedir a ajuda da senhoria. Detestava agir pelas costas do pai, mas o jovem Dr. Ridgeley dissera que, quando se tratasse de questões monetárias, era melhor agir assim.

Tornaram a conversar sobre o pai depois de Jim Ridgeley ter ido almoçar com eles num domingo, e o médico perguntou inicialmente se o Sr. Andrews, ultimamente, estava muito mão-aberta. Parece que esse é um dos primeiros sinais de um possível próximo ataque. O melhor era cancelar todas as contas abertas nos estabelecimentos e avisar os comerciantes para não concederem crédito a seu pai. Polly não mantinha contas em estabelecimento algum, a não ser na Macy's, além disso, achava que Jim Ridgeley encarara seu pai de um ponto de vista excessivamente clínico. Ele não compreendia que uma pessoa que foi rica a vida inteira dificilmente aprende o que significa ser pobre. Polly compreendera por ser uma "filha da depressão", mas seu pai ainda pensava que a prosperidade morava na esquina. Por isso é que as "economias" que faziam eram uma espécie de brincadeira — uma aventura, tal como no campo, quando falta a eletricidade e a gente tem de usar velas ou candeeiros e tirar água do poço. Em

questões financeiras, seu pai continuava esperando que "a eletricidade" voltasse. Era uma ilusão, sabia-o muito bem, observou Polly, mas uma ilusão mantida por muita gente boa, inclusive muitas colegas de classe.

Quanto à ilusão de que gastar era uma forma de economizar, essa também era muito difundida, e os anúncios das casas comerciais induziam milhões de pessoas a pensar assim. Muita gente, quando envelhecia, ficava obcecada, como acontecia com seu pai, com as barganhas. Pouco importava que fossem ricos. Tia Júlia já alcançara esse ponto e vivia comprando coisas inúteis somente por estarem em liquidação. Todo mês de janeiro, por exemplo, enchia os armários de novos lençóis comprados numa liquidação de roupa de cama e mesa, mesmo sabendo que aqueles que comprara no ano anterior não tinham sido usados. E, no entanto, Tia Júlia era uma pessoa completamente sã.

Exceto num assunto da amplitude da estufa, Polly perdoava todas as extravagâncias paternas. Não era culpa dele se duas pessoas não podiam gastar o mesmo que uma pessoa só. O principal problema era arranjar outra fonte de renda. Na semana passada, conseguira um empréstimo sobre o seu salário, no Plano Morris, e a experiência a deixara assustada. Parecia-lhe que estava dando o primeiro passo no caminho do vício e da ruína. A taxa dos juros chocou-a profundamente e confirmou a impressão inicial de que havia algo de estranhamente imoral naquela transação — uma espécie de chantagem. Os juros eram o preço do silêncio. Ninguém fizera perguntas embaraçosas. E, na verdade, fora para evitar perguntas que recorrera ao Plano Morris, cujo anúncio lera no ônibus. Podia ter recorrido à Tia Júlia, mas esta começaria a fazer perguntas sobre o seu orçamento e gastos, e, finalmente, ao saber a verdade, culparia o irmão. Além disso, no caso de seu descontrole quanto ao dinheiro ser parte da doença, ele não podia ser repreendido por isso, achava Polly; pelo contrário, tinha de ser protegido. Não lhe falou sobre o empréstimo, portanto.

Mas como iria pagar o empréstimo? Seria necessário que gastassem menos do que gastavam até então, mas a razão do empréstimo era exatamente por estarem gastando demais. O habitual cheque que Tia Júlia dava como presente de Natal não bastaria. Havia tanta coisa a levar em conta: quando calcularam o aluguel do apartamento, não pensaram que teriam de pagar também gás e luz.

Polly já espremera a cabeça, imaginando meios de aumentar sua renda. Já pensara em fazer trabalhos de agulha ou, então, em vender presentes de Natal e geléias, que sabia fazer com rara habilidade. Ela e

o pai poderiam fazer pudins ou bolos de frutas. Mas, quando fez os cálculos para a geléia, somando o preço dos vidros, do açúcar, dos rótulos e do correio, descobriu que, para ganhar vinte e cinco dólares, teria de fazer quinhentos vidros — isso sem levar em conta o preço das frutas e do gás. A mesma coisa sucedia quanto aos trabalhos de agulha. Pela primeira vez, compreendeu o que era a produção em massa. A conclusão é que era perfeitamente inútil pensar que uma pessoa podia ganhar dinheiro usando suas habilidades manuais nas horas vagas: era preciso ser inválido ou cego para conseguir algum lucro.

Durante muitas semanas, andou preocupadíssima com planos para ganhar dinheiro. Mandou as respostas dos concursos do *Evening Post*. Pensou em pedir ao pai que ditasse um livro de receitas francesas, pois Libby conseguiria que o livro fosse editado. Mas a idéia de revelar seus segredos culinários não agradou ao pai; além disso, ele não gostava de Libby. Pensou em abrir um pequeno restaurante, caso alguém emprestasse o capital. Ou, então, em inventar um creme de pepinos para a pele e vender a receita a Elizabeth Arden. Procurou inspiração na revista das alunas de Vassar, mas a maioria declarava estar felicíssima fazendo "um trabalho voluntário" ou, então, liderando um grupo de bandeirantes; algumas dedicavam parte do dia ao ensino; uma era vaqueira, e outra possuía uma matilha de cachorros amestrados. Ocorreu-lhe que o pai poderia fazer parte do júri, mas sorriu silenciosamente ao pensar que o velho seria um jurado estranhíssimo. Este pensamento levou-a ao de que ele poderia ser carpideiro profissional — será que na América usavam isso? — ou, então, membro da claque de um teatro. Poderia tomar conta de crianças, enquanto os pais saíam, pois era um maravilhoso contador de histórias. É mesmo!... Por que razão ninguém até então pensara em transformar aquilo numa profissão? Ela poderia abandonar o hospital, e os dois conseguiriam empregos como cozinheiro e camareira.

Estes sonhos, Polly reconheceu imediatamente, quando não eram utópicos, eram francamente humorísticos. Mas, sempre que tentava pensar mais realisticamente, ficava empolgada pelas imagens que lhe surgiam na cabeça. Exatamente agora, sábado à tarde, enquanto seu pai lhe falava em casamento, a imagem de Tia Júlia surgiu-lhe na cabeça. Estavam todos reunidos, os parentes, na biblioteca da tia, enquanto o corpo ficara na sala de visitas, e o advogado, abrindo o testamento, lia: herdeiro único. . . Henry Andrews.

— Não posso contar com a ajuda de Júlia — comentou o pai muito calmo.

Polly deu um salto. Ele também tinha aquela estranha faculdade — Polly observara a mesma coisa em vários pacientes mentais do hospital — de ficar ali sentado, lendo os pensamentos da gente.

— Júlia — continuou o pai — é uma pessoa muito estranha. Vai querer deixar tudo o que tem a instituições de caridade. E uma pensão para Ross. O resto será para a Liga de Proteção dos Animais ou para o Exército da Salvação. . . para comprarem roupas de Papai Noel. — Soltou sua gargalhada característica. — Na minha opinião, Júlia está senil.

Polly sabia perfeitamente sobre o que o pai estava falando. Sua irmã sempre fora fervorosa adepta da temperança, devido aos casos de alcoolismo na família; seus tios e todos os irmãos tinham sucumbido àquele mal. Mas, até poucos anos passados, ela servia vinho às refeições, mesmo durante a Lei Seca, apesar de que, pessoalmente, só bebesse *ginger-ale*. A lei, costumava dizer, não podia chegar à adega particular de um cidadão, porém, desde a sua revogação, banira as bebidas de sua mesa e servia somente refrigerantes definidos pelo irmão como nauseabundos, insistindo em tomar "água de coco", durante a refeição. Mas seu crime mais recente fora revoltante: esvaziara a adega, carinhosamente formada pelo falecido marido, na pia!

— Podia ter vendido tudo — explicara ela. — Mandeí chamar um especialista para fazer uma avaliação. Teria dado um bom dinheirinho. Mas minha consciência não o permitiu. Vender aquelas garrafas seria o mesmo que vender a morte.

— Você poderia ter dado para mim — falou Henry.

— Não lhe faria bem algum, Henry. Além disso, você não tem espaço para guardar tanta coisa. Sabe muito bem que os vinhos finos se deterioram se não forem guardados apropriadamente.

Na verdade, Ross conseguira salvar algumas garrafas do clarete favorito do Sr. Andrews e levava-os para a Rua Dez, mas o Sr. Andrews estava exasperado.

— É típico da Júlia — dizia agora. — Mandar avaliar a adega antes de esvaziá-la. E não seria de espantar saber que mandou chamar vários avaliadores, para classificar sua virtude na oferta mais alta. A mesma coisa acontecerá com o seu testamento. Haverá um longo preâmbulo explicando que tinha pensado inicialmente em deixar tudo para seus familiares e que razões a haviam levado, mais tarde, a pensar que a herança não lhes seria benéfica. "A herança que meu marido deixou me trouxe uma série de preocupações. Não quero transmitir esta infelicidade aos outros", diria ela.

Polly sorriu. Esperava que o pai estivesse certo, pois sendo assim não teria mais razão para se preocupar com o testamento de Tia Júlia. Contar com o mesmo seria como que desejar sua morte.

— Não — disse o pai. — Preciso encontrar um marido para você e investir minhas esperanças nos netos, e não na morte de uma velha, apesar de ainda esperar convencê-la a deixar um pequeno legado para os trotskistas.

— Você está louco, papai — falou Polly rindo. — Esquece que Tia Júlia é uma republicana ferrenha.

— Eu sei, minha querida — respondeu o Sr. Andrews —, mas Julia está convencida, pelo que lê nos jornais, de que nós os trotskistas somos contra-revolucionários determinados a destruir a União Soviética. É claro que eu também ajudei um pouco. Disse que os trotskistas eram as únicas forças efetivas que lutavam contra Stálin. Que Roosevelt tinha muito o que fazer dentro de casa e que Hitler estava por demais ocupado com o Eixo.

— Papai — disse Polly, beijando-o —, você é um vigarista.

— Absolutamente — retorquiu ele. — É a pura verdade e, além do mais, assim salvei Júlia de ser fascista.

Esta conversa distraiu-a momentaneamente de suas preocupações. Era esse o mal do velho. Quando estava ao seu lado, não conseguia pensar em coisas sérias. De noite, tinha sonhos horríveis sobre dinheiro e acordava toda suada. Certa vez, sonhou que o Natal já chegara e que o apartamento inteiro estava transformado numa gigantesca estufa, por se ter esquecido de falar com a senhoria para que ela proibisse a construção. Outra vez, sonhou que ela e o pai se tinham transformado em nudistas, porque o pai a convencera de que assim economizavam roupas, e que foram presos por um policial irlandês. Mas encontrou, finalmente, a solução de seus problemas certa tarde no hospital. Era uma solução em que jamais pensara, embora saltasse aos olhos. Estava retirando sangue de um doador profissional, quando a pergunta lhe estourou na cabeça: "E por que não eu?" Naquela semana vendeu sangue ao laboratório, o mesmo fazendo nas duas semanas seguintes. Sabia que não havia o menor perigo, pois os doadores profissionais, assim como os internos, faziam a mesma coisa. Além disso, era extraordinariamente forte e andava muito bem alimentada, pois seu pai era um dietista excelente — estavam cheios de ferro e vitamina e, se parecia anêmica, era por ser pálida por natureza. Contudo, resolveu que, de futuro, faria outras doações no hospital Bellevue ou em outra instituição onde não fosse conhecida, a fim de não provocar falatório entre os colegas. Mas, na

vez seguinte, como faltasse poucos dias para o Natal e tivesse de comprar uns enfeites para a árvore que sua mãe mandara da fazenda, aproveitando a hora do almoço, resolveu fazer mais uma doação — que seria a última — no seu próprio laboratório.

Naquele dia, como se tivesse sido determinado pela sorte, foi descoberta pelo Dr. Ridgeley, que fora procurar o resultado do exame de sangue de um paciente.

— Que é isso? — perguntou, embora visse, pelo aparelho que ainda estava ao lado do sofá em que ela descansava, que acabara de fazer uma doação.

— Dinheiro para o Natal — respondeu Polly sorrindo nervosamente e abrindo a mão.

O médico arregalou os olhos e, voltando-se, saiu do aposento. Um minuto depois, retornava. Estivera consultando o fichário.

— Polly, esta é a sua quarta doação — falou muito sério. — Que há?

— É o Natal — repetiu teimosamente. Mas ele sabia muito bem que era o pai.

— Você fez aquilo que eu mandei? — perguntou. — Acabou com as contas? Deu um jeito para que seu pai não possa comprar a crédito?

— Eu nunca tive uma única conta, e ele não compra a crédito.

— Pelo menos, que você saiba — voltou o Dr. Ridgeley. — Ouça, Polly, permita que eu ajude a esclarecer as coisas. Se eu souber de um paciente maniaco-depressivo e encontrar um membro de sua família vendendo sangue no laboratório, então chego logo à conclusão de que ele está numa fase de grandes gastos.

— Não é nada disso — falou Polly. — É que estamos sem dinheiro por causa das festas.

Levantou-se para sair.

— Sente-se novamente — ordenou ele. — Seu pai, minha amiga, está bastante enfermo. É preciso que alguém se encarregue do seu tratamento.

— Num hospital, não é, Dr. Ridgeley? — Agora, recusava-se a chamá-lo de Jim. — Mas papai está bom, completamente bom, posso garantir. Talvez um pouquinho excêntrico.

— Eu já lhe disse — continuou ele, impaciente — que essas fases de gastos excessivos são sintomáticas. Significam que o paciente está dentro do processo de criação de uma crise aguda. O próximo estágio degenera, às vezes, para a violência e a megalomania, geralmente ligadas à sensação de estar cumprindo uma missão. Seu

pai se interessa pela política?

Polly empalideceu; sentia-se estonteada, mas atribuía a tonteira à perda do sangue.

— Todo o mundo se interessa por política — murmurou.

— Eu não — asseverou Jim Ridgeley. — Mas o que desejo saber é se ele se interessa de maneira especial. Tem algum sistema para salvar o mundo? Alguma coisa que tenha descoberto nos últimos meses?

Aquilo parecia mágica.

— Ele é trotskista — cochichou.

— O que é isso?

— Oh, por favor, não seja ignorante — gritou Polly. — Trotski, Leon Trotski, um dos fundadores da Revolução Russa. O comandante do exército vermelho. O arquiinimigo de Stálin. Está exilado no México.

— Já ouvi falar nele — respondeu Jim. — Não é aquele que trabalhava numa tinturaria de Brooklyn, passando calças?

— Não! — exclamou Polly. — Isso é linda!

Um golfo imenso formara-se entre ela e aquele rapaz, a ponto de ela sentir necessidade de gritar para ser ouvida. Tentou ser justa e recordar que um ano atrás ela também pensara que Trotski passara calças em Brooklyn; há um ano ignorava as mesmas coisas que o doutor. Mas isso só fazia com que percebesse como se afastara do ponto de partida, o centro normal e bem educado, onde Jim Ridgeley continuava firmemente com seu avental imaculadamente branco e que parecia, agora, subnormal e mal-educado. Contudo, adivinhara que seu pai era trotskista, sem mesmo saber o que isso era. Começou a explicar que os trotskistas eram os únicos comunistas autênticos e que, atualmente, estavam alistados no Partido Socialista.

— Já ouviu falar, pelo menos, em Norman Thomas?

— Claro — replicou o doutor. — Foi candidato à presidência em 32, eu votei nele.

— Pois bem — disse Polly, aliviada —; os trotskistas fazem parte de seu movimento.

Enquanto falava, teve a consciência de que estava sendo ligeiramente desonesta. Os trotskistas haviam entrado para o Partido Socialista por uma questão de "tática", pois não eram verdadeiros socialistas, como Norman Thomas.

O médico sentou-se no sofá de couro a seu lado.

— Seja lá como for, eles não passam de uma seita minoritária com uma missão, não é verdade?

— Até certo ponto — respondeu Polly. — Eles acreditam na revolução permanente.

E, a despeito da preocupação, sorriu. O doutor balançou a cabeça.

— Em outras palavras, até você acha que eles são malucos.

Polly tentou ser honesta. Esquecendo o pai, seria que achava o Sr. Schneider maluco?

— Bem, em muitos pontos, acho que eles estão certos. Mas, neste ponto, a revolução permanente, não posso deixar de pensar que estão um pouco fora da realidade. Mas isso é apenas meu ponto de vista. Talvez esteja errada.

Ele sorriu-lhe de maneira diferente:

— Você tem uns olhos maravilhosos.

Curvou-se para a frente. Por momentos, Polly pensou que ele ia beijá-la. Repentinamente, o médico levantou-se.

— Polly, você tem de internar seu pai.

— Nunca!

Ele curvou-se e segurou-lhe a mão.

— Eu falo assim com tanta confiança e liberdade talvez por. . . acho que estou apaixonado por você.

Polly libertou a mão rapidamente. Não ficara tão surpreendida como devia. No fundo dos seus pensamentos achava que estava tentando fazer com que o Dr. Ridgeley se apaixonasse por ela. Fora por isso que o consultara a respeito do pai! Tal como muitas outras mulheres, estava interessada por ele e já percebera que o sentimento era recíproco. Mas, agora, que ouvia o que esperava, sentia um pouco de medo. Sua frase parecia ter saído da boca de um herói de revistinha romântica. A idéia de que usara seu pai como um instrumento para forçar o rapaz a declarar-se, fez com que sorrisse amargamente, desgostosa consigo mesma. Ao mesmo tempo, dentro dela, uma voz exultante gritava: "Ele me ama!", conquanto outra voz perguntasse quem era Jim Ridgeley. Afinal de contas, o que sabia ela a seu respeito? Olhou-o friamente.

— Se você não internar seu pai — disse ele num tom profissional — então, sua mãe terá de fazê-lo.

— Ela não pode — respondeu Polly, triunfante. — Você esquece que eles são divorciados.

— Então, o parente mais próximo.

— Sua irmã — explicou Polly. — Minha Tia Júlia.

Ele concordou com a cabeça.

— Ela já está senil — disse, no mesmo tom de triunfo infantil.

Não sabia que demoniozinho se metera dentro dela, que a levava a mentir.

— E seus irmãos?

— Da mesma forma como eu, seriam incapazes de fazer uma coisa dessas. É melhor desistir, Dr. Ridgeley.

— Não brinque com uma coisa destas, Polly — avisou ele. — O resultado pode ser perigoso.

— Meu pai *não é perigoso!* — exclamou Polly. — Deixe-o em paz, por favor.

— Você acaba de demonstrar que, na sua opinião, ele é perigoso — insistiu o médico, suavemente. — Não devia dar o sangue que lhe é indispensável, em benefício de seu pai.

— Creio que o senhor pensa que eu tenho um complexo em relação a meu pai — respondeu Polly friamente.

O médico sacudiu a cabeça.

— Eu não sou freudiano. Você acha que o protege, como se fosse seu filho! Talvez pelo fato de ainda não ter filhos.

Repentinamente, Polly começou a chorar. Ele abraçou-a, encostando seu rostinho molhado no casaco branco. Polly sentia-se completamente desconsolada. Não lhe restava mais coisa alguma. Em primeiro lugar fora Gus e, agora, o pai. Sentia-se tão feliz a seu lado, e a felicidade poderia durar muito tempo, se tivesse dinheiro, ou, pelo menos, se o velho fosse "um pouco" diferente. Mas a verdade é que era mesmo como uma criança, jamais mudaria, e, gradualmente, ela percebera essa triste verdade, da mesma forma como percebera aos poucos que Gus nunca se casaria com ela. No entanto, devia ter encarado a verdade, nos dois casos, desde o princípio. Saudara com alegria a chegada do pai, porque precisava dele, tentando ignorar suas fraquezas, exatamente como fizera com Gus. E, em relação ao pai, havia um problema curioso ligado a sua própria mãe: ela "achava" que poderia fazê-lo feliz, já que a mãe não o conseguira. Isso significava que tomara conta dele no ponto em que sua mãe desistia. "Jamais" deveriam ter alugado aquele apartamento, e sua mãe teria aconselhado que não o fizesse, pois aquilo fora um verdadeiro início de uma *folie de grandeur*. Polly não conseguia controlar o pai, tal como acontecera com Gus. Se o tivesse conseguido, teriam chegado ao casamento. Agora, estava satisfeita por não ter casado, mas o mérito da escolha não fora seu.

— Eu passei por uma experiência amorosa "horrível" — explicou, ainda chorando. — Ele me abandonou. Eu tive vontade de morrer e foi então que meu pai chegou. Achei que tinha, assim, um

novo motivo para viver e que podia tomar conta dele. E, agora, vejo que não posso. Mas não é culpa dele, acontece que eu não ganho o bastante para nós dois. E não posso mandá-lo de volta para mamãe. Jamais permitirei que seja internado num hospício. Ele não é um caso perdido. . . você mesmo afirmou que ele podia recuperar-se espontaneamente. É claro que eu poderei ir morar com minha tia... e acho que é isso que vou fazer.

— Morar com sua tia?

— Ou pedir-lhe uma ajuda. . . ela não é senil, como eu disse. É muito rica ou, pelo menos, foi rica. . . não sei quanto dinheiro lhe resta. Mas você sabe como os ricos são engraçados a respeito de dinheiro.

— Isso resolveria seu problema temporariamente — admitiu ele, como se fosse um psiquiatra. — Mas ainda assim é preciso aceitar o fato de que seu pai pode ficar cada vez pior. E que fará você quando se casar, Polly?

— Eu não posso casar-me — falou ela. — Você sabe disso muito bem. Pelo menos, com os antepassados que tenho, não poderei ter filhos. Seria uma prova de grande egoísmo de minha parte. Pura maldade.

— Foi maldade ter uma filha como você? — perguntou ele, sorrindo.

Polly defendeu imediatamente os pais.

— Eles não sabiam que meu pai ia ser vítima da melancolia. A coisa aconteceu muito mais tarde.

Mas o rapaz continuou sorrindo, e Polly percebeu o seu ponto de vista. Será que desejava não ter nascido? Infeliz como era, não saberia dizer. Mesmo quando quis morrer, não amaldiçoara a hora em que nascera. Não existe um único ser vivo que pense assim!

— Que estranhas idéias você tem! — exclamou ele. — E você, que é uma cientista! É como se pertencesse a uma família de idiotas. Ou, então, que sofresse de sífilis hereditária.

— Eu sempre pensei — explicou Polly — que, do ponto de vista científico, eu devia ser esterilizada.

— Mas, meu Deus! — replicou ele. — Que tolice! Onde foi que você aprendeu essas coisas?

— Na universidade — respondeu Polly. — Não que os professores o dissessem, mas a coisa andava pelo ar. Eugenia. Que certas pessoas não podem e não devem ter filhos. Não as alunas de Vassar, mas... as outras. E eu sempre me senti como uma das outras. Na minha família, o casamento entre primos era muito comum. O

sangue dos Andrews foi ficando cada vez mais fraco.

— O sangue dos Andrews — falou ele segurando-lhe os braços e mostrando os algodões ligeiramente manchados de sangue. — Como é que você tem coragem de ser doadora de sangue? Eu devia dar parte de sua desonestidade. — Jim soltou uma sonora gargalhada. — Pois eu vou provar que tenho confiança no sangue dos Andrews. Você quer casar comigo?

Polly pensou que se tratava de um golpe que ele usava com todas as enfermeiras e auxiliares técnicas, porém, se isso fosse verdade, como conseguira libertar-se mais tarde? Era um homem alto e bonito, e a constatação desse fato tornou-a ainda mais suspeita. Na vida real, os homens não se apaixonam assim com tanta rapidez.

— Você é sempre assim tão "rápido"? — perguntou no tom brincalhão que usava com o pai nos momentos de bom humor.

— Não — respondeu ele. — Não sei por que, mas esta é a primeira vez que me apaixono. Acontece, porém, que tenho trinta e um anos e não posso perder tempo.

A desconfiança de Polly diminuiu. Talvez trabalhasse tanto que não tivera tempo para amar. Polly riu suavemente.

— Perder tempo? — perguntou. — Há quanto tempo você me ama?

Jim olhou para o relógio.

— Há cerca de meia hora — respondeu positivamente. — Mas acontece que já gostava de você há muito mais tempo. Na verdade, desde o seu primeiro dia no hospital.

Então, estava certa, pensou Polly, sentindo que a sua confiança aumentava. Agora, porém, tinha outra espécie de medo. Ele era muito diferente de Gus, sem subterfúgios, e ela gostava disso, mas ainda assim queria furtar-se ao ataque. Ele estava por demais ansioso por prender-se, o que significava que estava prendendo-a. "Mas nós nada temos em comum", ia dizer, contudo, achando que seria muito rude, preferiu dizer:

— Mesmo se eu me casasse algum dia, não seria com um psiquiatra.

Para sua grande surpresa, percebeu que, realmente, aquelas palavras tinham-lhe saído do fundo do coração. Afinal, descobrira o que estava errado com Jim Ridgeley. Um psiquiatra teria um lado profissional muito pior do que o de Gus.

— Ótimo — respondeu Jim Ridgeley. — Pois, então, vou trocar de especialidade. Foi um erro que cometi na faculdade. Pensava que era uma ciência e não é. Aliás, vou deixar o hospital no dia primeiro de janeiro.

— E o que vai fazer? — perguntou Polly, pensando que, se ele deixasse o hospital, ela não mais o veria. — Clínica geral? Mas você teria de começar tudo de novo.

— Não. Prefiro as pesquisas clínicas. Existe muita coisa que precisa ser descoberta em relação às doenças mentais, entretanto, elas não serão conseguidas nos consultórios e sim nos laboratórios. Já arranji um emprego com um grupo de cientistas que se dedica a estes trabalhos, um deles é meu companheiro de apartamento. Você também poderá trabalhar conosco... dentro da sua especialidade. Aqui, ninguém tem futuro.

— Eu sei — disse Polly. — Mas, por que razão sente você tanta atração pelas doenças mentais, Jim?

— Por causa da perda das possibilidades humanas — respondeu prontamente. — É uma coisa que me deixa impaciente.

— Compreendo muito bem — murmurou Polly.

— Além disso, acho que sou do tipo bem intencionado de nascença. Meu pai é ministro presbiteriano.

— Oh?!

A novidade agradava Polly; devia ser formidável ter um ministro na família.

— Se você quiser, ele nos casa. Ou prefere a Municipalidade?

Quanto mais sério ele falava, mais Polly tentava brincar.

— E quanto ao "meu" pai? — perguntou alegremente. — Poderá ser usado como cobaia, não é? Nele você poderá testar suas brilhantes descobertas. Seria o meu dote.

Jim franziu a testa.

— Ele continuará morando conosco e tomando conta da casa — falou rapidamente.

— Sério?

— Jamais pensaria de outra forma; além disso, depois do casamento, eu poderia vigiá-lo de modo discreto. Para ser honesto, Polly, acho que a maioria dos pacientes reagiria muito melhor se ficasse em casa. É um grande erro isolá-los nos hospitais. O sistema vitoriano de trancar a titia maluca no último andar da casa era muito melhor. Mais humano. A culpa geralmente é das famílias, que desejam livrar-se da presença dos parentes malucos, entregando-os às mãos daquelas pessoas a que se convencionou chamar de "competentes profissionais", isto é, enfermeiras sádicas e coisas semelhantes. O mesmo acontece com os velhos; hoje em dia ninguém mais tem paciência para com eles. É horrível ver a maneira como são afastados, como se fossem carros velhos.

— Concordo plenamente — disse Polly entusiasmada. — Mas, então, por que achou você que eu devia internar papai?

Jim hesitou um momento.

— É a velha diferença entre a teoria e a prática. Não me agrada a idéia de você ficar sozinha com ele.

— Mas ele não é perigoso — repetiu Polly. — Não teria obtido alta em Riggs, se fosse perigoso.

— Bobagem, minha cara. A maioria dos lunáticos homicidas, que matam dez e mais pessoas, quando presos revelam-se como egressos de um hospício. Seu pai saiu de Riggs por vocês não terem dinheiro para mantê-lo. Se tivessem, talvez ainda estivesse internado.

— Como você é cínico — exclamou Polly.

— A psiquiatria nos ensina a encarar o problema assim — respondeu Jim. — É por isso que vou trocar de especialidade. Quando a gente insiste, só tem de escolher entre ser cínico ou, então, tímido charlatão. Mas imaginemos que seu pai não seja perigoso; você deve conhecer estas coisas melhor do que muitos médicos. Ainda assim, ele pode ser perigoso para si mesmo. Imagine o que sucederia se ele mergulhasse numa fase depressiva. Ele já tentou o suicídio?

— Não tenho a certeza. Certa feita, falou bastante no assunto, e mamãe ficou com muito medo.

— Muito bem — disse ele olhando-a fixamente; seus olhos eram castanho-claros com reflexos verdes. — Talvez eu tenha aconselhado sua internação para ver qual era a sua reação.

— Oh! — exclamou Polly. — Você estava me experimentando! — Ficara decepcionada.

— Talvez — repetiu ele. — Quando a gente é médico, isso transforma-se num hábito. É uma questão de observar os reflexos. Mas já sei qual vai ser a sua resposta. Não!. . . Acho que o que queria era assustá-la.

— Pois conseguiu — disse Polly.

— Não consegui, não. Pelo menos, fundamentalmente. Nada pode convencê-la a destruir seu pai. Você não é uma moça desconfiada.

— Mas sou! — contestou Polly, pensando em como desconfiara de Gus. — Acontece que conheço meu pai, é só!

Polly descobriu mais tarde que aceitara o pedido de casamento de Jim sem sequer dizer sim! Naquela mesma noite, jantaram juntos, dançaram e, depois, ele levou-a a casa. Beijaram-se longamente no carro dele, parado em frente ao apartamento. Quando subiu as escadas, finalmente, ainda não sabia se o amava ou não. Acontecera

tudo tão rápido! Contudo, sentia um grande alívio ao pensar que ia casar, tentando imaginar se aquela sensação seria ou não imoral. Antigamente, as pessoas mais velhas diziam que a gratidão podia transformar-se em amor... será? Gostara de beijá-lo, mas isso talvez fosse somente sexo, e o sexo — Polly já concluía há muito tempo — não servia como prova de amor. O que mais a incomodava era que ela e Jim tinham poucas afinidades. Fora de hospital não tinham um único amigo comum. Nem mesmo no campo da literatura, pois ele confessara não gostar de ler novelas e coisas semelhantes; o único livro que podiam comentar era a Bíblia. Na verdade, ele era muito mais inteligente do que ela, porém não fora educado "a la Vassar". Além disso, como todos os Andrews, ela tinha tendências insulares. E, se não fossem assim, por que motivo insistiam eles sempre em casar com os primos e primas? . . . Somente para perpetuar as mesmas piadinhas, as mesmas recordações, os mesmos avós e, por vezes, até os bisavós. O que teria Jim para conversar com seus irmãos, que só se interessavam pela fazenda? Aliás, Polly era a primeira a reconhecer que os irmãos eram uns cacetes de marca maior, não fosse estar acostumada com eles. E, depois, havia aquela coleção imensa de primos de vários graus, que sairiam de suas tocas para assistir a seu casamento, atraídos pelo cheiro de champanha. O ponto alto do sacrifício de Tia Júlia fora jogar o champanha que guardava para o casamento da sobrinha querida. O que pensaria um psiquiatra do clã dos Andrews? A mãe de Polly ainda repetia a primeira sensação que tivera quando conheceu sua nova família recém-chegada de Nova York: detestara o pessoal! A sorte é que, com o correr dos anos, fora ficando igualzinha a eles, embora não o notasse. "Eu e seu pai", dizia agora, "nunca fomos compatíveis. Eu era demasiado normal para Henry." Mas, atualmente, ninguém acreditaria nisso, vendo-a descuidadamente vestida num velho macacão, circulando pela fazenda. Tais pensamentos nunca haviam perturbado Polly, quando pensara em casar com Gus, o que provava talvez que, na verdade, jamais esperara casar com ele. Mas, agora, tentava ser realista.

Quando abriu a porta, o pai, que era do tipo coruja, ainda estava acordado. Achou que ele notaria a mudança, apesar de ela ter penteado o cabelo e passado batom nos lábios antes de sair do carro, pois sentia-se um pouco constrangida para confessar que resolvera ficar noiva em algumas horas. Felizmente, o pensamento do pai estava muito longe. Ficara acordado especialmente para contar-lhe grandes novidades. "Será que ele também vai casar?", pensou. Mas não era isso. O pai arranjara um emprego numa florescente loja da Avenida Lexington,

onde seria assistente da gerente que dirigia o negócio, a título de caridade. O ordenado não era muito grande, mas a única coisa que faria era passar as tardes conversando com os fregueses.

— Mas isso é maravilhoso, papai! — exclamou Polly. — Como foi que o senhor arranjou o emprego?

— Foi Júlia quem arranjou — explicou. — Júlia faz parte da junta que dirige a loja. Geralmente, o emprego é dado a "senhoras arruinadas", contudo ela achou que eu servia.

— Maravilhoso! — repetiu Polly. — E quando é que começa?

— Amanhã. Hoje, a gerente explicou os detalhes do negócio e quais serão meus deveres. Um verdadeiro gesto de prepotência, uma vez que o estoque é todo de objetos doados.

— É uma espécie de *bri-à-brac*? — quis saber Polly.

— De jeito nenhum. Temos casacos de pele de segunda mão, roupas para crianças, trajes a rigor usados e uniformes para mordomos, a maioria em decorrência desta situação desagradável.

Era assim que costumava referir-se à depressão. Polly franziu a testa; não lhe agradava a idéia de ver o pai vendendo roupas usadas.

— Os artigos são provenientes das melhores casas — explicou o pai. — Até têm umas bonecas francesas maravilhosas e algumas caixinhas de música. Armários *etagères*, jardineiras e uma série incrível de coisas: bengalas, sofás, porta-bengalas. Um inventário muito instrutivo do passado.

— Mas o que levou Tia Júlia a arranjar-lhe emprego?

— Acontece que lhe pedi dinheiro emprestado. Foi isso que levou a procurar-me um emprego, pois, assim, de acordo com sua frase gentil, eu não seria obrigado a "esmolar". Se eu tivesse pedido o emprego, ela teria dito que sou velho demais.

— E será que isso não é um dos seus famosos planos?

— Muito pelo contrário. Não tive qualquer intenção oculta. Mas agora, que aconteceu, estou satisfeítissimo por ser um cidadão que ganha o pão nosso de cada dia, pela primeira vez na minha vida. Agora, sou um trabalhador. E é claro que Júlia pretende explorar-me.

— Como assim?

— Ela quer que eu fique de olho para ver se aparece alguma antiguidade autêntica, pois sabe que eu entendo muito de móveis. E, se isso acontecer, eu devo logo separar a peça para minha irmãzinha!

— Mas o senhor não pode fazer uma coisa dessas! — exclamou Polly firmemente. — Não seria honesto.

— Minha irmãzinha disse que o pessoal "mais jovem" não tem a menor noção das coisas antigas. Contou que, num outro bazar, que

também patrocinou, conseguiu um tapete Aubusson quase de graça.

Polly fez um ruído horrorizado.

— E onde é que ela meteu o tapete, que nunca vi?

— No sótão. Até que morra o dono primitivo. Imagine só se a tal dama lhe entra pela casa adentro e depara com seu ex-tapete?

— Mas por que motivo uma pessoa se desfaz de um Aubusson autêntico?

— É a revolução da moda, minha cara — explicou o Sr. Andrews —, a única de que essas senhoras tomam conhecimento. As filhas as convencem de que devem reformar a casa, e pronto!

Ocorreu a Polly, enquanto ele falava, que, se soubesse que ele havia conseguido um emprego, não teria vendido seu sangue e, conseqüentemente, não estaria noiva. A idéia de que podia não ter ficado noiva aterrorizou-a, e este inesperado medo mostrou-lhe que já estava apaixonada.

A notícia do noivado não surpreendeu os amigos de Polly. Sabiam que devia haver "alguém" no hospital. Era a coisa mais lógica do mundo que casasse com um dos médicos. "Há muito que esperávamos a notícia, minha querida", disse Libby. "Aliás, estávamos torcendo para isso." Era como se os amigos estivessem querendo roubar o que havia de extraordinário em seu amor. A implicação era de que, se não tivesse sido Jim, teria sido o Dr. X da obstetrícia ou então o Dr. Y da clínica geral. E não poderia ter sido uma pessoa diferente. Descobriu que Jim era muito bom, ficando maravilhada, pois as pessoas boas, na sua maioria, eram sempre idosas. Não tardou a deixar de duvidar de que ele a amava realmente, aceitando tudo como se fosse um presente de Natal, como se fosse a descoberta do fato de que Deus nos ama, apesar de não merecermos seu amor. Outrossim, deixou de perguntar a si mesma se ela, por seu lado, retribuía o amor de Jim, pois sabia que não podia ser de outra forma. E, contudo, se tentava transmitir aos outros seus sentimentos, via que não a compreendiam, que era como se ela estivesse falando uma língua estrangeira. Nem sequer sua mãe a compreendeu.

— É muito bonito, na verdade. E inteligente, também, espero. Vocês combinam muito bem.

— Mas não é isso que eu quero dizer, mamãe.

— Bem, eu acho que queres dizer que ele é muito idealista. Mas tinhas de casar com alguém assim. Um homem mundano jamais atrairia uma pessoa com o teu gênio.

Somente o Sr. Schneider e o geleiro pareceram entendê-la. O segundo quis ter certeza de que o *fidanzato* era "um bom moço". O

primeiro foi mais longe. "Eu compreendo o que você está sentindo", falou. "Tal como demonstrou Sócrates, o amor só pode existir entre os bons. Mas encontrar a bondade é tão difícil! É por isso que o amor é uma coisa tão rara, ao contrário do que muita gente pensa. Acontece a um entre mil e, para esse um, é uma verdadeira revelação. Não é de admirar que ele custe a se comunicar com os novecentos e noventa e nove." O que surpreendeu os amigos de Polly — menos o Sr. Schneider — foi saber que o velho Andrews ia morar com o casal. Uma por uma, as companheiras do grupo apareceram para avisá-la da inconveniência daquela resolução. Pokey Beauchamp chegou até a fazer uma viagem especial, pilotando seu avião. Dottie, que estava na cidade para a temporada teatral, foi ao ponto de falar com sua mãe. Até Helena Davison fez questão de dar uns conselhos entre dois coquetéis no Clube Vassar. Priss Crockett foi almoçar com Polly no barzinho do hospital. Como pediatra, Sloan opunha-se formalmente à vida em conjunto.

— Quando você tiver filhos, terá de pensar nas crianças. Imagine se seu pa... pa... pai?...

— Ficar louco novamente? — perguntou Polly. — Será que isto as afetará tanto assim, Priss? Papai esteve louco exatamente quando éramos crianças.

— Mas aquilo era diferente — explicou Priss, — Naquele tempo, ninguém sabia do perigo que há em expor crianças às doenças mentais; você e seu irmão tiveram muita sorte. Mas, mesmo se o Sr. Andrews fosse um homem normal, ainda assim as amigas acham que você comete um grande erro, um erro que a geração atual aprendera a evitar. Para ter um casamento feliz, é preciso evitar a presença dos pais em nossa casa. As opiniões neste ponto eram unânimes. Se você faz questão de ignorar a experiência alheia, é o mesmo que condenar seu casamento ao fracasso.

— E você diz que o seu noivo, um médico, aceita a situação? — exclamaram as jovens matronas do círculo de amigas de Polly em uníssono.

— Aceita — respondeu Polly. Essa novidade espantosa plantou uma grande dúvida na cabeça das amigas.

— Mas se ele realmente a ama — argumentou Kay — devia querer tê-la somente para si. Harald "jamais" permitiria que meu pai fosse viver em nossa companhia.

Polly nada disse, embora soubesse dos rumores que corriam de que Kay e Harald estavam em vésperas de separação.

— E qual a sua sugestão sobre meu pai? Que deveria eu fazer?

— perguntou.

Mas ninguém deu qualquer sugestão, achando que o "amor", se é que se tratava de amor, encontraria a solução adequada.

— Deve haver alguma coisa que você e Jim possam fazer com o velho. É só pensar mais um pouco — declarou Kay. — Por que não vai viver em companhia da sua Tia Júlia?

— Porque não gosta dela — explicou Polly.

— Mas ela tem uma casa "enorme". . . ele poderia ficar completamente isolado e ter empregadas. Ficaria muito melhor do que aqui, apertado como vocês. E, quando receberem, que farão com o velho? Na casa de sua tia era só mandar uma bandeja para o quarto, mas aqui?!

Ao coro de opiniões, Polly opunha um silêncio obstinado; contudo, chegou a perguntar a si mesma se, afinal de contas, o casamento não seria uma espécie de sacrifício, de provação. O retrato que pintara do casamento, depois do matraquear das amigas, ia sendo substituído, aos poucos, por outro menos belo. Achava que a gente vive "feliz até que a morte nos separe" desde que o marido seja fiel, mas a classe de 1933 parecia achar que, para fazer do casamento um sucesso, era preciso não ceder um único segundo. Polly estava disposta a fazer muitos sacrifícios, pois que, como membro de uma grande família, já se acostumara a fazê-los, porém suas companheiras de classe não pensavam da mesma forma. Era muito importante para a mulher, achavam elas, manter a individualidade, do contrário arriscavam-se a perder o marido. O que era preciso sacrificar, ao que parecia, eram os "encargos", como um pai, por exemplo.

— Espero que, pelo menos — perguntou Libby —, você não pretenda levá-lo em sua lua-de-mel?

— Claro que não! — respondeu Polly, impaciente.

Entretanto, dias depois, sua mãe escrevia-lhe uma carta, na qual, preocupadíssima, queria saber se era verdade que Henry ia acompanhá-los na lua-de-mel, pois Louisa Hartshorn ouvira boatos a esse respeito no Clube Cosmopolita.

A única pessoa completamente surda à preocupação geral era o próprio Sr. Andrews, o qual, desde o primeiro instante, sabia que ia morar com os recém-casados. Para ele, o problema era meramente arquitetural: encontrar um apartamento que servisse para os três e cuja reforma não custasse muito. Aliás, já havia um de cobertura, perto do laboratório onde Jim ia trabalhar, o qual, devidamente redecorado, ficaria maravilhoso. O casamento seria na primavera, na fazenda; a família de Jim viajaria de Ohio, e o pai celebraria a cerimônia. Dottie

tinha a esperança de que, na ocasião, o Sr. e a Sra. Andrews se reconcilhassem e, então, haveria uma cerimônia dupla. Seu pai e sua mãe poderiam ser os padrinhos e vice-versa. "Tremendamente original, não é?", perguntou ela, dando uma piscadela. "Não é uma idéia adorável, Polly?"

Quando Jim ouviu falar nisso, disse que o melhor seria eles casarem ali mesmo, em Nova York, na Municipalidade, e pronto. Para não ferir os sentimentos dos amigos, não convidariam uma única pessoa, nem mesmo seu pai. Foram casados por um magistrado e, naquela mesma noite, embarcaram para Key West, para passar a lua-de-mel. Da estação da estrada de ferro mandaram telegramas avisando o que haviam feito. As amigas de Polly ficaram aborrecidas por perderem a oportunidade de oferecerem um chá de despedida ou coisa equivalente. Mas compreenderam muito bem que um casamento ostensivamente alegre era mais do que a pobrezinha poderia agüentar. O grupo estava tristíssimo por causa de Polly e ter-lhe-ia mandado uma homenagem floral por telegrama se, pelos menos, soubessem onde ela estava. Naturalmente, ela e Jim achavam-se muito longe, gozando dos primeiros e últimos dias que, provavelmente, passariam juntos e sozinhos em toda a sua vida de casados. No luxuoso apartamento de Dottie, no Hotel Plaza, ela e as outras amigas beberam à felicidade de Polly *in absentia*. "Pela sua felicidade!", desejaram lealmente, batendo as taças. Ela a merecia mais do que qualquer outra pessoa, afirmaram as moças. Quanto às simpatias dos cavalheiros presentes, essas voltavam-se todas para Jim Ridgeley, o qual, à medida que Brook, o marido de Dottie, ia enchendo as taças, consideraram como um camarada fora do comum por ter aceito tranqüilamente semelhante situação.

Muito cedo, numa certa manhã de março, Polly compareceu à Divisão Feminina da Clínica Payne Whitney, a fim de fazer um teste de metabolismo numa paciente que fora admitida na noite anterior. Ao voltar da lua-de-mel, continuara trabalhando no hospital; talvez estivesse grávida, visto não terem tomado qualquer precaução. Se assim fosse (e ainda era muito cedo para saber), não havia razão para começar um novo trabalho, que seria obrigada a abandonar logo em outubro. Jim almoçava diariamente, em sua companhia, no refeitório da direção onde ficavam de mãos dadas sob a mesa. Todas as noites, havia um jantar oferecido por uma das colegas de turma de Polly e, como agora faziam parte das fileiras dos casados, não lhes era permitido sentarem-se juntos, sendo obrigados a equilibrarem seus pratos em cantos opostos dos aposentos. Estas festas davam a Polly uma vasta sensação de distância. Todos os maridos "iam muito bem" no ramo dos seguros contra fogo ou na carreira bancária, ou ainda na da edição de revistas, e as colegas de turma, exceto algumas rebeldes que já não eram necessariamente as mesmas rebeldes do tempo de universidade, estavam "tomando seus lugares na sociedade". Contudo, havia certas ocasiões em que, ouvindo-as e contemplando-as, Polly chegava à conclusão de que era a única da classe de 1933 realmente feliz.

Era-lhe evidente que muitas de suas colegas estavam decepcionadas com os maridos e invejavam as moças que, como Helena, não haviam casado. Em julho, a classe faria sua quinta reunião e já tinha seus primeiros divórcios. E cada um deles era comentado abertamente por todas as outras, as quais achavam que elas, pelos menos, tinham "feito alguma coisa". O divórcio de Norine Blake — ela instalara-se numa fazenda nas cercanias do Reno, e, agora, chamava-se a si mesma "Sra. Schmittlapp Blake" — ganhara um lugar de destaque entre os comentários das ex-alunas de Vassar, ao lado do de Corine Storey, agora modelo da casa Bergdorf ou de Lily Marvin, que era vitrinista de Elizabeth Arden, assim como Binkie Barnes, que trabalhava para o CIO, e Bubbles Purdy, que estudava para ser pregadora. Dentro do grupo, só mesmo Libby conseguira

destacar-se profissionalmente. Kay, outrora tão vivaz, esmorecera por completo. No ano anterior, correram rumores de que ela, que fora a primeira da turma a casar, seria a primeira a divorciar-se — um verdadeiro recorde. Entretanto, continuava trabalhando na loja Macy's, onde conseguira uma boa situação junto da gerência, enquanto que Harald continuava escrevendo peças que jamais eram encenadas. De tempos a tempos, conseguia um emprego de diretor de cena ou de ensaiador em teatros de verão. A família de Kay tinha de os ajudar nas horas de maior aflição. As opiniões das colegas durante os jantares dividiam-se sobre se Kay era um peso para Harald ou vice-versa. Ninguém os vira recentemente, exceto Dottie que os visitara, e Helena, que, aproveitando a presença dos pais na cidade, os convidara para jantar no Savoy Plaza. Os dois, contara Dottie, andavam agora metidos com um grupo de jogadores profissionais de pôquer, onde ela era conhecida como "Sra. Pete" e Harald como "Sr. Pete", as mulheres eram todas mais velhas do que Kay; tinham vozes grossas e chamavam os homens de "senhor", inclusive os próprios maridos. O jogo era bastante alto, e Harald jogava muito bem, mas Kay não passava de uma principiante, cuja principal preocupação era não deixar que os outros vissem suas cartas, gostando de fazer as jogadas mais tolas que se possa imaginar. Por seu lado, Helena contara a Polly que sua mãe, que era uma diagnosticadora de mão cheia, dissera que Kay estava em vésperas de um esgotamento nervoso.

— O paciente é muito refratário — anunciara a enfermeira a Polly naquela manhã, no corredor, ao abrir a porta. — Pode ser que não coopere.

A mulher que estava deitada na cama era Kay. Tinha um olho contundido e várias manchas escuras no braço nu. Ao ver Polly no seu uniforme imaculadamente limpo, desatou num copioso pranto. Era evidente que ela comparava a situação das duas, percebeu Polly, cheia de simpatia, tentando ao mesmo tempo relembrar se alguma vez, anteriormente, vira Kay chorar. Em lugar de fazer perguntas que só teriam a finalidade de perturbá-la ainda mais, Polly pegou numa toalha de mão e começou a limpar-lhe o rosto magoado. Quando viu que Kay, ao contrário do que informara a enfermeira, não oferecia a menor resistência, procurou-lhe a bolsa na gaveta de um móvel, encontrou um pente e, gentilmente, começou a pentear-lhe os cabelos. Não lhe ofereceu um espelho por causa do olho pisado. Momentos depois, os soluços de Kay cessaram: ela sentou-se.

— Que vão vocês fazer comigo? — perguntou, olhando curiosamente para o tanque cilíndrico que Polly trouxera.

— Quanto a mim, a única coisa que vim fazer foi um teste de metabolismo basal — respondeu Polly. — Não dói.

— Eu sei disso — retrucou Kay, impaciente. — Nem sequer me deram o desjejum!

O protesto era tão característico de Kay que Polly tranqüilizou-se imediatamente. Para sua surpresa, a amiga, a não ser pela aparência, parecia completamente calma.

— O desjejum será servido daqui a pouco — disse. — O teste tem de ser feito com o estômago vazio.

— Ah! — exclamou Kay. — Meu Deus, como eu estou satisfeita por você estar aqui! Não pode imaginar as coisas horríveis que eles me fizeram ontem à noite, Polly.

Na noite anterior, as enfermeiras tinham-lhe retirado o cinto.

— É impossível usar um vestido sem cinto.

Tinham retirado até a faixa da camisola ("Veja!") e quiseram levar até a aliança, porém essa, ela não deixara.

— Tivemos uma luta tremenda, mais aí chegou a enfermeira-chefe e disse que me deixassem em paz. Marque um ponto para mim. Obrigaram-me, então, a abrir a boca para ver se eu usava alguma ponte, embora eu tivesse dito que não usava. Creio que, se usasse, eles também teriam arrancado. Devo dizer que senti uma vontade danada de dar-lhes uma boa dentada. — Soltou uma das suas sonoras gargalhadas. — Lamento não ter dado.

Olhou de esguelha para Polly, procurando seu apoio, o que, na opinião desta, era um mau sintoma. Kay sentia-se "orgulhosa" por ter lutado contra as enfermeiras, como se ainda fosse uma estudante brigando com o Reitor, ou coisa semelhante. Será que ela nunca ouvira falar em camisa-de-força? Era como se ela não tivesse a noção do lugar onde se achava. Então, inesperadamente, Polly percebeu que Kay estava encabulada.

— Percebi — continuou em outro tom — que eles pensam que eu quis suicidar-me. E continuam me vigiando através daquelas aberturas na porta. Será que julgam que vou enforcar-me com o cinto? E que poderia eu fazer com minha aliança?

— Engoli-la — respondeu Polly prontamente; achava que as enfermeiras deviam ter explicado tudo a Kay. — Mas isto não passa de rotina, minha cara — informou ela, sorrindo. — Eles retiram sempre todos os cintos e alianças. Até estou surpreendida por terem deixado a sua. Todos os quartos têm aquelas aberturas na porta.

— Como na cadeia — ajuntou Kay, recomeçando a chorar. — Harald me traiu. Trouxe-me para cá e abandonou-me. Disse que o

regulamento do hospital era assim.

— Mas o que aconteceu? — quis saber Polly. — Por que está aqui?

— Em primeiro lugar, diga onde estou?

— Não sabe?

— Creio que é um hospício, não é? — falou Kay. — Pelo menos, é o que eu depreendi, baseada no que dizem as enfermeiras: "Oh, não, minha cara! É apenas uma clínica de repouso para as pessoas nervosas". Que papel de idiota eu fiz ontem à noite. Assim que cheguei, pedi para falar no telefone. Precisava de falar com alguém. Disseram que não havia telefones nos quartos. "Então", perguntei, "e por que não?" Disseram que era contra o regulamento. Achei a coisa muito estranha, pois uma amiga minha que teve um filho há um ano, aqui mesmo no Hospital Nova York, tinha telefone e rádio no quarto. Achei que esta devia ser uma ala de indigentes do hospital e que Harald me internara aqui por ser mais barato. — Kay sorriu amargamente. — Elas devem ter achado que eu era mesmo maluca e foi aí que resolveram tirar meu cinto.

— E têm toda a razão de pensar que você está louca — interpôs Polly. — Você está internada na Clínica Payne Whitney. Trata-se de um hospital particular para doentes mentais, anexo à Universidade de Cornell. Este é o andar de admissão, onde fazem a triagem dos doentes.

Kay soltou um suspiro fundo.

— Bem, pelo menos, agora já sei. Precisava ouvir para acreditar.

— Mas conte-me como foi que veio para cá — pediu Polly suavemente, enquanto tentava levantar a cabeça que Kay deixara cair. Kay abriu os olhos.

— Você promete acreditar em mim? — perguntou. — É preciso que "alguém" acredite em mim.

— Claro que eu acredito em você — respondeu Polly calorosamente.

Chegara à conclusão de que houvera um lamentável engano, como muitas vezes acontece nos hospitais. Petersen era um nome comum, pelo menos na forma "Peterson", conforme estava grafado no boletim de Kay. Que horror se ela tivesse sido internada por causa de uma apendicite e a tivessem mandado para a clínica por engano! Entretanto, ainda assim, havia o olho contundido a ser explicado.

— Foi Harald — falou Kay surdamente. — Ele me bate quando bebe. Quando foi? Há tanto tempo. . . mas deve ter sido ontem pela manhã. É. . . foi ontem pela manhã.

— Ele bebe pela manhã?

— Bebera a noite inteira e, quando chegou às sete da manhã, eu o acusei de ter estado com uma mulher. Bem sei que foi uma idiotice tê-lo acusado naquele estado. Devia ter esperado até ficar sóbrio.

Deu uma risadinha; a autocrítica de Kay estava sempre presente.

— Mas eu andava um pouco histérica. Na véspera, nós tínhamos recebido alguns amigos para uns coquetéis e bebemos um bocadinho. Então, assim que saíram, às sete meia, eu precisei de pickles de pepino. Mandeí Harald buscar um pouco numa mercearia que tem perto de casa, e ele não voltou. Percebi como fora idiota, pois podia ter usado outra coisa qualquer. Seja como for, ele só voltou pela manhã. Agora, vejo que devia ter fingido que estava dormindo. Mas em lugar disso pedi explicações. Disse que ele estivera com Liz Longwell, você não a conhece. . . nós jogamos pôquer juntos, o marido dela está em Washington, em serviço. Foi então que Harald disse que estava farto dos meus pensamentos sujos e me bateu. Eu vi estrelas, exatamente como acontece nas histórias em quadrinhos. Sei que foi idiotice, mas devolvi-lhe o soco. Então, ele me deu outro, bem no estômago. Que deveria eu ter feito, Polly? Me levantado e esperado o dia seguinte para que ele visse o que fizera e pedisse desculpas? Eu sei que devia ter agido assim, porém não tive paciência. Levantei-me e corri para a cozinha. Ele correu atrás de mim, e eu apanhei a faca de pão. Propositadamente, não apanhei a faca da carne, pois esta ele a estivera afiando na véspera, e eu não queria machucá-lo muito. Só o bastante para fazê-lo voltar a si. Empunhei a faca e disse: "Não se atreva a aproximar-se!" Com um tapa, ele tirou a faca de minha mão. Depois, arrastou-me para o quarto de dormir e trancou a porta. Esperei um pouco, tentando acalmar-me e vendo o que ia acontecer. Finalmente, ouvi que ele ressonava. Não percebia que estava ficando tarde e que eu tinha de ir trabalhar. Bati na porta; depois, parei e vesti-me completamente. Tornei a bater. Eu já chorava de desespero. No outro quarto, o silêncio era completo; nem mesmo os roncões podiam ser ouvidos. Não consegui ver pela fechadura, porque a chave estava no buraco. Quem sabe ele morrera? Finalmente, ouvi a campainha da porta. Dois ascensoristas batiam, perguntando o que se passava. Harald levantou-se e, pela porta fechada, disse que não havia coisa alguma e que podiam ir embora. Mas eles ouviram meu choro; eu não conseguia parar.

— Oh, pobre Kay!

— Espere! — falou Kay. — Você ainda não ouviu o pior. Os rapazes desceram, e a próxima coisa que aconteceu foi chegar a polícia. Harald abriu a porta com toda a calma. Dormira vestido e, depois de algumas horas de sono, devia ter aspecto de sóbrio, apesar

de cheirar a bebida. Os policiais entraram — eram dois — e perguntaram o que estava acontecendo. Eu estava tão apavorada, que parei de chorar. E, então, através da porta, ouvi Harald dizer que estávamos ensaiando uma peça.

Polly prendeu a respiração.

— E eles acreditaram?

— Inicialmente, não: "Gostaríamos de ouvir a versão de sua esposa" — exigiram. "Ela está se vestindo", explicou Harald. "Assim que acabar, confirmará tudo o que eu disse." Então, ofereceu um cafezinho, que era uma desculpa para que os homens o acompanhassem à cozinha. Colocou o bule no fogo e fez com que se sentassem na mesinha; voltou à sala de estar e abriu a porta. "Você está pronta, querida?", perguntou. "Uns cavalheiros da polícia querem conversar com você." Tive de tomar uma resolução rápida. Sabia que ele contava comigo para apoiar sua história, e o mero pensamento de que ele tivesse tal pretensão, depois do que me fizera, deixou-me quase louca. Mas eu tinha de ajudá-lo. Afinal de contas, embora aqueles policiais não o soubessem, Harald estava fichado na polícia. Lavei o rosto e passei bastante pó de arroz. O olho pisado quase não se notava. Confirmei a história. Meu marido, expliquei, era dramaturgo, e eu treinava para ser diretora; estávamos ensaiando uma cena de uma de suas peças.

— E o que disseram os policiais?

— Em primeiro lugar, disseram que era uma hora muito estranha para um ensaio, mas expliquei, então, que meu marido trabalhava até tarde no teatro — os ascensoristas viram-no chegar — e que eu, por meu lado, só tinha aquela hora para fazer um rápido ensaio, pois trabalhava numa loja. Então, pediram para ver o manuscrito. Nessa altura, senti que estava tudo perdido. Mas Harald — foi genial de sua parte! — pensou uns segundos e exibiu uma de suas peças que, no final do segundo ato, tinha uma cena violentíssima entre os dois personagens principais, marido e mulher. Mostrou a cena ao policial e perguntou-lhe se queria que nós a representássemos. O homem disse que não. Mas leu cerca de página e meia, acabou o café e disse que não devíamos mais ensaiar num prédio residencial. Depois, retiraram-se, e Harald prometeu que lhes arranjaria duas entradas quando a peça fosse encenada.

— Você deve ter-se portado admiravelmente bem, Kay — comentou Polly com ar de admiração.

— Foi o que eu também pensei — respondeu ela. — Mas, assim que os homens saíram, em lugar de agradecer-me novamente, disse

que, como sempre, eu invertia tudo e que fora ele quem me salvara de ser presa. Poderia eu negar tê-lo atacado com uma faca de cozinha? Foi uma faca de pão, lembrei. "Isso pouco importa", falou Harald. Quando disse que eu somente empunhara a faca, ele sorriu com seu arzinho superior. Devia ter visto seu rosto naquele momento, minha cara. Jamais o esquecerei!... "Encontrei o crime no meu caminho. Seu rosto era o de minha esposa, Kay."

— Ele realmente fez essa citação de Shelley? — indagou Polly, maravilhada.

— Foi de Shelley, foi? — perguntou Kay, envaidecida. — Harald é muito inteligente e lê muito. Seja como for, disse que se eu não me lembrava de tê-lo ameaçado com uma faca então é porque estava sofrendo de amnésia e devia consultar um psiquiatra. Nessa altura, comecei novamente a chorar e a gritar por me sentir incapaz de argumentar. Devia ter ido trabalhar, percebendo que ele estava cansado e ainda sob a influência da bebida. Mas continuei chorando, e ele disse que eu estava histérica. Vestiu o casaco e apanhou o chapéu. Ia para a casa de Norine Blake ver se podia dormir um pouco no quarto; Norine ainda mantinha o mesmo apartamento que ocupava quando estava casada com Put "Se for para a casa de Norine, jamais o perdoarei", disse eu dramaticamente, barrando-lhe o caminho. Ele ficou parado, olhando-me de alto a baixo. Mais uma demonstração do meu ciúme doentio, falou. Descera tanto que até suspeitava de minha melhor amiga. "Será que essa atitude não lhe diz alguma coisa, Kay?" Bem, eu sentia-me muito baixa, embora não tivesse pensado em sexo. Nunca suspeitei de que Norine pudesse dormir com Harald. . . ela não é seu tipo. Mas estava com ciúme por ele ir para lá, dando motivo a Norine para contar a todo mundo que Harald tivera de dormir em sua casa por eu não lhe dar descanso. Para mim, isso era mais desleal do que adultério. Mas ele foi mesmo, dizendo que mandaria Norine para me acalmar. . . que, assim, eu não poderia acusá-lo de estar fornicando, visto que ela estaria a meu lado. Não desejava muito ver Norine, porém concordei. Dentro em breve, ela chegava dizendo que Harald havia implorado que viesse me acalmar e que ele estava apavorado com o meu estado. Confessei logo que aquela não era nossa primeira briga e que, ultimamente, estávamos sempre brigando.

— Ele já tinha lhe batido antes? — perguntou Polly gravemente.

— Não. Bem. . . sim. Mas foi há muito tempo, e eu não contei a ninguém. Norine disse que eu devia internar-me num hospital e descansar por alguns dias, pois seria impossível ter tranquilidade ao lado de Harald num apartamento de duas peças. Aliás, se eu quisesse,

ela poderia ficar em sua companhia, ofereceu. Mas eu não quis, porque Norine é uma péssima dona de casa e, além disso, seria dar uma prova pública de que eu e Harald estávamos separados. Ela fez um pouco de chá e, na hora do almoço, Harald apareceu, trazendo alguns sanduíches. Isso fez-me lembrar o pepino e o prato que estava preparando, e recomecei a chorar. "Viu?", perguntou Harald a Norine. "Basta ver-me para desatar a chorar." Preferi não explicar que era por causa dos pepinos, pois então Norine teria a certeza de que eu estava louca em mandar Harald à rua somente para comprar pepinos em conserva. Ela diz sempre que minha cozinha é compulsiva. Conversamos a tarde inteira e convenceram-me de que eu devia internar-me num hospital onde pudesse descansar, ler e ouvir rádio. Depois, quando eu estivesse suficientemente descansada, eu e Harald decidiríamos sobre o casamento. O que, finalmente, resolveu tudo foi o seguro hospitalar que eu tinha. Assim que Norine ouviu falar que eu tinha feito esse seguro, correu para o telefone e procurou saber com o médico onde eu poderia ter um quarto particular. O médico disse que seria fácil, desde que eu pagasse a diferença. Assim, antes de eu poder protestar, ela já cuidara de tudo para me internar no Hospital Harkness. Mas eu não queria o Harkness, preferia o Hospital Nova York, que é muito mais simpático — adorei o quarto de Priss com aquelas cortinas amarelas maravilhosas e as paredes tão brancas; dá uma sensação de modernismo. Harald começou a caçoar de mim, Norine, porém, telefonou outra vez para o médico; o homem disse que não trabalhava no Nova York, mas que ia arranjar um colega que trabalhasse. Esperamos algum tempo, jogando *bridge*, até que eles telefonaram, dizendo que já havia um quarto reservado em meu nome. Nessa altura, já era noite. Fiz uma maleta, e Harald trouxe-me num táxi. Quando chegamos ao portão principal, eles tocaram uma campainha interna e mandaram-nos para este pavilhão. Pensamos que fosse um anexo. Harald deixou-me esperando num vestíbulo e foi encher a papelada de inscrição. Uma enfermeira entrou e apanhou minha maleta, dizendo que Harald podia retirar-se, pois o médico iria examinar-me dentro de um minuto e que, depois, eu seria levada para o meu quarto. Nessa altura, eu desejava ardentemente um pouco de isolamento, pois sentia-me exausta, e o pensamento de um *milk shake*, de uma massagem e de enfermeiras para tomarem conta de tudo, sem a preocupação de levantar-me pela manhã para trabalhar, era tão animador, que cheguei a agradecer a idéia que Harald e Norine haviam tido. Talvez fosse bem interessante afastar-me um pouco de Harald, embora ele pudesse visitar-me todas as tardes e preparar uns

coquetéis como fazia o marido de Priss, lembra-se? Ali sentada num vestíbulo, comecei a imaginar onde seria a lojinha de presentes do hospital, a florista e a biblioteca, quando um médico muito alto saiu do escritório para falar comigo. Revelou enorme curiosidade em saber como eu conseguira o olho contundido. Soltei uma gargalhada e disse que tinha batido numa porta, mas ele não compreendeu a piada. O homem continuou insistindo até que, finalmente, eu declarei:

"Isso não lhe interessa, nem lhe vou dizer". Não sei por que ele teria de saber o que havia acontecido entre Harald e eu. "Pois, então, vamos ter de perguntar ao seu marido", disse ele. "Que perguntem!", exclamei, irritada, tentando imaginar qual seria a resposta de Harald. Mas, naquela altura, eleja devia estar em casa. O médico mandou então que a enfermeira me conduzisse para este quarto tão deprimente, sem banheiro, nem telefone, nada. Decidi deitar-me, assim mesmo, dormir, e, na manhã seguinte, pedir mudança de quarto. Enquanto me preparava para a noite, as enfermeiras começaram a busca. Quase não acreditei no que via. Chegaram até a revistar minha bolsa e levaram os fósforos. Se quisesse um cigarro, teria de pedir lume à enfermeira. "E se eu quiser fumar deitada?" Era contra o regulamento, disseram; só podia fumar na sala de estar ou, então, quando tivesse uma enfermeira no quarto. "Pois, então, quero fumar agora." Mas a enfermeira disse que não, pois devia deitar-me imediatamente. É evidente que, nesta altura, eu já estava certa de que aquele não podia ser um hospital como os outros, contudo, ainda assim, continuei espantada e chocada. Deliberei não mostrar medo e agir tão normalmente quanto me fosse possível. Quando a enfermeira saiu, deitei-me e comecei a ler o jornal daquela manhã, quando, repentinamente, a luz se apagou. Pensei que fosse algum defeito e toquei a campainha. A seguir, a enfermeira abriu a porta. "Minha luz apagou-se", disse eu. "A senhora poderia dar um jeito, por favor?" Mas parece que fora ela mesma quem a apagara pelo lado de fora. Pedi-lhe que tornasse a ligá-la, mas ela recusou-se. E, assim, fiquei sozinha, no escuro. Polly apertou-lhe a mão.

— Tudo isso faz parte da rotina do hospital — explicou. — Pelo menos neste andar. Até que o psiquiatra examine o novo paciente, eles usam de toda a cautela.

— Mas eu falei com o médico ontem à noite.

— Não era um psiquiatra; provavelmente era um interno de plantão.

— Então, por que estava ele tão curioso sobre o meu olho pisado? Essa questão é que não consigo entender.

— O conceito geral é que esses ferimentos são autopratificados.

Quando você não lhe respondeu à pergunta, o rapaz deve ter concluído que você ocultava o fato.

— Mas por que havia eu de querer dar um soco em meu próprio olho?

— Os pacientes costumam fazê-lo — respondeu Polly. — Ou, então, jogam-se em frente de um carro ou por uma escada abaixo. Quando vir o psiquiatra, agora pela manhã, depois do desjejum, conte-lhe toda a verdade. Mesmo assim, ele vai procurar uma confirmação da parte de Harald.

— Confirmação de Harald? — exclamou Kay, indignada. — E, se ele mentir? Mas, de qualquer forma, não quero ver nenhum psiquiatra. Quero sair daqui imediatamente.

— Impossível, minha cara — explicou Polly —, até você ver o psiquiatra. Se lhe contar toda a história talvez ele lhe dê alta. Mas não tenho a certeza, Kay. É melhor chamar Harald imediatamente. Eu telefonar-lhe-ei, assim que acabarmos o teste. Receio que, tendo sido ele quem a internou, somente ele a poderá retirar. Do contrário, o processo de alta será muito complicado.

— Harald internou-me? — gritou Kay.

— Deve ter internado — falou Polly — a não ser que você mesmo se tenha internado. Foi assim?

— Não. — Kay foi positiva. — Deve ter sido aquela papelada que ele encheu no escritório — lembrou ela.

Os olhos das duas moças arregalaram-se.

— Mas isso significa, então — disse Kay lentamente —, que ele sabia que lugar era este, quando aqui me deixou.

Polly nada disse.

— Não é, Polly? — insistiu Kay, angustiada, a voz ligeiramente alterada. — Eu disse há pouco que ele me traiu. Mas não tinha a menor intenção, juro. Julguei que pensávamos ambos que este fosse um pavilhão como outro qualquer do hospital.

— Quem sabe — tornou Polly, esperançada —, se Harald não sabia que o estava fazendo?

— Não — contestou Kay. — Harald jamais assina um papel sem saber seu conteúdo. Tem orgulho disso. Costuma sempre exigir que o garçom nos restaurantes explique toda a conta, que ele torna a somar.

Mergulhou o queixo na mão, seus olhos muito negros destacando-se no rosto lívido. Parecia abatida, envelhecida. Polly viu as horas.

— Vamos — ordenou. — Façamos logo o metabolismo. Depois

conversaremos.

Polly precisava refletir com calma. Enquanto Kay soprava no cilindro, e ela observava os resultados, o silêncio reinou no aposento. Estava cheia de medo por causa de Kay. O soturno pensamento de que Harald, por qualquer razão oculta, queria livrar-se de Kay por algum tempo, pelo menos, e que, para tanto, usando Norine como isca, a internara naquele estabelecimento, pesava-lhe o coração. Ou seria que Norine e Harald eram amantes e planejavam a destruição de Kay? Contudo, essas coisas não aconteciam na vida moderna. Além disso, que ganhariam com a manobra? Motivos para um divórcio? Mas, se Harald quisesse o divórcio, certamente que Kay lho concederia.

O pior era pensar que Norine e Harald estavam genuinamente persuadidos de que Kay enlouquecera. Talvez a tivessem levado à clínica na melhor das intenções. Se Harald pensava estar agindo por razões louváveis, então a pobre Kay achava-se perdida. Relembrando a faca de pão, Polly deu de ombros. Um homem que estivesse convencido de que a esposa ficara louca, poderia convencer facilmente o psiquiatra — a carga das provas recaía sobre a paciente, e como poderia Kay provar o que se passara em sua cabeça?

Mas ainda havia outra possibilidade, bem mais animadora, aliás. Talvez Harald não tivesse a intenção de internar Kay na Clínica Payne Whitney, e quando descobriu que tal coisa acontecera, devido a um erro administrativo (que Polly poderia verificar), assinara a papelada de admissão como uma espécie, de piada sardônica. Seria muito de Harald fazer uma coisa dessas. Polly sacudiu a cabeça, concordando com seu próprio pensamento. Podia até imaginar o gesto floreado e o sorriso malévolo com que assinara seu nome. Mas, neste caso, certamente, voltaria naquela manhã para levar Kay de volta. Talvez até já estivesse lá embaixo, à espera, com um buquê de flores na mão e pronto a transferi-la para o tal quarto com cortinas amarelas.

A idéia aliviou os pensamentos de Polly. Pensando em Harald, aquela era a mais lógica das explicações. Sorriu. Ocorreu-lhe repentinamente que tudo aquilo, até certo ponto, era culpa da própria Kay; se ela tivesse concordado em ir para o pavilhão Harkness, àquela hora estaria ouvindo rádio, enquanto uma praticante de enfermagem lhe arranjaria os travesseiros, oferecendo-lhe um suco de frutas.

O teste do metabolismo terminara. Alegrava-a poder dizer a Kay que os resultados eram os melhores possíveis. Na verdade, o resultado geral era zero, coisa raríssima. Sem dúvida que assim ficava explicada a tremenda energia de Kay. Seu organismo estava em equilíbrio perfeito. Polly sabia que isso não significava sanidade mental;

contudo, achou que era um bom sintoma. E Kay exultou, como se o aparelhinho lhe estivesse fazendo um elogio:

— Espere até eu contar isto a Harald! — exclamou.

Polly, por seu lado, fazia questão de dizer-lhe que Kay era o primeiro paciente que encontrara em sua carreira que marcara um escore de zero.

Enquanto a camareira servia o desjejum, Polly saiu silenciosamente para ver se, por acaso, Harald estava à espera no andar térreo. A enfermeira disse que não havia recado algum.

— Em todo caso, insista — pediu Polly. — A Sra. Petersen é minha velha amiga.

Voltou ao quarto de Kay. Momentos depois, entrava a enfermeira.

— Nada feito, Sra. Ridgeley.

— Nada feito, o quê? — quis saber Kay.

— É que eu pensava ter um compromisso às dez horas — mentiu Polly rapidamente.

Desde que Kay não partilhara de suas esperanças, não havia razão para que partilhasse de sua decepção.

— Vou telefonar para Harald — anunciou.

— Ótimo — respondeu Kay, passando geléia na torrada. O resultado do metabolismo basal parecia ter-lhe restituído o otimismo.

— Estamos bem melhor, hoje pela manhã, não estamos? — perguntou à enfermeira. — Acabe de comer, minha querida, e vou ajudá-la a vestir-se.

Ninguém respondeu no apartamento de Kay. Melhor ainda, disse Polly para si mesma, é sinal de que Harald já está a caminho. Mesmo assim, telefonou para Jim no laboratório e contou-lhe sucintamente o que acontecera. Ele prometeu dar uma passada e conversar com Kay antes do almoço.

— Se ela ainda estiver aqui — acrescentou Polly.

— Ela estará — assegurou Jim.

— Não seja cínico — retrucou Polly.

No quarto, Kay já estava preparada, envergando um vestido marrom, e, enquanto esperava, arrumava a maleta.

— Conseguiu? — perguntou, assim que Polly entrou, e esta explicou que ele já devia estar a caminho do hospital. A enfermeira deu uma piscadela para Polly.

— Parece que a Sra. Petersen não gosta da nossa companhia — brincou. — Prefere ir para casa e aborrecer-se.

— Ela não quer que eu arrume a bagagem — disse Kay para

Polly. — Já lhe expliquei que foi tudo um engano e que eu devia estar no Hospital Nova Iorque.

A enfermeira sorriu delicadamente. O que Kay não sabia era que uma das ilusões mais difundidas entre os pacientes é que estavam no hospital por engano.

— Vou embora, Sra. Ridgeley — disse a enfermeira. Voltou-se para Kay:

— A Sra. Ridgeley tem deveres a cumprir. Não deve detê-la muito tempo.

Polly apoiou Kay:

— Eu ficarei mais alguns minutos. Seu marido deve chegar em breve para levá-la para casa.

— *Compreendo!*, retrucou a enfermeira, com uma ligeira fungadela. Evidentemente, reprovava que Polly encorajasse as falsas esperanças dos doentes.

— Francamente, você acha que ele virá? — perguntou Kay, quando ficaram a sós.

— É claro — asseverou Polly, acendendo cigarros para as duas. Olharam as horas.

— Deve chegar daqui a quinze minutos — explicou Kay. — Isto é, se saiu pouco antes de você telefonar.

— Vinte — retrucou Polly. — São cinco minutos a pé desde a Quinta Avenida.

— Quem sabe se ele não vai tomar um táxi?

Fumaram em silêncio. A volubilidade de Kay já a abandonara, e as tentativas de Polly para introduzir tópicos impessoais falharam todas. As duas estavam concentradas em Harald, desejando que chegasse logo. Kay apanhou o jornal da véspera para ler um artigo de Lucius Beebe.

— Harald conversou com ele — disse ela.

Repentinamente, ouviram gritos vindos de um dos extremos do corredor e o ruído de sapatos calçados com solas de borracha correndo.

— Oh, meu Deus! — exclamou Kay.

— Não é nada — explicou Polly. — Um dos pacientes deve ter-se "excitado". As enfermeiras tomarão conta dele.

— Que farão? — perguntou Kay.

— Vão mandá-lo para cima — continuou Polly. — As enfermeiras dos casos mais violentos ficam no sétimo e oitavo andares. Quando um paciente mostra sinais de melhoras, mandam-no cá para baixo, numa espécie de teste, para ver como se porta junto dos

novos pacientes. Mas, muitas vezes, é preciso removê-la novamente. É o que deve estar acontecendo agora.

Ouviram rumores de uma luta longínqua.

— Vão usar a camisa-de-força? — quis saber Kay.

— Se for necessário — respondeu Polly.

Ouviram novamente. Uma outra voz, muito perto do quarto de Kay, começou a latir como um cão. Outros pés aproximaram-se, e Polly conseguiu distinguir a pisada forte de um médico ou de um paciente do sexo masculino. Kay agarrou-se a Polly. Ouviram uma voz de homem dando uma ordem. Então, o silêncio foi restabelecido.

— Eles aqui têm celas com as paredes acolchoadas? — cochichou Kay.

— Têm — respondeu Polly — Pelo menos, acho que têm. Mas nunca vi.

Estava furiosa por causa de Kay. Por que razão teria tudo isto de acontecer exatamente naquela manhã? Jim tinha toda razão ao criticar o hospital pela promiscuidade que reinava no andar de admissão; era um crime misturar os casos perdidos com gente que ainda nem mesmo fora confirmada como realmente doente. Novos pacientes, às vezes vítimas de uma ligeira depressão nervosa, outras vezes quase crianças, ficavam apavorados com o que viam e ouviam nos primeiros dias. Polly acabara de receber uma demonstração viva da desorganização reinante, e Kay continuava a tremer.

— Lembro-me dos nossos dias na Universidade — falou — quando visitávamos o hospício estadual para nossas aulas de psicologia. Nunca pensei que eu . . .

Seus olhos encheram-se de lágrimas e não conseguiu terminar a frase.

— Polly! — exclamou, num lamento —, e se ele lhes disser que eu estou louca?

Mas Harald ainda não chegara, e, ao fim de quase uma hora, Polly teve de se retirar. A enfermeira veio dizer que precisavam dela no edifício principal para um exame de sangue.

— Pode ir — murmurou Kay — Estou bem. Tenho uns livros para ler.

Polly ainda hesitou.

— Gostaria de deixar-lhe uns fósforos. . . Mas não quero arranjar-lhe maiores aborrecimentos. . . Se o psiquiatra chegar . . .

Mas interrompeu-se a tempo, pois ia dizer "tenha cuidado". Ao contrário, disse "não se preocupe".

— Haja o que houver, Kay, Jim estará aqui antes do almoço.

Kay fez que sim com a cabeça e mostrou um sorriso que não convencia. Observou Polly reunir seu equipamento de trabalho.

— Pode ir — repetiu. — Está esperando o quê?

Polly encaminhou-se para a porta com a bandeja na mão. O corredor estava vazio. Todas as portas se achavam escancaradas, os pacientes deviam estar fazendo os exercícios matutinos. Não podia fazer outra coisa — o regulamento era severíssimo — mas Polly sentiu-se mal em fazê-lo: "Então, eu sou a carcereira de minha irmã?", perguntou-lhe sua consciência. Como era mesmo aquela tremenda frase de Dante que seu pai recitara quando o trancaram em Riggs? "*E io senti chiavar l'uscio di sotto/all'orribile torre. . .*"⁴ Girou a chave e trancou Kay no quarto.

Do outro lado da porta, Kay ouviu a chave girar e percebeu que fora Polly quem a trancara. Mas a culpa não era dela. Nem mesmo do pérfido Harald. Muito em breve, Polly estaria mais uma vez tentando encontrá-lo. Todavia, Kay já perdera a esperança de que ele respondesse. Provavelmente, não passara a noite no apartamento, devia estar com outra mulher. Não esperava nem mesmo que aparecesse no hospital. Aquilo que temia havia cinco anos, finalmente acontecera: ele a abandonara. Não da maneira que o fazem outros maridos, depois de longas discussões, advogados e partilha de móveis. Sempre soubera que, um dia, Harald simplesmente desapareceria. Nem ela, nem seus pais ou seus amigos, jamais tornariam a vê-lo. Emergiria como um submarino, no Oriente Médio ou na América do Sul, com outra identidade. Desde o princípio, sempre parecera um mistério e, misteriosamente, desapareceria. Deixá-la trancada num hospício, como alguém amarrado num armário pelos ladrões, era a espécie de atitude que o deliciaria. Por fim, teria de requerer que fosse declarado oficialmente morto, e, isso, ele também adoraria. Podia até ouvir-lhe a risada crocitante, como o canto do galo dos filmes da Pathé, ecoando dos quatro cantos da terra.

E até o dia de sua morte jamais saberia se ele lhe fora realmente infiel. Nem mesmo essa última satisfação teria. Privá-la de tudo e tantalizá-la fora seu único prazer naqueles cinco anos. Ela tentara prendê-lo com a posse dos objetos, mas ele desaparecera como se fosse um novo Houdini. E, ao partir, nem mesmo levara a máquina de escrever que ela lhe dera como presente de Natal. Eis outra coisa: ele sabia que ela o admirava e queria que fosse bem sucedido, mas ele a enganava de propósito. Às vezes, chegava a pensar que adiava o sucesso propositadamente, só para esgotar-lhe a paciência; assim que ela desistisse, seu nome ficaria famoso da noite para o dia.

⁴ E eu ouvi pregar a porta por baixo da horrível torre. (N. do E.)

Realmente, pensara em abandoná-lo. No ano anterior, chegara a arquitetar um piano, juntamente com Norine, de fazerem uma viagem até o Reno. Esta dissera que, assim que libertasse Harald, suas energias criadoras seriam também libertadas. A idéia tentara Kay como uma espécie de sacrifício glorioso, apesar de ter insistido que fossem de trem, e não de automóvel. Mas nada dissera com medo de que ele concordasse e, assim, desaparecesse todo o encanto de seu gesto. Então, certa noite, quando recebiam alguns convidados, ele dissera-lhe, sorrindo: "Kay, ouvi dizer que você pretende divorciar-se de mim". E, mais uma vez, ficara sem saber se ele se importava ou não. Na verdade, tinha um ar de secreto regozijo, mas, se ela o interrogasse, não obteria a verdade.

Provavelmente, não levara a coisa a sério, pois pensava que ela o amava. Mas, nesse ponto, estava enganado. No princípio, o amara, contudo, de tal forma fora atormentada pela sua astúcia que, agora, já não sabia nem mesmo se gostava dele. Se pudesse acreditar em Harald, talvez soubesse a verdade. Entretanto, as coisas nunca foram suficientemente aclaradas para que ela pudesse decidir. Às vezes, achava que Harald não deixaria que ela tivesse uma certeza absoluta sobre sua personalidade, com medo de perder a atração que assim exercia: eis uma lição que ele aprendera num manual qualquer, da mesma forma como aprendera sobre as tais tábuas de multiplicar. Mas Kay poderia dizer-lhe que teria sido muito mais atraente se ela pudesse confiar nele. É impossível amar um homem que está sempre brincando de esconder com a gente; esta lição "ela" a aprendera sozinha.

Pois bem, poderia dizer Harald, de que se queixava ela? Por que estava de coração partido? Kay tentou responder à pergunta. Chorava por um Harald inexistente, não pelo Harald real. No entanto, se perdesse este último, perderia sua única ligação com o Harald inexistente. Então, seus sonhos haviam realmente terminado. Continuou deitada, pensando. Havia mais outra coisa. Sempre desprezara os fracassos e, se era verdade que Harald a abandonara, então ela também era um fracasso.

Às onze e meia, bateram à porta. Um jovem psiquiatra de óculos entrou para examiná-la.

— Fizemos o impossível para encontrar o Sr. Petersen — disse, um ar de recriminação no olhar, como se Kay ainda tivesse de pedir desculpas.

Anotou tudo o que ela falou. Quando parou, quase sem respiração, ele continuou em silêncio por alguns segundos, examinando o caderninho de notas.

— Por que razão a senhora achou o cinto tão importante? — perguntou inesperadamente. — As enfermeiras do turno da noite disseram que a senhora ficou perturbadíssima quando quiseram tirá-lhe o cinto do vestido. E, além disso, há uma anotação de que a senhora falou sobre o mesmo assunto com a Sra. Ridgeley e com a Sra. Burke, a enfermeira do dia.

— Polly falou-lhe alguma coisa? — exclamou Kay, ferida e assustada.

— Acontece que a Sra. Ridgeley pediu que abrissemos uma exceção e devolvêssemos o seu cinto. Mas é claro que ela sabe que não podemos abrir qualquer exceção até vermos o seu marido.

Novamente, olhou-a de modo acusador como se fosse por sua culpa que Harald não houvesse aparecido.

— Mas eu não tenho culpa se . . .

— Um momento — interrompeu o médico. — Percebi que a senhora usou a expressão "minha culpa" ou "sua culpa" e seus equivalentes trinta e seis vezes diferentes na sua conversa. Poderia dar alguma explicação a esse respeito?

Kay parecia espantada.

— Francamente, não compreendo o que o senhor quer dizer. Prometeram-me que, depois de ser examinada por um psiquiatra, poderia ser transferida para um hospital comum.

— Ninguém devidamente autorizado poderia prometer-lhe uma coisa dessas — replicou o médico, secamente. — Tenho a impressão de que sua afirmação não passa de mais uma manifestação de sua fantasia, Sra. Petersen.

Kay enrubesceu. Na verdade, Polly dissera "talvez". O psiquiatra franziu a testa, vendo a maleta de Kay.

— Gostaria de evitar qualquer tipo de discussão — advertiu — a qual não seria da menor utilidade, dado o estado de grande tensão emocional em que a senhora se encontra, fato que a leva a alterar seus julgamentos. No momento, a senhora não está em condições de tomar uma decisão importante. A senhora está com uma equimose num dos olhos e acusa o seu marido de havê-la espancado. Não tenho meios de saber se essa é a verdade. Além disso, aqui estamos melhor equipados para tomar conta do seu caso do que nos demais pavilhões dessa instituição. Fisicamente, a senhora não demonstra o menor mal, a não ser essa equimose no olho, é claro. Vamos, porém, examiná-la cuidadosamente, e, durante sua permanência nesta casa, a senhora passará por um completo exame físico e dentário. Posso adiantar, contudo, que a sua aparência é das melhores possíveis. Um hospital

normal destina-se às pessoas doentes. Não é uma casa de repouso ou sanatório. Se a senhora julga que não precisa de tratamento psiquiátrico, então pode ir para casa ou para um hotel.

— Pois muito bem, vou para um hotel — retorquiu Kay, prontamente.

O homem levantou um dedo.

— Mas não tão depressa assim. "Somente" se seu marido consentir. Permita-me que use de toda a franqueza. A senhora só poderá sair daqui depois de conversarmos com o Sr. Petersen. Foi ele quem a internou ontem à noite e, de forma alguma, poderíamos libertá-la sob sua própria responsabilidade. Afinal de contas, não a conhecemos. Além disso, sabemos, pelo seu próprio relato, que ameaçou seu marido com uma faca.

Kay abriu a boca para falar.

— Não que eu esteja afirmando que a senhora é perigosa — continuou o médico. — Se julgássemos que o era, já estaria num dos andares superiores. Acredite-me quando digo que está nesta casa para seu próprio bem.

— E se meu marido não aparecer?

O médico sorriu.

— Eis uma hipótese pouco provável. Não se preocupe com o que ainda está por acontecer, Sra. Petersen. Em todo caso, vou responder à sua pergunta: caso seu marido não apareça, o diretor do hospital, depois de ter examinado seu caso cuidadosamente, poderá dar-lhe alta, caso julgue necessário.

— E se Harald insistir em que eu continue?

— Creio que a senhora e seu marido, com a nossa ajuda, chegarão a um acordo harmonioso sobre o que será mais adequado fazer.

A declaração gelou os ossos de Kay.

— Mas imagine que Harald desmintu tudo aquilo que eu disse?

— Minha senhora, nós temos grande experiência, quando se trata de conseguir a verdade.

— E, se acreditarem em mim, e não nele, permitirão que eu saia?

— Em tais circunstâncias, o diretor do hospital poderia dar-lhe alta.

— Pois, então, exijo a presença do diretor!

— O Dr. Janson a verá no devido tempo.

— Quando?

Pela primeira vez, o psiquiatra mostrou ser humano. Deu uma risada.

— Inegavelmente, a senhora sabe ser muito persistente.

— Sempre fui — concordou Kay. — Diga-me com toda a franqueza, o senhor acha que eu estou louca?

O rapaz pensou por alguns momentos.

— Francamente — falou — a senhora deu-me uma excelente impressão.

Kay sorriu.

— Mas isso não quer dizer — apressou a acrescentar o médico — que não sofra de severos distúrbios emocionais. Possivelmente, de caráter histérico. Meu conselho é que procure descansar o máximo. Trate de comer bem e conhecer as outras pacientes. Verá que algumas delas são muito interessantes. Provêm de boas casas, também. Algumas são muito cultas. Ao entardecer, poderá usar a hidroterapia — vai gostar. E poderá freqüentar aulas de pintura. A senhora gosta de trabalhos manuais?

Kay gostava, mas recusou-se a admiti-lo.

— Isto é coisa de jardim de infância —, disse desdenhosamente.

— Pois as outras pacientes. . .

— Mas eu não sou sua paciente! — interrompeu Kay. _

O médico levantou-se.

— Bom dia, Sra. Petersen — disse friamente.

Ela não quisera ser tão rude assim. O rapaz fechou o caderno de: notas.

— Quando seu marido chegar, terei muito prazer em conversar: com ele. E tornarei a vê-la amanhã.

— Amanhã!

Ele fez que sim com a cabeça.

— Recomendo com insistência que a senhora passe pelo menos mais outra noite no hospital, mesmo declarando que nossa conversa foi muito satisfatória.

Tirou um martelinho de metal do bolso.

— Desculpe — disse, dando-lhe uma pancadinha no joelho. O joelho de Kay deu um pulo.

— Formalidade, somente — explicou o médico. — Seus reflexos são excelentes, como eu esperava.

Apertaram-se as mãos.

— Outra coisa. A Sra. Ridgeley está muito preocupada com a senhora, assim, dei permissão para que o Dr. Ridgeley a visitasse.

Saiu sem esperar resposta.

Quando Jim Ridgeley chegou, Kay estava na sala de refeições com as demais pacientes. O psiquiatra deixara instruções para que ela

se reunisse às outras internas na sala de estar antes do almoço. Imediatamente, surgiu uma briguinha entre as enfermas, pois todas queriam sentar-se ao lado da nova "colega". A enfermeira de serviço resolveu o caso, colocando Kay entre uma senhora de cabelos grisalhos, que logo declarou sofrer de psicose maniaco-depressiva, e uma linda moça, mais ou menos da idade de Kay, que disse ter sido trazida para o hospital numa camisa-de-força.

— Fiquei muito tempo no sétimo andar, mas agora já estou bem melhor — confidenciou. — Muito em breve, meu marido virá buscar-me.

Ouvindo o comentário, outra moça começou a rir desagradavelmente.

— Acontece que ela não tem mais marido — cochichou a senhora grisalha ao ouvido de Kay. — Ele a abandonou.

Do outro lado da mesa, sentava-se uma catatônica, com um corte de cabelo de menino; foi a única que permaneceu com o rosto imóvel, quando Kay anunciou que estava no hospital por engano. Algumas riram, outras olharam ansiosamente em volta.

— Não diga isso, nunca! — cochichou a moça bonitinha. — Mesmo se for verdade. Eles não a deixarão sair, se continuar afirmando que está aqui por engano. Talvez até a mandem para o sétimo andar.

Nesse exato momento, Jim Ridgeley meteu a cabeça pela porta do refeitório.

— Olá, Kay — cumprimentou. Examinou as mulheres que, no momento, tomavam sopa, e saudou as que conhecia. Tinha um ar preocupado e aborrecido.

— Sirva a refeição da Sra. Petersen em seu quarto — disse para a enfermeira ao chegar à mesa de Kay. — Quero conversar com calma.

— Ah, mas isso não é justo! — exclamou a moça que ria muito alto.

— Dr. Ridgeley, meu doce de coco! —, exclamou uma mulher muito gorda com ar brincalhão. — O senhor nos abandonou!

Jim levou Kay rapidamente para o quarto.

— Isto é um crime! — exclamou. — Não podem prender você aqui.

Atrasara-se porque estivera discutindo com o psiquiatra que examinara Kay.

— Que foi que ele disse?

— Em resumo que "não podia assumir a responsabilidade de

mandá-la embora". Quer passar a culpa para Harald, o qual, é claro, não pode ser encontrado em lugar nenhum.

— Já tentaram?

— Polly tentou a manhã inteira. Já mandou até um telegrama. Se não aparecer até logo mais, vou pedir ajuda à polícia.

O aborrecimento que demonstrava surpreendeu e animou Kay; já não sabia o que era ter um campeão defendendo suas causas. O último que tivera fora o pai.

— Olhe — falou Jim. — Não vai ser fácil tirá-la daqui, a não ser que Harald coopere. Se ainda fizesse parte do corpo clínico, eu resolveria este caso imediatamente. Mas não faço mais, e minha partida não foi muito bem recebida pelo pessoal. É o tipo de gente que vive presa aos detalhes técnicos. Eles sabem que Harald poderá acioná-los, caso você saia e o mate. — Deu uma risada. — Esse é o ponto mais importante para eles: o financeiro. O velho Janson é um forreta de marca maior. Eles não percebem que um hospício não é o lugar indicado para uma mulher que tem, tão-somente, problemas sentimentais. Eles adoram este lugar.

Estudou Kay demoradamente.

— Se não fosse esse olho pisado, você poderia sair comigo como se fosse uma visitante.

Kay levantou os olhos da bandeja, alarmada; era o tipo da pessoa agarrada à legalidade.

— Polly já avisou que você é muito impulsivo — observou.

Ele concordou com a cabeça.

— Vamos pensar. Seu pai é médico, não é? — perguntou Jim.

— Ortopedista e clínico.

— Que tal se eu lhe telefonasse? Ele poderia tomar um trem hoje de noite. Eles teriam de deixá-la sob a responsabilidade dele.

— Mas ele precisaria viajar três dias. Além disso, eu não teria coragem para contar tudo a papai. Imagine só se ele soubesse que eu estou num lugar destes. . .

As lágrimas tornaram a cair.

— Ou, então, ver este olho contundido e ouvir falar em polícia... Morreria de desgosto. Papai acha que sou feliz no casamento e adora Harald.

— Por viver longe, não é mesmo? — observou Jim secamente.

— Eu sempre fui a sua filha favorita — continuou Kay, limpando os olhos. — Ele confia em mim completamente. E fiz com que confiasse em Harald, também.

Jim parara na janela gradeada.

— E por que você acreditou nele? — perguntou, voltando-se.

— Bem . . . Harald é um gênio — respondeu Kay. — Quero dizer, se entendesse de teatro. . . — Interrompeu-se. — Polly não acha que ele é um gênio? — perguntou ansiosamente.

— Nunca lhe perguntei — respondeu Jim, continuando: — Sabe, Kay, há um único ponto no qual eu duvido de sua sanidade mental.

— Harald — falou ela em voz muito baixa.

Jim suspirou.

— Suponho que você deve amá-lo muito.

— Assim é bem mais interessante — asseverou Kay candidamente. — Mas acho que não o amo mais. Até certo ponto, chego a pensar que agora o odeio.

— Assim é bem mais animador — comentou Jim. — É claro que eu mal o conheço, Kay, mas, se você odeia mesmo esse camarada, então. . . ?

— Por que eu não o abandono?

Uma das razões, que não confiara a ninguém, é que tinha medo de responder a essa pergunta. Entretanto, um psiquiatra talvez pudesse ajudá-la.

— Não posso explicar — disse num tom desesperado. — Será que sou masoquista?

Jim sorriu.

— Não. Até Hooper — o psiquiatra que a examinou — ficou surpreso com a "falta de simulação" de sua parte no tocante à brutalidade de seu marido.

— Então, ele acreditou em mim! — exclamou Kay.

— O que significa muito para você — observou ele, com simpatia. — Houve alguma fase em sua vida em que você se entregasse à mentira?

Kay fez que sim com a cabeça.

— Mau — disse Jim. — Mas não se preocupe: é que preciso de elementos para fazer um quadro da situação.

— Mas nunca prestei falso testemunho contra meus semelhantes.

— Oh, eu sei!

— Acontece que Harald. . . bem, ele não é muito amigo da verdade. E reagi contra esse defeito. Talvez seja uma reação contra ele mesmo.

Jim refletiu um pouco.

— Você acha que seu casamento foi um sucesso?

Seus olhos encontraram-se.

— Como foi que adivinhou? — perguntou. Suponho que sim. Será por eu não ter conseguido enfrentar a verdade? Se tivesse, todo o mundo saberia que foi mesmo um fracasso. Sabe, Jim, eu sou uma espécie de mito, lá em Salt Lake City. "A garota que foi para o Este e venceu!"

— Venceu?

— Sim. Casando com Harald. É o velho atrativo do teatro, compreenda. A coisa pareceu fabulosa a mamãe e a papai. Sabe, eu queria ser diretora. Ou atriz. Mas não tinha talento. Eis a minha grande tragédia.

Jim viu as horas.

— Olhe, Kay. O pessoal está todo almoçando. Vou tentar levá-la em minha companhia. Somente os que trabalham neste andar sabem que você é uma paciente. Você vai comigo até ao elevador. Se encontrarmos a enfermeira, você volta. Do contrário, conseguiremos sair. Os ascensoristas são todos meus amigos. Terá de deixar a maleta. Polly depois a apanha. Onde está seu abrigo? Eu o levarei até chegarmos ao elevador.

A natureza metódica de Kay ficou abalada com a repentina interrupção de seus pensamentos; agora, que começara a falar sobre Harald, teria gostado de ir até ao fim. Mas o entusiasmo de Jim contagiou-a momentaneamente. Polly era uma mulher feliz; seu marido era positivamente um cavaleiro-andante.

— Não posso permitir que faça uma coisa destas, eles poderiam cassar seu diploma. Ficariam furiosos quando descobrissem que eu fugira.

— Bobagens. Na verdade, ficariam aliviados pelo *fait accompli*. Além disso, poderíamos dar a entender que eu esqueci de fechar a porta e que você saiu por livre iniciativa.

Kay fez uma careta. A idéia de ficar responsável por um ato que, afinal de contas, era dele, não lhe agradava. Ser salva publicamente era uma coisa, mas figurar nos registros hospitalares como uma louca fugitiva era outra muito diferente.

— Não — disse firmemente. — Não quero fugir. Quero sair daqui, porém legalmente. Depois de o hospital ter reconhecido que errou.

— Você não conhece este pessoal dos hospitais — falou Jim. Contudo, viu que não conseguiria persuadi-la. Ela, por seu lado, teve medo de decepcioná-lo. Será que Polly, em seu lugar, concordaria? Kay duvidava.

Ele ficou parado, aparentemente frustrado. Era o tipo do homem, pensou Kay, que gostava de fazer as coisas a que se determinara.

— Pelo menos, vamos fazer com que seja removida deste andar — disse finalmente, explicando que o hospital funcionava num sistema de promoções.

Os pacientes, à medida que melhoravam, iam descendo de um andar para outro. Os pacientes vedetas, isto é, os "convalescentes". aqueles que estavam em vésperas de receber alta, ficavam no quarto andar, que era como um dormitório de universidade. Não havia barras nas janelas nem chaves nas portas; podiam usar cintos e alianças e receber visitas nas horas regulamentares; além disso, podiam controlar a luz, e a única coisa que não lhes era permitida — tal como nos educandários — era fumar nos quartos.

Ouvindo este quadro de privilégios, Kay ficou mais animada.

— Será que pode arranjar-me um quarto no quarto andar?

— Hoje mesmo. A não ser que não haja um desocupado.

— Quer dizer, então, que pularei por cima do quinto? E eles deixam os pacientes fazer uma coisa dessas?

— Geralmente, não. Mas o seu é um caso fora do comum.

Kay sorriu, feliz; na escola, sempre desejara pular um ano.

O fato é que, meia hora depois, a enfermeira compareceu, a fim de ajudá-la a mudar-se. Infelizmente, as demais pacientes estavam todas trancadas nos quartos, fazendo a sesta, e não puderam assistir a sua partida. Kay tentou não saborear seu triunfo, procurando mesmo pensar naquelas infelizes que deixava atrás de si e que levariam talvez meses para obter a promoção que conseguira em poucas horas.

Seu novo quarto era muito mais bonito, apesar de também não ter telefone e as paredes serem de um pardo impessoal. Tirando suas coisas da maleta, Kay decidiu que não se importaria de ficar na Clínica Payne Whitney, desde que sua sanidade mental fosse devidamente provada. Às quatro horas, compareceria a um exame clínico e, na manhã seguinte, seria a vez de um ginecologista. E tudo seria "por conta da casa", conforme informara uma enfermeira que comparecera ao seu quarto para conhecê-la. Às cinco horas Kay ia submeter-se à hidroterapia. As pacientes mantinham-se ocupadas o dia inteiro mas, à tarde, podiam jogar *bridge* até a hora de tomar chocolate quente ou Ovomaltine. Dispunham de uma mesa de pingue-pongue e, duas vezes por semana, havia cinema, ao qual também iam os pacientes do sexo masculino. O hospital dispunha também de um salão de beleza e, às vezes, realizava festinhas. Francamente, Kay chegava a sentir um arrepio só de pensar em ter como par um "paciente". A enfermeira concordou com seu ponto de vista, mas acrescentou que as mulheres eram extremamente simpáticas, e ela até

tinha pena ao pensar no dia em que receberiam alta.

Pouco antes da ceia, anunciaram a presença de Harald. Imediatamente, Kay começou a tremer.

— Se quiser, não precisa vê-lo, minha querida — avisou a enfermeira.

Mas Kay declarou que estava pronta. Prometeu a si mesma não chorar, nem acusá-lo, mas as primeiras palavras que saltaram de seus lábios foram:

— Por onde andou?

Em resposta, ele ofereceu-lhe uma caixa com duas camélias vermelhas, suas flores favoritas. Não viera antes por não ter coragem para enfrentá-la depois do que fizera. Andara horas seguidas sem destino, não conseguira nem mesmo dormir, pensando em Kay.

Kay lutou contra o desejo que sentia de acreditar nele. Chegara o dia da verdade, não podia deixar-se dominar por duas simples camélias.

— Você me internou — disse friamente. — Não foi?

Harald não negou.

— Mas como pôde? . . . Como?

— Eu sei que estou errado — respondeu ele, num lamento. — Eu sei. — Não sabia explicar por que fizera aquilo.

— Eu estava cansado. Certamente, houve um engano. Mas já estávamos aqui, e era muito tarde. Se não assinasse os papéis, para onde a levaria? Além disso, já tinham um quarto reservado em seu nome. Disseram que tudo aquilo não passava de formalidade. Não sei que demoniozinho dentro de mim fez com que acreditasse em tudo o que me diziam.

Depois de sair do hospital, parara num bar, fora para casa e dormira algumas horas, anestesiado, mas sua consciência o despertara e saíra para as ruas quando ainda estava escuro. Cruzara a cidade em todos os sentidos e a ponte de Brooklyn duas vezes. Andou tanto que chegou a furar a sola do sapato, o qual levantou para que Kay acreditasse no que dizia. Finalmente, tomara um subterrâneo até perto da loja Goldfard, onde comprara as camélias.

— Você já comeu? — perguntou Kay. Ele sacudiu a cabeça.

— Esteve com o psiquiatra?

— Estive, minha pobre querida; confessei tudinho. Pode sair, quando bem entender. *Mea culpa*.

Calou-se por momentos.

— O psiquiatra contou-me, Kay, que você recusou terminantemente separar-se da aliança.

Tomou-lhe a mão e, gentilmente, apertou os lábios contra o aro de ouro e prata.

— Espero que este seu gesto seja uma espécie de promessa de que algum dia me perdoará. Estou certo?

Aquele fora o pedido de desculpa mais abjeto que ouvira de Harald; Kay mal podia acreditar em seus ouvidos. Valia quase ter sido realmente internada num hospício.

— Posso sair hoje mesmo? Agora? — perguntou.

— Se assim o desejar e não estiver muito cansada.

Kay hesitou. Lembrou-se de que, pela manhã, tinha uma consulta marcada com o ginecologista e, além disso, estava curiosa por conhecer as outras pacientes. Agora, que estava ali, parecia de certa forma uma pena não continuar.

— Esta manhã conheci uma esquizofrênica catatônica — anunciou. — Sentou-se bem em frente ao meu lugar na hora do almoço. Fascinante. Está completamente rígida e tem de ser alimentada como se fosse uma boneca.

Harald sorriu.

— E fez mais alguma coisa?

— Hidroterapia. E um exame médico. Conversei muito tempo com o marido de Polly. — Sentiu que enrubescia. — Ele queria que eu fugisse, E... ah!... preciso falar-lhe do meu metabolismo...

Harald ouviu. Bateram discretamente à porta.

— A ceia será servida dentro de cinco minutos, Sra. Petersen. — Os dois ficaram surpreendidos.

— Que devo fazer? — perguntou Kay.

Uma vaga sensação de decepção a dominava, ao pensar em voltar para casa; era como que deixar uma festa demasiado cedo.

— Gostaria de passar a noite aqui? — perguntou Harald.

Kay ficou pensando. Não queria ferir os sentimentos do marido.

— Nós concordamos em que você precisava de um repouso, lembra-se? — encorajou ele. — Além disso, você não pode ir trabalhar com o olho assim pisado e, como lhe concederam uma licença de sete dias para tratamento de saúde...

— Eu sei.

— Sua apólice de seguro também dá para o tratamento psiquiátrico. Se fosse você, passaria aqui uma ou duas semanas. Poderá conversar diariamente com o psiquiatra. Está incluído no preço do tratamento. Com os conhecimentos que você tem de psicologia, será uma experiência interessantíssima. Poderá estudar detalhadamente as outras pacientes e chegar a uma conclusão pessoal.

— Mas eu nada sinto — protestou Kay. — Acho que não há mais a menor dúvida a esse respeito.

A vontade que sentia de ficar no hospital diminuiu rapidamente ao ver que Harald também o desejava.

— Jim Ridgeley disse que era um crime manterem-me aqui! — observou calorosamente.

— Ora, Kay, por favor, nada de reprimendas! — replicou Harald — Se você não pode perdoar, me diga logo, e eu vou embora.

Kay controlou-se; não queria afastá-lo daquela maneira.

— Eu fico — disse cautelosamente, — desde que deixem completamente claro que eu não sou uma doente mental como as outras. Pouco me importa conversar com o psiquiatra, desde que fique também claro que o faço voluntariamente. Quero dizer, eu sei que todo mundo deve conversar com um psiquiatra, mas. . . — Parou sem saber como continuar.

— Mas acontece que nem todos têm um seguro de saúde — acrescentou Harald.

Kay experimentou-o:

— Se eu dissesse não, você me levava para casa?

— Claro.

— Ótimo. Então eu fico — decidiu. — Agora é melhor que eu vá logo cear. Você virá amanhã, não é?

Harald prometeu.

— Além do mais, com certeza, o psiquiatra vai precisar de mim.

— Por quê? — perguntou Kay, intrigada.

— Acontece que eles gostam de obter outros pontos de vista sobre os pacientes. A propósito, ele disse que gostaria de conversar com alguns amigos seus. Posso mandar Norine, amanhã pela manhã? Depois, ela pode fazer-lhe uma visitinha. E quem mais? Helena?

Kay olhou-o fixamente.

— Se você disser qualquer coisa aos meus amigos, eu mato-o.

Vendo o que dissera, apertou a boca com as mãos.

— Claro que não pretendia dizer uma coisa destas — juntou num sopro. — Mas, por favor, Harald, não fale a Norine. Não deixe que ela converse com o psiquiatra; eu faço tudo o que quiserem, mas, por favor, mantenha Norine afastada disto tudo.

Começou a soluçar.

— Ora, Kay não seja criança — disse Harald, impaciente. — Guarde o espetáculo para o médico.

O tom brutal, logo depois das desculpas iniciais, cortaram fundo em seu coração. A enfermeira tornou a bater.

— Vem ou não, Sra. Petersen?

— Ela vai já — respondeu Harald em seu lugar. — Vá lavar o rosto. Adeus. Vejo-a amanhã.

A porta bateu.

Lentamente, Kay prendeu as duas camélias no decote. Sabia muito bem que tinha toda a liberdade de sair quando bem entendesse. Ficava porque queria. Ao contrário das demais pacientes, jamais estivera, nem por um minuto, fora de seu juízo. Contudo, enquanto caminhava para a sala de refeições, um pensamento horrível dominou-lhe os sentidos. Estavam usando psicologia para contornar seu caso: realmente não estava livre, nem fizera uma escolha, e Harald não estava arrependido... o psiquiatra ensinara e sugerira tudo o que ele devia fazer, essa é que era a verdade.

Priss Crockett, que levava o filho todas as manhãs para brincar no Central Park, ficou muito surpreendida, certo dia de junho, ao chegar, empurrando o carrinho e seguida por Stephen, e ver uma figura familiar sentada num dos bancos do parque tendo ao lado, também, um carrinho de recém-nascido. Tratava-se de Norine Schmittlapp, elegantíssima, de calças justas e óculos escuros. A capota do carrinho estava descida e, em seu interior, deitado sobre um colchão de borracha, via-se um bebê do sexo masculino. Priss parou, atropalhada; Norine estava sentada em "seu" banco. Fazia cinco anos que não via a colega e não sabia se ela a reconheceria. Norine mudara muito, engordara e tinha os cabelos platinados.

— Olá — disse Norine, levantando a cabeça ligeiramente. — Aproxime-se. Este é Ichabod.

Balançou ligeiramente o carrinho. Seus olhos viram Stephen, que empurrava um brinquedo pelo caminho.

— É seu?

Priss apresentou o herdeiro.

— Diga como vai para a moça, Stephen.

Não sabia como apresentar Norine, a qual, evidentemente, casara novamente. Norine apertou a mão de Stephen.

— Muito prazer em conhecê-lo. Norine Rogers.

Ostentava no dedo anular um imenso brilhante encastado em platina e o carrinho do bebê era de fabricação inglesa, tendo um monograma pintado.

— Você costuma vir todos os dias? — perguntou a Priss.

Deviam ser vizinhas. Mudara-se recentemente para uma imensa casa de pedra que ficava entre o Park e a Avenida Madison, e o apartamento de Priss, por sua vez, ficava entre a Rua Setenta e Dois e a Avenida Lexington.

— Mas você é que tem sorte — disse Priss, invejosa. — Deve ter um pátio. Não precisa de vir ao parque.

Achava profundamente cansativo arrastar o carro de Stephen todas as manhãs desde a Lexington até ali e, depois, voltar em cima da hora do almoço de Stephen. Norine explicou que seu pátio se achava cheio de material de construção, pois estavam reformando a casa; tinham substituído a escada por uma rampa e instalado uma parede de vidro na parte que dava para a rua. Priss adivinhou que a casa de Norine devia ser aquela comentada por toda a vizinhança e ficou imaginando quem seria o Rogers com que a colega casara.

— Meu marido é judeu — informou Norine. — A família mudou de nome. Eles eram Rosenberg. Você tem preconceito contra os judeus? Pessoalmente, eu os adoro.

Antes que Priss pudesse responder, ela continuou falando daquela maneira rapidíssima que fora uma de suas características desde os tempos de universidade, como quem está ditando uma carta.

— Toda a tribo de Freddy se converteu. E trocaram de nome. Ele é membro da igreja episcopal. Sinceramente, fiz tudo o que podia para que ele voltasse à velha fê no estilo mais ortodoxo possível. Com o xale de orações e os filactérios. A verdadeira lei judaica. O ritual reformado não passa de uma concessão feita durante o século XIX. Mas acontece que um judeu ortodoxo não pode casar com uma *shiksah*.

Priss ficou surpresa ao saber desse detalhe, Norine confirmou com a cabeça.

— São fanáticos pela exogamia. Exatamente como os papistas. Os episcopais, por seu lado, encaram o divórcio como um tabu; o ministro da igreja de Freddy não quis casar uma mulher divorciada. Fomos obrigados a arranjar um pastor luterano em Yorkville. Os pais de Freddy disseram que um homem assim era capaz até de ter um retrato de Hitler instalado na sala de visitas. — Riu. — Você se interessa por religiões?

Priss confessou que preferia a política.

— Desisti de política — explicou Norine — desde o pacto de Munique. Agora, a minha grande paixão é o estudo das religiões comparadas. A sociedade chegará ao fim, se não conseguir encontrar o caminho de volta a Deus. O problema para as pessoas como nós é tornar a descobrir a fê. É coisa muito fácil para as massas, pois essas nunca perdem a fê. Mas, para a elite, a história é bem diferente.

Seus olhos fixaram-se em Stephen.

— Filho único?

Priss explicou que tivera vários abortos, mas que ainda esperava

ter mais filhos, pois achava muito triste para o pobre Stephen crescer sem irmãos.

— Adote um — aconselhou Norine. — É o jeito. Se a elite não pode procriar pessoalmente, tem de renovar o estoque seja lá como for ou, então, esperar a extinção total da espécie. Sabe que as graduadas de Vassar geralmente têm somente dois filhos?

Priss tomara conhecimento dessa estatística que causara a maior preocupação no círculo das ex-alunas: as formadas por Vassar mal conseguiam substituir-se através dos filhos, enquanto que a população, em geral, se multiplicava.

— Qual a profissão do seu marido? — perguntou Norine.

— É pediatra.

— Oh! — exclamou Norine. — E pertence a que escola?

Priss começou a explicar onde Sloan fizera seu treinamento, mas foi interrompida por Norine.

— Não! Eu falo escola filosófica. . . behaviorista? Gestalt? Streiner? Klein? Anna Freud?

Priss foi obrigada a confessar que não sabia.

— Ele é médico — disse num tom de desculpa. Tentou, então, uma pergunta pessoal.

— E o seu marido, Norine, o que faz?

Norine deu uma risadinha.

— É banqueiro. Trabalha com a firma Kuhn e Loeb. É descendente de uma estirpe de usurários. Originalmente, eram de Frankfurt. Sofreram, porém, uma diáspora e espalharam-se pelo mundo. A ovelha negra da família transformou-se em sionista e voltou para a Palestina. Jamais mencionam seu nome. Os pais de Freddy mandaram-no estudar em Choate e Princeton, onde ele passou por uma experiência muito desagradável num dos clubes estudantis. Quando a diretoria descobriu que o "Rogers" era "Rosenberg", ele foi obrigado a demitir-se.

Priss fez um som de horror, ao qual Norine respondeu com uma gargalhada. Era como se o incidente lhe proporcionasse uma espécie peculiar de prazer.

Priss deu uma olhada para o pequeno Ichabod, o qual, observou, fora circuncidado, e sentiu uma satisfação muito especial pelo fato de o pequeno Stephen não ter pai judeu. Às vezes, chegava à conclusão de que era uma grande verdade que a mulher que desejasse dar ao filho um bom princípio na vida não devia em hipótese alguma casar-se com um judeu. Mas Norine, pelo visto, não pensava da mesma forma; Priss achava de muito mau gosto batizar um filho com um nome como

aquele.

— Vocês não receiam que ele seja chamado de "Icky" na escola?
— perguntou impulsivamente.

— É bom que aprenda a vencer suas batalhas desde cedo — filosofou Norine. — Ichabod, o Inglorioso. É esse o significado do nome em hebreu. "Sem glória".

E balançou novamente o carrinho.

— Quantos meses tem?

— Três.

Priss pensou que era bem melhor Norine levantar a capota do carro, pois achava aquele sol da manhã demasiado forte para a delicada cabecinha que mal mostrava uma tênue penugem.

— Não acha que ainda está muito novinho para o banho de sol?

Norine achava que não, pois vinha expondo a criança ao sol diariamente desde que saíra do hospital Monte Sinai. Contudo, levantou a capota, de maneira a proteger-lhe o rosto.

— Gosto muito deste lugar, sabe? — observou contente. — Não tem enfermeiras nem amas inglesas. Ontem, parei num ponto em que as mulheres presentes ficaram escandalizadas porque o garoto estava nu. Receavam que suas menininhas bobas tivessem idéias pecaminosas por causa da piroquinha do meu filho.. . não é mesmo, Ichabod?

Sua mão brincou com o pênis do garotinho, que logo endureceu. Priss engoliu em seco várias vezes, olhando aflita para Stephen, o qual, felizmente, perseguia sua bola num gramado. Tinha verdadeiro pavor em tocar nas partes genitais do filho, evitava até levantar o prepúcio na hora do banho, embora Sloan vivesse repetindo que era preciso fazê-lo por questões higiênicas. Mas preferia sabê-lo sujo a escravizado a um complexo de Édipo por manipular suas partes. Ultimamente, sem nada dizer a Sloan, omitia esse detalhe do banho diário.

— Você tem relógio? — perguntou Norine, bocejando.

Priss disse as horas.

— Você amamenta-o? — quis saber, lançando um olhar para os avantajados seios de Norine.

— Meu leite secou.

— O meu também! — exclamou Priss. — Logo depois que deixei o hospital. E você amamentou por quanto tempo?

— Quatro semanas. Depois, descobri que Freddy fora para a cama com a pequena que tínhamos contratado para tomar conta de Ichabod, e meu leite entrou em greve.

Priss quase se engasgou; a história que ia contar, de como seu leite terminara depois de terem ministrado uma mamadeira suplementar a Stephen, foi vetada por seus lábios.

— Eu devia ter adivinhado que uma coisa dessas tinha de acontecer — continuou Norine, acendendo um cigarro. — Há séculos que não tínhamos relações sexuais. Você sabe como é? O negócio é *verbo-ten* nos últimos meses de gestação e *verboten* no primeiro mês depois do nascimento da criança. Freddy não gostou da brincadeira. Achou que o filho era uma espécie de rival. Então, contratamos aquela vagabunda irlandesa. Chegadinha de fresco da terra. Era prima da copeira da mãe de Freddy. Mexilhona e sem o menor preconceito moral. Na terra natal, dormia com o próprio tio, segundo me contou. Claro que Freddy não conseguiu resistir. Ela ocupava um quarto ao lado do berçário, onde ele dormia num catre; Ichabod dormia comigo, pois achava muito chato esse negócio de me levantar às duas da manhã para amamentá-lo, e Freddy, por seu lado, dizia que o garoto o incomodava.

Priss teve vontade de dar uns conselhos; não saberia Norine que em circunstância alguma, nem mesmo numa favela, se deve permitir que um bebê durma com os adultos? Mas sua timidez e o medo de começar a gaguejar impediram-na de falar.

— Imagine que o Freddy — continuou Norine — aproveitava-se do meu sono para meter-se no quarto da pequena. Descobri tudo, certa manhã, quando lhe fazia a cama. O lençol estava cheio do sêmen de Freddy. O que me fez ficar mais furiosa foi o fato de ela não ter tido o cuidado de usar uma toalha. Arranquei o lençol da cama e mostrei-o a Freddy, enquanto ele comia o desjejum e lia o *Wall Street Journal*. Ele disse calmamente que a culpa, em parte, fora minha. Em lugar de tratar a pequena como criada, chegava ao ponto de fazer-lhe a cama. Assim, ela achava que também tinha direito de dormir com o patrão. E ele estava certíssimo; eu sou péssima nestas questões de trabalho doméstico. Mas foi ele mesmo quem a despediu. Enquanto isso, tratei de lavar o lençol na máquina; ele disse que eu devia ter mandado para a lavanderia. Brigamos e o meu leite secou.

— Dizem que um choque pode provocar o fim do leite — falou Priss. — Mas, pelo menos, Ichabod conseguiu suas imu... imunidades.

Norine concordou distraidamente; os danos seriam somente psíquicos. Procurou no carrinho, encontrou uma chupeta e meteu na boca do garoto. Priss olhou espantadíssima para o objeto.

— Usa isso para que ele não chupe o dedo? — perguntou. —

Sabe, Norine, os pediatras hoje em dia acham que é melhor a criança chupar o dedo do que se acostumar à chupeta. Com Stephen, toda a vez que ele tentava chupar o dedo, eu distraía-lhe a atenção. Mas a chu-chu-chu. . . peta — parecia que a palavra não passava em sua garganta — é pouco higiênica. Além disso, pode mudar o formato da boca. Você devia jogá-la fora. Sloan ficaria escandalizado se visse uma coisa destas.

Falara com toda a honestidade, admirada de ver uma moça com a educação de Norine ser tão ignorante. Norine ouviu pacientemente.

— Se um fedelho chupa o dedo — explicou — é por estar sendo privado de alguma satisfação oral. Ele precisa de uma cota diária de chupação e, se não a obtém da mamadeira, a gente tem de fornecer-lhe um substituto de borracha. Não é, Ichabod?

Sorriu ternamente para o garotinho que, na verdade, lhe retribuiu com um olhar onde se estampava a felicidade. Priss tentou desviar os olhos daquele espetáculo. Achava que era a pior coisa que podia acontecer a uma criança encontrar o céu num mamilo de borracha, pior do que a masturbação. Pensou que devia haver uma lei contra os fabricantes de chupetas.

Stephen aproximou-se do carrinho.

— Que é isto? — perguntou curiosamente.

Sua mãozinha estendeu-se para tocar na chupeta. Priss deteve-o. O menino continuou observando, evidentemente interessado pelos ruídos de satisfação que Ichabod fazia.

— Que é? — repetiu.

Norine tirou a chupeta da boquinha do filho.

— Quer experimentar? — disse amavelmente.

Limpou-a num lenço de papel e ofereceu-a a Stephen. Priss interveio rapidamente. Catou no carrinho que trouxera e descobriu um pirulito enrolado em papel encerado.

— Pronto! — exclamou. — Este pirulitinho é do nenem, não é? Devolva a chupeta à Sra. Rogers, vamos!

Stephen aceitou o pirulito. Priss descobrira que o sistema de permutas funcionava maravilhosamente bem com o filho; ele trocava de bom grado uma coisa "ruim", como um alfinete de segurança, por outra "boa", como um livro com figuras, e, às vezes, nem percebia a mudança.

Norine observou o pequeno drama.

— Ele está bem treinadinho — disse, finalmente, com um sorriso lacônico. — Suponho que vai sozinho ao banheiro.

— Acho que não — confessou Priss, embaraçada. Baixou a voz.

— Nesse ponto, fracassei completamente. É claro que não chego a

castigá-lo como fazem tantas amas e mães, quando lhe acontece um "acidente". Mas, às vezes, tenho vontade de fazê-lo. Já tentei todos os recursos possíveis. Já observei as horas do dia em que ele sente vontade e levei-o para o vaso. Os psicólogos dizem que, se a criança não mostrar vontade, a gente deve retirá-la sem dizer uma única palavra, mas, se fizerem as necessidades, devemos bater palmas e sorrir. Já fiz tudo, porém é inútil.

Norine tocara em seu ponto mais sensível. Como esposa de um pediatra, sentia-se amargamente envergonhada pelo fato de, com a idade de dois anos e meio, Stephen não ser capaz de controlar as tripas. Ele não somente costumava aliviar-se enquanto tirava a sonequinha depois do almoço mas ainda sujava as calças ali mesmo no parque, razão pela qual escolhera aquele banco isolado dos demais. Ou então — como acontecera na semana anterior — sujava os calções de banho no clube de Oyster Bay, em frente de todos os veranistas. Sloan, mesmo sendo médico, ficava amoladíssimo quando Stephen fazia uma coisa daquelas em público, não se preocupando, porém, em ajudar a esposa a limpar a sujeira.

E, contudo, era a única esfera na qual podia acusá-la de ter fracassado em relação a Stephen. O garoto não molhava a caminha, comia todos os vegetais e vitaminas que lhe davam, era obediente, raramente chorava e, à noite, recolhia-se à cama na hora que lhe era determinada, sempre, porém, cercado por seus animaizinhos de pelúcia. Não conseguia atinar com que ponto seu treinamento estava errado. Nem sua própria mãe. Aliás, as duas haviam traçado todo o processo, desde sua origem, desde aquelas primeiras manhãs em que tinham sentado o garotinho na tábua da privada especial para crianças. Imediatamente, ele mudara as horas em que mostrava vontade. Pulou das nove para as dez, para as sete, enfim, correu todo o quadrante do relógio, com Priss e a empregadinha que contratara tentando adivinhar inutilmente o momento exato. Todas as vezes que ele parecia mostrar vontade de "ir lá dentro", aproximavam do vaso para que associasse as duas coisas. Entretanto, por mais que vigiassem e esperassem, de cada vez que o sentavam no vaso, o garoto as decepçionava. Não raro, logo depois que o retiravam, a coisa acontecia.

Quando ele era mais novinho, Priss tentara pensar que não sabia exatamente o que desejavam dele, e Sloan a autorizara a fazer certos ruídos e caretas, a fim de encorajá-lo a imitá-la. Mas os ruídos não produziram outro resultado senão fazer com que ela se julgasse extremamente tola. Outras vezes, tentara deixá-lo sozinho no vaso, para que ele não pensasse que aquilo era uma brincadeira a dois.

Pensou até em deixá-lo só por muito tempo, mas Sloan dissera que cinco minutos bastavam. Quando, em raríssimas ocasiões — por mero acaso — parecia a Priss que ele realizara a "proeza", ela moderava a pantomima de aprovação, a fim de que o garoto não considerasse ser um castigo quando ela não sorrisse ou batesse palmas.

Sloan acreditava que tudo isso era devido ao nervosismo de Priss, exatamente como acontecera com a lactação. "Ele sente o seu nervosismo quando você o coloca no vaso. Descanse. Fique tranqüila." Contudo, o próprio Sloan ficaria longe da tranqüilidade se fosse obrigado a limpar a cama e todos os animaizinhos de pelúcia quando Stephen se "aliviava" na cama. Sloan continuava afirmando que a única maneira de evitar piores conseqüências era parar com qualquer tipo de censura. "Seja realista. Faça como se nada tivesse acontecido." Mas, então, seria mentir. Nesta altura, Stephen já devia saber, embora nunca o tivesse repreendido por palavras ou ações, que ela não gostava que ele fizesse o Número Um na cama. Na verdade, não só tinha a certeza de que ele sabia, mas também de que ele gostava de saber. Particularmente, certa tarde em que recebia umas amigas para o almoço e quando as levava ao quarto, viu que "aquilo" tinha acontecido. Vendo as senhoras fugirem apavoradas da cena do crime, ele batera as mãozinhas, deliciado. Priss desconfiava que havia uma nota de rebelião escondida em Stephen, a qual se manifestava pela tortura que ele exercia nesse terreno particular. Como se tivesse lido um livro sobre pediatria e soubesse que esta era uma travessura pela qual não podia ser punido, muito ao contrário, através da qual podia puni-la.

Contudo, este era um pensamento demasiado mórbido para ser discutido até mesmo com sua mãe. Poderia uma criança de dois anos e meio imaginar e executar uma vingança assim? E para quê? Por Deus que, às vezes, em seus pensamentos mais secretos, Priss achava que sabia o porquê. Por causa da mamadeira que lhe fora dada tão tarde, por causa daquele famigerado horário ao qual suas refeições ficaram subordinadas: seis, dez, duas da tarde, seis e dez da noite. Talvez até por causa daquelas "chupadelas" de que Norine acabara de falar, ou, talvez, por nunca ter sido acalentado quando chorava, a não ser para lhe trocarem as fraldas ou ainda por nunca lhe terem dado um gole de água. Pelo fato, em resumo, de seu pai ser pediatra. Todos, até a Sra. Hartshorn, que inicialmente se mostrara cética, declaravam agora que o sistema funcionara às mil maravilhas, pois nunca tinham visto uma criança daquela idade tão forte, tão bem comportada e tão auto-suficiente. As amigas de Priss que a visitavam de noite ficavam

maravilhadas, vendo o garotinho ir para a cama na hora marcada sem quaisquer discussões. Priss dava o sinal, ele comia o último cereal, bebia um gole de água e recebia um beijo. Depois, levavam-no para a cama, apagavam a luz e pronto... Jamais chamava os pais para pedir alguma coisa ou que deixassem a porta aberta. "Foi treinado como um príncipe", explicava Sloan, passando os *hors d'oeuvre*. "Uma vez recolhido à cama, jamais incomoda. Está acostumado a qualquer tipo de barulho. E dorme sem travesseiros." As amigas de Priss não atinavam com as razões daquele sucesso, pessoalmente haviam tentado seguir o mesmo sistema, mas acabavam fraquejando em algum ponto, tendo como resultado que seus filhos acabavam interrompendo a hora do coquetel paterno, pedindo uma bebida ou mesmo água, luz e atenções generalizadas; tinham medo do escuro e recusavam-se terminantemente a fazer a sesta. O ponto importante, repetia Sloan, era ter a força de vontade necessária para manter de modo rígido o previamente estabelecido, exceto em casos de doença ou de viagem. Stephen tivera um bom princípio de vida, porque Priss jamais cederia. E era assim que Priss tentava pensar, estimulada pela admiração das amigas. Contudo, quando Stephen sujava as calças, ela ficava imaginando se o garoto não usava daquele meio para lançar um protesto pela vida que levava.

— Espero que você tenha mais sorte do que eu — disse tristemente para Norine. — Já treinou o seu para usar o vaso? Sloan tem uma teoria que diz que, geralmente, esperamos demais. Se começarmos bem cedo, não há razão para que a criança não seja tão bem treinada como um animalzinho.

Norine balançou a cabeça. Não tinha a menor intenção de treinar Ichabod. O garoto precisaria desfrutar o prazer de brincar com seus próprios excrementos, da mesma forma como gostava de chupar a chupeta.

— Quando estiver no tempo de usar o vaso, provavelmente ele mesmo vai pedir. Talvez isso aconteça quando começar a freqüentar o jardim de infância. A pressão do grupo provavelmente o levará a prescindir dos seus prazeres anais. Quando você matricular o seu filho, verá como ele fará a grande renúncia.

Tampouco pretendia privar Ichabod da mamadeira. O garoto poderia mamar até a idade de Stephen, se isso fosse do seu agrado.

— Mas onde arranjou você essas idéias?

Priss tinha a certeza de que não fora com um bom pediatra; Norine devia estar nas mãos de um charlatão. Mas a outra explicou que tudo era baseado na Antropologia. Os cientistas haviam observado

os hábitos de certos povos primitivos, daí colhendo preciosas conclusões. Os índios Pueblo, por exemplo, que eram o *creme de la creme* do mundo indiano, só desmamavam seus filhos quando eles tinham dois ou três anos. A maioria dos povos primitivos não se preocupava em ensinar aos filhos o hábito de usarem algo semelhante a um vaso sanitário.

— Mas eles não usavam essas coisas — comentou Priss.

Norine concordou com a cabeça.

— Eis o preço de nossa cultura. Quando temos um belo banheiro, transformamos o mesmo num verdadeiro fetiche. Você já leu Margaret Mead? Grande mulher!

Inútil dizer que Ichabod estava completamente livre de horários. Era ele quem estabelecia as horas de comer. Sempre que chorava, davam-lhe de "comer".

— E alimentos para crianças? pretende dar-lhe alguns?

Norine ainda não sabia, mas era contra esse negócio de dietas restritivas para as crianças.

— Os bebês são determinados — explicou. — Se você lhes oferecer uma grande variedade de alimentos, eles é que escolhem a dieta que mais lhes agrada.

Priss também achava que as mulheres modernas talvez estivessem facilitando demais, pelo fato de se limitarem a dar aos filhos alimentos pré-fabricados, em lugar de se darem o trabalho de fazer um purezinho de vegetais frescos ou, então, de passar um bife no liquidificador, a fim de obter um suco de carne realmente rico. Este ponto parecia não inereçar Norine. Na verdade, as discussões que freqüentemente surgiam nos meios pediátricos — em que ponto devia iniciar-se o emprego do suco de laranja, leite evaporado versus leite em pó, comidas enlatadas para o bebê versus papas caseiras, supositórios de glicerina, os méritos do Pablum, o novo sistema de alimentação de três horas para os bebês famintos (Priss e Sloan tinham sido os pioneiros deste sistema!) — pareciam jamais ter chegado aos seus ouvidos. Continuava repetindo que Ichabod é quem faria sua escolha definitiva e, na verdade, já parecia demonstrar uma decidida tendência para o espagete — ela costumava dar-lhe bocadinhos do seu próprio prato. Não tinha balança infantil, nem banheirinha especial. O garoto era lavado na banheira dos pais. Norine olhou para Stephen pensativamente.

— Quantos anos tem? Três?

— Faz dois e meio no próximo sábado.

Norine ponderou a informação.

— Quando crescer, é claro, vocês ainda estarão preocupados com balanças, relógios e termômetros. A idade das medidas. Meu Deus, parece que foi há tanto tempo! — Bocejou e espreguiçou seu corpo volumoso. — Ontem, ficamos acordados até tarde. Uns jesuítas jantaram lá em casa. E um camarada qualquer tocou bateria. Até que Ichabod reclamou.

Priss afiou as armas para iniciar um combate, era evidente que Norine estava caçoando dela.

— A idade das medidas apenas começou — disse, muito digna. — Pela primeira vez estamos estabelecendo normas. Em todos os setores. A gente tem de estar a par dos últimos progressos. Já ouviu falar dos estudos que Gesell tem feito em Yale? Finalmente, vamos ter um retrato científico da criança. Gesell nos mostra o que podemos esperar, em termos de realização, de uma criança de um ano, dois e três. Quando publicar os resultados de seus trabalhos de forma po. . . po. . . pular, todas as mães lucrarão.

Desta vez Norine tentou controlar o bocejo.

— Eu conheço o trabalho de Gesell. Ele é uma relíquia fossilizada do behaviorismo. A filha formou-se na nossa universidade, na turma de 35.

— E que prova isto? — perguntou Priss.

Norine recusou-se a discutir.

— Você ainda acredita no progresso? — indagou gentilmente. — Já tinha esquecido que há gente que acredita nisso. E uma espécie de sucedâneo para a religião. Para vocês, o deus familiar são as vantagens oferecidas pelo progresso. Mas acontece que já ultrapassamos tudo isso. Uma mentalidade de primeira classe não pode mais aceitar o conceito de progresso.

— Você sempre foi muito radical — protestou Priss. — Não tem admiração por certas coisas que Roosevelt está fazendo? A eletrificação rural, a administração da Redistribuição de Terras, o controle das colheitas, salários e horas de trabalho. Lógico que incorre em alguns erros. . .

— Eu ainda sou radical — interrompeu Norine —. mas agora sondo o significado das coisas, penetro até às raízes. E o New Deal não tem raízes, é superficial. Não tem nem mesmo o dinamismo do fascismo.

— Seu marido concorda com essas idéias?

— O seu concorda? — retorquiu Norine.

— Não — Priss teve de admitir. — Em política, não. Pensamos de maneira diametralmente oposta. Agora mesmo estamos discutindo

por causa de Dantzig; Sloan pouco se importa com que Hitler tome conta da Europa inteira: é daqueles que só pensam na América e nada mais.

— O velho tema de Vassar — comentou Norine. — Em matéria de política quem pensa lá em casa é o Freddy. Sendo judeu e superconservador, está profundamente dividido entre a intervenção da América na luta na Europa e o *laissez faire* aqui, nos Estados Unidos. Freddy não é do tipo intelectual. Mas, antes de casarmos, ele prometeu ler Kafka, Joyce e Toynbee, bem como os antropologistas culturais. Pelo menos, os livros básicos. Assim, sentimentalmente, poderíamos fazer as mesmas referências.

Priss ponderou que Norine tinha esquecido Freud.

— Freud está quase fora de moda — declarou Norine. — Ele era simplesmente um homem de sua cidade e de seu tempo. Pensava que o velho império austríaco, com tantas nacionalidades, fosse uma cultura universal. Para mim, Jung é muito mais importante. E alguns dos novos pós-freudianos. Não que eu não deva muito a Freud. . .

Priss, que sempre pensara em ler Freud assim que tivesse tempo, ficou a um só tempo aliviada e desapontada em saber que ele já não era importante. Norine, presumia, sabia muito sobre estes assuntos. Na verdade, pela maneira como falava, parecia que Freud e suas teorias estivessem mortos. Priss sentiu uma onda de ansiedade, pensando que talvez tivesse omitido a leitura do anúncio fúnebre.

— É claro — continuou Norine, — que entre mim e Freddy existe um grande conflito cultural. A educação que recebemos em Vassar faz com que aceite com grande dificuldade um papel exclusivamente de fêmea. Enquanto que Freddy, como bom judeu, adota instintivamente o princípio matriarcal. Quer que eu seja a rainha da casa, enquanto ele cuida do sustento da mesma. Isso é formidável, pelo menos agora, que tenho de tomar conta de Ichabod e que o anjinho não interfere nos meus programas, deixando-me encantada com suas gracinhas. Freddy é partidário das famílias grandes, quer ter muitos filhos, fundar uma dinastia. Enquanto eu puder parir filhos, ele me olhará e tratará como uma espécie de vaca sagrada. Para Freddy, a cama é um negócio muito importante, é um homem profundamente sensual, tal como Salomão. Ele até coleciona literatura erótica, me adora por eu ser sensualíssima. Além disso, como acontece geralmente com os judeus ricos, é muito esnobe. Gosta de receber gente interessante e, quanto a isso, é a coisa mais fácil do mundo satisfazê-lo.

Interrompeu-se e suspirou.

— O problema é que... o problema é que... — Diminui o tom de voz, olhando em torno cautelosamente. — Por Cristo, não posso dizer o que é. Provavelmente, você tem o mesmo problema.

Priss engoliu em seco; tinha medo de que Norine começasse a falar em sexo, o que para ela ainda era uma *bête noire*.

— O problema é o meu cérebro — exclamou Norine. — A velha Lockwood transformou-me numa intelectual. Freddy não se importa que eu tenha minhas próprias idéias sobre qualquer assunto. Mas estou plenamente consciente do imenso abismo que existe entre nós dois. Ele espera que eu seja sempre acima de tudo, uma *Hausfrau*. Uma anfitriã, como ele diz. Devo vestir-me bem e saber receber ainda melhor. Acha que é muito fácil, por termos vários empregados. Mas acontece que eu não sei lidar com essa gente. São vestígios do meu período político. É Freddy quem os contrata, mas ele vive repetindo que eu o desmoralizo assim que os empregados chegam em casa, pois eles percebem logo meu cerebralismo. Começam a beber, a não fazer contas e a esquecer de polir a prataria. Freddy fica uma fera se lhe servem café frio em xícaras mal lavadas, é um verdadeiro sibarita. Ou, então, se a toalha da mesa está manchada. Eu não presto a menor atenção a essas coisas, porque, geralmente, estou ocupadíssima, discutindo qualquer coisa com os convidados.

— Mas você pode verificar a prataria e as toalhas pela manhã — sugeriu Priss — ou pouco antes de receber os convidados. Mande preparar tudo o que vai ser usado e verifique peça por peça.

Apesar de também ter uma formação intelectual, jamais se perturbava com o serviço de suas empregadas contratadas para prestarem serviço parcial, empregadas que, geralmente, conseguia por intermédio da mãe. Achava que o cérebro também era útil para organizar uma vida eficiente; além disso, nunca ouvira dizer que Norine tivesse sido uma estudante brilhante.

— Eu sei — respondeu Norine — e já estou tentando virar mais uma página de minha vida, agora que compramos uma casa nova. Imagine que comecei com uma mulher que ia dar-me massagens e ensinar exercícios musculares. Logo de começo, discutimos veementemente os monofisistas e o credo atanasiano, bem como os maimônidas. Os tipos mais estranhos vão trabalhar na minha casa; parece que eu os atraio. Imagine que o nosso atual mordomo é antroposofista. Ontem à noite, chegou a falar em eurritmia.

Norine riu-se.

— Você realmente acha que nossa educação foi errada? —

Perguntou Priss, apreensiva. Sloan sempre exprimia o mesmo ponto de vista, mas somente porque a mesma lhe dera idéias das quais ele discordava.

— Oh, completamente — respondeu Norine. — Pelo meu lado, tornou-me numa espécie de aleijada para o resto da vida.

Espreguiçou-se. Priss olhou o relógio. Era hora de ela e de Stephen se retirarem. Norine também se levantou.

— Eu e Ichabod os acompanharemos.

Colocou uma fralda no pequeno e cobriu-o com um lençol monogramado.

— *Pour les convenances* — explicou.

Atravessaram juntas a Quinta Avenida e encaminharam-se para a Rua Setenta e Dois, empurrando os respectivos carrinhos. A conversa tornou-se vaga.

— Quando foi que a vi pela última vez? — lembrou Norine.

— Foi na casa de Kay — arriscou Priss. — Um ano depois de termos deixado a universidade?

— Exatamente — disse Norine. Houve um silêncio.

— Pobre Kay — falou Priss.

— Tem notícias dela? — perguntou Norine.

— Há muito tempo que não — respondeu Priss. — Desde que foi para o Oeste. Deve ter sido há um ano.

Mentalmente, Priss recriminou-se por não lhe ter escrito uma única linha.

— Às vezes, vejo o Harald — informou Norine espontaneamente.

— É? E que faz ele, agora?

— O mesmo de sempre. Está um pouco melhor. A doença de Kay e a separação deixaram-no arrasado. Meu Deus, como sofreu aquele homem!

Priss hesitou uns momentos.

— Mas será que Kay esteve realmente doente? Polly Ridgeley — Polly Andrews, lembra-se? — continua afirmando que ela não teve nada. Que ficou pior no hospital.

— Você chegou a visitá-la? — perguntou Norine, sombriamente.

Não, não visitara.

— Eu visitei — explicou Norine. — Os médicos mandaram chamar-me. Para obter informações sobre Kay. Supunham que eu fosse sua melhor amiga. Quando entrei em seu quarto, ela perdeu o controle. Disse-me que saísse imediatamente. Tinha a mania de perseguição focalizada sobre mim. Os médicos disseram que era uma

espécie de fixação lésbica. É engraçado esse negócio com os paranóicos: acham sempre que estão sendo perseguidos por alguém de seu próprio sexo, alguém que, no final, termina sendo o objeto de todo o seu amor. Quando, finalmente, consegui que falasse, ela disse que fora traída por mim, pelo fato de eu conversar a seu respeito com o psiquiatra. Não tinha a menor queixa contra Harald, apesar de ele comparecer diariamente a uma entrevista com o mesmo médico. Ele ficou arrasado, por ter achado que a tratara mal e que ocasionara sua doença, sem querer entender que as aberrações de Kay eram clínicas. O leigo jamais percebe estas coisas, quando estão relacionadas com uma pessoa a quem ama.

— Mas o que foi que realmente aconteceu? — perguntou Priss. — Ouvi dizer que ela foi internada por engano e que resolveu ficar por julgar que se tratava de uma espécie de casa de repouso onde poderia tranquilizar-se e resolver seu caso com Harald. Ouvi dizer que a culpa em grande parte foi dele.

— História de fachada, minha cara, — falou Norine. — Jamais chegaram a uma diagnose definitiva. Mas havia muita coisa na base daquilo tudo. Sexo. Competitividade com os homens. Desejos lésbicos violentamente reprimidos. Adaptação social inadequada. Ela conseguiu adaptar-se a vocês, na Torre Sul lá em Vassar, mas foi a única vez que acertou. Assim, transferiu todas as suas ambições para Harald. e a pressão que isso exigia foi demasiada para ele. Kay ia matando a galinha que esperava lhe produziria os ovos de ouro. E, durante todo o tempo, exigia que ele ganhasse dinheiro, não tinha a menor piedade ao acusá-lo da pobreza em que viviam. Some-se ainda a isto a determinação de puni-lo por não lhe dar o prazer de um sucesso retumbante. Harald conseguiu compreender as coisas bem melhor depois de uma ou duas sessões com o psiquiatra. Consegui esclarecer as coisas um pouco, e levei Put, meu ex-marido, para conversar com os médicos, apenas com a finalidade de ajudar. Put fez uma maravilhosa descrição das manias de grandeza de Kay. Bastou comparar a maneira como eles viviam com a nossa, apesar de Put trabalhar, e Harald não.

— Não acha que a depressão tem alguma coisa que ver com isto? — perguntou Priss. — Se ela tivesse casado com Harald quando a economia estava normal, ele teria tido trabalho e seu padrão de vida corresponderia à renda. A falsa premissa de Kay se baseava em que Harald tinha um emprego integral. Assim, contraiu dívidas. Mas isso acontece a muita gente. E o teatro custou a sentir os efeitos da recuperação. Se se tivessem casado um pouco mais tarde, teriam alcançado o Teatro Federal. Mas, infelizmente, a idéia de ajudar as

artes só surgiu em 35. Roosevelt levou muito tempo reorganizando a questão de desemprego dos artistas.

— Então, você encara o caso como uma tragédia econômica.

— Sim. A alta percentagem de divórcio na nossa classe. . .

— Com o *New Deal* como *deus ex machina*⁵ — interrompeu Norine. — Chegando tarde demais para garantir o final feliz. — Deu uma risadinha. — Quem sabe? Talvez tenha razão. Na verdade, agora Harald está trabalhando no Teatro Federal. Se o Congresso não acabar com a tentativa, exatamente quando ele conseguiu uma chance como diretor.

As sobranceiras de Priss contraíram-se.

— Lamento muito, Norine, mas o Congresso "vai" matar o Teatro Federal. Pobre Harald! Na realidade, ele não tem sorte. É incrível!

Priss estremeceu. Norine concordou.

— Potencialmente, Harald é um grande homem.

Tinham chegado à esquina da Rua Setenta e Dois com o Park.

— Pobre Kay! — suspirou Priss, novamente, resolvida a escrever-lhe naquela mesma tarde, enquanto Stephen dormisse. — Foi uma atitude medieval da casa Macy's essa de despedi-la porque teve um esgotamento nervoso. A coisa devia ter sido encarada como uma doença qualquer. E, ainda por cima, perder o apartamento.

— A Macy's pagou uma indenização — observou Norine.

Priss sacudiu a cabeça, colocando-se no lugar de Kay. Não era de admirar que tivesse desistido de tudo e voltado para Utah, quando o pai a viera buscar. Aqui, tudo lhe falhara.

— Todo um castelo de cartas... — murmurou, olhando vagamente para Park Avenue.

— Que tal dar um pulo até lá em casa? — propôs Norine de repente. — Podíamos tomar um cafezinho.

— Não posso, tenho de preparar o almoço do Stephen — explicou Priss.

— Nós lhe arranjamos comida — disse Norine, muito hospitaleira. — Temos umas costeletas de carneiro e um pouco de alface. Ele come essas coisas?

Priss estava tentada. Em casa, também tinha costeletas de carneiro, espinafres frescos e uma batata para ser assada no forno. Além disso, fizera um mingau de tapioca com claras de ovo. Mas

⁵ Locução para expressar o fim forçado de uma situação. Na tragédia grega, de súbito aparecia um deus para solucionar casos complicados. (N. do E.)

sentia-se envaidecida por ver que não aborrecera Norine e sentia-se cansada da monotonia de sua vida. Como abandonara o emprego pouco antes de Stephen nascer, não via pessoas diferentes.

— Nós temos três gatos — disse Norine para Stephen. — E uma cesta cheia de gatinhos.

Isso decidiu Priss, os animais eram importantíssimos para as crianças, mas Sloan não os permitia no apartamento por causa das alergias.

A casa de Norine tinha uma porta vermelha. Os operários ainda estavam terminando a parede de tijolos de vidro. Dentro, uma rampa, recentemente pintada, levava aos andares superiores. Um elegante empregado em mangas de camisa apareceu para levar para cima Ichabod em seu carrinho. O arranjo pareceu excelente a Priss, pois subir e descer escadas com um carrinho de bebê não era brincadeira; além disso, quando Ichabod crescesse, não haveria perigo de ele rolar pelas escadas. Ficou impressionada com a casa, a qual lhe pareceu muito confortável, embora se afigurasse um pouco estranha pela lado de fora, talvez por ser diferente das demais casas da rua. O que a surpreendeu é que Norine, tendo uma casa assim, fosse contra o progresso. Mas Norine explicou que o estilo era "clássico-moderno".

Na sala de estar, que ficava no segundo andar, havia duas portas pintadas de vermelho-escuro; a parede de tijolos de vidro deixava filtrar uma luz suave vinda da rua e, no fundo da sala, uma meia parede, também de vidro, ocultava um bar onde resplandeciam adornos de metal. Por todos os cantos, mesas de tampo de vidro e pés de metal, bem como confortáveis sofás de couro bege. Grandes jarras de vidro estavam cheias de galhos com flores habilmente feitas de papel e pano. Na biblioteca, via-se uma grande vitrola, uma bateria e um piano branco, como se fosse uma boate. Sobre o piano, viu grandes copos para conhaque ainda contendo restos de bebida. Os quartos tinham iluminação indireta, e os soalhos eram cobertos de canto a canto por espessos tapetes. Todos os objetos eram caros e, conforme reconheceu Priss, de "muito bom gosto". Parecia-lhe, porém, que, por ser muito pequena, os móveis eram grandes demais — verdadeira mobília para gigantes. Quando Norine a colocou num dos imensos sofás da sala de estar, ela sentiu-se como uma bonequinha esquecida por uma criança rica.

Um criado levava Stephen para ver os gatinhos que viviam na lavanderia, no andar térreo.

— O café chega daqui a pouco — avisou Norine, esparramando-

se no canto oposto do sofá. — A não ser que você goste de café requentado.

Colocou um cinzeiro do tamanho de uma banheira entre as duas, abriu a cigarreira e tirou os óculos escuros e os sapatos.

— Eles distrairão Stephen lá embaixo — disse ela. — Assim, poderemos conversar mais à vontade.

Cruzou as pernas e sentou-se sobre elas.

— Talvez você fique surpreendida ao saber que eu estive loucamente apaixonada por Harald. Durante quatro anos. Mas nunca permiti que meu sentimento interferisse na amizade que sentia pela Kay. Casei-me com Freddy quando percebi que não tinha a menor possibilidade. Aliás, nunca houve possibilidades, mas eu fingia que sim.

Falava rapidamente, com voz rouca, fumando sem cessar; a letargia desaparecera.

— Tivemos algumas aventuras no passado. . . nada de mais. Depois, acabou tudo: Harald é assim. Mas continuou visitando-me, como amigo. Fazia-me longas confidências, contava tudo sobre as outras mulheres. Sabia que ele tinha outras mulheres?

Priss fez que sim com a cabeça.

— Nunca tentou nada com você?

— Não. Mas tentou com a Dottie, depois que ela casou.

— As mulheres são indispensáveis para ele — explicou Norine, — mas acho que eu fui algo muito especial. Acho que ele não me quis mais por causa de Kay e por respeitar nossa amizade. De vez em quando despia-me e estudava meu corpo. Depois, dava-me uma palmadinha nas cadeiras e ia para casa. Ou, então, para a casa de outras mulheres. Depois, contava-me. Sempre que dormia com uma mulher, contava-me. O que não me contava era sobre as mulheres com quem não dormia. Descobri que eu não era a única. Costumava visitar suas antigas paixões, despindo-as como fazia a mim e. . . indo embora. Somente para ter a certeza de que estavam à sua disposição. Como um comerciante que verifica o estoque. E todas as suas ex-amantes ainda o amavam. Pelo menos, as que eu conheci. Harald tinha um carisma muito grande. Teria sido um monge fabuloso.

O elegante mordomo entrou trazendo uma bandeja com duas imensas xícaras de café, um bule de prata mal polida e um serviço de creme e açúcar. O açúcar estava embrulhado em papeis com a marca *Schrafft's*.

— Não consigo acostumar-me à idéia de que sou rica — suspirou Norine. — Não posso deixar de roubar uns torrões de açúcar

todas as vezes que tomo café no balcão do *Schrafft's*. O diabo é que esqueço sempre de tirar o papel. Freddy fica mortificado com a coisa.

O mordomo retirou-se.

— Perkins! — chamou Norine. — Por favor, esvazie este cinzeiro.

O mordomo levou a banheira e trouxe outra, limpa.

— Tenho de pedir sempre que esvaziem os cinzeiros — explicou Norine. — Freddy detesta cinzeiros cheios. É engraçado. . . ele exige que todas as coisas em que toca sejam sempre lavadas.

Durante a conversa, Priss começara a sentir que a parte de trás de sua saia estava ficando úmida. Cada vez mais. Mudou de uma nádega para a outra, tentando aliviar o peso. Então, cautelosamente, tocou com uma das mãos no couro creme. Estava positivamente molhado. Ao mesmo tempo, Norine explorava o assento de suas calças de linho preto.

— Oh meu Deus! exclamou. — Devem ter tornado a lavar os sofás com sabão em pó, enquanto eu estava na rua. Freddy transmitiu um verdadeiro complexo de limpeza ao pessoal da casa. — Deu uma risada. — Outro dia, o pai de Freddy teve um ataque de reumatismo por ter ficado muito tempo sentado numa cadeira da sala de jantar que estava com o forro úmido.

Priss levantou-se. Sua saia mostrava uma grande mancha.

— Perkins! — chamou Norine da porta. — Traga duas toalhas de banho!

O mordomo entrou com duas imensas toalhas monogramadas, colocando uma em cada canto do sofá.

— Obrigada — falou Norine. Perkins saiu.

— Diga-me — perguntou, voltando-se para Priss. — Você costuma agradecer aos empregados? Freddy diz que não é preciso, pois não fazem mais do que cumprir sua obrigação, servindo-nos.

— Não é preciso agradecer quando eles servem à mesa — explicou Priss —, mas quando fazem alguma coisa fora da rotina, como trazer estas toalhas, então não custa agradecer. Além disso, deve dizer-se "por favor" — acrescentou discretamente — quando pedimos que façam alguma coisa de especial. Por exemplo, você diz: "Sirva mais assado ao Sr. Roger", mas se pedir à empregada que traga um lenço ou a bolsa, terá de acrescentar "por favor".

— Era o que eu pensava — disse Norine. — Freddy está enganado. Acho que vou comprar um livro da *Emily Post*. Na casa da vovó, nós sempre dizíamos "por favor" e "obrigado", mas eles eram

alemães. . . o pessoal do meu pai. Acontece, porém, que eu não conheço como você as regras usadas na sociedade de Nova Iorque.

Priss estava embaraçada, pois sabia que Freddy tinha tanto traquejo social como ela. Acontecia somente que Norine nunca fora forte em certas sutilezas. O mordomo tornou a aparecer. Murmurou qualquer coisa ao ouvido de Norine.

— OK, tome as providências necessárias. Por favor!

— Que foi? — perguntou Priss, sentindo que a coisa tinha algo que ver com ela. Perkins continuava esperando.

— É que Stephen fez "aquilo".

Priss levantou-se de um salto, ficando de todas as cores.

— Vou já atendê-lo — disse ao mordomo. — Oh, como lamento!

— Mas Perkins pode tomar as providências — disse Norine, fazendo Priss sentar-se novamente. — Ou, então, a ama do Ichabod. Lavem-lhe as calças e usem uma das fraldas enquanto elas secam — falou ao homem.

Priss cedeu de bom grado. Francamente, sentia-se tonta.

— Onde estávamos nós? — perguntou Norine. — Oh, Harald. Pois é, tive loucura por ele. Mas ele, por seu lado, tinha uma verdadeira fixação por Kay. Nunca consegui compreender isso, francamente. Os psiquiatras do hospital diziam que era "uma certa ligação", "dependência mútua". Harald falava muito na vitalidade de Kay. Achava que seus arroubos de agressividade tinham ligação com a Força da Vida. Ele nunca passou de Shaw. Acha que ela era mais vital do que eu?

Priss não queria responder à pergunta.

— Kay tinha muita energia — disse —, e acreditava profundamente em Harald. Não acha que este é o detalhe mais importante? Não quero ser indelicada mas. . . era Kay quem sustentava o casal.

— Harald poderia ter tido uma dúzia de milionárias a seus pés — declarou Norine —, e eu mesma teria lavado toalhos para sustentá-lo. Ou trabalhar como garçonne ou dançarina profissional. Não era sacrifício para Kay trabalhar na Macy's. Ela gostava do emprego. Enquanto eu estava disposta a sacrificar tudo.

As lágrimas começaram a rolar-lhe pelo rosto.

— Oh, por favor, Norine, não diga uma coisa dessas! — implorou Priss, tão emocionada pelas lágrimas que quase acreditava no que a colega estava dizendo. Era contra os sacrifícios pessoais, e a

única coisa que fizera em benefício de Sloan fora renunciar ao emprego e aos seus pontos de vista sociais. Agora, cometera um grande erro. Sloan seria muito mais feliz se ela estivesse onde realmente gostaria de estar, em Washington, como uma humilde operária do *New Deal*, que ele detestava, podendo orgulhar-se da "minha esposa bolchevique".

— Sim! — repetiu Norine, convicta. — E ainda sacrificaria tudo. Todo o dinheiro de Freddy.

Olhou em torno, contemplando suas posses.

— Você não quer dizer realmente tudo — observou Priss firmemente. — E Ichabod?

Norine acendeu um cigarro.

— Cristo, eu esqueci-me de Ichabod. Não. Você tem razão. Agora, eu sou uma dona de casa. Harald jamais separaria um filho de seu pai. — Tossiu surdamente. — Além disso, ele não admira muito o Povo Eleito. Para ele, Ichabod não passa de um judeuzinho.

Priss estava chocada com o linguajar de Norine; talvez a coisa fosse diferente quando a gente é casada com um judeu; talvez, então, a pessoa gozasse de uma espécie de licença especial, da mesma forma como os negros se chamam entre si de... "crioulos". Mas, ainda assim, Priss sentia-se tremendamente mal. Pousou a xícara de café. Norine continuou fumando em silêncio, evidentemente alheada. Priss lamentou ter aceito o convite, o qual não passara de um pretexto para falar de Harald. E, como acontecia com todos os atos de auto-indulgência, Norine agora devia estar arrependida. A consciência de Priss avisou-a repentinamente de que não devia ter trazido Stephen àquela estranha casa. Sloan a reprovaria. Deus sabe o que estariam dando de comer ao garoto, lá embaixo — alguma coisa que lhe faria mal, não restava a menor dúvida. Além do mais, chegaria tarde em casa para a sesta.

— Será — perguntou polidamente — que eu poderia dar uma espiada em Stephen? Ele não está acostumado a estranhos.

A consciência acusava-a agora de que não devia ter deixado que estranhos limpassem seu filho. E, se lhe tivessem dito "que menino feio", conforme faziam certas empregadas ignorantes! Entretanto, minutos antes, desejaria que o fizessem. Norine levantou-se imediatamente.

— Claro — assentiu —, mas antes, diga-me uma coisa. Tossiu novamente. Priss não sabia o que viria a seguir. Norine olhou bem firme em seus olhos.

— Você acha que Ichabod parece judeu?

De novo, Priss não sabia o que responder, Ichabod ainda era muito jovem para ter nariz adunco, seus olhinhos ainda tinham aquela cor comum a todos os bebês, algo assim como um azul muito escuro; a pele era morena, mas talvez fosse por causa dos banhos de sol. Na verdade, parecia diferente dos outros bebês. Era muito comprido, e esse detalhe conferia-lhe um toque de melancolia. . . Tinha olheiras, e seus traços eram ligeiramente acentuados. Não havia dúvida de que parecia uma criança com um destino marcado, como costumam dizer do povo judeu. Sua nudez também lhe conferia uma espécie de *pathos*, como se não fosse somente um bebê, e sim um espécime embalsamado da raça humana. Mas o fato de que não tinha a menor semelhança com Stephen, na mesma idade, não fornecia uma resposta à pergunta de Norine, mesmo que ela quisesse dá-la. A verdade é que não sabia o que Norine queria ouvir.

— Ele não se parece com você — disse honestamente. — Talvez se pareça com o pai.

Norine mostrou uma grande fotografia de um homem grande, moreno, de cabelos crespos e ligeiramente gordo. Ichabod não se parecia com Freddy.

— Creio que ele se parece com ele mesmo — resumiu Norine. Desceram a rampa. Na cozinha, encontraram Stephen de fraldas, o mordomo, uma cozinheira, três enormes gatos angorás e uma cesta cheia de gatinhos. Stephen já almoçara, deixando somente um pedaço de chocolate no prato. Todos eles contemplavam Stephen espantadíssimos. Priss pediu desculpas.

— Ele nunca comeu um bolo de chocolate. À sobremesa, só costuma comer bolachas e biscoitos.

— Biscoito! — exclamou o garoto.

Nesse momento, apareceu na porta uma jovem loura muito bonita, usando uma finíssima blusa de seda quase transparente e decote bastante decotado, saia muito justa e salto alto.

— Olá, Cecília — saudou Norine. — É a ama de Ichabod.

A moça trazia as calças e o calção de Stephen.

— As calças ainda estão um pouco úmidas — avisou —, mas o calção está sequinho, Norine. Quer que eu os vista?

— Pode deixar, eu visto — disse Priss rapidamente.

Quando a moça se abaixou para ajudá-la, Stephen colocou uma das mãozinhas sobre o seio dela e perguntou:

— Que é?

Todos, menos o mordomo e Priss, riram.

— Precoce, o rapazinho — observou a ama, afagando-lhe o

queixo.

Foi a oportunidade que Stephen esperava: meteu a mãozinha no decote da moça.

— Cuidado — disse Norine, quase sufocada pelo riso. — Cecília é virgem e católica.

Priss retirou a mão do filho. Olhou em torno para dar-lhe alguma coisa em troca. Nada viu, a não ser o pedaço de bolo de chocolate. Cortou um pedaço em dois e colocou um deles na boca.

— Veja só, é bom! — disse, mastigando.

Relutantemente, o garoto desviou os olhos da nudez da ama e imitou a mãe. Dentro em breve, comia deliciado o primeiro bolo de chocolate de sua vida, bolo fabricado numa padaria judia.

Depois desse dia, Priss escolheu outro lugar no Park para freqüentar. Apesar de passar várias vezes pela rua onde se destacava a porta vermelha, fazia-o pela outra calçada e só voltou a ver Norine no enterro de Kay. Mas então já se passara mais de um ano, e tudo mudara. Explodira a guerra. Lakey voltara da Europa. A França caíra, a Luftwaffe bombardeava Londres, e Kay morrera, aos vinte e nove anos. Era um lindo dia de junho, exatamente como no dia do casamento de Kay e, uma vez mais, o cenário era a Praça Stuyvesant. Desta vez, os serviços seriam realizados na própria igreja, e não na capela, pois o número de presentes era demasiado grande para caber na capela. O órgão tocava um trecho da Missa de Réquiem de Brahms, e os agentes funerários acabavam de entrar com o caixão onde repousava Kay, um caixão muito simples. E ali ficou ele no centro da nave, coberto de cravos brancos, lírios e zínias. O próprio reitor presidia à cerimônia.

As amigas sabiam que Kay teria ficado satisfeita sabendo deste último detalhe. Aliás, haviam lutado arduamente para conseguir que ela fosse enterrada como uma verdadeira episcopalista. A Sra. Harts-horn conseguira finalmente a autorização, graças à intervenção do Dr. Reiland, velho amigo da família. Ela lembrou que Kay se casara naquela igreja, o que lhe conferia o direito de ter seu corpo encomendado no mesmo local. Antes disso, a tia de Polly, Júlia, fizera um pedido idêntico ao "seu" reitor de São Bartolomeu, e Pokey, por seu lado, telefonara de Princeton para a igreja de Saint James; Helena tinha uma amiga que era casada com o filho do reitor de Saint Thomas, o qual prometera interceder também. Era incrível como esses ministros de Deus se mostravam obstinados em não enterrar uma pessoa que não fosse membro de sua paróquia.

Os pais de Kay chegariam tarde demais para a cerimônia, mas com um tempo quente como o que fazia, era impossível esperar. Pelo telefone interurbano, tinham pedido a Helena que mandasse cremar o

corpo da filha e dito que eles levariam as cinzas para casa. Estavam profundamente amargurados. Helena, porém, tinha certeza de que Kay detestaria ser cremada assim; tornara a telefonar, dizendo que ela e as amigas gostariam de fazer o funeral numa igreja, caso eles concordassem. Que fizessem aquilo que seria de mais agrado de Kay, dissera o pai; suas amigas deviam saber melhor do que ele. Mais amargura. Contudo, o grupo sabia que estava fazendo o que era certo. Kay passara muitos anos longe dos pais, e eles poucas informações tiveram dela durante os anos de separação e, por isso, haviam ficado magoados quando ela insistira em voltar para Nova Iorque, depois do divórcio, pois achavam que, em sua companhia, encontraria o amparo de um lar. Mas tinham apoiado sua escolha, o que mostrava como amavam a filha e, agora mesmo, haviam telegrafado aos agentes funerários dizendo que Helena era a responsável por tudo. Que pena — lamentara-se o pai — Kay não ter tido tempo para escrever uma carta para casa antes de "partir". Naturalmente, se soubesse, teria escrito.

Na Universidade, o grupo discutira longamente sobre como cada uma delas gostaria de ser enterrada. Pokey preferia a cremação, sem maiores cerimônias; Libby queria que suas cinzas fossem espalhadas pelo porto de Nova Iorque. Mas Kay, como a maioria, votara a favor de um funeral comum, com sepultura em chão consagrado e um ministro lendo o ofício dos defuntos — ela adorava o "Eu sou a Ressurreição e a Vida", que costumava recitar quando fazia o papel de Sidney Carton na representação de *A Tale of Two Cities*. Detestava a idéia de ser embalsamada, pois não queria ser recheada de líquidos. Certa vez, contara a Lakey, muito encabulada, que namorara o filho de um agente funerário de Salt Lake City, o qual lhe explicara como eram feitos os fúnebres preparativos do embalsamamento. Kay sempre tivera preferências violentas, concordaram suas amigas. Depois de tantos anos — sete, desde o dia da formatura — o grupo ainda se lembrava daquilo que ela gostava e que detestava. E ela nunca envelhecera ou ficara mais sábia, continuara sempre a mesma.

Isso lhes facilitara — embora fosse triste reconhecer — os preparativos do enterro. Era a primeira vez que faziam uma coisa destas. Quando algum parente morria, eram sempre os mais velhos que tomavam conta dos detalhes. Não sabiam nem mesmo como preparar o cadáver. Kay divorciara-se de Harald, e sua família estava longe. Em primeiro lugar, tiveram uma tremenda discussão com o agente funerário, o qual queria, à força, embalsamar o corpo depois de tê-lo recebido da polícia. Helena chegou até a telefonar a um

advogado para saber se tinham o direito de recusar o embalsamamento. Lutar contra as convenções dava tanto trabalho que, às vezes, nem valia a pena. Mas a Sra. Hartshorn ajudara muito, assim como Ross e a Sra. Davison, que estava na sala de estar do Clube Vassar no momento em que Kay se lançara do vigésimo andar. Felizmente, a queda fora amenizada por um parapeito no décimo terceiro, e ela caíra sobre um toldo, de modo que não ficara despedaçada, havendo somente deslocado o pescoço. E, felizmente, também, a Sra. Davison estava presente e pudera reclamar imediatamente o corpo, enquanto mandara Helena avisar os pais de Kay.

O corpo fora levado para o apartamento tipo estúdio que Helena tinha na Rua Onze Oeste, por ser o lugar mais conveniente, pois Helena ainda estava solteira e, além disso, as duas tinham sido companheiras de quarto na Universidade. O agente disfarçara os ferimentos, mas não deixaram de forma alguma que desse ao corpo um "ar natural". Kay jamais usara ruído. Tinham procurado no armário do Clube Vassar um vestido adequado à circunstância — não podia ser o vestido do casamento, o qual, aliás, ela rasgara muito tempo antes, porque jamais gostara da gola branca estilo fichu. Examinando suas roupas (muitas das quais estavam bem usadas), não conseguiram chegar a uma conclusão. Mas Lakey, com a lúcida inteligência que era sua principal característica, acabou com as hesitações. É claro que Kay gostaria de ser enterrada de vestido novo. As outras acharam horrível a idéia de comprar roupa nova para um cadáver, mas Lakey apanhara um dos vestidos como medida e fora diretamente à casa Fortuny, onde comprara um belo vestido de seda branca. Foi então que as outras se lembraram de que um dos maiores sonhos de Kay fora possuir um vestido daquela loja, o qual nem mesmo em seus maiores momentos de extravagância pudera comprar. Kay teria adorado o vestido e mais a idéia de saber que fora Lakey quem o comprara. No braço nu, colocaram sua velha pulseira de ouro, pois nunca usara outra jóia que não fosse a aliança, já que detestava todo e qualquer ornamento. Helena fez tudo para encontrar lírios-do-vale — os quais costumavam colher juntas no Pine Walk de Vassar — mas, infelizmente, não era época. A Sra. Davison teve uma idéia maravilhosa: fechou os olhos de Kay com duas moedas cristãs de prata, as quais foram encontradas por Helena num antiquário.

Havia muita coisa para ser feita, e o tempo era escasso. Não faziam a menor idéia de como eram complicados os últimos arranjos, principalmente quando o morto fora, como Kay, um estranho que não

residia na cidade permanentemente. O mais difícil foi encontrar uma sepultura vazia. Pokey, muito generosamente, doou uma cova no jazigo da família, e Kay teria ficado radiante ao saber que seria enterrada entre Livingstones e Schuylers. Depois, tiveram de avisar todos os amigos de Kay. Puseram um anúncio de jornal. Juntamente com o ministro, escolheram os salmos e orações que seriam recitados durante a cerimônia. Esta última parte foi resolvida por Helena e a Sra. Davison. Quanto às flores, determinaram que seriam usadas somente flores naturais da estação, nada de coroas e coisas semelhantes. Contudo, isso era fácil de dizer e difícil de evitar, pois os floristas acabavam empurrando o que bem entendiam. No tocante ao caixão. Kay teria gostado de um bem simples, de pinho, mas, evidentemente, isso era coisa em que não se podia nem mesmo pensar. . . Depois, tiveram de decidir se o caixão ficaria aberto ou fechado na igreja. Decidiram, finalmente, que ficaria fechado, mas que a família e aqueles que tinham conhecido Kay intimamente, poderiam vê-la pela última vez na casa de Helena antes da chegada do coche fúnebre. Helena serviu xerez e bis coitos aos visitantes. E, para tanto, teve de vencer outra série de indecisões: xerez ou Madeira, biscoitos ou sanduíches (fechados ou em canapé?), mas as senhoras mais velhas acharam que Helena devia servir aquilo que a Sra. Davison chamava de repasto fúnebre.

A gente acaba obcecada por estes detalhes. Supõe-se que eles distraem a gente nas dores maiores. E, na verdade, distraem mesmo. A gente acaba esquecendo a razão por que está fazendo tudo aquilo, no caso por ter morrido uma pessoa querida. E o alívio de finalmente chegar a uma conclusão, como quando Lakey comprou o vestido, faz a gente ficar alegre, e até lembrar-se.

Também é curioso observar as diferentes reações das pessoas diante da morte. Nesses momentos, chega-se até a odiar certos tipos, mas, infelizmente, é impossível deixar de ver. Por exemplo, a Sra. Hartshorn e Ross mostraram-se notáveis vestindo Kay, mesmo nos detalhes mais desagradáveis, tais como vestirem a roupa de baixo. O corpo fora entregue "preparado para o enterro" (o que, supunham, significava estar sem as vísceras) e envolto numa espécie de mortalha. Polly, com a maior calma, ajudara a vesti-lo — o que era compreensível, pois, afinal de contas, trabalhava num hospital. Mas as outras nem sequer puderam ficar no mesmo aposento. Quando Ross foi perguntar se deviam vestir um porta-seios na "Srta. Kay", sentiram-se doentes. E era um ponto difícil de decidir. Parecia-lhes antinatural enterrar uma pessoa de porta-seios (felizmente. Kay

nunca usara cinta), mas Ross observou que o vestido estava um pouco apertado e abria a todo o momento. Finalmente, disseram a Ross que colocasse o porta-seios.

As moças ficaram satisfeitas por ver que a Sra. Davison, que era uma verdadeira maravilha na supervisão e nem mesmo piscava diante da morte, se sentia exatamente como elas ao lidar com um cadáver. Ela permaneceu na sala de estar dirigindo a conversa, enquanto Polly e a Sra. Hartshorn e Ross "faziam o necessário".

— Helena — disse ela — será que você não devia ter exigido que o agente funerário a vestisse? Afinal de contas, eles são pagos para estas coisas.

As outras concordaram, mas, francamente, não tinham gostado do agente, com sua voz untuosa e seus vidros de cosméticos. Contudo, os agentes funerários eram membros utilíssimos da sociedade ... na verdade, muito úteis mesmo, conforme viam agora as moças.

Mesmo com Kay ainda ali, não puderam deixar de divertir-se com a conversa da Sra. Davison, a qual falou sobre os mais variados assuntos, elegantemente trajada num vestido preto enfeitado com um broche de ônix.

— Se Kay estivesse conosco neste momento, dirigiria a conversa, não acham?

Como nada havia para fazer, Libby não aparecera. Nem mesmo se oferecera para ajudar na despesa, a qual foi dividida entre as outras. Casara-se no verão anterior em Pittsfield, com um famoso escritor, especialista em novelas históricas, cujos livros ela lançara; somente Polly comparecera ao seu casamento, realizado nos jardins da residência familiar, com pajens vestidos à maneira elisabetana e música de Purcell tocada em flautas. Na manhã do enterro, chegara apressadíssima e atirara-se aos biscoitos e ao xerez, usando um elegante coque na cabeça e uma imensa corrente no pescoço. Achou que o vestido do Fortuny não era da cor que Kay teria preferido e ficou curiosíssima por saber quanto Lakey pagara. Percebendo que o grupo reprovava sua atitude, feriu ainda mais fundo:

— Agora, pequenas — disse, curvando-se sobre a mesa para escolher outro biscoito — digam-me a verdade, que não contarei a ninguém ... ela caiu ou atirou-se?

A Sra. Davison colocou a mão gorducha sobre o braço de Polly a tempo de evitar uma reação violenta.

— Pode contar a todo mundo o que desejar, Elizabeth. Na verdade, gostaria que o fizesse. Ela caiu.

— Oh! Eu sei que esse foi o veredicto da polícia — insistiu Libby.

Helena começou a falar.

— Helena, o show é meu — disse a Sra. Davison. — Afinal de contas, eu fui a última pessoa que a viu em vida. Menos de uma hora antes. Convidei-a a tomar café em minha companhia no salão, depois do jantar. Conforme disse à polícia, Kay estava bem humorada. Sua mente estava perfeitamente equilibrada. Conversamos muito sobre o Sr. Churchill, sobre os bombardeios e a necessidade de fazer um alistamento entre nossa mocidade. Ela contou que ia entrevistar-se com o pessoal da Saks Fifth Avenue para arranjar um novo emprego. Kay não tinha a menor intenção de se suicidar. Não fosse o fato de ter ido "repousar" numa instituição de doenças mentais, ninguém faria perguntas assim.

As moças concordaram com a cabeça. Isso é que era injusto. Além disso, se Kay não tivesse sido liberada pela polícia, não teria um funeral cristão. Teria de ser enterrada em chão não consagrado.

— Você poderá dizer, Elizabeth — continuou a Sra. Davison gravemente — que Kay foi a primeira americana vítima da guerra.

— Oh, mamãe! — protestou Helena. — Isso é ridículo.

Mas ridículo ou não, era a verdade. Ao que parecia, Kay tentava localizar um avião da janela, quando perdeu o equilíbrio e caiu. Tomara dois coquetéis antes do jantar, os quais talvez tivessem alterado ligeiramente as reações motoras. Para aqueles que observaram suas reações desde que voltara de casa, a maneira como morrera foi um choque, mas não uma surpresa. Como acontece com muitas mulheres que vivem sós, preocupava-se bastante com a guerra. Falava constantemente de ataques aéreos e defesa civil. Desde a queda dos Países Baixos, vivia dizendo que a entrada da América na guerra era questão de dias. Estava convencida de que o inimigo atacaria pelo ar; Hitler não esperaria que Roosevelt se armasse e declarasse guerra. Mandaria a Luftwaffe varrer Nova Iorque ou Washington numa só noite. Se estivesse no lugar de Hitler, era isso que faria. Era o verdadeiro princípio da *blitzkrieg*. Conhecia um oficial da Força Aérea que lhe contara possuírem os alemães bombardeiros de longo alcance — a arma secreta de Hitler — que eram perfeitamente capazes de fazer um vôo assim. Provavelmente, ao mesmo tempo, haveria um tremendo ataque de submarinos.

O fato de a América ser neutra não significava muita coisa. A Noruega, a Dinamarca e os Países Baixos também eram neutros.

Defendia ferozmente a idéia de que o Prefeito La Guardia devia iniciar um intenso treinamento contra ataques aéreos, assim como mergulhar Nova Iorque num *blackout* completo. Queria ser vigia noturna contra os ataques aéreos e vivia exigindo que a diretoria do Clube Vassar providenciasse sacos de areia e pás, bem como a formação de uma unidade de defesa civil. Comprara um rádio para seu uso particular, e alguém lhe dera um álbum que tinha a silhueta de todos os aviões conhecidos para, assim, se familiarizar com os mesmos. Quando não ouvia o rádio ou discutia com os isolacionistas, estava sempre vasculhando os céus.

Esta nova loucura de Kay divertia imensamente suas amigas ou, então, aborrecia-as muito. Até Priss, que fazia parte ativa de uma série de comitês para forçar a entrada da América na guerra ao lado dos Aliados, não acreditava que Hitler desencadeasse um ataque. Chegava até a desejar que tal coisa acontecesse para ver se, assim, os americanos saíam do marasmo em que viviam. Seu medo maior era que a guerra terminasse no próximo verão — quanto tempo resistiriam os ingleses sozinhos? — com a Europa escravizada, enquanto a América continuava de parte sem nada fazer. Ou, então, que o fizesse tarde demais, como acontecera na França. Priss quase enlouquecera por ocasião da queda dos franceses e ficara horas seguidas grudada ao rádio. Chegou ao ponto de exigir que Sloan comprasse um rádio portátil para levá-lo à praia em Oyster Bay. E, de hora em hora, escutava os noticiários, esperando ouvir a notícia de que Churchill tinha capitulado e fugido com o governo para o Canadá. Aliás, esse medo reinava em todos os corações. Entretanto, preparando-se para o funeral, Helena mantinha o rádio ligado baixinho, com receio de perder alguma notícia. Pelo resto de suas vidas, todas as vezes em que se lembrassem de Kay, associariam sua memória à voz de um locutor anunciando os mais recentes acontecimentos. Somente a Sra. Davison alimentava esperanças. "Tomem nota de minhas palavras. Os ingleses jamais se renderão. Como costume dizer a Davy Davison, vamos ter um episódio semelhante ao da Armada Espanhola." Mas Kay, com sua mente positiva, já abandonara a Inglaterra ao seu destino e planejava a defesa da América. O que entristecia suas amigas é que o seu interesse naquilo a que ela chamava os planos de Hitler estava obviamente associado com Harald, que se transformara num fanático nazista e estava ficando famoso pelos inflamados discursos que pronunciava nos seus comícios. Se, pelo menos, Kay o esquecesse, em lugar de alistar-se no campo oposto. .. Contudo, seu zelo para que a América estivesse preparada, dera-lhe um motivo para viver. Que cruel ironia

que isso, afinal, lhe tivesse causado a morte.

A empregada que arrumava seu quarto no Clube Vassar contara à polícia que a vira, várias vezes, debruçada na janela esquadrinhando o céu e que já a avisara de que aquilo era perigoso.

— Sim, Elizabeth — disse a Sra. Davison. — Eu também interroguei a empregada. E medi a altura da janela. Uma moça da altura de Kay podia perfeitamente ter perdido o equilíbrio e caído. Conforme assinaliei à polícia, seu rádio estava ligado, e ela deixou um cigarro aceso no cinzeiro ao lado da cama. Um hábito muito perigoso, de resto. Mas qualquer mulher que resolvesse matar-se não o faria a meio de um cigarro. Evidentemente, enquanto fumava, ouviu o barulho de um ou vários aviões e levantou-se para espiar pela janela. Aliás, creio que ouvi os mesmos aviões, enquanto lia uma revista na sala de estar. Mas todos estes detalhes foram momentaneamente varridos de minha cabeça pelo barulho de sua queda. Parece que ainda estou ouvindo.

Tirou um lenço do bolso e enxugou as lágrimas.

Quando o grupo tomou seus lugares na igreja, as moças olharam em torno, surpreendidas por verem tanta gente. Tratava-se de uma verdadeira multidão, que aumentava sempre. O antigo supervisor de Kay, na Macy's. e uma delegação de colegas também estavam presentes. A Sra. Renfrew viera de Boston, representando Dottie. O Sr. Andrews comparecera com sua famosa irmã, a Tia Júlia, e Ross. Libby e o marido. Lakey e a amiga nobre que trouxera da Europa, a Baronesa d'Estienne. Pokey e o marido ali estavam e, no assento seguinte, Polly e Helena descobriram abismadas Hatton, o famoso mordomo dos Prothero.

— Olá, Hatton — cochichou Polly.

— Boa tarde, minha senhora. Boa tarde, senhorita. Represento a família. Madame envia seus mais sentidos pêsames. E Forbes solicita o obséquio de ser lembrada.

Era um enterro de alta sociedade, e Kay ficaria maravilhada se pudesse ver.

Connie Storey desceu a nave e sentou-se ao lado de Putnam Blake e sua terceira esposa.

— Um sucesso, minha cara — disse o Sr. Davison para a esposa. — Um verdadeiro voto de confiança.

Polly percebeu ao longe Dick Brown, um amigo de Harald com quem o tempo não fora nada generoso. Jim Ridgeley ajoelhou-se ao lado de Polly.

— Conheces toda esta gente? — perguntou à esposa.

— Não — cochichou ela em resposta. — Valha-nos Deus, olha só! — e mostrou o psiquiatra que tratara de Kay no hospital. — E aquelas ali — falou, indicando três senhoras que se sentavam juntas. — Parecem antigas pacientes da Clínica Payne Whitney.

A Sra. Davison cumprimentou com a cabeça a secretária do Clube Vassar. Priss reconheceu a Srta. Sisson, ao lado de quem se sentara no casamento de Kay. Outras colegas, foram surgindo. Um oficial do Exército ostentando o breve de aviador entrou na igreja.

— Parece que Kay e ele eram muito amigos — confidenciou a Sra. Davison ao marido.

Helena cutucou Polly. Norine entrava naquele momento toda de preto e coberta por um véu. Parecia estar grávida e trazia uma criança numa espécie de cestinha que balançava quando ela andava.

— Meus saís! — disse Pokey bem alto.

— Meu Deus, o que é aquilo que está entrando, uma mulher ou um canguru? — perguntou o Sr. Davison, sarcástico.

— Que é isto, meu velho! — reprovou a Sra. Davison.

— É. . . é o Ichabod — explicou Priss.

— Mas o que é aquilo que ela. . . — quis saber Polly.

— É uma espécie de sacola para carregar crianças. A última palavra. Foi inventada para as mães muito ocupadas. Assim a criança é protegida pelo próprio calor do corpo materno.

Norine sentou-se perto de Dick Brown. Ajeitou Ichabod no colo.

— Que idéia foi essa de trazer a criança? — perguntou Dick.

Norine sorriu:

— Quero que ele se acostume com a morte.

— Compreendo, desde cedo, como a caxumba.

A onda de surpresa que atravessara a igreja com a entrada de Ichabod foi superada por outras chegadas. Polly reconheceu a antiga empregada de Kay, a velha Clara, que era agente funerária no Harlem. A Sra. Flanagan, ex-professora de Kay, que fora diretora do Teatro Federal, entrou com uma antiga auxiliar.

— Nunca pensei que ela viesse! — exclamou Helena.

O altar estava juncado de flores.

O órgão parou. O reitor levantou-se e tomou seu lugar atrás do caixão. A congregação levantou-se.

— "Eu sou a Ressurreição e a Vida, disse o Senhor: aquele que acreditar em Mim, apesar de morto, viverá, e quem viver e acreditar em Mim, jamais morrerá."

Lakey sentiu que uma lágrima lhe rolava pelo rosto. Estava perplexa com a dor que sentia. A única emoção que pensara sentir fora

a feroz paixão de que este funeral funcionasse perfeitamente, um espelho fiel daquilo que Kay acharia admirável. Quanto a ela mesma, esperava que quando morresse um estranho qualquer lhe amarrasse uma pedra ao pescoço e a jogasse ao mar. Detestava lágrimas fingidas e teria preferido que lhe arrancassem os olhos a chorar convencionalmente. Outra lágrima caiu. Então percebeu que todas as cabeças se voltavam para olhar. Furiosa com todos olhou também. Harald, vestido de negro, entrara e sentara-se num dos últimos bancos. Era mesmo típico dele, pensou ela friamente, fazer com que todos olhassem sua entrada. Polly e Helena receavam que ele viesse. E é claro que tinha o direito de comparecer, apesar de não ter sido convidado. Ele continuou ajoelhado, escondendo o rosto entre as mãos, enquanto o resto da congregação permanecia de pé. Parecia rezar.

Na breve pausa que precedeu a leitura do primeiro salmo, todos na igreja, mesmo os que não o conheciam, sentiram a presença de Harald. Era como se uma sombra houvesse baixado sobre a assembléia. Se fosse possível haver um espírito mau num funeral, como uma fada má num batizado, refletiu Helena, este era o próprio Sr. Harald Petersen. Cerrou a pequenina boca. Não podia compreender porque os maus eflúvios daquele homem faziam toda sua bondade desaparecer. Não havia mais nenhum mal que pudesse fazer à pobre Kay. Uma frase estranhíssima cruzou-lhe os pensamentos torturados. Harald estava se "divertindo, retirando toda a alegria possível do enterro de Kay".

Lançando um olhar intranquilo sobre a congregação, como se seu olho prático tivesse reconhecido as presenças de Ichabod e Harald como possíveis centros de distúrbio, o reitor começou o primeiro salmo.

— "Senhor, deixai que eu conheça o meu fim, e o número de dias que me restam..."

Um rumor percorreu o templo; uns sentaram-se, outros continuaram de pé, outros ajoelharam-se. Polly decidiu imitar Hatton, que se sentara. Ele devia ser uma das poucas pessoas naquela igreja, pensou, que saberia como comportar-se num ofício fúnebre. Lembrou-se do casamento de Kay e de como eram jovens e supersticiosas e de quão pouco tinham mudado. Novamente sentiu medo de que algum incidente levasse o reitor a declarar que não podia enterrar Kay, afinal de contas. No entanto, acontecera muita coisa "estranha" no casamento e agora tudo parecia normal, ou não parecia? A única coisa estranha era a presença de Harald. Ele não devia ter comparecido,

pois, assim fazendo, transformara tudo o que elas haviam feito — o vestido de Kay, as velhas moedas romanas, a música e as flores, até mesmo a liturgia — parecer tolo e infantil. "Ele é a própria Morte presente no funeral de Kay", disse para si mesma.

O segundo salmo começou. Polly curvou a cabeça e concentrou os pensamentos em Kay. A ternura e a piedade que sentira enquanto vestia-lhe o corpo inerte principiaram a refluir. Pensou na vida da amiga, que, afinal de contas, não fora uma vida, e sim uma espécie de saudação, um "Olá, pessoal". Finalmente, aquela moça que jazia no caixão era a heroína do momento. O resto não era nada, uma sombra inútil e pretensiosa.

— "Pela manhã está verde e cresce; mas ao entardecer é cortado, secado e enfeitado", entoou o reitor.

"Aquelas" palavras adaptavam-se a tudo e não somente ao fim de Kay. Polly tinha certeza de que ela não se matara, apesar de sentir-se profundamente infeliz desde o dia em que os psiquiatras do hospital aconselharam a separação de Harald. Ela sofrerá um choque tremendo ao verificar que tinha de ser uma "ninguém", em lugar da esposa de um gênio. Mas se imaginara que, pelo suicídio, faria com que todos chorassem sua ausência, então acertara e devia estar satisfeita. "Kay, eu a amo", murmurou Polly contritamente.

Quando o reitor entrou no *De Profundis*, Priss achou que Helena e a Sra. Davison haviam exagerado; três salmos era muita coisa. Além disso, tinha escolhido a mais longa de todas as epístolas: São Paulo aos Coríntios, I: 15. As palavras eram lindas, mas tinha medo por causa de Ichabod. Sabendo o que sabia sobre os pontos de vista de Norine acerca das questões de limpeza, temia que o pobre garotinho sofresse um acidente. Por causa das muitas flores a igreja estava bastante abafada; todavia, tinha certeza de sentir "aquele" cheiro e, ou bem fora Ichabod, ou então. . . Kay. Era inútil pedir a opinião de Pokey, cujo olfato era péssimo. A congregação estava cansada, fazendo movimentos e cochichando entre si como se reconhecesse citações familiares no sermão.

— "Tu, idiota, que com as tuas asneiras conseguiste somente a morte." "*Si le grain ne meurt.*"

Priss ouviu Lakey sussurrar para a companheira:

— "... Pois a trombeta soar, e os mortos se levantarão incorruptíveis, e todos mudaremos."

— Handel — lembrou a Sra. Davison ao marido. — *O Messias*.

Priss notou que Polly chorava e que Jim lhe apertava a mão. Lakey também chorava. . . lágrimas cristalinas corriam-lhe pelo rosto

hírtio, e ela mantinha os dentes cerrados. Priss desejou ardentemente que o sermão não repetisse mais a palavra "corruptível".

— "Ó, Morte, onde está o teu remorso?"

Repentinamente, Priss começou a pensar nos vermes das sepulturas e foi sacudida pelos soluços.

Helena ficou embaraçada ao ouvir o hino cantado, um dos favoritos de sua mãe, o Número 245: "Ele guiará meus passos". Pessoalmente preferia um hino de Bach, o da Paixão Coral: "Ó Cabeça Sagrada, cercada por uma coroa de espinhos dilacerantes". Mas sua mãe dissera que o outro era mais inspirador. A Sra. Davison conhecia todos os hinos de cor e não precisava usar o manual. Seu vozeirão desafinado competia com o órgão. E, contudo, sua mãe, como a maioria dos presentes, era completamente agnóstica. Não acreditava em uma vida futura para Kay, e, assim sendo, o que a inspiraria naquele momento? Nada. O realismo de Helena proibia-lhe de chorar. Chorar por quem? Kay? Mas Kay não existia mais. Portanto, não havia mais ninguém a lamentar.

Ajoelharam-se para rezar. E, repentinamente, acabara o ofício. A congregação espalhou-se pela calçada, e os carregadores aproximaram-se para conduzir o caixão. Libby achou que deviam ter contratado carregadores de libré, assim a coisa ficaria muito mais elegante. Achava também que o caixão devia ter ficado aberto. Vendo Connie Storey, correu para cumprimentá-la. Não ia ao cemitério, e, como Connie ia trabalhar, pensou que podiam partilhar o mesmo táxi. Naquela noite, antes que ela e o marido embarcassem de volta, pretendia escrever suas impressões da cerimônia. A coisa fora profundamente emocionante.

Haviam contratado vários automóveis para levar ao cemitério aqueles que não tivessem condução própria. As viaturas esperavam ao lado da sacristia. Helena, que fizera uma lista, estava conferindo o pessoal. Ninguém pensara em Harald. Poderia ter ido com Norine, mas, graças a Deus, ela ficava; era um milagre, concordaram todos, que o garotinho não tivesse feito o menor ruído durante a cerimônia. Harald ficou parado na calçada, sorrindo misteriosamente.

— Jim e eu poderemos levá-lo em nosso carro — ofereceu-se Polly. — Uma de nós tem de falar-lhe.

Helena era menos cristã.

— Mamãe o levará.

Mas, nesta altura, Harald já se aproximara de Lakey.

— Será que você me dá uma carona? — ouviram-no perguntar.

Lakey tinha um belo carro europeu de dois lugares estacionado pouco além.

— Lamento muito — explicou. — Mas não tenho lugar.

A baronesa, porém, desculpou-se.

— Se não leva a mal, Elinor, prefiro não ir ao enterro.

— Muito bem, então — disse Lakey para Harald. — Entre. Sabe dirigir?

Harald sentou-se ao volante, e, quando o cortejo partiu, os convidados viram o carrinho avançar celeremente.

— Será que ele vai ter coragem de cortejá-la? — perguntou Polly chorosa. Ela, Jim, Helena e o Sr. Andrews estavam no Ford de Ridgeley.

— Esperemos que sim — disse o Sr. Andrews suavemente. — Ouvi dizer que a baronesa usa constantemente um soco inglês.

A volta de Lakey no *Rex* fora um acontecimento para o grupo. Reuniram-se no cais em certa manhã de abril para saudá-la. Todas as sete. É claro que Kay ainda estava viva, e acabara de voltar de Utah, e Dottie conseguira fazer coincidir a data com sua passagem pela cidade, rumo a um cruzeiro pelas Bermudas, A idéia de surpreender Lakey em grupo fora de Pokey; Pokey não notava a passagem do tempo e não compreendia que Lakey pudesse ter mudado. As outras, porém, tinham suas dúvidas, enquanto viam a escada de bordo ser baixada. Tinham medo de que Lakey as tivesse ultrapassado. Talvez as achasse provincianas, depois de tudo o que vira na Europa. O endereço do remetente em suas cartas, dizia Helena, sugeria que Lakey havia "subido muito" — estava sempre em vilas importantíssimas, *palazzi e chateaux*. A última vez que escrevera avisando que ia voltar, porque julgava que a Itália entraria na guerra muito em breve, fora da residência de Bernard Berenson, famoso crítico de arte de Settignano. Alinhadas no cais, apertando os olhos para enxergar melhor, preparando as mãos para saudá-la, as mais sensíveis tinham a consciência de serem um grupo de mulheres estabelecidas na vida, em sua maior parte com maridos e filhos à sua espera em casa. Pokey tinha três filhos, e Polly uma garotinha.

Quando a viram descer a escada com seu passo muito firme, o queixo levantado, usando um vestido de duas peças de veludo roxo-escuro. chapéu do mesmo tecido, carregando uma frasqueira de couro verde e uma sombrinha de seda do mesmo tom, ficaram espantadas com sua juventude. Todas elas haviam cortado o cabelo e usavam permanentes, mas Lakey ainda trazia um coque na nuca, o que lhe

proporcionava um ar de menina, e seus traços continuavam perfeitos. Quando as viu, seus olhos verdes arregalaram-se de prazer e fez um gesto com a mão. Depois dos abraços (ela beijou-as todas nas duas faces e depois afastou-as para poder ver bem), apresentou a estrangeira baixa e forte que a acompanhava — uma dama que conhecera na travessia.

Tiveram de esperar muito tempo, até que a bagagem de Lakey foi liberada. Trazia dúzias de valises, trinta e duas malas-armário, embrulhos de presentes belamente empacotados, e inúmeras pastas contendo desenhos, porcelanas e livros. Na declaração para a Alfândega dissera ser "uma residente no estrangeiro de volta à pátria", o que lhe valia isenção de impostos nos artigos de uso pessoal e caseiro. Mas trazia toneladas de presentes que, em se tratando dela, fez questão de declarar, e perdeu um tempo enorme conferindo a lista que fizera com sua caligrafia grande e firme. O grupo não podia fazer nada para ajudar, e depois toda a bagagem foi reunida num canto; além disso, não queriam bisbilhotar o interior das malas que os fiscais solicitavam fossem abertas, mas, ainda assim, até os olhos de Pokey ficaram esbugalhados ante a imensa quantidade de roupa de baixo, lenços, camisolas, *peg-noirs*, sapatos, luvas, todos embrulhados em papel de seda alvíssimo, isto para não falar nos vestidos, chapéus, *écharpes*, casacos de lã, de seda, etc. Esse maravilhoso conjunto — e contudo ela não tinha uma única capa de pele — fez com que as moças, embaraçadas, pensassem em horários de amamentação, mingaus, lavanderia e fraldas. Não podiam passar a manhã inteira no cais. Enquanto esperavam, batendo os pés de impaciência (era proibido fumar), observaram que a baronesa, que acabara sua parte, também esperava. Parecia que ia ficar com Lakey e não se mostrava muito amigável com as moças que tentavam amavelmente falar da situação na Europa. Era alemã e casara-se com um barão francês; deixara a França em setembro, quando começara a guerra. Tal como Lakey, estava em Florença, mas não conhecia a tia de Libby em Fiesole. De vez em quando, aproximava-se de Lakey e dizia qualquer coisa; ouviram-na chamar a colega de "querida", puxando muito no "r". Foi Kay quem primeiro notou. Lakey transformara-se numa lésbica. E aquela mulher era o "seu" marido.

Lentamente o grupo compreendeu a verdade. Por causa disto, Lakey ficara tanto tempo na Europa. Lá o povo era muito mais tolerante com as lésbicas, e a família de Lakey, em Lake Forest, continuaria ignorando tudo. Foi um momento terrível. As moças

reconheceram, uma a uma, que estavam "sobrando". Tinham cometido uma gafe tremenda, comparando ao desembarque da amiga, recebendo-a de braços abertos, como se ela fosse delas, quando, obviamente, pertencia exclusivamente à baronesa. Não podiam deixar de lembrar que as duas iam ficar juntas no Hotel Elysée. Lakey, explicara a baronesa em resposta a uma pergunta frontal de Kay, ia fazer uma breve visita à família em Chicago. Depois pretendia procurar uma casa de campo perto de Nova Iorque. "Algo muito tranquilo", ajuntou ela. As moças compreenderam. Lakey queria ficar sozinha com a baronesa, sem ser perturbada por vizinhos ou velhas amizades. Ou, pelo menos, era isto que a baronesa queria.

As moças entreolharam-se. Tinham planejado o programa antecipadamente. O motorista de Pokey esperava no lado de fora da estação de desembarque para levar Lakey até o hotel. Depois, todas se encontrariam para um elegante almoço. Também, cada qual fazia questão de ser a primeira a mostrar-lhe seu apartamento, seu marido e filho ou filhos. Exceto Kay, que não tinha nada para mostrar, mas que talvez por isso mesmo se achava com mais direito a ela. Agora não sabiam se deviam mandar o programa às urtigas, ou então realizá-lo incluindo a baronesa. Não sabiam se deviam ser discretas a respeito daquela estranha ligação ou não. Como preferiria Lakey? Será que gostaria que se fossem embora? Talvez nunca lhes perdoasse por fazer-lhe aquela surpresa no cais. Instintivamente, o grupo voltou-se para Kay, que, com sua experiência teatral, devia saber qual a melhor atitude a tomar. Mas Kay estava confusa. Seu rosto revelava abertamente decepção, tristeza e irresolução. Ocorreu-lhes que Lakey, que sempre as assustara e parecera superior, agora as olharia com mais superioridade ainda, pelo fato de elas não serem lésbicas. Por outro lado, ela demonstrara uma alegria indubitavelmente autêntica ao vê-las.

Observando em silêncio Lakey lidar com os funcionários da Alfândega, perguntaram a si mesmas há quanto tempo ela seria lésbica, se teria começado com a baronesa ou antes. Será que já era na universidade? . . . controlada, é claro. À luz desta terrível descoberta, examinaram o vestido que ela usava, à procura de pistas. Era um autêntico Schiaparelli. Kay perguntara, logo depois do desembarque, porque desconfiara que era. "Schiap faz todos os vestidos de Elinor", observou a baronesa. Lakey usava meias de seda finíssimas, sapatos de salto muito alto e uma blusinha de seda verde. A verdade é que parecia mais feminina do que antes. Já com a baronesa, a gente percebia logo a coisa, embora não usasse cabelo cortado *à la garçon*

ou gravata; mas ostentava um pesado costume de casimira, meias grossas e sapatos fechados de saltos quase baixos. Contudo, era curioso pensar que a baronesa fosse casada, e Lakey não.

Assim que Lakey foi despachada pelos fiscais, resolveu as dúvidas do grupo com a maior naturalidade. Aceitou o oferecimento de Pokey. Quanto ao almoço, aconselhou a baronesa a fazer uma imediata visita ao Museu Metropolitano, dizendo-lhe que podia comer no barzinho do Museu e que assim entraria em contato imediato com a América. "Maria é um verdadeiro urso", explicou rindo. "Grunhe na presença de estranhos." Almoçou com o grupo e convidou aquelas que estivessem livres e os respectivos maridos para um coquetel em sua companhia e da baronesa no *Monkey Bar* do hotel. O negócio era assim: na hora em que os maridos estivessem presentes, a baronesa também estaria, do contrário Lakey ficava sozinha.

Uma vez que o grupo compreendeu a convenção pela qual a baronesa era "minha amiga" como um princípio axiomático, suas reservas diminuíram bastante. Gradualmente, também, por seu lado, a baronesa foi amolecendo. Em vez de repelir o grupo, porque elas não eram lésbicas, parecia considerar isto um ponto a seu favor. Desconfiava somente de Kay, talvez pelo fato de ela estar divorciada e morar sozinha no Clube Vassar. O grupo ficou surpreso ao saber que as duas, Lakey e Maria, eram violentamente antifascistas. Não podiam esperar que Lakey fosse tão humana a ponto de ter simpatias políticas em comum com elas. Mas a verdade é que era humana em muito mais aspectos do que podiam lembrar-se. Outra surpresa foi verificar que gostava de crianças. Aquilo que as moças pensavam que seria uma fonte de frustração para uma lésbica — sua maternidade — encantava Lakey. Tendo trazido um belíssimo conjunto de artigos bordados para o bebê de Polly, fazia questão de vestir uma peça qualquer na criança e ficava horas esquecida com ela no colo todas as vezes que visitava a amiga. Para Stephen, filho de Priss, trouxera um prisma e uma série de velhos soldadinhos de chumbo, e, além disso, gostava de contar-lhe histórias e pintar em sua companhia. E quando foi passar um dia de semana com Pokey, visitou os estábulos, onde brincou de esconder com os gêmeos. Adorava fazer figurinhas ou então ratinhos com seus belos lenços de linho, para delícia da garotada.

As duas, ela e Maria, eram bastante práticas. Conheciam muita coisa sobre alimentação e costura e ficaram interessadas, por exemplo, em desenhar um novo tipo de vestido maternal para Polly, que estava grávida. Maria estudara enfermagem, prática que parecia ser muito

comum entre a aristocracia européia e que remontava aos dias em que a castelã tinha de receitar para os camponeses enfermos e tomar conta dos feridos nas épocas de guerra. O fato de que nenhum do grupo, exceto Polly, sabia cortar e costurar um vestido, scandalizou Maria como se elas fossem umas bárbaras.

Era espantoso, mas dentro de um mês algumas das moças já falavam em "convidar Maria e Lakey" para jantar, da mesma forma como falariam de um casal comum. Quando, finalmente, as duas alugaram uma imensa casa perto de Greenwich, Polly e Jim, Kay e Helena passavam dias em sua companhia.

Contudo, paralelamente, o grupo sentia que o que acontecera com Lakey era uma tragédia. Faziam o impossível para não pensar naquilo que Lakey e Maria faziam na cama. Somente Kay declarava que podia muito bem imaginar como é que funcionavam os seus "abraços". Gostavam muito de Maria como pessoa; seria tão bom que ela fosse uma sereia com cauda e tudo! O mesmo se aplicava a Lakey, que, na verdade, parecia uma sereia, com seus grandes olhos verdes e pele muito branca. Polly e Helena, que se tinham tornado grandes amigas agora que a segunda vivia em Nova Iorque, discutiam o assunto o mais desapaixonadamente possível. Não podiam fugir à idéia de que a ligação existente entre as duas era uma ligação anormal. A prova disto era o ciúme da baronesa. Maria tinha ciúme de homens e mulheres, na verdade de qualquer estranho. Usava sempre um revólver que lhe fora presenteado pelo marido e fizera Lakey comprar dois ferozes cães-de-fila. E ainda havia aquele soco inglês de que o Sr. Andrews ouvira falar! Era fácil imaginar a baronesa usando-o em algum homem que tentasse passar da conta com Lakey. Vendo-as, recompunha-se a história da bela princesa presa num castelo perigoso por uma mulher má, sonhando com o Cavaleiro Andante que a salvaria. Mas a coisa podia ser bem diferente. E se acaso fosse Lakey, a inescrutável e inteligentíssima Lakey, que fizesse a pobre Maria, que não era muito inteligente, sua escrava e prisioneira? O fato de poder virar aquela amizade tal e qual uma ampulheta é que perturbava as moças. Outra coisa que as perturbava era imaginar quem seria o homem e a mulher entre as duas. Obviamente, Maria, metida num pijama e num roupão de banho, era o homem, enquanto que Lakey, nas suas finíssimas camisolas de seda e *peignoirs* de renda, era a mulher, mas ainda assim estes detalhes podiam não passar de disfarces, uma espécie de despistamento. Polly e Helena relutavam em pensar que o que se apresentava aos seus olhos era mera aparência e que, por detrás de tudo, lá no fundo, havia uma coisa "a qual não aprovariam".

Lakey e Harald avançavam rapidamente através da Ponte Queensborough. Ele pedira que parassem um momento num bar, a fim de tomar coragem e poder chegar ao cemitério, e Lakey concordara.

— Quem foi o responsável pela comédia? — perguntou, voltando-se para observar o perfil de Lakey.

— Você fala do funeral? — indagou Lakey. — Que teria feito você?

Harald não respondeu.

— A gente precisa enterrar os cadáveres, não é? — disse Lakey. Ou cremá-los. É impossível jogá-los na lixeira.

Ele meditou por alguns momentos.

— Se existe dificuldade em desfazer-se de um cadáver — observou —, então é sinal de que alguma coisa estava errada. Lá na igreja tive a impressão de que todos achavam que eu era o responsável pelo que aconteceu a ela.

Lakey ajeitou o coque.

— É claro que ela se matou — declarou Harald.

— Por quê? — perguntou Lakey calmamente.

— Questões de concorrência — respondeu. — Desde que a conheço que tento matar-me.

Durante um minuto Lakey olhou-o firmemente; o rosto dele estava muito pálido.

— Ela decidiu mostrar-me como é que se faz a coisa. Mostrar que, como sempre, podia fazer até "isto" melhor do que eu. E na primeira tentativa. — Esperou um pouco. — Você não acredita em mim, não é, seu ídolo inescrutável? Está certa. Na verdade, eu nunca tentei matar-me de verdade. Eu sempre fui um fracasso, um falso. Os suicídios fracassados sempre foram especialidade dos Petersen. E, entretanto, eu desejo honestamente morrer. Juro. Dá vontade de a gente jogar o carro num precipício.

Deu uma guinada rápida para a direita.

— Pare com isso — ordenou Lakey.

Ele endireitou o carro.

— E ela — continuou Harald — teve a capacidade de matar-se e armar um cenário que fizesse pensar em morte por acidente.

— Que quer dizer?

— Este negócio de localização de aviões. O álbum de silhuetas. Fazer com que a empregada a visse na janela e avisasse que era perigoso. Pistas as mais tolas possíveis. Um álibi rudimentar. Para que pensássemos que perdeu o equilíbrio.

— E como é que você sabe todos esses detalhes?

— Mamãe Davison contou. Conversei com ela pelo telefone.

— Mas por que ela havia de querer nos enganar?

Harald deu de ombros.

— Por causa dos pais, suponho. Aquele "papaizinho" senil de quem ela tanto falava. Ou então teve vergonha de mostrar tão ostensivamente que sua vida fora um fracasso.

Lakey estudou atentamente aquele homem de quem jamais gostara e não disse nada. Sua única intenção no momento era chegar sã e salva ao cemitério sem que ele matasse a ambos, num dramático esforço em demonstrar-lhe que tinha coragem de cometer o suicídio. Ele guiava muito bem; deixara-o dirigir deliberadamente, a fim de experimentá-lo. Tinha uma certa curiosidade em relação a ele e sabia que o sentimento era recíproco.

— A Madona da Sala de Fumar — disse ele. — É engraçado, mas nunca pensei que você fosse lésbica. E tenho um olho infalível. Quando começou? Ou foi sempre assim?

— Sempre — retrucou Lakey. Suas perguntas indiscretas fizeram-na arquetetar um plano.

— O grupo deve ter ficado escandalizado — continuou Harald — quando, finalmente, você mostrou o jogo. Meu Deus, como eu estava farto do tal "grupo"!

— Elas são adoráveis! — comentou Lakey.

Harald voltou-se, levantando uma sobrancelha.

— Disse que elas são adoráveis?

— Disse — confirmou Lakey. — Todas elas, menos uma. Libby é uma *mauvaise fille*.

— Gosto de mulher — observou Harald.

Lakey sorriu.

— Meu amigo, a Baronesa d'Estienne está encantada com elas. Ela ama as mulheres americanas.

— Cruzes! — exclamou Harald.

— Exatamente — continuou Lakey. — Ela costuma dizer que as mulheres americanas são o verdadeiro quarto sexo.

Harald olhou-a novamente.

— Você disse "sempre", então quer dizer desde os tempos de universidade. — Seus olhos apertaram-se. — Suponho que você amava o "grupo". Todas as sete. Coletiva e separadamente. Isso explica tudo. Nunca consegui compreender o que uma moça inteligente como você fazia com aqueles tipos. — Fez uma pausa. — Então você as amava. Na verdade, quando núbeis, eram bem agradáveis de olhar, posso garantir. Quer dizer que você tinha um

harém particular lá na torre. Kay sempre disse que você agia de maneira muito estranha, que as agarrava, as apertava. Mas "o fato é que viviam fascinadas".

Lakey sorriu.

— É. . . realmente tive as minhas favoritas.

Harald parou o carro em frente a um bar. Entraram, e ele pediu um uísque duplo para ele e um simples para Lakey. Sentaram-se num reservado.

— Cinco minutos — avisou Lakey.

— Não precisa se preocupar — disse ele. — Veremos o cortejo passar.

Bebeu metade do uísque.

— Quem eram suas favoritas? — quis saber. — Não. Não diga. Vou adivinhar. Dottie, Pokey, Kay e Helena.

— Não, Helena não. — disse Lakey. — Agora gosto muito de Helena, mas na universidade não. Ela parecia um rapazinho.

— Polly? — perguntou Harald.

— Eu sempre fui tremendamente esnobe, e Polly estudava graças a uma bolsa de estudos.

Harald acabou de beber o uísque. . .

— Você amava Kay?

Lakey apoiou o queixo na mão.

— Ela era adorável no segundo ano. Você ainda não a conhecera. Era uma flor selvagem. O tipo da beleza agreste que eu particularmente admiro. Excelente para modelo de um quadro. Quem a teria pintado melhor? Caravaggio? Um dos espanhóis? Qualquer um que estivesse acostumado a pintar ciganas. Ou montanheses. Ela tinha um pescoço lindo, parecia o caule de uma flor. Umas costas fortes e cintura fina.

Harald pediu outro uísque. Seu rosto estava sombrio.

— Ela tinha a pele muito grossa — observou ele. — Eu gostava de magoá-la. De arrancar-lhe uma espécie de resposta. E depois de magoá-la sentia uma ternura imensa. Porém ela estragava tudo, tentando arrancar-me alguma concessão. Era por demais literal, esperando sempre que eu pedisse desculpas. Sabe, Lakey, jamais amei uma mulher. Amei alguns homens — grandes diretores, líderes políticos. Quando garoto, amava meu pai. Mas viver com uma mulher é como viver com um eco, e no caso de Kay um eco forte demais. Sua voz arrasava-me os nervos. Sempre repetindo o que eu já ouvira. E, geralmente, de mim mesmo. — Deu uma gargalhada. — Eu me sentia como um comandante perdido numa ilha deserta com um papagaio

falador. Mas, pelo menos, ela tinha uma certa integridade. Fisicamente era perfeita. Quando a conheci era virgem e jamais conheceu outro homem. Nem as idéias de outro homem.

Sua voz ficara rascante.

— E isto significa alguma coisa. Um homem cronicamente infiel tem de possuir uma esposa fiel; do contrário não pode existir casamento. E Kay nunca descobriu que eu lhe era infiel. Posso me orgulhar disto, Lakey. Ocasionalmente ela suspeitava, mas eu mentia e pronto. Fielmente.

Tornou a rir.

— No final, porém, seu ciúme destruía tudo. Não era razoável.

— Como assim?

— Nunca lhe dei motivos para ter ciúme. Eu a protegia. Sempre que ia para a cama com uma mulher, tinha todo o cuidado para que não o soubesse, isto significava que nunca podia acabar minhas ligações totalmente. Não importando o quanto eu estivesse farto delas. Como com aquela prostituta da Norine: você a viu na igreja. Uma verdadeira chantagista. Ela deu em cima de mim, e por duas vezes eu caí. Durante anos fui obrigado a enganá-la para que ela não fosse contar tudo a Kay. Trabalho difícil. O que Kay me retribuiu com acusações histéricas. Meu Deus, eu continuava a ver aquela mulher pela tranquilidade dela.

Lakey lançou-lhe um olhar de desprezo e descrença.

— Pelo amor de Deus, não seja convencional — falou ele. — Não esperava uma coisa destas de sua parte. Nós nos entendemos. Eu a teria amado, Lakey, se você não gostasse de mulheres. Talvez você me tivesse salvo, e eu poderia salvá-la. Você não pode amar um homem, eu não consigo amar uma mulher. Talvez pudéssemos amar um ao outro. . . quem sabe? Somos os únicos seres superiores numa vasta multidão de idiotas. Finalmente encontramos alguém com quem cruzar armas. Que tal um duelo sobre a sepultura de Kay, hem?

Exatamente nesse momento viram o cortejo passar. Harald tomou mais uma bebida no balcão. Saíram. Desta vez Lakey tomou o volante. Ouvir a conversa selvagem e amargurada de Harald a desgostara profundamente, pois concluía que ele fora completamente plausível. Sentia-se encabulada pela curiosidade que sentira a seu respeito. Ter curiosidade em saber coisas a respeito de alguém é meio caminho para intimidades. Mas, ainda assim, estava determinada a magoá-lo, a vingar-se em nome de Kay, em nome de todas as mulheres e, principalmente, por ele ter tido a imprudência de haver associado e comparado suas vidas. Não sentia a menor piedade de Harald.

Colocando o carro na fileira formada pelo cortejo, esperou a pergunta que ele fatalmente faria.

— Ser superior — disse — não é só um requisito básico para a tragédia, é a própria tragédia. A tragédia de um Hamlet. Nós somos obrigados a descer em nossos contatos com os parvos, o que às vezes nos provoca uma sensação de vazio, como se fôssemos nós os ocos, e não eles. Será que Hamlet poderia ter amado a filha de Polônio? Poderia eu ou você ter "amado" Kay? É claro que havia seu corpo, a presença física. — Apontou com a cabeça para o cortejo. — E dizer que eu conheci aquilo tão bem !

Olhou rapidamente para Lakey.

— Seu amor por ela, pelo que eu presumo, foi meramente platônico.

Lakey olhou firme para a frente.

— E contudo — prosseguiu Harald — isto é bem difícil de acreditar, conhecendo-lhe o modo de pensar. Você a desejou, não foi? Ela rejeitou-a? Foi por isso que você "desistiu"?

— Não — respondeu Lakey. — É porque eu estava farta dela — disse Lakey sinceramente. — Em geral eu me canso rapidamente das pessoas.

— Você não respondeu à minha pergunta — insistiu Harald.

— Não tenho a menor intenção de responder — retrucou Lakey. — Você está sendo impertinente.

— *Você foi para a cama com ela?* — gritou Harald violentamente.

Lakey sorriu como um lagarto, vendo a vítima perdida.

— Mas você devia ter feito esta pergunta a Kay — replicou. Ela teria contado tudinho. Afinal de contas, ela era uma pequena tão honesta. Americana autêntica, segundo a opinião de Maria.

— Você é podre — explodiu ele. — Completamente podre. Viciada. Será que corrompeu o grupo inteiro? Que belo quadro!

Lakey estava contente; forçaria enfim aquele homem asqueroso a dizer a verdade; o fato de ele mostrar ódio às "anomalias" era de esperar.

— Que truquezinho lésbico o seu — continuou ele. — Não ataca frontalmente, mas envenena a espada.

Lakey não perdeu tempo em lembrar que fora ele quem as envenenara. Sua consciência estava tranqüila. Fizera um juramento de falar somente a verdade e de não insinuar nada. Além disso, a pobre Kay, tão normal, jamais teria pecado, sendo sua presa em lugar dele. O que talvez tivesse sido uma lástima, pois Lakey estava certa de que

a teria tratado com muito mais carinho.

— Você é covarde — vociferou Harald. — Espalhando lama sobre uma amiga morta. Não é de espantar que você tenha se escondido todos estes anos no exterior. Você não pertence ao nosso meio. Você está morta. Só usou sua inteligência para adquirir conhecimentos estéreis. Você é uma parasita de museu. Não é americana, pare o carro que eu quero sair!

— Quer descer mesmo? — perguntou Lakey.

— Quero — respondeu Harald. — Que você e o "grupo" a enterrem.

Lakey parou o carro. Ele saiu. Depois Lakey alcançou o cortejo, enquanto, pelo espelho retrovisor, via que ele pedia uma carona de volta para Nova Iorque.
